JUDITH NURIA MAIDA (COORDENAÇÃO)
ADHEMAR MARQUES • AMARILDO DINIZ
FLÁVIO BERUTTI • JULIA O'DONNELL
MAURÍCIO PARADA • PAULO CRISPIM ALVES DE SOUZA
PAULO EDISON DE OLIVEIRA • PEDRO M.C. FERREIRA
SILVIA PANAZZO • VITOR H. SCHVARTZ

PNLD 2021 • OBJETO 2
CÓDIGO DA COLEÇÃO
0151P21204
CÓDIGO DO LIVRO
0151P21204134

ENTER AÇÃO

HUMANAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO • VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO

O TRABALHO E A TRANSFORMAÇÃO DA VIDA HUMANA

ENSINO MÉDIO
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Editora do Brasil

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ENTER AÇÃO

MANUAL DO PROFESSOR

HUMANAS

O TRABALHO E A TRANSFORMAÇÃO DA VIDA HUMANA

Judith Nuria Maida (Coordenação)
- Graduada em Geografia e professora da Educação Básica
- Autora e coordenadora de Literatura Infantojuvenil e coleções didáticas de Humanidades (Natureza e Sociedade, História e Geografia, Educação do Campo) da Educação Básica e EJA
- Assessora pedagógica na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Elaboradora de currículos nas redes estaduais e municipais de ensino
- Consultora na implementação da BNCC em escolas e construção de Objetos Educacionais Digitais (OED)

Adhemar Marques
- Especialista em História Moderna e Contemporânea
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor de História em cursos livres

Amarildo Diniz
- Graduado em Geografia
- Autor de livros e materiais didáticos de Geografia e Atualidades
- Consultor de plataforma *on-line* de correção de vestibulares e Enem
- Professor [illegible] cursos pré-vestibular

Flávio Beru
- Mestre em História
- Especialista em Metodologia da História
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor e coordenador de História

Julia O'Donnell
- Mestre e doutora em Antropologia
- Autora de materiais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio
- Professora universitária e pesquisadora

Maurício Parada
- Mestre e doutor em História
- Graduado em História
- Autor e organizador de livros de História
- Professor universitário e pesquisador

Paulo Crispim Alves de Souza
- Mestre em Ciências Humanas e Sociais
- Graduado em História
- Autor de livros paradidáticos de Educação
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia no Ensino Médio

Paulo Edison de Oliveira
- Mestre em Ciências Sociais
- Graduado em Ciências Sociais
- Autor de material didático de Ciências Humanas
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio
- Coordenador escolar de Ciências Humanas no Ensino Médio

Pedro M.C. Ferreira
- Graduado em Geografia
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Finalista do prêmio Professor Nota 10
- Professor de Geografia para Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA

Silvia Panazzo
- Pós-graduada em Tecnologias da Aprendizagem
- Graduada em História e Pedagogia
- Autora de materiais didáticos de História para Ensino Fundamental
- Professora de História para o Ensino Fundamental e Ensino Médio

Vitor H. Schvartz
- Doutor em Filosofia com pós-doutorado na área
- Graduado em Filosofia
- Professor de Filosofia e orientador pedagógico no Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Ensino Médio

1ª edição
São Paulo, 2020

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interação humanas : o trabalho e a transformação da vida humana / Judith Nuria Maida (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2020. -- (Interação)

Vários autores.
ISBN 978-85-10-08370-6 (aluno)
ISBN 978-85-10-08371-3 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio) 2. Ciências sociais (Ensino médio) I. Maida, Judith Nuria II. Série.

20-38719 CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio 373.19

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2020
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso
Direção editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial: Erika Caldin
Supervisão de arte: Andrea Melo
Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Dora Helena Feres
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Ethel Shuña Queiroz
Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Júlio Fonseca
Consultoria técnico-pedagógica: Marcelo Campos Tiago
Edição: Agueda Guijarro del Pozo, Carlos Félix, Nathalia Simões e Rogério Cantelli
Assistência editorial: Patricia Harumi e Marina Lacerda D'Umbra
Auxílio editorial: Douglas Bandeira
Especialista em copidesque e revisão: Elaine Cristina da Silva
Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti
Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Fernanda Almeida, Fernanda Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, [illegible] Martin Gonçalves e Rosani Andreani
Pesquisa iconográfica: Erika Freitas, Joanna Heliszkowski e Priscila Ferraz
Assistência de arte: [illegible]
Design gráfico: Talita Lima
Capa: Megalo Design
Imagens de capa: curtoicurto/iStockphoto.com, jgroup/iStockphoto.com, kamski/iStockphoto.com, Lefteris_/iStockphoto.com e resavac/iStockphoto.com
Edição de arte: Paula Coelho e Talita Lima
Ilustrações: Adriano Loyola, Anderson de Assis, Cristiane Viana, Fábio Luiz, Hare Lanz e Tarcísio Garbellini
Cartografia: Tarcísio Garbellini
Editoração eletrônica: N Public/Formato Editoração
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini
Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Carlos Nunes, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2020

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Cara professora, caro professor

O manual que você tem em mãos é fruto de um intenso trabalho de pesquisa e reflexão de educadores que, assim como você, percebem a importância de abordar, com rigor científico e objetividade metodológica, diferentes temas e conteúdos pertinentes às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Tendo como objetivo a construção de um saber problematizador, contextualizado e interdisciplinar, as discussões contidas neste manual vão além de um mero conjunto de estratégias ou sugestões didáticas. Ao discutir os princípios teóricos e metodológicos nos quais a coleção está fundada, nós queremos estimulá-lo a, junto aos estudantes, protagonizar o processo de construção do conhecimento e evitar a fragmentação do saber, os reducionismos e as simplificações cognitivas.

O Novo Ensino Médio tem implicado cada vez mais o professor na busca de metodologias ativas e de práticas didáticas interdisciplinares que abarquem distintas formas de aprender e de ensinar – busca que é um dos objetivos indicados na Base Nacional Comum Curricular.

Nesse sentido, o convite que lhe fazemos é o de sermos parceiros na construção de caminhos que estimulem o espírito investigativo e desenvolvam as competências e habilidades necessárias à formação do estudante.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Da mesma forma, a necessidade de preparação para o Enem e os vestibulares em geral é um desafio contemplado não apenas na escolha das temáticas mas também na proposição de questões e atividades que permitam trabalhar de diferentes maneiras os conteúdos que podem ser exigidos.

Esperamos que este manual – e a coleção a qual ele subsidia – seja seu companheiro na construção da cidadania participativa de nossos estudantes, tarefa à qual nenhum de nós pode se omitir na contemporaneidade.

Bom trabalho!

Os autores

SUMÁRIO

A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA V

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: o que são? V

Os conceitos norteadores VII

O paradigma da complexidade cognitiva XVI

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade XVIII

A questão das fontes e da pesquisa XIX

O estudante e a educação no século XXI XXI

A aprendizagem e a formação integral do estudante XXI

As narrativas curriculares em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XXII

O diálogo com a contemporaneidade XXV

Proposição didático-pedagógica XXVI

Investigação provocativa: problematização como ponto de partida XXVI

O pensamento computacional XXVII

Leitura, produção de texto e o paradigma da intertextualidade nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XXIX

O papel das metodologias ativas XXX

O PAPEL DO PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO EM DIFERENTES CONTEXTOS XXXI

Ações concretas para a intervenção pedagógica XXXIII

Processo de argumentação e diálogo XXXIII

A prática docente e o conteúdo interdisciplinar XXXVI

Saúde mental e escola XXXVII

NOVO ENSINO MÉDIO XL

As culturas juvenis e o protagonismo do jovem nas sociedades contemporâneas XLI

A escola e os currículos em transformação XLII

As áreas de conhecimento XLIV

Os itinerários formativos XLVI

A OBRA E A BNCC XLVII

Competências gerais XLVIII

Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XLIX

A PROPOSTA DA COLEÇÃO LII

Livro do Estudante LII

Estrutura da obra e recursos LII

Manual do Professor específico LIII

Videotutorial LIII

Cronograma LIV

Quadro de conteúdos LIV

COMO AVALIAR? LVII

Diversidade de formas e de instrumentos de avaliação LVIII

REFERÊNCIAS COMENTADAS LIX

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME LXIII

Objetivos LXIII

Justificativa LXIII

Unidade 1: Os direitos do trabalhador são respeitados? LXIV

Temas LXIV

Objetivos LXIV

Justificativa LXV

O trabalho com a BNCC LXV

Competências gerais da Educação Básica LXV

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXVI

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXVI

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias LXVII

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias LXVII

Perfil do professor LXVII

Orientações didáticas LXVIII

Abertura da unidade LXVIII

Percurso 1: As revoluções industriais LXIX

Percurso 2: Os trabalhadores e seus direitos LXXVII

Unidade 2: O trabalho se modifica no tempo e no espaço? LXXXVI

Temas LXXXVI

Objetivos LXXXVI

Justificativa LXXXVII

O trabalho com a BNCC LXXXVII

Competências gerais da Educação Básica LXXXVII

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXXXVIII

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXXXVIII

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias LXXXIX

Perfil do professor LXXXIX

Orientações didáticas LXXXIX

Abertura da unidade LXXXIX

Percurso 3: O mundo do trabalho no Brasil XCI

Percurso 4: O espaço do trabalho XCVIII

Unidade 3: Por que trabalhamos? CVII

Temas CVII

Objetivos CVII

Justificativa CVII

O trabalho com a BNCC CVIII

Competências gerais da Educação Básica CVIII

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas CVIII

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas CVIII

Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias CIX

Perfil do professor CIX

Orientações didáticas CX

Abertura da unidade CX

Percurso 5: Mundos do trabalho CXI

Percurso 6: Desafios do trabalho no mundo capitalista CXV

Questões de Enem e vestibulares – gabarito CXXIV

REFERÊNCIAS COMENTADAS CXXVI

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: o que são?

Os estudos sobre as experiências, as ideias e as ações protagonizadas pelos seres humanos existem desde a Antiguidade. Porém, foi apenas no século XIX que eles passaram a se definir como ciência, nos moldes teóricos e metodológicos até hoje reconhecidos, ao lado de disciplinas voltadas para o conhecimento do mundo natural.

Na época de sua afirmação como ciência, História, Geografia e Sociologia, entre outras áreas, buscaram delimitar os próprios objetos de estudo recortando a experiência humana a partir de seus próprios conceitos, métodos e critérios de análise, separando-se uma das outras mediante critérios objetivos e centrados na definição de verdadeiros territórios intransponíveis do saber. As disciplinas pautaram-se pelo modelo de neutralidade científica que, então, era visto como fundamental para as ciências exatas e deveria se estender às humanas. Também os paradigmas filosóficos que constituíam os fundamentos das Ciências eram ainda pautados por abordagens positivistas, fundadas em uma estreita comprovação empírica dos fenômenos e na pouca criticidade em relação à análise ideológica da forma como os resultados científicos eram obtidos.

Herdeiro dessa tradição, o ensino escolar das Ciências Humanas foi por muito tempo marcado por uma visão disciplinar e fragmentada do conhecimento, que era "repartido" pelas diferentes áreas então disponíveis. Nessa concepção, predominante ao longo do século XIX e na primeira metade do XX, cada disciplina explicaria as experiências humanas por meio do estudo de alguma de suas dimensões: a História daria conta do estudo das sociedades no tempo, a Geografia no espaço, a Filosofia trataria dos paradigmas humanos, enquanto a Sociologia se ocuparia das sociedades contemporâneas, com as diferentes formas de cultura e relações de poder.

Especialmente na segunda metade do século XX, as diferentes áreas do conhecimento foram experimentando transformações substanciais na delimitação dos próprios objetos de estudo, estabelecendo diálogos entre diferentes aspectos das experiências individuais e sociais, e [illegible] pesquisa, que passaram a incorporar não apenas textos ou dados oficiais mas também aqueles produzidos nos mais diferentes gêneros textuais e pelos mais diferentes sujeitos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Na atualidade, a visão cognitiva neutra e fragmentada já não corresponde nem às concepções de conhecimento presentes nos estudos científicos e epistemológicos nem às demandas para a formação de estudantes que atuem numa sociedade em rápida transformação socioeconômica e tecnológica. De acordo com Edgar Morin (2013, p. 187):

> [...] o conhecimento deve saber contextualizar, globalizar, multidimensionalizar, ou seja, ser complexo. Unicamente, um pensamento capaz de compreender a complexidade, não apenas de nossa vida, de nossos destinos, da relação indivíduo/sociedade/espécie, mas também da era planetária, pode tentar realizar um diagnóstico sobre o curso atual de nosso devir e definir as reformas vitalmente necessárias para mudar de via. Somente um pensamento complexo pode nos armar para preparar a metamorfose simultaneamente social, individual e antropológica.

Para promover aprendizados adequados a esse novo contexto científico, tecnológico e social, as políticas curriculares produzidas em diversos países e os teóricos contemporâneos da educação têm enfatizado a necessidade de adotar paradigmas complexos e interdisciplinares de conhecimento.

No currículo do Novo Ensino Médio brasileiro, os campos do saber que compõem as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são: **História**, **Geografia**, **Sociologia** e **Filosofia**. Contudo, para além das trajetórias específicas de construção científica de seus objetos de conhecimento – e justamente por causa delas – essas áreas devem ser pensadas à luz de possíveis diálogos entre conceitos, metodologias e abordagens. O "humano" que as define, afinal, é um só, por mais multidimensional que sejam suas experiências e suas formas de viver e de se expressar.

Por sua vez, o termo "aplicadas" na definição das Ciências Humanas não deve ser entendido de maneira utilitária, como se as competências e habilidades dessa área fossem destinadas à mera "aplicação" dos conhecimentos para executar determinadas tarefas. Na verdade, os sentidos de tal "aplicação" são:

- epistemológicos: em seu itinerário de formação, o estudante deve se apropriar de maneira crítica dos conceitos dessas áreas para que possa desenvolver capacidades de diálogo e de construção de hipóteses e argumentos que o permitam construir conhecimento;
- sociais: um esforço é feito para tentar compreender quais são as necessidades da sociedade, as consequências de viver em sociedade e como promover ações concretas para modificar aspectos da realidade social;
- éticos: dizem respeito à formação humana do estudante, fundada na busca pela compreensão do outro, pela afirmação das individualidades e singularidades humanas, pelo reconhecimento da diferença, pela construção da equidade e pela promoção dos direitos humanos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é, nesse sentido, bastante enfática ao afirmar que:

> [...] a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas [...] propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018a, p. 561).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesta coleção, você encontrará em cada volume um convite para que o diálogo interdisciplinar supere a fragmentação e o reducionismo cognitivo, abrindo caminho para que cada temática proponha o diálogo entre conceitos teóricos e processos metodológicos que, até recentemente, eram exclusivos da abordagem de um único componente curricular.

Outro aspecto relevante é a preocupação em trabalhar temáticas que, encontrando eco em conteúdos classicamente assinalados nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, procuram focar na contribuição dos quatro grandes campos do saber de referência da coleção,

priorizando fundamentalmente uma abordagem integrada dos conceitos de tempo, espaço, sociedade, cultura e poder. Assim, tais conceitos não são concebidos apenas a partir de um único componente, mas do cruzamento interdisciplinar e do diálogo permanente entre eles.

Nos tópicos que seguem, você encontrará subsídios e orientações para melhor compreender a proposta das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em nossa coleção e sua aplicação desafiadora, que passa pela emergência do pensamento computacional, pelo desenvolvimento de novas práticas de pesquisa e por novas perspectivas de problematização e contextualização do conhecimento a partir das várias culturas juvenis, foco de nossas atenções e esforços educativos.

Os conceitos norteadores

Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, alcançar os objetivos de aprendizagem requer a compreensão de alguns conceitos fundamentais que orientam suas principais áreas do saber. Conceitos como tempo, espaço, sociedade, cultura e poder possuem significados múltiplos e dinâmicos, com longos históricos de debates teóricos e metodológicos.

No entanto, cabe ressaltar que, longe de uma abordagem fragmentada, esses conceitos não aparecem aqui vinculados a uma única área disciplinar. Parte-se do pressuposto de que eles fornecem possibilidades de embasar a tessitura complexa dos fenômenos e processos a serem analisados em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, estabelecendo, dessa forma, múltiplos diálogos entre si.

Tempo

Trata-se de um conceito com sentidos bastante diversos quando debatido no âmbito das Ciências Naturais (o tempo dos matemáticos e dos físicos, por exemplo) e das Ciências Humanas e Sociais. No que diz respeito à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o conceito de tempo, embora tradicional estruturante dos estudos históricos, é também utilizado, debatido e problematizado do ponto de vista das demais áreas do saber, já que possibilita ampliar, contextualmente, o alcance dos sentidos de determinada ação ou processo estudado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dentre diversos autores e antropólogos, o tempo é compreendido como uma **construção humana**, que auxilia na compreensão dinâmica dos processos de desenvolvimento tendo em vista algumas perspectivas:

- **cronológica**: o tempo tem uma trajetória múltipla, que passa pela construção dos calendários, dos relógios, das cronologias etc.;
- **temática**: dos períodos, dos conceitos e das demarcações de características dos processos humanos;
- **epistemológica interdisciplinar**: das próprias Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como áreas do conhecimento que dialogam entre si e que têm no tempo uma categoria conceitual indispensável.

A distinção entre presente, passado e futuro, que organiza a relação que as sociedades contemporâneas têm com o tempo, é resultado de processos humanos – e não simplesmente um dado observado na natureza. Portanto, o diálogo entre essas categorias temporais não se dá de forma estanque, mas relacional, percebendo-se, por exemplo, as marcas do "presente" no entendimento construído acerca das experiências passadas. Ou as marcas do "passado" no desenvolvimento de determinadas ações e processos presentes.

> O calendário revela o esforço realizado pelas sociedades humanas para domesticar o tempo natural, utilizar o movimento natural da lua ou do sol, do ciclo das estações, da alternância do dia e da noite. Porém, suas articulações mais eficazes – a hora e a semana – estão ligadas à cultura e não à natureza. [...]
>
> A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Para a criança, "compreender o tempo significa libertar-se do presente" (Piaget), mas o tempo da história não é nem o do psicólogo nem o do linguista. Todavia o exame da temporalidade nestas duas ciências reforça o fato de que a oposição presente/passado não é um dado natural, mas sim uma construção. (LE GOFF, 1990, p. 12-13).

Para os seres humanos, o tempo é mais do que um dado do mundo físico, medido com a frieza de um relógio. Passado e presente apresentam sentidos lógicos e afetivos que possibilitam perceber processos históricos e ajudam a construir identidades e formular projetos de futuro. Os entendimentos do que seja "passado" e "presente" são assim estabelecidos considerando o fato de não serem categorias conceituais estanques e lineares, mas diretamente relacionadas à própria percepção que indivíduos e grupos sociais têm de suas próprias experiências.

Assim, a consciência do passado pode ser vista como uma dimensão permanente da experiência humana, ligada a processos de aprendizado social e de construção de memória para além da vivência do indivíduo.

> Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. [...] Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. (HOBSBAWM, 1998, p. 22).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesse sentido, a consciência do tempo passou por uma ruptura fundamental na modernidade. Até então, as sociedades geralmente conceberam o passado como padrão a ser reproduzido no presente. Já nas sociedades contemporâneas do Ocidente, com base em um processo de racionalização das esferas política, cultural e econômica, tornou-se predominante a ideia de que o tempo deve se orientar para o futuro, sendo o passado concebido de maneira crítica.

Interpretar o "passado" criticamente para estabelecer um posicionamento diante das grandes questões do "presente" é, portanto, uma demanda contemporânea que se coloca para o aprendizado das Ciências Humanas. Por outro lado, também é importante problematizar a concepção de tempo, originária da Modernidade, para que a visão crítica do passado não acabe por naturalizar a ideia de progresso. Essa ideia, que foi formulada em termos filosóficos pelos iluministas durante o século XVIII, tem tido uma profunda influência na sociedade, na política e na cultura moderna, influência essa que pode começar a ser mitigada se o tempo for pensado em uma perspectiva complexa.

Como é possível perceber, os aspectos filosóficos inerentes ao processo de construção das identidades humanas devem ser especialmente privilegiados numa coleção que

procura entender a complexidade das construções espaçotemporais e socioculturais. A reflexão ética sobre as vivências temporais implica perceber os protagonismos individuais e coletivos na transformação das paisagens e na construção das relações sociais.

Em outras palavras, um aprendizado crítico a respeito do tempo envolve também o questionamento dessa concepção, para que ele não seja entendido de maneira reducionista, como um desenvolvimento linear que vai do mais simples ao mais complexo, ou do inferior ao superior, por exemplo. Na experiência humana, o tempo é vivido em cada um de seus "agoras", e não como uma linha de acontecimentos que convergem para alguma finalidade. Tal processo é o que podemos chamar de **diálogo de temporalidades**.

Nesta coleção, o tempo não é, portanto, visto numa mera sequência processual de causa-efeito, mas em um diálogo que excede a relação causal. Buscam-se outros sentidos para experiências do "presente", a partir de releituras do que se convenciona como "passado". O diálogo de temporalidades pressupõe, assim, a construção simbólica das experiências e da narratividade temporal. Ou, como salienta a BNCC:

> Assim, no Ensino Médio, os estudantes precisam desenvolver noções de tempo que ultrapassem a dimensão cronológica, ganhando diferentes dimensões, tanto simbólicas como abstratas, destacando as noções de tempo em diferentes sociedades. Na história, o acontecimento, quando narrado, permite-nos ver nele tanto o tempo transcorrido como o tempo constituído na narrativa sobre o narrado. (BRASIL, 2018a, p. 563).

Sendo assim, a narração busca atribuir sentido às experiências dos seres humanos, sem se limitar à mera descrição de processos, mas à compreensão de suas complexidades. O tempo, portanto, pensado como categoria que norteia o processo de construir experiências e atribuir sentido a elas, não se faz dissociado das condições objetivas humanas e do espaço.

Espaço

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Assim como o tempo, espaço é um conceito em permanente discussão nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Espaço pode ser definido como o lugar material onde os seres humanos agem. Trata-se de uma construção histórica, uma totalidade desigual e em constante transformação e, portanto, em profunda imbricação com o diálogo de temporalidades que norteia a ação humana na transformação das paisagens.

Ao se abordar o caráter histórico-temporal da formação do espaço, este deve ser diferenciado do conceito de paisagem, que se refere a aspectos morfológicos (ou seja, à forma). A paisagem pode, portanto, ser pensada como a unidade sensível do espaço, a sua materialização efetiva em termos das percepções sensoriais dos seres humanos. Espaço, pelo contrário, diz respeito a uma realidade dinâmica, com estruturas que cumprem funções para as sociedades humanas, formando um "mosaico de elementos de diferentes eras", nas palavras do geógrafo Milton Santos.

> Consideramo-lo como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações,

> deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

O conceito de espaço reveste-se, assim, de uma íntima conexão com as dimensões temporais e contextuais a ele associadas, bem como com as relações de poder vigentes nas sociedades contemporâneas. Conexões estas que definem não apenas as dinâmicas espaciais mas também a transformação constante das próprias paisagens.

Nesse sentido, o caráter unitário do espaço ganha novas complexidades no mundo contemporâneo, com o processo de globalização e a revolução técnico-científico-informacional. Para Edgar Morin (2013, p. 21):

> [...] a globalização constitui o estado atual da mundialização. Começa em 1989, após a queda das economias ditas socialistas. É fruto da conjunção em círculo retroativo do desenvolvimento desenfreado do capitalismo que, sob a égide do neoliberalismo, se propaga pelos cinco continentes, e do desenvolvimento de uma rede de telecomunicações instantâneas (fax, telefone celular, internet). Essa conjunção efetua a unificação tecnoeconômica do planeta.

Assim, a globalização está profundamente vinculada ao desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, a partir de alguns pressupostos básicos desse mesmo desenvolvimento:

- a presença em todos os continentes como paradigma de sua força geopolítica e econômica;
- a construção da complexidade tecnológica instaurada pela ideia de rede;
- a construção da noção de tempo real, que modifica drasticamente o fluxo de capitais e as tomadas de decisão sobre os próprios ritmos e processos produtivos e econômicos.

Os dois últimos pressupostos incidem diretamente na revolução técnico-científico-informacional, que vivencia uma difusão acelerada nas duas primeiras décadas do século XXI. Cada vez mais, a tecnologia redefine identidades espaciais e até mesmo processos de localização geográfica e de transformação da paisagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Do ponto de vista sociológico e antropológico, no entanto, há também de se considerar as resistências políticas e as tensões sociais decorrentes de todos esses processos, já que, de acordo com os geógrafos espanhóis Joan Font e Joan Rufí (2006, p. 35), "[...] temos que verificar seriamente até que ponto as interconexões entre as forças globais e as particularidades locais alteram as relações entre identidade, significado e lugar".

Essas alterações podem, assim, ser perceptíveis nas diferentes escalas nas quais podemos considerar o espaço geográfico: desde a escala planetária, passando pelos territórios nacionais e pelas regiões, até o lugar onde nos encontramos.

Exemplo disso é o fato de que hoje as pessoas de todo o planeta podem estar interligadas pelos mesmos instrumentos tecnológicos que conectam territórios separados por fronteiras culturais, políticas e econômicas. Para além dos impactos diretamente apreensíveis em nosso cotidiano, tais mudanças trazem novos conflitos, desigualdades e problemas de toda ordem, que precisam ser compreendidos como partes de uma mesma totalidade – o espaço geográfico.



Gordwin ODHIAMBO/AFP

Em casa, menina faz aula virtual de dança durante a pandemia da covid-19. Nairóbi, Quênia, 2020.

São importantes na formação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas os conhecimentos relativos à conformação histórica do espaço – os processos de formação e transformação das diversas culturas, dos territórios nacionais e dos alinhamentos geopolíticos, bem como das diferentes visões de tempo que se relacionam com os processos de ocupação do espaço –, que possibilitam ir além da mera constatação de que estamos num mundo multicultural e politicamente delimitado por fronteiras que nem sempre coincidem com os diferentes processos geopolíticos e com as tensões socioculturais decorrentes da globalização.

O estudante deve ser capaz de buscar explicações para esses fenômenos na análise das estruturas e dinâmicas da sociedade global, de maneira a não se tornar apenas um reprodutor de leituras reducionistas e preconceituosas a respeito da diversidade humana e dos conflitos resultantes dela.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Espaço está associado aos arranjos dos objetos de diversas naturezas e, também, às movimentações de diferentes grupos, povos e sociedades, nas quais ocorrem eventos, disputas, conflitos, ocupações (ordenadas ou desordenadas) ou dominações. No espaço (em um lugar) se dá a produção, a distribuição e o consumo de mercadorias. Nele são realizados fluxos de diversas naturezas (pessoas e objetos) e são desenvolvidas relações de trabalho, com ritmos e velocidades variados. (BRASIL, 2018a, p. 563).

Evitar leituras reducionistas implica, portanto, perceber que, por um lado, o espaço fornece as bases materiais para a formação dos indivíduos e dos agrupamentos sociais, e, por outro, que as dinâmicas sociais interferem na organização espacial e na vivência dos próprios processos históricos.

No entanto, as transformações espaciais, quando fruto da ação antrópica, não ocorrem dissociadas das mudanças nas relações entre os seres humanos, fruto da inserção destes em sociedades cada vez mais marcadas por tensões, resistências e acomodações dos indivíduos no que se refere à convivência com as relações de poder vigentes.

Sociedade

A globalização redefine também o que entendemos por sociedade. Esse conceito tem sido importante na nossa própria autodefinição como seres humanos. Desde as tradições filosóficas da Antiguidade Clássica, a vida em sociedade é concebida por meio da relação que temos com nossas necessidades, como espécie, de convivermos coletivamente, já que a existência individual não é capaz de suprir nossas demandas materiais ou imateriais. Na modernidade, o conceito foi desenvolvido com sentidos diversos nas teorias políticas de pensadores como Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau, que estabelecem uma distinção entre o Estado e a sociedade civil, na tentativa de compreender as relações entre as necessidades da vida coletiva e a organização política complexa dos Estados modernos.

Nos dias de hoje, a caracterização da sociedade a partir das interdependências da vida coletiva continua sendo importante no campo da Sociologia, para o qual o conceito de sociedade tem uma importância central.

> Atores individuais tornam-se objeto das observações de estudos sociológicos à medida que são considerados participantes de uma rede de interdependência. Por isso, e porque, não importando o que façamos, somos dependentes dos outros, poderíamos dizer que a questão central da sociologia é: como os tipos de relações sociais e de sociedades em que vivemos têm a ver com as imagens que formamos uns dos outros, de nós mesmos e de nosso conhecimento, nossas ações e suas consequências? (BAUMAN; MAY, 2010, p. 17).

Ao mesmo tempo, tal necessidade diz respeito às relações, deliberadas e conscientes, que estabelecemos com a natureza. São esses conjuntos de relações, entre as pessoas e das pessoas com a natureza, que nos produzem como indivíduos e, coletivamente, como sociedades historicamente constituídas.

> A sociedade, da qual faz parte o indivíduo, consiste em um grupo humano, ocupante de um território, com uma forma de organização baseada em tradições, práticas, hábitos, costumes, modos de ser e valores, responsáveis por [illegible]de cultural. Na construção de sua vida em sociedade, o indivíduo estabelece relações e interações sociais com outros indivíduos, constrói sua percepção de mundo, atribui significados ao mundo ao seu redor, interfere na natureza e a transforma, produz conhecimento e saberes, com base em alguns procedimentos cognitivos próprios, fruto de suas tradições tanto físico-materiais como simbólico-culturais. (BRASIL, 2018a, p. 565).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A interação entre os indivíduos implica um conjunto de processos culturais, políticos e econômicos que necessitam ser contextualizados. Esses processos, por sua vez, encontram-se inseridos em contextos temporais e espaciais bem definidos. Nesse sentido, o recorte interdisciplinar adotado nesta coleção busca entender as especificidades histórico-culturais e espaciais que definem cada processo de interação, considerando também a dimensão ética envolvida.

Da mesma forma, ao atribuir significados para o mundo, os indivíduos constroem leituras que explicitam seus interesses, suas intencionalidades e os impactos de suas ações nas paisagens. Nas sociedades contemporâneas, nossa socialização é marcada por uma grande fluidez de formas e significados, que tende a produzir indivíduos vulneráveis frente a realidades sociais amplas e complexas.

Diante dessa vulnerabilidade social, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem se constituir uma área do conhecimento que põe em xeque estereótipos e preconceitos, abrindo caminho para uma reflexão acerca das relações de poder e seus impactos no desenvolvimento dos indivíduos e das coletividades. Nesse contexto, cabe a você promover aprendizagens que possibilitem ao estudante conhecer e compreender pontos de vista alheios aos seus. Ao concluir esse conjunto de aprendizagens, o jovem desenvolve a noção de alteridade fundamentada na compreensão do outro, seja nos aspectos socioculturais ou físico-espaciais.

> As diferenças e semelhanças entre os indivíduos e as sociedades foram sedimentadas ao longo do tempo e em múltiplos espaços e circunstâncias. Procurar identificar essas diferenças e semelhanças tanto em seu grupo social (familiar, escolar, bairro, cidade, país, etnia, religião etc.) quanto em outros povos e sociedades constitui uma aprendizagem a ser garantida aos estudantes na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para além dessa identificação, o exercício de deslocamento para outros pontos de vista e o reconhecimento de diferentes demandas políticas é central para a formação das juventudes no Ensino Médio, na medida em que ajuda a superar posturas baseadas na reiteração das referências de seu próprio grupo para avaliar os demais. (BRASIL, 2018a, p. 566).

A capacidade de estabelecer diálogos é crucial na sociedade contemporânea. No entanto, para que tais diálogos ocorram, é necessário compreender que eles são necessariamente mediados pelas formas que os indivíduos têm de elaborar suas próprias visões sobre si mesmos e sobre a forma como entendem e concebem suas diferenças em relação aos outros indivíduos. Esses processos são inerentes ao desenvolvimento de sistemas simbólicos que operam com os repertórios disponíveis para atribuir significado ao mundo. Para desenvolver claramente a compreensão desses processos, o conceito de cultura precisa ser apresentado aos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Cultura

A cultura se relaciona com capacidades especificamente humanas de abstração e simbolização das experiências. Dentre as muitas definições contemporâneas do conceito, o antropólogo Marshall Sahlins define cultura como experiências e ações humanas organizadas por meios simbólicos. Segundo ele, o que distingue os seres humanos não é o fato de que vivemos num mundo material, com o qual interagimos – afinal, isso os animais também fazem; a relação do ser humano com o mundo material se define:

> [...] de acordo com um esquema significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única. Por conseguinte, toma-se por qualidade decisiva da cultura [...] não o fato de essa cultura poder conformar-se a pressões materiais, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. (SAHLINS, 2003, p. 7).

Na modernidade, o conceito de cultura tem uma história problemática em relação a seus possíveis significados. Por ter sido concebida pelos filósofos e cientistas sociais como um

conceito oposto ao de natureza, a valorização da cultura contribuiu para promover uma cisão entre a esfera do que pertence ao "ser humano" e a do que diz respeito ao "natural". Historicamente, esse conceito foi usado tanto para justificar uma relação utilitária e predatória das sociedades com relação à natureza quanto para negar a determinados grupos a condição de seres humanos em sentido pleno, já que seriam povos cuja cultura estaria mais próxima da esfera "natural".

Durante os séculos XVIII e XIX, a "cultura" foi pensada pelas elites das sociedades europeias como "civilização", de modo a afirmar a superioridade cultural do Ocidente diante de sociedades vistas como "bárbaras" ou "primitivas", e como "refinamento", de maneira a inferiorizar as expressões, linguagens e costumes das classes populares por sua "falta de cultura". Decorre daí o costume de julgar esta ou aquela forma de expressão como desprovida de "cultura", ou então de julgar esta ou aquela pessoa como tendo mais ou menos "cultura". Esse uso comum da palavra, geralmente carregado de preconceitos, deve ser contraposto à acepção como entendida pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. De acordo com as bases curriculares brasileiras:

> [...] Atualmente, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas compreendem a cultura a partir de contribuições de diferentes campos do saber. O caráter polissêmico da cultura permite compreender o modo como ela se apresenta a partir de códigos de comunicação e comportamento, de símbolos e artefatos, como parte da produção, da circulação e do consumo de sistemas culturais que se manifestam na vida social. Os indivíduos estão inseridos em culturas (urbanas, rurais, eruditas, de massas, populares, regionais, locais etc.) e, dessa forma, são produtores e produto das transformações culturais e sociais de seu tempo.
>
> [...] o conhecimento do Outro, da outra cultura, depende da capacidade de se indagar para indagar o Outro, atitude fundamental a ser desenvolvida na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Esse é o primeiro passo para a formação de sujeitos protagonistas tanto no processo de construção do conhecimento como da ação ética diante do mundo real e virtual, [...] uma multiplicidade de culturas. (BRASIL, 2018a, p. 566-567).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Devotos de religiões afro-brasileiras durante ritual em homenagem a Iemanjá. Rio Grande (RS), 2020. Segundo o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, foram registrados em 2019 mais de 350 denúncias de intolerância religiosa no país, sendo 61% dos casos relacionados a religiões de matriz africana.

O estudo atento da maneira como indivíduos ou comunidades atribuem significado à sua própria existência e ao mundo à sua volta é revelador de relações de poder e de formas de intervenção na paisagem. Nesse sentido, o estudo das culturas é importante para a compreensão da diversidade do mundo contemporâneo.

Outra característica importante do conceito de cultura é a historicidade: as culturas são constantemente ressignificadas pelos indivíduos e pelos grupos nos constantes processos de interação com outros grupos e com o ambiente. Nesse sentido, rompe-se com a ideia de que as culturas são definidas de forma estanque, desvinculada das relações sociais e do exercício do poder vigente em dada sociedade.

Poder

O conceito de poder é também fundamental para a compreensão da experiência humana. Em seu sentido mais geral, poder é a capacidade de agir e produzir efeitos na realidade. No contexto das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, seu sentido é mais específico, já que diz respeito a ações que têm seres humanos tanto como sujeitos quanto como objetos.

Se o entendermos em sentido especificamente social, ou seja, na sua relação com a vida do homem em sociedade, o poder torna-se mais preciso, e seu espaço conceitual pode ir desde a capacidade geral de agir até a capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: poder do homem sobre o homem. O homem é não só o sujeito mas também o objeto do poder social. A capacidade que um pai tem para dar ordens a seus filhos é poder social, assim como a capacidade de um governo de dar ordens aos cidadãos.

> [...] o meu Poder não reside numa coisa (no dinheiro, no caso), mas no fato de que existe um outro e de que este é levado por mim a comportar-se de acordo com os meus desejos. O poder social não é uma coisa ou a sua posse: é uma relação entre pessoas. (STOPPINO, 1998, p. 933).

Nesse sentido, relações de poder são constitutivas da experiência humana em qualquer de suas dimensões: estão nos processos estudados pela História, na produção do espaço geográfico, nas relações entre indivíduos e sociedade e nas interações entre culturas. Também é importante ressaltar que o poder não é exercido apenas de maneira a forçar o outro a determinada ação mas também por meio do convencimento e da manipulação. O exercício do poder pode se dar, assim, tanto como força de coação física ou moral quanto como discurso legitimador de determinada forma de autoridade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No mundo contemporâneo, o exercício do poder envolve instituições e estruturas sociais complexas, que requerem aprendizagens específicas. Em especial o poder dos **Estados modernos**, ligado a conceitos como os de **território**, **fronteira**, **soberania** e **regime político**.

> A política é entendida enquanto ação e inserção do indivíduo na pólis, na sociedade e no mundo, incluindo o viver coletivo e a cidadania. As discussões em torno do bem comum e do público, dos regimes políticos e das formas de organização em sociedade, as lógicas de poder estabelecidas em diferentes grupos, a micropolítica, as teorias em torno do Estado e suas estratégias de legitimação e a tecnologia interferindo nas formas de organização da sociedade são alguns dos temas que estimulam a produção de saberes nessa área. (BRASIL, 2018a, p. 567).

O poder envolve, portanto, formas de legitimação da autoridade, bem como de resistência a ela. Seu exercício influencia as maneiras como se organizam os espaços e se definem as relações sociais e econômicas. Assim, o poder, vivenciado em distintas experiências temporais e impactando a organização das paisagens, deve ser pensado numa perspectiva complexa e não fragmentada.

O paradigma da complexidade cognitiva

Os conceitos fundamentais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas não têm definições simples ou definitivas. Para que o trabalho com esses conceitos sirva efetivamente à aprendizagem esperada dos estudantes do Ensino Médio, é preciso considerar sempre o caráter complexo da construção do conhecimento.

A palavra "complexo" tem origem no latim *complexus*, que significa "aquilo que é tecido em rede". Fundamentado nesse conceito, o **paradigma da complexidade** pode ser entendido como uma forma de construir conhecimento em rede (e não de maneira isolada, pelo aprendizado sequencial de conteúdos simples).

O ponto de partida é a percepção de que, seja no itinerário formativo de cada indivíduo, seja na produção social de conhecimentos pela humanidade, nenhum conhecimento tem origem em si mesmo. Por exemplo, para que possamos compreender conceitualmente o fenômeno da globalização, precisamos nos apropriar do conhecimento a respeito do que é o tempo histórico, o espaço geográfico, a sociedade, a cultura, o poder, a economia, as fronteiras, os Estados, as regiões, e assim por diante; ao mesmo tempo, a compreensão conceitual da globalização nos permite ressignificar cada um desses conceitos, estabelecendo redes de significados entre eles.

A complexidade é uma realidade presente na construção de cada uma das disciplinas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para construir hipóteses, interpretações e conceitos, as diversas disciplinas partem do que já existia anteriormente, dentro e fora de seus domínios específicos. Cada contribuição nova enriquece conhecimentos já estabelecidos, que se conectam em rede.

Assim, não se trata de conectar os conhecimentos para produzir uma síntese simplificadora que dê conta do real, e sim buscar um conhecimento em permanente colaboração. A complexidade tem uma dimensão ética: trata-se de uma postura diante dos fenômenos da realidade que recusa a simplificação e o reducionismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

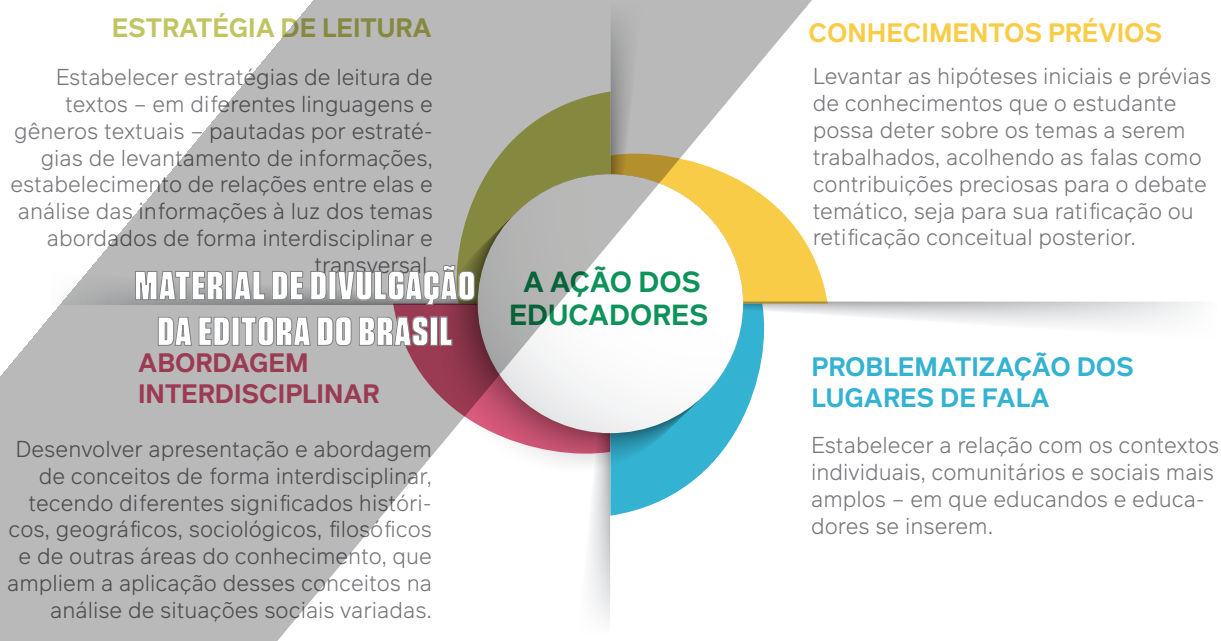
Edgar Morin adverte para o fato de que a fragmentação cognitiva e o consequente retalhamento disciplinar não dão mais conta de compreender a complexidade da vida atual.

> [...] nosso modo de conhecimento fragmentado produz ignorâncias globais. A isso combinam-se as limitações 1) do reducionismo (que reduz o conhecimento das unidades complexas ao dos elementos supostamente simples que as constituem); 2) do binarismo, que decompõe tudo em verdadeiro/falso, ou seja, o que existe é parcialmente verdadeiro ou parcialmente falso ou simultaneamente verdadeiro e falso; 3) da causalidade linear, que ignora os circuitos retroativos; 4) do maniqueísmo, que não enxerga senão oposição entre bem e mal. A reforma do conhecimento exige a reforma do pensamento. A reforma do pensamento exige um pensamento que possa religar as partes ao todo, o todo às partes e que possa conceber a relação do global com o local, do local com o global. (MORIN, 2013, p. 184).

Para Morin, a fragmentação está diretamente ligada a uma situação na qual, em vez de tentar compreender a complexidade de um problema ou de uma situação, obtém-se o efeito contrário, reduzindo o alcance ou simplificando questões que merecem ser pensadas a partir de perspectivas mais amplas, com contribuições de diversas áreas do conhecimento.

Por fim, o paradigma da complexidade cognitiva não diz respeito apenas à forma como a ciência e as universidades constroem seus conceitos. Ele se aplica também às práticas que adotamos visando à formação integral do jovem, hoje concebida como o desenvolvimento de capacidades que requerem diálogo entre diferentes realidades e autonomia na produção do conhecimento. Tecer conhecimento em rede é, assim, uma forma de preparar para um mundo global.

> Portanto, o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade. Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade. (MORIN, 2003, p. 14).



Aleksandr Bryliaev_Shutterstock.com

Assim, favorecer a percepção complexa dos fenômenos exige um compromisso com a superação da fragmentação disciplinar, que impede a compreensão das diferentes relações conceituais possíveis entre os fenômenos estudados. Nesse sentido, a coleção que você, professor, tem em mãos procura enfatizar as tessituras construídas entre diferentes conceitos na abordagem de um tema, enfatizando tanto aspectos interdisciplinares como transdisciplinares.

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade

Interdisciplinaridade não significa um processo simplista de abolição das fronteiras entre as disciplinas. Na construção do conhecimento sobre os seres humanos, a Filosofia, a História, a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, entre outros campos disciplinares, continuam possuindo seus próprios métodos, suas teorias, seus conceitos e suas abordagens.

Uma abordagem interdisciplinar tem por objetivo promover um diálogo entre campos específicos, para que a teia complexa de relações que explicam os fenômenos que nos cercam não fique encerrada no campo de uma única disciplina. Na perspectiva adotada nestes volumes, reconhecemos que as explicações fundadas num único campo do saber não respondem à demanda pela construção por parte dos estudantes de uma compreensão complexa da realidade.

Assim, uma primeira definição possível de interdisciplinaridade é que ela é antes de mais nada uma postura de "humildade cognitiva", ou seja, um reconhecimento de que os processos de construção do conhecimento escapam às malhas das teias explicativas disciplinares para compor novos diálogos e novas possibilidades, com conceitos, critérios metodológicos e hipóteses advindas de outros campos científicos.

Nesse sentido, podemos afirmar que a história recente da ciência e dos conhecimentos a respeito da experiência humana é feita de intensos debates interdisciplinares. Esse diálogo não significa dissolução das disciplinas, mas uma interlocução visando compreender melhor realidades que não reconhecem fronteiras conceituais.

A influência recíproca entre os campos disciplinares é, portanto, um processo que precisa ser consolidado na construção do conhecimento científico. Esta coleção leva em consideração a complexa teia interdisciplinar na qual estão os conceitos, numa reapropriação constante por várias áreas e temáticas.

Nas práticas de aprendizagem, o diálogo entre os campos do saber possibilita a construção de narrativas [illegible] a partir do objeto que está sendo trabalhado, e não a partir de um conceito [illegible] de uma única abordagem. Se a ideia é aprender sobre o que é um Estado nacional, por exemplo, podemos nos apropriar do que a Geografia, a História, a Sociologia, a Ciência Política etc. têm a nos oferecer, de forma a construir uma definição complexa, que extrapola os limites disciplinares tradicionalmente previstos. Isso ocorre por conta da necessidade de compreender o Estado como um fenômeno complexo, construído a partir de configurações territoriais, projetos de poder, formas próprias de estratificação de sociedades, e estudado por autores imbuídos de determinadas visões de mundo e concepções filosóficas. Uma abordagem puramente disciplinar seria, nesse exemplo, buscar uma definição aceita por autores de um desses campos e a tomarmos como a mais "correta". Isso representaria uma abordagem simplificadora da realidade, que encerraria a construção do conhecimento em limites imóveis, enquanto a interdisciplinaridade é dinâmica na formação de cada estudante e pode se relacionar diretamente com suas próprias histórias de vida.

> [...] à intencionalidade que marca a propriedade de estudos dessa natureza encontra-se justamente na possibilidade que encerram de conjugar diversos olhares, de construir uma compreensão multifacetada de aspectos, de

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes, possibilitando uma leitura interdisciplinar das ações educativas. (FAZENDA, 2005, p. 113).

A construção de narrativas interdisciplinares parte do pressuposto de que os objetos de estudo vão muito além das barreiras e limites das diferentes disciplinas. Nesse sentido, a proposta interdisciplinar deve considerar a intenção de desenvolver habilidades que possibilitem compreender a complexidade do processo a ser estudado.

Nesta proposta, a formação do estudante é interdisciplinar, já que coloca em diálogo a organização do conhecimento sem dissolver as fronteiras disciplinares. O método de trabalho também adota um entendimento transdisciplinar da realidade, já que na prática cotidiana da construção do conhecimento é preciso extrapolar os limites entre as disciplinas.

Afinal, é para um mundo complexo que estamos formando os estudantes, que precisarão construir conhecimento em sua vida pessoal, social e profissional, sem que respostas prontas lhes sejam oferecidas. Assim, o tratamento metodológico dos conteúdos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve evidenciar:

> [...] a contextualização, a diversificação e a transdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos, contemplando vivências práticas e vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social e possibilitando o aproveitamento de estudos e o reconhecimento de saberes adquiridos nas experiências pessoais, sociais e do trabalho. (BRASIL, 2018b, p. 4).

Nos seis volumes desta coleção, você encontrará um tratamento interdisciplinar e integrado das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A abordagem envolve também diálogos com as Ciências da Natureza, pois dimensões culturais e naturais da experiência humana mantêm uma teia complexa de inter-relações, a começar pelo fato de que disciplinas como Biologia ou Química possuem também uma história e são parte das estruturas sociais e de poder das sociedades contemporâneas. A contextualização e a problematização [illegible] é um dos objetivos de uma abordagem interdisciplinar, que diz respeito a todas as áreas do saber.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A questão das fontes e da pesquisa

As abordagens interdisciplinares aproximam as práticas formativas dos estudantes daquelas que têm sido usadas para construir o conhecimento científico. Pode-se dizer o mesmo dos procedimentos de pesquisa, como a problematização, a seleção, a organização e a análise crítica das fontes e a escolha de metodologias de trabalho e de exposição.

Também nesse caso, trata-se de uma demanda de nosso tempo, marcado por novas relações dos indivíduos com as fontes de informação. Hoje, muitas dessas fontes são predominantemente digitais, realidade que facilita o acesso e, ao mesmo tempo, acrescenta outras dificuldades às atividades de pesquisa e de formação. As enciclopédias, por exemplo, que fizeram parte da formação de muitas gerações, são muito menos consultadas pelos jovens do que os mecanismos de busca em ambientes digitais.

Na internet há incontáveis fontes de pesquisa, muitas delas aplicáveis aos objetivos de formação dos estudantes; entretanto, há muitas outras que servem à difusão de desinformação, de reducionismos e de preconceitos. As chamadas *fake news* – informações que distorcem os fatos ou não se fundamentam na realidade empírica, mas cujo discurso é assertivamente construído – são o exemplo clássico do reducionismo e da desinformação diante da complexidade do conhecimento.

Ao mesmo tempo, o caráter extremamente dinâmico da sociedade contemporânea exige uma formação que capacite os indivíduos a formular problemas e a responder a eles, buscando respostas em fontes apropriadas e usando métodos que incluem o diálogo e a construção coletiva de soluções. Assim, para que os estudantes estejam preparados para atuar nessa sociedade, é preciso que sejam capazes de problematizar a própria realidade, desenvolvendo alguns dos procedimentos que constituem a produção do conhecimento científico no mundo contemporâneo. A investigação científica deve ser um dos eixos estruturantes dos itinerários formativos deles. Nos termos das diretrizes curriculares brasileiras, a investigação científica na Educação Básica supõe:

> [...] o aprofundamento de conceitos fundantes das ciências para a interpretação de ideias, fenômenos e processos para serem utilizados em procedimentos de investigação voltados ao enfrentamento de situações cotidianas e demandas locais e coletivas, e a proposição de intervenções que considerem o desenvolvimento local e a melhoria da qualidade de vida da comunidade. (BRASIL, 2018b, p. 7).

No que diz respeito às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o trabalho com fontes inclui tanto a leitura problematizadora e contextualizada de textos quanto os procedimentos de análise de imagens, de abordagem das fontes materiais e imateriais e de estudos de campo. Envolve ainda aprendizados relativos à construção de argumentos e de métodos de exposição. O diálogo com as diversas fontes e métodos deverá, desse modo, capacitar os estudantes para construir seus conhecimentos e elaborar seus argumentos de maneira crítica e consciente, considerando as particularidades de cada fonte, bem como a relação dela com os temas explorados em cada unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> [...] a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas [...] define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos.
>
> De posse desses instrumentos, espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BRASIL, 2018a, p. 561).

A atitude de pesquisa é, dessa maneira, condição *sine qua non* da aprendizagem. E, ao pesquisar, o estudante sente-se impelido a desenvolver novo comportamento cognitivo, marcado pela busca e pelo levantamento de informações em fontes confiáveis, pelo estabelecimento de relações entre elas, pela contextualização das informações em diferentes teias e redes de conhecimento e pela elaboração de hipóteses conclusivas.

A coleção pauta-se, assim, pelo estudo criterioso das fontes de informação, fundamentado por uma metodologia que comporta o processo de extração de informações, o estabelecimento de vínculos entre elas e sua contextualização.

O estudante e a educação no século XXI

A aprendizagem e a formação integral do estudante

A realidade global do século XXI vem impondo novos desafios aos profissionais da educação. Nesse contexto, o foco na aprendizagem tem se consolidado como base de teorias e diretrizes educacionais em todo o mundo. Trata-se de conceber a educação tendo como pressuposto que o estudante é o sujeito da construção do conhecimento, e esse processo inclui, fundamentalmente, a prática da leitura, entendida aqui num sentido muito mais amplo do que como mera decodificação de um texto.

Com isso, amplia-se o escopo do que os estudantes devem saber – em relação a conhecimentos, habilidades, atitudes e valores – e, principalmente, do que eles devem saber fazer. Afinal, é preciso que o sujeito do século XXI saiba aplicar o aprendizado na resolução dos desafios cada vez mais complexos da vida cotidiana, da prática da cidadania e da atuação em um mundo do trabalho em rápida transformação. São demandas contemporâneas que incidem fundamentalmente nas relações com o outro.

Essa dimensão de percepção, reconhecimento e relação com o outro – a alteridade – deve ser pensada, pelo menos, sob dois aspectos metodológicos. O primeiro se relaciona com a próprima [illegible] al e atitudinal das temáticas propostas, que problematiza a relação co[illegible] de diferentes enfoques. O segundo diz respeito ao desenvolvimento de habilidades que propõem a compreensão da diversidade humana e da pluralidade de culturas, opiniões e significados atribuídos ao mundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Portanto, as transformações vivenciadas no mundo contemporâneo impõem aos professores a necessidade de trabalhar dimensões da vida dos jovens que não faziam parte das teorias e práticas da educação escolar tradicional. O conceito norteador dessa ampliação dos objetivos da formação escolar, consolidada na legislação e nas diretrizes educacionais brasileiras, é a formação integral.

Em consonância com as novas demandas e diretrizes da educação no Brasil e no mundo, os conteúdos curriculares apresentados nesta coleção estão a serviço do desenvolvimento de competências e habilidades que visam à formação integral dos jovens no que diz respeito não somente à sua capacidade intelectual mas também às dimensões física, social, emocional e cultural deles. Os temas abordados, as metodologias utilizadas e os enfoques propostos priorizam justamente o encontro dos estudantes com diferentes formas de perceber as dinâmicas humanas e os encontros com as diferenças.

Buscar uma formação integral requer do professor um olhar focado na aprendizagem, entendida como desenvolvimento de todas essas dimensões. Para isso, é preciso superar modelos que enfocam o mero processo de aquisição de conceitos, descontextualizados ou não problematizados – por exemplo, a ideia de que existe uma trajetória única e linear que os estudantes devem seguir para atingir determinado saber ou, ainda, as concepções que reduzem o processo de aprendizado a somente uma de suas dimensões. Assim, é preciso romper com a fragmentação das disciplinas para que os conteúdos ganhem sentido por meio do diálogo com as experiências e trajetórias específicas dos estudantes, entendidos como sujeitos do conhecimento escolar.

Aspecto importante dessa formação é a compreensão de que seres humanos são, como afirma Lev Vygotsky, "seres animais que simbolizam", e que, nesse processo, o desenvolvimento de capacidades complexas é instrumento que serve à formação de um ser humano em sua integridade, cujo objetivo é sua autonomia. Trata-se de dotar o estudante de instrumentos de simbolização que permitam ampliar seu universo relacional para a resolução de problemas específicos de cada trajetória de vida.

> A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (VYGOTSKY, 1991, p. 59-60).

Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a formação integral requer a compreensão de que os processos de simbolização do mundo estão marcados por intencionalidades e relações de poder. A formação crítica e contextualizada no que se refere a fontes e métodos é fundamental para que as competências e habilidades requeridas nessa área sejam cumpridas em cada percurso formativo, a fim de se desvendarem analítica e criticamente tais relações e intencionalidades.

As narrativas curriculares em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O currículo da Educação Básica se transformou radicalmente ao longo do tempo. Os conteúdos que compõem cada disciplina se alteraram e as próprias concepções e expectativas de formação são hoje muito diversas daquelas de gerações anteriores. Não são apenas os desenvolvimentos científicos que causam essas mudanças, já que a epistemologia que sustenta a construção dos currículos está em permanente interação com a sociedade. Portanto, a definição deles sempre envolve relações de poder.

> O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. [...] Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder. As teorias do currículo não estão, nesse sentido, situadas num campo "puramente epistemológico", de competição entre "puras" teorias. As teorias do currículo estão

> ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico social. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado. (SILVA, 2010, p. 15-16).

Por exemplo, os livros didáticos de História do Brasil de um século atrás praticamente nada nos diziam sobre as histórias e as culturas de matrizes indígenas e africanas, assim como os manuais de Filosofia da mesma época nada nos contavam sobre as experiências e visões de mundo de mulheres que produziram esse tipo de conhecimento. Essas e outras mudanças foram, em grande medida, respostas das organizações curriculares às demandas de sociedades nas quais o direito à igualdade e o direito à diferença foram postos como objetivos a serem alcançados.

Assim, a definição do currículo em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas implica uma operação cognitiva centrada na formação da subjetividade dos estudantes. Por isso, o desenvolvimento de comportamentos cognitivos deve apontar em um sentido claro: a formação da democracia por meio do desenvolvimento de cidadãos capazes de operar subjetivamente com o diálogo interdisciplinar e a percepção da diversidade social, respeitando às diferentes manifestações dos outros.

Mas não foi apenas o conteúdo dos currículos que mudou. Também foram profundas as transformações nos sentidos e nas relações que o currículo estabelece com os processos de aprendizagem. Não se trata mais de oferecer listas intermináveis de conceitos ou informações que deveriam ser memorizadas e assumidas integralmente como verdade pelos estudantes.

A nova organização do Ensino Médio no Brasil estabelece que os conteúdos curriculares estão a serviço do desenvolvimento de competências e habilidades que devem ser disponibilizadas a todos os estudantes. Nesse modelo, as competências e habilidades são comuns a todos, enquanto os currículos são variados, já que dialogam com as exigências da diversidade tanto regional e local como cultural e econômica dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Além de competências gerais, a BNCC define aquelas de cada componente curricular. Contudo, elas devem ser abordadas de uma perspectiva interdisciplinar e focada na aprendizagem.

> Essa nova estrutura do Ensino Médio, além de ratificar a organização por áreas do conhecimento – sem desconsiderar, mas também sem fazer referência direta a todos os componentes que compunham o currículo dessa etapa –, prevê a oferta de variados itinerários formativos, seja para o aprofundamento acadêmico em uma ou mais áreas do conhecimento, seja para a formação técnica e profissional. Essa estrutura adota a **flexibilidade** como princípio de **organização curricular**, o que permite a construção de currículos e propostas pedagógicas que atendam mais adequadamente às especificidades locais e à multiplicidade de interesses dos estudantes, estimulando o exercício do **protagonismo juvenil** e fortalecendo o desenvolvimento de seus projetos de vida. (BRASIL, 2018a, p. 468).

Assim, o currículo não é entendido como um conjunto de conteúdos a serem transmitidos em um percurso linear e unilateral dos professores aos estudantes. Esse modo de pensar está ligado a formas tradicionais de ensino, que não abarcam a diversidade das trajetórias dos estudantes na construção do conhecimento. A concepção curricular proposta aqui parte de determinadas abordagens espaçotemporais e socioculturais e privilegia a compreensão da complexidade dos fenômenos humanos.

Os volumes desta coleção são organizados de modo a possibilitar que a construção do currículo não se encerre no conteúdo da obra. Ela prossegue nas práticas dos professores e dos estudantes, sujeitos desse processo, pois tomam decisões na definição de suas narrativas curriculares.



Sergio Pedreira/Pulsar Imagens

Estudantes e professora interagem em aula de escola pública. Salvador (BA), 2018.

> [...] BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. (BRASIL, 2018a, p. 16).

A contextualização dos conteúdos em tramas de reflexão temática, bem como a decisão por abordagens interdisciplinares que priorizem um alcance maior dos conceitos em seu diálogo com os processos estudados, constituem-se em um eixo paradigmático adotado em toda a coleção e que se funda na necessidade de engajar os estudantes na aprendizagem da complexidade da vida humana.

O diálogo com a contemporaneidade

As rápidas transformações que caracterizam a sociedade contemporânea não devem nos fazer perder a capacidade de imaginar outros tempos, outras formas de produção e organização do conhecimento, bem como outras possibilidades de vivência social e individual. Essa é a condição fundamental para que possamos dialogar com temporalidades distintas. Em especial, para os jovens que já cresceram integrados à cultura digital, outros tempos podem ser difíceis de conceber sem uma atitude deliberada de busca pelo conhecimento – busca essa que deve ser estimulada nos processos de aprendizagem.

O diálogo de temporalidades está entre as capacidades exigidas dos jovens pela sociedade contemporânea. Para que um diálogo se estabeleça, é preciso que o outro seja reconhecível, problema que se coloca tanto para as temporalidades quanto para os limites dos espaços, das culturas e das sociedades. A busca pelo diálogo é uma busca para compreender o outro que se encontra para além de alguma(s) dessas fronteiras.

A periodização, instrumento de delimitação das rupturas e continuidades no tempo, é um dos instrumentos que servem a esse propósito.

> A importância essencial da periodização deve-se ao fato de que ela aborda, na própria cronologia, o problema central da temporalidade moderna. Desde que o tempo é portador de novidades e surpresas, a questão consiste em articular a variável com o que subsiste. O problema continuidade e/ou ruptura é tão debatido simplesmente por ser consubstancial à nossa concepção do tempo; a periodização permite pensar, a um só tempo, a continuidade e a ruptura. Ela começa por afetar um desses aspectos e, em momentos diferentes, o outro: continuidade no interior dos períodos e ruptura entre eles. (PROST, 2012, p. 107).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao sermos capazes de imaginar contextualmente um outro tempo, reconhecemos melhor o nosso próprio. E para concebê-lo é importante nos apropriarmos de categorias conceituais interdisciplinares que permitam o entendimento de como os seres humanos, em épocas distintas, produziam paisagens, organizavam-se socialmente e criavam visões de mundo e de poder específicas. No entanto, o diálogo entre temporalidades tem um sentido de aprendizagem do "espaço de experiência" que informa os "horizontes de expectativas" dos estudantes.

Aprender as temporalidades que nos constituem nos capacita a elaborar esperanças, medos, desejos, vontades, inquietudes, cálculos racionais e tudo que compõe o que esperamos para o futuro.

Assim, cruzar temporalidades tem um sentido não apenas historiográfico, de compreensão das sociedades no tempo, mas também envolve aprendizados relativos à formação do sujeito num mundo em que as expectativas são alimentadas em sentidos muito diversos. Desse modo, uma formação que leve em conta o projeto de vida dos estudantes deve capacitá-los a elaborar as próprias experiências e expectativas com maior autonomia.

Proposição didático-pedagógica

Investigação provocativa: problematização como ponto de partida

O ponto de partida do diálogo com outras temporalidades é o presente, momento no qual nos indagamos sobre o futuro e o passado. Problematizar é desnaturalizar o olhar. Trata-se de um ato de conhecimento que envolve as estruturas cognitivas e emocionais do indivíduo e que serve de fundamento ao espírito científico, que permite ir além da opinião.

> O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. (BACHELARD, 1996, p. 18).

A problematização é condição para a aprendizagem nas diversas áreas do saber que compõem o currículo escolar e uma das etapas necessárias da pesquisa. No que diz respeito às competências e habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a problematização é o procedimento que permite a desnaturalização, ou seja, a percepção de que as dimensões culturais e sociais do ser humano estão atuando na realidade. Ao problematizar, ativamos nossas hipóteses cognitivas, desconfiamos de juízos preestabelecidos, ativamos nossa curiosidade em busca do que não é perceptível a olho nu.

Trata-se de um ato de grande importância, já que permite, entre outros processos cognitivos, reconhecer desigualdades e preconceitos que, por serem profundamente enraizados, podemos não perceber. Além disso, permite identificar formas de intolerância e discriminação que se sustentam sobre esses preconceitos, muitas vezes "invisíveis" para quem não os [illegible] dimensão da problematização se relaciona à reflexão ética e à construção de noções de justiça. Quem questiona e investiga está optando por não se contentar com a própria opinião preconcebida e, portanto, com seus preconceitos, superando-os em busca de olhares emancipatórios e eticamente responsáveis.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em cada unidade destes volumes, a problematização do tempo presente é o ponto de partida, mesmo quando o conteúdo se situa em outros tempos. Ao final de cada unidade, o presente também será questionado. A proposta é a de formar um olhar capaz de problematizar. Assim, os estudantes produzirão um ato de conhecimento sobre o "humano" que dialoga com outros tempos e espaços, com o objetivo de desnaturalizar o presente.

Para isso, é preciso "provocar a consciência", nos termos da BNCC:

> [...] para garantir as aprendizagens essenciais definidas para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, é imprescindível que os jovens aprendam a provocar suas consciências para a descoberta da transitoriedade do conhecimento, para a crítica e para a busca constante da ética em toda ação social. (BRASIL, 2018a, p. 569).

O pensamento computacional

Ao longo das últimas décadas, incorporaram-se ao cotidiano das pessoas os instrumentos tecnológicos que possibilitam o uso do processamento de informações na resolução de problemas. Esses processos alteraram profundamente a forma pela qual vivemos os desafios cotidianos, bem como a maneira de olhar a própria dinâmica do dia a dia: algoritmos, sistemas, bases de dados, inteligência artificial, entre outros. Não são problemas que dizem respeito apenas aos matemáticos e programadores, já que interferem em nossas relações interpessoais, no trabalho, no consumo e no modo de construirmos conhecimento.

> A preocupação com os impactos dessas transformações na sociedade está expressa na BNCC e se explicita já nas competências gerais para a Educação Básica. Diferentes dimensões que caracterizam a computação e as tecnologias digitais são tematizadas, tanto no que diz respeito a conhecimentos e habilidades quanto a atitudes e valores. (BRASIL, 2018a, p. 474).

Diretamente vinculado ao mundo e à cultura digital, mas não necessariamente restrito a eles, o pensamento computacional é uma das dimensões importantes para a implementação de competências e habilidades previstas no currículo escolar. Ainda segundo a BNCC (BRASIL, 2018a, p. 475), o pensamento computacional envolve "[...] capacidades de compreender, analisar, definir, modelar, resolver, comparar e automatizar problemas e suas soluções, de forma metódica e sistemática, por meio do desenvolvimento de algoritmos".

A busca para a solução de problemas recorrendo à interação entre seres humanos e máquinas possibilita, assim, desenvolver as potencialidades do espírito de investigação e da criatividade. Mais do que um instrumento para a pesquisa, trata-se do:

> [...] processo de reconhecer aspectos da computação no mundo que nos rodeia e aplicar ferramentas e técnicas para entender e raciocinar sobre sistemas e processos naturais, sociais e artificiais. Na escola, o pensamento computacional permite que os alunos resolvam problemas, os dividam e criem algoritmos para solucioná-los. (ANDRÉ, 2018, p. 96).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O pensamento computacional é importante também no que diz respeito à formação dos estudantes para o dinamismo e a imprevisibilidade das condições de integração no mercado de trabalho, bem como na análise e intervenção nas diversas situações e circunstâncias cada vez mais imprevisíveis da vida cotidiana. Pouco sabemos hoje como serão as profissões daqui a algumas décadas, tamanho o impacto das novas tecnologias.

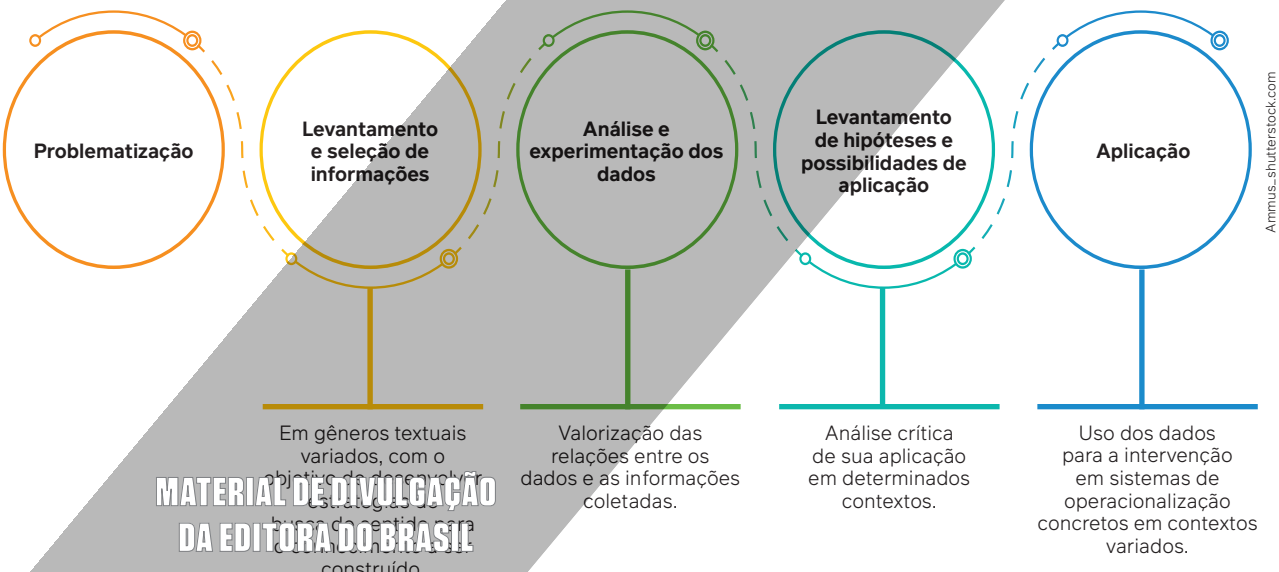
> É preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais. (BRASIL, 2018a, p. 473).

Para cumprir esses objetivos de aprendizagem, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem desenvolver capacidades no sentido de formar pessoas para agirem sob a influência da computação. Não se trata de esperar dos professores da área que ensinem aos estudantes como desenvolver sistemas. O objetivo é formá-los para um mundo no qual é preciso

dialogar criticamente com os muitos sistemas computacionais com os quais interagimos constantemente, bem como com as dinâmicas de leitura, produção e circulação de informações decorrentes dessa interação.

> Segundo Dorling, Selby e Woollard (2015), o pensamento computacional deve servir à formação de pessoas para que possam participar e usufruir das oportunidades, das responsabilidades e dos desafios inerentes a uma sociedade na qual a influência da computação se faz cada vez mais presente. É preciso, portanto, que os cidadãos sejam capazes de criar artefatos a partir de análises bem fundamentadas, participar das decisões que afetem suas vidas, organizando um conjunto de valores mediado na consciência da importância de seu próprio aperfeiçoamento e no aprimoramento das relações sociais. (ANDRÉ, 2018, p. 97).

Assim, o pensamento computacional é desenvolvido do ponto de vista metodológico mediante estratégias envolvendo uma série de processos cognitivos que promovam as seguintes ações:



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

É preciso também considerar a existência de estudantes com perfis muito diversos quanto à relação com as novas tecnologias e o pensamento computacional. Para muitos jovens, o entendimento da linguagem dos algoritmos e dos sistemas é como o aprendizado de uma língua materna. Para outros, esse universo é praticamente inacessível para além de suas manifestações mais aparentes, sendo tão incompreensível quanto um idioma estrangeiro. Por exemplo, entre aqueles extremamente familiarizados com esse universo, é preciso problematizá-lo para, assim, provocar o estudante a pensar para além de uma linguagem que, em seu cotidiano, aparece como natural. Já no que diz respeito aos que veem os sistemas computacionais como um universo estranho, é preciso provocar questionamentos que possibilitem desfazer os mistérios que cercam essas tecnologias. Entre esses extremos, há muitas situações possíveis, e os professores precisam estar prontos para lidar com a diversidade, pois todos os perfis demandam o desenvolvimento de capacidades peculiares.

Leitura, produção de texto e o paradigma da intertextualidade nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Assim como os algoritmos não dizem respeito apenas às preocupações curriculares da Matemática, leitura e produção de texto não devem ser a preocupação somente de professores da área de Linguagens. A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é rica em possibilidades para o desenvolvimento de capacidades relacionadas à leitura e à produção de textos, em diferentes linguagens e gêneros.

É papel da educação escolar, em todas as suas áreas, criar condições para que os estudantes desenvolvam interações com os textos, entendidos como unidades de significado cognitivo, na condição de leitores e de autores. Para formar leitores e autores autônomos, é preciso que os professores se coloquem como mediadores, sem fixar significados prontos, mas promovendo a construção do conhecimento.

Para que os estudantes desenvolvam um processo de leitura, é preciso atentar para os perigos de considerar a leitura do educador como único processo possível e plausível. Nesse sentido, a professora Eni Orlandi (1987, p. 212) faz uma ponderação:

> A relação de interação (leitor/texto/autor) estabelecida na escola, tem como mediador o professor. Uma vez que, segundo a ideologia escolar, o professor é que tem a leitura que se deve fazer (a boa leitura, a legítima), essa relação, além de ser, na maioria das vezes, heterogênea, é, necessariamente, assimétrica: o saber do professor e seus objetivos é dominante em relação ao saber e os objetivos do aluno.

É preciso planejar atividades de leitura que permitam ao estudante não apenas obter informações sobre os temas tratados mas estabelecer vínculos entre essas informações e o contexto de discussão e debate em que os textos se inserem. Nesse sentido, a leitura do texto possibilita que os estudantes se tornem sujeitos do próprio conhecimento. A autonomia deles não significa, no entanto, que a função do professor seja secundária, pelo contrário.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> [...] a categoria de mediador não é transparente. Ao contrário, o mediador tem uma função decisiva na constituição das relações de poder. Ser mediador, no domínio do discurso, é fixar sentidos, é organizar as relações e disciplinar os conflitos. Além disso, essa reflexão também nos indica que o ato de nomear tem implicações ideológicas decisivas. (ORLANDI, 1987, p. 275).

Portanto, possibilitar a construção de leitores e autores que se relacionem com textos de maneira autônoma é objetivo a ser buscado na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A formação do estudante como leitor e produtor de textos envolve também a compreensão das linguagens, antigas e novas, que vão além da linguagem escrita.

> As práticas de leitura e produção de textos que são construídos a partir de diferentes linguagens ou semioses são consideradas práticas de multiletramentos, na medida em que exigem letramentos em diversas linguagens, como as visuais, as sonoras, as verbais e as corporais. Já os novos letramentos remetem a um conjunto de práticas específicas da mídia digital que operam a partir de uma nova mentalidade, regida por uma ética diferente. (BRASIL, 2018a, p. 487).

Por fim, uma leitura e produção de textos autônoma requer aprendizados relativos à intertextualidade, que são desenvolvidos na área de Linguagens desde o Ensino Fundamental. Intertextualidade se refere às relações que diferentes textos estabelecem entre si. Assim, a formação para uma leitura intertextual significa desenvolver a capacidade de manejar citações e paráfrases, interpretar e criar diferentes estilos e vozes em um texto etc.

A capacidade de autonomia como leitor e produtor de textos está relacionada à intertextualidade. Quanto mais os estudantes são capazes de perceber que textos levam a outros textos, que dialogam entre si e que autores e leitores compartilham uma história social e cultural comum, mais eles podem explorar livremente as possibilidades da linguagem textual.

O papel das metodologias ativas

A educação escolar hoje se orienta para a promoção de aprendizados de competências e habilidades que servem à vida do estudante em sentido integral. Teoria e prática devem ser constantemente relacionadas durante todo o processo formativo deles para que essa orientação resulte em transformação real de suas condições de autonomia.

Assim, desde as realidades locais até os grandes temas globais podem ser objetos de aprendizado que promovem o diálogo entre conteúdos curriculares e demandas pessoais e sociais do estudante, provocadas ou não pelos educadores.

As metodologias ativas são uma alternativa ao modelo tradicional de ensino e se propõem a colocar educadores e educandos em parceria na execução de atividades por percursos distintos que levam a diferentes formas de construção do conhecimento. Além disso, elas desenvolvem o protagonismo dos estudantes, ampliando suas possibilidades de leitura crítica do mundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para tanto, é preciso ter em mente o caráter complexo e interdisciplinar do conhecimento, bem como o lugar da problematização como fundamento do espírito científico e de uma relação ética com o conhecimento e o mundo. Acolher questionamentos e provocá-los são parte importante do ofício do professor no contexto contemporâneo.

A indissociação entre teoria e prática e entre o saber e o fazer é característica de um conhecimento comprometido com uma formação para a vida. Isso pode ocorrer em diferentes escalas, desde as problematizações com base no contexto local – a escola, o bairro, a comunidade etc. – até aquelas com uma dimensão global. O papel dos professores é essencial nesse processo, inclusive naquilo que diz respeito ao currículo.

Cada pessoa é um universo de saberes, afetos, experiências e expectativas. Tornar-se capaz de buscar conhecimento autonomamente e de maneira complexa é crucial para que o diálogo entre elas se estabeleça. Assim, cabe ao professor acolher e provocar questionamentos de forma a construir com os estudantes o currículo que se adéqua ao projeto de vida de cada um.

O PAPEL DO PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO EM DIFERENTES CONTEXTOS

O lugar do professor na educação contemporânea não é mais o de se colocar como o portador do conteúdo a ser transmitido aos estudantes nem o de conduzi-los a uma compreensão preestabelecida do conhecimento humano. A formação do professor deve, portanto, estabelecer diálogo com a complexidade cognitiva em que cada um de nós – como seres humanos e cidadãos – está inserido.

Assim, educar para a autonomia é assumir um papel de mediação do diálogo entre os estudantes e a bagagem intelectual que os precede, tendo em vista o desenvolvimento de suas aprendizagens. Essas aprendizagens não se fazem apenas e tão somente pela sistematização de conceitos previamente dispostos em fontes de referências específicas mas numa abordagem que priorize uma concepção de currículo que pressuponha o diálogo de cada estudante – pensado como autor do próprio conhecimento – com essas mesmas fontes de referência.

Nesta coleção, cada unidade é iniciada por uma problematização desencadeadora de questionamentos e reflexões que serão amplamente discutidos e contemplados. Logo a seguir, três perguntas norteadoras visam, justamente, que o educador possa investigar as hipóteses cognitivas dos estudantes sobre o tema proposto. Assim, as problematizações podem se constituir como verdadeiras fontes de pesquisa para os educadores contextualizarem os assuntos que serão trabalhados partindo dos lugares de fala dos estudantes.

Na concepção desta coleção, o currículo não é um conjunto fechado de conhecimentos a serem transmitidos, mas uma construção dialógica que se estende ao trabalho do professor e aos próprios processos de construção do conhecimento elaborados pelos estudantes. Ao longo das unidades e percursos, é possível perceber claramente que a linguagem adotada – rigorosa conceitual e metodologicamente, e clara do ponto de vista de sua compreensibilidade – permite aos jovens estabelecer diferentes diálogos com os problemas e os contextos apresentados para sua reflexão científica interdisciplinar.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Assim, "diálogo" pode ser definido, de um ponto de vista da linguagem, como fundamento da comunicação verbal com o outro:

> O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. [...] Ora, a relação que se estabelece entre as réplicas do diálogo — relações de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, etc. — é impossível entre as unidades da língua (entre as palavras e as orações) [...]. Esta relação só é possível entre enunciados provenientes de diferentes sujeitos falantes. Pressupõe o outro (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal.
> [...]
> O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores

> imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural). A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião tem sempre sua expressão verbal. É isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. (BAKHTIN, 1997, p. 294-295 e 320-321).

Ao dialogarmos, construímos argumentos que se apoiam no que já foi enunciado pelos outros. Assim, não somente nos posicionamos a respeito dos conteúdos abordados nas falas mas também de suas intencionalidades e propostas de intervenção na realidade concreta. Desse modo, o protagonismo juvenil não é algo que deva ser encontrado apenas nos temas ou no desenvolvimento da linguagem educacional. Ele deve ser exercido também metodologicamente, por meio do desenvolvimento de habilidades de análise relacional de argumentos e de posturas atitudinais de escuta, reflexão e proposição ética da dúvida e da discordância.

Esse fundamento da comunicação é também epistemológico, já que o questionamento e o estabelecimento do diálogo estão na base da construção do conhecimento, seja na Filosofia, nas Ciências, nas Artes ou nas práticas da educação escolar. Em relação à formação científica nas escolas, Bachelard (1996, p. 300) afirma que:

> [...] para que a ciência objetiva seja plenamente educadora, é preciso que seu ensino seja socialmente ativo. É um alto desprezo pela instrução o ato de instaurar, sem recíproca, a inflexível relação professor-aluno. [...] Nas disciplinas científicas principalmente, esse tipo de instrução cristaliza no dogmatismo o conhecimento que deveria ser um impulso para a descoberta. Além disso, não propicia a experiência psicológica do erro humano.

O papel do professor é, portanto, o de mediador de diálogos que fazem do conhecimento um processo sempre inacabado de construção. Trata-se de um papel ativo, tanto na fala como na escuta, tanto na problematização como no acolhimento de argumentos e problematizações.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesta coleção, o trabalho com o diálogo é buscado tanto da perspectiva epistemológica como da perspectiva metodológica e ética. Isso se evidencia em vários momentos específicos, dentre os quais se destacam:

- a valorização de diferentes perspectivas ou pontos de vista, expressos por atores e protagonistas diversos, individuais e sociais, em sua relação com o tema trabalhado;
- o enfoque interdisciplinar, que possibilita ao estudante construir argumentos recorrendo a conceitos procedentes de diferentes áreas do conhecimento e que encontram na argumentação um lugar propício para sua formulação complexa;
- a valorização das problematizações, das inferências e das vivências de pesquisa que favorecem diferentes posturas de diálogo entre os indivíduos, e destes com o mundo à sua volta.

Uma vez definida a necessidade de construção de uma teia cognitiva complexa, interdisciplinar e que estabeleça diálogos entre os mais diferentes sujeitos histórico-sociais, importa agora indicar ações concretas que os professores poderão adotar ao trabalhar com estes volumes.

Ações concretas para a intervenção pedagógica

Processo de argumentação e diálogo

A abertura ao diálogo parte da problematização da realidade e envolve, em papéis diferentes, professores e estudantes. Aqui ela é entendida como a capacidade que o indivíduo tem de se sentir mobilizado a estabelecer dúvidas ou questionamentos acerca dos impactos que determinado tema pode ter na sociedade ou em sua própria vida.

Cada unidade desta coleção é precedida por uma **problematização**, que pode ser o ponto de partida para diferentes questionamentos sobre determinado tema. O objetivo central da problematização inicial é pôr em prática a dúvida sistemática, que abre caminho aos jovens para questionar o mundo e a si próprios, superando, assim, o apego a crenças absolutas e a argumentos preconcebidos. Além disso, elas servem para estimular a interação com diferentes pontos de vista e a escuta ativa deles, incluindo a [illegible] relação ao tema trabalhado.

A metodologia da problematização é uma alternativa inovadora, que visa a um ensino que ultrapasse a abordagem tradicional e que inspire e estimule, nos educandos e educadores, uma postura investigativa.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Portanto, a problematização possibilita, do ponto de vista metodológico:

- questionar conhecimentos antes considerados inquestionáveis;
- gerar o "estranhamento" necessário à investigação e à exploração científica;
- conhecer diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, ampliando o repertório de dúvidas, os questionamentos ou as visões a respeito dele;
- valorizar as experiências dos estudantes, que são estimulados a assumir o protagonismo de seu processo de aprendizagem;
- oferecer condições para que os estudantes possam inferir conhecimentos de forma contextualizada e autoral.

Os desafios para transformar as problematizações em diálogo fértil à produção de conhecimento são inúmeros. Em uma turma, encontramos pessoas que se diferenciam quanto aos conhecimentos específicos que têm, quanto às habilidades, às atitudes e aos valores, inclusive no que diz respeito à relação com professores, com a escola e com os demais estudantes. Nesse contexto, compreender a diversidade das trajetórias, segundo as quais os estudantes produzem suas inferências, é essencial para a ação pedagógica.

Inferência

Trata-se da operação cognitiva por meio da qual a pessoa produz novas proposições, tendo por base outras que foram colocadas diante dela. Sendo cada indivíduo singular em suas vivências e nos significados que atribuem a elas ao longo da vida, a inferência é uma operação que ocorre de maneira diversa.

Por exemplo, ao tratar de questões relacionadas à cultura estrangeira, as inferências podem variar muito dependendo do tipo de contato que o estudante já teve com essa cultura. Alguém que nunca ouviu falar na existência de um país vai construir seu conhecimento a respeito dele de maneira muito diversa de outra pessoa que já o visitou ou mesmo que nasceu nele. Ou, ainda, alguém que apenas teve contato com abordagens

preconceituosas a respeito de determinada cultura partirá de uma série de pressupostos e visões discriminatórias. Diante de tamanha diversidade de situações, o papel do professor será o de mediar um diálogo que permita que os estudantes formem, cada qual segundo seu percurso peculiar, as capacidades que permitem compreender aquela cultura. Sua intervenção deverá atender a demandas diversas, que só serão identificáveis mediante o estabelecimento de diálogos.

Portanto, para que as operações cognitivas de cada estudante possam se encaminhar para o desenvolvimento das competências e habilidades esperadas, você não deve tratar os estudantes de forma homogênea. Assim, as diferentes etapas de cada percurso – perguntas desencadeadoras, problematização inicial, sistematização conceitual, atividades de leitura textual – permitirão aos jovens ampliar seus repertórios de forma individualizada, favorecendo não apenas a construção personalizada de cada conhecimento mas a formação de um repertório coletivo de informações, relações e análises, que irão contribuir para o aprofundamento de processos inferenciais.

A trajetória dos indivíduos é singular e suas inferências irão gerar caminhos totalmente inesperados da perspectiva do professor. Nesse sentido, a coleção sugere algumas abordagens para estimular nos estudantes a construção de processos inferenciais.

- Abordagem contextualizada da sistematização de conceitos prevista ao longo dos percursos, valorizando exemplos práticos e estímulos para que o estudante pesquise sua realidade específica.
- Valorização do diálogo interdisciplinar na construção dos conceitos para a abordagem de um tema, permitindo ao estudante uma compreensão mais ampla e menos fragmentada dos conteúdos.
- Inclusão de questões de leitura e interpretação textual que se vinculam ao posicionamento do estudante em relação aos diferentes gêneros textuais.
- Processos inferenciais que ocorrem de maneira gradual e são pautados pela busca de informações, pelo estabelecimento de relações entre elas e pela análise contextualizada de dados.

Portanto, você deve levar em conta as especificidades da construção individualizada do conhecimento e, ao mesmo tempo, priorizar os desafios das transformações – etárias, psíquicas, culturais, socioeconômicas – que os estudantes vivenciam em seus contextos concretos.

Da mesma forma, para estabelecer diálogos é preciso que você esteja sempre aberto a compreender as **culturas juvenis**, que são plurais e complexas, de maneira a não formar sobre elas uma visão preconcebida e simplificadora.

Culturas juvenis

As culturas juvenis são abordadas nesta coleção por meio da valorização dos interesses dos jovens e das linguagens com que eles se relacionam com o mundo:

- enfrentando os desafios da vida em sociedade, que se traduzem em temáticas de amplo alcance, como meio ambiente, direitos humanos e discriminação;
- construindo linguagens próprias de expressão pautadas pelo diálogo e pela inserção em universos socioculturais diversos;
- propondo alternativas de superação dos problemas apontados pelos próprios estudantes, com base nas temáticas abordadas.

É preciso ter em mente que a origem das proposições por meio das quais os jovens constroem suas inferências está, muitas vezes, nas culturas juvenis. Abrir-se ao

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

diálogo com elas significa, portanto, multiplicar os caminhos possíveis para o estabelecimento de diálogos pedagógicos. Assim, o acolhimento de inquietações e problematizações advindas das vivências e dos projetos de vida dos estudantes pode servir de base para a busca de conhecimento.

O trabalho com a coleção permitirá que você organize a prática do diálogo de forma acolhedora e com caráter construtivo, focado nas competências e habilidades a serem desenvolvidas. Permitirá ainda o desenvolvimento de valores de promoção da resolução não violenta de conflitos, de respeito à pluralidade de pontos de vista e de combate às diversas formas de discriminação.

Na prática, tanto as problematizações que abrem cada unidade do livro quanto as diferentes oportunidades de discussão e debate temáticos propostas ao longo dos percursos e das unidades podem motivar a formulação de outras questões, advindas do diálogo proporcionado pelo papel mediador do professor e pelo estímulo ao protagonismo dos estudantes em seu processo de aprendizagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mediação

O exercício do papel mediador do professor em relação às aprendizagens protagonizadas pelos estudantes também encontra fundamento na organização curricular proposta para a coleção, seguindo princípios de caráter epistemológico e metodológico.

- Organização de cada volume priorizando uma temática geral diretamente ligada aos desafios vividos pelos seres humanos nos processos de construção das sociedades, aos sentidos interdisciplinares do processo de construção do conhecimento e às vivências cotidianas dos estudantes.
- Liberdade de organização das rotinas de aprendizagem, marcadas pela constante interação dos estudantes e professores com os temas propostos em cada percurso e em cada unidade. Assim, os temas podem ser trabalhados de forma não linear e em diálogo com outras unidades do mesmo volume ou outros volumes da mesma coleção.
- Valorização das diferentes competências e habilidades previstas na BNCC, não apenas nas atividades propostas ao longo e ao final de cada percurso mas no desenvolvimento dos próprios percursos formativos de cada unidade.

Na prática, a aplicação desses princípios organizadores da coleção significa que as mesmas competências e habilidades podem ser trabalhadas e retrabalhadas em momentos diferentes. Dessa forma, você tem a possibilidade metodológica de desenvolver algumas competências e habilidades num determinado momento, para retomá-las depois, ao abordar outros temas. Assim, as mesmas competências e habilidades retornam numa outra perspectiva e se constituem mais uma oportunidade de diálogo transversal e interdisciplinar proposto pela coleção.

Com base nas problematizações e no estabelecimento das próprias narrativas curriculares, você poderá instigar os estudantes a pesquisar, elaborar hipóteses, argumentar e propor novas questões.

As habilidades de leitura são especialmente importantes nessa construção e devem ser uma preocupação permanente dos professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Incentivar os estudantes a estabelecer relações, percebendo as referências intertextuais e as construções argumentativas

dos diferentes textos trabalhados, é uma forma de desenvolver essas habilidades.

Por fim, para que os procedimentos de pesquisa, leitura crítica de fontes e construção de argumentos se tornem parte da vida dos estudantes, é preciso que eles sejam reiterados na abordagem dos mais diversos temas, de maneira a serem percebidos com crescente complexidade.

A prática docente e o conteúdo interdisciplinar

A interdisciplinaridade é a base na qual se estrutura essa obra. História, Geografia, Sociologia e Filosofia não aparecem aqui como campos separados, que cumprem cada qual uma trajetória particular de formação. Pelo contrário, a coleção combina a diversidade de abordagens e estabelece diálogos entre os componentes curriculares pertencentes à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Do ponto de vista da prática docente, a interdisciplinaridade envolve um compromisso ético do educador em romper com a fragmentação cognitiva que, muitas vezes, ainda é presente na associação de um conceito ou abordagem temática com uma única disciplina. Trata-se de uma nova maneira de conceber o conhecimento, na qual o trabalho docente, pensado numa perspectiva interdisciplinar, é concebido em rede. Conforme alerta a professora Angela Kleiman (1999, p. 47):

> [...] a metáfora da rede em construção ajuda-nos a expressar a ideia central de nossa proposta: que a cognição é o resultado de um processo mental e dinâmico e ativo que se desenvolve por meio de conexões entre pessoas, objetos, conceitos, preconceitos, intuições, enfim, uma rede de associações, e que o aprendiz é sujeito ativo engajado na construção de sua própria rede de conhecimentos. A função mais importante do professor é a de facilitador dessa construção.

O objetivo do trabalho da coleção em tecer redes interdisciplinares implica estimular os estudantes a desenvolver as competências gerais, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as respectivas habilidades que a BNCC define para os três anos do Ensino Médio. Assim, outro princípio epistemológico proposto por Kleiman, e que está presente na coleção, é a interconexão entre temáticas, conceitos e habilidades.

O currículo interdisciplinar não implica dissolução das especificidades de cada componente curricular. Os conceitos, os métodos e os problemas que cada um aborda com mais profundidade são apresentados de maneira contextualizada e integrada. Parte-se da concepção de que o conhecimento humano é construído de maneira complexa, o que exige uma postura de humildade cognitiva. Oferecer uma resposta fechada e simples sobre o que é uma sociedade, uma cultura ou um Estado seria como fechar as portas a novas experiências no campo da cognição.

A adoção de uma abordagem interdisciplinar pode envolver dificuldades específicas, já que tradicionalmente a formação escolar e universitária do professor possui um caráter marcadamente disciplinar.

Um desafio que se coloca é o de oferecer um tratamento contextualizado dos conceitos, que marca uma inovação de ordem epistemológica, pois envolve uma construção por meio de múltiplas abordagens. Por exemplo, não se trata mais de discutir algo como a "cultura" partindo de uma definição "correta", fundamentada em alguma das concepções produzidas pelas disciplinas acadêmicas. O objetivo é construir uma compreensão do que seja "cultura" por meio de diálogos que se estendem pelos três anos do

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ensino Médio, nos quais o conceito será objeto frequente de questionamento. Afinal, "cultura" diz respeito à realidade local dos estudantes e ao mundo digital com o qual eles se relacionam, mas também é intrínseca à discussão sobre as civilizações antigas, sobre a colonização europeia da América ou sobre os problemas ambientais da sociedade contemporânea.

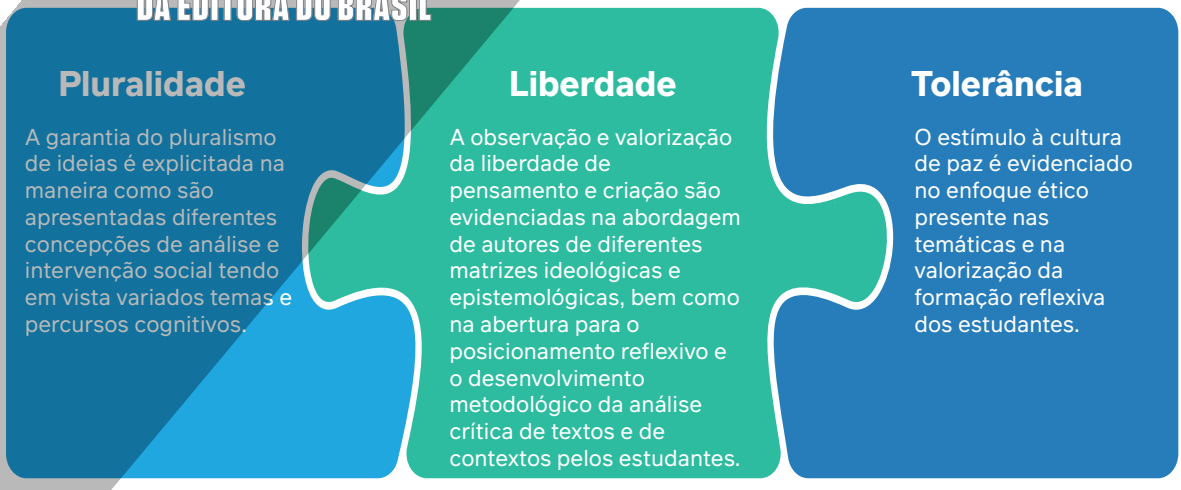
A interdisciplinaridade também coloca o desafio de situar os conceitos fundamentais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no contexto local dos estudantes. Ao organizar os conteúdos de maneira dialógica e problematizadora, a abordagem traz para a prática docente a necessidade de propiciar diálogos, o que significa que você deve levar em conta o universo pelo qual os jovens constroem suas proposições. Por tudo isso, existe a preocupação em garantir a presença de atividades, ao longo dos percursos, que envolvam a exploração conceitual com base no universo de referências presentes na realidade dos jovens.

Nessa mesma perspectiva, o olhar interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas envolve a preocupação com todas as questões que dizem respeito à produção, manutenção e preservação da qualidade de vida dos estudantes. Afinal, a aprendizagem das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas também deve partir de um pressuposto ético fundamental garantindo a valorização da dignidade humana.

Saúde mental e escola

A educação escolar é um direito que, para ser efetivo, requer a efetivação de outros direitos relacionados diretamente à defesa da vida juvenil contra tudo aquilo que pode ameaçá-la em sua integridade socioeconômica, física ou psicológica. No âmbito da atuação dos professores do Ensino Médio, a promoção do pleno desenvolvimento da pessoa passa pela garantia dos direitos humanos e da proteção à infância e à adolescência. Sem isso, nem o preparo para a cidadania nem a capacitação para o mercado de trabalho são possíveis. Para que o direito à aprendizagem ética e à dignidade humanas seja garantido, a coleção [illegible] pios ontológicos a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Andy Chipus_shutterstock.com

Assim, tendo em vista os princípios anteriormente explicitados, é preciso estar atento e atuante na prevenção de violências que são cometidas pelos próprios estudantes, uns contra os outros, ou contra si mesmos.

Bullying, termo da língua inglesa sem tradução precisa em nosso idioma, tem um sentido que remete tanto a "intimidação" quanto a "comportamento cruel" e define situações muito diversas, que ultrapassam o espaço das instituições escolares. Contudo, por ser um espaço central na socialização de crianças e jovens, a escola é um espaço onde o *bullying* é mais frequente e sistemático.

> [...] Em termos gerais, trata-se do emprego de violência física e psicológica realizada contra um indivíduo específico e de modo intencional, ocorrendo em diversos contextos de interação social e envolvendo pessoas de idades distintas, mas cuja prevalência no contexto escolar seria mais investigada. Ao ser erroneamente concebido como parte do desenvolvimento da criança e como algo desde sempre existente nas escolas de todo o mundo, tal fenômeno corre o risco de naturalização. (CHAVES; SOUZA, 2018).

O primeiro passo para atuar na prevenção do *bullying* é, portanto, desnaturalizar sua recorrência em contextos escolares. Isso porque [illegible] prática que pode acarretar graves consequências físicas e, principalmente, psicológicas para os que a vivenciam, seja no papel de agredido, seja no papel de agressor.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Apesar da gravidade, apenas recentemente essa prática passou a ser objeto de preocupações sistemáticas no âmbito das políticas de educação. Uma vez reconhecido como um problema no universo escolar, o *bullying* pode ser objeto de intervenção do professor em sentidos diversos:

1. Por se tratar de comportamentos intencionais visando agredir e provocar danos ao outro, o *bullying* requer do professor uma abordagem ética, que busque desenvolver em todos os estudantes capacidades de empatia e de resolução não violenta de conflitos, o senso de justiça e as noções de direitos e liberdades. Em vários momentos, a coleção deixa explícita a necessidade de o estudante desenvolver a empatia e a alteridade.
2. Por ser um comportamento que se repete no cotidiano juvenil, geralmente levando à estigmatização e ao isolamento, o *bullying* requer uma abordagem mais específica direcionada àqueles que o sofrem. Nesse sentido, é importante acolher as demandas dos estudantes e oferecer apoio nas situações em que isso for necessário.
3. Por se tratar de uma relação fundamentada no desequilíbrio de poder (seja por causa da força física, seja pela coesão do grupo, seja por outros fatores), o *bullying* requer uma abordagem que problematize de maneira abrangente as relações de poder no contexto juvenil, dentro e fora da escola. A mediação de diálogos para a resolução não violenta de conflitos pode ser um caminho para que a problematização tenha também uma dimensão de intervenção no contexto escolar.

O *bullying* não é a única forma de violência sistemática que ocorre entre os jovens no contexto escolar. As diversas formas de discriminação e preconceito também requerem abordagens específicas relacionadas à formação dos estudantes e, quando necessário, intervenção em contextos de violência.

Os preconceitos, entre os quais se destacam os que se relacionam à classe, à raça, à religião, ao gênero, à orientação sexual, à naturalidade ou a alguma condição física, fundamentam formas de discriminação que ultrapassam a experiência escolar e estão presentes, de diferentes maneiras, em toda a sociedade.

O conhecimento sobre eles é objeto das aprendizagens das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas deve ser uma preocupação constante nas práticas pedagógicas, e não somente fazer parte dos percursos curriculares. Assim como no caso do *bullying*, sua recorrência tende muitas vezes a uma naturalização, a ser combatida por meio da formação dos estudantes e do acolhimento de demandas de intervenção por parte do professor. Essa abordagem é priorizada em vários momentos da coleção e, especialmente, na construção de unidades temáticas que valorizam os direitos humanos, a diversidade e a ética.

Também é papel do professor formar, acolher e intervir no que diz respeito à prevenção do suicídio e da automutilação. A manutenção de um ambiente de diálogo, a abertura à escuta e ao acolhimento de demandas dos estudantes, além da adoção de uma postura ativa, intervindo quando necessário, são caminhos possíveis para prevenir a violência autoinfligida.

> [...] Os professores influenciam positivamente quando interagem de forma motivadora e criativa, informando e encorajando nas tomadas de decisão, fomentando a autonomia, sem recorrer a regras e dogmas preestabelecidos que possam defasar-se com o tempo. [...]
>
> Não se sugere aqui, portanto, que educadores tenham a responsabilidade de diagnosticar, ou mesmo sejam exigidos a aplicar qualquer tipo de conhecimento que não seja da área da educação. Porém, considerando que já atuam contemplando os aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais de seus alunos, conhecimentos selecionados em saúde mental, baseados principalmente em aspectos de promoção e prevenção, podem ser de grande utilidade na prática educativa, ao empoderar a figura do educador.
>
> O papel do professor:
>
> 1. Reconheça a responsabilidade de formar o aluno como cidadão.
> 2. Contribua para um clima escolar favorável, priorizando os vínculos.
> 3. Contribua, por meio do diálogo, com o combate ao estigma dos transtornos. Evite a segregação de "alunos-problema".
> 4. Discuta abertamente o assunto "saúde mental" com os alunos.
> 5. Discuta casos de sua prática diária com os colegas, para que possa refletir sobre o que fazer diante de situações difíceis apresentadas pelos alunos que interferem na dinâmica em sala de aula, como isolamento social, comportamentos agressivos e violação de regras.
> 6. Estimule os alunos para que desenvolvam habilidades sociais, como fazer amigos e manter amizades.
> 7. Mantenha-se atento à identificação precoce de problemas para o devido encaminhamento dos alunos que necessitam de assistência nessas áreas.
> 8. Construa parcerias com as famílias para acompanhamento do desenvolvimento das crianças e adolescentes, tanto do ponto de vista emocional como da aprendizagem.
> 9. Adapte objetivos acadêmicos, conteúdos curriculares, método de ensino e outros assuntos educacionais às necessidades de cada aluno, visando a um maior rendimento escolar.
> 10. Solicite à diretoria de ensino cursos e material didático na área de saúde mental para complementar seu conhecimento nessa área. (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014, p. 20-21).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

NOVO ENSINO MÉDIO

Esta coleção foi elaborada em concordância com o **Novo Ensino Médio** que está sendo implementado no Brasil. Para trabalhar adequadamente o novo modelo, é preciso conhecer as concepções curriculares que o fundamentam, especialmente no que diz respeito à maneira como os conteúdos estão estruturados, bem como ao modo de se estabelecer os diálogos entre eles. A mudança mais evidente em relação a outras formas de organização dos conteúdos é o **caráter flexível da organização dos conteúdos**, já que a obra se fundamenta numa **perspectiva temática e interdisciplinar**.



Kubko/Shutterstock.com

O modelo do Novo Ensino Médio é muito diferente em relação às concepções curriculares anteriores. Em primeiro lugar, não se orienta por um conjunto de grades disciplinares fragmentadas e desconexas entre si, mas sim por áreas do conhecimento que pressupõem determinados itinerários formativos. Se antes cada componente disciplinar propunha uma sequência fechada de conteúdos, comum a todos os estudantes, agora a nova estrutura, flexível e interdisciplinar, possibilita que os jovens se tornem protagonistas na definição de suas trajetórias de formação escolar e na construção de seus projetos de vida.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A ênfase do Novo Ensino Médio no protagonismo juvenil está presente nesta obra em dimensões diversas.

- **Temática:** priorizando abordagens que valorizam diferentes questões e desafios a serem vivenciados pelos jovens.
- **Metodológica:** valorizando questões problematizadoras que dialogam com a própria vida dos jovens.
- **Epistemológica:** valorizando a construção de conceitos e a capacidade de diálogo conceitual com propostas de intervenção em distintas realidades.

Portanto, para além de mudanças de forma, trata-se de uma ruptura profunda com antigos paradigmas da educação no Brasil.

As culturas juvenis e o protagonismo do jovem nas sociedades contemporâneas

Cada jovem que ingressa no Ensino Médio é alguém que vem construindo e reconstruindo sua cultura e visão de mundo de maneira complexa, de acordo com vivências e diálogos que são irredutíveis à categorização de que todos os jovens pertencem a um mesmo universo cultural.

Assim, falar de "culturas juvenis" no plural é recusar o simplismo de considerar todos os jovens como uma categoria homogênea de pessoas definidas somente por sua faixa etária.

> [...] juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes. (BRASIL, 2011, p. 12).

Os jovens são indivíduos singulares e ativos na construção da própria cultura, produzida e reproduzida para além do escopo da atuação dos professores ou das instituições escolares. Contudo, esse lugar não implica diminuir o papel dos professores na sua formação. Ao contrário, num mundo que convida os jovens a serem ativos na autoconstrução, os professores são essenciais no desenvolvimento da capacidade de fazer desse processo um caminho para a elaboração e a realização dos projetos de vida deles. Assim, os professores são mediadores que estimulam os estudantes a pensar a historicidade de sua condição juvenil.

> Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma **escola que acolha as diversidades**, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser **protagonistas** de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu **projeto de vida**, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo. (BRASIL, 2018a, p. 463).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A tarefa não é fácil e é certamente um dos maiores desafios dos educadores do século XXI. Nesta coleção, o acolhimento aos estudantes é facilitado pelo oferecimento de temas que se relacionam diretamente à condição juvenil de protagonismo nas transformações tão necessárias rumo a uma sociedade democrática, que ofereça condições de equidade a todos os cidadãos.

Afinal, estamos lidando com mudanças aceleradas na socialização das novas gerações. Hoje o consumo, a propaganda e a indústria cultural direcionados à infância e à juventude assumem enorme importância e causam novos desafios para os educadores.

> A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura "agorista" – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão. (BAUMAN, 2013, p. 34).

Em especial, as relações hoje estabelecidas entre as culturas juvenis e a cultura digital nos desafiam a oferecer aprendizados que partam da compreensão de como essas relações se estabelecem. A cultura "agorista", apontada por Bauman, deve ser pedagogicamente "desafiada" a ir além do momento presente, tecendo redes de conhecimento que contextualizam o que foi aprendido e, ao mesmo tempo, desenvolvem utopias de transformação social e de inquietação com as desigualdades do tempo atual.

São culturas extremamente diversas, que variam segundo região, local, nível de renda, gênero, tradições culturais e religiosas, diferenças de acesso à cultura digital, entre outros fatores. Mais do que uma categorização dos jovens com qualquer desses recortes, é preciso reconhecer em cada estudante um protagonista de sua formação, tendo em vista seu projeto de vida.

As culturas juvenis são dinâmicas e se transformam num ritmo acelerado, já que os jovens não são meros reprodutores dos significados que o consumo e a cultura digital lhes oferecem. Eles são também protagonistas da construção de suas culturas e da própria cultura digital, à qual já encontram integrados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Por se relacionarem com discursos e construções simbólicas com grande poder de persuasão – em especial, aqueles provenientes de interesses de mercado, que compartilham como consumidores –, é crucial que a formação escolar dialogue e produza conhecimento com base nas referências que os jovens têm. O objetivo desse diálogo deve ser o desenvolvimento de uma compreensão crítica das próprias tecnologias e culturas que lhes são oferecidas e por eles acessadas. Essa compreensão crítica passa também pela análise das origens de inquietações e desejos juvenis, bem como de desafios vivenciados pelos seres humanos contemporâneos em temas cruciais como trabalho, meio ambiente, violência e defesa da dignidade humana.

A escola e os currículos em transformação

O Novo Ensino Médio se propõe a recriar a escola – enquanto espaço/tempo de produção do conhecimento – por meio do reconhecimento de que os estudantes têm um papel ativo na sociedade onde vivem. O protagonismo dos jovens no processo de escolarização é entendido como parte de uma concepção a respeito da escola em que todos os atores sociais envolvidos – educadores e estudantes – são protagonistas de diferentes formas na

construção do conhecimento. Sendo assim, a escola deve se abrir às culturas juvenis para possibilitar que os estudantes se tornem interlocutores nas decisões que dizem respeito a seus currículos e a outros aspectos de suas aprendizagens.

Além disso, os currículos devem ser definidos em diálogo com as realidades locais e atendendo à diversidade regional do Brasil. A ruptura com a concepção de um currículo fechado, a ser aplicado igualmente para todos os estudantes brasileiros, tem também esse sentido de abertura ao diálogo com as realidades nas quais os jovens se formam e atuam. Nesse mesmo sentido, as escolhas operadas ao longo da formação dos jovens deverão ser tomadas de acordo com os projetos de vida de cada um deles.

> Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constranger seus desejos.
>
> Logo, é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. (BRASIL, 2018a, p. 472-473).

O reconhecimento dos estudantes como sujeitos implica, do ponto de vista da aprendizagem no Ensino Médio, ênfase – rigorosa e objetiva – na apresentação de diferentes visões de mundo e abordagens dos processos estudados e na garantia de que suas escolhas tenham um sentido ético, saudável e sustentável.

O objetivo é formar os jovens para o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem sua autonomia, para que tenham condições de atuar como pessoas, cidadãos e trabalhadores em uma sociedade que está em constante transformação.

Autonomia na construção do conhecimento não requer apenas os conteúdos específicos de cada componente curricular mas também capacidade de abstrair, refletir, interpretar, propor e agir diante do mundo. Para isso, o mundo deve se apresentar aos jovens como um campo aberto, o qual eles podem investigar e no qual podem intervir. Isto implica atitude cognitiva pautada pela busca da curiosidade e compreensão de que o conhecimento não está "pronto e acabado", mas se reconstrói permanentemente por meio da ação de cada um.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em consonância com o Novo Ensino Médio, os seis volumes que compõem a coleção não estão divididos segundo os componentes curriculares específicos nem possuem uma seriação ou forma de indicação cronológica linear a ser seguida pelos professores. Cada uma das dezoito unidades estabelece diálogos interdisciplinares e transversais com base em distintos conceitos e procedimentos oriundos da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Os tempos e os espaços de aprendizagem são definidos pelas relações que se estabelecem entre professores e estudantes que, assim, podem ter na coleção um aliado para a realização do desafio de desenvolver competências e habilidades.

As áreas de conhecimento

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas formam uma das quatro áreas que compõem o Novo Ensino Médio, ao lado de Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Além dessas quatro áreas, o modelo prevê a possibilidade da formação técnica e profissional no itinerário formativo dos jovens.

Cada uma das áreas do Novo Ensino Médio abarca um número variável de componentes curriculares, além de conhecimentos originalmente construídos por áreas que não fazem parte da matriz curricular do Ensino Médio – como Direito, Economia, Psicologia e Antropologia. Nessa concepção, não são os componentes que organizam o currículo, mas sim os objetivos de aprendizagens (competências e habilidades) e os objetos de estudo, que dizem respeito à área como um todo.

Nesse novo modelo, os conteúdos conceituais das distintas áreas continuam importantes, mas estão a serviço das aprendizagens, que se desenvolvem num campo interdisciplinar, segundo uma estrutura de áreas. A organização por áreas do conhecimento:

> [...] não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino. (BRASIL, 2018a, p. 32).

A organização por área requer, portanto, diálogo e cooperação entre os professores responsáveis por diferentes componentes curriculares. Dessa maneira, cada unidade desta obra pode e deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, com base em um planejamento cooperativo envolvendo todos os professores.

Cada unidade inclui, com maior ou menor ênfase, conteúdos de todos os componentes curriculares das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Filosofia	Sociologia
Tem lugar fundamental em unidades que abordam temas e períodos diversos, das relações entre as religiões no surgimento das primeiras civilizações até os desafios colocados na relação contemporânea das sociedades com a tecnologia. O componente também discute as definições do "humano" e os paradigmas epistemológicos, que permitem a construção do conhecimento.	Com enfoque nas instituições e nos grupos sociais, a Sociologia trata de questões que dizem respeito a períodos e temas que vão da análise dos diferentes regimes políticos, sociais e econômicos até a inserção dos jovens no mercado de trabalho. A compreensão de como atuam os diferentes atores sociais e de como se estruturam os poderes na sociedade não se restringe a alguma temática específica e dialoga com todos os demais componentes curriculares.
História	**Geografia**
Aborda principalmente os processos e as dinâmicas em diferentes tempos e sociedades. Os conteúdos desse componente curricular também estão presentes em todas as temáticas, afinal, as dimensões da ação humana são dotadas de historicidade. A dinâmica das transformações diz respeito às discussões sobre o mundo contemporâneo, em cada um dos seus aspectos, tanto quanto é parte dos debates sobre o Mundo Antigo, por exemplo.	Analisa principalmente as relações entre sociedade e natureza e está presente nas mais diversas temáticas que dizem respeito ao ser humano. Os questionamentos a respeito das interações das sociedades com o espaço envolvem desde as dinâmicas da ocupação humana dos diversos continentes até os desafios colocados pela globalização e degradação ambiental no mundo contemporâneo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Também é importante ressaltar que a divisão por áreas não significa que o diálogo interdisciplinar ocorre apenas no interior de cada uma delas. As áreas servem à organização do conhecimento, mas não a seu fechamento em fronteiras intransponíveis. Assim, o

ponto fundamental que a concepção de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas prevista na BNCC traz é a possibilidade de ampliar os focos metodológicos e conceituais que antes estavam inseridos ou referenciados a uma única área.

Os diálogos entre as áreas são múltiplos. Atualmente, na epistemologia das Ciências, a separação entre o "humano" e o "natural", ou entre o que é "social" e o que é "biológico", não é mais pensada como uma oposição entre domínios separados. As Ciências da Natureza têm relações muito mais próximas com as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do que tinham no tempo em que seus objetos eram pensados de maneira dissociada, focados na busca de leis específicas em cada disciplina:

> [...] a ciência de hoje não é mais a ciência "clássica". [...] A própria ambição de reduzir o conjunto de processos naturais a um pequeno número de leis foi abandonada. As ciências da natureza descrevem, de ora em diante, um universo fragmentado, rico de diversidades qualitativas e de surpresas potenciais. Descobrimos que o diálogo racional com a natureza não constitui mais o sobrevoo desencantado dum mundo lunar, mas a exploração, sempre local e eletiva, duma natureza complexa e múltipla. (PRIGOGINE; STENGERS, 1991, p. 5).

Essa complexidade é cada vez mais evidenciada em recortes temáticos que, além de abranger conhecimentos de diversas áreas de origem, apontam para a necessidade de entrelaçar distintas perspectivas e conceitos para se compreender cada um dos temas abordados.

Um tema profundamente marcado pelas relações complexas entre as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as Ciências da Natureza e suas Tecnologias é o das questões ambientais. Hoje, crises como as que envolvem mudanças climáticas ou epidemias e pandemias apresentam uma dimensão global e forçam uma reavaliação sobre a oposição que as ciências tradicionalmente estabeleceram entre as esferas de atuação humana e o mundo natural.

Existem, portanto, diálogos interdisciplinares fundamentais que ultrapassam a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para além das questões ambientais contemporâneas, esse diálogo pode ser feito sobre temas e períodos diversos. Questões como as fontes de energia, os diferentes biomas e as transformações ambientais ao longo da história humana requerem um tratamento que ultrapasse os limites que separam essas áreas. Também diz respeito à dimensão humana e social do conhecimento a trajetória de construção das linguagens, da matemática e das ciências ao longo da história.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

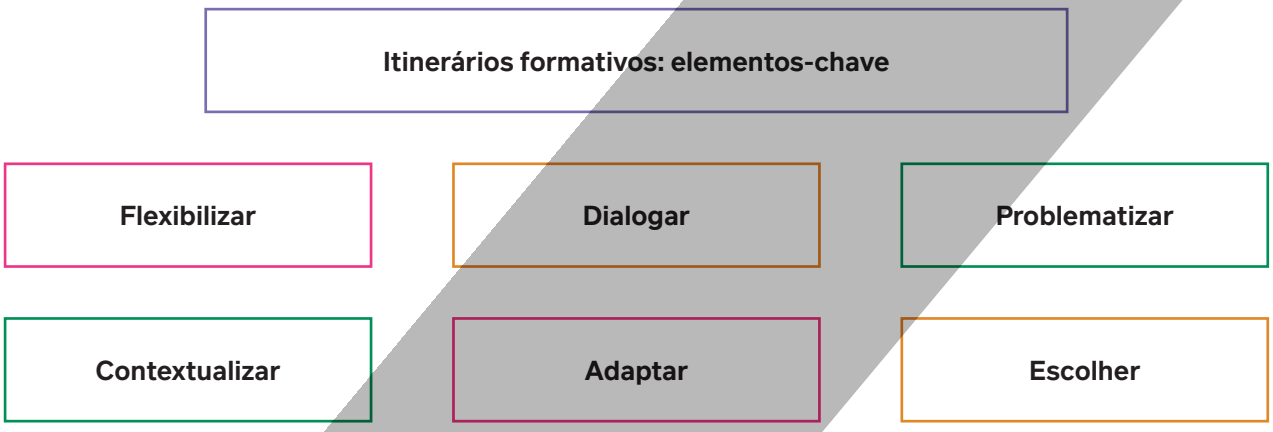
Todas essas trajetórias trazem, portanto, uma implicação teórico-metodológica fundamental: perceber características e comportamentos dos objetos de estudo a serem trabalhados nas aprendizagens. O diálogo entre as diferentes áreas também se justifica pela necessidade de se compreender um mundo em que todas as suas dimensões existenciais cada vez mais se interpenetram, a ponto de não ser mais possível, sob pena de se construírem simplificações frágeis, abordar os principais desafios da contemporaneidade sem essa dimensão interdisciplinar.

Além disso, ao dialogar com a realidade e procurar responder aos desafios de sua comunidade, da cidadania ou do mundo do trabalho, os jovens enfrentarão problemas que não se restringem às fronteiras do conhecimento. Questões sociais, naturais, matemáticas ou de linguagens se apresentam conectadas quando o espaço de construção do conhecimento é o mundo em que o jovem atua – e não somente os conteúdos de uma atividade escolar.

Os itinerários formativos

O currículo apresenta-se como o conjunto organizado de saberes que revela intencionalidades e formas de intervenção na vida humana. Ao se apresentarem sequências didáticas e formas de organização de conceitos e temas, se explicitam determinadas narrativas sobre a própria existência.

Nesse sentido, as organizações curriculares têm um caráter narrativo, já que pressupõem um percurso a ser seguido ao longo de um processo formativo. Com a BNCC, abre-se a possibilidade de definir essas narrativas como parte da formação dos jovens, de maneira que professores e estudantes sejam sujeitos ativos na construção do currículo. O instrumento para organizar essas narrativas são os **itinerários formativos**.



Nessa nova concepção, as delimitações dos diversos campos dão lugar a uma porosidade dos saberes, para que os jovens se apropriem do conhecimento acadêmico e científico que é sistematizado pela escola.

A coleção propõe subsídios temáticos que favoreçam a constituição de percursos narrativos voltados para a formação complexa dos estudantes, tendo em vista os desafios enfrentados pelos [illegible] contemporâneos. Além disso, privilegia uma concepção de itinerário formativo [illegible] ideia de que a formação passa pela problematização dos temas a serem trabalhados, possibilitando a oportunidade de os estudantes se aproximarem dos conteúdos, valorizando opiniões, questionamentos e possibilidades iniciais de reflexão. Além disso, os diálogos interdisciplinares permitem ampliar conhecimentos pela leitura e análise de textos em diferentes gêneros textuais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesse novo modelo, a definição dos itinerários formativos se torna parte do projeto da escola. Nessas escolhas, é importante considerar os papéis sociais dos jovens para além de sua condição de estudantes, considerando a construção das identidades bem como a definição de seus projetos de vida, que vão muito além dos papéis colocados na relação com a escola.

Nesse sentido, é necessário que sejam garantidas condições para que possam refletir e dialogar sobre suas experiências individuais na relação com as aprendizagens. Ao dialogarem sobre as narrativas curriculares, os jovens devem ser instigados a valorizar o conhecimento e a confiar em sua capacidade de atingir seus objetivos de aprendizagem. Nesse ponto, é importante ter em mente a abertura às culturas juvenis e ao mundo digital que fazem parte do mundo contemporâneo.

A OBRA E A BNCC

A Base Nacional Comum Curricular estabelece as aprendizagens essenciais a todos os estudantes da Educação Básica. Como se trata de um documento de caráter normativo, suas proposições devem nortear a elaboração ou adequação dos currículos de todas as instituições escolares do Brasil.

> Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.
> Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018a, p. 8).

Alinhada a essas diretrizes, a coleção apresenta as características a seguir.

- **Organização por competências e habilidades:** a coleção está pautada no desenvolvimento das competências gerais e específicas da BNCC, em que as habilidades são desenvolvidas por meio dos eixos norteadores de cada volume.
- **Protagonismo do estudante:** do ponto de vista metodológico, a coleção privilegia a ação do estudante como princípio fundamental da tarefa cognitiva. A aprendizagem individualizada é respeitada e levada em consideração por meio da proposição de diferentes abordagens e experiências. Embora a construção do conhecimento seja uma experiência pessoal e intransferível, o processo é social e interativo. Portanto, as metodologias visam privilegiar a aprendizagem colaborativa, valorizando o trabalho em grupo, o respeito às opiniões, a cooperação e a convivência harmônica necessárias dentro e fora da escola.
- **Estrutura curricular interdisciplinar:** com base nos conceitos adquiridos, o estudante terá condições de estabelecer interrelações entre as áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as demais áreas do conhecimento, além de atuar na realidade. O que denominamos "interdisciplinaridade" é, ao mesmo tempo, causa e efeito do processo curricular.
- **Contextualidade**: os objetos de estudo são abordados de forma contextualizada e vinculados ao cotidiano dos jovens. Para cada temática abordada, há uma problematização desencadeando o processo de contextualização, o questionamento e a motivação.
- **Relevância:** a temática tem um significado relevante para a formação do educando, que se se vê implicado nas questões referentes ao lugar em que vive e ao mundo na contemporaneidade.
- **Não seriação:** a distribuição não seriada dos conteúdos permite o desenvolvimento das competências e habilidades na forma de espiral, em consonância com o desenvolvimento global do educando.
- **Aplicação:** o currículo é desenvolvido visando à construção de conhecimentos por meio dos quais os jovens interpretam distintas situações do cotidiano e as aplicam na prática, no presente e no futuro. É fundamental que o estudante possa visualizar a aplicação

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

dos novos conhecimentos sob pena de perder o interesse pela matéria e de, consequentemente, comprometer a evolução do aprendizado.

- **Valorização e mobilização dos conhecimentos prévios:** considerando a bagagem do estudante, exploram-se os conceitos já internalizados por ele relacionados à temática que será abordada. Para isso, há propostas frequentes de formulação e comprovação de hipóteses que explicitam suas representações acerca dos temas de estudo a fim de fornecer referenciais para a mediação pedagógica do professor ao planejar, propor, realizar atividades, agrupamentos e intervenções, visando à ampliação do repertório cognitivo e conceitual do estudante.
- **Produção do conhecimento:** ocorre pelo confronto direto do estudante com a temática a ser estudada. Essa interação é desenvolvida por meio de uma linguagem científica clara e acessível, mediada pelo professor e facilitada por todos os recursos didáticos desta coleção.
- **Avaliação contínua:** a eficácia do processo pedagógico é medida pela capacidade de produção do estudante. Ela é o critério mais seguro e fundamental da avaliação. Por meio de competências, habilidades, procedimentos, atitudes e valores adquiridos, o estudante terá condições de interferir na transformação da realidade.

Competências gerais

Competências gerais da Educação Básica
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competências específicas e habilidades
Competência específica 1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
O que se pretende nessa competência é desenvolver a capacidade dos estudantes de utilizar métodos, elaborar hipóteses, compor argumentos, sistematizar dados, entre outros procedimentos relacionados à construção do conhecimento. Além disso, trata-se de formar uma visão crítica a respeito da própria ciência, tal como se constituiu historicamente, por meio de conceitos dicotômicos como modernidade/atraso, Ocidente/Oriente, civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo etc. Também faz parte das habilidades relacionadas a essa competência a análise de fontes de diversas naturezas, incluindo textos, obras de arte, mapas, vestígios da cultura material e imaterial etc. O foco dessa competência incide também no processo de tratamento da informação, mediante várias ações cognitivas que incluem a busca e levantamento de fontes de conhecimento para a abordagem de uma temática, a utilização dessas fontes e determinados contextos de aplicabilidade, bem como a análise e interpretação de dados extraídos das fontes.
EM13CHS101 Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
EM13CHS102 Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
EM13CHS103 Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
EM13CHS105 Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
EM13CHS106 [illegible] gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação [illegible] crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
Trata-se de desenvolver a capacidade de comparar e avaliar a ocupação do espaço e a formação das fronteiras, com atenção aos agentes que levam às transformações nas diversas realidades (rurais, urbanas, de zonas limítrofes etc.). Para isso, será preciso trabalhar as diferentes formas de negociações e conflitos, de igualdades e desigualdades e de inclusão e exclusão na produção do espaço. O raciocínio geográfico e estratégico e os conceitos históricos, econômicos, sociológicos e políticos devem ser trabalhados para uma compreensão complexa do território. Entre as habilidades relacionadas a essa competência também estão incluídas a de analisar dinâmicas de mobilidade de pessoas, de mercadorias e de capital, e transformações tecnológicas relacionadas ao território e ao poder que se exerce sobre ele, e a de contextualizar visões dualistas a respeito do território (como aquelas entre cidade e campo e entre nomadismo e sedentarismo).
EM13CHS201 Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
EM13CHS202 Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas e habilidades

EM13CHS203 Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

EM13CHS204 Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

EM13CHS205 Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

EM13CHS206 Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Competência específica 3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

O objetivo dessa competência é capacitar os estudantes a analisar como diferentes grupos, povos e sociedades pensam de maneira distinta os territórios. Para tanto, deverão ser consideradas suas múltiplas formas de apropriação da natureza, de organização social e política, de estabelecimento de relações de trabalho e de troca, bem como de sua cultura e linguagens. Também devem ser considerados os objetos advindos da indústria cultural, incluindo os instrumentos e as práticas próprias da publicidade e da propaganda, que atravessam a cultura contemporânea e, em particular, as culturas juvenis.
Essa competência relaciona-se com as habilidades de problematização dos hábitos socioambientais, com destaque para o combate à poluição e ao consumismo e para a análise crítica das cadeias produtivas e do papel de diferentes agentes relacionados a essas questões. Por fim, trata-se também de comparar e avaliar modelos, de forma a promover uma relação sustentável com o planeta.

EM13CHS301 Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

EM13CHS302 Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

EM13CHS303 Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

EM13CHS304 Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, [illegible] econômicas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS305 Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

EM13CHS306 Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

Competência específica 4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

O objetivo dessa competência é que os estudantes compreendam os múltiplos significados do trabalho, da estratificação social e da participação política nos diversos contextos culturais e sociais. Para isso, eles devem analisar contextualmente indicadores como os de emprego e renda, as relações entre transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e as formas de trabalho nos diferentes tempos e espaços.
Também é dada ênfase aos papéis que os seres humanos tiveram na manutenção ou resistência a determinadas formas de exploração do trabalho, bem como na proposição de alternativas aos padrões de produção vigentes em diferentes contextos espaciais, temporais e sociais.
Outro aspecto importante é a reflexão ética sobre os sentidos do trabalho em diferentes sociedades e na contemporaneidade.

EM13CHS401 Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

EM13CHS402 Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

Competências específicas e habilidades
EM13CHS403 Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
EM13CHS404 Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
Para a promoção de princípios éticos, democráticos e de respeito aos direitos humanos, é preciso formar os estudantes para compreender os contextos culturais nos quais eles foram construídos. Além disso, faz-se necessária uma abordagem com base na vida cotidiana dos estudantes, na qual eles poderão desnaturalizar condutas, costumes, desigualdades, preconceitos e as diversas formas de discriminação. Essa problematização se estende desde o contexto imediato dos estudantes até as políticas públicas de âmbito nacional e internacional. Fazem parte também das habilidades relativas a essa competência a identificação de formas de violência (física, simbólica e psicológica, por exemplo) no sentido de combatê-las, assim como a análise dos novos impasses éticos colocados pelas rápidas transformações no mundo contemporâneo.
EM13CHS501 Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
EM13CHS502 Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
EM13CHS504 Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
Competência específica 6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
Essa competência está voltada para o cumprimento de deveres pautados por princípios constitucionais da liberdade de expressão e do respeito aos direitos humanos, que demandam o estímulo à participação responsável e crítica na vida pública. Além disso, trata-se de formar os jovens para o respeito ao livre debate de ideias, para a autonomia de pensamento e para a construção de uma visão crítica da realidade. As habilidades relacionadas a essa competência enfocam ainda identificação e análise das demandas e dos protagonismos de povos indígenas, populações afrodescendentes, incluindo os quilombolas, e populações migrantes e refugiadas, considerando a dimensão histórica desses processos de inclusão pelo desenvolvimento das relações étnico-raciais brasileiras.
EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.
EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.
EM13CHS603 Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).
EM13CHS604 Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.
EM13CHS605 Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
EM13CHS606 Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A PROPOSTA DA COLEÇÃO

Livro do Estudante

Estrutura da obra e recursos

UNIDADE 1

A abertura da unidade é formada por duas páginas duplas. As duas primeiras páginas trazem uma proposta de sensibilização por meio da observação e da leitura da imagem, além da questão problematizadora – que tem por objetivo instigar e provocar os alunos a se debruçar e pesquisar, de forma investigativa, os assuntos necessários à compreensão dessa questão – e um quadro com perguntas norteadoras para a discussão do tema proposto.

As duas páginas seguintes contextualizam a situação-problema e a colocam em diálogo tanto com o tema do volume quanto com os percursos que vêm a seguir. Além disso, destaca-se o quadro **Na BNCC**, que identifica as competências e habilidades da BNCC a serem desenvolvidas na unidade.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Cada unidade tem dois percursos complementares, em que são desenvolvidos os conteúdos relacionados à problematização inicial, com textos, imagens, mapas, gráficos, obras de arte, atividades em diferentes formatos e abordagens, além das seções e dos elementos a seguir.

GLOSSÁRIO

Boxe que traz o significado de algumas palavras e expressões relevantes para a compreensão do texto, com o objetivo de ampliar o vocabulário do estudante.

Análise

Essa seção promove análises de documentos diversos (mapas, textos, imagens, gráficos, entre outros) para ampliar as formas de tratamento do tema e subsidiar distintas abordagens e interpretações.

Vozes

Nessa seção, o estudante encontra o perfil de atores sociais cuja trajetória e importância estão diretamente relacionadas ao tema trabalhado.

Boxe Conhecimentos prévios

Violência simbólica: caracteriza-se pelos mecanismos sutis que emprega e por contar com a cumplicidade de quem sofre a violência e de quem a pratica, muitas vezes sem terem a real consciência disso no processo.

Quadro com contextualização ou definição que retoma um conhecimento importante para compreender o conteúdo que está sendo desenvolvido.

Boxe Destaque

A manipulação do fogo foi uma das tecnologias fundamentais para a constituição da humanidade e um dos grandes passos rumo ao topo da cadeia alimentar. As técnicas de cozimento de alimentos duros, como grãos, a esterilização de germes e parasitas e a proteção contra outros animais foram a base do que se tornou o ápice do conhecimento técnico de nossa civilização.

Quadro que reforça um conteúdo importante para o entendimento e desenvolvimento do assunto tratado.

Prática de pesquisa

Proposta de um projeto de pesquisa científica por meio de metodologias ativas, em que os estudantes desenvolvem o protagonismo e a atitude investigativa.

#Ficaadica

Referências complementares para pesquisa ou consulta, assim como indicações de *sites*, vídeos, livros, entre outros, para ampliar o repertório do estudante.

Atividades

No fim de cada percurso há duas páginas de atividades de reflexão e de sistematização, a respeito do conteúdo estudado.

Questões de Enem e vestibulares

No fim de cada volume há uma seção de atividades do Enem e de vestibulares de acordo com os conteúdos apresentados ao longo das unidades. A indicação das alternativas corretas e comentadas estão no Manual do Professor específico.

Manual do Professor específico

Você encontrará em cada volume desta coleção um Manual do Professor específico, com subsídios importantes para ajudá-lo a:

- estruturar e montar o planejamento;
- desenvolver o programa curricular;
- promover atividades individuais e em grupo, com orientações de gestão de sala de aula, suporte metodológico e recomendações para o fazer pedagógico;
- aplicar atividades e avaliações, com orientações e respostas esperadas para as atividades propostas e gabarito comentado das questões de Enem e vestibulares.

Por meio do manual específico, você poderá ter clareza dos objetivos e justificativas para o trabalho a ser realizado em cada unidade, encontrando explicações detalhadas de como são desenvolvidas as competências gerais, as competências específicas e as habilidades da BNCC. Além disso, terá acesso a uma tabela de assuntos tratados em cada percurso, para se programar e construir o caminho que trilhará em sala de aula. O Manual do Professor específico também apresenta uma oferta diversificada de referencial teórico para consulta e aprofundamento nos temas trabalhados em cada unidade e uma apresentação gráfica convidativa para garantir uma consulta fácil e ágil em sala de aula e nos momentos de planejamento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Videotutorial

A obra é acompanhada de um videotutorial, em que são apresentados os objetivos e a estrutura dos seis volumes, oferecendo subsídios para o planejamento, a preparação e a condução das 18 unidades dentro e fora da sala de aula.

O videotutorial elucida como trabalhar cada unidade, dando informações e sugestões de abordagens dos temas que vão além do Manual do Professor. O vídeo, por se tratar de outra linguagem, também pode apresentar alguns recursos de forma mais clara e acessível.

Cronograma

A coleção foi concebida de modo a oferecer diferentes configurações de utilização durante o ano letivo e ao longo dos três anos do Ensino Médio.

Os volumes não são seriados, podendo ser utilizados livremente por estudantes e professores de todas as séries do Ensino Médio, a critério dos professores da área e em apoio ao currículo da escola.

Apresentamos as possibilidades de planejamento do curso ao longo de um ano, por meio do cronograma a seguir.

Divisão anual do curso	Utilização por unidades	Utilização por percursos	Práticas de pesquisa (uma por mês)
Bimestral	1 unidade + 1 percurso independente	3 percursos	2 práticas
Trimestral	2 unidades	4 percursos	3 práticas
Semestral	3 unidades	6 percursos	6 práticas

Quadro de conteúdos

Em consonância com a organização dos conteúdos por áreas do conhecimento, os seis volumes da coleção não têm caráter sequencial e são autocontidos. Sua divisão é temática, de maneira que todas as unidades podem dialogar entre si, independentemente do volume em que estão inseridas.

A seguir, você encontra uma breve descrição de cada unidade. As informações detalhadas estão disponíveis no Manual do Professor específico.

Unidade 1 **Que brasis formam o Brasil?**	**Objetivos** • Identificar diferentes características territoriais e socioculturais do Brasil e suas especificidades no contexto global. • Relacionar a formação da sociedade brasileira com as [illegible] paisagens. • Investigar as diversas tradições culturais e práticas de [illegible] socioambiental brasileira.	**Competências gerais:** 1, 2 e 7 **Competências específicas:** 1, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS601
Unidade 2 **O que é ser civilizado?**	**Objetivos** • Definir paisagem e civilização considerando o desenvolvimento histórico de diferentes sociedades. • Relacionar aspectos naturais e culturais na transformação das paisagens e seus impactos para a sociedade.	**Competências gerais:** 1, 2 e 9 **Competências específicas:** 1, 2 e 5 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS203, EM13CHS206 e EM13CHS502
Unidade 3 **O Estado me controla?**	**Objetivos** • Definir Estado considerando seu desenvolvimento histórico e o impacto na organização espacial e política das sociedades. • Comparar os papéis do desenvolvimento tecnológico e científico em diferentes contextos e situações. • Relacionar o papel do Estado à implementação de distintos modelos de desenvolvimento científico e tecnológico.	**Competências gerais:** 1, 4, 6, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS304, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS504 e EM13CHS603

Unidade 1 **Os direitos do trabalhador são respeitados?**	**Objetivos** • Definir Revolução Industrial e dividi-la em fases. • Reconhecer impactos da Revolução Industrial nas transformações sociais e das paisagens. • Considerar a Revolução Industrial como um dos paradigmas de construção da ideia de contemporaneidade.	**Competências gerais:** 2, 3, 4 e 5 **Competências específicas:** 2, 3, 4 e 5 **Habilidades:** EM13CHS202, EM13CHS306, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS504

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 2 **O trabalho se modifica no tempo e no espaço?**	**Objetivos** • Definir trabalho tendo em vista suas características específicas. • Relacionar trabalho e transformações das paisagens. • Reconhecer distintas formas econômicas e sociais de organização. • Comparar formas capitalistas e não capitalistas de trabalho tendo em vista seus contextos históricos e sociológicos.	**Competências gerais:** 2, 6, 8 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 4 e 5 **Habilidades:** EM13CHS103, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS403, EM13CHS503 e EM13CHS504
Unidade 3 **Por que trabalhamos?**	**Objetivos** • Descrever processos sociológicos de exploração do trabalho. • Interpretar dados e processos relacionados à organização e à exploração do trabalho. • Analisar processos de exploração do trabalho tendo em vista aspectos filosóficos e sociológicos específicos.	**Competências gerais:** 1, 2 e 6 **Competências específicas:** 1, 4 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS404 e EM13CHS606

Unidade 1 **O que é ser capitalista?**	**Objetivos** • Identificar e reconhecer processos vinculados ao surgimento e desenvolvimento das sociedades capitalistas e dos Estados. • Analisar criticamente a expansão marítima e colonial europeia. • Posicionar-se de maneira ética diante de desafios contemporâneos.	**Competências gerais:** 1, 2, 6 e 10 **Competências específicas:** 1, 2 e 4 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS201, EM13CHS204 e EM13CHS401
Unidade 2 **A memória resiste à dominação?**	**Objetivos** • Descrever os processos políticos e econômicos do imperialismo em conexão com a história das relações raciais e do racismo. • Investigar o impacto do imperialismo europeu sobre a organização geopolítica da África, da Ásia, da Oceania e da América. • Refletir sobre as sociedades e identidades que convivem no continente americano.	**Competências gerais:** 1, 3, 4, 7 e 9 **Competências específicas:** 1, 2, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS206, EM13CHS503, EM13CHS601, EM13CHS603 e EM13CHS605
Unidade 3 **Em que mundo queremos viver?**	**Objetivos** • Conhecer as guerras mundiais e o nazifascismo e analisar as estratégias geopolíticas nesses eventos. • Relacionar a Guerra Fria aos interesses geopolíticos por meio da análise de alguns de seus principais conflitos. • Analisar criticamente a globalização e as ameaças à paz mundial. • Descrever processos de uso da mídia e das redes sociais [illegible] lógicos e refletir eticamente sobre eles.	**Competências gerais:** 1, 5, 8 e 9 **Competências específicas:** 1, 2, 4 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS403, EM13CHS603 e EM13CHS604

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 1 **De onde vem a fome?**	**Objetivos** • Relacionar a fome com as questões agrárias no Brasil. • Identificar os arranjos territoriais brasileiros e sua relação com a economia agroindustrial brasileira. • Compreender a dinâmica dos problemas ambientais no campo e suas alternativas sustentáveis.	**Competências gerais:** 1, 2, 6, 7, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS202, EM13CHS206, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS303, EM13CHS304, EM13CHS306, EM13CHS601 e EM13CHS606
Unidade 2 **Somos uma democracia?**	**Objetivos** • Compreender a história da emancipação política do Brasil. • Conhecer o processo de formação do Estado brasileiro. • Relacionar a democracia com o exercício pleno da cidadania.	**Competências gerais:** 1, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS205, EM13CHS602, EM13CHS603 e EM13CHS606
Unidade 3 **Um mundo melhor é possível?**	**Objetivos** • Compreender a relação entre geopolítica e meio ambiente. • Conhecer a história das questões ambientais no Brasil. • Compreender o que é violência, sua gênese e suas marcas na sociedade brasileira. • Propor meios de combate à violência no cotidiano.	**Competências gerais:** 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS305, EM13CHS503, EM13CHS602 e EM13CHS606

Unidade 1 **Você é um cidadão global?**	**Objetivos** • Reconhecer os principais conflitos do mundo contemporâneo e relacioná-los a um contexto mais amplo. • Conhecer a função e a atuação de organismos internacionais, alianças geopolíticas, ONGs, entre outros, na política internacional. • Avaliar os impactos éticos decorrentes dos conflitos contemporâneos na organização dos espaços e das sociedades atuais, elaborando o conceito de cidadania global. • Compreender as crises humanitárias e os deslocamentos populacionais de uma perspectiva crítica e ética.	**Competências gerais:** 1, 2, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS305, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS603, EM13CHS604 e EM13CHS605
Unidade 2 **Política para quê?**	**Objetivos** • Reconhecer o processo histórico de formação política do Brasil pós-ditadura tendo em vista seus contextos específicos. • Relacionar as características do desenvolvimento político brasileiro contemporâneo às transformações sócio-espaciais mais recentes. • Avaliar o papel das recentes decisões políticas brasileiras na organização dos espaços e das sociedades atuais.	**Competências gerais:** 1, 2, 5 e 7 **Competências específicas:** 2, 3, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS203, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS304, EM13CHS403, EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS602
Unidade 3 **Por que direitos humanos?**	**Objetivos** • Valorizar os direitos humanos, conhecendo seus fundamentos históricos, filosóficos e sociais. • Analisar os desafios colocados para a defesa da dignidade humana nos contextos brasileiro e mundial contemporâneos. • Compreender a linguagem artística como expressão humana. • Identificar e problematizar diferentes movimentos artísticos, conhecendo seus contextos e formulações estéticas e políticas.	**Competências gerais:** 1, 3, 4, 7 e 8 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS205, EM13CHS303, EM13CHS502 e EM13CHS605

Unidade 1 **Existe a verdade?**	**Objetivos** • Definir ética, tendo em vista seus diversos pressupostos. • Conhecer diferentes concepções a respeito da verdade. • Conhecer e valorizar o conhecimento científico. • Observar a importância da ciência para a sociedade.	**Competências gerais:** 1, 2, 5 e 7 **Competências específicas:** 1, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS403, EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS605
Unidade 2 **Eu consigo conviver com o diferente?**	**Objetivos** • Elaborar os conceitos de identidade, diferença, diversidade e pluralidade. • Reconhecer diversas formas de discriminação e de intolerância. • Compreender eticamente, historicamente e sociologicamente o problema do racismo no Brasil. • Analisar o direito à cidade e as dificuldades para sua plena realização. • Avaliar criticamente o pensamento dualista.	**Competências gerais:** 1, 7 e 8 **Competências específicas:** 1, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS601 e EM13CHS605
Unidade 3 **O desenvolvimento sustentável é possível?**	**Objetivos** • Compreender o conceito de antropoceno. • Relacionar os problemas ambientais globais com o sistema hegemônico e de produção mundial. • Identificar o papel dos organismos internacionais e da sociedade civil na preservação do meio ambiente. • Identificar alternativas sustentáveis na relação com a natureza dos povos tradicionais. • Caracterizar os domínios morfoclimáticos brasileiros.	**Competências gerais:** 1, 2, 7, 8, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS304, EM13CHS305, EM13CHS306 e EM13CHS601

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

COMO AVALIAR?

Avaliar e autoavaliar o trabalho é um procedimento útil e necessário na atividade educativa. Reler, revisar e refazer as tarefas ajuda o estudante e o professor a compreender o que foi aprendido e o que precisa ser melhorado. Entendemos, assim, que a avaliação escolar é um processo contínuo.

Nesta coleção, o foco da avaliação do estudante é o aprimoramento de suas competências e habilidades. Por isso, é necessário que ela seja processual e contínua, privilegiando o caráter diagnóstico, a fim de adotar medidas necessárias para a eficácia da aprendizagem. Considerando que a "avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu consequente projeto de ensino" (LUCKESI, 1996, p. 71), entende-se que a avaliação não tem uma finalidade em si mas subsidia ações que visam construir um resultado previamente definido. Dessa forma, sua dimensão de análise é o desempenho do estudante, do professor e de toda a situação de ensino que se realiza no contexto escolar.

É necessário compreender o significado da avaliação como relação dialógica na construção do conhecimento, valorizando o papel mediador do professor, que deve estar consciente de como se processa sua prática avaliativa.

O aprimoramento e a sistematização dos conhecimentos sobre o desenvolvimento do estudante são imprescindíveis ao professor que atua no Ensino Médio. Esses conhecimentos vão habilitá-lo a refinar a capacidade de observação e reconhecimento dos hábitos, desejos, medos, competências, criatividade, formas de relacionamento e dificuldades do jovem.

Como o ensino-aprendizagem é um processo que provoca modificações tanto no estudante como no professor, a avaliação deve ser feita para acompanhar e revelar o crescimento cognitivo dos jovens, em um contexto abrangente, não se restringindo às medições estritamente quantitativas da aquisição de conhecimento. A prática avaliativa deve atuar como estimuladora da autonomia e como fonte de reflexão sobre os caminhos percorridos, podendo, dessa maneira, contribuir para o pleno desenvolvimento social, ético e intelectual do jovem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A avaliação, muitas vezes, exige uma mudança de postura, uma quebra de paradigmas, no sentido de descrever uma atitude voltada para o diálogo, não apenas como um momento de conversa mas também como uma relação de troca que considera o conhecimento como a apropriação do saber tanto pelo estudante como pelo professor, resultando num conhecimento aprimorado e carregado de significados.

Uma vez entendido como um recurso de aprimoramento de indivíduos, o processo avaliativo deixa de ser imposição e passa a ser um ato partilhado e construtivo. Ele deverá ser contínuo, sistemático e cumulativo ao longo do período letivo, de acordo com os objetivos relacionados aos diversos conteúdos. É importante que a avaliação seja feita por meio de indicadores qualitativos, que em geral exigem mais atenção do professor por estarem relacionados a processos e situações de sala de aula que não são facilmente mensuráveis.

Ao avaliar, você não pode perder de vista as interações do jovem com o meio, com os colegas e com os adultos, nem as crenças e os valores que ele traz do grupo social em que está inserido. Essa percepção deve permear sua prática educativa, ajudando a dar sentido à aprendizagem.

As atividades em grupo propostas na coleção constituem ótimas oportunidades para a avaliação. Bem-sucedidas, elas podem criar nos estudantes um sentimento de pertencimento e de realização, e desenvolvem o espírito do trabalho em equipe, de cooperação. Dessa maneira, é possível observar e avaliar o desenvolvimento de capacidades não só intelectuais mas também afetivas, motoras, de inserção social, interação pessoal, liderança, ética e estética.

As atividades individuais, como registros relativos ao processo de aprendizagem, devem ter um enfoque regulador da avaliação, uma vez que explicitam os processos em desenvolvimento, possibilitando o acompanhamento das aquisições e necessidades de cada estudante.

As avaliações externas, por meio de testes padronizados, visam ao monitoramento da educação e são focadas no que diz respeito ao controle dos resultados. Para tanto, a escola é obrigada a repensar suas práticas pedagógicas, o currículo e seus instrumentos de avaliação, entre outros pontos, uma vez que é a todo momento pressionada a desenvolver atividades que possam ir ao encontro da necessidade dos estudantes de apresentar bons resultados nas avaliações em larga escala. Entretanto, pautada pela imposição constante de melhores resultados e da competitividade, interfere de modo direto no movimento interior da escola.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Contudo, as escolas devem conciliar instrumentos diversificados em seus modelos avaliativos, para garantir uma avaliação que possa atingir seu objetivo principal: possibilitar que os alunos tenham materializado o direito de conhecer e interpretar o mundo que os cerca, dialogando com ele.

Enfim, a avaliação deve ser compreendida como um processo comprometido com a regulação e o acompanhamento do trabalho pedagógico, cujo objetivo é a garantia da aprendizagem de todos e de cada um.

Diversidade de formas e de instrumentos de avaliação

Os instrumentos de avaliação, de acordo com as atividades, devem ser, na medida do possível, bem diversificados. Além da tradicional prova escrita, outras formas mais interessantes e eficazes são propostas: pesquisas, estudo dirigido, desenvolvimento de projetos, apresentação de trabalhos, produção de textos, criações artísticas, realização de experimentos, entrevistas, seminários, elaboração de mapas, projeção de simulações, montagem de gráficos, participação em debates, solução de problemas, campanhas comunitárias, ajuda aos colegas e apresentação de propostas.

A avaliação deve ser inspirada em uma pedagogia da produtividade e consequente prazer de aprender e ensinar, fatores relevantes de autoestima. Afinal, é necessário gerar no estudante uma sensação de crescimento e de valor pessoal.

No final do programa curricular, uma avaliação global do desenvolvimento dos estudantes, levando-se em conta todos os objetivos para o período, pode subsidiar o planejamento da continuidade dos trabalhos no próximo ciclo, ao mesmo tempo que oferece aos estudantes e familiares uma síntese dos progressos individuais alcançados. Essa avaliação global deve ser constituída de uma análise criteriosa do processo vivenciado pelo estudante durante o ano, de forma individual e em relação ao convívio coletivo, com base nos registros e nos diversos instrumentos utilizados.

Avaliar e ser avaliado a todo o momento é um componente social de todas as relações. Na escola não pode ser diferente, pois a avaliação desempenha papel capital, constituindo-se ponto nevrálgico do processo pedagógico.

REFERÊNCIAS COMENTADAS

ALMEIDA, Fernando José de; FRANCO, Monica Gardelli. *Avaliação para a aprendizagem:* o processo avaliativo para melhorar o desempenho dos alunos. São Paulo: Ática, 2008. (Série Educação em ação).

Nesse livro, a teoria e a prática sobre avaliação para a aprendizagem são combinadas. Do ponto de vista teórico, a obra reflete por que se avalia, quais as condições necessárias para uma boa avaliação e o que é a avaliação eficaz. No campo da prática, orienta no direcionamento do trabalho desenvolvido em sala para que a avaliação seja, efetivamente, um instrumento pedagógico voltado à aprendizagem.

ANDRÉ, Claudio F. O pensamento computacional como estratégia de aprendizagem, autoria digital e construção da cidadania. *TECCOGS*, São Paulo, n. 18, p. 94-109, jul./dez. 2018.

Artigo que permite conhecer melhor as potencialidades do pensamento computacional na educação, abordando conceitos e formas de aprendizagem que podem ser desenvolvidos nesse campo.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico:* contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Obra que discute como se constrói o conhecimento científico e a forma de pensar questionadora que caracteriza essa construção. Aborda o aprendizado da ciência tanto do ponto de vista de sua epistemologia quanto em suas dimensões psicológica e pedagógica.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Nesse livro, [illegible], o teórico da cultura desenvolve sua concepção dialógica da linguagem, por meio da análise de textos literários, com atenção às inter-relações entre seus múltiplos sujeitos.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude:* conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Livro composto por 20 capítulos com temas diversos, fruto do diálogo entre o sociólogo Zygmunt Bauman e o editor Riccardo Mazzeo. O livro aborda o papel da educação na sociedade contemporânea, com reflexões que envolvem a indústria cultural, o consumismo e outras questões contemporâneas ligadas às experiências das juventudes.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Esse livro aborda os principais conceitos e debates da sociologia contemporânea. Os autores analisam questões como a liberdade do indivíduo na sociedade, a formação das identidades e as relações de poder, buscando a construção de um olhar sociológico sobre a realidade.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 jun. 2020.

A BNCC é um documento com diretrizes e conteúdos para normatização do ensino nas escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Foi desenvolvida para orientar professores e coordenadores de escolas de Educação Básica. A BNCC do Ensino Médio deve ser adotada por todas as escolas até 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CNE/CEB nº 5, de 4 de maio de 2011*. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&category_slug=maio-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 5 jun. 2020.

Documento oficial que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018*. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2018b. Disponível em: http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf. Acesso em: 8 jan. 2020.

Documento que apresenta as diretrizes curriculares para o ensino nas escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, elaborado para orientar professores e coordenadores. A BNCC do Ensino Médio deve ser universalmente adotada até 2022.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Mauricio Rodrigues de. *Bullying* e preconceito: a atualidade da barbárie. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100214&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 jul. 2020.

Artigo que discute conceitualmente os fenômenos relacionados à violência em contexto escolar conhecidos como *bullying*, chamando atenção para a necessidade de sua desnaturalização, em perspectiva crítica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

DONATONI, Alaíde Rita (org). *Avaliação escolar e formação de professores*. Campinas: Alinea, 2010.
Coletânea de textos que ajuda a relacionar a avaliação à formação de professores, com um olhar crítico sobre uma prática que ainda necessita ser atualizada em sala, sob o risco de prejudicar o processo de ensino e aprendizagem, em vez de promovê-lo.

ESTANISLAU, Gustavo; BRESSAN, Rodrigo (org.) *Saúde mental na escola:* o que os educadores devem saber. São Paulo: Artmed, 2014.
Esse livro, em que são abordadas questões sobre a saúde mental de crianças e adolescentes, está repleto de dicas e exemplos que auxiliarão os profissionais da educação na compreensão de questões de saúde mental na escola e em como lidar com elas.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade:* história, teoria, pesquisa. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005.
A autora busca organizar estudos acerca da interdisciplinaridade desenvolvidos desde a década de 1970, com o intuito de corroborar com a produção de saberes novos/velhos na área da educação.

FERNANDES, Claudia de Oliveira (org). *Avaliação das aprendizagens:* sua relação com o papel social da escola. São Paulo: Cortez, 2014.
Na sociedade contemporânea, a visão dos processos avaliativos ainda está apoiada em concepções quantitativas e conteudistas. Para avançar nessa questão, a obra questiona e desafia os professores da Educação Básica a repensar suas práticas.

FONT, Joan N.; RUFÍ, Joan V. *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2006.
Utilizando os instrumentos que a nova Geografia Política oferece, os autores analisam temas essenciais da Geografia contemporânea e o fenômeno da globalização.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
Livro clássico sobre a dimensão cultural da colonização europeia e da criação de sociedades mestiças no Novo Mundo. A obra analisa a trajetória colonial do México e permite refletir conceitualmente sobre as relações de poder no contato entre diferentes culturas.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
Coletânea de artigos na qual o historiador reflete sobre diversas questões relacionadas às tarefas de escrever e ensinar a história. Dentre os temas abordados estão a memória coletiva, as identidades e as relações de poder.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação:* mito & desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1990.
A autora apresenta a sua teoria de avaliação mediadora e desafia o mito da avaliação classificatória. Assim, ajuda a ressignificar essa prática como acompanhamento da construção do conhecimento dos estudantes. Para isso, apresenta exemplos de situações vividas nas escolas.

KELLAGHAN, Thomas; GREANEY, Vincent. *Uso dos resultados da avaliação do aproveitamento escolar*. Rio de Janeiro: Campus, 2009. v. 5.
Como transformar as conclusões extraídas das avaliações de aproveitamento escolar em políticas e práticas educacionais satisfatórias para o aprendizado dos alunos? Essa questão é o ponto de partida dos autores, que refletem sobre os subsídios que tornam uma avaliação eficaz.

KLEIMAN, Angela. *Leitura e interdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
Com o objetivo de apresentar propostas para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, o livro coloca como atividade central a leitura, acompanhada dos subsídios teóricos que a sustentam, dos modos de desenvolvê-la e de alguns exemplos.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-RJ, 2006.
Nessa obra, o historiador debate a formação de um tempo histórico específico da modernidade, que articula passado, presente e futuro com base na concepção de um tempo inédito. Entre as discussões mais importantes estão aquelas sobre a história do conceito de revolução e sobre as relações entre espaços de experiência e horizontes de expectativa.

LACOSTE, Yves. *A geografia:* isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1988.
Nessa obra clássica, o geógrafo faz uma contundente análise das relações de poder que são inseparáveis da formação e do desenvolvimento do campo disciplinar da Geografia. Seus questionamentos se dirigem às funções políticas e militares do conhecimento geográfico bem como à falta de debates epistemológicos que permitam a construção de uma geografia crítica.

LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza:* como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.
O livro discute em termos epistemológicos e políticos os desafios colocados à ciência do século XXI em razão das crises ecológicas e das dificuldades na construção de sociedades democráticas, que demandam um novo entendimento sobre as relações entre seres humanos e natureza.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
O livro analisa as diversas epistemologias construídas sobre o corpo pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e pelas Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Dessa maneira, constrói um diálogo interdisciplinar que permite refletir sobre o corpo humano na interface entre o cultural (antropológico e sociológico) e o biológico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
O livro analisa em profundidade alguns conceitos fundamentais ligados à construção do conhecimento histórico. Além de conceitos como história, memória, decadência, calendário, também são investigadas algumas das polaridades que organizam o tempo histórico, como passado/presente, progresso/reação e documento/monumento.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar:* estudos e proposições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
O livro apresenta diversos estudos relacionados à avaliação da aprendizagem escolar e orienta sobre como torná-la um instrumento viável e construtivo. Uma obra direcionada a educadores e a estudantes de cursos de Pedagogia e licenciaturas.

MAGER, Robert F. *A formulação de objetivos de ensino*. Porto Alegre: Globo, 1976.
O autor defende, nesse livro, a ideia de que os problemas de desempenho escolar podem ser resolvidos, com frequência, se associarmos adequadamente às situações os conhecimentos científicos resultantes do estudo do comportamento humano.

MALAVASI, Maria Márcia Sigrist; FREITAS, Helena Costa Lopes de; SORDI, Mara Regina Lemas de. *Avaliação educacional:* caminhando pela contramão. São Paulo: Vozes, 2012.
Os processos de avaliação em três níveis são abordados pela obra: a avaliação de sistemas (ou de redes), a avaliação institucional e a avaliação do professor em sala de aula.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita:* repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
A obra propõe uma mudança de paradigma na forma como construímos o conhecimento sobre o mundo. Trata-se de uma das referências mais importantes no debate contemporâneo sobre complexidade e interdisciplinaridade na construção do conhecimento, inclusive na educação escolar.

MORIN, Edgar. *A via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
Essa obra discute as perspectivas desoladoras da sociedade global do início do século XXI, buscando caminhos para enfrentar os grandes problemas atuais. Para tanto, o autor desenvolve os conceitos de sua proposta de reforma do pensamento, que parte do reconhecimento de seu caráter complexo e interdisciplinar.

NÓVOA, António (org.). *Avaliação em educação*: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, 1999.
António Nóvoa faz uma avaliação de seu percurso no campo da História da Educação e oferece pistas para analisar a escola contemporânea e o traçado por ela desenhado com vistas ao futuro.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.
O livro analisa a construção do discurso, tecendo reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. *A avaliação da aprendizagem na Escola da Ponte*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
Instituição pública de Portugal, a Escola da Ponte promove, desde 1976, uma forma de aprendizagem fundamentada na autonomia do estudante e na relação solidária com seus pares e comunidade. Nesse livro, o idealizador da Escola da Ponte compartilha seu pensamento sobre como se processa a avaliação e a sua influência na forma como a aprendizagem acontece.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação:* da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.
O autor mostra a complexidade do problema da avaliação, o qual se deve à diversidade das lógicas em questão, a seus antagonismos, ao fato de que a avaliação está no âmago das contradições do sistema educativo e, constantemente, na articulação da seleção, da formação, do reconhecimento e da negação das desigualdades.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
O livro é uma importante referência na educação por competências, concepção que tem sido adotada pelos sistemas de ensino no Brasil e no mundo. A interdisciplinaridade, as estruturas curriculares, entre outros temas são debatidos numa obra cujo eixo central é o desenvolvimento de competências como base de uma nova educação.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança:* metamorfose da ciência. Brasília: UnB, 1991.
Nessa obra, os autores propõem transformações no desenvolvimento da ciência no sentido da construção de paradigmas complexos e interdisciplinares.

PROST, Antoine. Os tempos da História. *In*: PROST, Antonie. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
O capítulo analisa a história do tempo como construção social, incluindo a trajetória dos calendários nas épocas antiga e medieval, bem como o surgimento de um conceito de tempo inédito, específico da modernidade. Discute ainda os procedimentos que os historiadores adotam para trabalhar com o tempo social.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
Nessa obra clássica, o antropólogo debate o conceito de cultura como simbolização, contrapondo-se às visões puramente utilitárias da dimensão cultural das práticas humanas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que avaliar? Como avaliar?:* critérios e instrumentos. Petrópolis: Vozes, 2014.
Quando o assunto é avaliação, a formação dos professores ainda não está sintonizada com as necessidades dos jovens, do dia a dia da escola e das questões que permeiam o século XXI. A obra ajuda a repensar práticas e a transformar a avaliação escolar numa ferramenta mais justa e criativa.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1994.
O livro discute os desafios colocados à sociedade contemporânea diante da crise da modernidade e de seus paradigmas. Entre os temas debatidos estão a consciência política, a ética, a educação e a utopia, os paradigmas da modernidade e a crise que caracteriza a pós-modernidade.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo:* globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Edusp, 2008.
Numa série de ensaios, o geógrafo discute conceitos e métodos para a compreensão da globalização e de suas dinâmicas. São abordadas as novas contradições na organização do território e as novas características da urbanização.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI:* no *loop* da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
No livro, o historiador analisa as rápidas transformações tecnológicas, culturais e sociais do mundo contemporâneo, abordando a passagem do século XX para o século XXI. Os novos desequilíbrios e conflitos globais, os impactos de tecnologias ligadas à revolução microeletrônica e as questões ambientais e éticas da sociedade contemporânea estão entre os temas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade:* uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
Livro que analisa a história das diferentes teorias a respeito do currículo escolar, refletindo sobre o saber, o poder e as identidades ao longo dessa trajetória.

STOPPINO, Mario. Poder. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: UnB, 1998.
Verbete sobre poder no mais renomado dicionário de política, elaborado por diversos autores, principalmente das áreas de Ciência Política e Filosofia. Assim como os demais verbetes, o conceito é discutido tanto em sua gênese histórica, quanto em sua pluralidade de usos e implicações nas teorias políticas contemporâneas.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
Reunião de alguns dos principais ensaios do psicólogo Lev Vygotsky. Sua psicologia do desenvolvimento analisa os processos cognitivos na construção do conhecimento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME

Este volume aborda o trabalho, a produção e o cotidiano sob perspectivas diversas, desde o conhecimento de formas não capitalistas, as transformações históricas, até questões contemporâneas referentes à desregulamentação, à precarização e à mudança de paradigma tecnológico relacionada a uma Quarta Revolução Industrial.

O tema "Trabalho", central nas Ciências Humanas, constitui um objeto de estudo importante nas diferentes disciplinas da área. Neste volume, os estudantes aprendem definições e abordagens distintas a respeito do trabalho por meio do estabelecimento de relações com diversas culturas e estruturas econômicas, incluindo o impacto das Revoluções Industriais nos séculos XIX e XX e a reorganização do mundo do trabalho no século XXI.

São desenvolvidas também reflexões éticas sobre o trabalho e o modo que a visão capitalista transforma a natureza, produzindo diferentes significados culturais para o espaço geográfico e o tempo histórico no mundo contemporâneo.

Objetivos

- Identificar e comparar diferentes definições de trabalho em distintos contextos históricos, econômicos e culturais, em sociedades capitalistas e não capitalistas.
- Desenvolver o conceito de trabalho com base em abordagem interdisciplinar e pela análise de múltiplas situações, em diferentes épocas e lugares, dialogando com as experiências e expectativas dos estudantes relacionadas ao mundo do trabalho.
- Analisar a transformação nas relações de trabalho do mundo contemporâneo e as mudanças associadas com a aplicação de novas tecnologias e com dinâmicas sociais, políticas e culturais.
- Associar trabalho com sistemas econômicos e exploração humana.
- Compreender a divisão social do trabalho em termos históricos e sociológicos.
- Refletir sobre [illegible] base em princípios éticos, democráticos, inclusivos e de respeito a[illegible] Direitos Humanos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Justificativa

O jovem que cursa o Ensino Médio encontra-se num momento peculiar de sua trajetória de vida, e as decisões a respeito do futuro pessoal e profissional são parte de suas inquietações e dilemas. A compreensão do conceito de trabalho por meio de análises que o contextualizam no tempo, no espaço e em múltiplas situações específicas ajuda o estudante a visualizar melhor a realidade complexa na qual exercerá protagonismo.

A análise das transformações atuais no mundo do trabalho é importante para a formação dos estudantes, que podem se apropriar dos conhecimentos e métodos das Ciências Humanas para compreender a complexidade dos problemas dos trabalhadores da atualidade. Questões cruciais como desemprego, informalidade, perda de direitos trabalhistas conquistados por meio de lutas históricas, impactos da aplicação de novas tecnologias nas relações de trabalho, profundas desigualdades no acesso a oportunidades de emprego e a recorrência de formas de exploração como o trabalho infantil e em condições análogas à escravidão.

UNIDADE 1 Os direitos do trabalhador são respeitados?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
1 As revoluções industriais	• Os impactos das revoluções industriais na organização do trabalho • Antigo Regime e Liberalismo • A Era das Revoluções: origens e características • Sistema artesanal e sistema manufatureiro: características • O sistema de fábricas e suas características • O pioneirismo inglês no processo de industrialização • Submissão e resistência das classes trabalhadoras às transformações industriais • A Revolução Industrial e suas fases • 4.0 – O que é a 4ª Revolução Industrial e como ela deve afetar nossa vida • Impactos das Revoluções Industriais	• Ciência e Tecnologia • Educação em Direitos Humanos • Direitos da Criança e do Adolescente
2 Os trabalhadores e seus direitos	• Formas de organização produtiva e sua relação com o desenvolvimento capitalista • Os trabalhadores e seu protagonismo na produção industrial • Direitos trabalhistas • As condições de vida dos trabalhadores • Formas de resistência à exploração • As teorias comunistas, socialistas utópicos, liberais e anarquistas • Os movimentos de contestação ao poder: a Comuna de Paris • As organizações de luta dos trabalhadores no século XIX na Europa • As formas de organização de luta e as conquistas dos trabalhadores no Brasil ao longo do século XX • As conquistas trabalhistas nos séculos XIX e XX na [illegible]	

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objetivos

- Definir Revolução Industrial e analisar suas fases de acordo com critérios econômicos e tecnológicos.
- Reconhecer as distintas fases da Revolução Industrial considerando suas características e seus impactos nas transformações sociais e das paisagens.
- Entender a Revolução Industrial como um dos paradigmas de construção da ideia de contemporaneidade.
- Refletir de maneira ética, responsável e comprometida sobre os Direitos Humanos, no que diz respeito aos problemas atuais dos jovens que ingressam no mercado de trabalho por meio da análise de situações diversas.
- Reconhecer o protagonismo dos trabalhadores na história da luta por direitos, em especial aqueles relacionados à limitação de jornadas, à melhoria de salários, à conquista de benefícios e a diversas formas de regulamentação do Estado.

Justificativa

A análise das diversas formas de **estratificação social** e de **produção de paisagens**, anteriores àquelas da sociedade industrial, possibilita o desenvolvimento de aprendizagens sobre as transformações sociais no tempo e no espaço. O estudo do **capitalismo contemporâneo** focaliza uma forma específica de estratificação, que envolve historicamente a espoliação e proletarização dos produtores, a concorrência entre os indivíduos no mercado de trabalho, a disciplinarização da classe trabalhadora e os conflitos de classe que marcam a história dos movimentos operários e dos direitos trabalhistas. Ao expropriar definitivamente os produtores diretos, a Revolução Industrial destruiu formas de trabalho até então dominantes, o que levou ao colapso gradual do artesanato e da produção manufatureira, por exemplo.

O estudo da **Revolução Industrial em suas diferentes fases** e a reflexão sobre seus impactos ambientais, socioeconômicos, políticos, culturais, éticos e cotidianos ajudam o estudante a compreender as relações entre trabalho e capital na atualidade, além do papel crucial da industrialização para a formação do espaço urbano-industrial do mundo contemporâneo – marcado pela urbanização pelo rápido crescimento demográfico e por inovações técnicas e científicas de grande impacto na vida humana.

Os conhecimentos sobre os mundos do trabalho são muito importantes para a formação dos jovens em relação ao exercício do **protagonismo na sociedade**, visto que estão em vias de ingressar num mercado de trabalho em rápida transformação, que demanda compreensão complexa dessa realidade e reflexão sobre questões éticas e políticas relacionadas a ela. Entre outras questões, são abordadas a precarização, a perda de direitos via reformas e as mudanças tecnológicas que têm servido para justificar essas perdas. Ao estudar as **conquistas dos trabalhadores ao longo da história**, o estudante percebe que direitos são conquistados e pessoas de diversas gerações lutaram para que gozemos dessas conquistas, hoje ameaçadas.

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Competências gerais:
2, 3, 4 e 5

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:
2, 3, 4 e 5

Habilidades:
EM13CHS202, EM13CHS306, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS504

Competência de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: 1

Competência de Linguagens e suas Tecnologias: 1

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 2: é trabalhada por meio do desenvolvimento das atividades que envolvem pesquisa, reflexão, análise crítica, imaginação e criatividade para a compreensão dos problemas relacionados à estratificação social, às lutas sociais e à conquista e efetivação de direitos. Ao longo da unidade, o estudante é estimulado a investigar causas, formular hipóteses e propor respostas e soluções para graves problemas sociais e ambientais contemporâneos, como a reconfiguração tecnológica do trabalho e as ameaças de perda de direitos e garantias pelos cidadãos.

Competência geral 3: desenvolvida quando são observadas e valorizadas manifestações artísticas e culturais relacionadas ao tema do trabalho, incluindo a forma pela qual diferentes sociedades expressaram culturalmente suas concepções de estratificação social, bem como as críticas a essas concepções, principalmente no que diz respeito aos problemas sociais do mundo capitalista.

Competência geral 4: contemplada quando os jovens empregam conhecimentos de linguagens artísticas, filosóficas, jornalísticas e científicas para compartilhar informações, ideias e experiências. Em especial, nas diversas atividades que envolvem a leitura de charges, pinturas, fotografias e várias fontes escritas, para assim compreender o significado dos processos de trabalho e das condições de vida dos trabalhadores em diferentes contextos históricos.

Competência geral 5: é desenvolvida nas diversas atividades que envolvem pesquisa na internet, como as relacionadas ao trabalho infantil, ao desemprego no Brasil contemporâneo e à condição da mulher trabalhadora na atualidade. Essas atividades propiciam uma prática crítica e reflexiva do uso das tecnologias digitais de maneira que os estudantes aprendam a utilizá-las com responsabilidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 2: os estudantes são levados a analisar os diferentes tempos e espaços da estratificação social, dos conflitos de classes e de diversas formas de desigualdade, exclusão e exercício arbitrário do poder que marcam a história do capitalismo no Brasil e no mundo.

Competência específica 3: o trabalho com as relações de produção, distribuição e consumo, relacionadas a seus impactos econômicos e socioambientais, são parte essencial da história das revoluções industriais. Na unidade, a consciência socioambiental é objeto de aprendizagem, em relação com as transformações técnicas e econômicas ligadas à dinâmica das sociedades industriais.

Competência específica 4: as relações de produção e as transformações nas dinâmicas do capital e do trabalho são estudadas em diferentes períodos e em diversos territórios, contextos e culturas, tendo como eixos analíticos a estratificação social ao longo da história, a trajetória dos direitos dos trabalhadores nos últimos dois séculos e o papel do capitalismo industrial na formação do mundo contemporâneo.

Competência específica 5: desenvolvida quando são identificados e analisados problemas do mundo contemporâneo relacionados à desigualdade e à violência, incluindo desde a pauperização sob a Revolução Industrial até a repressão à organização e luta dos trabalhadores durante o Regime Militar no Brasil. Em diversos momentos, o jovem poderá visualizar esses problemas sociais de maneira a exercer seu protagonismo com base em princípios éticos, inclusivos, democráticos e de respeito aos direitos humanos.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS202: desenvolvida na análise e avaliação dos impactos de transformações tecnológicas em diversas sociedades e na trajetória de seus grupos sociais. O estudo das revoluções industriais propicia essas aprendizagens também no que diz respeito à análise de interferências em decisões

de caráter político, econômico, social e ambiental, já que são problematizadas as relações de poder nas sociedades industriais.

EM13CHS306: a unidade possibilita a contextualização e avaliação de diversos modelos socioeconômicos, com ênfase nas relações de trabalho e nas formas de transformação da natureza por meio de processos artesanais, manufatureiros e industriais. Também é abordada a gênese de teorias sociais como o liberalismo, o socialismo, o comunismo e o anarquismo, o que proporciona a comparação entre os modelos de sociedade inspirados nessas ideias.

EM13CHS404: a habilidade é contemplada na abordagem dos desafios colocados aos jovens na sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito aos impactos de transformações técnicas ligadas à dinâmica da sociedade industrial e às reconfigurações dos mundos do trabalho.

EM13CHS502: esta unidade problematiza o trabalho em constante diálogo com as situações da vida cotidiana, analisando os estilos de vida, valores e comportamentos presentes na realidade do estudante, para que sejam desnaturalizados problemas como as desigualdades sociais e o desrespeito aos direitos humanos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS504: também é contemplada a análise dos impasses ético-políticos decorrentes das transformações relacionadas às revoluções industriais e a seus desdobramentos, inclusive nas atitudes e valores de diferentes setores da sociedade. Essas transformações são o tema central da unidade, possibilitando que esse aprendizado abarque as múltiplas dimensões da vida humana.

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Competência específica 1: é desenvolvida quando o estudante analisa as mudanças climáticas recentes, pesquisa novas fontes de energia e as interações entre as sociedades e o meio ambiente, e propõe melhorias nas condições de vida, relacionadas especialmente à postura diante das alterações globais provocadas pelos modelos industriais de desenvolvimento dos últimos séculos.

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 1: é contemplada nas diversas atividades que envolvem leitura e análise de imagens e textos artísticos e consequente reflexão a respeito deles, de maneira a formar o estudante como receptor/produtor dessas linguagens. O desenvolvimento dessa competência perpassa o estudo das transformações da organização do trabalho (artesanal, manufatureiro e fabril) e das condições de trabalho ao longo das revoluções industriais, já que a aprendizagem das Ciências Humanas é desenvolvida por meio da análise de diferentes linguagens artísticas, como pintura, gravura, litografia, charge, ilustração e poesia, entre outras.

Perfil do professor

A unidade poder ser trabalhada pelo professor de **História**, que desenvolverá a análise das transformações no mundo do trabalho desde a Antiguidade até os dias de hoje, abordando de maneira integrada aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais dessas mudanças.

A formação em **Geografia** também é adequada, em especial pela abordagem do capitalismo e do trabalho da perspectiva das interações entre seres humanos

e natureza, do surgimento de paisagens transformadas pelas tecnologias industriais, como as grandes metrópoles, e dos impactos ambientais do industrialismo moderno.

A área de **Sociologia** também pode ser desenvolvida por meio do estudo do mundo do trabalho, que analisa as diferentes formas de estratificação social, os conflitos de classe e os processos culturais e cognitivos ligados ao conceito de alienação.

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 8–9

As problematizações iniciais servem para que os estudantes visualizem o trabalho com base em suas vivências e conhecimentos prévios, possibilitando também uma avaliação diagnóstica desses conhecimentos. A unidade aborda os direitos do trabalho em perspectiva histórica, desenvolvendo conceitos como o de "Estado democrático de direito", além da análise de formas de luta, estratégias e visões de mundo do movimento operário. Parta da questão problematizadora: "Os direitos do trabalhador são respeitados?" para introduzir o tema dos direitos trabalhistas e levantar os conhecimentos prévios dos estudantes. Faça um debate para que exponham suas opiniões a respeito.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Organize um debate mediado sobre a realidade do trabalho, situando transformações e conflitos contemporâneos que fazem parte da realidade dos estudantes com base em suas vivências e percepções. Desenvolva a problematização sem uma preocupação em definir os conceitos, procurando apenas fazer uma primeira abordagem do trabalho com base no que os estudantes já conhecem e em suas expectativas de integração na vida profissional.
2. Utilize o debate para definir os direitos trabalhistas como limites colocados pelo Estado à exploração do trabalho, situando que na ausência dessas legislações o trabalho é possível, mas em condições precárias. Jornadas intermináveis, salários que não pagam nem a alimentação e a moradia, formas de trabalho análogas à escravidão, entre outros problemas, estão historicamente relacionados à ausência de limites ao trabalho por parte do Estado. Nessa questão, é importante ressaltar que o papel dos direitos trabalhistas é assegurar esses limites numa relação estruturalmente desigual entre empregadores e empregados.
3. Aproveite o questionamento para fazer uma avaliação diagnóstica do conhecimento dos estudantes a respeito da história dos direitos trabalhistas, mediando o debate de forma que eles visualizem esses direitos como resultado de mobilizações de trabalhadores em diferentes épocas, de maneira a impor limites ao trabalho. Não é preciso desenvolver a análise dessa trajetória, que será feita ao longo da unidade.

Página 10

Revoluções do capital e do trabalho

Nesse momento, é importante introduzir os problemas referentes às desigualdades sociais no mundo contemporâneo, relacionando os direitos dos trabalhadores com problemas como a fome, a miséria, a falta de moradia e de acesso a serviços como saúde e educação.

Página 11

Respostas

Oriente sobre a análise da charge de maneira a construir a ideia de direitos trabalhistas como uma proteção que, ao deixar de existir, dá todo poder ao empregador para aumentar jornadas, reduzir salários, limitar benefícios, entre outras formas de exploração do trabalhador.

1. A mensagem do artista é que os direitos trabalhistas representados pela carteira de trabalho são uma proteção dos trabalhadores. Porém atualmente esse direito se encontra ameaçado pela opção que os empregadores têm de adotar novas formas de contratação, principalmente após a reforma das leis trabalhistas, em 2017. Na charge, o artista critica o discurso dos empresários de que, para conseguir emprego, os trabalhadores deveriam abrir mão dos direitos que conquistaram ao longo do século XX. A falácia desse discurso está no fato de que a riqueza produzida pelo trabalho é mais do que suficiente para suprir as garantias de vida digna para os trabalhadores. O que os

empregadores querem evitar é a diminuição de seus lucros, que concentram boa parte dessa riqueza. A questão é útil para desenvolver conceitos como os de trabalho, salário, lucro e direitos.

2. Resposta pessoal. Oriente a discussão de modo que os estudantes compreendam os discursos difundidos na atualidade e quais são suas reais intenções. Nesse momento, é oportuno inserir o conceito de empreendedorismo e discutir as falácias que o acompanham.

Percurso 1

As revoluções industriais

Página 12

O percurso apresenta a Revolução Industrial, importante processo que teve início no século XVIII, na Europa, quando passou a predominar a produção por meio de máquinas, em fábricas, com o emprego de trabalhadores assalariados. Esse processo, de acentuada visibilidade na Inglaterra, conheceu desdobramentos na Europa, em um primeiro momento e, em seguida, na América (Estados Unidos) e na Ásia (Japão), para então se espalhar por todos os continentes, convivendo com formas variadas de economia e de trabalho, não necessariamente industriais.

O conceito central é o de "direitos trabalhistas", que requer o entendimento tanto dos conceitos de direito, lei e constituição quanto das relações de trabalho (exploração, salário, desemprego, mercado de trabalho, disciplina, lutas operárias etc.).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Liberalismo × Antigo Regime

Construa os conceitos de Antigo Regime e de liberalismo com os estudantes por meio da distinção fundamental entre esses paradigmas de organização política e social: de um lado, a sociedade de ordens, de outro, a sociedade de indivíduos.

No Antigo Regime, cada pessoa tinha direitos e privilégios específicos, que eram hereditários e vinculados a corporações. O ideal de sociedade era que um filho de nobre seria necessariamente nobre, não importa o que fizesse, enquanto um filho de plebeu nunca poderia deixar de ser plebeu. O direito era baseado na ideia de que as pessoas são desiguais por natureza, e os reis e as nobrezas eram considerados superiores. Ao mesmo tempo, instituições como a Igreja Católica e as corporações (de trabalhadores, de militares etc.) eram regidas por leis próprias, que não eram as mesmas que se aplicavam às demais pessoas.

No liberalismo existem constituições que afirmam que todos são iguais perante a lei, e as desigualdades não são justificadas como diferenças naturais entre as "ordens" e "corporações" da sociedade, mas sim com base em ideias de meritocracia. O direito se sustenta na ideia de que não existem direitos separados para a "ordem" dos nobres, a dos plebeus e a dos clérigos, mas sim um único sistema de leis que rege a vida de todos. Com isso, a Igreja perdeu muitos de seus poderes e privilégios e as corporações foram extintas, dando lugar a regimes políticos representativos, baseados em eleições e na ideia de cidadania. Apesar de algumas mudanças, as desigualdades sociais continuaram profundas, já que um dos pilares do liberalismo é a defesa da propriedade e da herança, de maneira que a "abertura ao talento" é limitada em termos de mobilidade social e de igualdade de oportunidades entre os cidadãos, a não ser que seja complementada com políticas de combate às desigualdades.

Análise: Tolerância e respeito

Respostas

1. Segundo Locke, o Estado democrático visa ao estabelecimento da conservação e do avanço dos direitos civis, entre os quais a "posse de bens exteriores, tais como o dinheiro, as terras, as casas, os móveis", ou seja, bens cuja acumulação está em consonância com os valores da burguesia industrial. Sim, pois para Locke é fundamental a constituição de um governo que preserve a liberdade e a propriedade, no caso, a propriedade burguesa, que é baseada "no dinheiro e nas terras".

2. Resposta pessoal. Podem ser abordados diversos aspectos da garantia de direitos civis, bem como da falta dela. Por exemplo, a vida não tem sido garantida para as vítimas da violência; a liberdade não é assegurada para pessoas exploradas em condições análogas à escravidão ou para as que permanecem presas sem terem tido direito a um julgamento; a saúde do corpo não é oferecida aos que não conseguem acessar bons serviços de saúde pública, de saneamento básico, de lazer e de esportes; a posse de bens exteriores (direito à propriedade) não é garantida quando pessoas têm seus bens indevidamente confiscados ou não recebem indenizações adequadas por perdas que tenham sofrido por responsabilidade de terceiros.

Página 13

Vozes: Eric Hobsbawm

É possível destacar que, no âmbito acadêmico, a História se caracteriza por uma abordagem integrada das diferentes esferas da vida (econômica, social, cultural etc.), o que possibilita que o historiador compreenda as conexões entre a Revolução Industrial (de caráter econômico) e a Revolução Francesa (de caráter sociopolítico) como partes de um mesmo conjunto de transformações. Portanto, essa é uma boa oportunidade de desenvolver aprendizagens relativas aos métodos e às teorias [illegible] com os estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise: Produção industrial

Respostas

1. A fotografia foi tirada numa linha de montagem de automóveis na França.
2. A imagem mostra a fabricação de automóveis, num processo altamente mecanizado, com emprego de esteira e robôs, além de alguns trabalhadores.
3. O elevado nível de mecanização do processo, com uso de robôs e esteiras, além do reduzido número de trabalhadores.
4. **a)** Sim. O automóvel em destaque na fotografia segue uma linha de produção. Os operários compõem estações de trabalho, nas quais são montadas as diversas partes do automóvel.

   b) Entre as características que podem ser destacadas estão a divisão e especialização do trabalho; a produção em série; e a utilização de ferramentas movidas por energia elétrica.

Página 14

Antes das indústrias: modo de trabalho e de produção

Esse conteúdo pode introduzir os conceitos de primeira e segunda natureza por meio da análise das formas artesanais de trabalho, que permite aos estudantes defini-las como atividade humana transformadora e produtora de uma nova natureza. Esses conceitos podem ser desenvolvidos ao longo do conteúdo textual e imagético do percurso, que possibilita essa abordagem. É possível questionar como a natureza é transformada e qual é a nova natureza produzida nos diferentes processos.

O assunto pode ser encaminhado por meio de uma análise dos processos de produção anteriores à Revolução Industrial com base na pesquisa sobre métodos artesanais usados atualmente.

Uma possibilidade de trabalho com esse conteúdo é uma atividade fora da escola. A maioria das cidades brasileiras da atualidade tem um mercado municipal central, onde, inicialmente, eram feitas as trocas entre o campo e a cidade. Se sua cidade tiver um mercado, seria interessante organizar uma visita com os estudantes. No mercado municipal (muitas vezes conhecido como "mercado central") é possível identificar produtos agrícolas manufaturados e *in natura*, produtos artesanais e gêneros industriais.

Essa atividade pode ser muito frutífera para formar o olhar dos estudantes diante dos bens de consumo, contribuindo para reflexões éticas e para a compreensão das complexas relações que se estabelecem na produção de mercadorias.

Análise: O que é trabalho?

Respostas

1. As imagens representam formas de transformação da natureza utilizando técnicas desenvolvidas por

seres humanos há alguns milênios. Para levantar as características das cenas, pode ser útil uma comparação com a fotografia da linha de montagem apresentada na página anterior. Dessa maneira, destacam-se o uso maior da força física dos seres humanos (que não contam com o maquinário moderno), a variedade menor de materiais e ferramentas usadas e a menor produtividade.

2. Espera-se que o estudante identifique o impacto de atividades como a agricultura e a metalurgia na transformação da paisagem (os campos cultivados, a extração de minérios etc.), bem como as relações entre trabalho e desenvolvimento técnico-científico (o impacto do uso de ferramentas nas condições de trabalho e em sua produtividade, ao possibilitar o desenvolvimento de um novo método de caça, de plantio ou de transporte, por exemplo).

3. **a)** O domínio da natureza, de acordo com o conceito 1, possibilita aos seres humanos o controle da produção de alimentos, isto é, "servir seus fins". Dessa forma, é por meio desse domínio que os humanos foram capazes de "permitir a sua própria realização", ou seja, sua subsistência e reprodução.

   b) O ser humano, em determinado momento da evolução, começou a produzir seus alimentos. Ele deixou a condição de caçador-coletor para ser um agricultor-criador de animais. Com isso, ele se diferenciou de outras espécies, pois passou a não depender diretamente daquilo que a natureza poderia lhe oferecer.

Página 15

O sistema doméstico

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Comente com os estudantes que, na época do feudalismo, quem exercia certa arte ou ofício era membro da corporação, além de ser proprietário de todos os recursos necessários à produção, como a matéria-prima e as ferramentas. As corporações tinham muita importância na vida das cidades.

Ao apresentar o surgimento da indústria doméstica, é possível relacionar esse sistema (chamado na Inglaterra de *putting out system*) com a existência de processo análogo no Brasil. No caso da indústria de confecção de roupas, por exemplo, um empresário contrata o serviço de pessoas (costureiras, de uma maneira geral) em suas casas, com suas máquinas de costura e outros aparatos, para produzirem roupas, na sua integralidade ou de forma parcial. Após a conclusão de todas as etapas da produção, a mercadoria (uma calça ou um vestido) recebe a marca da confecção ou de quem as contratou. Assim, uma mesma peça do vestuário é feita por diversas pessoas, que trabalham em casa.

Página 16

O sistema manufatureiro

Conceitue "produtividade" com base em uma análise do texto de Paul Singer. Utilize a problematização para relacionar o aumento da produtividade ao aumento dos lucros do proprietário.

Análise: Processo de produção

Respostas

1. Entre as diferenças que podem ser destacadas estão a utilização de máquinas movidas por energia humana, a reunião de dezenas ou centenas de pessoas num mesmo local sob a ordem de um empregador capitalista e a divisão do trabalho.

Página 17

Respostas

1. Os proprietários das fábricas tinham interesse na implantação do sistema de divisão do trabalho porque este implicaria o aumento da produção de mercadorias sem aumento dos custos. Em seu conjunto, as três formas de aumento da produtividade resultariam na redução dos custos de produção, conforme listado a seguir:
   - poupar o tempo entre uma tarefa e outra possibilita utilizar o tempo poupado para produzir mais, aumentando os lucros;
   - a especialização propicia aumentar os lucros porque cada trabalhador se torna mais destro em sua atividade específica, produzindo mais;
   - o desenvolvimento de novas ferramentas adaptadas a cada tipo de trabalho aumenta os lucros, pois cada etapa passa a ser feita com mais rapidez e eficácia e com menos trabalho humano.

O sistema de fábricas

A Revolução Industrial transformou as relações dos seres humanos com o trabalho e com a natureza. As máquinas mudaram

as formas de trabalhar. As fábricas concentraram-se em regiões próximas às fontes de matérias-primas e aos grandes portos, originando vastas concentrações humanas. A Revolução Industrial também acelerou o processo de exploração dos recursos naturais e de degradação ambiental.

Ao conceituar a Revolução Industrial, analise as diversas transformações abordadas no texto. Em especial, os estudantes devem visualizar as relações entre fragmentação do processo produtivo e fragmentação cognitiva por parte dos trabalhadores, que já não concebem sua atividade em termos globais, tornando-se meros repetidores de processos específicos.

Uma pesquisa sobre o conceito de alienação, em seus sentidos sociológico, filosófico e psicológico, pode ser uma forma de aprofundar essa reflexão, promovendo diálogos interdisciplinares a respeito de processos sociais e cognitivos analisados pelas diferentes disciplinas das Ciências Humanas.

Análise: Industrialização

Ao longo da análise da imagem, ressalte características mais marcantes, como a poluição [illegible] carvão e derivados de petróleo e a concentração urbana em torno de um rio.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dessa forma, é possível comentar que a Revolução Industrial não causou mudanças apenas no cotidiano das pessoas. Seus impactos foram bem mais amplos. Um deles foi a alteração da paisagem nas áreas em que estabelecimentos fabris foram instalados, levando a níveis de poluição e degradação ambiental inéditos na história da humanidade.

Respostas

1. A paisagem contém uma quantidade muito grande de chaminés de fábricas que emitem gases para a atmosfera. Essas fábricas estão localizadas em uma das margens do rio. Na outra margem, observa-se grande quantidade de construções residenciais. Há poucas áreas verdes, enfatizando a intensa ocupação humana na área. Ao fundo, há mais fábricas com chaminés que lançam poluentes.
2. As fábricas e suas chaminés, com fumaça de tonalidades que variam de cinza a preto evidenciando a poluição atmosférica.

Página 18

Análise: Novas fontes de energia e o meio ambiente

O aquecimento global produziu (e vem produzindo) grandes transformações na natureza, com resultados catastróficos para a humanidade no século XXI, em que é cada vez mais notória a inviabilidade de permanência desse modelo industrial e de desenvolvimento.

Oriente e acompanhe os estudantes para que pesquisem o tema em fontes sustentadas em dados e métodos científicos. Entre as fontes que podem ser consultadas estão o Código Ambiental de 2012, os dados de emissões de carbono do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e a página da Organização das Nações Unidas (ONU) dedicada ao tema.

Respostas

1. Peça que os estudantes apresentem os resultados da pesquisa relacionando o aquecimento global às suas consequências para a vida e às soluções que têm sido buscadas, principalmente pelo setor industrial, para amenizar seus efeitos. Se possível, organize um projeto interdisciplinar com a área de Ciências da Natureza, para uma análise das relações complexas entre processos humanos e naturais.

Página 19

Inglaterra: condições favoráveis ao pioneirismo industrial

Analise com os estudantes as condições que possibilitaram a Revolução Industrial na Inglaterra, considerando que os processos são complexos e se expressam em diferentes escalas, que vão desde as transformações locais até a reorganização econômica global. Entre as condições que propiciaram o pioneirismo inglês, podem ser destacadas:

- participação da monarquia inglesa na expansão colonial europeia, em especial o tráfico de escravizados e a pilhagem feita pelos corsários, concentrando fortunas no país;
- disponibilidade de matérias-primas no próprio país, como no caso do ferro e do carvão, sendo este o principal combustível da Revolução Industrial inglesa;
- reorganização do Estado em favor de interesses da burguesia com as revoluções do século XVII, que significaram uma vitória das políticas de expansão do capitalismo moderno, limitando os poderes tradicionais da nobreza e realeza da Inglaterra e colocando os grandes negociantes no poder;
- criação de regiões coloniais escravistas produtoras de algodão para as manufaturas, principalmente no Sul dos Estados Unidos;
- cercamento dos campos, que produziu altos lucros para os grandes proprietários e, além disso, espoliou a terra dos camponeses, abastecendo as cidades com mão de obra extremamente barata, o que deu origem ao proletariado moderno;
- como consequência das transformações, a Grã-Bretanha tornou-se, desde o século XVIII, o centro comercial da expansão do capitalismo ao redor do mundo, lugar que só deixou de ocupar na época das guerras mundiais, quando os Estados Unidos se transformaram na potência hegemônica. No século XIX, a centralidade britânica no capitalismo global foi importante para que o país se consolidasse como centro da Revolução Industrial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 20–21

O surgimento do proletariado

Oriente a leitura do texto de modo que os estudantes visualizem a Revolução Industrial da perspectiva de uma pessoa pobre da Inglaterra do século XVIII. Pode-se imaginar alguém cujos antepassados foram camponeses por muitas gerações, mas cujas terras foram espoliadas nos cercamentos, forçando a migração para as cidades, onde se tornavam proletários. A partir daí, nas cidades, a indústria contava com o trabalho quase gratuito desses proletários, com os lucros concentrados pela espoliação de suas terras e com os frutos da espoliação colonial e escravista fora da Europa, sendo com isso capaz de transformar as paisagens e sociedades onde se estabelecia. Esse trabalhador se vê então condicionado à situação de pobreza extrema, sem contar mais com terras e instrumentos para produzir, e tendo seus conhecimentos tradicionais desvalorizados pela utilização de novas tecnologias que ele não domina.

"Tempo útil"

Respostas

1. Espera-se que o estudante relacione o trabalho à apropriação do tempo dos trabalhadores. Nas vivências da época da Revolução industrial isso significava deixar de organizar o próprio tempo pelos ritmos da natureza, como ocorria nas economias camponesas, para ter seu tempo integralmente controlado por um relógio que, como demonstra o excerto, foi imposto e manipulado pelos proprietários das fábricas. As relações que podem ser feitas com o trabalho contemporâneo podem incluir a ampliação de jornadas de trabalho em razão de desregulamentações; a extensão das jornadas para além de seus horários formalmente definidos, com o uso de tecnologias que possibilitam o *home office*; as exigências de cumprimento de metas que exigem excesso de trabalho; e os sistemas pouco transparentes de remuneração de trabalhos, como o dos entregadores e motoristas de aplicativos.

Análise: O "relógio moral"

A atividade desenvolve a análise iniciada do título "Tempo útil", abordando a internalização, pelos trabalhadores, do controle do tempo em favor do proprietário da empresa. A subordinação dos trabalhadores às jornadas excessivas se explica pela concorrência num mercado de trabalho

caracterizado por um desemprego crescente, já que se recusar a essa sujeição pode significar a perda de uma rara oportunidade de estar empregado.

Respostas

1. Resposta pessoal. É importante que os estudantes visualizem as relações entre desemprego e deterioração das condições dos que estão empregados.

Página 22

Respostas

1. Oriente os estudantes para que façam uma pesquisa sobre o trabalho infantil no Brasil, organizando informações como as estimativas de casos ao longo de determinado período, a distribuição dos casos pelo território do país e os principais setores da economia em que essa exploração acontece. Ressalte as várias situações em que essa exploração ocorre, na cidade e no campo, incluindo desde meninas que trabalham como empregadas domésticas e babás nas metrópoles até crianças que perdem as impressões digitais trabalhando no beneficiamento da castanha de caju em áreas rurais. Os estudantes devem usar informações públicas, com base em métodos estatísticos, como o Censo e demais estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de publicações de ONGs cuja atuação de combater o trabalho infantil seja reconhecida.

Página 23

Respostas

1. Resposta pessoal. Após a leitura do texto, situe a condição da mulher [illegible] de Beauvoir. No livro *O segundo sexo*, ela expõe o desenvolvimento da opressão masculina e o protagonismo feminino, por meio de uma análise histórica de fatos e mitos sobre as mulheres. A opressão feminina é entendida como construção social que não é fruto de diferenças "naturais", que fariam da mulher um complemento (e um "outro") do sexo "principal", que seria o masculino. Essa compreensão da mulher como "segundo sexo" possibilita desenvolver a análise crítica do protagonismo feminino da Revolução Industrial. Para isso, elabore também o conceito de "dupla jornada" feminina, em diálogo com os estudantes.
2. O processo industrial restringiu a presença dos operários a um espaço predeterminado: a fábrica. Distante das paisagens rurais, as fábricas, nos séculos XVIII e XIX, sempre escuras, sujas e esfumaçadas, representavam o oposto da realidade da vida e do trabalho no campo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A resposta dos trabalhadores

Situe a origem das ideias anarquistas e socialistas no contexto da crítica da sociedade que se baseia no trabalho industrial no século XIX. Trata-se de visões de mundo produzidas pelos trabalhadores com base em seu confronto com a visão de mundo liberal dos proprietários das indústrias. A história das teorias ligadas ao movimento operário do século XIX será abordada adiante; portanto não é preciso aprofundá-la nesse momento.

Página 24

A Revolução Industrial e suas fases

Analise o quadro com os estudantes, situando as características das três fases da Revolução Industrial. Estabeleça relações entre regiões, matérias-primas, fontes de energia, setores industriais, formas de organização do capital e do trabalho. Ressalte que não se trata de períodos que rompem totalmente com o que existiam antes, de maneira que até mesmo as formas artesanais e manufatureiras de produção estão presentes na sociedade contemporânea.

Página 26

Respostas

1. Podem ser comentadas questões como as relações entre desenvolvimento técnico-científico e os interesses dos capitalistas, os vínculos entre mecanização e desemprego, entre outros aspectos.
2. Faça um exercício de formulação de hipóteses, sobre qual será a situação dos trabalhadores num mundo cada vez mais automatizado e numa sociedade cada vez mais controlada por meio de novas tecnologias. Para isso, podem ser exploradas análises de sociólogos do trabalho, bem como notícias da imprensa sobre problemas colocados pelas novas formas de controle sobre o trabalho e a vida das pessoas.

Os reflexos da Revolução Industrial

Situe o mundo contemporâneo como resultado da consolidação do capitalismo como sistema mundial por meio da expansão colonial europeia e das revoluções

industriais. Destaque a continuidade do processo de proletarização na forma de precarização do trabalho. O objetivo é analisar a formação da sociedade de classes especificamente sob o capitalismo, com base na experiência da proletarização e no agravamento das desigualdades sociais nas sociedades industriais.

Página 27

Análise: "A semente que semeais, outro colhe"

Respostas

1. O autor faz referência à classe burguesa, proprietária das fábricas, que explorava os trabalhadores e é definida como "parasitas ingratos". O autor do poema estimula a rebeldia. Ele evidencia a desigualdade e a exploração com a intenção de incentivar a revolta dos trabalhadores.
2. No que diz respeito ao operariado, a queda na qualidade de vida foi indiscutível. As fábricas se constituíram em locais de trabalho insalubres. As condições de moradia nas grandes cidades europeias, como Londres e Paris, eram as piores possíveis para o proletariado. Em razão dos baixos rendimentos obtidos no trabalho fabril, o "lar", para todos os integrantes de uma família, resumia-se a único cômodo, em cortiços que, muitas vezes, não tinham as mínimas condições sanitárias.

O desenvolvimento do imperialismo

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As origens do imperialismo estão na concorrência entre os poderes estatais da Europa para organizar as economias dos demais continentes em benefício da burguesia de cada metrópole. Esse processo de expansão do capitalismo entrou numa nova fase na década de 1870, com o acirramento da concorrência europeia e da espoliação da África e da Ásia, sendo então denominado imperialismo.

Nessa fase, um volume cada vez maior de capitais se concentrou em empresas e bancos, o que resultou no amplo crescimento destes. Portanto, não é apenas a expansão dos impérios que define o imperialismo mas também as transformações do sistema quanto à sua financeirização e concentração de capitais, com aprofundamento das desigualdades sociais. Além disso, a concorrência entre impérios se desdobrou em diversas guerras, incluindo aquelas que foram as mais destrutivas da história da humanidade: as duas guerras mundiais.

Página 28

O crescimento das cidades e sua multiplicação

As relações entre industrialização e urbanização devem ser desenvolvidas de maneira que seja visualizada a racionalidade econômica do processo. São as demandas de lucros por parte de empresários que tiram os trabalhadores do campo para a cidade e que, ao mesmo tempo, organizam essa enorme quantidade de pessoas extremamente pobres como mão de obra da indústria. Na cidade, é novamente o lucro dos proprietários que organiza essas vidas em bairros precários em torno das atividades industriais ligadas à existência de combustíveis, matérias-primas, portos para escoamento da produção, entre outras necessidades colocadas nos termos dessa racionalidade econômica.

Página 29

O expressivo aumento demográfico

Ao encerrar o percurso, é possível destacar o caráter inédito na história humana do crescimento demográfico proporcionado pelas revoluções industriais. A humanidade demorou milhares de anos para atingir a marca de 1 bilhão de habitantes, em 1830, mas em menos de dois séculos já ultrapassa os 7 bilhões. Os diversos fatores para esse crescimento, que são mencionados, podem ser desenvolvidos em suas conexões com as transformações resultantes das revoluções industriais, em especial a urbanização e o desenvolvimento moderno das ciências e da medicina, estreitamente vinculados à industrialização.

Páginas 30-31

Atividades

Respostas

1. a) Podem ser comentados os seguintes elementos: utilização de maquinário específico para a fiação do algodão; redução do número de trabalhadores nas fábricas; utilização de mão de obra feminina.

b) A utilização e o aprimoramento das máquinas aumenta a produtividade do trabalho de cada pessoa, assim como a utilização de novas fontes de energia.

c) Na parte inferior à esquerda, há uma criança trabalhando na limpeza ou na lubrificação do maquinário. Os salários pagos aos trabalhadores infantis eram extremamente baixos, de maneira que seu emprego aumentava o lucro dos proprietários das fábricas.

2. Entre outros aspectos, podem ser destacados: a consolidação do domínio colonial europeu sobre as outras partes do mundo, o crescimento acelerado da população mundial, a urbanização e o surgimento das grandes metrópoles globais, o desenvolvimento de um sistema econômico capitalista em todo o mundo e a formação de sociedades organizadas segundo um mesmo padrão de conflitos de classes, entre proprietários que concorrem pelos lucros e trabalhadores que concorrem por empregos.

3. Os lucros provenientes do comércio da Inglaterra com outros países e colônias; a existência de um bom mercado interno; a existência de matérias-primas e carvão [illegible] complementação de condições políticas favoráveis por meio da Revolução Inglesa do século XVII; o desenvolvimento da metalurgia; e a acumulação de capital.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

4. Expropriados dos meios de produção, os trabalhadores deram origem a uma numerosa classe operária, que passou a oferecer força de trabalho em troca de uma remuneração mensal (salário). A classe operária é "filha" da Revolução Industrial, uma vez que suas origens estão relacionadas ao surgimento do capitalismo.

5. Ao longo do século XIX, o capitalismo passou por grandes transformações. O capitalismo concorrencial se tornou capitalismo monopolista; assim, as grandes empresas dos ramos industrial e bancário passaram a predominar. Houve a necessidade da busca de novos mercados, novos fornecedores de matérias-primas e novas áreas para a aplicação de capitais. Com isso, os países capitalistas europeus deram início a uma corrida em busca de colônias na África e na Ásia para que tais necessidades fossem satisfeitas. Tal processo foi denominado imperialismo.

6. a) A Revolução Industrial impôs um novo modelo de paisagismo urbano ao destacar a importância do aspecto suntuoso das construções, que sugeriam e atestavam o poder da burguesia.

b) O conceito de infinitude não era o mesmo para a burguesia e para o operariado. Para a primeira, esse conceito estava presente, por exemplo, nas numerosas colunatas e janelas de hotéis de luxo, que materializavam o poder econômico da burguesia. Já para o operariado, tal infinitude era percebida nas repetições de fachadas idênticas de casas iguais, a simbolizar a impossibilidade da libertação do poder das classes dominantes.

c) A Revolução Industrial representou a consolidação do capitalismo e do poder econômico da burguesia. A arquitetura monumental reflete e simboliza esse poder.

7. As ideias socialistas, surgidas no século XIX, representaram uma crítica às péssimas condições de vida e de trabalho do operariado. Segundo Marx e Engels, fundadores do socialismo científico, era preciso construir uma nova sociedade porque aquela que havia resultado do domínio burguês era insustentável do ponto de vista dos proletários. No século XIX, as péssimas condições de moradia contribuíram para que o proletariado inglês absorvesse as ideias socialistas, uma vez que estas propunham uma alternativa ao modelo capitalista que os condenava a viver em situações insalubres e indignas.

8. a) A condição seria assimilar a ideia de haver vantagens em se submeter a um trabalho regular, mesmo que reduzido, uma vez que era garantido um padrão de vida considerado digno.

b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relacionem as revoluções industriais a aspectos da realidade contemporânea, de maneira a desnaturalizar ideias como: a sociedade deve estar a serviço da economia, e não o contrário.

9. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relacionem o agravamento das desigualdades sociais e da "pauperização" na Inglaterra da época da Revolução Industrial e no Brasil contemporâneo, podendo ser destacados aspectos como a precariedade das moradias, a falta de infraestrutura, de saneamento básico e de serviços públicos, a poluição e degradação ambiental, a violência policial contra as populações pobres, entre outros aspectos.

Percurso 2

Os trabalhadores e seus direitos

Páginas 32-33

Comece o percurso problematizando a Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017, conhecida como Reforma Trabalhista. Nesse momento, não é necessário apresentar respostas conclusivas, mas deixar circular a fala entre os jovens e possibilitar que sejam debatidas diversas opiniões sobre o assunto. Saliente que os direitos expressos nas leis podem ser modificados dependendo da pressão social.

Análise: Conscientização ambiental

Quanto à leitura dos textos, uma possibilidade é organizar os estudantes em grupos para que debatam e solicitar que compartilhem as respostas. Circule pelos grupos a fim de orientá-los na realização do debate. Aproveite para diagnosticar os conhecimentos prévios e as dificuldades dos estudantes a respeito dos aspectos históricos e sociais dos direitos dos trabalhadores.

Respostas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Os três textos apresentam protagonistas mulheres, sejam pessoas, [illegible] da sociedade civil, e têm como foco a preservação do meio ambiente. Contudo, as questões que eles abordam variam, como também são diferentes os contextos no quais essas mulheres atuam e os problemas que elas enfrentam em suas lutas.
2. Os princípios éticos são o respeito ao direito de autonomia dos indivíduos com reconhecimento da igualdade de gênero, além da responsabilidade com os seres humanos e a vida das futuras gerações.
3. A luta contra a destruição do planeta antecede a luta por direitos; afinal, sem planeta não há ser humano nem direitos. Apesar disso, o sistema capitalista de produção prevê a superexploração dos recursos naturais, o que valoriza as lutas das ativistas mencionadas nos textos.
4. O maior limite para reverter o aquecimento global (entre outros problemas ambientais) é o modo de vida da sociedade capitalista, que é baseado nas relações de lucro e acumulação por uma pequena parcela da população. Nessa sociedade, as pessoas estão acostumadas a relacionar qualidade de vida com a posse de bens de consumo, de maneira a encarar a natureza como simples fonte de recursos para a produção de mercadorias. Além disso, outro limite é o machismo como construção histórica, cultural e política, ao dificultar que as mulheres sejam protagonistas da busca por soluções para estes e outros problemas. Entre outros desafios que podem ser relacionados estão pensar e criar outro modo de vida, mais consciente, responsável e solidário, que mude a relação do ser humano com a natureza; e a garantia de protagonismo, representação e direitos das mulheres na sociedade.
5. Resposta pessoal. Nesse momento, é importante alinhar os discursos e reinserir no debate a questão problematizadora do início da unidade, em diálogo com os questionamentos propostos. A questão "Os direitos do trabalhador são respeitados?" pode ser extrapolada para outros direitos, como os ambientais e os das mulheres. É o momento de organizar algumas ideias sobre os direitos e apresentar a necessidade de aprofundar a discussão dos estudantes por meio de estudos.

Página 34

Por que falar de direito?

Ao longo dos estudos deste conteúdo, é importante que os estudantes construam conceitos como direito, democracia, constituição e Estado democrático de direito.

Uma sugestão é a realização de uma dinâmica de World Café. Nessa dinâmica, os estudantes se organizam em grupos, leem trechos do livro, pesquisam na internet, sistematizam informações e sintetizam os conceitos. Após uma primeira rodada, os participantes rodam pelos diferentes grupos, mantendo um em cada como anfitrião, responsável pela memória das discussões do conceito. Quando todos já tiverem circulado pelos quatro grupos, cada grupo deve expor os conceitos de direito, democracia, constituição e Estado democrático de direito. Por fim, você faz um alinhamento conceitual, podendo também aproveitar a oportunidade para fazer uma avaliação

diagnóstica, tendo em vista o conteúdo das próximas seções.

Análise: Injustiça

A leitura e a realização da atividade podem ser propostas em dupla, de maneira que os estudantes vivenciem momentos de cooperação. Faça uma leitura mediada da imagem. Solicite que respondam às perguntas no caderno.

Respostas

1. No modo de produção capitalista, as relações são baseadas nas necessidades da reprodução de capital, e com isso a ética é orientada para o lucro. Os direitos são garantidos pelo Estado, que detém o monopólio legítimo da coerção, exercido sob influência decisiva de setores econômicos mais poderosos (como grandes proprietários rurais, investidores do mercado financeiro e grandes corporações da indústria, do comércio e dos serviços), em detrimento das pessoas que não têm seus direitos garantidos. Dessa forma, quem menos tem condições de influenciar as decisões do Estado é quem mais precisa dele para efetivar seus direitos. Em certos casos, nem mesmo o voto é garantido, em razão de contingências econômicas e sociais.
2. Não, pois direitos são conquistas e sua manutenção não é garantida, já que num segundo momento as legislações podem ser alteradas ou mesmo suprimidas se não houver mobilização e resistência em sua defesa. Assim, direitos não chegam à população brasileira, como educação, saúde e segurança de qualidade, apesar de todos contribuírem com os impostos.
3. No Brasil, os direitos trabalhistas nunca foram de fato universalizados, permanecendo uma grande parcela de trabalhadores na informalidade em todas as épocas da história. Nessa trajetória de exclusões, a origem escravista do mercado de trabalho no país levou a uma estrutura de grandes desigualdades no acesso a direitos, em termos de classe, raça e gênero. Em especial, ficaram totalmente excluídas dos direitos trabalhistas durante muito tempo, categorias como as empregadas domésticas e os trabalhadores rurais. Nesse sentido, a exclusão no acesso a direitos trabalhistas se relaciona a outras, como aquelas no acesso à educação, saúde, alimentação, moradia etc. Além disso, recentemente as transformações tecnológicas do mundo do trabalho levaram a uma pressão por desregulamentação por parte de empregadores, que argumentam que a legislação vigente é obsoleta. As reformas promovidas sob a pressão desses setores têm significado a perda de importantes direitos historicamente adquiridos em processos de grande mobilização e luta dos trabalhadores.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 35

Direito: Para que e para quem?

Desenvolva o conceito de direito por meio da leitura do boxe sobre Montesquieu. O texto possibilita visualizar a lei como construção humana, resultado de processos políticos e não de uma ordem imutável, como era para os teóricos do direito divino.

A discussão a respeito do conceito de Estado democrático de direito é importante para a construção de ideias sobre a divisão de poderes, os freios e contrapesos, e o direito como forma de impedir a tirania da maioria sobre as minorias.

Por fim, desenvolva o conceito de direitos universais, sustentado em garantias aos seres humanos que independem de qualquer consideração sobre quem são esses seres humanos específicos.

É importante contrapor ao senso comum de que os direitos devem ser condicionados a comportamentos e perfis específicos de pessoas e a ideia de que existem direitos incondicionais. Só assim podem ser evitadas injustiças e opressões como as que produziram regimes como o do nazismo alemão, que, entre outras coisas, condicionava a cidadania ao trabalho, criando campos de trabalho forçados para os que não trabalhassem, depois transformados em campos de extermínio. Além disso, esse regime produziu uma intensa propaganda de estigmatização e "racialização" dos judeus, de maneira a negar a existência de qualquer direito a uma categoria inteira de pessoas, com base em teses fraudulentas, resultando em milhões de mortos em câmaras de gás.

Páginas 36-37

O direito e o trabalho em civilizações passadas

Nesse momento, são trabalhados os conceitos de estratificação social por meio da análise de diferentes estruturas históricas de organização da sociedade.

Comece pela consideração de que nem todas as sociedades são estratificadas e que hoje continuam existindo diversas sociedades sem Estado nem divisão de classes, em diferentes continentes, a exemplo de povos da Amazônia e da Sibéria. A estratificação é uma construção social, que não ocorre naturalmente na vida social dos seres humanos, nem um destino inelutável na história da humanidade.

Uma forma interessante de aprofundar esse ponto é a obra *A sociedade contra o Estado*, de Pierre Clastres, que analisa com os métodos da Antropologia a vida política de povos indígenas da América do Sul, concluindo que essas sociedades não têm Estado porque não querem e não porque não conhecem a estratificação social ou não conseguem atingi-la. O livro aborda diversas práticas e costumes desses povos que servem para evitar a formação de um Estado e de desigualdades sociais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao finalizar, faça uma leitura mediada das diversas formas de estratificação social apresentadas. Destaque os problemas que se colocam para a afirmação do Estado democrático de direito em sociedades tradicionalmente estratificadas em castas, como a Índia, ou na segregação racial, como a África do Sul e os Estados Unidos da América.

O trabalho e a subsistência

Desenvolva os conceitos de subsistência e de exploração com base nas análises dos conteúdos já estudados, situando onde eles se aplicam. Faça uma análise mediada da imagem, que apresenta a estratificação social na sociedade feudal. A imagem contrapõe uma classe que trabalha na terra produzindo sua própria subsistência e excedentes a outro estrato social, a nobreza, que habita o castelo ao fundo e não produz alimentos nem outros bens, sendo mantida justamente pelos excedentes produzidos pelos trabalhadores. Compare-a com a imagem da página que retrata o trabalho dos egípcios.

Páginas 38-39

O direito no cotidiano brasileiro atual: casos para análise

Por meio dos conhecimentos prévios dos estudantes, construa os conceitos de direitos, deveres e equidade, para posteriormente encaminhar a atividade do boxe **Análise**.

Conceitue a igualdade de direitos como algo diferente da simples igualdade perante a lei, já que envolve a equidade, ou seja, a promoção de ações que atuam de forma diferenciada na relação com grupos histórica e socialmente oprimidos e discriminados. Além do exemplo dos deficientes, apresentado no texto, podem ser abordadas legislações que visam à promoção da igualdade racial (como as cotas nas universidades e em concursos) e de gênero (como a criação de legislações específicas para combater a violência contra a mulher, como a Lei Maria da Penha), entre outras.

Análise: Situações cotidianas

Proponha uma dinâmica de World Café organizando a turma em quatro grupos, cada qual trabalhando com uma das situações. A dinâmica World Café é explicada neste manual no tópico “Por que falar de direito” (p. LXXVII). Nesse caso, o objetivo é refletir sobre como, no cotidiano, os seres humanos reivindicam direitos.

Em cada grupo, oriente os estudantes para que leiam a situação e desenvolvam

as etapas de: a) levantar as informações sobre a situação descrita; b) estabelecer relações entre essas informações e os contextos em que essas pessoas vivem; c) discutir os impactos dessa realidade na qualidade de vida das pessoas.

Acompanhe os debates dos grupos, defina o tempo de cada rodada e peça aos estudantes que circulem até que todos tenham passado pelas quatro situações.

Solicite que compartilhem as hipóteses formuladas pelo grupo. Numa última rodada, retome o debate nos grupos para uma pesquisa na *web* sobre a legislação brasileira e os órgãos públicos aos quais as pessoas poderiam recorrer. Ao término da pesquisa, solicite que compartilhem os resultados com a turma, mediando o debate sobre os direitos e as possibilidades dos seres humanos nos envolvidos nessas situações.

Após a discussão, faça a leitura mediada do final da seção.

Respostas

Situação 1

No debate das possibilidades da sociedade brasileira regida pelo Estado democrático de direito, os jovens devem ser incentivados a investigar as possibilidades jurídicas e institucionais, pesquisando as legislações sobre a infância, as convenções internacionais sobre direitos dos imigrantes, dos refugiados e das minorias sociais, as agências que cuidam de cada um dos envolhem essas situações etc.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao discutirem se as crianças estrangeiras têm direito a serem atendidas pelos órgãos públicos, é preciso que compreendam o conceito de direitos humanos, fundado na ideia de que as pessoas têm direitos que independem de qualquer condição pessoal ou coletiva. Procure sensibilizá-los a respeito dos impactos do desamparo na infância durante toda a vida.

Nos debates sobre o auxílio aos pais e sobre a reivindicação de direitos por estrangeiros, é possível que surjam as leituras – tanto relacionadas às imigrações quanto às políticas públicas (como auxílios e programas sociais) – do senso comum, carregadas de preconceito e desinformação, contrapostas à concepção fundada nos direitos humanos. Incentive os jovens a pesquisar, em fontes fundamentadas nas Ciências Humanas, aspectos das imigrações contemporâneas e das políticas sociais que permitam compreender as motivações, os impactos e o custo real para o orçamento do país, já que um dos mitos mais difundidos a respeito do tema é o de seu alto custo para as contas públicas.

Situação 2

Ao debaterem as possibilidades para a família, os jovens devem ser incentivados a investigar os direitos constitucionais no país e os órgãos responsáveis pelo atendimento de pessoas em vulnerabilidade social e com problemas de saúde, questões que podem envolver os aparelhos do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), os programas sociais, como o Bolsa-Família, a previdência social e o Sistema Único de Saúde (SUS).

No debate sobre as crianças e o exercício de atividades remuneradas, sensibilize os jovens para as graves consequências do trabalho infantil e observe que o direito à infância livre de exploração é assegurado na legislação brasileira (Constituição, Estatuto da Criança e do Adolescente etc.) e em declarações, tratados e convenções internacionais, das quais o Brasil é signatário.

Situação 3

Incentive os jovens a pesquisar as políticas adotadas no Brasil e em outros países para combater os impactos sociais da pandemia e da crise econômica a ela relacionada.

Entre as alternativas para o cidadão, estão o pedido de auxílio específico no contexto da pandemia, a reivindicação do direito ao afastamento remunerado pela condição de pertencer ao grupo de risco e o recurso ao sistema de assistência social para recebimento de auxílios e bolsas.

Situação 4

Incentive os estudantes a pesquisar os direitos atuais e os projetos de lei relacionados aos trabalhadores autônomos, especificamente aos que trabalham para empresas de aplicativos. Peça que pesquisem se há reivindicações de atendimento a situações como a descrita por esses trabalhadores.

Além de reivindicar que os direitos trabalhistas e previdenciários desses profissionais sejam respeitados e assegurados, é possível que a solução passe por auxílios e programas sociais voltados para atender as vulnerabilidades que a família passou a enfrentar.

Página 40

A política na sociedade ocidental

Faça a leitura mediada da seção, analisando a origem da política entre gregos e romanos, bem como os desenvolvimentos milenares da luta contra a opressão.

Utilize as questões sobre a fotografia do Congresso Nacional para problematizar o senso comum de que as instituições democráticas são desimportantes ou nocivas.

A segunda questão também serve para construir uma visão crítica a respeito de privilégios e desigualdades que permeiam essas instituições, contribuindo para que esse senso comum se estabeleça.

Respostas

1. O principal trabalho de um representante eleito numa instituição parlamentar é elaborar as leis segundo os interesses e valores dos cidadãos que o elegeram sem deixar de respeitar toda a população. Trata-se de uma concepção liberal e constitucional de poder que surgiu na modernidade, inspirada em modelos de política da Antiguidade, em especial as instituições gregas e romanas.
2. São deputados do Congresso Nacional brasileiro, que trabalham em condições excepcionalmente protegidas por direitos e benefícios, frequentemente vistas pela população como privilégios injustificáveis.

Página 41

A Constituição

Nesse momento será possível dar continuidade à elaboração dos conceitos de direito, Constituição e direitos universais. Desenvolva a ideia de que os direitos podem funcionar como limites colocados às ações de pessoas e instituições para evitar violências e opressões. As constituições modernas, que pretendem universalizar direitos e deveres, são em grande [illegible] nessa concepção. Por [illegible] estabelecem os direitos civis, como o de não ser preso sem um julgamento justo, de não ter a casa invadida sem mandato, de não ter a propriedade confiscada sem indenização adequada etc.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 42

A sociedade democrática liberal

Faça uma leitura mediada do texto e solicite aos estudantes um trabalho de pesquisa para identificar na vida cotidiana exemplos e aspectos trabalhados nele. O objetivo é que aprendam a identificar e combater injustiças, preconceitos e violências, com base em princípios éticos, democráticos e de respeito aos direitos humanos. Utilize as imagens para problematizar a sociedade democrática liberal, identificando alguns de seus principais limites na efetivação de direitos.

Página 43

Análise: "Direitos" trabalhistas e previdenciários no século XIX?

Respostas

1. Nessa citação, o autor afirma que a ideia vigente era que havia uma incongruência em fornecer assistência, já que a sociedade se baseia na meritocracia. O problema é que a sociedade não possibilitava essa meritocracia, já que as pessoas tinham condições e posições estratificadas e, portanto, oportunidades desiguais. Em condições sociais marcadas por desigualdades estruturais, a meritocracia pura e simples tende a reforçar essas estruturas.
2. As medidas foram abolidas porque no capitalismo o objetivo fundamental da sociedade é possibilitar que os burgueses obtenham lucro. Durante a Revolução Industrial não havia uma preocupação com as condições de vida do trabalhador nem com o mercado interno consumidor. Essas preocupações só ganharam força depois que os trabalhadores passaram a se rebelar, a se organizar e a fazer greves que afetavam os lucros dos proprietários, forçando a negociação.
3. Resposta pessoal. Por meio da elaboração de hipóteses espera-se que o estudante compreenda que naquele período a cidadania dos pobres estava condicionada à sua capacidade produtiva para a sociedade. Essa forma de exclusão social era usada para pressionar os trabalhadores a aceitarem se submeter às condições mais degradantes e aos salários mais baixos, já que o desemprego poderia significar a perda da própria liberdade.
4. As leis de amparo social ao trabalhador, por mais que fossem benéficas, visavam combater a influência das teorias socialistas, que eram extremamente populares naquele período. Os movimentos operários socialistas, comunistas e anarquistas foram fundamentais para que os Estados se vissem obrigados a garantir melhorias aos trabalhadores, já que, se não atendessem às reivindicações, os operários acabariam confrontando cada vez mais os regimes políticos e sociais desses países.
5. A disputa não ocorria no campo ideológico sobre a imoralidade de conceber assistência num sistema baseado no mérito. Seu significado era político, já que estabelecia que só pode exercer seus direitos políticos e civis quem produz.

6. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante apresente exemplos, como as afirmações do senso comum: "se não sabe ler, não deveria votar"; "se é beneficiário de programas sociais, não deveria votar"; "se não trabalha, não deveria ter direito nenhum", entre outras. Também podem ser problematizadas propostas que envolvam o trabalho compulsório, como projetos de lei recentes que visam ao estabelecimento da obrigação de trabalho para as pessoas que estão no sistema prisional, o que, além de ferir os direitos dessas pessoas, tende a rebaixar os salários dos demais trabalhadores, já que eles passam a concorrer no mercado com uma mão de obra gratuita. Outro exemplo são as iniciativas de utilizar o trabalho de milhões de jovens que prestam o serviço militar para a produção de lucros para empresas parceiras do Estado, medidas estas que tenderiam a recriar formas de trabalho compulsório intensamente exploradas no Brasil até o século XIX.

Página 44

O histórico das lutas e das conquistas de direitos dos trabalhadores

Situe o ludismo, o cartismo, os sindicatos, entre outros marcos da formação do movimento operário, como respostas coletivas aos impactos negativos da Revolução Industrial sobre os proletários. É importante que eles sejam diferenciados no tempo e no espaço, de modo a evidenciar aos estudantes suas características.

O ludismo teve [illegible] em específica, já que foi o início da luta operária europeia e tem explicações mais complexas que a simples quebra das máquinas. Naquele contexto, os trabalhadores estavam revoltados, e a destruição que provocaram forçou o sistema produtivo a se readequar, o que vale tanto para os empregadores quanto para o governo. Com a repressão, o Estado teve de intervir nas relações entre patrões e empregados para que fosse normalizada a produção econômica. Por meio da quebra das máquinas, os trabalhadores deram um recado àqueles que detinham o poder econômico e político. Ao mesmo tempo, o ludismo demonstrou a força dos trabalhadores, o que posteriormente possibilitou a crença na luta e organização por melhores condições de existência, abrindo caminho para o cartismo, o sindicalismo e as ideologias revolucionárias, como o anarquismo e o comunismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 45

A conquista de direitos

Solicite que, em grupos, os estudantes produzam infográficos sobre cada luta e conquista dos trabalhadores ao longo dos séculos XIX e XX. Para isso, é possível uma parceria com a área de Linguagens e entre os diferentes componentes de Ciências Humanas. Nesse momento, mobilize as competências gerais e específicas da área de Ciências Humanas considerando as necessidades de aprendizagem.

Respostas

1. Resposta pessoal. Oriente os estudantes na pesquisa, de modo que eles percebam a atualidade do conteúdo, com diversas categorias de trabalhadores reivindicando direitos já conquistados há anos por outras categorias. Nesse momento, ressalte a importância do movimento sindical para a conquista de direitos ao solicitar-lhes que indiquem se as categorias mencionadas em seus textos têm ou não sindicato organizado.

Página 47

Análise: Uma obra panfletária de dois séculos

Oriente os estudantes para que leiam o fragmento do Manifesto Comunista e debatam quais eram os propósitos dos autores ao apresentarem uma teoria da história de antagonismo de classes. Solicite que argumentem.

Respostas

1. Espera-se que o estudante conclua que os autores estão promovendo um conflito permanente, pois segundo eles a história das sociedades é a história da luta de classe, portanto, o conflito que move a história. Diferentemente de ideologias que pretendem definir de uma vez por todas as leis e formas de funcionamento ideais da sociedade, a concepção comunista apresentada por Marx e Engels é fundamentada na ideia de que, enquanto houver

estratificação, serão os conflitos entre as classes que produzirão mudanças sociais, o que requer o engajamento permanente dos operários na defesa de seus interesses e no confronto com a burguesia.

Páginas 48-49

As teorias que inspiraram a luta dos trabalhadores

Faça uma leitura mediada do infográfico com os estudantes. Analise comparativamente as teorias sociais do século XIX, identificando sua visão de mundo com base em suas teorias e em sua história política e social. Compare a forma pela qual essas teorias concebem a liberdade, a igualdade, os direitos e como entendem a história da humanidade.

Em especial, as comparações entre os conceitos de liberdade no liberalismo e no anarquismo são uma oportunidade de aprofundar o debate num sentido filosófico, problematizando como a liberdade pode ser exercida, se ela deve ter limites, quais limites seriam estes, se ela é pensada em termos individuais ou coletivos, se é estabelecida por lei geral ou por formas plurais de organização, e assim por diante.

Páginas 50-51

A luta dos trabalhadores no Brasil

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Encerre o trabalho com o conteúdo do percurso analisando a trajetória brasileira na garantia (ou não) de direitos dos trabalhadores. Relacione a história do Brasil ao que foi trabalhado sobre a história de outros países (em especial, a Inglaterra) ao longo do percurso, situando a presença das mesmas formas de luta e organização dos trabalhadores em diferentes países.

Estabeleça as relações entre a repressão feita pelo Regime Militar brasileiro e o fracasso na efetivação de direitos dos trabalhadores, já que suas reivindicações foram esmagadas pela violência do Estado ao longo de décadas. Exemplar quanto a isso foram as grandes greves de Contagem e de Osasco no ano de 1968, que podem servir para uma análise mais aprofundada dessa questão.

Conclua enfatizando o protagonismo dos jovens na história, retomando a questão que abre a unidade – "Os direitos do trabalhador são respeitados?" – como um problema em aberto, que depende do que farão os trabalhadores, os legisladores e os empresários daqui por diante.

Páginas 54-55

Prática de pesquisa: Transformações na vida e no trabalho

- **Juntem-se e pesquisem!:** a formação de grupos de pesquisa pode acontecer na primeira aula. No final dessa etapa, todos os grupos apresentarão os resultados nos formatos solicitados. No debate, é importante que os estudantes compreendam a relação entre produtividade, legislação e impacto ambiental, e possam visualizar situações reais em que a reforma trabalhista, por exemplo, modifica a qualidade do trabalho e da vida dos trabalhadores.

Observe a seguir instruções específicas para os grupos.

- **GRUPO A:** oriente os estudantes nas pesquisas garantindo fontes de qualidade e diversificadas. O texto da nova reforma trabalhista está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm (acesso em: 7 jul. 2020). Se conseguir, contate alguma central sindical ou centro universitário para obter mais informações.
- **GRUPO B:** se possível, organize-se para que alguém acompanhe o grupo aos arredores da escola. Defina com os estudantes uma área do mapa a ser objeto do levantamento. Para isso, podem ser usados aplicativos e *sites* de localização. Procure abranger

negócios de diferentes escalas e setores, sem que isso implique expandir muito a área, que deve se restringir a centenas de metros da escola.

- **GRUPO C:** é recomendável contar com um monitor para ajudar o grupo na sala de informática. Os trabalhos deste grupo dependem dos resultados dos grupos A e B, portanto, é preciso que haja comunicação entre eles e a definição de um prazo para que o grupo B entregue seu levantamento ao grupo C.
- Durante essa aula, todos os grupos apresentarão seus resultados nos formatos solicitados. No debate, é importante que os estudantes compreendam as relações entre produtividade, legislação e impacto ambiental, podendo visualizar situações reais em que a Reforma Trabalhista, por exemplo, modifica a qualidade do trabalho e da vida dos trabalhadores.

- **Engajem-se!:** segue uma sugestão de questionário que pode ser usado de maneira integral ou com adaptações.

Questionário – Representante da organização econômica

Nome dos integrantes do grupo: _____

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Pedido de autorização para o entrevistado:

"Prezado(a), nós estudantes do _____ do EM estamos fazendo uma pesquisa sobre a transformações e as consequências da Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017 (Reforma Trabalhista), nas condições de trabalho das pessoas no território e a aplicação da Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012 (Novo Código Florestal). Gostaríamos de contar com sua opinião. Nós nos comprometemos a não divulgar suas respostas e manter o sigilo do seu nome e da organização.

As perguntas não devem durar mais do que _____ minutos. Podemos fazer as perguntas?"

Em caso afirmativo, iniciam-se as perguntas.

Questão 1 – Setor produtivo da organização econômica? _____

Questão 2 – Quantas pessoas trabalham nesta organização? _____

Questão 3 – Qual é o vínculo de trabalho dessas pessoas?

_____

Questão 4 – Algo mudou nas relações de trabalho com a Reforma Trabalhista? Se sim: O que melhorou e o que piorou com a Reforma Trabalhista? (O entrevistado deve justificar a resposta com a própria situação.)

Questão 5 – O estabelecimento age de acordo com o Código Ambiental?

- Se sim: Quais evidências comprovam que a empresa age de acordo com o Código Ambiental?
- Se não: Como isso poderia ser revertido?

Questão 6 – Podemos entrevistar alguns trabalhadores? Sim. ( ) Não. ( )

Se sim, gostaria de falar com um de cada setor da produção.

Caso a empresa não permita a entrevista, os estudantes devem deixar o questionário do trabalhador em branco e incluir uma observação sobre por que eles acreditam que não foi permitida a entrevista. Se houver muitas negativas, talvez seja necessária uma reavaliação da atividade para que as questões sobre os impactos da nova legislação sejam respondidas por meio da análise de outras fontes, como notícias, informações e dados organizados por institutos de pesquisa e sindicatos.

Questionário – Trabalhador

Pedido de autorização para o entrevistado:

"Prezado(a), nós estudantes do _____ do EM estamos fazendo uma pesquisa

sobre a transformações e as consequências da Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017 (Reforma Trabalhista), nas condições de trabalho das pessoas no território e a aplicação da Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012 (Novo Código Florestal). Gostaríamos de contar com sua opinião. Nós nos comprometemos a não divulgar suas respostas e manter o sigilo do seu nome.

As perguntas não devem durar mais do que _____ minutos. Podemos fazer as perguntas?"

Em caso afirmativo, iniciam-se as perguntas.

Questão 1 – Qual é sua função na empresa (o que faz)? _____

Questão 2 – Há quanto tempo trabalha nesta organização? _____

Questão 3 – Você sabe o que mudou na lei trabalhista em 2017? Sim. ( ) Não. ( )

Pergunta a ser feita se a pessoa trabalhava na empresa antes de 2017.

Questão 4 – Algo mudou nas suas relações de trabalho depois da Reforma Trabalhista? Se sim, o que melhorou e o que piorou? (Justificar com a própria situação.)

- **Analisem e compartilhem!:** os estudantes podem usar algumas plataformas *on-line* para [illegible] gráfico. É importante [illegible] na clareza e completude da imagem, além da profundidade dos questionamentos. Ajude-os a criar um *blog* ou perfil social para a divulgação do projeto.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 56-57

Atividades

Respostas

1. **a)** As causas da greve de 1917 foram a ausência de direitos, as precárias condições de trabalho e os baixos salários.

   b) O contexto social era de inflação, carência de produtos básicos, multas e penalizações aos trabalhadores, desregulamentação do trabalho de menores. Ou seja, os trabalhadores eram totalmente desprotegidos pelas leis.

   c) Após a greve de 1917, os movimentos operários surgiram como organização, instituindo-se em comissões e outras formas de mobilização, formação e representação dos trabalhadores, o que possibilitou as lutas e conquistas dos direitos trabalhistas. A greve de 1917 foi um importante marco das lutas operárias no Brasil, integradas ao que se passava no mundo, a exemplo da Revolução Russa, no mesmo ano, e da Revolução Alemã, no ano seguinte. Essas lutas pressionaram o Estado brasileiro para que aprovasse sucessivas legislações que limitavam jornadas, estabeleciam salário mínimo, proibiam a superexploração de mulheres e de crianças, entre outras medidas, numa trajetória que culminou com a Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943.

   d) Espera que os estudantes relacionem aspectos como a luta contra situações precárias de trabalho e a desregulamentação como política de Estado, influenciada pela capacidade dos empresários de pressionar o governo. Também podem ser mencionadas semelhanças entre as mobilizações nas ruas no contexto de 2017 e em outros contextos recentes, como os grandes protestos ocorridos em 2013 ou as ocupações de escolas por estudantes nos anos seguintes.

2. **a)** A relação histórica é a visível conquista de direitos graças ao surgimento de entidades de resistência, assistência, luta e representação dos trabalhadores.

   b) Os sindicatos são instituições que possibilitaram aos trabalhadores se organizar, definir prioridades, fazer greves, pressionar o Estado por direitos e negociar com os empregadores melhores condições de trabalho e salário. Antes de serem admitidos pelas leis dos diversos países, eles foram por muito tempo combatidos, por representarem uma ameaça ao domínio inconteste dos patrões nas negociações com os trabalhadores.

   c) Com o fim do imposto sindical, os sindicatos perdem receita e, devido ao arrocho salarial, os trabalhadores optam por não contribuírem, o que consequentemente enfraquece os sindicatos em atuações como: pressionar o Estado por direitos, mobilizar trabalhadores, organizar greves e fazer negociações. Por outro lado, é possível argumentar que o imposto sindical estabelece uma dependência dos sindicatos com relação ao Estado que pode limitar sua autonomia na defesa dos interesses dos trabalhadores.

UNIDADE 2 O trabalho se modifica no tempo e no espaço?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
3 O mundo do trabalho no Brasil	• Desigualdades salariais de gênero e raça no Brasil atual • Dupla jornada de trabalho, uma realidade feminina • Trabalho feminino no Brasil escravista • Trabalho feminino nas primeiras fábricas do Brasil • Luta das mulheres operárias por direitos no Brasil do início do século XX • Legislação brasileira regulamentadora do trabalho feminino • Trabalho feminino no campo • Conquistas de outros espaços de trabalho pelas mulheres	• Educação para os direitos humanos • Ciência e Tecnologia • Direitos da criança e do adolescente
4 O espaço do trabalho	• Mundo do trabalho contemporâneo • A desregulamentação do trabalho no mundo contemporâneo • Desconcentração do espaço-físico produtivo no mundo do trabalho contemporâneo • Modalidades de trabalho precarizado (terceirizado, subcontratado, informal etc.) e escravidão no mundo do trabalho contemporâneo • Trabalho infantil • O trabalho e as modificações na paisagem • O meio técnico-científico-informacional e as relações de trabalho na cidade e no campo • Legislação trabalhista diante das mudanças nas relações de trabalho • O trabalho em diferentes contextos históricos	

Objetivos

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- Definir trabalho tendo em vista suas características específicas por meio da análise da dinâmica do [illegible], recorrendo aos conhecimentos e aos métodos das Ciências Humanas.
- Identificar e combater formas de injustiça, opressão e violência nas relações de trabalho, incluindo as desigualdades raciais e de gênero e a exposição de crianças e adultos a formas indignas de exploração.
- Relacionar trabalho, desenvolvimento humano e transformações das paisagens no meio técnico-científico-informacional.
- Identificar e analisar criticamente as inovações das formas de exploração do trabalho relacionadas à aplicação de novas tecnologias e à desregulamentação das relações trabalhistas.
- Desenvolver o protagonismo na realização do próprio projeto de vida por meio da reflexão sobre as perspectivas e os problemas contemporâneos relacionados à futura atuação no mercado de trabalho.

Justificativa

O **trabalho** é um conceito central, desenvolvido pelas diversas disciplinas das Ciências Humanas, para compreender a experiência dos seres humanos ao longo da história. Na sociedade capitalista contemporânea, ele também é parte fundamental da vida das pessoas, que vivem nas mais diversas realidades e são impactadas por **problemas sociais** – como o desemprego, a superexploração, a exploração infantil, a discriminação racial e de gênero no acesso a oportunidades de emprego – e pelos efeitos da aplicação de **novas tecnologias e reorganizações espaciais** no mercado de trabalho.

Esta unidade aborda essas diversas dimensões do trabalho no mundo contemporâneo desenvolvendo o **conceito de trabalho** como **relação social**, como **direito**, como forma de **transformação do espaço**. Os objetivos concorrem para a leitura das realidades e dinâmicas sociais que se articulam e perpassam o mundo do trabalho de forma a entender as relações que lhe são próprias.

O estudo histórico e sociológico das **desigualdades sofridas por mulheres e por pessoas negras** no acesso a oportunidades de estudo, emprego e postos de maior renda, prestígio e visibilidade possibilita compreender as formas de opressão ligadas aos conceitos de gênero e de raça.

Por meio de análises, reflexões e elaboração de propostas para mudar essas condições, os estudantes se formam como sujeitos críticos, capazes de visualizar e contextualizar na própria realidade os **desafios da contemporaneidade** referentes ao mundo do trabalho, de forma a agir, tanto no campo pessoal como no coletivo, com base em princípios éticos e inclusivos. Assim, o estudo desta unidade contribui para a construção do **projeto de vida dos estudantes**, que passam a compreender melhor os desafios postos pelas incertezas e pela complexidade do mundo do trabalho contemporâneo.

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências gerais da Educação Básica: 2, 6, 8 e 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 4 e 5

Habilidades: EM13CHS103, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS403, EM13CHS503 e EM13CHS504

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias: 3

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 2: contemplada em atividades nas quais os jovens pesquisam de acordo com a abordagem das Ciências Humanas, formulando hipóteses e propondo soluções. Dentre outras, destacam-se as atividades sobre o trabalho infantil e as trabalhadoras rurais.

Competência geral 6: desenvolvida por meio do entendimento das relações próprias do mundo do trabalho, valorizando-se os diversos saberes e vivências culturais mostrados ao longo dos percursos e pesquisados pelos estudantes, que são incentivados a partilhar suas experiências e expectativas referentes ao mundo do trabalho e em conexão com seu projeto de vida.

Competência geral 8: desenvolvida no aprendizado dos cuidados com a saúde física e emocional, em especial quando são abordados temas como a dupla jornada feminina, a precarização do trabalho e o conceito de economia dos cuidados, permitindo

a compreensão dessa dimensão da vida no contexto dos estudos sobre o trabalho.

Competência geral 10: contemplada nas atividades que promovem a ação pessoal e coletiva, como aquelas nas quais os jovens são provocados a elaborar propostas sobre os direitos trabalhistas e o combate às desigualdades de gênero.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: ao longo da unidade, são mobilizados procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos para a análise de processos sociais relacionados ao trabalho, levando a um posicionamento crítico diante de problemas sociais. Dentre outras, as desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho e a precarização do trabalho que tem acompanhado a desregulamentação, a terceirização e a incorporação de novas tecnologias em diferentes profissões.

Competência específica 2: contemplada na análise das dinâmicas territoriais relacionadas ao mundo do trabalho no meio técnico-científico-informacional. A unidade aborda o mercado de trabalho em diversos âmbitos, inclusive problematizando as relações de poder que determinam a territorialidade dele, com o estudo do papel geopolítico dos Estados e das fronteiras nacionais em sua organização.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência específica 4: desenvolvida ao longo de todo o conteúdo da unidade, já que os temas abordados envolvem diretamente a análise das relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas. As transformações sociais no mundo do trabalho são discutidas com base na compreensão do papel dessas relações na sociedade contemporânea.

Competência específica 5: contemplada quando são identificadas formas de injustiça ligadas às desigualdades no mercado de trabalho em diversos âmbitos e quando são destacados os princípios éticos e de respeito aos direitos humanos que devem orientar o combate a essas formas de injustiça.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS103: esta habilidade é contemplada quando os estudantes formulam hipóteses e argumentos, com base em evidências, a respeito dos processos relacionados às transformações do trabalho no mundo contemporâneo. Em diversas atividades, eles exercitam a sistematização de dados e de informações com base em fontes de natureza variada, recorrendo a esses procedimentos para elaborar sua argumentação.

EM13CHS202: a unidade promove esta habilidade quando são analisados e avaliados os impactos das tecnologias no mundo do trabalho, passando por temas que incluem os trabalhadores de aplicativos de entrega, o uso de tecnologias de comunicação nas atividades rurais, o trabalho em *home office*, entre outros.

EM13CHS401: a habilidade é desenvolvida ao longo de todo o conteúdo da unidade, que tematiza transformações tecnológicas e informacionais e as novas formas de trabalho em diferentes espaços, urbanos e rurais, permitindo a identificação e a análise dos sujeitos envolvidos nesses processos.

EM13CHS402: o estudo das desigualdades no mercado de trabalho relacionadas a fatores como gênero e raça contempla essa habilidade ao desenvolver análises e comparações de indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços.

EM13CHS403: a habilidade é contemplada quando são caracterizados e analisados os impactos das transformações tecnológicas recentes nas relações de trabalho. Ela também é desenvolvida quando os estudantes

promovem ações voltadas à superação de desigualdades e violações de direitos relacionadas ao trabalho contemporâneo.

EM13CHS503: esta habilidade é desenvolvida principalmente quando são abordados os temas da desigualdade, exclusão, opressão e violência que caracterizam historicamente a integração das pessoas negras e das mulheres no mercado de trabalho. Além da identificação das causas e dos significados dessas injustiças, a unidade enfatiza o combate a elas com base em argumentos éticos.

EM13CHS504: esta habilidade é estimulada quando são analisados e avaliados impasses ético-políticos decorrentes das transformações sociais e tecnológicas nas relações de trabalho no mundo contemporâneo. Isso acontece no estudo de temas como as aplicações de novas tecnologias que aprofundam problemas de precarização e perda de direitos dos trabalhadores.

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 3: desenvolvida quando os jovens exercitam a autonomia, a colaboração, a criatividade e a autoria em atividades que envolvem a elaboração de textos com base em informações e problematizações. Dentre outras, destaca-se a atividade de análise do trabalho infantil.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Perfil do professor

O perfil do professor de **Sociologia** é adequado para desenvolver a aprendizagem desta unidade em razão da sua familiaridade com a análise da atuação de diferentes atores sociais na reprodução de estruturas de desigualdade, como aquelas que atingem as mulheres e as pessoas negras no mercado de trabalho brasileiro, ou ainda em questões relacionadas ao trabalho infantil, ao trabalho em condições análogas à escravidão e aos aspectos sociológicos da precarização e desregulamentação do trabalho.

O professor de **Geografia** poderá se aprofundar nas relações entre técnica, trabalho e produção do espaço nesta unidade, principalmente na abordagem das dinâmicas do trabalho no meio técnico-científico-informacional, tratado com base na conceitualização do geógrafo Milton Santos.

A unidade também poderá ser trabalhada pelo professor de **História**, para aprofundar a análise das transformações do trabalho em suas múltiplas dimensões e em diferentes períodos expondo, da perspectiva histórica, os problemas sociais desencadeados pelas desigualdades de raça e gênero.

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 58-59

A análise da fotografia pode ser feita por meio de perguntas como:

- Que relação pode haver entre a imagem e o *home office* (ou trabalho remoto)?
- E com a divisão de trabalho entre homens e mulheres no cuidado dos filhos?
- Todo trabalho doméstico é remunerado?
- Ele é valorizado?
- As dificuldades de conciliar a vida familiar e o trabalho são iguais para mulheres e homens?

Estabeleça um tempo para que os estudantes pensem a respeito das questões e manifestem suas opiniões sobre elas. Após essa conversa inicial, encaminhe a discussão das questões propostas na página 59, para as quais não há respostas certas ou erradas. Elas visam provocar a reflexão sobre aspectos que serão desenvolvidos ao longo da

unidade. Valorize a diversidade de respostas e estimule a turma a justificá-las por meio da vivência pessoal e das representações acerca do trabalho. No final da unidade, proponha aos estudantes retomar as mesmas questões e rediscuti-las com base no que aprenderam.

Respostas

1. Faça uma leitura da imagem situando o exercício de funções profissionais (a mulher analisa uma planilha numa mesa de escritório) e o de funções domésticas e familiares (o cuidado com o bebê). Problematize as condições nas quais uma mesma pessoa pode, ao mesmo tempo, responder pelos dois trabalhos. Oriente a discussão de modo que os estudantes compreendam os dois tipos de trabalho representados na imagem: o remunerado e o não remunerado.
2. Esse questionamento pode ser complementado com experiências dos próprios estudantes. Espera-se que sejam mencionadas diferenças salariais baseadas no gênero existentes na sociedade. Nesse momento, pode ser introduzida a necessidade de observação das causas das diferenças sociais por meio da problematização de ideias que naturalizam as desigualdades ("mulheres e homens têm papéis diferentes definidos por natureza", ou "as mulheres, por natureza, devem criar os filhos" etc.).
3. As vivências e as ideias discutidas em sala de aula podem ser utilizadas, ao longo do estudo desta unidade, para aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes. Se considerar interessante, registre as respostas para que sejam retomadas e rediscutidas durante o estudo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 60

O trabalho como direito humano

Faça uma leitura mediada da charge apresentando, primeiro, as características dessa linguagem, que utiliza o humor para criticar acontecimentos ou comportamentos da sociedade. Leia cada balão e pergunte se essas falas costumam ser direcionadas também aos homens. Instigue os jovens a partilhar sua vivência e percepção das diferenças de tratamento, no mundo do trabalho, entre homens e mulheres.

Respostas

Oriente os estudantes na formação de grupos para analisar a situação retratada em cada balão e responder à questão 1. Estabeleça um tempo, que pode ser de 10 minutos, para que cada grupo descreva o que está sendo criticado na frase. No final, faça um debate mediado tomando como base as respostas do grupo.

1. A charge critica diversas situações que expressam as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade, em particular nas relações de trabalho e na divisão do trabalho doméstico, incluindo a responsabilidade pelos filhos. Em um dos balões, afirma-se que "nossa empresa não faz distinção entre homens e mulheres", expondo a incongruência entre o discurso dos empregadores e a realidade das trabalhadoras.
2. Resposta pessoal. Cada estudante deve registrar as impressões de ao menos uma mulher que trabalha a respeito da charge, observando em que medida ela se reconhece na cena, que elementos da imagem chamaram a atenção dela, que frases que ela já ouviu que não estão representadas na charge e que vivências e ideias foram mostradas na conversa. A apresentação das respostas é uma oportunidade para que os estudantes visualizem a recorrência das queixas a respeito das pressões e do acúmulo de trabalho que, em geral, fazem parte da vida das mulheres. Esse é um ponto de partida para a aprendizagem da unidade, que problematiza essas e outras desigualdades no mundo do trabalho, além de ser uma oportunidade para você avaliar o conhecimento dos jovens sobre o trabalho e as desigualdades de gênero na sociedade.

Página 61

Leia com os estudantes a imagem futurista de Jean-Marc Côté, elaborada há pouco mais de um século, e peça que descrevam a cena, na qual um professor utiliza uma "máquina de ensinar" em sala de aula. A máquina é uma espécie de processador de livros, que insere o conteúdo deles diretamente na mente dos estudantes. O papel do professor parece ser simplesmente o de selecionar os assuntos e colocá-los dentro da máquina, que automatiza o processo de aprendizagem.

Compare a imagem futurista com a realidade atual do trabalho do professor, no qual as ferramentas digitais têm uma importância cada vez maior, incluindo o ensino a distância, as videoaulas na internet, as avaliações em plataformas digitais etc. Você pode abordar as transformações na profissão usando sua vivência desde o tempo em que era estudante da Educação Básica até

hoje. Além disso, pode solicitar aos estudantes que conversem com pessoas mais velhas para saber como era a escola em seu tempo. É uma forma de introduzir a problematização dos impactos de novas tecnologias no mercado de trabalho e no exercício das diversas profissões.

Respostas

1. Resposta pessoal. Os estudantes podem considerar que o crescente emprego da tecnologia nos ambientes de trabalho, por si só, não implica maior tempo livre aos trabalhadores e trabalhadoras, uma vez que novas tarefas lhes podem ser atribuídas. Recentemente ocorreu um exemplo com professores. Durante a pandemia de covid-19, quando muitos passaram a ministrar aulas remotas, mediadas pela tecnologia, em muitos casos o volume de trabalho aumentou e o tempo livre desses profissionais foi reduzido.
2. Resposta pessoal. Poderão citar, entre outros, o trabalho de motoristas, facilitado pelo uso de aplicativos de localização; o trabalho de médicos, por meio da telemedicina e de equipamentos para os auxiliar no diagnóstico e no acompanhamento do tratamento dos pacientes; o trabalho de pesquisadores, que podem consultar diversas fontes e materiais pela internet e trocar informações com a comunidade científica, entre outros.

Percurso 3

O mundo do trabalho no Brasil

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Página 62

Introduza o conceito de classe trabalhadora com base na definição de Ricardo Antunes: “classe-que-vive-do-trabalho”. O trabalho é uma necessidade para essa classe, que abrange a maioria da população, e é reivindicado como um direito para que ela não esteja exposta às situações descritas no boxe sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Entre elas, estão o desemprego, a falta de liberdade na escolha do emprego, as injustiças na remuneração e nos direitos, as diversas formas de discriminação, o trabalho em condições indignas, as barreiras à sindicalização etc.

Desigualdades

Explore o texto jurídico com os estudantes e, juntos, levantem uma hipótese sobre a diferença entre trabalho e emprego, contextualizando a questão da remuneração igual por trabalho igual. Problematize se isso é comum no Brasil: pergunte aos estudantes se conhecem casos em que, na realização do mesmo trabalho, alguns profissionais ganhem menos do que outros por alguma característica individual ou particular. Pergunte, ainda, o que seria uma remuneração justa e satisfatória, que critérios o próprio texto explicita para essa remuneração e o que é um sindicato. Utilize a análise do documento para desenvolver os conceitos centrais da unidade e fazer uma avaliação do conhecimento da turma a respeito dos direitos dos trabalhadores e da situação atual da classe trabalhadora.

Página 63

Complemente as conclusões da leitura do gráfico com a definição de gênero para as Ciências Humanas, localizada no final da página. As desigualdades são compreendidas como problemas sociais e, portanto, podem e devem ser transformadas pela ação consciente dos seres humanos. Esse conceito se contrapõe a ideias como a de que o homem e a mulher têm lugares essencialmente diferentes e predeterminados na sociedade, definidos por seu sexo biológico, ideias essas que devem ser problematizadas e combatidas à luz dos conhecimentos produzidos pelas Ciências Humanas.

Faça uma leitura mediada do conteúdo sobre as desigualdades raciais no mercado de trabalho destacando dados como o de que pessoas negras ocupam apenas 6,3% dos cargos de gerência e 4,7% de cargos executivos em empresas brasileiras. Relacione essas informações com aquelas sobre as desigualdades de gênero, associando ambos os problemas sociais. Assim como

o de gênero, o conceito de raça trabalhado pelas Ciências Humanas é crítico à "biologização" das relações sociais, recusando justificativas que naturalizem as desigualdades.

Respostas

1. Em 2012, a diferença era de 580 reais. Em 2018, de 529 reais.
2. A variação dos salários foi semelhante em ambos os casos, variando pouco ao longo dos anos, permanecendo a diferença entre homens e mulheres durante todo o período.
3. O gráfico demonstra uma enorme desigualdade (de 20,5% em 2018) entre homens e mulheres, com variações pouco significativas no período, sinalizando que não houve nem queda nem ascensão expressiva da diferença salarial entre homens e mulheres no período.

Ampliando

Para aprofundar os estudos sobre as desigualdades raciais do Brasil, mostre aos estudantes o artigo "Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil", do IBGE (2019), disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681 (acesso em: 4 jul. 2020).

Página 64

Respostas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Algumas reportagens na imprensa registram dados que apontam que o salário da seleção masculina é cinco vezes superior ao da seleção feminina e que esta última se equipara aos ganhos dos jogadores masculinos das séries C e D do futebol brasileiro, muito distantes dos clubes da Série A, na qual estão as principais agremiações.
2. Resposta pessoal. Os estudantes podem abordar essa imensa desigualdade de diversas perspectivas, como a da trajetória das relações de gênero nos esportes em geral (com a exclusão histórica das mulheres em muitas modalidades, incluindo o futebol), a valorização de atletas homens em esportes que mobilizam grandes fortunas, a ausência de interesse de atores públicos e privados em promover o futebol feminino, os preconceitos relacionados à prática do futebol pelas mulheres, entre outras possibilidades.

Vozes: Lélia Gonzalez

Pode ser solicitado aos estudantes uma pesquisa a respeito de Lélia Gonzalez e do protagonismo histórico do Movimento Negro Unificado e de outras organizações políticas e culturais negras na luta contra as desigualdades raciais no Brasil.

Página 65

Dupla jornada, uma realidade ainda feminina

Estimule os estudantes a comentar vivências, impressões e ideias a respeito do acúmulo de tarefas não remuneradas, associadas aos cuidados domésticos e familiares, pelas mulheres. Esteja atento a falas que possam promover discursos e comportamentos preconceituosos ou discriminatórios.

Desenvolva a compreensão de que as desigualdades de gênero têm um caráter global, com base na informação de que as mulheres são responsáveis por 76,2% do total de horas de trabalho de cuidado não remunerado no planeta. Retome o conteúdo do conceito de gênero assinalando que as desigualdades não se justificam e são fruto de uma construção histórica na sociedade. O objetivo é desenvolver um olhar que desnaturalize as desigualdades e discriminações ligadas ao gênero, possibilitando assim a análise crítica da realidade contemporânea das mulheres no mercado de trabalho.

Respostas

1. **a)** Norte (8,7 horas), Sul (8,8 horas), Centro-Oeste (9 horas), Sudeste (10,2 horas) e Nordeste (11 horas).
   b) Resposta pessoal.
   c) A média nacional é de 10,1. Portanto, as regiões que ultrapassam esse valor são: Sudeste (10,2 horas) e Nordeste (11 horas).
2. O objetivo da atividade não é estabelecer critérios de "certo" ou "errado" para as produções textuais dos grupos, mas estimular a reflexão crítica e a tomada de consciência de um aspecto das relações sociais com impactos na divisão sexual de trabalho predominante em nossa sociedade, para que

o estudante se posicione e aja de maneira ética e empática em relação ao tema.

Página 66

Respostas

1. A primeira parte da resposta é pessoal, com base na realidade de cada um. Para o caso de, na rotina familiar, a carga mental prevalecer sobre a mulher, uma das razões pode ser a naturalização dessa situação pela sociedade, que atribui às mulheres o papel de estabelecer, planejar e executar a rotina familiar doméstica. Caso essa carga mental esteja distribuída de maneira equilibrada entre os adultos da família, o estudante poderá indicar, por exemplo, os acordos e/ou arranjos familiares que contribuem para isso.

Análise: Economia dos cuidados

Se possível, compartilhe (ou recomende) a matéria publicada na página eletrônica da ONU Brasil sobre a prevenção de uma crise global da economia de cuidados, disponível em: https://nacoesunidas.org/oit-pede-acao-urgente-para-prevenir-crise-global-da-economia-de-cuidado (acesso em: 15 mar. 2020).

Com base nessa leitura adicional (que poderá ser realizada extraclasse, com posterior discussão em aula), pergunte que cenário, em escala global, a OIT projeta para o ano de 2030 com relação à economia de cuidados e [illegible] para evitar uma crise. Em seguida, [illegible] antes a perceber que tanto a matéria como o texto da seção **Atividade** abordam a economia dos cuidados da perspectiva da esfera pública (e não privada), apontando a necessidade de políticas públicas capazes de responder às demandas de cuidados com as crianças e idosos nas sociedades contemporâneas.

Em relação à atividade proposta, reserve um tempo para os grupos discutirem as questões e encaminhe uma roda de conversa para o compartilhamento das respostas. Problematize eventuais manifestações que atribuam exclusivamente às mulheres as tarefas domésticas e os cuidados dos filhos, de forma a desnaturalizar práticas sociais arraigadas nas vivências e no imaginário social em relação ao tema.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. A economia dos cuidados interfere em todos os aspectos da vida, já que as demais atividades são inviáveis sem ela. Por exemplo, se não há pessoas dedicadas aos cuidados de crianças, velhos e doentes, não é possível manter pessoas dedicadas às atividades de trabalho remunerado na indústria, no comércio ou nos serviços.
2. A economia tem sido pensada de maneira parcial, focada apenas naquela parcela das atividades que visa à valorização do capital por meio da produção de mercadorias. O conceito, então, amplia o conceito de economia, permitindo uma compreensão mais precisa de como as sociedades produzem suas condições de existência. Entre seus benefícios, estão a inclusão dos cuidados nas políticas econômicas, sociais e do trabalho, bem como a consciência das pessoas que realizam cuidados de que sua atividade é um trabalho e que, portanto, elas devem ter direitos definidos e respeitados.
3. Num primeiro momento, o estabelecimento de um marco conceitual para abordar o tema, já que os problemas ligados aos cuidados não são identificáveis e analisáveis pelos paradigmas econômicos predominantes.
4. Políticas de reconhecimento econômico das tarefas ligadas ao cuidado por meio das discussões sobre o conceito de "economia dos cuidados".

Páginas 67-68

Trabalho feminino no Brasil em outros tempos

Contextualize as experiências das amas de leite e dos escravos de ganho na sociedade brasileira do século XIX, na qual a instituição da escravidão perpassava todas as relações sociais e era não somente a principal força de trabalho da economia exportadora mas também a base de atividades ligadas a diversas formas de comércio e serviços, inclusive os cuidados domésticos e familiares. Utilize o glossário para situar essas atividades, possibilitando que os estudantes visualizem a diversidade de formas de integração das pessoas escravizadas na economia e na sociedade

brasileira do Período Imperial. Ao trabalhar esse conteúdo, fique atento a falas que possam promover discursos ou comportamentos discriminatórios.

Faça uma leitura mediada da imagem e do texto sobre as quitandeiras na sociedade escravocrata brasileira acentuando o caráter essencial do serviço de abastecimento urbano de gêneros de primeira necessidade e a presença marcante dessas trabalhadoras no cotidiano das cidades brasileiras do século XIX.

Leia com os estudantes o trecho de Maria Odila Leite da Silva Dias, destacando a perseguição que essas mulheres passaram a sofrer a partir da década de 1870 e, de forma mais acentuada, no período pós-abolição, quando aqueles que haviam sido escravizados foram alvos de políticas discriminatórias nos centros urbanos. Ainda naquele contexto, destaque que boa parte da população negra se ocupava de trabalhos domésticos, situação que se perpetua até hoje e que precisa ser desnaturalizada e combatida.

Página 69

Vozes: Laudelina de Campos Mello

Esse conteúdo pode ser aprofundado numa pesquisa sobre a trajetória de luta e conquista de direitos das trabalhadoras empregadas domésticas e o protagonismo de Laudelina e de outras mulheres que se dedicaram a exigir a garantia desses direitos. Uma linha do tempo pode ser elaborada para ser exposta no espaço escolar, com trechos de documentos (como as legislações de diferentes épocas) e fotografias de personagens, entre elas Laudelina de Campos Mello.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. A fotografia em questão é *Mulheres no mercado*, de Marc Ferrez (1875). Oriente os estudantes para que observem atentamente a imagem e a descreva junto com a turma: quatro mulheres negras com vestimentas e adereços tradicionais africanos sentadas no chão do que parece ser uma rua, a céu aberto; elas estão próximas de uma parede (ou muro), a qual que fazem de encosto para as costas, tendo à frente alguns cestos e uma pequena banca com frutas (bananas, laranjas); a mulher da extrema direita está descalça, o que indica a condição de escravizada (é provável que as demais mulheres também fossem escravas de ganho).

   A questão não precisa ser respondida por escrito. Trata-se de uma problematização do tema. Após a leitura, incentive os estudantes a manifestar o que nela perceberam e a levantar outras questões sobre o assunto, como estímulo à discussão e à reflexão crítica.

Páginas 70–71

Mulheres nas primeiras fábricas do Brasil

Contextualize a industrialização e a formação da classe operária no Brasil para situar a condição e o protagonismo das mulheres naquela realidade social. Analise a fotografia com os estudantes, de forma que notem a presença majoritária de mulheres e crianças entre as pessoas que trabalhavam na fábrica Crespi, onde começou a mobilização que resultou na Greve Geral de 1917, um dos eventos mais importantes da história da luta por direitos trabalhistas do Brasil.

Para situar o Congresso da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, comente o surgimento de movimentos em defesa dos direitos das mulheres no início do século XX. Observe a fotografia com os estudantes assinalando o protagonismo de mulheres que viviam em grandes cidades e tinham acesso aos debates internacionais sobre a condição feminina por pertencerem às classes superiores da sociedade. Destaque a atuação de Bertha Lutz em favor de leis de previdência e de assistência ao trabalho feminino na indústria, demanda cujo impacto ocorreria, principalmente, na realidade das mulheres pobres, pertencentes à classe trabalhadora.

Página 72

Análise: Legislação: proteção por um lado, exclusão por outro

Faça uma leitura mediada do texto. Pergunte aos estudantes se sabem o que significa a sigla CLT e retome com eles o

contexto de criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), relacionando-a às pressões do movimento operário desde as décadas anteriores e ao trabalhismo da Era Vargas. Auxilie-os com os vocábulos desconhecidos por eles e solicite que registrem o significado deles no caderno.

Após a leitura, certifique-se de que todos compreenderam as informações. Para isso, faça perguntas de entendimento do texto e dê um tempo para que os estudantes consultem o texto e as respondam oralmente ou por escrito. Sugestões de perguntas:

- Que regulamentações do trabalho feminino foram introduzidas pela CLT?
- E pelo Estatuto da Mulher Casada?
- Em que ano foi estabelecida a licença-maternidade de 120 dias e em que ano ela foi estendida às mães adotivas?
- Quais foram as consequências das medidas protetivas adotadas à empregabilidade das mulheres?

Depois da correção coletiva das perguntas de entendimento do texto, organize a turma em trios e peça que façam as atividades da seção. Encerre com uma roda de conversa para o compartilhamento das respostas.

Resposta

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

1. As medidas eram: [illegible]ção: equiparação salarial entre homens e mulheres, proibição do trabalho de mulheres em tarefas inadequadas à sua capacidade física e/ou que pusessem em risco sua saúde, proibição do trabalho noturno às mulheres (com exceções), regulamentação e ampliação da licença-maternidade, exigência de creches em empresas com mais de 30 trabalhadoras, direito de trabalhar sem a autorização do marido, estabilidade à gestante (benefício estendido às mães adotivas).
2. A mulher só podia trabalhar com autorização do marido. Essa hierarquia, na qual o homem tinha poder sobre a vida econômica da mulher, era estabelecida legalmente, de maneira que o poder institucional do Estado, com seu aparato legal, era um garantidor do domínio do marido sobre a vida econômica da esposa.
3. Espera-se que os jovens reconheçam no oferecimento de creches uma condição para a igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho e que construam argumentos com base em princípios éticos e de respeito aos direitos humanos.
4. Espera-se que os estudantes observem que o texto menciona uma forma de regulamento específico para as mulheres que servia diretamente para excluí-la (a necessidade de autorização do marido para trabalhar), além de regulamentações ambíguas, que pretendiam proteger o trabalho das mulheres, mas sob uma concepção de que o trabalho dos homens deveria ser privilegiado no mercado de trabalho. Os efeitos dessas políticas tanto protegem quanto excluem as mulheres do mercado de trabalho.
5. Podem ser desenvolvidas propostas, por exemplo, no sentido de mudança da economia dos cuidados (com os homens assumindo efetivamente a divisão da criação dos filhos, das tarefas domésticas etc.). O importante nesse momento é que o debate se fundamente eticamente na busca pela proteção do trabalho com igualdade de condições entre homens e mulheres.

Página 73

Trabalho feminino no campo

Desenvolva com os estudantes uma análise das mudanças nos problemas enfrentados pelas mulheres de acordo com as transformações da economia agrícola, situando a condição das mulheres negras no período pós-abolição, das colonas nas fazendas cafeeiras e das mulheres que vivem no campo depois da modernização da agricultura brasileira.

Página 74

Respostas

1. A faixa etária mais numerosa (60,2% do total) é a de pessoas entre 30 e 60 anos.
2. Do total, 81,3% dos proprietários de terras são homens e apenas 18,7% são mulheres, o que significa que, aproximadamente, a cada cinco proprietários de terra, apenas um é mulher.

Página 75

Análise: *A colona sentada,* de Portinari

Comente que Portinari pintava figuras humanas que representavam grupos sociais, especialmente os trabalhadores rurais, em que pés, mãos, pernas eram

desproporcionalmente grandes, estilo utilizado pelo artista para simbolizar que os trabalhadores e as trabalhadoras do Brasil sustentavam o país, valorizando-os.

Respostas

1. Sua vestimenta, com roupas de cortes simples e tecidos com aparência grosseira, lenço à cabeça. Seus pés e mãos de pele grossa e com marcas de terra. O ambiente, embora não represente muitos elementos da paisagem rural, mostra apenas uma residência isolada e um monte, elementos que podem ser relacionados ao campo.
2. Sua expressão de cansaço, além da pele grossa nos pés e das marcas de terra pelo corpo.
3. Que era um trabalho rural, exaustivo e solitário, dado que ela é representada sozinha numa paisagem que remete ao vazio.
4. Destacar a trabalhadora rural como protagonista de sua obra, e não como simples elemento da paisagem rural.
5. Resposta pessoal. Como afirmado no texto, o artista valorizava o papel dos trabalhadores na sociedade, e esse é um dos sentimentos possíveis provocados pela obra.
6. Oriente os estudantes para que pesquisem em fontes confiáveis. Sugestões: página eletrônica da Fundação Margarida Alves (disponível em: http://www.fundacaomargaridaalves.org.br; acesso em: 20 mar. 2020) e do Observatório do 3º Setor (disponível em: https://observatorio3setor.org.br/?s=margarida+mari; acesso em: 20 mar. 2020). Espera-se que os jovens observem, na trajetória [illegible] os problemas históricos [illegible] trabalham no campo, como a falta de regulamentação trabalhista e a violência, bem como o protagonismo feminino na luta pelos direitos dessas pessoas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 76-77

Mulheres ocupam outros espaços

Esta seção permite desenvolver, com base na observação do gráfico, a análise das transformações recentes no protagonismo feminino nas carreiras profissionais ligadas ao Ensino Superior. Assim, é também trabalhada a aprendizagem de leitura dessa forma de linguagem e a da análise de informações estatísticas.

Faça uma leitura das fotografias destacando a presença cada vez maior das mulheres em profissões historicamente identificadas com papéis masculinos, como borracheiro, mecânico e motorista. Aproveite para desenvolver a observação das transformações sociais relacionadas às mudanças nas relações de gênero.

Respostas

1. As duas grandes áreas com maior percentual de mulheres que concluíram a graduação são: "Saúde e bem-estar" e "Educação". As de menor percentual de mulheres são: "Engenharia, produção e construção" e "Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)".
2. Não, pois 75% das pessoas que se formam nessa área são mulheres, sinalizando que ainda existe um predomínio feminino considerável. Esse predomínio só não é maior que o da área que envolve saúde e cuidados, ligada à atribuição histórica dessas atividades às mulheres. O gráfico indica uma presença relativamente equilibrada dos gêneros nas diferentes áreas, com algumas exceções, mantendo ainda uma concentração maior de mulheres relacionadas às áreas de Educação e de Saúde e bem-estar, o que permite a inferência de que a feminilização do Magistério, discutida na seção, continua hoje no Brasil.
3. Na elaboração de hipóteses, é importante problematizar as interpretações que naturalizam as diferenças estabelecendo causas biológicas ou que naturalizem a divisão entre os gêneros atribuindo capacidades ou habilidades diferentes para homens e mulheres. Não há nada na literatura científica que legitime esse tipo de interpretação. Essas diferenças estão relacionadas a fatores como a socialização desde a infância, quando meninas são incentivadas a se interessar pelas atividades domésticas, familiares e ligadas aos cuidados, enquanto meninos são estimulados a desenvolver habilidades específicas, que não estão ligadas a essas demandas cotidianas. Além disso, a discriminação histórica das mulheres nas Ciências faz com que as meninas não encontrem referências de mulheres bem-sucedidas nessas áreas, de maneira que não se veem exercendo essas profissões. Também podem ser abordadas questões como a discriminação no mercado de trabalho nessa área, outro fator de desestímulo para as mulheres.

Página 78

Vozes: Celina Turchi

Faça uma leitura mediada do texto com os estudantes e enfatize a citação de Celina

Turchi que relaciona a falta de oportunidades para as mulheres nas Ciências com a função familiar que elas ocupam, sendo muitas vezes forçadas a priorizar os cuidados familiares e domésticos, o que prejudica ou impede seu progresso profissional.

É possível desdobrar esse conteúdo em uma atividade de pesquisa sobre as mulheres nas Ciências, destacando pesquisadoras importantes nas diversas disciplinas científicas e acadêmicas. O resultado dela pode ser uma exposição no espaço escolar que conte a trajetória de cada uma delas. É uma forma de incentivar as estudantes a perceber perspectivas profissionais nas Ciências, algo que tem sido negado a mulheres como Celina Turchi, cujo ingresso na área não contou com muitas referências femininas de sucesso.

Páginas 79-80

Atividades

Respostas

1. a) Razões de ordem cultural, ainda enraizadas no imaginário social, de que os homens teriam mais aptidão para os campos do conhecimento científico, enquanto as mulheres seriam naturalmente mais aptas a se dedicar a estudos ligados aos cuidados, por serem mais afetivas.

b) Resposta pessoal. Espera-se que o aluno refira-se ao predomínio [illegible] aos meninos para desenvolver afinidades com pesquisas científicas, que prevaleceu por muito tempo nos meios educacionais e nas famílias brasileiras, ou à invisibilidade a que estiveram sujeitas mulheres que atuaram na produção científica, já que os meios científicos e sociais (e a mídia) davam destaque aos estudos conduzidos por homens (situação ainda não totalmente superada), entre outros.

c) Resposta pessoal. Estimule os estudantes a formar grupos e, juntos, propor e planejar uma atividade escolar sobre o assunto com a participação da turma e dos professores de diferentes áreas do conhecimento. Incentive-os a negociar a inclusão da proposta no calendário de atividades pedagógicas da escola.

d) Aproveite para valorizar a produção dos estudantes. É possível listar o nome de diversas mulheres que eles poderão mencionar em seus cartazes para, assim, não haver repetição. No final, eles podem montar uma exposição dos cartazes para toda a escola.

2. a) O texto menciona os ofícios de lavar roupa, carregar e vender água, cozinhar e vender alimentos, costurar, vender bugigangas etc.

b) O direito reivindicado por elas era o da liberdade, em uma sociedade na qual a escravidão era uma instituição onipresente. Elas buscaram a liberdade utilizando a pequena remuneração que obtinham de seu trabalho para comprar a alforria, tanto para elas como para outras pessoas.

c) A intenção parece ter sido a de reconhecer o protagonismo das mulheres negras na luta por direitos por meio da visibilização das estratégias e da trajetória de luta delas na conquista de um direito universal: a liberdade.

3. a) A ideia de que as mulheres buscam há muito tempo uma colocação melhor na sociedade, mas que apenas recentemente, graças a mudanças sociais e econômicas, passaram a se libertar de amarras que limitavam o acesso aos estudos e à especialização profissional.

b) Por meio dos estudos e da especialização profissional.

c) As transformações sociais e econômicas ao longo do último século, como a industrialização, a urbanização, as lutas operárias, a experiência das guerras mundiais, entre outras, abriram portas para que as mulheres, que já protagonizavam a busca por melhorias, conseguissem avançar no sentido de obter um "lugar ao sol". Esse processo envolve, como vimos ao longo do percurso, confrontar as amarras e os preconceitos que vêm limitando o horizonte pessoal e profissional das mulheres às atividades domésticas e familiares.

d) O artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece objetivos de igualdade que se relacionam com o combate a formas de opressão, violência, exclusão e desigualdade diversas, incluindo aquelas fundamentadas no gênero. O protagonismo feminino apontado no texto tem o sentido de garantir que o horizonte igualitário da declaração se torne efetivo na vida das mulheres.

4. a) Às mulheres negras, nomeadas no texto "etíopes".

b) Ama, doméstica e costureira; ao passo que o funcionalismo e o professorado eram o horizonte das mulheres brancas.

c) À estrutura social racialmente excludente, discriminatória e desigual do Brasil.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

d) A análise pode se desenvolver em diferentes sentidos. Entre outros, a problematização dos estereótipos raciais, que estabeleciam que o lugar da mulher negra era em atividades domésticas e de baixa remuneração, como se isso fosse um traço de sua "descendência africana", e não de uma estrutura social discriminatória.

5. a) O público-alvo, conforme explicitado no título e subtítulo do periódico, eram as mulheres.

b) Segundo a autora, naquela época apenas os rapazes tinham o direito de cursar o Ensino Superior. O máximo que uma mulher podia sonhar era estudar para ensinar as primeiras letras. O texto também descreve como se reproduziam as desigualdades de gênero por meio da educação básica, com o oferecimento de currículos diferentes para meninos e meninas, nos quais estas aprendiam apenas aquilo que serviria para torná-las boas esposas, restringindo-se aos assuntos domésticos, familiares e aos que expressam o refinamento cultural, como as Artes, enquanto os homens se formavam para a vida política e profissional nas mais diversas áreas, em especial naquelas mais valorizadas socialmente, como a Medicina e o Direito.

c) Ao direcionar seu conteúdo para o público feminino, o jornal rompeu com padrões da época, que não consideravam um papel feminino o debate público por meio da imprensa. Espantaram-se os que eram reativos à novidade, entusiasmaram-se as pessoas que viam nela uma mudança positiva na sociedade.

d) As desigualdades contempladas no texto dizem respeito [illegible] educação, como via de acesso [illegible] participação no debate público por meio da imprensa e ao exercício de profissões valorizadas que requerem cursos superiores, os quais, naquela época, eram exclusivamente masculinos. As implicações das desigualdades na educação compreendem todos os aspectos da vida das mulheres, como a vida política, cultural, social, econômica, familiar etc.

e) O sentido é o de caracterizar a desigualdade na educação como reprodutora de uma estrutura social na qual os homens ocupam lugares economicamente valorizados e de grande prestígio social, enquanto as mulheres ocupam um lugar subalterno, sem o mesmo prestígio e visibilidade: o de cuidar dos assuntos domésticos não só relacionados à própria vida mas principalmente à vida de um marido que pode se dedicar integralmente à vida pública e profissional.

6. Espera-se que os jovens argumentem sobre a lei considerando que os direitos dessas trabalhadoras têm sido particularmente negados ao longo da história brasileira. A origem da formação desse mercado de trabalho é escravista, ligado ao emprego de mulheres escravizadas nos cuidados domésticos de famílias proprietárias. O trabalho doméstico tem sido historicamente desvalorizado nos aspectos de renda, autonomia pessoal e de acesso a direitos diversos, incluindo os previdenciários. Casos recentes de trabalho em condições análogas à escravidão, muitas vezes, se referem ao trabalho doméstico.

7. Espera-se que os jovens elaborem propostas de intervenção que abordem tanto a formulação de políticas públicas (por exemplo, a obrigação legal de equiparação salarial em situações em que as desigualdades persistem, ou de inclusão de mulheres em cargos de chefia e gerência) quanto ações na realidade local, como campanhas de conscientização sobre a economia dos cuidados ou a reivindicação de equiparação em situações específicas, em que os salários de mulheres estejam em defasagem em relação ao dos homens.

8. Resposta pessoal, na qual se espera que os estudantes relacionem suas reflexões éticas com o conteúdo do percurso, destacando as mudanças no papel social da mulher, que envolvem a autonomia pessoal, as relações de trabalho, as perspectivas de formação, entre outros aspectos. O ponto de vista deles deve se orientar por princípios éticos, inclusivos e de efetivação dos direitos humanos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Percurso 4

O espaço do trabalho

Página 81

Transformações

Retome com os estudantes o conteúdo do Percurso 3 e volte à questão problematizadora da unidade. Apresente o foco deste novo percurso deixando clara a conexão entre eles, como sugere o texto. A introdução convida o estudante a refletir sobre a relação sociedade e espaço, compreendendo esses conceitos como um par indissociável. Aproveite a oportunidade para mediar um debate sobre a paisagem ao redor da escola. Que marcas da nossa sociedade ela revela? Você

pode propor que comparem as fotografias da unidade com o local em que moram.

Essa introdução é uma preparação para as discussões sobre o mundo do trabalho que serão desenvolvidas mais à frente. Embora não haja uma proposta de atividade escrita sobre as imagens da página, reserve um tempo da aula para a leitura delas. Peça que os estudantes identifiquem os elementos que compõem as diferentes paisagens e, coletivamente, analisem as características principais de cada uma:

- O que elas têm em comum?
- O que elas têm de diferente?
- Qual delas se parece mais com o entorno da escola?

A leitura cuidadosa de imagens colabora para instrumentalizar o estudante para a leitura atenta e apurada da paisagem. Invista um tempo da aula nessa etapa. Além disso, a discussão coletiva pode levantar ideias que serão desenvolvidas no decorrer da unidade. Durante o debate, estabeleça que trabalho, sociedade, espaço, tempo e cultura são conceitos importantes para as Ciências Humanas. Este início de percurso foca na relação entre sociedade e espaço, mostrando que esse é um par inseparável.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 82

Resposta

1. Reserve um breve tempo para que os estudantes reflitam sobre a situação-problema dessa seção. Peça que formem duplas, ou pequenos grupos, para trocarem ideias sobre as questões levantadas. Em seguida, abra a discussão para todos os colegas dialogarem. É importante dar voz a todos e, se possível, registrar palavras-chave na lousa.

   No final, retome a palavra e conclua amarrando as ideias comuns e destacando positivamente as diferenças entre as visões da turma, valorizando os diversos pontos de vista.

   Destaque ainda que a oferta de rede de internet – exemplo do exercício – é um elemento importante do espaço geográfico, conectando de forma mais ou menos intensa as pessoas em escala global, apesar das desigualdades observadas no mundo.

Página 83

As transformações do meio

Desenvolva a ideia de que o espaço é um elemento da realidade produzido e transformado cotidianamente. Explique aos estudantes que, apesar de caracterizarmos neste percurso as grandes transformações dos últimos séculos, essas mudanças não ocorrem simultaneamente nos diferentes países do mundo nem são compreendidas como uma "evolução", que indicariam um "caminho" a ser seguido por todas as sociedades.

Vozes: Milton Santos

Apresente à turma o geógrafo Milton Santos, os aspectos gerais de sua obra e sua importância para a Geografia brasileira e mundial. Destaque também a relevância social de um cientista negro no Brasil. Aproveite a oportunidade para caracterizar a Geografia como uma disciplina das Ciências Humanas que faz ampla interface com as Ciências Naturais. Apresente o campo de trabalho dos geógrafos e mencione outros importantes geógrafos do Brasil e do mundo. A proposta desta coleção é proporcionar ao estudante um olhar interdisciplinar; por isso, trazemos como referência pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Humanas.

Ampliando

Se possível, lance mão de recursos como entrevistas e documentários sobre a obra de Milton Santos. Sugerimos o vídeo *Encontro com Milton Santos ou o Mundo global visto do lado de cá,* de Silvio Tendler (2006, 89 min).

Página 84

Análise: A natureza do espaço

O texto do boxe é uma referência direta a um livro importante de Milton Santos; portanto, você deve ler e mediar uma discussão a respeito dele. Os estudantes devem

identificar no texto as ideias centrais do raciocínio do autor: a evolução das técnicas e o modo como impactou a organização do espaço geográfico. Localize o contexto da obra. A análise do texto de um especialista deve servir de "base para reflexão", por meio da qual o jovem protagonizará a produção de conhecimento ao atualizar a tabela.

Respostas

1. Resposta pessoal. Observe a justificativa dos estudantes.
2. Resposta pessoal. Peça a eles que compartilhem as respostas para que conheçam as projeções dos colegas para 2050. É importante ressaltar que prognósticos devem ser feitos com base em elementos concretos da realidade. É pela análise do presente e, sobretudo, das tendências, que os estudantes devem ser capazes de imaginar o futuro, ainda que este não seja um exercício de previsão.

Página 85

O mundo do trabalho e o meio técnico-científico-informacional

O texto aborda o atual estágio de organização do espaço geográfico segundo os paradigmas de Milton Santos, adotado como referencial teórico até o momento: o **meio técnico-científico-informacional**. Escreva este termo na lousa e elabore registros sobre suas características utilizando os elementos destacados no livro. No restante do percurso, analisaremos o mundo do trabalho neste contexto; portanto, é fundamental que os estudantes o compreendam claramente.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise: Mundo conectado

Aproveite a oportunidade para desenvolver as **habilidades de leitura de mapas**, especialmente anamorfoses. Oriente os estudantes na localização do **título** do mapa e da **legenda** e retome com eles as características das anamorfoses (projeções que distorcem a área dos elementos representados de acordo com determinado tema).

Organize a turma em trios para que respondam às questões propostas. Depois, peça a alguns grupos que apresentem suas respostas e organize um momento de troca de ideias entre eles. Verifique se cada um respondeu à questão de acordo com o que é esperado.

Respostas

1. Até 20%.
2. Confira se os estudantes escolheram países adequados considerando a legenda do mapa. Eles podem citar Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Japão, Taiwan, entre outros.
3. Principalmente na África, no Hemisfério Sul e em porções da Ásia.
4. Resposta pessoal. É importante que os estudantes localizem a Índia nesse mapa e também relembrem conceitos demográficos importantes como população absoluta e IDH, assim podem analisar como a Índia está representada. Por causa da grande população, o número absoluto de pessoas conectadas à internet é alto; todavia, o percentual de usuários em relação ao próprio país mostra que a Índia é um país "pouco conectado". Eles podem levantar hipóteses para explicar esse fato. Atente-se para que não reproduzam estereótipos preconceituosos sobre o país e seus habitantes.

Página 86

A descentralização da produção

Abordaremos neste percurso diferentes aspectos da organização das relações de trabalho no mundo contemporâneo. Deixe isso claro aos estudantes, para garantir que acompanhem a leitura e as discussões sobre o tema.

Leia o mapa "salário mínimo" com eles retomando procedimentos de leitura cartográfica: identificação do tema do mapa, compreensão da legenda e análise das informações.

Destaque o conceito de **mais valia global** citado no texto; se necessário, faça uma retomada desse conceito.

Página 87

Análise: Maquiladoras mexicanas

Peça aos estudantes que se reúnam em trios para esta atividade. O trabalho em equipe possibilita a leitura compartilhada

e dialogada do texto, com a troca de interpretações e dúvidas.

Respostas

1. A proximidade geográfica faz os produtos circularem com mais facilidade entre os territórios e sem intermediários. Não à toa, a maior parte dos blocos econômicos mundiais é de agrupamentos de países vizinhos.
2. Evitar a emigração de mexicanos em busca de emprego.
3. Resposta pessoal. É importante retomar o fato de que a crise de 2008 gerou grande número de desempregados nos EUA e uma parcela da população passou exigir que o governo garantisse empregos domésticos. Aproveite a oportunidade para conversar com os estudantes sobre o modo que discursos nacionalistas ganham força em tempos de crise econômica.

Página 88-89

Reformas nas legislações trabalhistas: modernização ou precarização?

Respostas

1. O vínculo empregatício terceirizado costuma ser menos duradouro e oferecer menos direitos ao trabalhador do que o vínculo dos contratados.
2. Eles podem citar dois aspectos: o tipo de atividade exercida pelos terceirizados geralmente é encomenda de trabalho com tempo determinado – *freelancers*, projetos, obras etc. Outro ponto é a segurança que os vínculos formais dão ao trabalhador pela garantia de mais direitos, inclusive no momento da demissão.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes desenvolvam argumentos fundamentados nos conteúdos abordados até aqui na unidade. As leis trabalhistas geralmente são modificadas em razão de mudanças estruturais ou conjunturais nas relações econômicas e sociais, particularmente as que incidem sobre os vínculos de trabalho. Essas mudanças podem estar relacionadas à tecnologia ou a fatores como organização e luta dos trabalhadores, que pressionam por direitos. É importante compreenderem que as mudanças na legislação não podem ser mera consequência das transformações tecnológicas, já que outros fatores devem ser considerados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A tênue fronteira entre a terceirização e a escravidão contemporânea

Deixe bem claro para os estudantes que terceirização não é sinônimo de escravidão, mas grande parte dos casos de trabalhos análogos à escravidão encontrados no Brasil são de serviços terceirizados por grandes empresas. Retome o importante papel da ONU e, sobretudo, da OIT, no combate ao trabalho infantil e escravo.

Discuta com os estudantes as diferenças entre o trabalho escravo contemporâneo e o trabalho escravo no Período Colonial brasileiro. Reforce também as razões para os trabalhadores discutirem as contradições do trabalho no mundo contemporâneo: ao mesmo tempo que diversos serviços e relações de trabalho são modernizados, condições precárias persistem aqui e em diversos países do mundo.

Página 90-91

Análise: Escravos da moda

Organize uma leitura mediada do texto. Localize Bangladesh no mapa e levante os conhecimentos prévios da turma em relação a esse país e ao tema.

Respostas

1. Espera-se que o jovem relacione as condições precárias de trabalho atuais a processos abordados no percurso, como a desregulamentação do trabalho, a terceirização, a precarização e a atuação do capital transnacional, que são formas de exploração da mão de obra menos valorizada e dos problemas sociais em países como Bangladesh.
2. **a)** A produção de matéria-prima e a produção terceirizada estão concentradas nos países em desenvolvimento. Já as empresas de *fast fashion* e os consumidores se encontram em países desenvolvidos (EUA, países da Europa e Japão).

   b) As empresas terceirizadas estão localizadas no sudeste asiático, África, Oriente Médio, Brasil e Europa. Predominam países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Espera-se que os estudantes relacionem essa informação com a atuação do capitalismo global, que explora a mão de obra desregulamentada desses países para alcançar mercados consumidores de países desenvolvidos, nos quais os trabalhadores têm condições de comprar essas mercadorias.

   c) Faça esta atividade com a turma escrevendo na lousa os países que confeccionaram as peças.

Relacione o resultado com o conteúdo abordado e observe se também nesse caso a produção inclui países diversos, com destaque para o continente asiático e os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

Trabalho infantil no Brasil e no mundo

Este conteúdo se insere no percurso para destacar as contradições no mundo do trabalho na contemporaneidade, agora com foco no trabalho infantil.

Antes de iniciar a leitura do texto, levante os conhecimentos prévios da turma sobre o tema. Veja a seguir algumas perguntas que podem ajudar a conduzir a conversa.

- Quando começa e termina a infância?
- Quando você deixou de ser criança e se tornou adolescente? Que mudanças ocorreram?
- Você sente falta de algum aspecto da sua infância? Por quê?

Incentive-os a compartilhar experiências e pontos de vista e, se achar preciso, registre tópicos importantes da discussão para retomar posteriormente, no desenvolvimento da unidade.

Aproveite a imagem para reforçar procedimentos de leitura.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- Quais elementos compõem esta imagem?
- Que questões ou discussões ela pode levantar?

Na imagem há crianças posando para uma fotografia. Estão vestidas com roupas de trabalhadores e a legenda explica que elas trabalhavam em fábricas no final do século XVIII.

Converse com a turma sobre o trabalho infantil. Observe se alguém da turma já realizou trabalho remunerado e se já ouviram histórias dos familiares sobre isso. Aproveite para lançar problematizações sobre o tema; pergunte por que deve haver uma legislação especial para crianças e adolescentes.

É possível que, entre os estudantes, vários trabalhem ou já tenham trabalhado. Solicite a eles que, caso se sintam confortáveis, contem a respeito de suas experiências de trabalho. Fique atento para que não ocorra, por parte dos colegas, julgamentos de valor ou atitudes preconceituosas.

Se achar necessário, retome com eles o que é a ONU. Se possível, navegue pelo *site* da Unicef (disponível em: https://www.unicef.org/brazil/; acesso em: 4 jul. 2020) e traga para a turma uma notícia recente que represente as atividades desse órgão.

Página 92

Análise: Trabalho infantil

Respostas

1. Os meninos são quase o dobro do número de meninas; entretanto, ao analisarmos o trabalho infantil doméstico, vemos que as meninas representam mais de 94% exercendo esta atividade. Observe as justificativas dos estudantes para explicar essas diferenças. É interessante retomar as discussões sobre jornada dupla, economia e os cuidados estudados no percurso anterior.
2. Resposta pessoal. É importante garantir um espaço respeitoso, de modo que os estudantes se sintam à vontade para falar sobre o tema. Embora seja uma atividade ilegal, deixe claro que não estamos investigando nem julgando os responsáveis pelo trabalho realizado por eles. O objetivo aqui é apenas aproximá-los do tema do percurso por meio de suas vivências.
3. Peça aos estudantes que formem duplas. Esta atividade pode ser trabalhada em conjunto com a área de Linguagens. Os itens servem como um roteiro para a organização da escrita. Eles devem preparar um plano de texto e se preocupar com a coesão entre os parágrafos. O plano de texto é um "esqueleto" (ou a estrutura) do texto: as informações principais que pretendem desenvolver em cada parágrafo devem ser dispostas em tópicos. Com o uso deste plano eles terão maior clareza para a elaboração do texto. Você pode autorizar o uso de *smartphones* para pesquisa, mas reforce a importância da autoria.

Páginas 93-94

Vozes: Iqbal Masih

Trabalhe a história da luta de Iqbal Masih contra o trabalho infantil para promover a empatia dos estudantes em relação a esse problema; a trajetória dele foi perpassada

por muita violência, relacionada ao tema em estudo aqui.

Trabalho na era dos aplicativos: superexploração ou empreendedorismo?

Para iniciar a discussão sobre o tema, peça aos estudantes que descrevam os serviços cotidianos que eles mais usam por meio de aplicativos. Se não o fazem, pergunte quais eles conhecem. Pergunte se conhecem alguém que trabalhe com aplicativos e o que já ouviram dizer sobre os prós e contras desse tipo de trabalho.

Durante a leitura do texto, destaque os diferentes pontos de vista sobre o tema. As vantagens do trabalho "sem patrão" e a pouca segurança trabalhista são comuns nesse tipo de trabalho e dividem opiniões.

Faça uma leitura mediada do gráfico "Brasil: taxa de desocupação – 2014-2019" retomando os procedimentos básicos de leitura de gráficos: identificação do tema, leitura das informações e análise dos dados.

Página 95

Análise: Trabalho por conta

Peça aos estudantes que se reúnam em trios para responder às questões. Chame a atenção deles para o gráfico que aparece na imagem. Apesar de ter uma apresentação diferente da do texto anterior, os procedimentos de leitura são os mesmos: localização do tema, da informação representada e analise à luz das discussões anteriores.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Resposta pessoal. Eles podem destacar a falta de vagas para este público, a facilidade no uso de novas tecnologias, a preferência pelo trabalho informal e autônomo.
2. Segundo os dados, a maior parte (75%) trabalha até 12 horas por dia, o que indica um vínculo permanente com o serviço.
3. Resposta pessoal. Encaminhe um debate com a turma e valorize a diversidade de pontos de vista sobre o tema. Alguns argumentos podem ser retirados do próprio texto: liberdade de organização do horário e rotina; instabilidade no trabalho e pouca regulamentação.

Páginas 96-97

Oriente os estudantes na leitura do gráfico, de modo que percebam a tendência à precarização do trabalho se considerarmos o padrão apresentado desde 2014. O conceito de precarização está relacionado à perda de direitos trabalhistas, à desregulamentação e à piora nas condições de trabalho. Proponha a comparação desse gráfico com o da página 94.

Respostas

1. O ICT piora proporcionalmente ao aumento do desemprego no Brasil.
2. **a)** Confirma, porque à medida que o desemprego aumenta as condições de trabalho diminuem, o que precariza esta atividade.
   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam que é comum trabalhadores desempregados se sujeitarem a piores condições de trabalho porque garantem algum tipo de rendimento.

Análise: Caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio

Peça aos estudantes que façam a tarefa individualmente. Esta atividade mobiliza habilidades de leitura de imagens e conceitos relacionados ao mundo do trabalho contemporâneo, ambos discutidos coletivamente neste percurso. A atividade individual é uma oportunidade para você identificar as dificuldades e potencialidades de cada estudante, o que ajuda na avaliação das aprendizagens mais significativas.

Respostas

1. A chegada da informatização ao mundo do trabalho, ao contrário do que se acreditava, aumentou a quantidade de horas trabalhadas e deteriorou as condições de trabalho. Além disso, os aplicativos não se orientam por valores humanos, o que faz da precarização a característica que homogeneíza uma classe de trabalhadores extremamente heterogênea.
2. A profissão de entregadores em domicílio. Podemos ver pelos instrumentos de trabalho (a bicicleta e a caixa térmica para transportar comida).

3. A charge questiona a "liberdade" dos trabalhadores autônomos, uma vez que as longas jornadas são cada vez mais frequentes. Ainda é possível perceber uma crítica ao discurso oficial, que exalta o "empreendedor de si mesmo" como libertação da rotina do trabalho formal.
4. Observa-se a escultura de um corpo sentado, relaxado, que parece posar para alguém. Abaixo, dois corpos cansados de trabalhadores deitados escondendo a cabeça sob as caixas térmicas nas quais carregam alimentos.
5. Como vantagem os estudantes podem citar a capacidade de organizar a própria rotina de trabalho. Como desvantagem, o fato de enfrentar longas jornadas e condições não adequadas para descanso.

"Lar doce firma"

Encaminhe a leitura mediada e pergunte aos estudantes se conhecem algum familiar que tenha rotina de trabalho como esta, em casa. Não se trata do trabalho doméstico, mas da extensão da empresa na rotina domiciliar: o *home office.*

É importante deixar claro o sentido desta discussão na unidade: é mais uma característica do mundo do trabalho no meio técnico-científico-informacional. O conjunto de tecnologias da informação e comunicação possibilita que parte do trabalho seja feito longe do local da empresa. Acesso à internet, contas de *e-mail* corporativas, programas para o controle das empresas do tempo dos empregados são alguns recursos entre tantos outros que viabilizam o trabalho em *home office* atualmente.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Pergunte aos estudantes se gostariam de ter um emprego que permitisse essa modalidade de trabalho. Valorize os diferentes pontos de vista sobre o tema. Em contrapartida, apresente-lhes as desvantagens.

Página 98

Análise: *Home office* como alternativa

Respostas

1. O aumento do *home office* ocorreu durante a pandemia da covid-19, que forçou a adoção de medidas de distanciamento e isolamento social.
2. O texto apresenta argumentos favoráveis, como o desafogamento do trânsito e do transporte público e o ganho de tempo para as pessoas cuidarem da saúde.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mobilizem os conhecimentos trabalhados na unidade até este momento.

Página 99

O trabalho rural e o meio técnico-científico-informacional

Converse com os estudantes sobre o trabalho urbano e o trabalho rural, que será o foco neste momento do percurso. Não vamos abordar o trabalho rural em oposição ao urbano, mas as relações entre eles. O trabalho rural do mundo contemporâneo se caracteriza pela presença cada vez maior de elementos do meio técnico-científico-informacional, já apresentados no capítulo.

Biotecnologia e agricultura

Durante a leitura mediada do texto, discuta com a turma a importância da biotecnologia para o aumento da produtividade no campo e os limites éticos nos quais esbarra. Peça a eles que identifiquem argumentos no texto e compartilhem seus pontos de vista sobre o tema. Essa temática pode ser trabalhada em conjunto com a área de Ciências Naturais.

Página 100

Prática de pesquisa: Alimentos transgênicos: investigando em casa

O projeto investiga a alimentação a partir da análise dos elementos de uma receita que faz parte da cultura nutricional da família do estudante. O objetivo é compreender quais elementos envolvidos em seu preparo têm origem transgênica ou têm relação com tecnologia transgênica, e o que a família sabe sobre esse tipo de alimento. Neste projeto, é importante o estudante compreender o conceito de alimento

transgênico, seus impactos para a saúde, a economia e a sociedade.

Ampliando

Para aprofundamento no tema acesse o artigo "Saiba o que são alimentos transgênicos e quais os seus riscos", do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (disponível em: https://idec.org.br/consultas/dicas-e-direitos/saiba-o-que-sao-os-alimentos-transgenicos-e-quais-os-seus-riscos; acesso em: 21 maio 2020).

- **Junte-se!:** O uso das receitas é importante para os estudantes valorizarem sua alimentação como traço cultural e desenvolverem ferramentas para questioná-la no núcleo familiar.
- **Desenvolva, investigue!:** Oriente os estudantes para que registrem as respostas da entrevista e explique a eles que a pessoa entrevistada provavelmente expressará percepções próprias a respeito da alimentação, além de informações e conhecimentos oriundos de estudos.
- **Analise, compartilhe!:** Os estudantes devem formular argumentos com base nas informações coletadas e no conhecimento sobre alimentos transgênicos, e propor opções pela reformulação da receita original.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 101-103

Transformações no trabalho rural

Durante a leitura do texto, incentive os estudantes a partilhar suas experiências em relação ao tema discutido. Veja, por exemplo, quem tem familiares que trabalham no campo e de que modo eles reconhecem as transformações mencionadas no texto.

Aproveite os elementos das imagens para diferenciar os aspectos principais da agricultura mecanizada e da agricultura familiar. Tenha o cuidado de não reproduzir estereótipos sobre as duas formas de produção no campo.

Ressalte que, mesmo tendo histórico de relações de trabalho menos mecanizadas, a agricultura familiar tem mostrado avanços no uso de novas tecnologias, como ressalta a seção **Análise** da página 102. Essa informação contribui para a percepção de que a agricultura familiar não é avessa à inovação tecnológica, nem é "atrasada" em relação à agricultura mecanizada. É, na verdade, outro modelo de produção que dialoga com as inovações, mas está fundamentado em objetivos e valores diferentes daqueles da agroindústria mecanizada.

Para finalizar, analise com os estudantes o modo que o meio técnico-científico-informacional organiza a produção no campo. Anteriormente, o percurso abordou a questão dos aplicativos no trabalho urbano. O trabalho no espaço rural também usa tecnologias de comunicação para aumentar a produtividade e o alcance de seus serviços.

Análise: Tecnologia no campo

Respostas

1. São agricultores assentados que fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).
2. O aplicativo JuntaPedido conecta produtores a consumidores, o que facilita o escoamento dos produtos dos agricultores.
3. Resposta pessoal. É importante observar as fontes que os estudantes usaram. Aspectos importantes da agroecologia: policultura, sustentabilidade, inter-relação das esferas sociais, culturais, ambientais e econômicas.

Páginas 104-105

Atividades

Respostas

1. **a)** Resposta pessoal. Espera-se que o estudante retome aspectos estudados no percurso para justificar sua resposta.

b) Resposta pessoal. Espera-se que o estudante retome a questão problematizadora da unidade e desenvolva criticamente a compreensão do trabalho sob o capitalismo. É possível desdobrar essa problematização nos seguintes termos: De acordo com sua perspectiva, é possível um mundo do trabalho que não ocupe a dimensão atual na vida dos trabalhadores?

c) Resposta pessoal. Os estudantes devem usar os conceitos e conhecimentos do percurso para um exercício que mobiliza a imaginação e a criatividade. Alguns elementos centrais discutidos que podem ser retomados: a condição da mulher no mercado de trabalho; as desigualdades raciais na história do trabalho no Brasil; as transformações no mundo do trabalho do século XXI; as novas tecnologias e as legislações trabalhistas; o trabalho rural e urbano, entre outros. Uma possibilidade é desenvolver este conteúdo de forma interdisciplinar com o professor de Arte e organizar a transposição plástica desses *slogans* para cartazes e/ou faixas que simulem a manifestação hipotética de trabalhadores.

2. Comece a atividade listando na lousa as empresas globais do cotidiano deles, citadas nas respostas, que produzem vestimentas, calçados, eletrônicos etc. Em seguida, peça que pesquisem notícias e estudos das Ciências Humanas que informem mobilizações dos trabalhadores dessas empresas ou relacionados à sua cadeia produtiva, como a condição de terceirizados. Promova um debate sobre os resultados.

3. O meio técnico-científico-informacional reorganizou a produção e [illegible] as relações de trabalho. As novas tecnologias e os novos serviços que atuam no campo brasileiro ativam uma cadeia de mão de obra especializada e qualificada. Nesse processo, observa-se automação contínua da produção, o que acarreta a substituição de trabalhadores por maquinários.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

4. **a)** Segundo o gráfico, o número de pedidos para o seguro-desemprego saltou de pouco mais de 200 mil em fevereiro para mais de 3 milhões em março.

b) Segundo o texto, o impacto da pandemia da covid-19 resultou em muitos desempregos, pondo fim ao mais longo ciclo de geração de empregos no país. O desemprego em cadeia levou os cidadãos estadunidenses a recorrer ao Estado em busca de ajuda.

c) O Congresso aprovou um pacote de estímulo de US$ 2 trilhões para a economia estadunidense. O texto mostra como o governo atuou para diminuir os impactos da crise causada pela pandemia da covid-19.

d) A atividade pode ser desenvolvida como pesquisa extraclasse. O estudante deve buscar informações em fontes oficiais e públicas sobre o seguro-desemprego.

e) Esta questão pode ser debatida pelos estudantes com sua mediação visando ao aprofundamento de visões parciais e simplistas a respeito da vida em sociedade. A maioria da população brasileira acredita que não há oportunidade de ter "uma reserva de recursos para se sustentar", em razão de sua própria condição de classe trabalhadora.

f) Os trabalhadores informais não têm direitos trabalhistas garantidos porque sua carteira de trabalho não é assinada. Assim, não têm acesso ao seguro-desemprego.

UNIDADE 3 Por que trabalhamos?

Temas

Percursos	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
5 Mundos do trabalho	• Os sentidos do trabalho em sociedades não capitalistas • A divisão social do trabalho segundo Durkheim • O trabalho no feudalismo • O trabalho em sociedades indígenas tradicionais ameríndias	• Educação para os Direitos Humanos • Ciência e Tecnologia • Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
6 Desafios do trabalho no mundo capitalista	• Desafios do trabalho no mundo capitalista da atualidade • A relação entre o trabalho e as gerações • Estrutura econômica e setores da economia • Trabalho, povos indígenas, idosos e jovens • Desigualdade de gênero, desigualdade racial e trabalho • Desafios atuais do mercado de trabalho no Brasil • A questão do trabalho informal • Trabalho análogo à escravidão	

Objetivos

- Conhecer processos sociológicos de exploração do trabalho.
- Analisar, de uma perspectiva filosófica, a diversidade de concepções sobre o trabalho em diferentes sociedades.
- Interpretar dados e processos relacionados à organização e exploração do trabalho, em gráficos, tabelas, mapas e infográficos.
- Compreender as especificidades da integração de diferentes setores da população nas relações de trabalho, com destaque para idosos e jovens.

Justificativa

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O trabalho na sociedade capitalista é regido por uma visão de mundo que o associa quase exclusivamente à dimensão econômica. É a forma que o indivíduo obtém renda para viver com dignidade. Contudo, em sociedades do passado e do presente, o trabalho tem significados filosóficos, religiosos e culturais diversos. Esta unidade aborda essas sociedades tanto do ponto de vista sociológico – analisando sua estratificação social, as formas de divisão do trabalho e a cultura – quanto de uma perspectiva filosófica. Dessa maneira, os estudantes podem compreender que a exploração do trabalho no mundo capitalista é uma construção social, uma forma específica de conceber essas relações.

Também são desenvolvidas na unidade aprendizagens que envolvem a análise de dados e processos organizados em gráficos, tabelas e infográficos sobre contextos demográficos e econômicos diversos. O objetivo é municiar os jovens com instrumentos e métodos para análise social e comparação entre contextos distintos, muito úteis para a compreensão da realidade contemporânea.

Entre essas análises, destacam-se aquelas relacionadas a dinâmicas populacionais e econômicas em situações específicas, como a dos indígenas e das populações urbana e rural, masculina e feminina. Em especial, são analisados os problemas específicos enfrentados pelos idosos e pelos jovens no aspecto econômico e nas relações de trabalho.

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

Competências gerais: 1, 2 e 6
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 4 e 6
Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS404 e EM13CHS606
Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias: 1

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 1: o conteúdo trabalhado leva os estudantes a valorizar e utilizar conhecimentos das disciplinas das Ciências Humanas para a compreensão de realidades diversas, incluindo as dinâmicas populacionais e as características do mercado de trabalho brasileiro e mundial.

Competência geral 2: é desenvolvida nas atividades que envolvem investigação, reflexão, análise crítica, imaginação e criatividade no estudo das transformações no mundo do trabalho e dos perfis demográficos da população brasileira e mundial. Em diversos momentos, os jovens recorrem à abordagem de disciplinas como a Geografia, a História, a Sociologia e a Demografia para a formulação de hipóteses e elaboração de propostas de ação.

Competência geral 6: é contemplada na valorização de saberes e vivências de diferentes sociedades em suas relações com o trabalho, incluindo análises tanto da sociedade feudal quantas das indígenas, que elaboram culturalmente e organizam socialmente o trabalho de maneira diversa da sociedade capitalista contemporânea. A desnaturalização do trabalho capitalista possibilita aos jovens entender melhor as relações que virão a estabelecer no mundo do trabalho, propiciando escolhas alinhadas a seus projetos de vida e desenvolver sua autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: é desenvolvida por meio da análise dos processos de reconfiguração do trabalho em diferentes sociedades e das dinâmicas demográficas complexas. Algumas atividades incluem o conhecimento de procedimentos epistemológicos e científicos produzidos por diferentes áreas das Ciências Humanas.

Competência específica 4: é contemplada na análise do trabalho no mundo contemporâneo, incluindo estudos sobre diferentes territórios, contextos e culturas. Os estudos das transformações no trabalho e das características históricas, territoriais e demográficas do trabalho no Brasil possibilitam desenvolver plenamente essa competência.

Competência específica 6: é contemplada nas atividades que promovem o debate entre os estudantes, propiciando sua formação crítica, com respeito a diferentes posições e exercício da autonomia e responsabilidade. Entre outros, são debatidos temas como os sentidos do trabalho na vida das pessoas e as políticas trabalhistas e previdenciárias brasileiras.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS101: é desenvolvida ao longo da unidade pelas fontes de naturezas diversas apresentadas aos estudantes para que façam identificação, análise e comparação

entre elas. As atividades da unidade contemplam essa habilidade.

EM13CHS103: é contemplada quando os jovens sistematizam e analisam dados e informações para compreender aspectos da sociedade que incluem as dinâmicas no mercado de trabalho e as transformações demográficas nas sociedades. Em diversas atividades, os estudantes elaboram hipóteses, selecionam e analisam evidências e constroem argumentos sobre esses processos, utilizando fontes de naturezas diversas, incluindo textos filosóficos, documentos históricos, além de mapas, tabelas e gráficos.

EM13CHS105: é desenvolvida no estudo de transformações sociais que envolvem uma compreensão das culturas e significados atribuídos ao trabalho, à vida urbana e rural, à relação com o meio ambiente, entre outros aspectos. Dessa maneira, são explicitados os limites e as ambiguidades de abordagens dicotômicas e evolutivas a respeito desses temas, como aquelas que opõem e hierarquizam urbano e rural, cultura e natureza, razão e emoção.

EM13CHS401: é contemplada no estudo da estratificação social, da formação trabalho, das transformações tecnológicas e dos conflitos de classe em diferentes sociedades. Essa competência é desenvolvida ao longo de todo o conteúdo da unidade, já que seu tema é diretamente ligado à identificação e análise das relações de classe.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS402: é contemplada nas muitas atividades de análise e comparação de dados sobre o universo do trabalho e as diferenças sociais no Brasil e no mundo. A unidade inclui muitos gráficos e tabelas que relacionam questões da realidade dos jovens a processos mais amplos, ligados à estratificação e às dinâmicas demográficas da sociedade.

EM13CHS404: é desenvolvida ao longo de toda a unidade, já que a identificação e a discussão sobre múltiplos aspectos do trabalho são procedimentos utilizados nos estudos sobre a formação do capitalismo e sobre a sociedade brasileira contemporânea. Entre esses estudos, destacam-se aqueles sobre as especificidades da integração dos jovens no mercado de trabalho e sobre os impactos de transformações técnicas, tecnológicas e informacionais nas relações de trabalho em diferentes sociedades.

EM13CHS606: é contemplada na análise da sociedade brasileira, principalmente quando são utilizados dados organizados em tabelas, gráficos, infográficos e mapas para a elaboração de soluções para problemas contemporâneos, incluindo desigualdades raciais e de gênero, entre outros.

Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 1: é desenvolvida no trabalho com diferentes linguagens, inclusive artísticas, em atividades que formam o jovem como receptor e produtor de discursos. Além das diversas atividades que envolvem a análise e reflexão sobre obras de arte, a prática de pesquisa desta unidade é dedicada ao tema "Arte e trabalho", consistindo num exercício que serve diretamente à realização dessa competência.

Perfil do professor

Nesta unidade, o professor de **Geografia** pode usar seus conhecimentos a respeito da análise das dinâmicas populacionais em âmbito local, regional, nacional e global para desenvolver aprendizagens que focam o trabalho da sociedade contemporânea e com uso de tabelas, infográficos e mapas.

O professor de **Sociologia** pode desenvolver os sentidos do trabalho em diferentes sociedades, contribuindo assim para

uma abordagem atenta à dimensão cultural do trabalho nas sociedades humanas. Além disso, seu perfil é adequado para a abordagem da análise crítica de problemas sociais relacionados às relações de trabalho no mundo contemporâneo.

O conteúdo também pode ser trabalhado pelo professor de **Filosofia**, em especial a análise das visões de mundo religiosas e filosóficas que concebem o trabalho de diversas maneiras em diferentes sociedades, com destaque para o estudo das universidades e das correntes filosóficas na Europa Medieval.

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 106-107

A atividade deve ser feita coletivamente, como introdução ao assunto proposto na unidade e para que os estudantes façam uma avaliação diagnóstica a respeito do trabalho na produção e organização da vida. É importante que todos sejam estimulados a participar; valorize as diferentes opiniões, experiências e pontos de vista.

Respostas

1. Analise com os estudantes a foto de Charles C. Ebbets, tirada em 1932, no topo dos 69 andares do RCA Building, que faz parte do Rockefeller Center, no centro de Nova York (EUA). É uma representação icônica das condições da classe operária na época da Segunda Revolução Industrial. Os homens retratados são operários da construção civil empregados na obra, que descansam no alto do edifício sem qualquer tipo de proteção à vida.
2. Estimule a participação dos estudantes para que estabeleçam relações entre condições de trabalho e qualidade de vida com base em suas vivências e seus conhecimentos prévios. Aproveite a fotografia para iniciar esse diálogo; evidencie o impacto de trabalhos em que há alto risco de vida.
3. Você pode complementar a análise da fotografia com dados sobre acidentes de trabalho na construção civil para reforçar a gravidade desses riscos. No debate, é preciso dar especial atenção a respostas que remetam a situações sensíveis para os jovens.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 108

Trabalho, produção e organização da vida

De forma introdutória, o conteúdo desta abertura convida os estudantes a analisar algumas questões sobre o tema do trabalho e os estimula a perceber que ele não se restringe ao universo do capitalismo.

As perguntas formuladas visam enriquecer o olhar dos estudantes acerca da problemática do trabalho: aqui ela é apresentada sob o prisma da pluralidade e com estímulo à valorização da vida.

São apresentados também dados produzidos pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para dar mais embasamento à discussão. A abertura pretende, em suma, despertar o interesse dos estudantes para os diferentes aspectos do trabalho e levá-los a pensar criticamente sobre as próprias ideias acerca do tema.

Respostas

O objetivo da tirinha é levar os jovens a refletir sobre as dimensões éticas do trabalho no contexto capitalista. Sugerimos que a atividade seja feita individualmente, por escrito, em sala de aula. Ao final, os estudantes podem compartilhar voluntariamente suas respostas com a turma. As informações dos estudantes possibilitam a você reunir elementos para mediar um debate sobre os dilemas éticos envolvidos no trabalho em sociedades capitalistas, como o lugar que ele ocupa na vida das pessoas.

1. O personagem sugere que as pessoas vivem para trabalhar, indica que o trabalho se torna, muitas vezes, mais importante que a própria vida.
2. Resposta pessoal. Miguelito quis evidenciar o tempo que as pessoas passam trabalhando para poder ter condições de sobrevivência. Muitas dessas pessoas não têm tempo de realizar atividades de lazer por causa da sobrecarga de trabalho.
3. Resposta pessoal. O debate em torno desta questão pode ser aprofundado, de modo que seja desenvolvido ao longo do primeiro percurso da unidade. Oriente os estudantes na discussão para que reflitam também sobre as sociedades não capitalistas.

Percurso 5

Mundos do trabalho

Página 110

Mundos do trabalho

Neste conteúdo, estabeleça a diferença conceitual entre trabalho como atividade humana transformadora – que perpassa toda a experiência humana – e trabalho na forma específica do capitalismo. A citação inicial serve para construir uma primeira definição sobre o trabalho humano e propicia a reflexão sobre a especificidade do trabalho capitalista. Apresente a ideia de mercadoria e indique a possibilidade de pensar no trabalho como um produto com valor e preço. Discuta com os estudantes se seria possível pensar nesse conceito em outros tempos e em outras sociedades.

Análise: O mercado de escravizados

Contextualize o anúncio reproduzido no boxe indicando que foi publicado em um jornal paulista do século XIX. Peça aos estudantes que se reúnam em duplas para responder às questões. Depois reserve um tempo para a discussão das respostas e peça à turma que analise cuidadosamente o resultado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao final, retome a palavra para um fechamento que amarre as ideias comuns e destaque positivamente as diferenças entre as visões apresentadas. Aproveite para fazer uma avaliação diagnóstica a respeito das diferentes formas históricas de exploração do trabalho e suas dimensões éticas. Fique atento para falas que possam incitar discursos e comportamentos preconceituosos.

Respostas

1. Pessoas escravizadas, homens e mulheres, para trabalhos diversos.
2. "Bonitos", "moços" (jovens), "sadios" e "reforçados" (fortes).
3. Pessoas escravizadas estão à venda. Os leitores do jornal são possíveis compradores dessa "mercadoria", que não é só a execução de um trabalho mas o próprio corpo do trabalhador.
4. O trabalho escravo, além de desumano, não é remunerado. Não há preço para o trabalho, e sim para os homens e mulheres que trabalham, já que são propriedade de alguém. A escravidão no contexto do anúncio era exercida com extrema violência, com uso de chibatadas e outras formas de tortura que podiam levar à morte, sem que fosse considerado crime de assassinato. Nos processos de compra e venda de escravizados, famílias podiam ser separadas e vendidas a diferentes senhores; os proprietários tinham poder sobre o corpo dessas pessoas, o que levava a situações de abuso e violência não apenas ligadas à exploração do trabalho em atividades produtivas. Esse era o caso, por exemplo, da violência sexual contra pessoas escravizadas, principalmente as mulheres que serviam na casa-grande. A escravidão se fundamentava num regime jurídico que não reconhecia o escravizado como sujeito de direitos. No Brasil, a pena de morte era aplicada com frequência contra essa parcela da população, mas raramente era usada para punir pessoas livres.

Página 111

A divisão social do trabalho

Apesar de não estar associada a nenhuma atividade, esse tema é importante para o desenvolvimento do percurso. Converse com os estudantes sobre a condição de especialização e segmentação das ações de trabalho que possibilitam às sociedades se organizarem e produzirem condições de vida. Destaque as ideias de coesão social, solidariedade mecânica e solidariedade orgânica. Coloque em discussão a possibilidade de pensar na organização do trabalho em sociedades não capitalistas.

Página 112

Sociedade feudal

Esse conteúdo aprofunda a reflexão sobre o trabalho em sociedades não capitalistas pela apresentação de um caso da sociedade feudal europeia. A ideia é enfatizar as formas de coesão e segmentação social no momento de afirmação e crise do modelo feudal de trabalho.

É importante destacar as diferenças entre as formas de trabalho escravo e feudal. Se considerar necessário, peça aos estudantes que façam uma atividade de comparação com informações pesquisadas na internet.

Página 113

Análise: No Sistema Feudal

A imagem apresenta uma cena de trabalhadores no campo. Explique aos estudantes que essa imagem é parte de um tipo particular de representação, não é uma obra de arte como entendemos hoje. Caso eles se interessem pelo tema, sugira uma pesquisa sobre a história da concepção moderna de arte. Entre outros textos, eles podem analisar "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", do pensador da cultura Walter Benjamin, que estudou as interações entre desenvolvimentos técnicos específicos da história do capitalismo e as transformações na concepção de obra de arte na modernidade.

Respostas

1. Os camponeses usam foices no corte de trigo, enquanto o homem que supervisiona segura uma vara, o que indica a prática de punição física.
2. Nesta divisão, uns trabalham e outros comandam, e há também uma relação que envolve o exercício da violência dos senhores contra os servos, por meio do funcionário que administra a execução do trabalho.
3. O trabalho de camponeses no feudalismo era exercido em um contexto de pobreza, dificuldades materiais e violência. O trabalho servil pode ser comparado a trabalhadores em situação de dependência e obrigação, que ocorre hoje ainda, apesar de ser considerado crime pela legislação. Um exemplo são trabalhadores rurais forçados a trabalhar sem salário, em troca apenas de teto e do direito de plantar em uma pequena parte das terras do patrão. Ou ainda a situação de trabalhadoras domésticas cujos patrões desrespeitam a legislação, superexploram e forçam condições indignas de vida, como a restrição ao direito de ir e vir, a falta de proteção previdenciária e de proteção contra violências e abusos no caso de trabalho em ambiente doméstico, espaço em que não há controle externo para coibi-los.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 114

A filosofia medieval

Desconstrua com os estudantes a concepção de que o mundo feudal foi de obscurantismo intelectual, uma "Idade das Trevas". A reflexão filosófica teve peso importante na configuração da cultura do medievo. O surgimento das universidades foi um dos vários sinais da vitalidade intelectual do período.

Respostas

1. Professores e estudantes em uma sala de aula. Os professores estão representados no lado esquerdo da cena, esperando sua vez de falar no púlpito; e os estudantes, na metade direita da imagem, sentados nas cadeiras.
2. As diferenças podem ser muitas, depende das condições de cada sala. Genericamente, podemos indicar os diferentes comportamentos de estudantes e professores, a distribuição espacial da sala, as roupas etc.
3. Há continuidades e rupturas, ocorridas em diferentes épocas. Se julgar necessário, prepare uma breve apresentação sobre essas transformações ao longo do tempo.

Página 115

Respostas

Utilize esta seção para retomar conteúdos abordados no percurso até aqui e desenvolva o conceito de anacronismo, importante para os métodos e teorias da História.

1. Ao afirmar que "o passado é um país estrangeiro" o autor propõe que formemos um olhar para o passado que reconheça sua diferença e singularidade em relação a nosso mundo, formado por outros valores culturais, políticos, sociais e econômicos.
2. O anacronismo consiste em olhar para o passado pressupondo que nossos valores e ideias teriam validade naquela realidade. Portanto, formar um "olhar estrangeiro" sobre o passado é uma forma de evitar o anacronismo e reconhecer nas sociedades que nos antecederam valores e culturas singulares, irredutíveis a nossas concepções de vida social.
3. Resposta pessoal. Esta discussão foi desenvolvida por diversos teóricos da história e pode ser abordada com o sentido de debater a metodologia dos estudos históricos de acordo com autores como Marc Boch, Lucien Febvre e Eric Hobsbawm, entre outros historiadores que abordam o anacronismo.

Página 116

O trabalho nas sociedades ameríndias

Nesta parte do percurso, abordamos outra possibilidade de pensar o trabalho em condições sociais e históricas distintas do capitalismo. A experiência de povos do continente americano, como astecas e incas, nos ajuda a compreender situações de alteridade e a criar um olhar complexo sobre nossa realidade.

Análise: Tenochtitlán

Respostas

1. O texto revela admiração pela cidade dos astecas, que era uma das maiores cidades do mundo naquela época e tinha uma arquitetura imponente e complexa.
2. O relato de Cortez ressalta que a cidade era um centro de comércio no qual muitas mercadorias eram negociadas, o que pressupõe, além da atividade comercial, a produção e o transporte desses bens. Também menciona o trabalho de produção do espaço da cidade, com calçadas "feitas à mão".

Página 117

Método de contagem

Os *quipus* eram uma forma de comunicação e de administração numa sociedade sem escrita. Organize os estudantes em trios para que respondam à questão proposta. Procure repetir o sistema dos *quipus*. É possível desenvolver uma atividade interdisciplinar com o professor de Linguagens a respeito da diversidade de formas de linguagem nas diferentes sociedades. Outra possibilidade é uma parceria com o professor de Matemática sobre os diferentes sistemas numéricos e seus significados culturais e sociais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 119

O conhecimento inca sobre o meio físico: terraços, *colcas* e vãos

Peça aos estudantes que descrevam as imagens identificando os elementos que as compõem. Apresente previamente, com fotografias, as técnicas usadas pelos incas para o nivelamento do terreno íngreme e para a plantação em terraços.

Finalize o conteúdo sobre os povos ameríndios reforçando que o trabalho deles deve ser compreendido em sua singularidade. A comparação com a sociedade industrial contemporânea não deve reduzir o significado e o sentido de suas ações com base em parâmetros externos. O trabalho era fundamentado em conceitos diferentes dos do mundo contemporâneo, cujo objetivo principal é a reprodução do capital pela obtenção de lucros.

Página 120

E no século XXI?

Depois de percorrer dois exemplos históricos importantes, passamos à reflexão sobre a presença de vastos espaços de trabalho não capitalista na contemporaneidade. As perguntas formuladas no início estimulam os estudantes a pensar em outras possibilidades de organização do mundo do trabalho que não sejam ordenadas pelo mercado capitalista. O mundo indígena, igualmente fundamentado no trabalho, é o caminho escolhido para essa reflexão.

Página 121

Análise: Trabalho e preconceito

Respostas

1. Não, pois a reportagem retrata situações em que indígenas sofrem com a discriminação. A precarização do trabalho indígena pode estar associada a um preconceito estrutural em que o indígena é pensado como preguiçoso, indolente e sem capacidade para trabalhar.
2. A situação da população indígena permanece, sob muitos aspectos, semelhante à descrita na matéria do jornal. Além disso, indígenas de diversas regiões do país afirmam que sua situação tem piorado em razão de posturas mais agressivas de setores econômicos predatórios sobre seus territórios, além dos problemas causados pelo desmantelamento de órgãos como a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Página 123

Respostas

1. Resposta pessoal. Este questionamento conduz à reflexão sobre a divisão social do trabalho distribuída pelos gêneros.

2. Resposta pessoal. Pelos dados disponíveis, a divisão desigual entre gêneros é recorrente na maioria das famílias brasileiras.

Utilize o questionamento do final do texto para promover a análise e comparação entre as imagens desta página. Chame a atenção dos estudantes para as diferenças e semelhanças entre os dois trabalhos. Oriente-os na discussão, de modo que percebam que nas diferentes sociedades, capitalistas ou não, o trabalho é o modo de produzir espaços ou bens que sirvam àquela população.

Página 124

Vozes: Hushahu Yawanawá

Esse boxe pode servir para um exercício de reflexão sobre as transformações nas sociedades indígenas contemporâneas, inclusive no sentido da promoção da igualdade entre homens e mulheres. O texto é sobre uma mulher que ocupa um espaço que tradicionalmente não lhe caberia em sua cultura, algo que ocorre também nas sociedades industriais quando são rompidas barreiras no acesso a carreiras e oportunidades, o que altera a estrutura social num sentido inclusivo e igualitário.

Os tantos mundos do trabalho

O percurso feito até aqui pela unidade de que temos destacado a pluralidade do trabalho por uma perspectiva complexa e plural. Use esse encerramento para retomar as ideias mais importantes desenvolvidas na unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 126–127

Atividades

Respostas

1. Entre outras, foram abordadas as características do trabalho escravo no Brasil do século XIX, do trabalho dos servos sob o feudalismo europeu e do trabalho em diferentes sociedades ameríndias.
2. Podem ser desenvolvidas relações entre os poderes feudais e o trabalho dos camponeses; entre o poder senhorial e o trabalho dos escravizados; a divisão sexual do trabalho em diferentes sociedades, em especial naquelas em que o poder político é marcadamente masculino, entre outras possibilidades.
3. Sim, em diversas sociedades o trabalho tem um sentido integrado à religião, sendo exercido para finalidades como culto aos deuses ou respeito a normas sociais de base religiosa, que atuam sobre a organização do trabalho. A ideia do trabalho com finalidade dissociada de sentidos teológicos, filosóficos e existenciais é uma criação da modernidade capitalista.
4. A imagem representa o trabalho de um camponês na Europa Feudal, quando predominava o poder de senhores que ofereciam proteção a populações camponesas, num contexto de fragmentação política e estabelecimento de vínculos pessoais de suserania e vassalagem.
5. Essa questão pode ser trabalhada em grupos de quatro pessoas; sugerimos dedicar cerca de 30 minutos para a atividade. Ao final, é interessante debater o item **c** coletivamente, deixando clara sua relação com o conteúdo trabalhado no percurso.
   - **a)** A fotografia mostra um vendedor ambulante, que é uma forma de trabalho informal e precarizado.
   - **b)** Peça aos estudantes que partilhem suas vivências e conhecimentos sobre o trabalho de um vendedor ambulante e apontem vantagens e desvantagens desse tipo de atividade; destaque o problema da ausência de direitos trabalhistas e previdenciários.
   - **c)** Resposta pessoal. Por um lado, a resposta é "sim", se entendermos que empreendedor é qualquer um que investe num negócio próprio, independentemente do tamanho ou tipo. Nesse sentido, comprar roupas em atacadistas para vendê-las na praia pode ser uma forma de empreender. Por outro lado, a resposta é "não", porque o termo **empreendedor** encobre as diferenças estruturais entre um empresário que empreende com grandes cifras acumuladas em contas bancárias e investimentos e um trabalhador pobre que reinveste seus pequenos rendimentos numa atividade que proporciona pequenos ganhos diários, sem qualquer garantia de como será o amanhã. Como define Ricardo Antunes, a classe trabalhadora é a "classe-que-vive-do-trabalho", já que, se não trabalhar, não consegue subsistir; o ambulante, portanto, se enquadra de forma muito mais adequada nesta definição do que na de "empreendedor".
6. **a)** Entre outras, podem ser identificadas atividades de plantio, colheita, tosagem de lã, capinagem, fabricação artesanal de alimentos e/ou bebidas e caça de animais silvestres.
   - **b)** As técnicas de produção são próprias do contexto feudal europeu, têm caráter predominantemente agrícola e artesanal, organizado segundo uma estratificação social de caráter estamental,

que distingue plebeus e nobres por direitos e privilégios de nascimento.

c) Na figura à esquerda (primeira coluna, segunda linha), montada no cavalo e vestindo trajes identificados com a nobreza europeia da Idade Média.

7. Alternativa **c**. A crítica de Brecht dialoga com os métodos e teorias da historiografia do século XX, em que houve uma crítica a concepções de história que exaltam os feitos dos grandes homens, criando uma visão distorcida do passado, na qual toda a agência parece estar ligada a um pequeno grupo de homens de grande capacidade de compreensão e de intervenção na realidade. Sob esses homens, estaria uma massa oculta de anônimos, cujas trajetórias pessoais e coletivas pouco importavam nos modelos de história do século XIX. Contrário a essa visão, Brecht chama a atenção para o fato de que o passado foi feito pelo trabalho de muitos e não por supostas consciências iluminadas de homens das elites políticas, sociais, econômicas e culturais.

8. As lavouras e o transporte marítimo são espaços de trabalho comuns na sociedade medieval.

9. **a)** Como ocorre nos demais continentes, na América as diversas regiões oferecem condições desiguais de acesso a recursos como a água. Além disso, os números destacam o maior peso demográfico de áreas ocupadas por grandes impérios, como os incas na região andina e os astecas no México. Essa concentração demográfica está relacionada às técnicas de irrigação e outras práticas agrícolas desenvolvidas por essas civilizações, que possibilitaram sua expansão e crescimento populacional excepcionais.

b) Ambas as sociedades eram estratificadas e, na capital, submetiam povos de diferentes línguas e culturas a seu domínio. Também realizaram transformações na paisagem com obras que possibilitavam acesso à água para irrigação de plantações. Essas características estão relacionadas à concentração populacional mostrada na tabela. No caso dos incas, as obras envolveram a transformação de terrenos íngremes, localizados em grandes altitudes, em terras agricultáveis.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Percurso 6

Desafios do trabalho no mundo capitalista

Página 128

Este percurso prioriza as relações do trabalho nas diversas gerações e tece vínculos com a estrutura etária da população em países com diferentes níveis de desenvolvimento. Trabalha a realidade de segmentos sociais específicos como os jovens e a terceira idade. A estrutura econômica e o mundo do trabalho também são abordados com o objetivo de levar os estudantes a compreender terminologias e informações estatísticas como a população economicamente ativa e a evolução no tempo de setores da atividade econômica. Disparidades entre homens e mulheres e desigualdades étnicas também permeiam a unidade.

Temas importantes e contemporâneos são abordados: terceirização e o vínculo com políticas neoliberais; trabalho formal e informal; desemprego; afazeres domésticos; trabalho análogo à escravidão. O percurso procura apresentar diversas dimensões espaçotemporais e convidar os estudantes para reflexão e debate sobre esses temas.

As gerações

Leia o texto com os estudantes, apresentando a eles alguns dos conceitos que servirão para a análise dos gráficos desta seção e das seguintes. Trabalhe as questões do primeiro parágrafo, possibilitando que entendam o sentido de analisar o percentual da população economicamente ativa ou, ainda, de prever a quantidade de jovens que ingressará no mercado de trabalho ao longo dos próximos anos. Essas e outras análises servem para formular e adequar políticas públicas e projetos de intervenção nessas realidades, tanto por parte do Estado quanto de organizações da sociedade civil ou de indivíduos.

Auxilie os estudantes na compreensão do que é uma pirâmide etária, descrevendo que em sua base estão as faixas de idade mais jovem e em seu topo estão as faixas

de idade mais avançada. O formato do corpo da pirâmide propicia, portanto, compreender a dinâmica da população na passagem entre as gerações, possibilitando, por exemplo, estabelecer previsões sobre a quantidade de jovens e de idosos que as políticas públicas deverão atender.

Página 129

Respostas

A atividade requer a leitura da pirâmide etária e sua associação com o nível de desenvolvimento social de diferentes países no mundo contemporâneo.

1. Faça essa atividade com os estudantes mediando a leitura dos gráficos. Destaque a diferença marcante entre os formatos das pirâmides, que expressam padrões muito diversos na distribuição etária da população. A pirâmide da Noruega tem regularidade nas barras, não há grandes discrepâncias entre as faixas etárias. Já a pirâmide da Malásia tem base reduzida em relação ao corpo. Por fim, a pirâmide de Níger tem uma base muito expressiva e a população vai diminuindo à medida que as faixas etárias avançam, com topo bem reduzido.
2. O país com a base mais estreita é a Noruega, o que indica baixa taxa de natalidade e uma proporção de jovens inferior ao percentual de adultos. Essa configuração resulta de melhor qualidade de vida da população em termos de acesso à saúde e educação, além de maior grau de emancipação feminina. Algumas de suas consequências são a maior proporção de idosos e oferta menor de mão de obra de jovens no país.
3. O topo da pirâmide da Noruega tem maior proporção de idosos em decorrência da maior expectativa de vida associada a melhores padrões de acesso à saúde e previdência social. O percentual de jovens inferior ao de adultos é associado à baixa taxa de fecundidade, à prevalência de adultos e ao significativo percentual de idosos. São características da estrutura etária de um país desenvolvido e com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito elevado.
4. Elas são diferentes, principalmente porque a partir dos 35 anos há diminuição acentuada dos percentuais a cada faixa etária no caso da Malásia, sinalizando diferenças notáveis entre as estruturas etárias dessas sociedades. A pirâmide etária da Malásia é de um país subdesenvolvido emergente.
5. As diferenças são ainda mais evidentes. No Níger, cerca de 10% da população tem menos de 4 anos de idade, enquanto na Noruega esse percentual não chega a 3%. A base da pirâmide etária é larga, o que revela alta taxa de natalidade e elevada proporção de jovens. Essa configuração ocorre pela dificuldade de acesso à saúde e educação, além de fatores culturais, uma vez que em países como o Níger, o percentual de habitantes em áreas rurais é relevante e o número elevado de filhos está relacionado à necessidade de mão de obra para o trabalho no campo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 130-131

E o Brasil?

Respostas

1. Peça aos estudantes que façam uma pesquisa e registrem os resultados numa tabela (ou, se preferirem, em uma árvore genealógica) com dados da própria geração, dos pais, dos avós e bisavós. Os dados que devem constar são: quantidade de filhos em cada geração e a análise, de acordo com as entrevistas, dos motivos da mudança no número de filhos em cada geração. Podem ser acrescentadas outras informações, como registro de mudanças migratórias da família, falecimentos (o que pode indicar a alta mortalidade infantil nas gerações anteriores), casos de pessoas longevas, contrariando a tendência geral da pirâmide, entre outras observações.
2. A tendência geral é a de um número menor de filhos nas gerações mais recentes, se comparadas às dos avós e bisavós, mas isso pode não ocorrer em casos específicos – lembre aos estudantes que o gráfico expressa tendências gerais da população e não as particularidades de cada família. É importante eles entenderem esse conceito para que compreendam também a razão das análises demográficas, cujo objeto de estudo é a sociedade em suas tendências populacionais. Esse estudo inclui questões diversas, como a redução da mortalidade em razão do desenvolvimento das ciências, de técnicas e tecnologias médicas e farmacêuticas; a diminuição da natalidade em função de transformações sociais – como o êxodo rural, visto que no campo o grande número de filhos era importante para a economia familiar – ou por causa do desenvolvimento técnico-científico, como a pílula anticoncepcional, que propiciou o planejamento familiar numa escala inédita.
3. Utilize as informações registradas pelos estudantes nas entrevistas para analisarem, juntos, os resultados quantitativos da pesquisa. Essa etapa pode servir para apresentar aos estudantes a interface entre análise quantitativa e qualitativa, possibilitando a elaboração de hipóteses com base em ambas.
4. Resposta pessoal. Os estudantes devem responder

"sim" ou "não" e justificar a resposta, apontando as razões da tendência à diminuição do número de filhos, sua estabilidade ou aumento, ao longo das gerações.

A pesquisa deve ser feita seguindo os quatro itens do roteiro. É fundamental que o estudante elabore um plano de pesquisa e o apresente a você. No roteiro, ele deve identificar as mudanças ou permanências e relacioná-las com os possíveis fatores sociais, econômicos ou culturais. É também essencial investigar se a história demográfica da própria família, nas várias gerações, guarda similaridades ou diferenças em relação à média do país. É importante também estimular a reflexão sobre as conexões entre as mudanças ou permanências com as condições de trabalho e a mobilidade social.

Respostas

1. É importante que os estudantes pesquisem países com diferentes níveis de desenvolvimento humano: desenvolvidos, subdesenvolvidos emergentes e subdesenvolvidos periféricos. Dessa forma, caso julgue conveniente, prepare uma lista dos países a serem pesquisados e faça um sorteio com a turma.
2. É fundamental a comparação com a previdência social brasileira, levando em consideração aspectos positivos e eventuais problemas. Você pode organizar um debate no qual cada estudante exponha os resultados de sua pesquisa e aprenda com as pesquisas dos colegas.
3. Estimule o debate sobre os sistemas de previdência social, de modo a levantar propostas para o aperfeiçoamento ou manutenção das regras da previdência social brasileira com base em elementos dos sistemas previdenciários de outros países.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 132

Análise: Pirâmide etária brasileira

Estimule o debate sobre o Brasil do passado, do presente e do futuro em relação às políticas sociais em setores como educação, saúde, previdência e trabalho; inclua na reflexão o papel do Estado e da iniciativa privada, somado ao terceiro setor (ONGs).

Respostas

1. Entre 1991 e 2010, observa-se diminuição na proporção de jovens, vinculada à queda da taxa de natalidade. A base da pirâmide era mais larga e sofreu estreitamento. Entre os três censos demográficos observa-se o alargamento do topo, que representa aumento na proporção de idosos em razão da elevação na expectativa de vida.
2. Entre 1991 e 2010 verifica-se queda na taxa de natalidade e elevação na expectativa de vida.
3. Considerando a tendência da pirâmide etária brasileira para o futuro, recomenda-se o investimento massivo em educação de qualidade para os jovens no Ensino Fundamental, Médio e Superior. Para os adultos, é importante estimular a geração de empregos formais no setor privado e público de modo a aproveitar o bônus demográfico (período em que a população economicamente ativa é superior à taxa de dependentes), medida crucial para manter a arrecadação e a estabilidade da previdência social. Para os idosos, é essencial o investimento em previdência social, saúde pública e programas específicos de educação e lazer para a terceira idade.

Páginas 133-134

Análise: Pirâmide etária e desigualdade

Respostas

1. A pirâmide dos habitantes de áreas urbanas normais se assemelha à de um país com IDH elevado, enquanto a dos subnormais têm características que reforçam os traços de subdesenvolvimento da realidade brasileira.
2. Essas diferenças revelam desigualdades socioeconômicas como a maior proporção de trabalhadores jovens nas áreas subnormais e de idosos nas áreas normais.
3. Entre os impactos, eles podem destacar maior dificuldade de jovens das áreas subnormais em ter oportunidades no mercado de trabalho.

Populações indígenas

Situe os indígenas como um conjunto bastante diversificado de povos que apenas muito recentemente, em 1988, tiveram seus direitos reconhecidos pelo Estado brasileiro. Eles têm sobrevivido a diversas formas de violência, incluindo práticas genocidas de atores privados e do Estado, e sofreram grandes perdas populacionais em diversos períodos da história brasileira. Reforce a importância da garantia do direito à terra e à autonomia para que esses povos possam viver dignamente.

Página 135

Populações idosas

Converse com os estudantes sobre os preconceitos modernos em relação aos idosos; mostre que em diversas sociedades humanas eles são o grupo mais valorizado da população. Destaque a importância do sistema previdenciário e do Sistema Único de Saúde para que os idosos tenham seus direitos garantidos.

Página 136

Análise: A terceira idade no mercado de trabalho

O objetivo é promover reflexão sobre a inserção da terceira idade no mercado de trabalho e sobre os vínculos com a transição demográfica em curso, que altera a estrutura etária e econômica da população.

Respostas

1. O aumento de pessoas de terceira idade no mercado de trabalho foi causado pelo envelhecimento demográfico, pela mudança em padrões culturais, inclusive das empresas, além do ambiente de crise econômica.
2. Resposta pessoal. Os estudantes podem citar exemplos familiares e do círculo de amigos em quaisquer atividades econômicas.
3. Resposta pessoal. Os estudantes podem elencar vantagens como a experiência da terceira idade em vários campos, bem como a importância da interação entre gerações.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Populações jovens

Faça a leitura mediada do texto, encaminhe o trabalho com o mapa da média de horas semanais dedicadas a outras formas de trabalho por pessoas de 5 a 17 anos de idade. O objetivo é estimular a compreensão de um dos mais graves problemas da sociedade e do mercado de trabalho brasileiros: crianças e adolescentes que trabalham. Estimule a reflexão sobre esse fato, que compromete a educação de muitos jovens e sua preparação para o futuro profissional em condições muito desiguais se comparado a outros segmentos sociais nos quais esse problema não se manifesta.

Página 137

Respostas

1. O mapa destaca o trabalho infantil, inclusive o tempo dedicado aos afazeres domésticos, um tipo de trabalho muitas vezes invisível.
2. O problema se manifesta em todas as regiões com indicadores pouco díspares. Quanto ao cuidado de pessoas ou afazeres domésticos, o número de horas é maior no Nordeste e Norte, e um pouco menor no Centro-Oeste e Sul. No que concerne à produção para o próprio consumo, o número de horas é maior no Nordeste e um pouco menor no Centro-Oeste e Sul. No Sudeste, o quadro é intermediário.
3. Resposta pessoal. Os estudantes devem elencar soluções. Entre outras respostas possíveis, a implantação de escolas de tempo integral, a ampliação de programas de transferência de renda condicionados à eliminação do trabalho infantil e programas de lazer e cultura para jovens.

Página 138

Análise: Infância roubada

Respostas

1. Entre outras semelhanças podem ser apontadas as jornadas extenuantes, a vulnerabilidade das crianças diante de situações como a dos acidentes de trabalho, além das dificuldades em seguir com os estudos.
2. Resposta pessoal, na qual os jovens deverão relacionar a questão ao conteúdo dos textos e da unidade, elaborando hipóteses sobre as permanências históricas no trabalho infantil. Entre outras possibilidades, podem ser destacados o lugar que o Brasil ocupa na divisão mundial do trabalho; a persistência da pobreza extrema no país; os problemas na efetivação de direitos diversos na trajetória constitucional do Brasil; a ineficiência de políticas de combate ao trabalho infantil em razão da influência de setores que se beneficiam dela; e a exclusão histórica de populações negras e indígenas, que são as principais impactadas pelo problema.
3. Resposta pessoal, na qual os estudantes devem elaborar uma redação com argumentos fundamentados em análises de conteúdo das Ciências Humanas (da unidade ou de outras fontes) a respeito das consequências do trabalho infantil. Podem ser destacados os impactos pessoais (físicos, psicológicos, afetivos, pedagógicos, entre outros) na vida

das crianças e os impactos sociais da persistência do trabalho infantil, como o aprofundamento de desigualdades, o aumento da exploração, a violação sistemática de direitos etc.

Ampliando

Para ampliar seu repertório a respeito de diferentes situações relacionadas com a infância, sugerimos a análise do filme a seguir.

CRIANÇAS Invisíveis. Direção: Ridley Scott et al. Produção: Stefano Veneruso et al. França; Itália, 2006. (124 min).

Em episódios diferentes, crianças de várias partes do mundo e em diversas situações sociais são retratadas em tramas que envolvem conflito, drama e esperança.

Página 139

Estrutura econômica

A análise do infográfico é importante para o estudante ter uma ideia geral da terminologia e dos conceitos ligados ao mercado de trabalho. Também possibilita a reflexão sobre as desigualdades entre trabalhadores formais e informais, e entre homens e mulheres, ou seja, a análise dos dados estatísticos é subsídio para evitar a adesão a informações incorretas, além de permitir uma compreensão maior dos dados e processos que ocorrem no cotidiano do país e são divulgados pelos meios de comunicação.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Observa-se a disparidade salarial entre trabalhadores formais e informais. Os trabalhadores informais têm renda mais baixa.
2. Também há desigualdade entre homens e mulheres. Os salários das mulheres são mais baixos do que os dos homens.
3. A dupla jornada refere-se às pessoas que, além do trabalho formal ou informal, encarregam-se dos afazeres domésticos. Geralmente, são as mulheres que fazem dupla jornada.

Página 140

Os setores da economia

Estimule os estudantes a fazer uma pesquisa que pode ser desenvolvida em dupla. Enquanto um deles se concentra nas condições de vida e trabalho dos ribeirinhos, o outro foca o comércio do açaí em escala internacional. O objetivo é visualizar as relações econômicas desiguais estabelecidas, nas quais o valor dos produtos manufaturados fabricados fora do Brasil é muito mais elevado do que o produto básico, a matéria-prima exportada. A atividade deve levar também à questão do investimento público e privado do Brasil em inovação tecnológica.

Respostas

1. Os estudantes devem pesquisar na internet o trabalho dos extrativistas responsáveis pelo manejo e coleta do açaí na região amazônica, em estados como o Pará. Podem ser consultados textos jornalísticos, artigos acadêmicos e *sites* de organizações que praticam o extrativismo na região. Espera-se que organizem e avaliem as informações encontradas, embasando seus argumentos nessas fontes. Entre outros, podem ser consultados os seguintes materiais:

- MARTINOT, Jan Feldmann; PEREIRA, Henrique dos Santos; SILVA, Suzy Cristina Pedroza da. Coletar ou cultivar: as escolhas dos produtores de açaí-da-mata (*Euterpe precatoria*) do Amazonas. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, DF, v. 55, n. 4, p. 751-766, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032017000400751&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 jul. 2020.
- AÇAÍ gera renda e protege florestas na Amazônia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 nov. 2014. Disponível em: https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-economico/acai-amazonia/. Acesso em: 9 jul. 2020.

2. O extrativismo do açaí pode ser considerado um exemplo de desenvolvimento sustentável, uma vez que envolve a conservação da Floresta Amazônica, a consolidação de uma atividade econômica e a geração de trabalho e renda para povos tradicionais, principalmente os ribeirinhos.
3. Entre as informações encontradas pelo estudante, espera-se que seja mencionada a exportação da matéria-prima para países desenvolvidos como os Estados

Unidos, que, usando o açaí, desenvolveram uma série de produtos industrializados de maior valor agregado.

A atividade estimula a interpretação de gráficos que mostram a evolução da população ocupada nos setores primário (agropecuária), secundário (indústria) e terciário (serviços). Desse modo, possibilita ao estudante fazer associações entre o mercado de trabalho e a evolução da economia brasileira durante o período representado no gráfico e refletir sobre o cenário contemporâneo.

Respostas

1. Durante o período (2012 a 2017), verifica-se a prevalência do setor terciário – no gráfico denominado "serviços" –, mas que também inclui o comércio e o sistema financeiro.
2. No período considerado, observa-se um aumento no percentual de trabalhadores do setor de serviços, que representa quase 70% dos empregos. Os setores agropecuário e industrial declinam percentualmente.
3. O mercado de trabalho passa por uma transformação no Brasil, com a terciarização da economia, ou seja, o crescimento do setor terciário, dominante na formação do Produto Interno Bruto (PIB), induz a maior participação proporcional do setor no conjunto de empregos. Os setores agropecuário e industrial declinam: o agropecuário, em decorrência da mecanização do campo e de políticas insuficientes de distribuição de terras; o industrial enfrenta grave crise devido à desindustrialização que afeta bastante a indústria de transformação, com fases de perda de empregos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ampliando

Para ampliar seu repertório a respeito das diferentes realidades do trabalho, sugerimos a análise do filme a seguir.

ESTOU me guardando para quando o Carnaval chegar. Direção: Marcelo Gomes. Brasil, 2019. (75 min).

O documentário mostra a dinâmica dos trabalhadores da indústria têxtil em uma cidade do agreste pernambucano, onde as relações de trabalho não respeitam as normas da CLT e grande parte da população local defende esse modelo.

Página 142

O mercado de trabalho no Brasil

Utilize as questões para introduzir o conceito de desemprego estrutural, destacando sua relação com a aplicação da tecnologia na sociedade capitalista e com a manutenção de um exército de mão de obra de reserva. Na atividade, é possível abordar: o desemprego no mundo contemporâneo; a empregabilidade, considerando as transformações tecnológicas; e o papel do Estado e da iniciativa privada.

Respostas

1. O desemprego estrutural é o processo de substituição de postos de trabalho pelo emprego de tecnologia, como a automação e robotização, resultado da modernização.
2. Espera-se que os estudantes mencionem que as soluções para acabar com o desemprego envolvem empenho do Estado e do setor privado para fomentar o crescimento da economia, além de políticas corretas em setores como o da educação.
3. Resposta pessoal. Entre as possibilidades, as ações do Estado, do setor privado e do terceiro setor (ONG) em educação de qualidade, qualificação profissional para jovens, requalificação profissional para adultos, além de estímulos específicos para setores da economia que geram maior número de empregos no contexto dos países emergentes e subdesenvolvidos.

Páginas 143-144

O trabalho análogo à escravidão

Inicie esta seção retomando o conceito de escravidão, conforme trabalhado no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, com base no estudo de sociedades do passado, incluindo a Roma Antiga e o Brasil Imperial. A exploração do trabalho em condições análogas à escravidão se diferencia dessas realidades na medida em que não é um regime legal de trabalho, mas, pelo contrário, um crime em nossa sociedade. Essa diferenciação é importante para que os jovens visualizem o

que há de específico na realidade social, política e jurídica contemporânea, cuja legalidade é fundamentada no conceito de direitos humanos, segundo o qual a escravidão é inaceitável.

O trabalho em condições análogas à escravidão é, assim, principalmente, um problema de efetivação de direitos que já são formalmente garantidos em nossa sociedade e que para isso passam pela mobilização de poderes diversos, com destaque para o Judiciário, responsável por investigar essas violações da lei.

Além disso, é importante descrever cada uma das situações que podem caracterizar essa violação: trabalho forçado, jornada exaustiva, servidão por dívida e/ou condições degradantes.

Página 145

Respostas

1. Peça aos estudantes que pesquisem casos reais de exploração do trabalho em condições análogas à escravidão e o respectivo contexto. Estimule a reflexão sobre ações que poderiam melhorar o combate ao trabalho análogo à escravidão, entre elas, o fortalecimento dos organismos de combate a essa prática, como as secretarias estaduais de trabalho e a Polícia Federal, e o endurecimento [illegible] empresas e pessoas que exploram trabalho em condições desumanas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 146

Análise: Os soldados da borracha

O texto possibilita refletir sobre a exploração do trabalho em determinado momento histórico e seus vínculos com fenômenos geopolíticos, econômicos e migratórios.

Respostas

1. Os fatores geopolíticos que interferiram na organização do trabalho de exploração da borracha natural foram o advento da Segunda Guerra Mundial e a aliança entre Estados Unidos e Brasil durante parte do governo de Getúlio Vargas, a qual viabilizava e facilitava a exploração da borracha natural para o mercado estadunidense.
2. O ciclo da borracha estimulou fluxos migratórios, principalmente de nordestinos, em direção à Amazônia.
3. Entre os impactos sociais, econômicos e ambientais, os episódios de recrutamento forçado de jovens no sertão do Nordeste para o trabalho na Amazônia, a precariedade das condições de transporte, alimentação e saúde oferecidas aos trabalhadores, o financiamento dos Estados Unidos e a exploração massiva dos seringais.

Página 147

E você, onde entra nessa história?

Utilize esse encerramento do percurso para incentivar o protagonismo dos estudantes, relacionando as diversas questões abordadas na unidade com o momento de suas vidas, marcado pelas expectativas e projetos com relação ao futuro pessoal e profissional. O trabalho, abordado nesta unidade de diferentes perspectivas, será parte da vida deles e é importante que se reconheçam como atores conscientes desse processo, apropriando-se dos conhecimentos e métodos desenvolvidos na escola para compreender os contextos nos quais irão atuar, inclusive os do mundo do trabalho.

Páginas 148-149

Prática de pesquisa: Arte e trabalho

Nesta prática, o estudante irá analisar uma obra cujo tema é o trabalho, investigando o contexto em que foi criada, a mensagem que transmite, a forma pela qual é recebida pelo público.

A introdução aborda as relações entre trabalho e arte construindo uma ponte entre o contexto do artista e seu viver no mundo. Poderá ser acrescentada, a essas reflexões, a consideração de que o artista se interessa pelo tema do trabalho pois se vê pertencendo ao mundo dos trabalhadores.

- **Juntem-se e aprofundem!:** nessa etapa, mais informações podem ser coletadas

numa visita ao *site* do Instituto Moreira Salles (IMS), em que podem ser consultados textos da curadoria, o que permitirá observar previamente as obras que serão investigadas pelos estudantes nas próximas etapas.

- **Escolham e pesquisem!:** algumas perguntas têm um caráter subjetivo. É importante que o estudante visualize o caminho que fez para chegar a suas respostas, tomando nota das diferentes etapas da investigação.
- **Compartilhem!:** a forma de exposição pode ter relação estética com a obra escolhida. Retome com os estudantes a reflexão sobre a atividade de curadoria de uma exposição, possibilitando que vejam o processo de transmissão da cultura como marcado por decisões que envolvem não somente a escolha das obras mas também os suportes e a concepção estética de sua apresentação ao público.
- Caso julgue pertinente, você pode orientar os jovens para que criem sua obra com a temática, podendo ser escolhida a critério deles a técnica a ser utilizada na produção. Dessa maneira, os estudantes podem conhecer o trabalho dos artistas – e aprender a valorizá-lo –, os quais muitas vezes sofrem preconceitos relacionados a seu tipo de atividade. Auxilie-os na percepção de que a produção artística também é um tipo de trabalho a ser valorizado em nossa sociedade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 150-151

Atividades

Respostas

1. Em países desenvolvidos, a base da pirâmide costuma ser estreita, com baixa taxa de natalidade e uma proporção de jovens inferior ao percentual de adultos. Entre suas consequências, estão a maior proporção de idosos na população, o que requer uma política previdenciária adequada, e a oferta menor de mão de obra de pessoas jovens. Em países subdesenvolvidos, a base da pirâmide etária é larga, revelando alta taxa de natalidade e elevada proporção de jovens. Nesses países, é importante desenvolver políticas de emprego para que os jovens se integrem em condições adequadas no mercado de trabalho.
2. A base se estreitou e o topo se tornou mais largo, com predomínio da população adulta. Melhorias na qualidade de vida podem estar relacionadas ao gráfico, devido, entre outros fatores, à diminuição da mortalidade infantil.
3. Como é possível observar no gráfico dos povos do Xingu, sua base é bastante larga, assinalando grande proporção de crianças, e seu topo é estreito, o que evidencia a baixa expectativa de vida.
4. Quase 70% da População Economicamente Ativa (PEA) atua no setor de serviços, que vem crescendo acompanhando a terceirização das relações trabalhistas. A indústria vem diminuindo sua proporção, que é de cerca de 20% atualmente, assim como a agricultura, que está em torno de 10%. A pequena proporção da agricultura é um fenômeno da sociedade urbanizada e industrial do século XX, contrastando com períodos anteriores.
5. Por meio de convenções e recomendações, a OIT atua na promoção de direitos fundamentais dos trabalhadores em nível global. Seu papel é o de combater injustiças, violências e desigualdades no acesso ao trabalho digno como um direito humano. Entre outros aspectos de sua atuação, estão a promoção da igualdade entre homens e mulheres e o combate ao trabalho infantil.
6. O índice de conforto doméstico é mais baixo em áreas rurais em todos os casos. Desde a chegada dos portugueses, estabeleceu-se no Brasil um modelo de reprodução econômica voltado para o lucro. Esse sistema resultou na urbanização do país, primeiro, com o desenvolvimento de cidades portuárias que escoavam produções agrícolas cuja mão de obra era escravizada e se direcionavam aos lucros do mercado europeu. O crescimento urbano se acentuou no século XIX e mais ainda durante o século XX, com a industrialização e o surgimento das metrópoles. As cidades, consideradas espaços do progresso industrial, concentraram os investimentos e políticas públicas. A exclusão da população rural com relação a direitos como o trabalho, a educação e a saúde é marcante na história nacional. A terra nunca foi dividida. Ao contrário, promoveram-se a concentração e a grilagem, praticadas por membros das elites do país contra populações

com modos de vida tradicionais. Portanto, em seus diversos períodos históricos, as populações do campo foram desprivilegiadas no Brasil.

7. Nessa atividade, encontra-se a oportunidade de estimular o debate sobre a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho e no âmbito social e cultural. Pode-se propor a organização da turma em grupos de cinco integrantes para responder às questões. Como estratégia, você poderá formar grupos somente de homens, somente de mulheres e grupos mistos, inclusive para averiguar diferenças em relação às respostas e opiniões sobre o tema. Essas diferenças também podem ser objeto de debate em aula.

a) Comparando as taxas de desocupação (desemprego), observa-se que elas são maiores para as mulheres e menores para os homens na maioria dos estados da Federação.

b) Entre as causas das desigualdades entre homens e mulheres, problemas que afligem mais as trabalhadoras, como a dupla jornada de trabalho e a permanência de preconceito em relação às mulheres no mercado de trabalho.

c) Entre as medidas, a elaboração de uma legislação mais rigorosa para coibir desigualdade de gênero nos espaços de trabalho, o estímulo à inclusão de mulheres em atividades econômicas com dominância masculina e a promoção de mais mulheres aos cargos de chefia das empresas, uma vez que a decisão em relação às demissões geralmente é tomada por homens que ocupam a maioria dos cargos decisórios das empresas.

8. As taxas de desocupação são maiores para pardos e pretos do que para os brancos na maioria dos estados da Federação. Essas desigualdades estão relacionadas à exclusão, discriminação e violência histórica sofrida pelos negros no Brasil, bem como pela falta de políticas efetivas de promoção da igualdade racial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Questões de Enem e vestibulares – gabarito

Página 152

Unidade 1

1. Alternativa **d**.
   Karl Marx define alienação como a perda do controle do produto por parte de quem o produz. Para Marx, as mudanças no modo de produção causadas pelo capitalismo reorganizaram a relação do ser humano com o trabalho: devido à divisão do trabalho do sistema fabril, o indivíduo não tem mais propriedade sobre o que está produzindo, limitando-se a cumprir tarefas aparentemente desvinculadas da finalidade de seu trabalho.

2. Alternativa **b**.
   Na atual divisão internacional do trabalho, a maior parte das produções dos países periféricos não tem alto valor agregado. Muitos dos países em desenvolvimento são exportadores de matérias-primas ou origem de mão de obra para multinacionais estrangeiras. Isso ocorre devido ao processo de industrialização tardio dos países periféricos, quando comparado ao dos países mercantilistas europeus.

3. Alternativa **a**.
   As metáforas apresentadas dizem respeito a uma lógica de economia de mercado, mais especificamente à lógica capitalista, voltada para a mercadoria e para relações baseadas em valores monetários.

4. Alternativa **b**.
   Luta de classes é um conceito marxista que aborda o conflito entre setores diferentes da sociedade capitalista: a classe dominante (detentores dos meios de produção) e a classe dominada (proletários). No texto, Maria Clara é uma trabalhadora que se organiza com seus pares para reivindicar direitos, em oposição a seus empregadores. Portanto, Maria Clara tem consciência da desigualdade presente na estrutura social da qual faz parte.

5. Alternativa **b**.
   Entre os fatores que resultaram na Revolução Industrial na Inglaterra está o cercamento (transformação das terras de uso coletivo em propriedade privada para, majoritariamente, a criação de ovelhas produtoras de lã). Parte do campesinato passou a ser assalariado dos novos detentores das terras. Outra parte migrou para os centros urbanos [illegible] condições de vida, formando um contingente disponível para ser mão de obra das indústrias.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 153

Unidade 2

1. Alternativa **a**.
   O texto aborda a origem trabalhista do Dia Internacional da Mulher. No século XX, a demanda por mão de obra nas indústrias se intensificou, e o uso da mão de obra feminina passou a ser comum. No entanto, não havia igualdade de condições de trabalho entre homens e mulheres: elas trabalhavam mais e recebiam menores salários, por exemplo. Tais condições suscitaram movimentos de mulheres organizadas que reivindicavam melhores condições de trabalho e outras questões ligadas à ampliação da cidadania, como o direito ao voto.

2. Alternativa **a**.
   Escravidão, prisão injusta e governo ditatorial são situações que rompem com a ideia de liberdade que tem como característica, nas sociedades democráticas, a igualdade perante as leis. A atividade possibilita refletir como, nessas sociedades, as ações coletivas podem auxiliar na garantia de liberdade para todos os cidadãos.

3. Alternativa **b**.

   Os depoimentos expõem relações de trabalho análogas à escravidão sofridas por imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Muitos desses imigrantes trabalham em oficinas têxteis, comumente de forma clandestina, cumprindo jornadas exaustivas, em condições de trabalho insalubres e recebendo remunerações extremamente baixas.

4. Alternativa **d**.

   O texto usa a paisagem do Distrito Federal como exemplo para ilustrar um fenômeno que ocorre nas regiões metropolitanas de todo o país: a segregação socioespacial. Esse tipo de segregação exclui o acesso da população mais pobre a oportunidades de trabalho, de estudo e de lazer.

Página 154

Unidade 3

1. Alternativa **c**.

   O texto relata a organização de grupos remanescentes de quilombos para que os produtos do seu trabalho sejam comercializados regionalmente. Essa atividade possibilita refletir sobre formas de organização do trabalho baseadas na cooperação e na coletividade.

2. Alternativa **b**.

   À época da colonização do Brasil, houve conflito de interesses entre jesuítas e colonizadores portugueses em relação aos indígenas que habitavam a região. Enquanto os colonizadores tinham interesse em transformar os indígenas em mão de obra escravizada, os jesuítas queriam catequisar esses grupos, convertendo-os ao catolicismo.

3. Alternativa **e**.

   Com a globalização e as tecnologias relacionadas à comunicação e ao transporte, ocorre o movimento de descentralização das atividades produtivas. Esse movimento é possível devido à modernização de alguns países periféricos, que tendem a se integrar ao mercado como novos polos de produção, ofertando infraestrutura e mão de obra barata.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

4. Alternativa **b**.

   A ascensão do capitalismo neoliberal implicou o crescimento dos mercados financeiros e a diminuição da importância dos setores produtivos. Esse fator causou uma maior concentração de renda entre um grupo pequeno de investidores. Caracterizado pela mínima interferência estatal no mercado, o neoliberalismo não prioriza o fortalecimento de direitos sociais.

REFERÊNCIAS COMENTADAS

10 CENTAVOS. Direção e Produção: Cesar Fernando Oliveira. Bahia: [*s. n.*], 2007. 1 vídeo. (19 min.). Disponível em http://portacurtas.org.br/filme/?name=10_centavos. Acesso em: 8 jul. 2020.

Um dia na vida de um garoto que mora no subúrbio ferroviário de Salvador e trabalha como guardador de carros no centro histórico.

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Reflexão da filósofa sobre as formas de conhecer e organizar o trabalho ao longo da história humana. Discute questões éticas em diferentes formas de trabalho, oferecendo ao leitor uma visão crítica.

ANTUNES, Ricardo C. *O que é sindicalismo*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, v. 3).

O livro apresenta as concepções de sindicalismo e o histórico de transformações e luta dessa organização que surge no século XIX, bem como o impacto da luta sindical nos embates com a burguesia. O autor contextualiza as temáticas sindicais e operárias como processo de tensão e resistência ao desenvolvimento capitalista.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

Nesse ensaio, o autor demonstra que, por meio da constituição de uma massa de trabalhadores expulsos do processo produtivo, emergiu na sociedade do trabalho abstrato um aparente descentramento da categoria trabalho e a perda de centralidade do ato de laborar no mundo contemporâneo.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Revolução Industrial*. São Paulo: Ática, 1994.

O autor aborda os chamados "anos revolucionários", que se estenderam da Revolução Inglesa do século XVII à Revolução Industrial do século XVIII. Para ele, a primeira é pré-condição para a segunda, a qual somente ganha significado desde que seja associada à consolidação da sociedade capitalista na Inglaterra.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Revolução Industrial e capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Nessa obra, o historiador destaca que, no período entre a Revolução Inglesa e a Revolução Industrial, completa-se a fase de acumulação primitiva de capital, encerrando a etapa de preponderância do capital mercantil sobre a produção e consolidando o processo de transição do feudalismo ao capitalismo.

BIROU, A. *Dicionário das Ciências Sociais*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

Obra de referência no campo da Sociologia, oferece aos estudiosos milhares de verbetes selecionados, redigidos em linguagem clara e objetiva. A abrangência e o rigor acadêmico colocam essa obra como uma das principais para todos que procuram relacionar o saber sociológico a seus respectivos contextos históricos.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

Obra didática que apresenta os conceitos da Filosofia ocidental por meio de exemplos e diálogos com pensadores.

DICIONÁRIO de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; MEC, 1986.

Obra composta de verbetes selecionados e traduzidos de *A dictionary of the social* sciences e do *Diccionario de ciencias sociales*. A vasta extensão de temas abrangidos possibilita aos estudiosos o acesso simplificado às mais variadas informações no campo das Ciências Sociais.

DIEESE. São Paulo, [20--?]. Disponível em: https://www.dieese.org.br/. Acesso em: 10 jul. 2020.

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos é mantido pelas organizações sindicais e faz importantes pesquisas sobre trabalho, desemprego, direitos trabalhistas, custo de vida e outros temas socioeconômicos.

DURKHEIM, Émile. *Lições de Sociologia*: a moral, o direito e o Estado. Tradução: A. Queiroz. São Paulo: Edusp, 1983.

O livro apresenta os principais conceitos durkheimianos, como fato social, solidariedade mecânica e orgânica, anomia social, suicídio, entre outros.

ENGELS, Friedrich *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*: segundo as observações do autor e fontes autênticas. São Paulo: Boitempo, 2015. *E-book*. (Coleção Marx e Engels)

Clássico das Ciências Humanas que relata as condições de vida dos operários na Inglaterra do século XIX e os modos de exploração e opressão dos trabalhadores.

EU, Daniel Blake, Direção: Ken Loach. Produção: Rebecca O'Bien. [*S. l.*]: Sixteen Films; Why Not Productions; Wild Bunch, 2016. 1 DVD (101 min.).

O filme conta a saga de um senhor de 59 anos para ser reinserido no mercado de trabalho após afastamento médico e a dificuldade em tratar com a burocracia estatal inglesa.

EVANS-PRITCHARD, E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Uma etnografia do antropólogo Evans-Pritchard que relata o modo de vida e as relações simbólicas do povo nuer.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

FRACCARO, Glaucia. *1979 – Os direitos das mulheres*: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
O livro aborda o trabalho numa perspectiva histórica e das relações de gênero. A obra é uma pesquisa histórica sobre a construção dos direitos das mulheres, por meio das leis trabalhistas. Sua investigação segue o roteiro da regulamentação do trabalho feminino no período de 1917 a 1937.

GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
Nessa obra, o autor desenvolve a história de luta dos trabalhadores sob a visão de protagonismo da classe operária, da luta organizada e das conquistas nos séculos XIX e XX.

HOBSBAWM, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
A obra discute a economia e a sociedade britânicas desde os anos que antecederam a Revolução Industrial até meados do século XX, destacando transformações econômicas, sociais e culturais introduzidas pelo processo de industrialização na Grã-Bretanha e a relação entre o desenvolvimento industrial inglês e a construção de uma ordem comercial e financeira global.

IPEA. Brasília, DF, [20--?]. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/. Acesso em: 10 jul. 2020.
O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada é uma fundação vinculada ao Ministério da Economia que estuda a realidade brasileira, sendo importante na formulação de políticas públicas sociais e econômicas.

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. Recôndito do mundo feminino. *In*: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da Vida Privada no Brasil*: República: da Belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 368-421.
As autoras apresentam as transformações do comportamento feminino no contexto urbano do início do século XX no Brasil e como elas se manifestam no recôndito do lar. Discutem os papéis sociais definidos para o homem e para a mulher por meio das dimensões da história da cultura e do cotidiano.

MARTINS, Michele. Ser mulher e fazer ciência. *Jornal UFG*, Goiânia, 8 fev. 2019. Disponível em: https://jornal.ufg.br/n/113300-ser-mulher-e-fazer-ciencia. Acesso em: 8 jul. 2020.
Reportagem multimídia que aborda a inserção de mulheres na produção científica nacional e discute os obstáculos à carreira científica colocados pelos estereótipos e preconceitos que ainda perduram.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
A obra é um texto em que Marx desenvolve sua concepção da categoria trabalho, assim como o processo de alienação no modo de produção capitalista. Além disso, o autor problematiza e critica os conceitos de trabalho e propriedade privada em Adam Smith e David Ricardo.

MARX, Karl. *O capital*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. livro I., v. 2.
Principal obra de Marx, que analisa aspectos do capitalismo e trabalha conceitos fundamentais para a compreensão do processo de consolidação desse modo de produção, como "acumulação primitiva de capital" e "mais valia". Marx trata detalhadamente das origens da concentração industrial e das condições de vida e de trabalho do operariado inglês.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
Segundo os autores, a premissa de toda a história humana é a existência de indivíduos humanos viventes. Não é a consciência humana que determina a vida (ou o ser), mas o ser que determina o saber, a existência que determina a consciência. Segundo afirmam Marx e Engels, podemos distinguir as pessoas dos animais pela consciência e pelo trabalho, que transforma a natureza e as próprias relações entre as pessoas.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política*: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.
A obra investiga a organização social tendo como ponto de partida as desigualdades de gênero e suas implicações na participação social das mulheres nas esferas públicas, além de discutir como os estereótipos do feminino e do masculino marcam a socialização e reforçam tais desigualdades.

MOKHTAR, Gamal. *História geral da África II*: África antiga. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.
Obra que apresenta uma visão da África descolonizada e dá voz aos pensadores africanos. Um marco na epistemologia das Ciências Humanas.

MONTESQUIEU. *De lésprit des lois*. Paris: Éditions Garnier Frères, 1973.
No livro, o autor elabora uma reflexão sobre a natureza das leis, as formas de governo e a independência dos poderes.

MORIN, Edgar. *O método*. Porto Alegre: Sulina, 2016. 6 v.
A coleção é uma abordagem teórica da escola de pensamento contemporâneo que abrange os limites da matriz logocêntrica e dualista do conhecimento científico. O autor problematiza o método ocidental e propõe outra perspectiva epistemológica.

PÃO e Rosas. Direção: Ken Loach. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2000. 1 DVD (112 min.).
O filme conta a história da organização sindical de trabalhadores terceirizados do setor de limpeza nos EUA em contexto de extrema precarização do trabalho.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

PECORARO, Rossano (org.). *Os filósofos*. São Paulo: Vozes, 2008.
O italiano e historiador da Filosofia Rossano Pecoraro é o organizador da obra, em três volumes. Pecoraro reuniu ensaios produzidos por pensadores brasileiros que se dedicaram ao estudo da vida e da obra de autores clássicos da Filosofia ocidental, desde a Antiguidade Clássica até os dias atuais.

QUANTO Vale ou é Por Quilo? Direção: Sérgio Bianchi. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2005. 1 DVD (95 min.).
O filme faz um paralelo entre a condição da escravidão no tempo colonial e a atual exploração da miséria por parte de ONGs no Brasil.

QUE horas ela volta? Direção: Anna Muylaert. São Paulo: Paris Filmes, 2015. 1 DVD (111 min.).
O filme tece uma crítica às desigualdades sociais ao narrar as relações entre uma família de classe média alta paulistana e a empregada doméstica migrante que há muitos anos trabalha na casa da família.

RÉMOND, René. *O século XIX*: 1815-1914. São Paulo: Cultrix, 1976. (Coleção Introdução à História de Nosso Tempo, v. 2).
Nesse estudo, o autor destaca a importância de estudar o ontem em função do hoje. Com esse objetivo, discute as transformações na religião, na sociedade e nos costumes, bem como as relações entre a Europa e os demais continentes, numa proposta de introdução à História do tempo presente.

SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. *In*: CARVALHO, Edgar A. (org.). *Antropologia econômica*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1978. p. 6-43.
O artigo apresenta as ideias do antropólogo sobre a necessidade de questionar a lógica capitalista como algo natural e universal. Trata-se de uma reflexão sobre [illegible] abundância nos modos de vida de cada sociedade.

SALAMONE, Nino. *Causas sociais da Revolução Industrial*. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
Nessa obra, o sociólogo italiano Nino Salamone destaca a importância de analisar a Revolução Industrial com um olhar além das estruturas econômicas. Para o autor, essa revolução é o culminar de um processo secular que estabeleceu suas premissas não só nos âmbitos econômico e tecnológico, mas ainda, e sobretudo, nos âmbitos social, político e ideológico.

SANTOS, Jurandir. *Educação profissional e práticas de avaliação*. São Paulo: Senac, 2011.
O livro apresenta uma reflexão sobre o Ensino Superior no Brasil, com foco no papel dos professores na formação ética e profissional dos estudantes.

SÉRIE Pioneiras da Ciência. Brasília, DF, [20--?]. Disponível em: http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia1/. Acesso em: 8 jul. 2020.
Projeto do CNPq que reúne série de publicações *on-line* de biografias de mulheres cientistas pioneiras no Brasil. As publicações abordam as histórias das mulheres pesquisadoras e cientistas que contribuíram, de forma relevante, para o avanço do conhecimento científico e para a formação e ampliação do sistema científico e tecnológico no Brasil, principalmente na formação de recursos humanos.

SINGER, Paul. *O capitalismo*: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica. São Paulo: Moderna, 1993.
Nessa obra, o economista e sociólogo Paul Singer nos alerta para o "lado oculto" do capitalismo, que fica encoberto pelo ideal desse sistema – a liberdade de consumo. Para ele, o capitalismo é, na verdade, um sistema organizado para garantir os privilégios de poucos. E, à medida que essa verdade aflora, torna-se inevitável o confronto entre capital e trabalho, isto é, luta de classes.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*: investigação sobre a sua natureza e suas causas. São Paulo: Abril, 1983. v. 1.
Nesta que é sua principal obra, Smith defende a economia de mercado baseando-se numa fundamentação teórica, à época do início da Revolução Industrial inglesa. O autor elaborou novos conceitos e relações para os estudos da economia, como "especialização do trabalho e produtividade".

SOUZA, Duda Porto de; CARARO, Aryane. *Extraordinárias*: mulheres que revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2017.
O livro reúne a biografia de várias mulheres que, tendo nascido no Brasil ou escolhido adotá-lo como casa, lutaram por seus ideais para transformar o país.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa I*: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
O historiador britânico, de orientação marxista, analisa e discute a formação da classe operária numa vertente que concebe esse processo não como reflexo de uma organização econômica (o capitalismo), mas como uma experiência baseada na construção histórica da prática dos movimentos sociais das classes trabalhadoras.

VILANI, Jane Araújo dos Santos. *O que é trabalho infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
Livro que apresenta questões históricas sobre o trabalho infantil, aborda mitos e verdades sobre o tema e o analisa no atual cenário brasileiro, instigando o leitor a uma reflexão sobre possíveis soluções para o problema.

YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). *Trabalhadoras*: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013.
A obra se propõe a atualizar e analisar criticamente os processos e as dinâmicas de feminização das ocupações e das profissões, demarcadas (ou não) por mudanças na divisão sexual do trabalho, além de identificar a presença de mulheres em novos espaços ocupacionais e novas profissões.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ENTER AÇÃO

HUMANAS

O TRABALHO E A TRANSFORMAÇÃO DA VIDA HUMANA

Judith Nuria Maida (Coordenação)
- Graduada em Geografia e professora da Educação Básica
- Autora e coordenadora de Literatura Infantojuvenil e coleções didáticas de Humanidades (Natureza e Sociedade, História e Geografia, Educação do Campo) da Educação Básica e EJA
- Assessora pedagógica na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Elaboradora de currículos nas redes estaduais e municipais de ensino
- Consultora na implementação da BNCC em escolas e construção de Objetos Educacionais Digitais (OED)

Adhemar Marques
- Especialista em História Moderna e Contemporânea
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor de História em cursos livres

Amarildo Diniz
- Graduado em Geografia
- Autor de livros e materiais didáticos de Geografia e Atualidades
- Consultor de plataforma *on-line* de correção de vestibulares e Enem
- Professor [illegible] cursos pré-vestibular

Flávio Beru
- Mestre em História
- Especialista em Metodologia da História
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor e coordenador de História

Julia O'Donnell
- Mestre e doutora em Antropologia
- Autora de materiais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio
- Professora universitária e pesquisadora

Maurício Parada
- Mestre e doutor em História
- Graduado em História
- Autor e organizador de livros de História
- Professor universitário e pesquisador

Paulo Crispim Alves de Souza
- Mestre em Ciências Humanas e Sociais
- Graduado em História
- Autor de livros paradidáticos de Educação
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia no Ensino Médio

Paulo Edison de Oliveira
- Mestre em Ciências Sociais
- Graduado em Ciências Sociais
- Autor de material didático de Ciências Humanas
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio
- Coordenador escolar de Ciências Humanas no Ensino Médio

Pedro M.C. Ferreira
- Graduado em Geografia
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Finalista do prêmio Professor Nota 10
- Professor de Geografia para Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA

Silvia Panazzo
- Pós-graduada em Tecnologias da Aprendizagem
- Graduada em História e Pedagogia
- Autora de materiais didáticos de História para Ensino Fundamental
- Professora de História para o Ensino Fundamental e Ensino Médio

Vitor H. Schvartz
- Doutor em Filosofia com pós-doutorado na área
- Graduado em Filosofia
- Professor de Filosofia e orientador pedagógico no Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Ensino Médio

1ª edição
São Paulo, 2020

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interação humanas : o trabalho e a transformação da vida humana / Judith Nuria Maida (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2020. -- (Interação)

Vários autores.
ISBN 978-85-10-08370-6 (aluno)
ISBN 978-85-10-08371-3 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio) 2. Ciências sociais (Ensino médio) I. Maida, Judith Nuria II. Série.

20-38719 CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio 373.19

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2020
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso
Direção editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial: Erika Caldin
Supervisão de arte: Andrea Melo
Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Dora Helena Feres
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Ethel Shuña Queiroz
Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Júlio Fonseca
Consultoria técnico-pedagógica: Marcelo Campos Tiago
Edição: Agueda Guijarro del Pozo, Carlos Félix, Nathalia Simões e Rogério Cantelli
Assistência editorial: Patricia Harumi e Marina Lacerda D'Umbra
Auxílio editorial: Douglas Bandeira
Especialista em copidesque e revisão: Elaine Cristina da Silva
Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti
Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Fernanda Almeida, Fernanda Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, [illegible] Martin Gonçalves e Rosani Andreani
Pesquisa iconográfica: Erika Freitas, Joanna Heliszkowski e Priscila Ferraz
Assistência de arte: [illegible]
Design gráfico: Talita Lima
Capa: Megalo Design
Imagens de capa: curtoicurto/iStockphoto.com, jgroup/iStockphoto.com, kamski/iStockphoto.com, Lefteris_/iStockphoto.com e resavac/iStockphoto.com
Edição de arte: Paula Coelho e Talita Lima
Ilustrações: Adriano Loyola, Anderson de Assis, Cristiane Viana, Fábio Luiz, Hare Lanz e Tarcísio Garbellini
Cartografia: Tarcísio Garbellini
Editoração eletrônica: N Public/Formato Editoração
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini
Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Carlos Nunes, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2020

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Começo de CONVERSA

O Ensino Médio está mudando e você também

Durante os anos do Ensino Médio, você vai se deparar com **novos desafios** e novas formas de aprender. Neste período de sua formação, as inquietudes e descobertas próprias da adolescência virão acompanhadas da necessidade de construir o seu projeto de vida e tomar decisões para caminhar em direção a ele.

As escolhas relacionadas à vida pessoal e profissional serão mais frequentes, exigindo que você se torne cada vez mais capaz de pensar e agir de maneira autônoma, ética e responsável.

Para ampliar o papel da escola neste momento de escolhas tão importantes, o Ensino Médio está mudando. Agora, cabe também aos estudantes selecionar o caminho do próprio aprendizado de acordo com seus interesses e expectativas pessoais e profissionais.

Diante dos dilemas acerca do Enem, do vestibular e do futuro profissional, sua participação ativa se faz cada vez mais importante para que você reflita e atue sobre o que quer para si mesmo e para o mundo a sua volta.

O Novo Ensino Médio foi pensado para acompanhá-lo durante esse processo, sempre estimulando a **autonomia**, o **protagonismo** e a **responsabilidade**, para que você possa fazer escolhas e tomar decisões em relação aos projetos presentes e futuros, dentro e fora da escola.

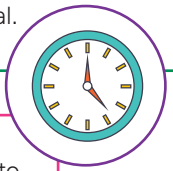
Principais mudanças do novo Ensino Médio



Estabelecimento de cinco itinerários formativos, relacionados às áreas do conhecimento:
I – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;
II – Linguagens e suas Tecnologias;
III – Matemática e suas Tecnologias;
IV – Ciências da Natureza e suas Tecnologias;
V – Formação técnica e profissional.



Ampliação da carga horária de 2400 horas para 3000 horas, sendo 1200 horas de livre escolha para o estudante se aprofundar em uma área do conhecimento ou se dedicar à formação técnica e profissional.





Os conteúdos das disciplinas continuam obrigatórios, mas abordados especificamente nas áreas da Base Nacional Comum Curricular. Apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática permanecerão durante os três anos do Ensino Médio.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Foco no desenvolvimento do projeto de vida do estudante, incluindo apoio na escolha dos caminhos que irá seguir no próprio Ensino Médio e em seu futuro pessoal e profissional.

Mad Dog_Shutterstock.com

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

A área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** compreende os componentes de **História**, **Geografia**, **Sociologia** e **Filosofia** em uma perspectiva interdisciplinar.

Na **abordagem interdisciplinar**, as diversas disciplinas interagem para construir um conhecimento que não se detenha nas fronteiras do que é estudado em cada uma delas. Essa abordagem nos capacita a compreender os problemas da realidade recorrendo a conhecimentos desenvolvidos em diversas áreas, de maneira complexa.

O grande objetivo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é levar os estudantes a se perguntar sobre tudo o que nós, seres humanos, fazemos e pensamos, as ações, ideias e os comportamentos sob perspectivas múltiplas. Com base nessa análise, o estudante reflete sobre o valor dos direitos humanos, a relação entre as sociedades e com a natureza, e debruça-se sobre a própria existência para desenvolver autonomia e reconhecer sua participação e responsabilidade coletiva sobre o mundo.

O que é a BNCC

A **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** é o documento que define as diretrizes e os conteúdos do ensino em todas as escolas de Educação Básica do Brasil. Ela orienta os professores e os demais responsáveis pela educação escolar nas escolhas relacionadas à aprendizagem dos estudantes.

A BNCC não define qual será o percurso que você fará ao longo de sua formação escolar, mas ela estabelece o que você deve aprender no decorrer desses anos. Dentre as definições da BNCC, o objetivo para o Ensino Médio é levar os estudantes a desenvolver **competências gerais** em todas as áreas do conhecimento, além de **competências específicas** e **habilidades** que dizem respeito a cada área. Essas competências e habilidades devem ser desenvolvidas ao longo dos três anos do Ensino Médio, de acordo com a trajetória definida por professores e estudantes.

Os itinerários formativos e a carga horária

No Ensino Médio, você terá contato com disciplinas que não existiam no Ensino Fundamental e poderá escolher em qual área quer desenvolver mais sua aprendizagem por meio dos itinerários formativos, relacionados aos eixos estruturantes: investigação científica, mediação e intervenção sociocultural, processos criativos, empreendedorismo. Durante três anos, serão oferecidas 3 mil horas de aulas; dessas, 1800 correspondem aos conteúdos da BNCC, que são os mesmos para todos os estudantes. As outras 1200 horas você pode decidir a qual área deseja dedicar: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Formação Técnica e Profissional. Dessa maneira, você poderá seguir itinerários diversos na construção do conhecimento e se tornar protagonista do próprio processo de formação.

Objetivos e justificativas deste volume

A correspondência aos códigos da BNCC pode ser encontradas na página 156.

O objetivo desta coleção é construir uma narrativa curricular que atenda à estrutura do Novo Ensino Médio e às diretrizes da BNCC, especialmente os princípios norteadores gerais, as competências da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), de forma interdisciplinar.

Eixo norteador: Trabalho, Produção e Cotidiano.

Organização conceitual: por meio do estudo deste volume, você compreenderá as três dimensões do trabalho – formas não capitalistas de trabalho; formas capitalistas de trabalho; de reflexão ética do trabalho.

Temas: são priorizados conceitos de Geografia econômica, História econômica moderna e contemporânea, Filosofia econômica e Sociologia da estratificação social.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objetivos

- Conhecer diferentes definições de trabalho por meio de diversos contextos históricos, econômicos e antropológicos.
- Relacionar trabalho, sistemas econômicos e exploração humana.
- Refletir sobre a importância do trabalho para a transformação das relações sociais e para uma melhor qualidade de vida.

Justificativa

A reflexão sobre o trabalho é fundamental nas Ciências Humanas, constituindo-se como um de seus objetos de estudo. Para isso, é muito importante compreender diferentes definições e abordagens de trabalho, vinculá-las a diversas culturas e estruturas econômicas, além de estabelecer reflexões de caráter ético-filosófico sobre as relações de trabalho no mundo contemporâneo. O foco se dá no estudo das formas pelas quais, no tempo e no espaço, os seres humanos vivem em sociedade transformando a natureza para atender às suas necessidades, produzindo culturalmente diferentes significados para sua existência e construindo o espaço geográfico.

Unidades	Percursos	Objetivos	Justificativas	Competências e habilidades da BNCC
1 **Os direitos do trabalhador são respeitados?** Esta unidade evidencia a afirmação do modo de produção capitalista na definição de trabalho para o mundo globalizado. São discutidas as revoluções industriais e os respectivos impactos na organização das sociedades, principalmente a partir do século XVIII. Especialmente, são enfocadas as transformações geográficas do espaço, os primeiros momentos da urbanização e da metropolização e as novas formas de construção do individualismo.	**1** **As revoluções industriais** **2** **Os trabalhadores e seus direitos**	• Definir Revolução Industrial e dividi-la em fases de acordo com critérios econômicos e tecnológicos. • Reconhecer as distintas fases da Revolução Industrial tendo em vista suas características econômicas e tecnológicas específicas, bem como seus impactos nas transformações sociais e das paisagens. • Considerar a Revolução Industrial como um dos paradigmas de construção da ideia de contemporaneidade.	• Compreender a Revolução industrial em suas diferentes fases, bem como refletir sobre seus impactos éticos e cotidianos, para entender o mundo contemporâneo: as relações entre trabalho e conhecimento na atualidade. • Descrever e diferenciar as fases da Revolução Industrial e associá-las aos respectivos desdobramentos éticos, socioeconômicos e ambientais.	Gerais: 2, 3, 4, e 5 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 2, 3, 4 e 5 EM13CHS202 EM13CHS306 EM13CHS404 EM13CHS502 EM13CHS504
2 **O trabalho se modifica no tempo e no espaço?** Esta unidade discute o conceito de trabalho da perspectiva antropológica e histórico-geoeconômica, favorecendo a reflexão sobre ele à luz de diferentes civilizações, com foco na transição do feudalismo para o capitalismo e nas formas de exploração capitalista.	**3** **O mundo do trabalho no Brasil** **4** **O espaço do trabalho**	• Definir trabalho tendo em vista suas características específicas. • Relacionar trabalho, desenvolvimento humano e transformações das paisagens. • Reconhecer distintas formas capitalistas e não capitalistas de organização e exploração do trabalho com base em critérios econômicos e sociais específicos. • Comparar formas capitalistas e não capitalistas de trabalho tendo em vista seus contextos históricos e sociológicos específicos.	• Entender as formas de trabalho inseridas nos diferentes modos de produção e nas diversas culturas. • Contemplar, de forma complexa e interdisciplinar, múltiplas possibilidades de entender como o trabalho produz riqueza, conduz a diferentes formas de estratificação social e promove profundas transformações nas paisagens.	Gerais: 2, 6, 8 e 10 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 4 e 5 EM13CHS103 EM13CHS202 EM13CHS401 EM13CHS402 EM13CHS403 EM13CHS503 EM13CHS504
3 **Por que trabalhamos?** Esta unidade trata de um tema que demanda uma reflexão filosófica e sociológica a respeito das maneiras pelas quais o trabalho interfere na construção da dignidade humana e favorece a existência de condições saudáveis de vida. Também incentiva a reflexão mais atenta das consequências socioeconômicas no campo ético das transformações estudadas nas unidades anteriores.	**5** **Mundos do trabalho** **6** **Desafios do trabalho no mundo capitalista**	• Descrever processos sociológicos de exploração do trabalho. • Interpretar dados e processos relacionados à organização e à exploração do trabalho de gráficos, tabelas e infográficos. • Analisar processos de exploração do trabalho tendo em vista aspectos filosóficos e sociológicos específicos.	• A vinculação entre determinados modelos de organização do trabalho da contemporaneidade e as formas de estratificação social em classes é fundamental para compreendermos os principais desafios dos trabalhadores em seu cotidiano pessoal e profissional.	Gerais: 1, 2 e 6 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 4 e 6 EM13CHS101 EM13CHS103 EM13CHS105 EM13CHS401 EM13CHS402 EM13CHS404 EM13CHS606

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SUMÁRIO

UNIDADE 1 **Os direitos do trabalhador são respeitados?** 8

Revoluções do capital e do trabalho 10

Percurso 1 – As revoluções industriais 12
Liberalismo × Antigo Regime 12
Análise: Tolerância e respeito 12
Análise: Produção industrial 13
Antes das indústrias: modos de trabalho e de produção 14
Análise: O que é trabalho? 14
O sistema artesanal 15
O sistema manufatureiro 16
Análise: Processo de produção 16
O sistema de fábricas 17
Análise: Industrialização 17
Análise: Novas fontes de energia e o meio ambiente 18
Inglaterra: condições favoráveis ao pioneirismo industrial 19
O surgimento do proletariado 20
"Tempo útil" 20
Análise: O "relógio moral" 21
Exploração do trabalho infantil e feminino 21
A resposta dos trabalhadores 23
A Revolução Industrial e suas fases 24
4ª Revolução Industrial? 25
Os reflexos da Revolução Industrial 26
Consolidação do capitalismo 26
Análise: "A semente que semeais, outro colhe" 27
O desenvolvimento do imperialismo 27
O crescimento das cidades e sua multiplicação 28
O expressivo aumento demográfico 29
Atividades 30

Percurso 2 – Os trabalhadores e seus direitos 32
Análise: Conscientização ambiental 32
Por que falar de direito? 34
Análise: Injustiça 34
Direito: para que e para quem? 35
Análise: Situações cotidianas 38
A política na sociedade ocidental 40
A Constituição 41
A sociedade democrática liberal 42
Análise: "Direitos" trabalhistas e previdenciários no século XIX? 43
O histórico das lutas e das conquistas de direitos dos trabalhadores 44
A conquista de direitos 45
Análise: Uma obra panfletária de dois séculos 47
As teorias que inspiraram a luta dos trabalhadores 48
A luta dos trabalhadores no Brasil 50
Prática de pesquisa: Transformações na vida e no trabalho 54
Atividades 56

UNIDADE 2 **O trabalho se modifica no tempo e no espaço?** 58

O trabalho como direito humano 60

Percurso 3 – O mundo do trabalho no Brasil 62
Desigualdades 62
Dupla jornada, uma realidade ainda feminina 65
Análise: Economia dos cuidados 66
Trabalho feminino no Brasil em outros tempos 67
Mulheres nas primeiras fábricas do Brasil 70
Análise: Legislação: proteção por um lado, exclusão por outro 72

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Trabalho feminino no campo ... 73
Análise: *A colona sentada*, de Portinari ... 75
Mulheres ocupam outros espaços ... 76
Atividades ... 79

Percurso 4 – O espaço do trabalho ... 81
Transformações ... 81
As técnicas e o mundo do trabalho ... 82
As transformações do meio ... 83
Análise: A natureza do espaço ... 84
O mundo do trabalho e o meio técnico-científico-informacional ... 85
Análise: Mundo conectado ... 85
A descentralização da produção ... 86
Análise: Maquiladoras mexicanas ... 87
Reformas nas legislações trabalhistas: modernização ou precarização? ... 88
A tênue fronteira entre a terceirização e a escravidão contemporânea ... 89
Análise: Escravos da moda ... 90
Trabalho infantil no Brasil e no mundo ... 91
Análise: Trabalho infantil ... 92
Trabalho na era dos aplicativos: superexploração ou empreendedorismo? ... 93
Análise: Trabalho por conta ... 95
Análise: Caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio ... 96
"Lar, doce firma" ... 97
Análise: *Home office* como alternativa ... 98
O trabalho rural e o meio técnico-científico-informacional ... 99
Biotecnologia e agricultura ... 99
Prática de pesquisa: Alimentos transgênicos: investigando em casa ... 100
Transformações no trabalho rural ... 101
Análise: Tecnologia no campo ... 102
Trabalhar para viver? ... 103
Atividades ... 104

UNIDADE 3 **Por que trabalhamos?** ... 106

Trabalho, produção e organização da vida ... 108

Percurso 5 – Mundos do trabalho ... 110
Análise: O mercado de escravizados ... 110
A divisão social do trabalho ... 111
Sociedade feudal ... 112
Análise: No Sistema Feudal ... 113
O trabalho nas sociedades ameríndias ... 116
Análise: Tenochtitlán ... 116
E no século XXI? ... 120
Análise: Trabalho e preconceito ... 121
Os tantos mundos do trabalho ... 124
Atividades ... 126

Percurso 6 – Desafios do trabalho no mundo capitalista ... 128
As gerações ... 128
E o Brasil? ... 130
Análise: Pirâmide etária brasileira ... 132
Análise: Pirâmide etária e desigualdade ... 133
Populações indígenas ... 133
Populações idosas ... 135
Análise: A terceira idade no mercado de trabalho ... 136
Populações jovens ... 136
Análise: Infância roubada ... 138
Estrutura econômica ... 139
Os setores da economia ... 140
O mercado de trabalho no Brasil ... 142
O trabalho análogo à escravidão ... 143
Análise: Os soldados da borracha ... 146
E você, onde entra nessa história? ... 147
Prática de pesquisa: Arte e trabalho ... 148
Atividades ... 150

Questões de Enem e vestibulares ... 152
Índice remissivo ... 155
Competências e habilidades da BNCC trabalhadas neste volume ... 156
Referências ... 158

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 1



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

OS DIREITOS DO TRABALHADOR SÃO RESPEITADOS?



Fernanda Sampaio/Pulsar Imagens

A Carteira de Trabalho e Previdência Social é o documento que registra a vida profissional do trabalhador e garante o acesso aos direitos trabalhistas previstos em lei.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Como é a realidade no mundo do trabalho contemporâneo?

2. É possível trabalhar sem direitos trabalhistas?

3. Como esses direitos foram conquistados?

Na BNCC

Nesta unidade, você irá trabalhar as competências gerais 2, 3, 4 e 5, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2, 3, 4 e 5 e as habilidades EM13CHS202, EM13CHS306, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS504.

Revoluções do capital e do trabalho

Nesta unidade, você estudará a Revolução Industrial e seus impactos na produção e na circulação de povos, produtos e culturas, e conhecerá o protagonismo dos trabalhadores na conquista de direitos. Foi a partir desse processo, iniciado na segunda metade do século XVIII, que ocorreram grandes mudanças no "mundo do trabalho".

A Revolução Industrial representou um avanço na produção de mercadorias. Apesar de ter se iniciado há cerca de 250 anos – um período relativamente pequeno para a história da humanidade –, sua evolução foi muito acelerada. Na atualidade, devido principalmente ao avanço da ciência e da técnica, há enorme oferta de produtos para a população mundial.

A maior disponibilidade, contudo, é para quem tem acesso a esses produtos e poder aquisitivo para consumi-los. É importante considerar que a globalização intensificou as desigualdades em escala mundial. Em várias nações, há fome e faltam recursos, resultado das crescentes disparidades de renda e de riqueza que atingem milhões de pessoas em várias partes do planeta.



Suamy Beydoun/Agif/Folhapress

Consumidores aproveitam as promoções da Black Friday. São Paulo (SP), 2018.



Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Catador observa lixão a céu aberto. Poconé (MT), 2018.



Marlon Costa/Futura Press

Intensa movimentação em agência bancária para saque do auxílio emergencial. Recife (PE), 2020.

A fome, a miséria e a falta de recursos ganharam mais visibilidade durante a pandemia da covid-19, doença provocada pelo novo coronavírus em 2020. As desigualdades socioeconômicas tornaram-se explícitas, visíveis, em todos os países. As populações mais carentes, especialmente nos países mais pobres e com grandes desigualdades sociais, ficaram mais expostas e sofreram mais intensamente os impactos da pandemia.

No Brasil, por exemplo, as pessoas que habitam as chamadas "zonas vulneráveis", como favelas e regiões periféricas mais pobres das grandes cidades, não têm acesso aos itens essenciais para a prevenção da doença, como água e sabão. Segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) – Ministério do Desenvolvimento Regional –, 35 milhões de brasileiros não tinham acesso à água tratada em 2019.

Esse é apenas um dos problemas enfrentados pelas populações das áreas vulneráveis. Some-se a ele a falta de saneamento básico, de produtos de limpeza e higiene pessoal (sabonete, sabão, desinfetante, água sanitária etc.) e a quase total impossibilidade de distanciamento social.

No nosso país, verificou-se um enorme número de infectados e mortos nas regiões mais pobres das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Recife. Na Região Norte, Manaus e Belém, cidades com ainda mais desigualdades sociais, acumularam milhares de casos e o colapso no sistema de saúde tornou-se um agravante durante a pandemia.

Mas houve também o problema do desemprego e da fome, pois, com a obrigatoriedade do distanciamento social, muitos brasileiros perderam sua fonte de renda. Para amenizar temporariamente essa questão, o governo concedeu um "auxílio emergencial", mas, para a atualização de dados cadastrais para o recebimento desse auxílio, ocorreram aglomerações nas portas das agências do banco responsável pelo pagamento do auxílio em todo o país.

O mundo pós-Revolução Industrial tem se caracterizado por transformações permanentes na paisagem, intensa urbanização e impactos ambientais. Podemos dizer também que esse "mundo das fábricas" se modifica de forma muito acelerada em função das inovações tecnológicas. A informática, a robotização, a internet, o trabalho remoto e tantas outras características do "mundo digital" fazem parte do cotidiano de muitas pessoas.

E como tudo isso impacta o "mundo do trabalho"? Quais alterações nas relações entre empregadores (patrões) e empregados podem ser percebidas?

No Brasil, durante muitas décadas, a Carteira de Trabalho, ou Carteira Profissional, representou o conjunto dos direitos conquistados pelos trabalhadores. Ter "carteira assinada" era sinônimo de garantia dos direitos trabalhistas, como férias remuneradas, décimo terceiro salário, jornada de trabalho limitada a determinado número de horas e acesso à Justiça do Trabalho.

Mas será que esses e outros direitos permanecerão no novo mundo do trabalho que está sendo construído na Era Digital?

Carteira de Trabalho e Previdência Social digital

A digitalização do documento facilita as contratações, reduz a burocracia e os custos para empregados e empregadores. Ao ser contratado, o cidadão só precisa informar o número do CPF ao empregador e o registro é feito digitalmente.

Esse é um dos vários exemplos de como o mundo do trabalho vem mudando.

Será que os direitos dos trabalhadores também têm se transformado?

A resposta a essa pergunta é bastante complexa e, para levantar algumas hipóteses sobre ela, é importante voltar no tempo e compreender o que a Revolução Industrial definiu, como ela se desenvolveu ao longo dos últimos séculos e de que modo os trabalhadores conquistaram seus direitos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Alves

1. Se a Carteira de Trabalho é o símbolo dos direitos trabalhistas, qual mensagem o artista quis transmitir com a charge?
2. Será que, num futuro próximo, quem quiser um emprego precisará "abrir mão" dos direitos trabalhistas? Será necessário escolher entre os direitos trabalhistas e o emprego?

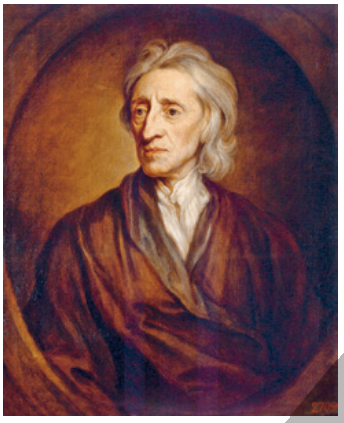
PERCURSO 1

As revoluções industriais

Neste percurso, analisaremos um importante processo que se iniciou na segunda metade do século XVIII: a Revolução Industrial. Ao longo dos séculos seguintes, novas revoluções industriais irromperam, alterando de forma significativa a maneira de viver, pensar e trabalhar das sociedades diretamente afetadas pela nova dinâmica capitalista que então se consolidou.

Considerando-se que as transformações foram radicais para as sociedades diretamente afetadas pelo processo de industrialização, torna-se fundamental compreender como as pessoas viviam, pensavam e trabalhavam antes da Revolução Industrial, ou seja, na época moderna, do século XV ao século XVIII, na Europa Ocidental.

Liberalismo × Antigo Regime



Coleção particular

Godfrey Kneller. *Retrato de John Locke*, c. 1697. Óleo sobre tela, 76 cm × 64 cm.

A realidade atual é bem diferente da que havia no continente europeu nos séculos XVII e XVIII. Vivemos em um regime democrático, com uma Constituição que nos garante liberdade de pensamento, de expressão e religião. Nossos governantes são escolhidos por meio de eleições e são obrigados a respeitar as leis.

O conceito de liberdade política é relativamente novo. Ele surgiu no final do século XVII, com o ideário do filósofo inglês John Locke (1632-1704). A partir daí, o que denominamos Antigo Regime – fundamentado na concentração do poder nas mãos do rei (**absolutismo**), na intervenção excessiva do Estado na economia (**mercantilismo**) e numa sociedade baseada em privilégios adquiridos por nascimento (**sociedade estamental**) – passou a ser questionado de forma mais decisiva.

Para Locke, autor de *Dois tratados do governo* (1690) e considerado o "pai do liberalismo político", os seres humanos nascem em um "estado de natureza" no qual todos são livres e exercem direitos naturais essenciais, dentre os quais o direito à liberdade e à propriedade. Para proteger esses direitos, os indivíduos se organizam em sociedade, vinculando-se a um "contrato social", e transferem para o governo constituído a obrigação de preservar esses direitos, inerentes à condição humana. Se o governo não agir dessa forma, esses indivíduos passam a ter o direito de destituí-lo ("direito à rebelião") e de instituir um novo governo que aja de acordo com seus interesses.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise

Tolerância e respeito

Vamos conhecer um pouco melhor o pensamento de Locke? Leia com atenção o texto a seguir.

> Na obra *Segundo tratado do governo civil,* John Locke enfatiza o papel da tolerância e do respeito aos indivíduos como critérios fundamentais para a vida em sociedade e para a existência do Estado democrático. Assim, de acordo com as palavras do próprio autor: "O Estado democrático, segundo minhas ideias, é uma sociedade de homens instituída com o único objetivo do estabelecimento, da conservação e do avanço dos interesses civis. Chamo interesse civil a vida, a liberdade, a saúde do corpo, a posse de bens exteriores, tais como o dinheiro, as terras, as casas, os móveis e outras coisas dessa natureza".
>
> PECORARO, Rossano (org.). *Os filósofos*. São Paulo: Vozes, 2008. p. 283.

1. De acordo com os conceitos de Estado democrático e de interesse civil fundamentados por John Locke, que relações podemos estabelecer entre esses conceitos e o desenvolvimento da burguesia industrial? Para o filósofo, é possível o estabelecimento de uma "democracia burguesa"? Justifique suas respostas.
2. Pensando na sociedade brasileira contemporânea, podemos dizer que os interesses civis são garantidos efetivamente para todos os indivíduos? Justifique a resposta com exemplos do cotidiano.

Na Europa dos séculos XVII e XVIII, no contexto de contestação ao Antigo Regime, ocorreram várias transformações importantes no campo social, econômico, político e cultural, que resultaram, em alguns países, em revoluções ainda hoje consideradas referências universais.

Na conjuntura da sociedade hierárquica de ordens, baseada em "prerrogativas (ou privilégios) de nascimento" do Antigo Regime, grupos sociais que não tinham privilégios, como a burguesia e os camponeses, mobilizaram-se buscando transformar essa situação por meio de reformas e, em alguns casos, de forma revolucionária e radical.

Foi nessa perspectiva que irrompeu a **Era das Revoluções**, com destaque para dois eventos significativos de caráter liberal-burguês na Europa moderna: a **Revolução Inglesa** e a **Revolução Francesa**.

Vozes

A expressão **Era das Revoluções** foi criada pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (1917-2012), considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Formado em História pela Universidade de Cambridge, escreveu vários livros com a preocupação de aprimorar a análise histórica nos campos econômico e social. Tendo como referência o marxismo, dedicou-se também ao estudo da história da industrialização, do trabalho e dos movimentos de resistência dos trabalhadores. Em 1962, Hobsbawm lançou o livro *A Era das Revoluções (1789-1848)*, no qual introduziu o termo **dupla revolução** para analisar em conjunto a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, e os reflexos desses processos na sociedade até os dias atuais.



Effigie/Leemage/AFP

Eric Hobsbawm, 2012.

Mas o que significou a **Revolução Industrial**, processo histórico integrante da **Era das Revoluções**? Qual foi sua relação com o sistema capitalista e o pensamento econômico liberal? De que maneira a criação do sistema de fábricas alterou o processo de produção?

Análise

Produção industrial

Observe c[illegible]do.

1. Em que local essa fotografia foi tirada?
2. O que ela mostra?
3. Que elementos da imagem comprovam se tratar da produção industrial contemporânea?
4. Faça uma breve pesquisa na internet e, com base nas reflexões feitas até aqui, responda às perguntas a seguir.
   a) É possível identificar uma linha de montagem na imagem? Justifique.
   b) Que características do processo industrial a imagem revela?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Martin Bureau/AFP

Linha de montagem em fábrica de veículos. França, 2020.

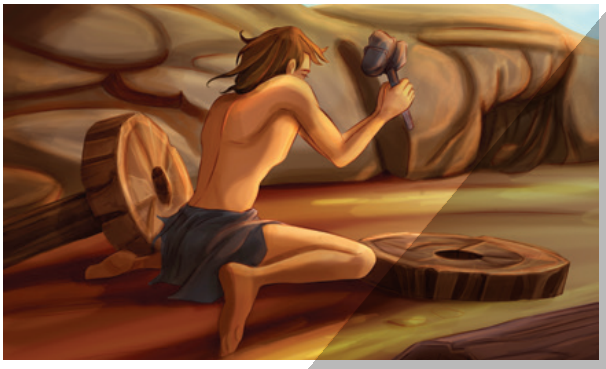
Antes das indústrias: modo de trabalho e de produção

Para muitos historiadores, a Revolução Industrial foi uma das mais importantes transformações da vida humana por dar início à produção fabril. Nas fábricas, o maquinário movido a vapor acelerou os processos produtivos, as cidades cresceram e o consumo incessante de mercadorias passou a predominar.

Mas como as mercadorias eram produzidas antes desse processo?

Análise

O que é trabalho?



Representação ilustrativa de como o uso de ferramentas auxiliou na fabricação de outros materiais.



Representação ilustrativa de como utensílios rudimentares ajudavam na colheita.

Ilustrações: Hare Lanz

1. Observe as imagens e levante hipóteses sobre as características do trabalho em cada uma delas.
2. Relacione essas características com a transformação da paisagem e o desenvolvimento técnico-científico.
3. Leia os conceitos de trabalho a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Conceito 1

Ação do homem que, pela intervenção de todo o seu ser [...] domina a natureza para fazer servir seus fins e de modo a permitir a sua própria realização.

BIROU, A. Trabalho. *In*: BIROU, A. *Dicionário das Ciências Sociais*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982. p. 408.



Representação ilustrativa de como pedras também eram utilizadas como pontas de lança.

Conceito 2

Entre as definições de conteúdo mais amplo, cabe apontar a seguinte: o homem se colocou acima do reino animal pelo fato mesmo de sua capacidade criadora; foi definido como o animal que produz. Mas o trabalho não é para o homem apenas uma necessidade inevitável. É também o seu libertador em relação à natureza. [...] No processo de trabalho, isto é, no processo de moldar e mudar a natureza exterior a ele, o homem molda e modifica a si mesmo.

TRABALHO. *In*: DICIONÁRIO das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 1249.

a) Comente as vantagens do domínio da natureza pelos seres humanos, de acordo com o conceito 1.

b) Segundo o conceito 2, analise a definição de ser humano como "animal que produz", considerando suas diferenças em relação a outras espécies.

O sistema artesanal

Por muitos séculos, os utensílios necessários à vida cotidiana eram produzidos por artesãos nas civilizações da Antiguidade, como Egito, Grécia e outras.

Na Alta Idade Média, a produção artesanal assumiu um caráter familiar. Em algumas regiões da Europa ocidental, as famílias camponesas, que trabalhavam como servas nas terras dos feudos, dedicavam parte do tempo à elaboração de utensílios para uso próprio. Em alguns casos, também fabricavam utensílios para atender às necessidades dos nobres como parte da corveia (trabalho obrigatório não remunerado realizado pelos camponeses em média três dias por semana) – uma das principais características do feudalismo.

Conhecedor das técnicas de seu trabalho, dominava todas as etapas da produção, do preparo da matéria-prima até o produto final.

A passagem da produção artesanal da Alta Idade Média para a Baixa Idade Média também marcou a origem de muitas cidades europeias. De acordo com o historiador Kosminsky, com as transformações no mundo do trabalho, o aumento do número de artesãos e da produção, os artesãos servos passaram a abandonar seus senhores.

> Esses artesãos construíram seus povoados juntos aos muros de algum convento, no cruzamento das grandes estradas, onde mais frequentemente passava gente, e, portanto, era mais fácil vender os produtos. Nos meados do século XI, desses povoados de artesãos começaram a surgir as cidades.
>
> KOSMINSKY, E. A. *História da Idade Média*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, [1960]. p. 79.

Mais tarde, na Baixa Idade Média, quando ocorreu uma revitalização da vida urbana, predominou na Europa Ocidental o trabalho nas oficinas artesanais. Formaram-se corporações de ofícios: reunião de oficinas e respectivos proprietários que produziam o mesmo tipo de mercadoria.

O proprietário de uma oficina era o mestre-artesão, dono também das matérias-primas, das ferramentas e de toda a produção nela realizada. Conhecedor das técnicas de seu trabalho, dominava todas as etapas da produção, do preparo da matéria-prima até o produto final.

No setor têxtil, por exemplo, o mestre-artesão produzia os fios, tecia e, por fim, tingia o tecido (produto final). Os mestres tinham segredos, como a dose certa de corante, a melhor temperatura (que poderia ser d[illegible]). Assim, cada corporação foi, aos poucos, acumulando conhecimentos técnicos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Com o mestre-artesão trabalhavam os oficiais e os aprendizes. A produção era pequena.

Na Idade Moderna (do século XV ao século XVIII), com o desenvolvimento do comércio e a ascensão da burguesia, nasceu o sistema doméstico, ou indústria doméstica. Nesse sistema, os artesãos (ainda proprietários dos instrumentos de trabalho) trabalhavam em casa, desenvolvendo determinada etapa da produção. A matéria-prima utilizada era fornecida por um burguês, que também era proprietário do produto final.

Na Inglaterra, por exemplo, a presença dos comerciantes na esfera da produção – o que aumentou a participação do capital comercial – dinamizou-se no século XVI, quando os grandes mercadores de tecidos começaram a contratar o serviço de camponeses, os quais passaram a trabalhar em casa, nas áreas rurais – forma encontrada para burlar o monopólio da produção, exercido pelas corporações de ofícios nas cidades. Por essa razão, esse processo ficou conhecido pela expressão ***putting out system***.



Biblioteca Nacional, Paris/Alamy/Fotoarena

A imagem ilustra o comércio de um artesão que manufatura tecidos, aprimorando-os, e depois os vende. Século XV. Litografia colorida.

***Putting out system*:** o capital comercial se inseriu na esfera da produção quando os grandes mercadores de tecido, no século XVI, estabeleceram-se fora dos limites da cidade e passaram a contratar o serviço dos camponeses. Esse sistema era chamado *putting out*, e existia na Europa desde o século XIII. No Brasil atual, há um sistema semelhante na indústria de confecção de roupas, chamado "sistema de facção".

O sistema manufatureiro

Produtividade: é preciso não confundir produtividade com produção nem aumento da produtividade com aumento da produção. Na agricultura, por exemplo, é possível aumentar a produção ampliando a área do terreno cultivado. Mas se o aumento da produção é resultado do uso de máquinas, irrigação e outros recursos, verifica-se aumento de produtividade.

A partir do século XVII, intensificou-se o sistema manufatureiro, em que um burguês, cujo capital geralmente provinha de atividades comerciais, contratava um grupo de trabalhadores e pagava um salário de acordo com as horas trabalhadas nas oficinas ou em manufaturas. As máquinas usadas eram movidas apenas mediante emprego de energia humana.

No século XVIII, a produção no interior das manufaturas sofreu alterações. Uma das mais marcantes foi a especialização do trabalho, que já vinha sendo notada em menor escala nos séculos anteriores. Isso significa que os trabalhadores se especializaram em uma etapa da cadeia produtiva, o que resultou em enorme ganho de **produtividade**. Ao final de uma jornada de trabalho, a produção nesse sistema era muito maior do que no artesanato. A principal beneficiária era a burguesia, cujo capital tradicionalmente vinculava-se às atividades mercantis, que, a partir desse momento, começou a controlar também o setor produtivo. Aos trabalhadores, restava sobreviver com o pequeno salário que recebiam em troca de longas e desgastantes jornadas de trabalho.

Análise

Processo de produção

Observe a imagem.

1. Compare o processo de produção representado nela – denominado sistema manufatureiro – com o sistema artesanal, estudado anteriormente. Quais diferenças você destaca entre essas duas maneiras de produzir mercadorias?



Museu Carnavalet, Paris/AKG-Images/Album/Fotoarena

Fabricação de cartas de baralho, gravura do século XVIII.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para compreender mais profundamente a questão da especialização do trabalho, leia um texto de Paul Singer (1932-2018), economista austríaco que se radicou no Brasil.

> O capitalismo manufatureiro foi capaz de explorar, em certa medida, a possibilidade de aumentar a produtividade mediante a produção em grande escala. Reunindo numerosos trabalhadores sob o mesmo teto, o capitalista manufatureiro pôde criar uma divisão técnica de trabalho dentro da manufatura, o que lhe permitiu alcançar maior produtividade [...].
>
> Em lugar de cada trabalhador realizar todas as operações, cada operação passava a ser tarefa de um grupo específico de trabalhadores. Essa nova divisão do trabalho proporcionava três formas de aumento da produtividade:
>
> **a)** poupava o tempo que o operador perde quando passa duma tarefa a outra;
>
> **b)** aumentava a **destreza** do operador, que passava a se especializar num único tipo de trabalho;
>
> **c)** **ensejava** a invenção de ferramentas especialmente adaptadas a cada tipo de trabalho.
>
> A manufatura capitalista conseguiu, desse modo, reduzir os custos de produção, barateando seus artigos.

SINGER, Paul. *O capitalismo*: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica. São Paulo: Moderna, 1993. p. 16.

GLOSSÁRIO

Destreza: habilidade; facilidade; prontidão; rapidez.

Ensejar: estimular; facultar; possibilitar.

1. De acordo com Paul Singer, os proprietários das manufaturas tinham muito interesse na implantação do sistema de divisão do trabalho. Comente de que maneira as três formas de aumento da produtividade reduziram os custos de produção e, consequentemente, aumentaram os lucros.

O sistema de fábricas

No final do século XVIII, com a expansão da atividade industrial na Inglaterra, difundiu-se o sistema fabril, notadamente no setor têxtil, e, ao mesmo tempo, consolidou-se a divisão do trabalho que remontava à época do sistema de *putting out* e das manufaturas. Essa divisão, que pode ser entendida como "especialização", gerou, entre outros fatores:

- fragmentação da ideia de trabalho, que passou a ser restrito às tarefas atribuídas a cada operário ou grupo de operários;
- proletarização dos trabalhadores, decorrente da fragmentação cognitiva (o operário passou a dominar apenas uma parte da produção) e da própria realidade concreta do mundo da produção;
- pesquisas científicas destinadas ao aprimoramento do processo industrial voltadas ao desenvolvimento do sistema capitalista e à acumulação de capital nas mãos da burguesia industrial.

Nas fábricas, os trabalhadores continuaram a produzir em um mesmo espaço; entretanto, foram implantadas inovações tecnológicas que modificaram o sistema produtivo, começando pela indústria têxtil.

Surgiram novas fontes de energia para movimentar as máquinas. A energia humana foi substituída por energia não humana, como o vapor no século XVIII (que, com o desenvolvimento de barcos e locomotivas, também foi vital para o sistema de transporte), o petróleo e a eletricidade no século XIX.

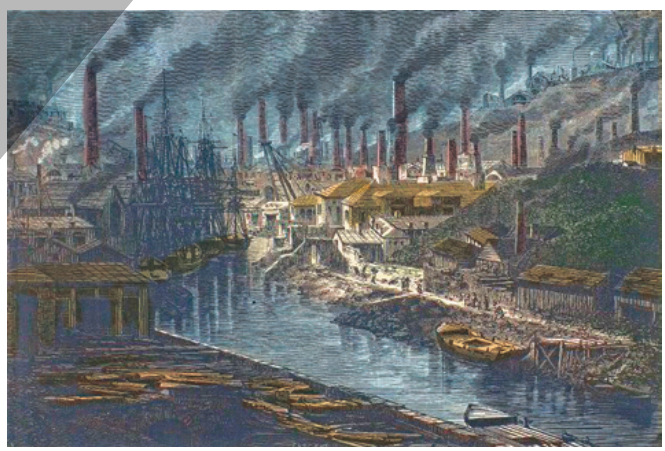
Análise

Industrialização

Observe a imagem ao lado de uma cidade industrial inglesa do século XIX.

1. Descreva [illegible]
2. A quais [illegible] o autor dessa gravura deu destaque? Quais recursos ele utilizou para isso?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



A energia humana foi substituída pelo vapor – que necessita da queima de carvão para aquecer as caldeiras e produzi-lo – e por petróleo e seus derivados. Gravura da escola inglesa, século XIX.

Coleção Particular/The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil

As novas fontes de energia foram fundamentais na história do capitalismo porque aumentaram a produtividade. O movimento das máquinas era uniforme, elas produziam por longo tempo e com grande velocidade. Assim, a maquinofatura reduziu custos de produção e, consequentemente, gerou ganhos incalculáveis para a burguesia industrial.

Esse processo também assinalou o fim do predomínio dos comerciantes na esfera da produção e o início do capitalismo industrial, fase em que as indústrias se tornaram as principais responsáveis pela acumulação de capital. A Revolução Industrial, portanto, transformou profundamente o sistema produtivo e caracterizou-se pela generalização da especialização do trabalho, pelo sistema fabril e pela introdução de inovações tecnológicas.

Análise

Novas fontes de energia e o meio ambiente

As novas fontes de energia, de fato, aumentaram a produtividade.

Mas que impactos causaram ao meio ambiente? Seu uso tem alguma relação com fenômenos que estão afetando a vida no planeta no século XXI?

Para compreender melhor essas questões, leia um trecho da reportagem a seguir.

> Uma pesquisa recém-publicada na revista *Nature* explorou possíveis registros de temperatura das décadas anteriores a 1880, de forma a identificar quando e como apareceram os primeiros sinais de aquecimento a partir do aumento das emissões de gases de efeito estufa (GEE) decorrentes de atividades humanas.
>
> Usando dados paleoclimáticos a partir do ano 1500 – o registro natural da temperatura do planeta contido em fontes naturais, como as bandas de crescimento de corais (nos oceanos tropicais) e árvores, além de núcleos de gelo (nos polos terrestres) – pesquisadores australianos [...] conseguiram estimar que a temperatura da Terra começou a subir entre os anos 1830 e 1850.
>
> A partir de simulações climáticas, os cientistas fizeram uma correlação entre os registros de temperatura nessas fontes naturais e o aumento das emissões de GEE das atividades das primeiras décadas de industrialização na Europa. A industrialização do século XIX resultou em pequenas subidas na concentração de GEE na atmosfera, mas a reação climática a essa mudança foi rápida [...].

ESTUDO reforça associação entre aquecimento global e Revolução Industrial. *In*: INSTITUTO AKATU. São Paulo, 6 set. 2016. Disponível em: www.akatu.org.br/noticia/estudo-reforca-associacao-entre-aquecimento-global-e-revolucao-industrial/. Acesso em: 12 jun. 2020.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dominic Hall/Shutterstock.com

O degelo na Antártica é uma das consequências do aquecimento global. Antártica, 2018.

1. Pesquise na internet o aumento da temperatura global ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Analise os dados coletados, comente a relação entre eles e as informações da reportagem, e inclua suas percepções acerca das atuais mudanças climáticas em nosso planeta, em especial as consequências dessas alterações no seu cotidiano e no da sua família.

Inglaterra: condições favoráveis ao pioneirismo industrial

A Revolução Industrial começou na Inglaterra em razão de uma série de fatores – políticos, econômicos, sociais e culturais – que ocorreram simultaneamente e explicam o pioneirismo da industrialização inglesa.

No âmbito político, a monarquia absolutista dos Stuart foi derrubada, consequência do processo revolucionário que abalou a Inglaterra a partir de 1642. O processo culminou na Revolução Gloriosa de 1688, quando se consolidou a monarquia parlamentar, um Estado de perfil liberal-burguês, e foram afastados os entraves que dificultavam a plena afirmação das novas forças econômicas em expansão.

Na área econômica, o fator importante para o pioneirismo inglês foi a disponibilidade de matérias-primas básicas para as indústrias. O ferro e o carvão eram retirados das minas inglesas, a lã passou a ser produzida em larga escala, e o algodão vinha, principalmente, das ex-colônias inglesas na América do Norte (atual Estados Unidos). Percebe-se, portanto, vínculo entre a agroexportação colonial e o pioneirismo inglês.

É importante destacar, também, que havia, na Inglaterra do século XVIII, capital e mão de obra disponíveis. Grande parte do capital provinha do sistema colonial. Os ingleses participaram ativamente de uma das atividades comerciais mais lucrativas da época: o tráfico de escravizados.

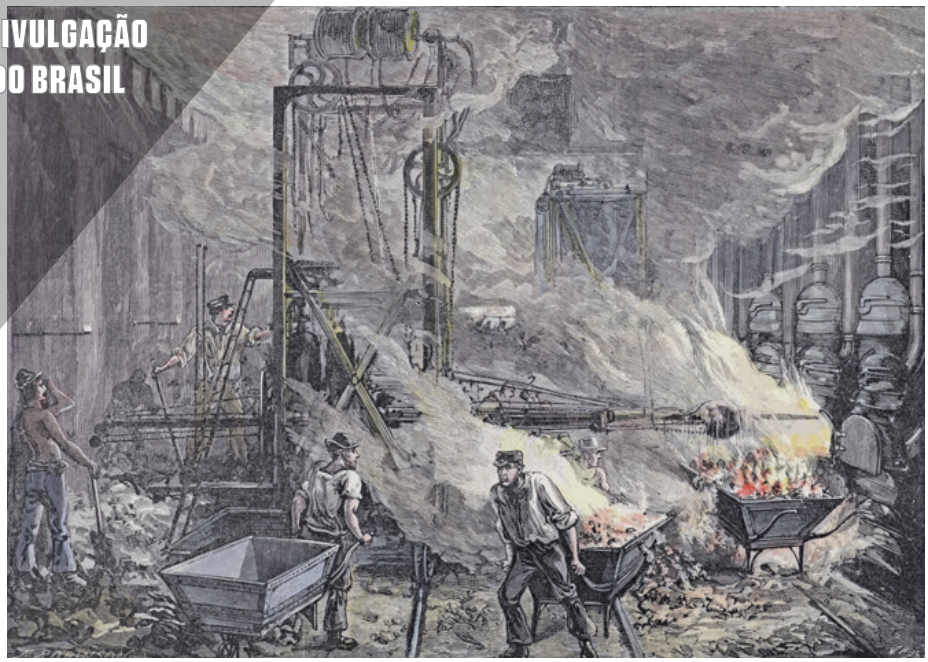
Outra importante fonte de acumulação de capital foi a ação dos **corsários**. Os saques praticados por eles tinham a conivência da Coroa inglesa, e suas principais vítimas eram navios espanhóis carregados de prata e ouro.

É preciso destacar outra importante fonte de acumulação de riquezas da Inglaterra: a exploração da mão de obra nas manufaturas. Lembre-se do processo de **cercamento dos campos**: com o aumento das áreas de pastagens, os camponeses foram expulsos das terras. O êxodo na direção das cidades tornou-se comum, e muitos deles foram empregados nas fábricas, como trabalhadores assalariados, constituindo uma nova classe social: o proletariado. Ao longo do século XIX, à medida que o processo de industrialização se desenvolveu em outros países europeus – Bélgica, França, Alemanha, Itália, Rússia – e nos Estados Unidos e no Japão, o proletariado ganhou consistência e crescente consciência de classe.

Cercamento dos campos: (*enclosures*) começou ainda na Idade Média, por volta do século XII, na Inglaterra, mas ficou mais intenso a partir do século XVI. As terras, que eram de uso comum ou coletivo, na Inglaterra, foram cercadas para uso individual. Grande parte dessas terras passou a ser utilizada para a criação de ovelhas, uma vez que a lã ganhava uma importância cada vez maior por ser matéria-prima básica para a manufatura têxtil. Devido aos cercamentos, muitos camponeses, expulsos das terras, acabaram se dirigindo às cidades, formando um grande contingente de mão de obra de baixo custo. O "movimento das cercas" resultou em importantes transformações no cenário socioeconômico inglês, como a exploração do campo com uma mentalidade cada vez mais capitalista, a concentração da propriedade rural nas mãos dos grandes senhores e o alargamento das áreas de cultivo e de criação de animais.

Corsário: costuma-se achar que as palavras **corsário** e **pirata** são sinônimas. Mas não é bem assim. O pirata atacava e pilhava navios por conta própria, de forma independente. Já o corsário era um navegador autorizado por um governante a atacar e pilhar navios de outra nação. A autorização era formalizada por um documento denominado "carta de corso".

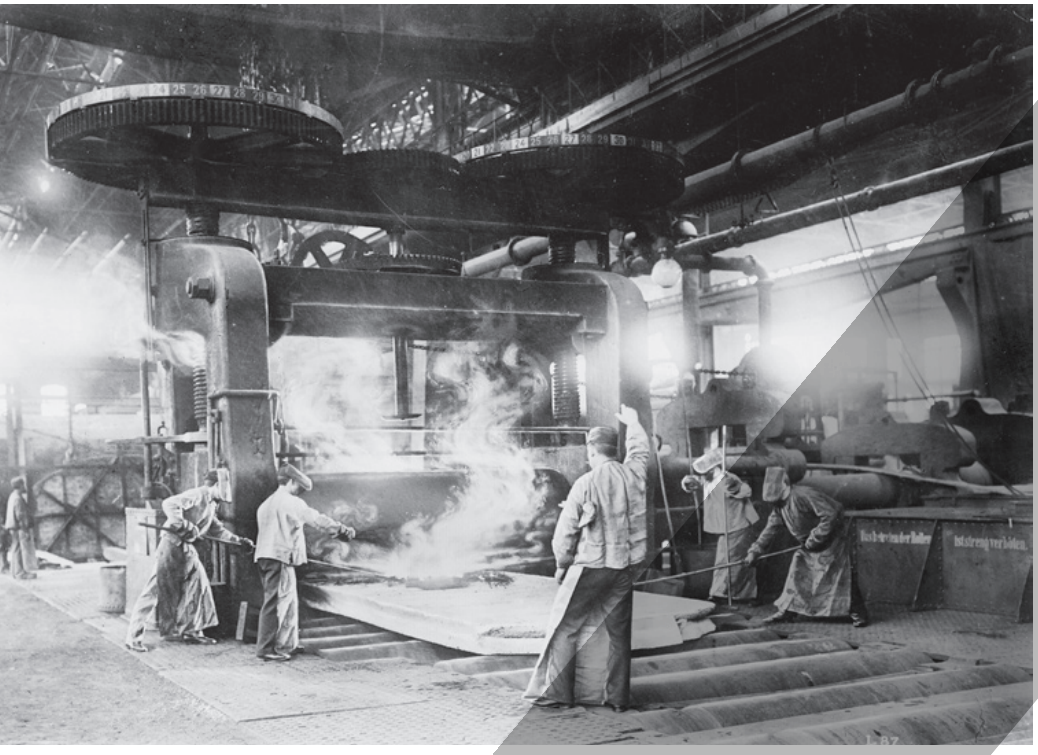
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Coleção Particular/Edgar Collection/The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil

A gravura retrata as condições de trabalho na fabricação de gás. Londres, século XIX.

O surgimento do proletariado



Harlingue/Roger Viollet/Getty Images

Na imagem, é possível observar o trabalho em uma fábrica de fundição. Alemanha, 1890.

A Revolução Industrial não deve ser compreendida apenas como a mera aceleração do ritmo econômico e o avanço de técnicas que resultaram em mais eficácia e produtividade. Ela consistiu, principalmente, em uma profunda transformação social que determinou a inserção do trabalhador em novas formas **laborais**, impôs a mais absoluta disciplina fabril e hierarquizou definitivamente a relação entre capital e trabalho. Essa transformação certamente foi revolucionária. Além de consolidar a produção capitalista, alterou a concepção de "tempo útil" na vida cotidiana dos trabalhadores.

Em decorrência do processo iniciado desde o século XVI, os trabalhadores se viram totalmente expropriados dos meios de produção, que são as máquinas, ferramentas, os utensílios de trabalho e a terra para plantio. Com isso, a única alternativa de sobrevivência passou a ser a venda de sua força de trabalho. Não por acaso, foram denominados de "proletários", isto é, aqueles que têm apenas sua prole, seus descendentes.

A subordinação absoluta dos produtores diretos, isto é, a submissão dos trabalhadores ao capital, ocorreu paralelamente à crescente divisão do trabalho e ao avanço do sistema fabril. Nas fábricas era comum os operários serem obrigados a se subordinar a jornadas de trabalho de até 16 horas por dia. A inexistência de leis e garantias trabalhistas tornava o cotidiano do prole-

GLOSSÁRIO

Laboral: relativo ou pertencente ao trabalho.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

"Tempo útil"

A noção de "tempo útil" e o controle do tempo dos trabalhadores eram entendidos pelos próprios trabalhadores no século XIX, como se pode perceber pela leitura da fonte histórica transcrita a seguir.

> Na realidade não havia horas regulares: os mestres e gerentes faziam conosco o que desejavam. Os relógios das fábricas eram frequentemente adiantados de manhã e atrasados à noite. Em vez de serem instrumentos para medir o tempo, eram usados como disfarces para encobrir o engano e a opressão. Embora isso fosse do conhecimento dos trabalhadores, todos tinham medo de falar, e o trabalhador tinha medo de usar relógio, pois não era incomum despedirem aqueles que ousavam saber demais sobre a ciência das horas.
>
> THOMPSON, Edward P. Capítulos na vida de um garoto de fábrica de Dundee. *In:* THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum:* estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

1. De acordo com sua experiência de vida e a de sua família, comente a ideia de que, nos dias atuais, o tempo não pertence mais ao trabalhador.

Análise

O "relógio moral"

Para o historiador brasileiro Edgar de Decca (1946-2016), o "relógio moral" é um modelo que, ao ser assimilado pelo trabalhador, impede que ele questione sua condição e não desperdice o tempo que obrigatoriamente deve ser dedicado ao trabalho. Esse "relógio moral" faz com que ele até mesmo, se necessário (na perspectiva do empregador), desrespeite os limites do próprio organismo para cumprir obrigações.

> Introjetar um relógio moral no coração de cada trabalhador foi a primeira vitória da sociedade burguesa, e a fábrica apareceu desde logo como uma realidade estarrecedora onde esse tempo útil encontrou o seu ambiente natural sem que qualquer modificação tecnológica tivesse sido necessária. Foi através da porta da fábrica que o homem pobre, a partir do século XVIII, foi introduzido ao mundo burguês.
>
> DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 10.

1. Com base em sua experiência cotidiana e no que sabe a respeito da realidade brasileira contemporânea, analise se essa extrapolação dos próprios limites decorre da introjeção do relógio moral, do temor de perda do emprego ou de outra situação específica. Para que sua análise seja mais consistente, pesquise na internet os números do desemprego nos últimos anos no país.

Exploração do trabalho infantil e feminino

A precarização das condições de trabalho se tornou realidade nos primeiros tempos da Revolução Industrial e se fez acompanhar da exploração sistemática dos trabalhadores do sexo masculino. Também crianças, adolescentes e mulheres pertencentes ao nascente proletariado, até mesmo pelo fato de receberem salários inferiores, foram vítimas da nova dinâmica do capitalismo industrial.

No começo do século XIX, em uma Inglaterra cada vez mais industrializada, as crianças constituíam uma parcela importante da força de trabalho. O depoimento a seguir nos [illegible] condições de trabalho dos "pequenos operários".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Biblioteca das artes decorativas, Paris

O trabalho infantil, 1871. Gravura. A imagem mostra crianças carregando barro em olaria inglesa no fim do século XIX.

> Perante uma comissão do Parlamento em 1816, o sr. John Moss, antigo capataz de aprendizes numa fábrica de tecido de algodão, prestou o seguinte depoimento sobre as crianças obrigadas ao trabalho fabril:
>
> Eram aprendizes órfãos? – Todos aprendizes órfãos.
>
> E com que idade eram admitidos? – Os que vinham de Londres tinham entre 7 e 11 anos. Os que vinham de Liverpool tinham 8 a 15 anos.
>
> Até que idade eram aprendizes? – Até 21 anos.
>
> Qual o horário de trabalho? – De 5 da manhã até 8 da noite.
>
> Quinze horas diárias era um horário normal? – Sim.
>
> Quando as fábricas paravam para reparos ou falta de algodão, tinham as crianças, posteriormente, de trabalhar mais para recuperar o tempo parado? – Sim.
>
> As crianças ficavam de pé ou sentadas para trabalhar? – De pé.
>
> Durante todo o tempo? – Sim.
>
> Havia cadeiras na fábrica? – Não. Encontrei com frequência crianças pelo chão, muito depois da hora em que deveriam estar dormindo.
>
> Havia acidentes nas máquinas com as crianças? – Muito frequentemente.
>
> HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 18. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 191.

1. O texto da página anterior apresentou a condição dos trabalhadores infantis em uma fábrica de tecidos de algodão na Inglaterra do início do século XIX. Pesquise na internet e identifique em quais outras atividades econômicas o trabalho infantil era explorado e quais eram as dificuldades enfrentadas por essas crianças no contexto da Revolução Industrial.

O trabalho feminino ocorreu por muitas razões. Segundo a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), que também foi ativista feminista e teórica social, no início do século XIX, as mulheres eram muito mais exploradas do que os homens.



UIG/he Bridgeman Art Library/Eas ypix Brasil

O trabalho feminino em uma fábrica de latas. Bretanha, França, século XIX.

No princípio do século XIX, a mulher era explorada mais vergonhosamente ainda do que os trabalhadores do outro sexo. O trabalho em domicílio constituía isso que os ingleses chamam *sweating system* [sistema de suor]; apesar de um trabalho contínuo, a operária não ganhava o suficiente para atender às suas necessidades [...]. Mais de duzentas mil operárias francesas não chegam a ganhar cinquenta cêntimos por dia. Compreende-se que tenham se apressado em emigrar para as manufaturas; aliás, fora destas, muito breve não lhes restarão senão os trabalhos de agulha, a lavanderia e a domesticidade, ofícios todos de escravos e pagos com salários de fome; até a renda, a roupa branca etc., são **açambarcadas** pela fábrica. Em compensação, há oferecimentos maciços de emprego nas indústrias de algodão, de lã e da seda. As mulheres são utilizadas principalmente na fiação e na tecelagem.

Os patrões muitas vezes as preferem aos homens. "Trabalham melhor e mais barato". Assim o drama do trabalhador feminino esclarece o drama do trabalhador feminino. Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano. Mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta. Fiação e tecelagem realizam-se em condições higiênicas lamentáveis. "Em Lião, escreve Blanqui (1), [...] as mulheres são obrigadas a trabalhar quase suspensas a correias, servindo-se dos pés e das mãos ao mesmo tempo".

GLOSSÁRIO

Açambarcar: reter tudo ou quase tudo para si.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> **"É pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano. Mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta."**
> **Simone de Beauvoir**

Em 1831, as operárias da seda trabalhavam das três horas da manhã até à noite no verão, e no inverno das cinco horas até às onze da noite, ou seja, dezessete horas por dia "em locais amiúde malsãos e onde não penetram nunca os raios de sol. Metade dessas moças torna-se tuberculosas antes de terminar seu aprendizado. Quando se queixam, acusam-nas de fazer fita". Além disso, os operários abusavam das jovens operárias.

[...] Animal de luxo ou animal de carga, eis o que é, hoje, quase exclusivamente a mulher. Mantida pelo homem quando não trabalha é ainda mantida por ele quando se mata no trabalho.

(1) A autora se refere Louis-Auguste Blanqui (1805-1881), teórico e revolucionário republicano socialista francês, defensor da igualdade dos direitos dos homens e das mulheres e pela supressão do trabalho infantil.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 148-149.

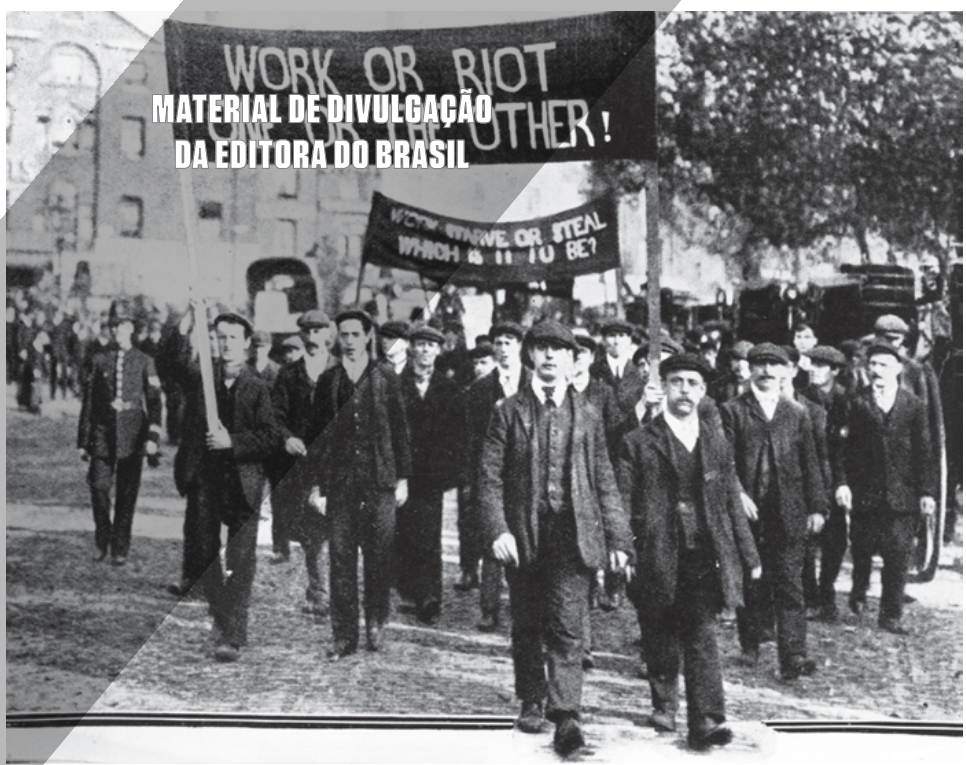
1. O **protagonismo feminino** à época da Revolução Industrial é destacado no texto pela filósofa e ativista política francesa Simone de Beauvoir. No início, ela relata o trabalho das mulheres em casa, no sistema de *putting out*; depois, nas manufaturas; e, em seguida, nas indústrias têxteis. Pesquise na internet a condição atual da mulher trabalhadora em nosso país. Verifique se os salários que recebem são iguais aos dos homens no exercício da mesma função. Avalie se elas cumprem "dupla jornada", acumulando o trabalho externo e o doméstico. De posse desses dados, com base em sua vivência e no convívio com sua família, comente a condição da mulher trabalhadora no Brasil da atualidade.
2. Em determinada passagem do texto, a autora afirma que as operárias trabalhavam "onde não penetram nunca os raios de sol". Relacione essa passagem com a realidade imposta pela Revolução Industrial: a fábrica como unidade de produção apartada das paisagens rurais e criadora de novas formas de apropriação da paisagem.

A resposta dos trabalhadores

Com o aumento da jornada de trabalho, a exploração do trabalho infantil e feminino, os baixos salários e as precárias condições de segurança e salubridade nas fábricas, em especial no século XIX, a reação dos operários eclodiu de várias formas.

A "nova sociedade do trabalho" passou a ser criticada sistematicamente por pensadores que, contrapondo-se ao ideário liberal e à sociedade burguesa-capitalista, buscavam novas alternativas políticas, econômicas e sociais para os trabalhadores. Nesse contexto, destacaram-se os marxistas e os anarquistas.

O ideário socialista tornou-se referência no mundo do trabalho. As ideias que circulavam entre os operários sempre apresentavam uma perspectiva de mudanças e melhoria de vida. Acenava-se com modificações sociais e com a ideia de construção de uma nova era, na qual as injustiças sociais seriam abolidas. As greves eclodiram e os confrontos urbanos passaram a ser constantes. Ainda hoje os trabalhadores se valem do recurso das greves para fazer reivindicações e garantir seus direitos.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Hulton Archive/Getty Images

Grupo marcha exigindo o direito ao trabalho. Na faixa: "Trabalho ou tumulto, um ou outro". Londres, 1908.

A Revolução Industrial e suas fases

Para facilitar a compreensão do processo histórico da industrialização, a Revolução Industrial é dividida em três fases, com características distintas. Note que são apresentados os principais aspectos do capitalismo em cada uma delas.

Revoluções Industriais			
Fases	**1ª fase** 1760/1780 até 1850/1875	**2ª fase** 1850/1875 até 1945/1975	**3ª fase** 1945/1975 até o início do século XXI
Principais países	Inglaterra	Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra, Estados Unidos, Japão	Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, China, Coreia do Sul
Material industrial básico	 yongyut rukkachatsuwa/Shutterstock.com Algodão e ferro.	 milan noga/Shutterstock.com Aço.	 New Africa/Shutterstock.com Plástico, materiais produzidos sinteticamente e materiais para componentes eletrônicos.
Principal fonte de energia	 zhengchengbao/Shutterstock.com Vapor (carvão mineral).	 LongJon/Shutterstock.com Eletricidade e petróleo.	 manfredxy/Shutterstock.com Hidrogênio, energia solar, energia das marés, energia eólica, energia nuclear, energia de origem orgânica.
Setores industriais predominantes	Têxtil.	Petroquímico, siderúrgico, bélico, naval, automobilístico, eletrônico e telecomunicações (exemplificados pelo telégrafo, telefone, rádio, TV).	Energia nuclear, energia eólica, energia solar, biomassa e energia das marés.
Características principais do capitalismo	Predomínio do capital industrial, marcado pela livre concorrência.	Predomínio do capital financeiro (fusão do capital industrial com capital bancário); expansão do capitalismo (imperialismo) na direção da África e da Ásia, principalmente; maior presença do Estado na economia.	Predomínio do capitalismo globalizado; menor presença do Estado na economia (neoliberalismo); internacionalização dos processos de produção.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A produção capitalista continua a modernizar-se rapidamente e de maneira contínua. Na atualidade, com o uso da robótica e da informática, a produtividade tem aumentado significativamente na atividade industrial, sem a contrapartida do aumento do número de funcionários que, ao contrário, vem diminuindo nas indústrias.

4ª Revolução Industrial?

Estamos, atualmente, na 4ª fase ou em uma 4ª Revolução Industrial? Se sim, quais são as características dessa nova fase? Como ela irá impactar o mundo do trabalho? Leia o texto a seguir, da jornalista e antropóloga argentina Valeria Perasso, para obter respostas a essas questões.

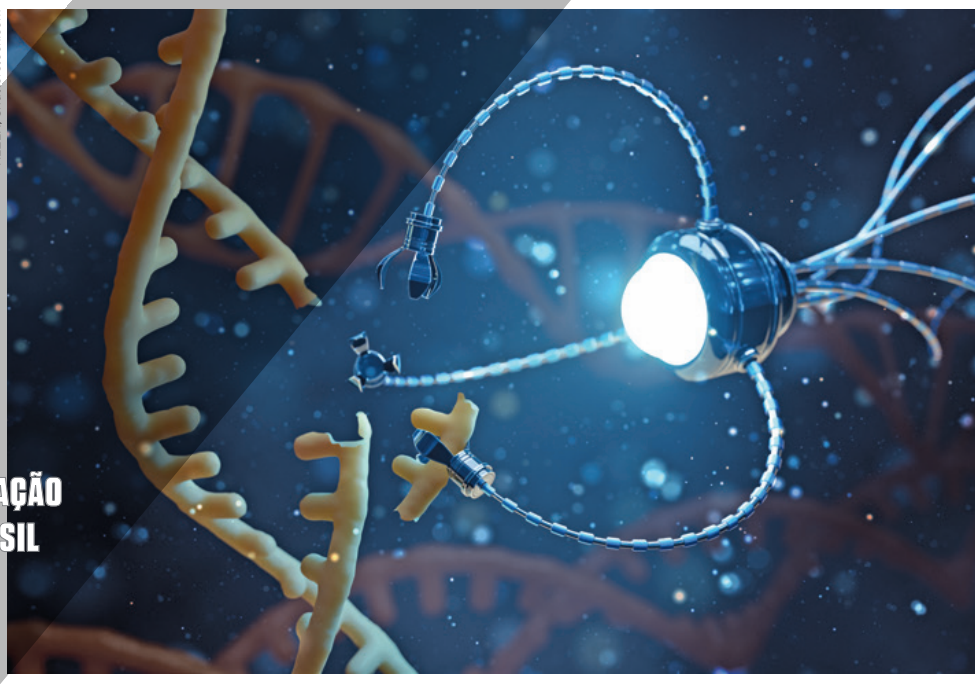
O que é a 4ª Revolução Industrial – e como ela deve afetar nossas vidas

No final do século XVII foi a máquina a vapor. Desta vez, serão os robôs integrados em sistemas ciberfísicos os responsáveis por uma transformação radical. E os economistas têm um nome para isso: a Quarta Revolução Industrial, marcada pela convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas.

Eles antecipam que a revolução mudará o mundo como o conhecemos. [...]

"Estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, alcance e complexidade, a transformação será diferente de qualquer coisa que o ser humano tenha experimentado antes", diz Klaus Schwab, autor do livro *A Quarta Revolução Industrial*, publicado este ano.

Os "novos poderes" da transformação virão da engenharia genética e das neurotecnologias, duas áreas que parecem misteriosas e distantes para o cidadão comum.



Os avanços da tecnologia e do conhecimento possibilitarão utilizar nanorrobôs para substituir partes de moléculas de DNA, como representado na ilustração 3D acima.

No entanto, as repercussões impactarão em como somos e como nos relacionamos até nos lugares mais distantes do planeta: a revolução afetará o mercado de trabalho, o futuro do trabalho e a desigualdade de renda. [...]

"Há três razões pelas quais as transformações atuais não representam uma extensão da Terceira Revolução Industrial, mas a chegada de uma diferente: a velocidade, o alcance e o impacto nos sistemas. A velocidade dos avanços atuais não tem precedentes na história e está interferindo em quase todas as indústrias de todos os países", diz o Fórum.

Também chamada de 4.0, a revolução acontece após três processos históricos transformadores. [...] Agora, a quarta mudança traz consigo uma tendência à automatização total das fábricas. [...] A automatização acontece através de sistemas ciberfísicos, que foram possíveis graças à internet das coisas e à computação na nuvem. [...]

No Fórum Mundial de Davos houve uma antecipação do que os acadêmicos mais entusiastas têm na cabeça quando falam de Revolução 4.0: nanotecnologias, neurotecnologias,

Donato Fasano/Getty Images



Máscaras produzidas em impressora 3D. Monopoli, Itália, 2020.

robôs, inteligência artificial, biotecnologia, sistemas de armazenamento de energia, *drones* e impressoras 3D.

Mas esses também serão os causadores da parte mais controversa da quarta revolução: ela pode acabar com cinco milhões de vagas de trabalho nos 15 países mais industrializados do mundo.

PERASSO, Valeria. O que é a 4ª revolução industrial – e como ela deve afetar nossas vidas. *BBC News Brasil*, São Paulo, 22 out. 2016. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/geral-37658309. Acesso em: 15 maio 2020.

1. Comente a análise da jornalista Valeria Perasso a respeito da relação entre transformações tecnológicas e produtivas e a nova visão e concepção de mundo. Use como referência o que já sabe sobre o desenvolvimento produtivo e seu impacto na vida dos trabalhadores.
2. Analise como essa nova Revolução Industrial pode afetar as relações humanas.

A nova ordem internacional das primeiras décadas do século XXI caracteriza-se pelo avanço da 4ª Revolução Industrial e pelo domínio econômico e financeiro dos Estados Unidos, Japão, potências da União Europeia e China. Paralelamente, as diferenças entre países desenvolvidos e alguns emergentes e os países subdesenvolvidos se acentuaram rapidamente, devido ao elevadíssimo padrão de desenvolvimento tecnológico dos primeiros, o que acarreta, entre outros reflexos, um enorme movimento migratório das populações mais pobres e vulneráveis na direção dos Estados Unidos e dos países que compõem a União Europeia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os reflexos da Revolução Industrial

Agora que estamos chegando ao final dos estudos sobre a Revolução Industrial é preciso que você sistematize algumas informações acerca das consequências desse processo. Um deles foi a separação definitiva entre capital e trabalho, com a constituição de duas classes distintas: a burguesia industrial e o operariado. As diferenças socioeconômicas entre elas tornaram-se nítidas e ganharam enorme visibilidade nos espaços urbano-industriais.

Consolidação do capitalismo

A industrialização foi responsável pela consolidação do capitalismo. O trabalho assalariado tornou-se hegemônico, ao mesmo tempo que se tornava evidente o abismo entre as condições de vida do operariado e as da burguesia industrial.

Os proprietários das fábricas e do maquinário passaram a ser os maiores beneficiários do crescimento econômico, que otimizou os lucros. Essa grande lucratividade foi possível, entre outros fatores, por causa da rigorosa hierarquia de funções, da vigilância constante e penalidades aplicadas a quem desrespeitava as regras, das longas jornadas de trabalho definidas e controladas pela burguesia industrial, da intensa divisão e especialização do trabalho, que implicou na redução dos custos de produção e consequente expansão dos mercados.

Análise

"A semente que semeais, outro colhe"

Essa frase marcante é o título do capítulo sobre a Revolução Industrial na obra *História da riqueza do homem*, do escritor e jornalista estadunidense Leo Huberman (1903-1968). Ele a extraiu de um verso do poeta inglês Percy B. Shelley (1792-1822) ao expressar, desse modo, que a riqueza gerada pelos trabalhadores na Revolução Industrial era apropriada pelos industriais, em uma relação de exploração do proletariado.

Aos homens da Inglaterra

Homens da Inglaterra, por que arar
para os senhores que vos mantêm na miséria?
Por que tecer com esforço e cuidado as ricas roupas que vossos tiranos vestem?
Por que alimentar, vestir e poupar, do berço até o túmulo,
esses parasitas ingratos que exploram vosso suor [...]
A semente que semeais, outro colhe.
A riqueza que descobris, fica com outro. [...]
Semeai – mas que o tirano não colha. Produzi riqueza – mas que o impostor não a guarde.
Tecei roupas – mas que o ocioso não as vista.
Forjai armas – que usareis em vossa defesa.

SHELLEY, Percy B. Complete poetical works. *In:* HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 206.

1. Considerando o que foi discutido aqui, a quem o poeta se refere ao destacar os "tiranos" e os "parasitas ingratos"? Qual foi a mensagem de Shelley aos trabalhadores da Inglaterra?
2. Comente, tendo em vista as consequências éticas dos processos apresentados no poema, a característica da qualidade de vida das pessoas nas revoluções industriais.

A precarização do trabalho resultou da consolidação e expansão da ordem capitalista, que incorporou uma massa de indivíduos despossuídos (os proletários, isto é, aqueles que tinham apenas a sua prole, ou seja, os filhos). Essa massa de trabalhadores se formou com a dissolução do artesanato e com o êxodo rural e se viu coagida a aceitar, inclusive como "naturais", as pesadas condições do trabalho impostas a partir da Revolução Industrial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O desenvolvimento do imperialismo

É interessante observar que, antes da Revolução Industrial, era o próprio mercado que limitava o volume da produção. Depois disso, a industrialização passou a ampliar, indefinidamente, os mercados. O aumento da produtividade, a redução nos custos de produção e no preço das mercadorias exigiram, nos séculos XIX e XX, e continuam exigindo no início do século XXI, a conquista não só de novos mercados fornecedores de matérias-primas mas de mercados consumidores mais amplos.

As potências industriais colocaram em prática, então, uma política anexionista que implicou a incorporação de vastas regiões do mundo afro-asiático, que passaram ao domínio do capital europeu e, em menor escala, estadunidense e japonês. Também os países da América Latina, embora independentes, inseriram-se na nova divisão internacional do trabalho, subordinados ao que se convencionou denominar de "imperialismo informal". Nesse contexto, pretendeu-se não apenas a ampliação de mercados e a busca de matérias-primas industriais mas, principalmente, a exportação de excedentes de capitais. Assim, num curto espaço de tempo, entre 1875 e 1914, assistiu-se ao nascimento do que se convencionou denominar "Era dos Impérios", ou imperialismo.



Hulton Archive/Getty Images

Em busca de trabalho, pessoas deixaram o campo e migraram para a cidade. Muitas vezes, viviam em condições precárias. Londres, 1889.

O crescimento das cidades e sua multiplicação

O que levou ao crescimento das cidades foi o fato de as indústrias se concentrarem, de modo geral, perto das fontes de energia ou de matérias-primas e, necessariamente, próximas aos centros urbanos "fornecedores" de mão de obra. Como já vimos, o processo do cercamento dos campos provocou, na Inglaterra, a migração de camponeses expropriados em direção às cidades.

Porém, a população que migrava para as cidades não encontrava ocupação nas fábricas, e o nível de desemprego, consequentemente, era elevado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As condições de higiene, saúde e habitação eram extremamente precárias nas cidades industriais inglesas nos primeiros tempos da Revolução Industrial. Nos bairros residenciais da rica burguesia, a situação era bem diferente. Esse contraste entre as condições de vida dos empresários e as dos trabalhadores revelou o gigantesco abismo que separava a burguesia e o proletariado.

O historiador René Rémond revela, com dados estatísticos, o enorme crescimento urbano verificado na Europa ao longo do século XIX.

O crescimento urbano

Em 1801, em todo o continente, não havia mais de 23 cidades com mais de 100 mil habitantes, agrupando menos de 2% da população da Europa. Em meados do século, seu número já se elevava para 42; em 1900 eram 135 e, em 1913, 15% dos europeus moravam em cidades. Quanto às cidades de mais de 500 mil habitantes que, na época, pareciam monstros, só existiam duas no início do século XIX: Londres e Paris. Nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, elas já eram 149.

RÉMOND, René. *Introdução à história de nosso tempo*: o século XIX – 1815-1914. São Paulo: Cultrix, 1976. v. 2, p. 137.

O expressivo aumento demográfico

A industrialização também fez crescer, em grande escala, a população dos principais distritos industriais ingleses, quase todos surgidos no século XVIII. Manchester, em 1760, registrava uma população de 17 mil habitantes e, em meados do século XIX, ultrapassava 200 mil. Por volta de 1850, Londres tinha cerca de 2,5 milhões de habitantes, enquanto Paris, na mesma época, alcançava 1,2 milhão de habitantes.

Em 1830, a população mundial atingiu a marca de um bilhão de habitantes.

Em 1830, a população mundial atingiu a marca de um bilhão de habitantes. Na virada do século XIX para o XX, chegou a dois bilhões. No curto espaço de tempo entre 1930 e 1975, a população mundial dobrou novamente e, em 1987, a imprensa mundial noticiou o nascimento do habitante de número cinco bilhões. No ano 2000, ultrapassou a casa dos seis bilhões de habitantes, aumentando, aproximadamente, um bilhão a cada 12 anos. Esses números podem ser explicados em função da formação e da consolidação do espaço urbano-industrial, da redução na mortalidade infantil, do aumento relativo na expectativa de vida, dos avanços na Medicina e da mecanização da agricultura e o consequente aumento da produtividade agrícola.

The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Estação ferroviária de Broad Street. Londres, c. 1890.

#Ficaadica

A Quarta Revolução Industrial, de Klaus Schwab (Edipro). Nesta obra o autor analisa um processo que para uns é uma dinâmica em gestação, enquanto para outros já é uma realidade. Na obra o autor descreve as características da revolução tecnológica e destaca as oportunidades que se materializam nessa época de inovação dos processos produtivos.

A sociedade informática, de Adam Schaff (Brasiliense). Schaff analisou, na década de 1980, as três revoluções que criaram a chamada "sociedade informática": a revolução microeletrônica, a revolução energética e a revolução biotecnológica, procurando demonstrar que esses três processos propiciariam a criação de um novo mundo.

A. I. – Inteligência Artificial, de Steven Spielberg (146 min). O filme se passa no futuro e mostra as complicadas relações sociais entre seres humanos e robôs. A trama trabalha questões éticas envolvendo a Inteligência Artificial, especialmente os "sentimentos humanos" presentes nessas máquinas.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Observe com atenção a imagem ao lado. É uma litogravura de 1840 que representa uma tecelagem da cidade de Manchester, Inglaterra. Nesse estabelecimento, há um par de rodas de fiar, um *spinner* (o homem que gira a roda) e duas jovens assistentes (*piecers*).

a) Comente os elementos da imagem que contribuíram para a redução dos custos de produção e o aumento dos lucros da burguesia industrial.

b) Analise os elementos da imagem que indicam a possibilidade de aumento da produtividade.

c) Na parte inferior, à esquerda, há um detalhe interessante. Qual é? Relacione esse detalhe ao aumento dos lucros dos proprietários das fábricas.



Coleção particular/The Bridgeman Images/Easypix Brasil

Operários trabalhando na fabricação de fios de algodão, 1840. Litografia.

2. Explique a importância histórica da Revolução Industrial.

3. Liste os fatores que contribuíram de forma decisiva para a eclosão da Revolução Industrial.

4. Explique por que os historiadores afirmam que a classe operária é "filha" da Revolução Industrial.

5. Relacione o imperialismo europeu do século XIX à Revolução Industrial do século XVIII.

6. De um lado, o esplendor das construções burguesas. De outro, as escuras e monótonas repetições de fachadas iguais dos operários. Leia a seguir o texto da historiadora brasileira Maria Stella Martins Bresciani, que analisa esses aspectos.

> Os arquitetos que projetaram em cidades inglesas edifícios como o Banco da Inglaterra, [...] a sala de leitura do Museu Britânico, [...] entre outros, com certeza não tiveram a intenção de provocar em quem os via a lembrança bucólica dos campos ingleses ou a harmonia de proporções entre o homem e suas obras. O aspecto majestático [...] diversas em suas formas e materiais [...], sugeria primordialmente o poder da bur[illegible] teria parecer grandioso, infinito e esmagador.
>
> A longa sequência de arcos da estação ou de uma fábrica de carruagens, ou ainda, as numerosas janelas e colunatas de hotéis de luxo e apartamentos caros de bairros londrinos transmitiam uma sensação de infinitude semelhante à produzida pelas imensas arcadas envidraçadas do Palácio de Cristal, construído em 1851, para a Grande Exposição de Produtos Industriais de Todas as Nações.
>
> Também induziam o sentimento de infinitude as escuras e monótonas repetições de fachadas idênticas de casas iguais, cujo destino era o de serem alugadas para a anônima população de trabalhadores urbanos. Aqui, a tonalidade do material de construção e o severo despojamento de suas paredes pesadas faziam com que esse sentimento se assemelhasse mais ao produzido pelos maciços muros de prisões [...]; aqui, a infinitude simbolizava a impossível libertação do jugo poderoso das classes dominantes.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 5, n. 8/9, p. 42-43, set. 1984/abr. 1985. Disponível em: https://anpuh.org.br/index.php/revistas-anpuh/rbh. Acesso em: 12 jun. 2020.

a) Discuta, considerando as informações do texto, de que maneira a Revolução Industrial impôs um novo modelo urbanístico.

b) A autora destaca que o conceito de "infinitude" na arquitetura não era o mesmo para a burguesia industrial e para a classe operária. Analise a ideia de inevitabilidade da condição do operariado expressa no imaginário urbano.

c) Relacione a arquitetura monumental ao desenvolvimento industrial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

7. Explique por que o socialismo pode ser entendido como uma crítica à ordem capitalista burguesa.

8. Leia o texto a seguir, no qual o economista Paul Singer questiona a "naturalidade" com que foram aceitas as pesadas condições de trabalho implementadas com a consolidação da ordem capitalista. Depois responda às questões propostas.

A formação cultural da classe operária e a disciplinarização do trabalho

No início da Revolução Industrial, ainda não se tinha produzido aquilo que os empregadores chamam de "disciplina" no trabalho para outrem, ou seja, a predisposição de se dedicar diariamente, por longas horas, a tarefas repetitivas e sem significado, em troca de um modesto salário. A formação da classe operária pressupõe precisamente a criação cultural de tal predisposição.

Como disse Marx (1984, vol. I, tomo II, p. 277) de modo lapidar: "Não basta as condições de trabalho num polo como capital e no outro polo pessoas que nada têm para vender a não ser sua força de trabalho. Não basta também forçarem-nas a se vender voluntariamente. Na evolução da produção capitalista, desenvolve-se uma classe trabalhadora que, por educação, tradição, costume, reconhece as exigências daquele modo de produção como leis naturais, evidentes".

Essa formação cultural da classe operária só se dá em longo prazo, como resultado de um vasto condicionamento da população despossuída a favor do trabalho regular e sobretudo das vantagens do ganho regular de um salário reduzido, mas que permite sustentar um padrão de vida considerado digno.

SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. 5. ed. São Paulo: Atual, 1994. p. 25.

a) Segundo Paul Singer, foi importante para o capitalismo a "criação cultural" da predisposição, nos operários, de aceitar determinada condição. Que condição foi essa?

b) Em sua opinião, os trabalhadores brasileiros, de modo geral, reconhecem as exigências do capitalismo como "leis naturais, evidentes"? Por quê?

9. A relação entre industrialização e urbanização foi analisada pela historiadora brasileira Maria Stella Martins Bresciani na obra *Londres e Paris no século XIX*: *o espetáculo da pobreza*.

Nessa Londres da metade do século, com dois milhões e meio de habitantes, projetam-se com total nitidez e promiscuidade, a diversidade, a agressão, em suma, os vários perigos presentes na vida urbana. Para além do fascínio se faz sentir o medo. [...]. Os observadores contemporâneos são unânimes ao afirmar que o assustador contraste entre a opulência material e a degradação do homem fazia de Londres uma singularidade absoluta. Engels, em viagem pela Inglaterra na década de 1840, diz não conhecer nada mais imponente do que o espetáculo proporcionado pela subida do Rio Tâmisa em direção à Ponte de Londres. "O amontoado das casas, os estaleiros navais [...] os inumeráveis navios alinhados ao longo das suas margens, estreitamente unidos uns aos outros, e que, no meio do rio, deixam apenas um estreito canal onde centenas de barcos a vapor se cruzam a toda velocidade, tudo isto é tão grandioso, tão enorme, que se fica atônito e estupefato com a grandeza da Inglaterra, mesmo antes de pisar solo inglês" (*A condição da classe trabalhadora na Inglaterra*).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O tom otimista desaparece em seguida, ao ser avaliado o custo social do crescimento econômico. Poucos dias de permanência na cidade bastam para que identifique "os efeitos devastadores da aglomeração urbana". Percorrendo as ruas principais da metrópole, Engels se vê constrangido a abrir passagem através da multidão e das intermináveis filas de carruagens e carroças, constrangimento esse que aumenta quando ele chega aos bairros ruins e conclui que os londrinos se viam obrigados a sacrificar a melhor parcela de homens na tarefa de atingir todos os milagres da civilização. [...] As péssimas condições de moradia e a superpopulação são as duas anotações constantes sobre os bairros operários londrinos. Mesmo áreas ricas, como Westminster, têm paróquias onde, segundo o jornal *Journal of Statistical Society* de 1840, moram 5 366 famílias de operários em 5 294 habitações, num total de 26 830 indivíduos.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*: o espetáculo da pobreza. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 22, 23 e 25.

- Segundo a autora, "os observadores contemporâneos são unânimes ao afirmar que o assustador contraste entre a opulência material e a degradação do homem fazia de Londres uma singularidade absoluta". Discuta essa frase estabelecendo relações com o contraste entre opulência e degradação em muitas cidades brasileiras na atualidade.

PERCURSO

2 Os trabalhadores e seus direitos

Em 11 de novembro de 2017, entrou em vigor, no Brasil, a Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017, conhecida como Reforma Trabalhista.

Você deve se perguntar:

- O que é lei trabalhista?
- O que foi reformado?
- Será que os direitos foram ampliados ou perdidos com a reforma?
- É possível perder direitos?

Neste percurso, vamos refletir sobre algumas dessas questões. Para iniciar a discussão, é importante saber que os direitos trabalhistas no Brasil foram consolidados num único documento, a Consolidação das Leis do Trabalho (**CLT**), em 1943, por causa da luta organizada dos trabalhadores; a Lei nº 13.467/2017 alterou 54 artigos da CLT, revogou 9 e criou 43. Isso significa que a reforma modificou cerca de 10% da legislação trabalhista – que desde sua criação já sofreu diversas adaptações.

Os direitos expressos nas leis podem ser modificados dependendo da pressão de um grupo social, de instituições e até de pessoas que, por meio de exemplos de luta e posicionamento, lideram a conquista de direitos.

A partir de agora, vamos conhecer um pouco mais as formas de luta e de organização, as reivindicações e o que aconteceu em nossa história que possibilitou a aquisição ou a perda de direitos trabalhistas.

Análise

Conscientização ambiental

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Por meio da análise dos textos 1, 2 e 3, vamos refletir sobre uma forma de luta por direitos e melhor qualidade de vida.

Texto 1 – Marcha Mundial das Mulheres

A Marcha Mundial das Mulheres é um movimento feminista articulado globalmente, cuja origem remonta ao ano 2000. O objetivo é lutar contra a pobreza, a misoginia e a violência. O movimento busca, ainda, ampliar o protagonismo feminino e reforçar a autonomia das mulheres reivindicando, por exemplo, o direito de exercerem livremente a sexualidade. Entre as pautas da Marcha existe:

> O Feminismo Ecológico, que é um feminismo que pretende unificar as demandas do movimento das mulheres com aqueles do movimento ecológico, de maneira a alcançar um mundo e uma visão de mundo que não seja baseada em estruturas socioeconômicas e conceituais de dominação.

DI CIOMMO, R. C. Ecofeminismo e educação ambiental. *In:* ALVES, May. *Blog da Marcha Mundial das Mulheres*. [*S. l.*], 1 maio 2013. Disponível em: https://marchamulheres.wordpress.com/2013/05/01/feminismo-ecologico/. Acesso em: 25 abr. 2020.



Marcha Mundial das Mulheres

O logotipo da Marcha Mundial das Mulheres representa a união e a diversidade.

Texto 2 – Wangari Muta Maathai

A ambientalista queniana Wangari Maathai é um dos maiores nomes da conservação ambiental do mundo e a primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz, em 2004. [...]

A solução que ela encontrou para o problema ambiental foi muito prática: plantar muitas árvores. O Green Belt Movement fundado por ela pagava a mulheres trabalhadoras rurais um pequeno salário para plantar árvores. [...] Quase 1 milhão de pessoas participaram do movimento e mais de 50 milhões de árvores foram plantadas até o momento. [...]

[...] Maathai foi fortemente reprimida pelo presidente do Quênia, [...] seu nome foi parar em uma lista de "inimigos" do governo, e ela foi presa sob acusações de traição. Chegou a apanhar de policiais, mas não parou de criticar os mandatários quenianos.

MARASCIULO, Marília. Quem foi Wangari Muta Maathai, primeira mulher africana a receber o Nobel da Paz. *Galileu*, São Paulo, 11 set. 2019. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/09/quem-foi-wangari-muta-maathai-primeira-mulher-africana-receber-o-nobel-da-paz.html. Acesso em: 16 maio 2020.



SCANPIX/AFP

A ecologista queniana Wangari Maathai tornou-se a primeira mulher africana e a primeira ambientalista a receber o prestigioso prêmio. Oslo, Noruega, 2004.

Texto 3 – Greta Thunberg

Greta Thunberg tem 16 anos e uma ideia: é preciso mudar as coisas para salvar o meio ambiente. Em poucos meses ela conseguiu envolver milhões de pessoas comuns e poderosas nessa missão, chamando a atenção de todos para a saúde do nosso planeta.

Com sua coragem e sua determinação, Greta demonstrou que cada um de nós pode tomar medidas práticas para enfrentar até os problemas mais difíceis. Ou, como ela própria disse: "Ninguém é pequeno demais para fazer a diferença".

Era uma manhã de agosto em Estocolmo quando Greta Thunberg decidiu que não podia mais ignorar a situação do planeta. As mudanças climáticas ficavam cada vez mais preocupantes e mesmo assim parecia que ninguém levava o problema a sério.

[...]

Então, naquele dia Greta fez duas tranças nos cabelos compridos, vestiu um casaco azul, uma camisa quadriculada e saiu da casa onde morava com os pais levando um cartaz debaixo do braço. Nele, estava escrito à mão: *Skolstrejk för klimatet*, "Greve escolar pelo clima". Ela também havia preparado folhetos com fatos relevantes sobre a mudança climática que, na opinião dela, todos deveriam saber.

Assim como todos os jovens suecos de sua idade, Greta deveria ir para a escola naquele dia. [...]

CAMERINI, Valentina. *A história de Greta*. Ilustrações: Veronica Carratello. Tradução: Aline Leal. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. *E-book*.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Time

Greta chamou a atenção de governantes ao questionar o que está sendo feito para salvar o mundo. Capa da revista *Time* de 23 de dezembro de 2019.

Com a mediação do professor, dialogue com os colegas sobre os pontos a seguir.

1. Identifique as semelhanças e as diferenças entre os três textos.
2. Explique os princípios éticos que orientam a ação das protagonistas.
3. Analise a relação entre exploração predatória dos recursos naturais e luta por direitos, temas propostos nos três textos.
4. Avalie os limites e desafios dessas pautas para a sociedade contemporânea.
5. Reflita sobre a diversidade de respostas.

Como acabamos de analisar, existem pessoas em diferentes países que têm se dedicado à luta por direitos com uma pauta bastante diversificada em suas demandas. A questão ambiental é uma pauta de diversos movimentos e instituições que batalham para que as futuras gerações possam ter direito a uma vida digna. Nesse bojo de luta por direitos está a questão inicial desta unidade: **Os direitos do trabalhador são respeitados?** Com o objetivo de aprofundar essa reflexão, vamos estudar a relação entre a Revolução Industrial, o trabalho, os direitos e as lutas dos trabalhadores.

Começamos pensando em um fato comum na sociedade contemporânea: empregamos o termo "direito" para reivindicar algo. Você, com certeza, já deve ter falado ou ouvido alguém dizer: "Isso é meu direito" ou "Onde estão os meus direitos?". Mas será que todos os seres humanos têm direito aos "direitos"? Um estrangeiro radicado em nosso país, por exemplo, possui os mesmos direitos desfrutados por um cidadão brasileiro? Um adulto tem os mesmos direitos de uma criança? Quais as diferenças entre o direito romano da Antiguidade, o direito definido na Revolução Francesa, os direitos humanos e os direitos do cidadão brasileiro? E os direitos dos trabalhadores, como foram conquistados? Qual é a relação entre a conquista desses direitos e as condições de trabalho impostas pelo sistema capitalista na era industrial? Questões assim permeiam nosso cotidiano, e as respostas a elas podem vir do conhecimento das Ciências Humanas.

Por que falar de direito?

O estudo da Revolução Industrial, do conceito de trabalho e das características do sistema capitalista implica também estudo do conceito de direito, sobretudo dos direitos trabalhistas.

Os direitos e os deveres dos cidadãos e das cidadãs no mundo do trabalho são uma construção histórica, desenvolvida ao longo dos séculos com base no conhecimento acumulado de diversas sociedades.

Análise

Injustiça

Analise a imagem ao lado e reflita sobre as questões a seguir.

1. Qual é a crítica contida nela em relação ao trabalho e aos trabalhadores? Explique.
2. De acordo com seu conhecimento prévio sobre o tema, as relações de trabalho representadas na imagem estão garantidas pela legislação trabalhista?
3. Por que nem todos os trabalhadores têm direitos trabalhistas?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Direito: para que e para quem?

O direito como ideia de garantia legal que limita ou possibilita a ação universal de todos os cidadãos é um conceito da modernidade. A sua raiz encontra-se no mundo greco-romano e, ao longo da história da sociedade ocidental, agregou novos significados. Hoje, está relacionado à concepção moderna de lei e ao **Estado democrático de direito**.

Estado democrático de direito: trata-se da condição na qual o Estado nacional reconhece e garante o respeito às liberdades civis, políticas, sociais e os direitos humanos por meio das garantias fundamentais do processo legal. Em um Estado de direito, as autoridades e as instituições políticas estão submetidas às regras de direito estabelecidas por leis constitucionais.

Na Antiguidade, o direito era restrito a um grupo de indivíduos e concebido como privilégio. Na Idade Média, era uma condição herdada da família e legitimada por uma concepção religiosa, inclusive para justificar o poder do monarca. Nesses casos, era uma garantia de estratificação social para justificar a exploração de seres humanos.

Na Modernidade, com o surgimento do Estado moderno, diversos filósofos refletiram sobre a legitimidade do poder e a melhor forma de governo. A ideia de que o Estado detém o poder legítimo – e, portanto, pode regular os códigos jurídicos, as normas administrativas e o funcionamento econômico da sociedade – só é legítima, de fato, se for instituída por lei.

A lei, por sua vez, pode ser entendida como a norma que expressa a vontade geral e, portanto, a forma privilegiada de manifestação da soberania popular.

De maneira geral, independentemente de leis de orientações divinas, transcendentais ou científicas, as sociedades humanas se organizam por meio de regras que regem comportamentos, costumes, hábitos, crenças, valores e outros elementos culturais.

Um autor de referência na genealogia da lei e do direito é Montesquieu.

Vozes

O filósofo francês Montesquieu (1689-1755), em sua obra *O espírito das leis* (1750), versa sobre a natureza da lei, isto é, o conceito de lei científica nas Ciências Humanas. Antes, a legitimidade da lei era divina, isto é, resultado da vontade de Deus; portanto, era imutável e visava a uma finalidade perfeita. Ao analisar as leis em sociedade, Montesquieu compreendeu que, na verdade, elas são criações dos seres humanos para reger relações entre seres humanos; portanto, o teor é de orientação política, e não teológica ou mitológica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Langlois Boilly. *Montesquieu*, 1865. Gravura, 22,7 cm × 16,1 cm.

Coleção particular/Fototeca Gilardi/AKG-Images/Album/Fotoarena



Câmara dos Deputados

Montesquieu estabelece que a condição para o Estado de direito é a capacidade de um dos poderes (Executivo, Legislativo ou Judiciário) contrariar o outro, isto é, um poder modera o outro, de maneira a proporcionar os freios e contrapesos e impedir a tirania da maioria sobre a minoria.

Isso significa que o Estado democrático de direito deve funcionar de acordo com a lei, que deve ser formulada por meio de diversos processos democráticos e com base nos princípios dos Direitos Humanos. Por processos democráticos, concebemos o sufrágio universal, as eleições secretas, o sistema eleitoral transparente, a eleição de representantes do povo, o equilíbrio dos poderes institucionais e uma Constituição que vise ao bem geral de todos os cidadãos e garanta os direitos humanos.

A Constituição Brasileira de 1988 garante o direito ao voto secreto.



FPG/Getty Images

Eleanor Roosevelt (1884-1962), primeira-dama dos Estados Unidos de 1933 a 1945, segura a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Estados Unidos, 1948.

De 1500 até 1800, diversos outros pensadores refletiram sobre essas questões, como Nicolau Maquiavel (1469-1527), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e J. J. Rousseau (1712-1778). No século XIX, autores de orientação socialista, comunista, anarquista ou liberal contribuíram para a análise crítica da legitimidade/ilegitimidade e dos limites do poder do Estado sobre os indivíduos.

No entanto, mesmo com todas as discussões teóricas e a luta de diversos grupos e instituições sociais, a formulação do direito extensivo a todos os seres humanos ocorreu apenas em 1948 com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Até o final do século XIX, havia pessoas escravizadas: a abolição no Brasil ocorreu em 1888; nos Estados Unidos, de 1867 até 1967, os negros eram oficialmente discriminados e segregados em instalações públicas e privadas, serviços e oportunidades; o *apartheid*, regime de segregação racial implementado na África do Sul, durou de 1948 a 1994.

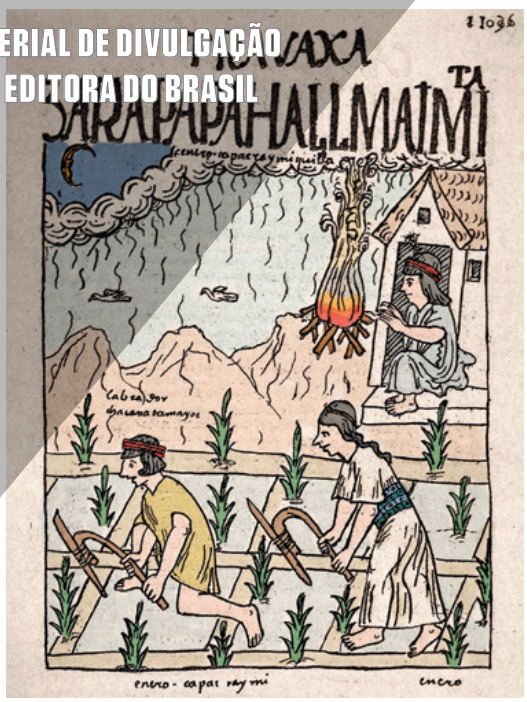
> A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi elaborada por uma comissão da Organização das Nações Unidas (ONU) entre 1946 e 1948. Entrou em vigor após uma Assembleia Geral da ONU realizada em 1948. Esse documento é composto por 30 artigos, os quais determinam os direitos básicos que todo ser humano deve possuir, independentemente da raça, religião, posição social, gênero etc.
>
> DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. *In*: HISTÓRIA DO MUNDO. [*S. l.* : *s. n*], c2020. Disponível em: www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.htm. Acesso em: 16 maio 2020.

O direito e o trabalho em civilizações passadas

Em outras sociedades, a concepção de direito não existe, então as oportunidades, os limites e as possibilidades são de naturezas distintas.

Nas sociedades indígenas do Brasil, os povos dos troncos tupi ou macro-jê trabalham numa relação intrínseca com a natureza. Um indígena sabe fazer tudo o que vai precisar durante a vida – construir uma oca, produzir um arco, uma rede, pescar, caçar ou roçar. Sabe distinguir as plantas que curam das que fazem adoecer. Entre esses povos, não há Estado, estratificação social ou comércio intertribal, apesar de existir uma divisão sexual do trabalho: homens fazem uma atividade e mulheres, outra.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Coleção particular/Giancarlo Costa/The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil

Desenho do manuscrito *Nueva coronica y buen gobierno*, de Don Felipe Puma de Ayala, século XVI, que retrata o trabalho com a terra.

Na civilização inca (anterior à chegada dos europeus no início do século XVI), percebemos que havia uma organização bem marcada pela estratificação social, o comércio entre diversas cidades e o trabalho de produção de subsistência, feito por alguns. O imperador gozava de uma posição privilegiada, e outras pessoas exerciam tarefas nos campos intelectual, burocrático, religioso e político.

A civilização egípcia da Antiguidade (entre 3200 a.C. e 525 a.C.) tinha uma estrutura semelhante, mas, obviamente, distinta no que diz respeito aos rituais, crenças, costumes, produção de mercadorias e outros elementos culturais. A estratificação social, assim como a divisão do trabalho, os privilégios e a legitimidade religiosa ou mitológica estavam presentes numa organização social marcada pela existência do trabalho compulsório.



Werner Forman/Universal Images Group/Getty Images

Detalhe de ilustração egípcia do processo de arar, semear e colher trigo no campo de Iaru, c. 1069 a.C.-945 a.C.

Na Índia, assim como no Nepal e outros países da região em que predomina a religião hindu, observamos a permanência do sistema de castas, em que a divisão hierárquica das pessoas na sociedade é definida por seu nascimento. As condições de vida, oportunidades e privilégios dependem da casta em que o indivíduo está inserido. Basicamente, as castas estão divididas da seguinte forma: os brâmanes (sacerdotes e letrados), os xátrias (guerreiros), os vaixás (comerciantes), os sudras (servos: camponeses, artesãos e operários) e os *dalits* ou párias (sem casta e, portanto, "intocáveis"), além de inúmeras "subcastas". A diferenciação entre os membros das diversas castas é feita de acordo com o sobrenome, as vestimentas e até mesmo os alimentos consumidos.

Ressalte-se que, apesar de a Constituição da República da Índia, datada de 1950, haver abolido o sistema de castas e proibido as discriminações baseadas nele, as crenças milenares alicerçadas nas escrituras do hinduísmo fazem com que essa discriminação persista no país, motivando inúmeros conflitos, sobretudo nas áreas rurais. O fundamental é perceber a imensa estratificação social que marca a origem cultural dessa sociedade. A Índia, atualmente o maior país de tradição hindu, é uma república democrática que vive os dilemas de conceder a universalização dos direitos e das oportunidades a todos os cidadãos, por um lado, e de respeitar os preceitos hinduístas, por outro.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No sistema feudal que se desenvolveu na Europa Ocidental durante a Idade Média, havia uma estratificação social marcada pelo nascimento: quem nascia senhor tinha privilégios, e sua subsistência era garantida pelo trabalho de quem nascia servo. A mobilidade social era rara, mas havia a possibilidade de os nascidos de linhagem nobre se tornarem parte do clero, uma das principais instâncias de poder, cuja autoridade era reforçada por deterem o "saber oficial". Nessa realidade, o trabalho é bem marcado pela posição social e legitimado por uma moral religiosa.

O trabalho e a subsistência

Até esse momento, podemos dizer que, nas sociedades estudadas, o trabalho (braçal) voltado à produção de subsistência era (e é) necessário à reprodução da vida.

Nessas civilizações, percebe-se claramente a exploração de um ser humano pelo outro, ou a exploração de um grupo por outro. As justificativas podem ser diversas: mito de origem, crença religiosa, tradições ou força. Mas o que, de fato, pode ser constatado é a opressão de um indivíduo sobre outro.

O que pode variar é a forma de subjugar: servidão em prol de proteção ou de uma crença em outra vida; medo; sistema de escravidão. Enfim, ao longo do estudo antropológico e histórico das diversas civilizações que acumulam a produção, verifica-se, seja por necessidade climatológica, cosmológica, seja pelo medo, a exploração de seres humanos.

Para impedir (ou limitar) tal exploração, o direito é um conceito fundamental.

O direito no cotidiano brasileiro atual: casos para análise

GLOSSÁRIO

Brasileiro nato: aquele cuja nacionalidade é brasileira pelo fato de ter nascido no Brasil.

O direito como instrumento de justiça, defesa da civilização e dos valores humanos é uma construção permanente e depende da luta, isto é, não está dado; deve ser conquistado e, sobretudo, mantido – o que demanda esforço enorme.

Nesse sentido, então, somos brasileiros e temos direitos e deveres garantidos na Constituição. Se nos sentirmos lesados, poderemos procurar a Justiça e reivindicar nossos direitos, certo? E quem não é **brasileiro nato** ou naturalizado? Tem direitos?

Vamos fazer uma atividade para aprofundarmos nossa reflexão.

Análise

Situações cotidianas

Forme um grupo com colegas e pensem em como as pessoas reivindicam seus direitos. Reflitam sobre algumas situações cotidianas com base nas orientações a seguir.

1. Escolham uma das situações a seguir para análise.
2. Durante a leitura, levantem as informações sobre a situação.
3. Estabeleçam relação entre essas informações e os contextos em que as pessoas envolvidas vivem.
4. Discutam os impactos dessa realidade na qualidade de vida das pessoas.
5. Formulem uma solução para a situação.

Situação 1 – Uma família de estrangeiros chegou ao Brasil há dois meses, o pouco recurso financeiro que tinham para sobreviver se esgotou e os pais estão desempregados. Uma das crianças, de 3 anos, encontra-se doente, e as outras duas, de 8 e 9 anos, estão sem escola.

- Quais são as possibilidades para essa família na sociedade brasileira regida pelo Estado democrático de direito?

Considere que o Art. 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que a criança goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando todas as oportunidades e facilidades a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e de dignidade.

- As crianças, mesmo estrangeiras, têm direito a serem atendidas nos órgãos públicos de saúde e educação?
- E os pais? O Estado pode e deve auxiliá-los com programas sociais?
- Um estrangeiro pode reivindicar seus direitos?

Situação 2 – Uma família monoparental constituída por uma mãe e dois filhos, de 12 e 15 anos, vive numa comunidade da periferia de uma região metropolitana. A mulher está doente e sem condições de trabalhar. Quando ela é atendida no pronto-socorro público, o médico faz exames básicos e receita remédios, mas o tratamento clínico demanda outro exame, que só poderá ser realizado em dois meses. Por ser diarista, ela não é registrada, não paga o INSS e não recebe se não trabalhar. A família já está sem recursos para se alimentar e não tem parentes para auxiliá-la.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avener Prado/Folhapress



Nos últimos anos, muitos venezuelanos emigraram para o Brasil em busca de oportunidade de emprego. Santa Elena de Uairén, Venezuela, 2018.

Lucas Prates/Estadão Conteúdo



Pacientes aguardam atendimento médico do Serviço Único de Saúde (SUS). Belo Horizonte (MG), 2016.

- Quais são as possibilidades para essa família na sociedade brasileira regida pelo Estado democrático de direito?
- As crianças devem deixar de ir à escola e procurar algum tipo de atividade remunerada?
- Que instituições podem auxiliar essas pessoas na garantia de seus direitos sociais?

Situação 3 – Durante a quarentena da covid-19 em 2020, um cidadão que vivia sozinho e sem parentes próximos se deslocava todos os dias, por três horas, para trabalhar em um famoso supermercado de uma grande cidade metropolitana. Embora pertença ao grupo de risco por ser idoso e tenha problemas pulmonares e doenças crônicas, ele precisou continuar trabalhando por necessitar pagar aluguel e comprar remédios, mesmo correndo o risco de ser contaminado.

- Quais são as possibilidades para esse cidadão na sociedade brasileira regida pelo Estado democrático de direito?



Fábio Vieira/FotoRua/Folhapress

Durante o período de pandemia da covid-19, o uso de máscaras de proteção foi recomendado, principalmente em locais públicos ou com aglomeração. São Paulo (SP), 2020.

Situação 4 – Uma família nuclear composta de um homem, uma mulher e um bebê de 1 mês vivem em um bairro de uma pequena cidade. O homem trabalha de motorista para um aplicativo e, nesta semana, envolveu-se em um acidente de trânsito. Seu automóvel está impossibilitado de funcionar, o acidente está sob investigação para apurar os responsáveis e ele fraturou a perna. Não tinha seguro (de vida, de carro ou de acidente de trabalho) nem pagava o INSS.

- Quais são as possibilidades para essa família na sociedade brasileira regida pelo Estado democrático de direito?
- Pesquisem na legislação brasileira e nos órgãos públicos as possibilidades de solução a ser aplicada.



Danilo Verpa/Folhapress

Motoristas de aplicativo se unem em manifestação por reajuste nas tarifas. São Paulo (SP), 2019.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

6. Compartilhem a solução e a pesquisa. Discutam a teoria do direito estudada neste percurso e as possibilidades dos [illegible] nessas situações.

A quais conclusões você chegou? No Brasil, assim como na maioria dos países, uma pessoa, para reivindicar direitos, deve ter cidadania. Ser cidadão natural (nascer no país) ou naturalizado (nascer em outro país, mas receber a cidadania) é ter direitos e deveres instituídos por lei.

Viver em sociedade é agir conforme a lei, independentemente da nossa vontade, pois a lei deve ser aplicada para todos; quando a descumprimos, somos punidos – com multa (infrações leves), expropriação de algum bem material (em caso de danos materiais a terceiros ou à sociedade) ou prisão (crimes graves).

Ao mesmo tempo, as leis devem garantir direitos – compreendidos como a possibilidade de todos os seres humanos salvaguardarem suas individualidades e terem oportunidades, livres de injustiças e da opressão. A igualdade de direitos deve ser entendida como equidade, isto é, devem-se tratar os indivíduos de acordo com suas necessidades a fim de garantir oportunidades iguais a todos. Uma pessoa com deficiência física, intelectual ou motora deve ter as mesmas possibilidades de exercer sua cidadania como qualquer cidadão.

O direito no Estado democrático de direito é a última barreira contra condições de vida indigna ao cidadão – ou pelo menos deveria ser.

Mas como surgiu a ideia de direito?



Arquivo/Estadão Conteúdo

Parlamentares aplaudem a promulgação da nova Constituição na Câmara dos Deputados. Brasília (DF), 1988.

A política na sociedade ocidental

A ideia do direito tem seu embrião na política greco-romana e se desenvolveu na cultura ocidental. Compreendemos política como a dimensão que criou o conceito de esfera pública e dispositivos para o direcionamento e a consolidação de uma vontade coletiva, como o espaço de debate público, a livre expressão de opinião e o voto. Observe a imagem ao lado, uma fotografia que registra o instante em que foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, elaborada por uma Assembleia Constituinte eleita em 1986. É um marco histórico da ampliação de direitos dos cidadãos brasileiros após ampla mobilização social.

1. Observe a fotografia. Que tipo de trabalho está sendo realizado?
2. Quem são esses trabalhadores? Quais são suas condições de trabalho?

Todavia, um problema de imediato surgiu: Como evitar a ditadura da maioria sobre a minoria? Como observamos no tópico anterior, em diferentes contextos históricos, um grupo em geral subjuga outro para afirmar seu poder e/ou preservar sua riqueza. Genealogicamente, percebemos a incidência da ideia de direito. O direito é compreendido como o limite para exercer o poder e se submeter a ele. Ele protege o indivíduo contra o autoritarismo das instituições e das classes dominantes.

> **O direito é compreendido como o limite para exercer o poder e se submeter a ele.**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

É óbvio que demoraria muitos séculos para que todos os seres humanos pudessem ser considerados sujeitos de direito, uma vez que, da ideia de direito na Antiguidade greco-romana até a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, passaram-se mais de 2 mil anos. Entretanto, apesar de muita luta e resistência, nem todos têm direitos na contemporaneidade.

Como já comentado, é comum identificarmos, nas diversas sociedades humanas, a exploração de um ser humano por outro. Na Era Industrial não é diferente, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico e de uma organização política alicerçada na cultura jurídica greco-romana, que valorizava o conceito de cidadania e de direito civil. Talvez você tenha estranhado a afirmação anterior ("apesar de todo o desenvolvimento tecnológico e de uma organização política alicerçada na cultura jurídica greco-romana, que valorizava o conceito de cidadania e de direito civil"). Mas é isso mesmo, pois, ao longo da história do pensamento ocidental, algumas ideias foram surgindo, e inclusive foram consolidadas na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de agosto de 1789, no contexto revolucionário francês. Em seu primeiro artigo, a ideia de igualdade é claramente expressa: "Os homens nascem livres e são iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum".

O que significa "iguais em direitos"? Para encontrarmos a resposta, devemos retornar à Antiguidade. Na sociedade ateniense, os gregos inventaram a distinção, ainda que primária, entre o público e o privado, e à política caberia administrar os conflitos imanentes do convívio em sociedade.

Ainda na Roma Antiga, desenvolveu-se o direito romano, que, a exemplo do direito grego, era excludente e objetivava a manutenção de privilégios de um grupo dominante. Contudo, algo os distinguia: os direitos foram formalizados por meio da lei (no sentido de "ligação", que invoca a ideia de unir, ordenar, coordenar), como expressão da vontade da maioria, e ritualizados na instância política por meio do Senado e dos Comícios, além de reconhecido como justo, uma vez que consagrado pelo voto dos cidadãos para os cargos da magistratura. Contudo, a lei que anunciava o direito como a garantia legal que limitava ou possibilitava a ação universal de todos os cidadãos não era extensiva a todos os seres humanos, como os escravizados e estrangeiros.

NNikonov/Shutterstock.com



Ruínas de um fórum romano. Roma, Itália, 2017.

Com o passar dos anos, Roma acabou por receber diversos camponeses, que concebiam a cidade como um ambiente de proteção para a reprodução da vida. Com o tempo, enraizou-se um mecanismo tradicional de garantia de direito, uma vez que as famílias que se inseriam no espaço urbano não apenas assimilavam como também passavam a viver segundo as normas estabelecidas pelo direito romano.

Em Roma, nasceu uma ideia fundamental: a concepção de que o direito pode ser instituído por lei ou consagrado pelos costumes. Entretanto, assim como aconteceu no mundo romano, eles precisam ser conquistados. Deve-se lutar por eles, já que são construídos socialmente ao longo da história e mantidos pela consciência coletiva.

A Constituição

No século XI, surgiu o embrião do que hoje conhecemos como **Constituição**. A ideia de uma Carta Maior remete ao ano de 1215, quando o rei inglês João sem Terra, para não ser deposto, aceitou que só poderia criar impostos depois de consultar os representantes da nobreza, que se reuniam ocasionalmente. Esse documento poderia ser considerado o embrião do Parlamento na Inglaterra. Esse documento estabeleceu o princípio de que, para a monarquia cobrar impostos, era necessário haver representação – "*no taxation without representation*" – princípio do qual, séculos mais tarde, valeram-se os representantes das Treze Colônias inglesas da América para questionar o arbítrio da então metrópole. Ainda não era uma Constituição, mas uma lei que limitava o poder absoluto de um governante ou de uma instituição e criava mecanismos de legitimação.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os séculos se passaram, e outros modos de organizar a sociedade surgiram (ou ressurgiram, ainda que com outras nuances e em outros contextos históricos). Com o movimento renascentista, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, o conceito de cidadão reapareceu em algumas regiões do Ocidente europeu, como nas repúblicas italianas, e o instrumento jurídico denominado "Carta Magna" ganhou força.

Uma Constituição (Carta ou Lei Magna) é a lei maior de uma nação. Ela se materializa no conjunto de normas que organiza os procedimentos das instituições do Estado e visa limitar o excesso de poder exercido pelos indivíduos e equilibrar o poder das instituições. Na contemporaneidade, garante os direitos básicos das pessoas contra os autoritarismos do Estado.

A essa recuperação dos conceitos de cidadão e de lei maior, agregou-se a ideia de universalização deles, ou seja, a sua extensão a todos os seres humanos. Evidentemente, esse processo histórico não ocorreu da mesma forma em todas as sociedades e muito menos

concomitantemente. Entre o Renascimento (séculos XV e XVI), a Revolução Francesa (1789) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), passaram-se mais de cinco séculos. A humanidade assistiu à implantação de um sistema colonialista europeu baseado na escravização de africanos e ameríndios, duas guerras mundiais de igual terror e uma crise civilizatória.

Hoje há um consenso de que todos os seres humanos devem gozar de dignidade e liberdade. Entretanto, as contradições permanecem, pois, apesar da consciência de que todos são iguais perante a lei, ainda há milhões de pessoas sem condições de ter uma vida digna.

A sociedade democrática liberal

A sociedade contemporânea ocidental é marcada pelas relações de mercado e por uma forma de organização democrática.

A sociedade contemporânea ocidental é marcada pelas relações de mercado e por uma forma de organização democrática. Apesar de as formas de governo serem variáveis, há um consenso na maioria dos países de que as pessoas são consumidoras e gozam de direitos fundamentais à vida humana.

Mas nesse ponto presenciamos alguns paradoxos. No capitalismo, as relações sociais são baseadas no **capital**, isto é, o que rege nossa sociedade é a quantidade de capital disponível para acessar os bens de consumo material e simbólico. O dinheiro estratifica a sociedade em dois polos extremos, com algumas classes sociais no meio. Com dinheiro é possível viver, acessar conhecimento, gozar de segurança e de liberdade e consumir os bens produzidos pela humanidade.

Todavia, quem não possui meios de produção (terra, fábrica, indústria, comércio, capital financeiro) vive com o fruto de seu salário. E, como o objetivo do capitalismo é conseguir mais dinheiro, as relações trabalhistas são concebidas para garantir maior rendimento do capital, independente dos meios. Isso significa que as empresas procuram maximizar o lucro e minimizar os gastos, seja com menores salários, seja com redução de equipamentos, seja com aquisição de matérias-primas mais baratas. Por essa razão, existe a necessidade de um poder coercitivo do Estado voltado à manutenção dos direitos básicos.



Jonne Roriz/Estadão Conteúdo

Alojamento de trabalhadores que fazem corte de cana-de-açúcar. Nhandeara (SP), 2007.



Daniel Marenco/Agência O Globo

Desastre ambiental ocorrido após rompimento da barragem de dejetos de mineradora. Mariana (MG), 2015.

É de responsabilidade do Estado regulamentar e fiscalizar as leis trabalhistas, assim como as ambientais e alimentícias, uma vez que a degradação do meio ambiente e a produção de alimentos com excesso de herbicidas, pesticidas, hormônios e adubos químicos impactam diretamente as condições de vida dos cidadãos.

Análise

"Direitos" trabalhistas e previdenciários no século XIX?

Leia a citação a seguir.

O nascente capitalismo [...] deve, antes de tudo, desencorajar os preguiçosos, já que, numa sociedade baseada na livre concorrência, a **assistência constitui um desvio imoral do princípio "a cada um segundo os seus merecimentos**".

Que não se tratava apenas de disputa ideológica, mas de uma orientação de claro significado político, revela-o a análise das medidas adotadas na Inglaterra em fins do século XVIII, medidas com que **se abolia toda a regulamentação sobre o salário mínimo**, que tinha sua **origem no sistema medieval das corporações** e que agora era considerado lesivo da liberdade de contratação.

A oposição entre os direitos civis (de expressão, de pensamento e também de comércio) e o direito à subsistência torna-se totalmente explícita com a **lei dos pobres**, **aprovada em 1834 na Inglaterra**, pela qual se obtinha o mantimento a expensas (custo) da **coletividade em troca da renúncia à própria liberdade pessoal**. [...] para ter a **garantia da sobrevivência**, **o pobre tinha de renunciar a todo o direito civil e político**, devia ser colocado "fora de jogo" em relação ao resto da sociedade. Se o Estado provia as suas necessidades, não era como portador de qualquer direito à assistência, mas como tendentemente perigoso para a ordem pública e para a higiene da coletividade. Esta oposição entre os direitos civis e políticos, de um lado, e os direitos sociais, de outro, mantém-se durante grande parte do século XIX, sendo exemplo claro disso a legislação social de Bismarck. As leis aprovadas na Prússia, entre 1883 e 1889, representam a primeira intervenção orgânica do Estado em defesa do proletariado industrial, mediante o **sistema do seguro obrigatório contra os infortúnios do trabalho, as doenças de invalidez e as dificuldades da velhice**. Mas este programa previdenciário dá-se num Estado em que a burguesia industrial é débil e está politicamente marginalizada. [...] as organizações da classe operária não gozam de qualquer reconhecimento: na realidade, [...] até 1878, é que uma lei "antissocialista" tinha proibido as reuniões e propaganda destas organizações.

As leis aprovadas na Prússia, entre 1883 e 1889, representam a primeira intervenção orgânica do Estado em defesa do proletariado industrial [...].

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução: Carmen C. Varriale *et al.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. I, p. 416. (Grifo nosso).

1. Explique e avalie a citação "numa sociedade baseada na livre concorrência, a assistência constitui um desvio imoral do princípio"?
2. Porque as medidas oriundas do sistema medieval que regulamentava o salário mínimo na Inglaterra foram abolidas no final do século XVIII?
3. Elabore hipóteses sobre o objetivo da lei dos pobres (1834), que obrigava o beneficiário a renunciar à própria liberdade pessoal (direito civil e político) em troca de benefícios para sobrevivência.
4. Explique o que objetivavam as leis aprovadas na Prússia, entre 1883 e 1889, em defesa do proletariado industrial (infortúnios do trabalho, doenças de invalidez, dificuldades da velhice e programa previdenciário)?
5. Com base na leitura do texto, analise a frase: "Que não se tratava apenas de disputa ideológica, mas de uma orientação de claro significado político".
6. Você se lembra de algum fato contemporâneo **análogo** à lei dos pobres de 1834 na Inglaterra?

GLOSSÁRIO

Análogo: semelhante, similar, parecido.

O histórico das lutas e das conquistas de direitos dos trabalhadores

Vamos retomar as perguntas do início deste percurso: O que é lei trabalhista? O que foi reformado? Será que os direitos foram ampliados ou perdidos com a reforma? É possível perder direitos?

A ideia de direito trabalhista é recente na história e está atrelada a duas realidades: a tradição ocidental da ideia de direitos e as condições de vida dos trabalhadores após a Revolução Industrial. A organização do modo de produção capitalista com a industrialização possibilitou o surgimento de cidades nas quais os trabalhadores viviam em condições desumanas – sobretudo as mulheres, cujo pagamento era menor pelo mesmo tempo de trabalho dos homens, e as crianças, que exerciam funções extremamente perigosas sem nenhum tipo de equipamento de segurança, treinamento, supervisão, seguro e ainda recebiam menos que as mulheres.

Paralelamente, pensadores, filósofos, políticos, líderes trabalhistas e operários começaram a questionar as relações trabalhistas vigentes e a lutar pelos direitos dos trabalhadores, inclusive reivindicando uma parcela de participação na riqueza produzida. Surgiram, assim, os movimentos organizados de luta dos trabalhadores por direitos. Em outros contextos históricos, foram construídos múltiplos mecanismos de resistência contra diferentes formas de opressão. Porém, ao longo do século XIX – após a conquista dos direitos civis ocorrida no século XVIII – a luta dos trabalhadores em muitos países europeus foi por direitos políticos e por leis que garantissem melhores condições de trabalho e de vida.

A imagem mostra luditas quebrando o maquinário de uma tecelagem. Gravura inglesa de autoria desconhecida, c. 1812.



Coleção particular

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No século XIX surgem os primeiros benefícios aos trabalhadores em alguns países da Europa. Esse século foi marcado por diversas transformações na sociedade ocidental, entre elas o surgimento do movimento organizado dos trabalhadores por direitos. Podemos dizer que três frentes de luta se destacam nesse período: o ludismo, o cartismo e o sindicalismo.

O ludismo surgiu em Nottingham, Inglaterra, entre 1811 e 1816. Os trabalhadores adeptos desse movimento invadiam as indústrias têxteis para destruir as máquinas, pois acreditavam que elas eram responsáveis pelo desemprego e pela exploração do trabalho.

Para muitos não especialistas os termos "destruidor de máquinas" e ludita são intercambiáveis. Isto é apenas natural, porque as insurreições de 1811-1813, e de alguns anos após **Waterloo** neste período, atraíram mais a atenção pública do que quaisquer outras, e acreditava-se exigirem mais força militar para a sua supressão. [...]

Este tipo de destruição era uma parte tradicional e estabelecida do conflito industrial no período do sistema doméstico de fabricação, e nas primeiras fases das fábricas e das minas. Ele não era dirigido apenas contra as máquinas mas também contra as matérias-primas, produtos acabados, ou mesmo a propriedade privada dos empregados, dependendo do tipo de danos que estes eram sensíveis. [...]

A destruição era simplesmente uma técnica do sindicalismo no período anterior, e durante as primeiras fases da Revolução Industrial. [...]

"[...] O ludismo e a sabotagem, embora não elevado à categoria de doutrinas, tinham apesar de tudo de fazer parte dos métodos de luta".

HOBSBAWM, Eric. *Os trabalhadores*: estudos sobre a história do operariado. Tradução: Marina Leão Teixeira de Medeiros. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 19-21 e 23.

GLOSSÁRIO

Waterloo: município localizado na Bélgica, próximo de onde aconteceu a batalha (por isso recebeu esse nome), ocorrida em 18 de junho de 1815, em que as tropas napoleônicas foram derrotadas definitivamente.



Alfred Pearse

Motim cartista em Londres, século XIX. Gravura elaborada por Alfred Pearse e publicada no livro *True stories of the reign of queen Victoria*, de Cornelius Brown, 1886.

O cartismo foi um movimento da classe operária inglesa da década de 1830 que reivindicava direitos sociais, como sufrágio universal masculino (o direito de todos os homens ao voto), participação de representantes da classe operária no Parlamento e remuneração dos parlamentares.

Por volta de 1824, na Inglaterra, surgiram os primeiros centros de ajuda mútua. Na década seguinte, os trabalhadores ingleses criaram os primeiros sindicatos (*trade unions*), cujo objetivo era reivindicar melhores condições de trabalho. A partir da década de 1860, esses sindicatos conquistaram o direito de funcionamento em alguns países da Europa.

No âmbito das lutas sociais, o século XIX, do início ao final, foi marcado pelo desenvolvimento de diversas formas de resistência do nascente proletariado e pela ação dos luditas, cartistas, trade-unionistas e sindicalistas. Mas a visão liberal da economia, hegemônica durante a maior parte do século XIX e ainda no início do século XX, com sua defesa enfática da não intervenção do Estado na economia, não foi capaz de oferecer alternativa às crises cíclicas do capitalismo, que se manifestaram em diversas ocasiões, como nas graves crises de 1873 e 1929.

A pressão das revoltas nas ruas e nas fábricas possibilitou que os cartistas, com suas propostas reformistas, fossem, aos poucos, alterando a Constituição inglesa, fazendo com que os trabalhadores conquistassem direitos. As formas de luta eram diversas, de reivindicações escritas a greves, e muitos manifestantes morreram.

A conquista de direitos

Os direitos trabalhistas foram conquistados nos séculos XIX e XX com muito suor e sangue dos trabalhadores organizados. A ideia de luta e conquista tem uma incidência entre as gerações.

Nesse período, os meios de comunicação de massa – especificamente os jornais – possibilitaram a disseminação das ideias e das conquistas dos trabalhadores por todo o mundo. O movimento operário era bem ativo nas publicações.

As lutas por direitos e melhores condições de trabalho e de vida foram conquistadas paulatinamente. No norte da Inglaterra, em 1824, foi registrada a primeira greve da história inglesa. Em 1827, na Filadélfia (EUA), ocorreu a greve dos carpinteiros pela redução da jornada de trabalho. Na França, em 1840, 100 mil operários agitaram o país numa greve geral. No Brasil, a primeira greve organizada ocorreu em 1858. Foi a greve dos gráficos de três jornais diários. Ela durou uma semana e, no segundo dia, eles imprimiram o próprio jornal – o *Jornal dos Tipógrafos*.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Escreva um pequeno texto sobre o tema "Os trabalhadores e a conquista dos seus direitos: a importância do movimento operário".
   Para isso, faça uma breve pesquisa a respeito das reivindicações trabalhistas de alguma categoria da atualidade. Por exemplo: motoristas de aplicativos, entregadores *delivery*, operários da construção civil, operadores de *telemarketing*, professores, entre outros que você julgar importante.

Aos poucos, os trabalhadores foram conquistando mais direitos. Em 1833, a Inglaterra reduziu a jornada de trabalho para 15 horas, com uma hora e meia de intervalo, e proibiu o trabalho para menores de 9 anos. Na França, em 1841, a jornada para crianças entre 8 e 12 anos foi reduzida para oito horas – e para 12 horas para jovens entre 12 e 16 anos. No Brasil, em 1891, foi promulgada a primeira lei – Decreto no 1.313 –, que determinava a idade mínima de 12 anos para o trabalho. Somente em 1932, o presidente Getúlio Vargas (1882-1954) instituiu a jornada de oito horas para trabalhadores urbanos. No dia 1 de maio de 1943, foi promulgada a CLT.

A industrialização francesa aconteceu no início do século XIX. Circulavam pelo país diversos núcleos de pensadores – teóricos socialistas, anarquistas e comunistas. Havia também uma imprensa ativa e vigorosa. Lá, o movimento dos trabalhadores foi intenso, devido, entre outros fatores, à tradição revolucionária. A Revolução Francesa de 1789, que derrubou as estruturas do Antigo Regime, deu início a uma "compreensão de humano" baseada na universalização do diferente, ou seja, todos são iguais perante a lei. Além disso, a experiência da destituição da casa real (representante de Deus na Terra) já havia demonstrado o poder e a força do povo.



Deutsches Historisches Museum, Berlim

Horace Vernet. *Nas barricadas da rua Soufflot, Paris, 25 de junho de 1848*, 1848-1849. Óleo sobre tela, 36 cm × 46 cm.

Apesar das dificuldades políticas de instaurar o equilíbrio e do retorno da monarquia (que durou até 1848), rondava pela sociedade francesa um clima de revolução. Em 1848, com a crise econômica, eclodiu, na Europa, a chamada Primavera dos Povos, no mesmo ano em que Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) lançaram o *Manifesto do Partido Comunista*. Anos antes, em 1840, com o avanço da crise econômica na França, eclodira a greve dos 100 mil trabalhadores, cuja bandeira principal era a redução da jornada de trabalho. Ao longo da década, o rei Luís Filipe I se enfraqueceu e, em 28 de fevereiro de 1848, abdicou do trono. Em 18 de março de 1871, os trabalhadores franceses tomaram Paris. A Comuna de Paris, como ficou conhecida, instaurou a **autogestão** dos trabalhadores com dispositivos amplamente democráticos:

GLOSSÁRIO

Autogestão: ato de administrar a si mesmo ou, quando se trata de um grupo, por consenso.

Leis instituídas durante a autogestão da Comuna de Paris:

- sufrágio universal;
- abolição do trabalho noturno;
- redução da jornada de trabalho;
- concessão de pensão a viúvas e órfãos de guerra;
- substituição dos antigos ministérios por comissões eletivas;
- definição de que o salário de qualquer dirigente da Comuna não poderia ser maior do que o de um trabalhador qualificado;
- "lei do refém", que ameaçava com pena de morte aquele que cooperasse com o governo de Versalhes;
- separação entre Estado e Igreja;
- fim de qualquer subsídio aos religiosos;
- reforma da educação, que se tornou republicana, laica, obrigatória e desenvolvida em salas mistas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em três meses, a burguesia francesa, aliada a outras nações, esmagou essa experiência única de autogestão dos trabalhadores. A Comuna terminou com o assassinato de quase 50 mil pessoas. Os últimos participantes do movimento foram fuzilados nos muros do Cemitério Père-Lachaise, em 28 de maio.

Em 1864, em vários países da Europa e nos Estados Unidos, surgiu a Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), fruto de diversas discussões e mobilizações dos trabalhadores ao redor do mundo.

No México, os primeiros direitos trabalhistas foram regulamentados em 1917, no contexto da Revolução Mexicana. A Constituição regulamentou o trabalho (oito horas diárias), além de estabelecer um salário mínimo como um montante capaz de sustentar o trabalhador e sua família com dignidade.

Em 1919, surgiu a **Organização Internacional do Trabalho (OIT)**, cuja missão é promover a justiça social. Muitas conquistas advêm de sua mediação e seu apoio. Hoje, ela é um órgão da ONU tripartite, no qual representantes de governos, de organizações de empregadores e de trabalhadores de 183 Estados-membros participam em situação de igualdade de suas diversas instâncias. Em sua primeira convenção, foram reconhecidas algumas reivindicações dos movimentos trabalhistas, como a limitação da jornada de trabalho a oito horas diárias e 48 horas semanais. As outras convenções adotadas nessa ocasião referem-se à proteção à maternidade, à luta contra o desemprego, à definição da idade mínima de 14 anos para o trabalho na indústria e à proibição do trabalho noturno de mulheres e menores de 18 anos.



Hector Christiaen/Alamy/Fotoarena

Prédio de escritórios da OIT. Genebra, Suíça, 2020.

No mesmo ano (1919), na Alemanha, a Constituição de Weimar garantiu alguns desses direitos sociais previstos nas convenções da recém-criada OIT.

O século XX foi marcado por conquistas e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores em diversos países.

Vozes

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) é uma agência que concentra esforços para melhorar as condições de trabalho no mundo, e está sediada em Genebra, Suíça. Desde a criação, os países-membros adotaram 188 convenções de trabalho e 200 recomendações sobre temas como emprego, recursos humanos, saúde e segurança no trabalho. Em 1998, a Conferência Internacional do Trabalho aprovou uma declaração cujos pontos principais são: liberdade para a atuação de sindicatos, direito à negociação coletiva, erradicação do trabalho análogo à escravidão, combate ao trabalho infantil e eliminação de formas de discriminação no emprego. A OIT também defende a equidade de oportunidades para mulheres e homens quanto às oportunidades de trabalho. Desde 1950, a OIT tem representação no Brasil, colaborando no combate às formas extremas de exploração do trabalho e discriminação de segmentos sociais específicos, como as pessoas com necessidades especiais.



OIT

Logo da Organização Internacional do Trabalho.

Análise

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Uma obra panfletária de dois séculos

A seguir, leia um fragmento do *Manifesto do Partido Comunista*. Essa obra orientou diversos movimentos de trabalhadores ao longo do século XIX e no decorrer do século XX.

> Um **espectro** ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha. [...]
>
> A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes.
>
> Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada, uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito.
>
> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. p. 39-40.

GLOSSÁRIO

Espectro: fantasma, imagem incorpórea, algo que assusta, que causa sofrimento.

1. Com base no fragmento acima, é possível concluir que, ao apresentar uma teoria da história de antagonismo de classes, os autores estão incentivando conciliação ou conflitos permanentes? Argumente.

As teorias que inspiraram a luta dos trabalhadores

Os conflitos oriundos da exploração dos trabalhadores a partir da Revolução Industrial explodiram e possibilitaram o

Socialistas utópicos

Teóricos: Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1882) e Robert Owen (1771-1858).



Robert Owen

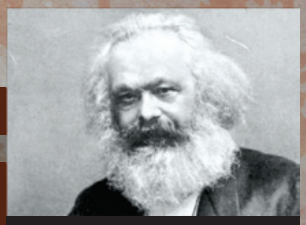
Galeria Nacional de Retratos, Londres

Defendiam o desenvolvimento de uma sociedade justa, igualitária e livre. Acreditavam na fundação do sistema socialista de maneira lenta e gradual. Eram pacifistas e adeptos da cooperação e da conciliação das classes (trabalhadores e proprietários). Eram otimistas e propagavam que as fábricas deveriam melhorar as condições de vida dos trabalhadores promovendo a higiene, a salubridade, a redução da jornada de trabalho, o aumento de salários e o acesso à educação para todos. Os críticos disseram que eles eram, no mínimo, utópicos. Já os mais "cruéis" os chamaram de paternalistas e ingênuos. Destaque para Robert Owen, proprietário que instaurou em suas fábricas a jornada de oito horas. Além da redução da jornada de trabalho, Owen melhorou as condições de moradia dos trabalhadores, criou armazéns com preços acessíveis, fundou a primeira escola maternal britânica (1816); enfim, criou um ambiente mais humano e com condições dignas. Os críticos diziam que Owen estava preocupado em aumentar a produção, já que conquistava a confiança de seus trabalhadores. Independentemente das críticas, Robert Owen é reconhecido por possibilitar uma experiência de comunidade autogerida e inaugurar uma proposta de educação comunitária.

Comunistas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1885).



Karl Marx

Bridgeman Images/Fotoarena

Autodeclararam-se socialistas científicos e nomearam teóricos anteriores de utópicos porque, ao contrário deles, os socialistas científicos não acreditavam que era possível a conciliação de classes antagônicas. Para eles, o que move a história é a luta de classes e quem está no poder não cederá seu lugar de privilégio. A base deles é a experiência da Revolução Francesa. Para uma classe ascender e alterar o modo de produção, somente por meio de uma revolução. Também defendiam que os trabalhadores deveriam se organizar e tomar consciência de seu papel histórico; então, tomar o poder por meio de uma revolução, instaurar a ditadura do proletário, o socialismo e, aos poucos, abolir o Estado, a propriedade privada, as nações e as formas de exploração. A partir daí, constituir uma sociedade em que cada pessoa pudesse trabalhar segundo suas necessidades e desenvolver seu potencial. Essa seria a sociedade comunista. A tese da revolução e ditadura do proletariado se embasava na concepção de que a moral, a educação, o sistema jurídico e a cultura alienam o indivíduo e impossibilitam, por meio do Estado (que detém a força), alterar as relações de opressão. Portanto, o caminho é tomar o Estado. A concepção de uma sociedade socialista é muito antiga: uma sociedade sem desigualdade social e exploração.

surgimento de diversas teorias, que podem ser agrupadas em quatro correntes de pensamento. Podemos dizer que, no início do século XIX, estavam nascendo os sindicatos, os partidos políticos e os movimentos sociais. Nesse contexto, destacaram-se os socialistas utópicos, os comunistas, os anarquistas e os liberais.

Adriano Loyola

Anarquistas

William Godwin (1756-1835), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), Mikhail Bakunin (1814-1876), Max Stirner (1806-1856), Lucy Parsons (1851-1942) e Errico Malatesta (1853-1932).



Lucy Parsons

August Brauneck/Biblioteca do Congresso, Washington

Vamos realçar alguns princípios que regem a ideologia desses autores, como a rejeição a todo e qualquer tipo de governo. Os anarquistas acreditavam na pessoa humana e na impossibilidade de haver uma sociedade livre na qual houvesse propriedade privada e uma autoridade que mandasse em outro ser humano. Havia certa concordância com os socialistas científicos em relação ao papel do Estado e até na constituição de uma sociedade em que as pessoas pudessem trabalhar segundo suas necessidades e desenvolver seu potencial, mas discordavam completamente em relação aos métodos, pois defendiam a abolição de qualquer forma de ditadura e opressão. Eram ativos no movimento dos trabalhadores e influenciaram enormemente os sindicatos e o movimento operário e sindical do Brasil. Tiveram participação ativa, sobretudo na **Primeira Internacional Operária**, realizada em Londres, entre 1864 e 1876, que resultou na organização da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Na ocasião, sob a orientação de teóricos anarquistas e marxistas, se pretendeu organizar o movimento operário em escala internacional. Defendiam a cooperação, o mutualismo, o fim de instituições de controle, como igrejas, escolas, polícia e o próprio Estado. Acreditavam que os trabalhadores deveriam se autogerir e os sindicatos deveriam ser um meio para o proletariado se emancipar. Para os anarquistas, o direito é a substituição dos privilégios.

GLOSSÁRIO

Mutualismo: sistema que se baseia na entidade mútua, na contribuição de todos para o benefício individual dos contribuintes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Liberais

John Locke (1632-1704), J. J. Rousseau (1712-1778), Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823).



Jean-Jacques Rousseau

Museu de Arte e História, Genebra

Pensadores distintos e com abordagens bem peculiares, eles se aproximam da ideia de liberdades individuais e de igualdade política, mas não econômica. Os liberais acreditavam no potencial dos indivíduos de construir uma sociedade, ou seja, a ideia central é a de que deveríamos ter um Estado que garantisse as liberdades políticas e o funcionamento jurídico. Não se deve confundir com o pensamento dos anarquistas, pois, para os liberais, o Estado é necessário para manter o funcionamento do sistema econômico e a segurança da vida em sociedade. Adam Smith e Locke acreditavam que a sociedade evolui do desenvolvimento individual. Podemos dizer que os socialistas utópicos, os comunistas e os anarquistas concordavam em combater as ideias liberais. Prova disso é que os liberais tinham pouca ou nenhuma expressão nos movimentos dos trabalhadores.

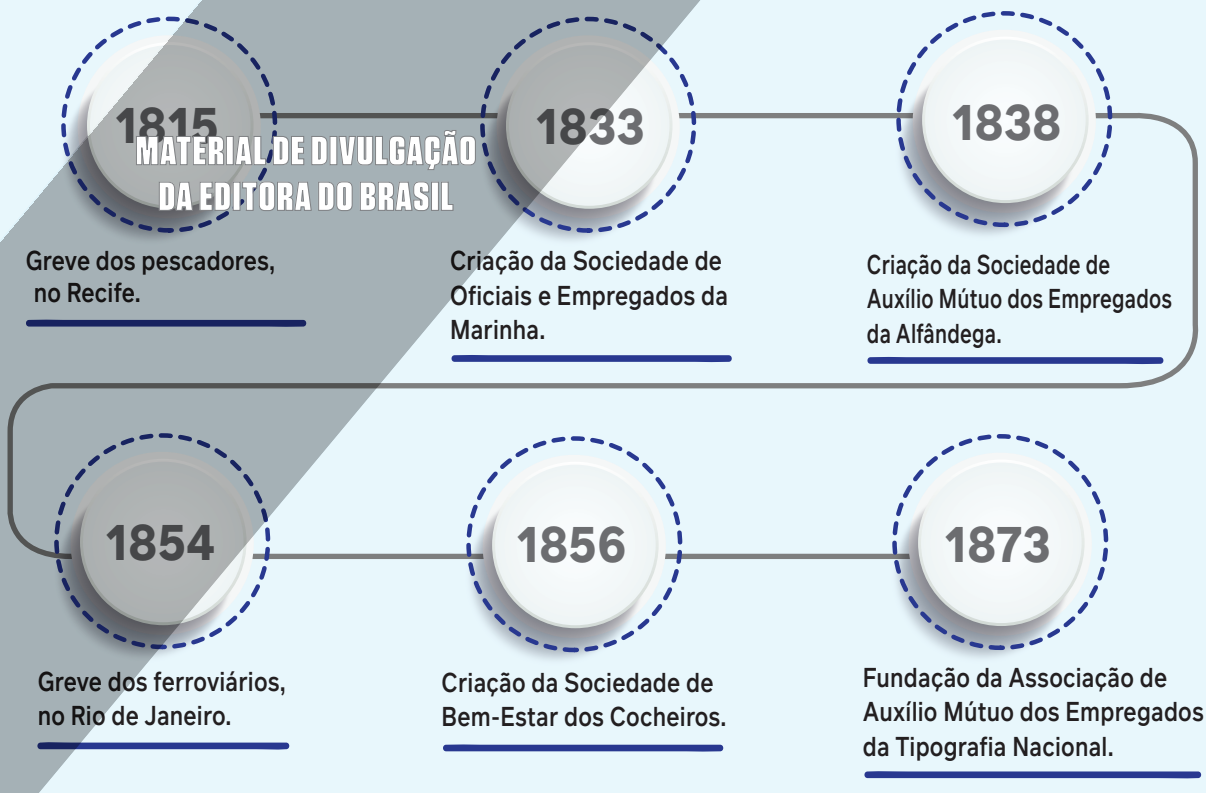
A luta dos trabalhadores no Brasil

Vamos estudar o surgimento da luta dos trabalhadores no Brasil para compreender que os direitos trabalhistas são consequência da resistência e da ação de diversos seres humanos contra a opressão.

Podemos dizer que a resistência começou com o movimento contra a escravização de populações indígenas e de negros e negras africanos. Foram séculos de luta.

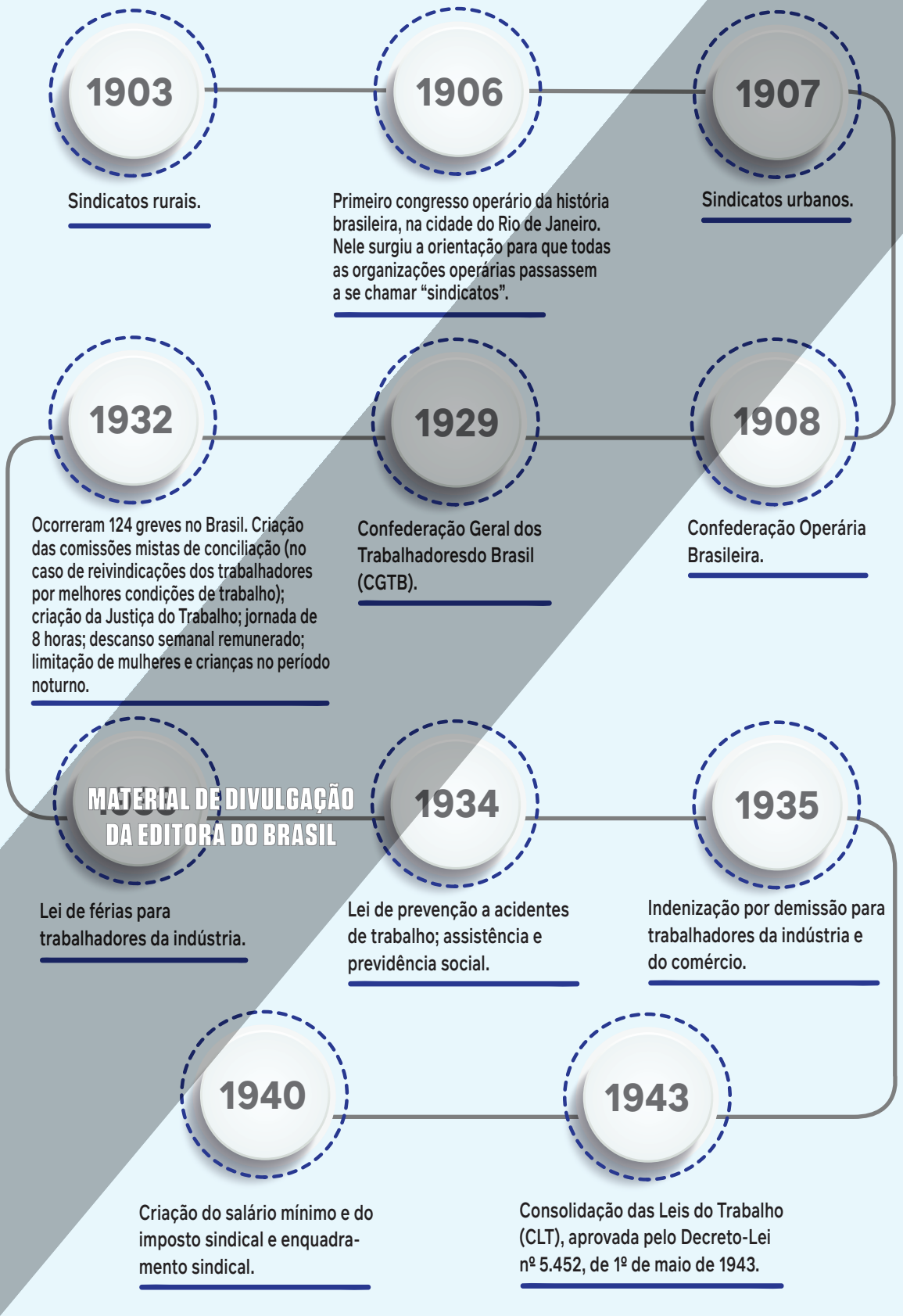
Podemos também destacar a luta das mulheres contra a opressão e por direitos. Pesquisas revelam que as mulheres e as crianças formaram as primeiras forças de trabalho fabris do país. Em 1872, as mulheres representavam 72% do trabalho assalariado nas fábricas; em 1950, apenas 23%. Uma possível explicação para isso seria o Decreto do Trabalho das Mulheres (1932), que estabeleceu a igualdade salarial e a licença-maternidade.

Observe, na linha do tempo a seguir, algumas das primeiras greves, as primeiras associações mutualistas e os primeiros sindicatos do Brasil. As organizações de trabalhadores atuavam na solução de problemas de saúde e acidentes, enquanto os sindicatos organizavam a luta operária, sem se perder em tarefas assistencialistas.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No início do século XX, nasceram as primeiras ligas operárias no Brasil:



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

DAE/Graf Vishenka_Shutterstock.com



Acervo Iconographia

Getúlio Vargas assina a Lei do Salário Mínimo. Rio de Janeiro (RJ), 1940.

As leis e conquistas foram implementadas de forma fragmentada. A grande luta do movimento operário era estender as conquistas para todos os trabalhadores. Isso só aconteceu em 1943, com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). No caso dos trabalhadores rurais e empregados domésticos, aconteceu somente depois da Constituição de 1988.

Com a aceleração do processo de industrialização brasileiro na década de 1950, o movimento operário cresceu, e, mesmo na década seguinte, em plena ditadura civil-militar (1964-1985), os sindicatos e o movimento operário fizeram greves, conferências e congressos. Em 1965, por exemplo, "estouraram" 25 greves por causa da política de estabilidade do Governo Castelo Branco, que implementou: o controle de salários, a redução da idade legal mínima de trabalho, o fim da estabilidade no emprego por meio da criação do FGTS, a repressão aos sindicatos e a proibição de greve. Em 1967, foi fundado o Movimento Intersindical Antiarrocho (MIA) e, em 1968, explodiu a greve dos metalúrgicos de Contagem (MG). Após uma semana de greve, os metalúrgicos conseguiram um aumento salarial de 10%. Posteriormente, esse percentual foi estendido a todos os trabalhadores brasileiros. Foi o início de um movimento operário liderado por metalúrgicos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No final da década de 1960, a repressão aumentou com as determinações do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Mesmo assim, em 1972, ocorreram 12 greves e, paulatinamente, dentro das fábricas aparentemente "caladas", os trabalhadores resistiram com pequenas paralisações, "operações-tartaruga" e boicotes, especialmente a partir de 1973.

Em 1978, a ditadura civil-militar já dava sinais de fragilidade. As greves daquele ano consolidaram a força do movimento operário: um milhão de grevistas foram às ruas em todo Brasil. Em 1979, ocorreram 430 greves, com 3 milhões e 200 mil grevistas reivindicando melhores salários e melhores condições de vida.

Esse ciclo de greves possibilitou uma nova forma de organização do sindicalismo brasileiro. Na década de 1980, com o início da abertura política e a retomada da democracia, os movimentos grevistas se fortaleceram e, por meio dos sindicatos dos metalúrgicos do ABC paulista, nasce o "novo sindicalismo" brasileiro.

No dia 5 de outubro de 1988, a 8ª Constituição Brasileira foi promulgada. Conhecida como "Constituição Cidadã", ampliou direitos trabalhistas, como a jornada de oito horas diárias e 44 horas semanais (antes eram 48 horas), o aviso-prévio proporcional, a licença-maternidade de 120 dias, a licença-paternidade e o direito de greve.

Em 1989, um líder sindical disputou as primeiras eleições presidenciais diretas pós-ditadura civil-militar. Em 2002, o Brasil elegeu-o para governar o país. Isso não significa que as lutas terminaram. Mesmo depois de Luís Inácio Lula da Silva assumir o governo federal e convidar líderes do movimento social e sindical para compor seu governo, as manifestações e greves permaneceram como estratégias de luta.

Por outro lado, cresceu em cinco vezes o número de sindicatos e centrais sindicais. Além disso, o mundo do trabalho, com o advento das novas tecnologias da informação, alterou-se rapidamente e, em julho de 2017 – após o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff (2016) –, uma reforma trabalhista alterou a CLT, transformando direitos, enfraquecendo sindicatos com a extinção do imposto sindical e abrindo caminho para a reforma previdenciária, que amplia o tempo de trabalho dos cidadãos.

O futuro dos trabalhadores com a Quarta Revolução Industrial e as reformas trabalhista e previdenciária permanece em aberto. Se falassem no início do século XIX que os trabalhadores teriam direitos trabalhistas, provavelmente poucos acreditariam. Ao finalizarmos este percurso, no qual abordamos, sobretudo, a história dos direitos trabalhistas e a luta dos trabalhadores e trabalhadoras, reflita sobre a pergunta "Os direitos dos trabalhadores são respeitados?".

Lembre-se de que a sociedade que queremos está em construção e a pergunta “Eu terei direito trabalhista?” está para ser respondida no século XXI.



Pedro Ladeira/Folhapress

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Apesar dos protestos dos parlamentares de oposição, como se pode observar nesta fotografia de 2018, a Reforma da Previdência foi aprovada e promulgada pelo Congresso Nacional no dia 12 de novembro de 2019. Brasília (DF), 2018.

#Ficaadica

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Entidade criada e mantida pelo movimento sindical brasileiro. Foi fundada em 1955 com o objetivo de desenvolver pesquisas que subsidiassem as demandas dos trabalhadores. Disponível em: www.dieese.org.br/. Acesso em: 20 maio 2020.

MPT em quadrinhos. *Site* do Ministério Público do Trabalho (MPT) que reúne todas as edições do projeto de histórias em quadrinhos sobre os direitos e saberes relacionados ao mundo do trabalho. Disponível em: http://mptemquadrinhos.com.br/. Acesso em: 26 maio 2020.

Tempos Modernos, de Charlie Chaplin (86 min). Clássico filme do cinema mudo, de 1936, retrata as dificuldades de um operário de uma linha de montagem e sua sobrevivência no moderno mundo industrializado.

Trabalhadores, de Sebastião Salgado (Companhia das Letras). De modo intenso, o livro retrata em fotografias o olhar de Salgado sobre os trabalhadores: o elemento humano submetido à tarefa árdua, exaustiva e perigosa que, ainda assim, esboça vago sorriso e ternura em meio ao sofrimento laborioso.

Prática de pesquisa

Transformações na vida e no trabalho

Esta prática de pesquisa propõe um olhar para as transformações e os impactos do trabalho em sua comunidade, em particular à luz da Reforma Trabalhista de 2017 e com respeito à legislação ambiental. Usando um questionário criado pela turma, você e os colegas obterão informações sobre esses assuntos, analisarão as informações obtidas e criarão um infográfico para a divulgação de suas análises.

- Organização: turma dividida em 3 grandes grupos.
- Duração: 5 aulas.
- Material: papel, caneta, prancheta, jornais e computador com acesso à internet.

Leiam e reflitam

Leiam o texto a seguir e reflitam sobre as propostas da reforma trabalhista de 2017:

Em vigor desde 2017, a reforma trabalhista (Lei 13.467, de 2017) mudou as regras relativas à remuneração, plano de carreira e jornada de trabalho, entre outras. A norma foi aprovada para flexibilizar o mercado de trabalho e simplificar as relações entre trabalhadores e empregadores.

Os favoráveis à mudança argumentavam que ela seria a esperança de gerar mais empregos. Porém, passado um ano e meio, as expectativas ainda não se confirmaram, de acordo com o consultor legislativo do Senado, Eduardo Modena. Segundo ele, a reforma trabalhista, sozinha, não teria a capacidade de melhorar o mercado de trabalho, já que isso deveria estar associado a outros aspectos da economia, que, desde 2014, atravessa um período de baixo crescimento.

Veja outras mudanças introduzidas pela reforma trabalhista, apresentadas na reportagem da TV Senado:

- Os acordos coletivos passaram a prevalecer sobre a legislação. Com isso, o que for acertado entre empregado e empregador não é vetado pela lei, respeitados os direitos essenciais como férias e 13º salário.
- O pagamento da contribuição sindical, equivalente a um dia de trabalho, deixou de ser obrigatório.
- A jornada de trabalho, antes limitada a 8 horas diárias e 44 horas semanais, pode ser agora pactuada em 12 horas de trabalho e 36 horas de descanso, respeitadas as 220 horas mensais.
- As férias, de 30 dias corridos por ano, agora podem ser parceladas em até três vezes.
- Possibilidade de trabalho intermitente, com direito a férias, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), contribuição previdenciária e 13º salários proporcionais. O salário não pode ser inferior ao mínimo, nem aos vencimentos de profissionais na mesma função na empresa.
- Grávidas e lactantes só poderão trabalhar em locais com insalubridade de grau médio ou mínimo. Mesmo assim, se for por vontade própria e desde que apresentem um laudo médico com a autorização.

AGÊNCIA SENADO. Aprovada em 2017, reforma trabalhista alterou regras para flexibilizar o mercado de trabalho. *Senado Notícias*, Brasília, 2 maio 2019. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/02/aprovada-em-2017-reforma-trabalhista-alterou-regras-para-flexibilizar-o-mercado-de-trabalho. Acesso em: 24 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Juntem-se e pesquisem!

Organizem-se em três grandes grupos de trabalho. A figura de um **mediador** ou **comunicador**, responsável por relatar aos outros grupos a evolução ou as novidades da pesquisa, pode ajudar no desenvolvimento da atividade.

GRUPO A

Este grupo ficará responsável pela pesquisa bibliográfica sobre as legislações e medidas para regular o trabalho e tratar do impacto da produtividade no meio ambiente. Ele pode ser dividido em dois temas.

Tema 1

Pesquisem o fenômeno que alguns cientistas e estudiosos chamam de aquecimento global e as soluções para amenizar seus efeitos, estabelecendo uma relação com o Código Ambiental de 2012.

Tema 2

Pesquisem os impactos da reforma trabalhista nas relações de trabalho. É importante a opinião e a análise de diversos atores sociais, como universidades, sindicatos, associação de empresários, comerciantes , federações de comércio e movimentos sociais.

O grupo deve preparar uma apresentação, seguida de debate com os colegas e professores, no qual compartilharão a pesquisa e se aprofundarão nas questões apresentadas.

GRUPO B

Este grupo ficará responsável por fazer um levantamento das empresas e comércios próximos à escola ou comunidade e definir quais são os setores predominantes. Organizem um dia para que possam caminhar pelas ruas ao redor. Os setores são: serviços, comércio, indústria, agricultura familiar e extrativismo agroecológico de comunidades tradicionais (vegetal, animal e mineral).

O grupo ficará responsável por apresentar ao restante da turma um mapa com os estabelecimentos nas proximidades da escola discriminados por seus respectivos setores (podem ser usadas cores, legendas ou outros recursos).

GRUPO C

Este grupo será responsável pela logística, ou seja, contatar os estabelecimentos ao redor da escola a fim de checar sua disponibilidade para responder ao questionário. Dessa forma, o grupo deve ter acesso a um computador para enviar *e-mails*, ou um telefone para fazer ligações. Além disso, deve ser feita uma tabela com os seguintes públicos:

- homens e mulheres com 16 anos ou menos;
- homens e mulheres entre 17 e 55 anos;
- homens e mulheres com mais de 55 anos;
- mulheres grávidas.

Fiquem atentos às informações fornecidas pelo mediador do grupo **B** para dar continuidade ao trabalho.

O grupo deverá apresentar um cronograma de trabalho com os questionários, incluindo a disponibilidade dos grupos, da coleta de dados.

Os materiais desenvolvidos pelos grupos deverão servir de base para a criação de um questionário que será enviado a cada um dos estabelecimentos, além de ajudar na criação de um infográfico como conclusão do projeto.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Engajem-se!

Agora vocês devem, dentro de cada grupo, criar um questionário que os leve a refletir sobre as transformações da Reforma Trabalhista de 2017 na vida do trabalho e na legislação ambiental.

Com a ajuda do professor, criem perguntas abertas (aquelas em que o indivíduo responde com suas palavras) e fechadas (que podem ser respondidas de forma predeterminada com "sim", "não" ou "não sei").

Em seguida, enviem os questionários aos estabelecimentos mapeados e aguardem a resposta. Certamente, o engajamento da comunidade escolar possibilitará aos trabalhadores a vivência de trocas entre as diferentes atividades da comunidade.

Importante!

Lembrem-se: o questionário pode ser realizado presencialmente ou por *e-mail*.

Analisem e compartilhem!

Juntos, analisem as informações e façam um infográfico com as conclusões do grupo. Existem algumas plataformas *on-line* que podem ajudar na elaboração desse material. Com o professor, combinem um dia para utilizar os computadores da escola e escolher a melhor opção. Depois, é só divulgar para a comunidade!

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Analise a imagem e o texto, depois faça o que se pede.



Acervo Iconographia

Flagrante de manifestação de trabalhadores durante a greve geral de 1917, em São Paulo (SP).

A imagem retrata a greve de 1917, de trabalhadores da indústria e do comércio, fruto da articulação de organizações operárias de tendência anarquista. Tal evento proporcionou uma verdadeira demonstração da força dos trabalhadores [illegible] greve geral do Brasil e durou 30 dias.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As greves operárias de junho de 1917, em São Paulo, se tornariam o símbolo não só da miséria social vivida pela classe trabalhadora no período mas também de rebeldia e revolta de mulheres e homens que compunham a força de trabalho da cidade e dos anos de guerra mundial que já pesavam sobre todos. Os conflitos propagaram-se a partir do Cotonifício Crespi, com cerca de 2 mil trabalhadores e, em pouco tempo, congregaram 50 mil pessoas numa cidade de 400 mil habitantes. A princípio, as greves, iniciadas em junho daquele ano, foram impulsionadas por anos seguidos de inflação, e, no contexto de carestia, as reivindicações eram a abolição de multas contra os trabalhadores, a regulamentação do trabalho de menores e a supressão do pagamento da comissão pró-pátria. Duas operárias fizeram parte de um pequeno grupo cuja tarefa era a de informar a imprensa sobre o estopim dos conflitos visitando as redações dos jornais da capital.

FRACCARO, Glaucia. *Os direitos das mulheres*: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. *E-book*.

a) Identifique as causas da greve de 1917.

b) Explique o contexto social que impulsionou as greves operárias de junho de 1917.

c) Analise a importância da greve de 1917 para a constituição dos direitos trabalhistas brasileiros.

d) É possível identificar semelhanças entre a greve de 1917 e as manifestações contemporâneas? Justifique sua resposta.

2. Leia os textos a seguir e faça o que se pede.

Texto 1

DECRETO Nº 19.770, DE 19 DE MARÇO DE 1931.

Regula a sindicalisação das classes patronaes e operarias e dá outras providências

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil decreta:

Art. 1º Terão os seus direitos e deveres regulados pelo presente decreto, podendo defender, perante o Governo da Republica e por intermedio do Ministério do Trabalho, Industria e Commercio, os seus interesses de ordem economica, juridica, hygienica e cultural, todas as classes patronaes e operarias, que, no território nacional, exercerem profissões identicas, similares ou connexas, e que se organisarem em sindicatos, independentes entre si, mas subordinada a sua constituição [...]

Art. 2º Constituidos os syndicatos de accordo com o artigo 1º, exige-se, para serem reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, Industria e Commercio e adquirirem, assim, personalidade Juridica, tenham approvados pelo Ministério os seus estatutos, acompanhados de copia authentica da acta de installação e de uma relação do numero de socios, com os respectivos nomes, profissão, edade, estado civil, nacionalidade, residencia e logares ou emprezas onde exercerem a sua actividade profissional.

BRASIL. *Decreto nº 19.770, de 19 de março de 1931*. Regula a sindicalisação das classes patronaes e operarias e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1931. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D19770.htm. Acesso em: 13 jun. 2020.

Texto 2

Um sindicato pode ser definido como uma associação de representação legal de trabalhadores de qualquer setor econômico, público ou privado, do campo ou da cidade. Seus objetivos são impedir a perda de direitos e lutar por melhores salários e condições dignas de trabalho. Nos países democráticos, são instituições reconhecidas, regulamentadas e responsáveis por fiscalizar a garantia dos direitos dos trabalhadores, negociar melhores condições e liderar greves.

Texto 3

Em 1º de maio de 1943, foi instituída a CLT (Decreto-lei nº 5.452/43). Nessa lei, previa-se a contribuição obrigatória.

Art. 580. A contribuição sindical será recolhida, de uma só vez, anualmente, e consistirá:

I - Na importância correspondente à remuneração de um dia de trabalho, para os empregados, qualquer que seja a forma da referida remuneração;

[...]

BRASIL. *Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943*. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Brasília, DF: Presidência da [illegible]. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 23 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Texto 4

Em 13 de julho de 2017, a Lei nº 13.467 alterou a CLT, inclusive a obrigatoriedade do imposto sindical, como se lê no artigo 579.

Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017

Art. 579. O desconto da contribuição sindical está condicionado à autorização prévia e expressa dos que participarem de uma determinada categoria econômica ou profissional, ou de uma profissão liberal, em favor do sindicato representativo da mesma categoria ou profissão ou, inexistindo este, na conformidade do disposto no art. 591 desta Consolidação.

BRASIL. *Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017*. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nºs 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/norma/17728053/publicacao/17728664. Acesso em: 23 maio 2020.

a) Identifique a relação histórica entre organização dos trabalhadores e direito trabalhista.

b) Explique a importância dos sindicatos.

c) Analise os impactos do fim do imposto sindical obrigatório e os desdobramentos para a luta dos trabalhadores por direitos.

UNIDADE 2



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O TRABALHO SE MODIFICA NO TEMPO E NO ESPAÇO?



Ariel Skelley/Digital Vision/Getty Images

Em muitas famílias, a mulher acumula funções e responsabilidades.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Você associa essa imagem a trabalho? Por quê?
2. Será que existe diferença entre o que as mulheres e os homens ganham ao executar o mesmo trabalho?
3. Como as inovações e as incertezas do mundo do trabalho afetam você e a comunidade em que vive?

Na BNCC

Nesta unidade você vai trabalhar as competências gerais 2, 6, 8 e 10, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 2, 4 e 5, e as habilidades EM13CHS103, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS403, EM13CHS503 e EM13CHS504.

O trabalho como direito humano

Charge é um desenho feito com a intenção de criticar alguém, situação ou fato no contexto histórico em que foi criada. Leia a charge abaixo com atenção.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

1. Que crítica essa charge faz em relação à condição de trabalho que muitas mulheres enfrentam?
2. Converse com mulheres trabalhadoras sobre a charge. Observe em que medida elas se reconhecem na cena. Faça registros para compartilhar com a turma.

Tanto a charge quanto a fotografia da abertura desta unidade tratam, cada uma a seu modo, do trabalho e das diferentes relações de mulheres com o trabalho.

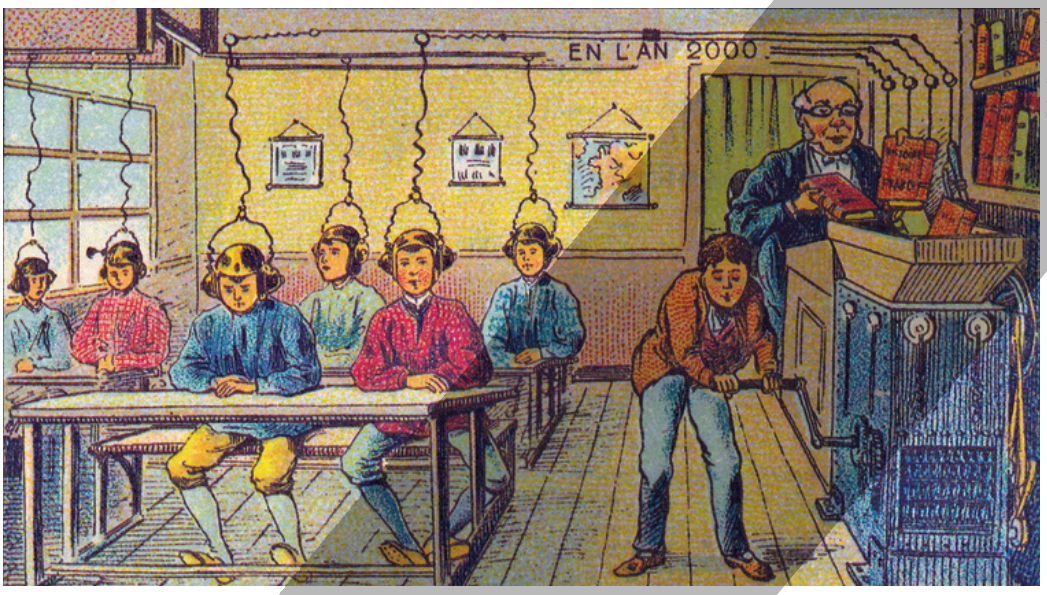
Você já pensou na importância que o trabalho tem na vida das pessoas? Qual é o significado do trabalho para cada pessoa? Desde cedo, crianças simulam, em suas brincadeiras, diversas profissões (médico, policial, bombeiro...) e, à medida que se tornam adolescentes, são cada vez mais comuns perguntas como: "O que você quer ser quando crescer?". Muitas pessoas passam grande parte do dia em função do trabalho. Se contarmos ainda o tempo de deslocamento que muitos levam no trajeto residência-trabalho, vemos que sobra pouco tempo livre para eles. Por outro lado, quem escolhe a modalidade ***home office*** também lida com algumas dificuldades, a principal delas é a gestão do tempo. Há, também, diferentes realidades no mundo do trabalho. A charge aponta para uma questão importante referente à pressão sobre as mulheres em muitos ambientes de trabalho. A fotografia demonstra uma situação contemporânea em relação ao trabalho que também pode ser diferente para homens e mulheres.

GLOSSÁRIO

***Home office*:** expressão da língua inglesa que usamos para nos referir ao teletrabalho, também chamado de trabalho remoto.

Qual é o significado do trabalho para cada pessoa?

O mundo do trabalho está em constante transformação, pois acompanha as mudanças pelas quais passa a sociedade. Converse com seus avós ou bisavós sobre o mundo do trabalho quando eles tinham sua idade. Pense também como vai estar o mundo do trabalho na geração de seus netos. Muita coisa mudou e outras tantas vão continuar mudando. Se as mudanças são para piorar ou melhorar a vida dos trabalhadores e, sobretudo, se elas atingem a todos, são questões que serão investigadas nas próximas páginas desta unidade. Novas máquinas, novas profissões, novas legislações e novas necessidades da sociedade vão alterar em muito as relações de trabalho no futuro.



Coleção particular

Esta imagem faz parte de uma série de 9 imagens futuristas de Jean-Marc Côté e outros artistas, publicada na França no início do século XX (c. 1910), que mostram a visão da época de como viria a ser o distante ano 2000. Cromolitografia, 22,3 cm × 33 cm (série completa).

A imagem acima mostra a visão de artistas franceses, em 1910, sobre como seria uma escola no longínquo ano 2000. Ao olharmos essa imagem hoje, podemos perceber como o futuro era imaginado um século atrás. Nessa cena, observamos como o artista projetou as mudanças relacionadas [illegible] transformações tecnológicas pelas quais passariam a escola mudariam, segundo o artista, a forma de os estudantes terem aulas e também a função do professor. A fala dele seria substituída por uma máquina leitora de livros conectada aos estudantes por fones. Será que o artista anunciou mudanças que estamos vivendo na escola atualmente? Será que o professor é uma profissão que se transformará num futuro próximo? O mesmo pode ocorrer com as demais profissões?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

De acordo com sua percepção sobre os impactos que as tecnologias promovem no trabalho e as mudanças que elas provocam na maneira de as pessoas exercerem sua profissão, forme dupla com um colega e discutam as questões a seguir.

1. A presença cada vez maior da tecnologia nos ambientes de trabalho garante mais tempo livre aos trabalhadores? Justifiquem.
2. Que tipo de trabalho vocês consideram que foi facilitado pela tecnologia? Por quê?

Ao estudar esta unidade, você vai encontrar discussões que abordam as transformações no mundo do trabalho e as inúmeras contradições e conflitos decorrentes delas em outros tempos e espaços. Ao final, esperamos que você possa pensar sobre as questões acima buscando respostas para elas e, sobretudo, fazendo novas e boas perguntas.

PERCURSO 3

O mundo do trabalho no Brasil



subman/iStockphotos.com

O trabalho feminino é fundamental na agricultura familiar na África Subsaariana. África do Sul, 2016.

Nas atuais sociedades capitalistas, nas quais se inclui a sociedade brasileira, o trabalho é um dos pilares da produção econômica. Do ponto de vista dos trabalhadores, ele é o meio pelo qual se obtém o sustento. No entanto, ele não é uma categoria única e imutável. A noção de trabalho muda ao longo do tempo e pode variar de uma região para outra, assim como o trabalho não é vivenciado ou experimentado da mesma maneira por todas as pessoas, ainda que vivam em uma mesma época e lugar.

Para o sociólogo Ricardo Antunes, o trabalho é elemento essencial da existência humana e, embora o capitalismo contemporâneo esteja fundado na automação, na robótica e na microeletrônica dos sistemas produtivos, o trabalho se mantém no centro da organização da vida social. Segundo o teórico, no mundo globalizado, novas relações trabalhistas emergiram e tornaram a classe trabalhadora (a qual Antunes denomina "classe-que-vive-do-trabalho") mais complexa, heterogênea e fragmentada. Esses aspectos caracterizam o mundo do trabalho atual e serão aprofundados mais à frente em nosso percurso.

O trabalho é entendido pelas sociedades ocidentais contemporâneas como um direito humano.

GLOSSÁRIO

Signatário: quando relativo a país, significa que a nação subscreveu um tipo de manifesto, contrato, acordo ou outro documento, atestando a concordância com o conteúdo dele.

Desigualdades

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948 e da qual o Brasil é **signatário**, estabelece [illegible]:

1. Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

3. Todo ser humano que trabalhe tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

4. Todo ser humano tem direito a organizar sindicatos e neles ingressar para proteção de seus interesses.

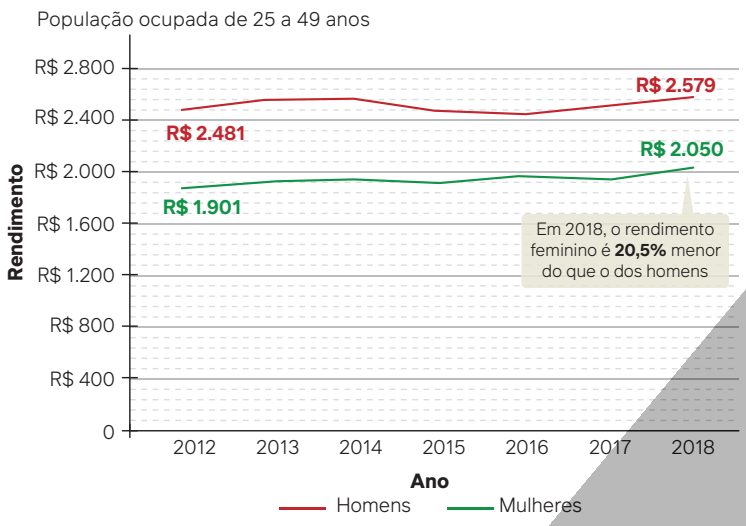
ARTIGO 23: Direito ao trabalho. *In*: NAÇÕES UNIDAS BRASIL. [*S. l.*], 18 dez. 2018. Disponível em: https://nacoesunidas.org/artigo-23-direito-ao-trabalho/. Acesso em: 5 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Mas esse direito está assegurado a todas as pessoas? No Brasil, as desigualdades perpassam o mundo do trabalho tanto nos centros urbanos quanto nos rurais e decorrem de múltiplos fatores, dentre os quais o racismo estrutural, a discriminação das mulheres no mercado de trabalho e a exclusão social, que marcaram nossa história no passado e permanecem como desafios do presente. A desigualdade salarial entre homens e mulheres, por exemplo, ainda é uma realidade no Brasil. Veja no gráfico a seguir alguns números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o assunto.

Brasil: desigualdade salarial por gênero

Tarcisio Garbellini



Fonte: LIMA, Juliana Domingues de. Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21. *Nexo Jornal*, São Paulo, 9 mar. 2020. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-século-21. Acesso em: 1 mar. 2020.

Com base na análise dos dados do gráfico acima, responda às questões a seguir.

1. Em 2012, qual era a diferença de rendimento dos homens e das mulheres, em reais? E em 2018?
2. Comparando a evolução dos salários dos homens e das mulheres em 2012 e 2018, em que grupo ocorreu maior crescimento salarial?
3. Os dados do gráfico mostram que a desigualdade salarial entre homens e mulheres está em queda ou ascensão? Justifique.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, divulgada em 2019, atesta que as desigualdades se aprofundam no recorte de **gênero** e raça-etnia. Outra pesquisa sobre desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro, feita pelo Instituto Ethos e debatida em evento da ONU Brasil em 2019, atestou que p[illegible] 6,3% dos cargos de gerência e 4,7% de cargos executivos [illegible]. Quando há inclusão de gênero, ela é de mulheres brancas, e não de negras. Assim, nota-se que, em relação ao mercado de trabalho, as mulheres enfrentam condições mais adversas que os homens e, dentre elas, as mulheres negras são o segmento mais vulnerável.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nas Ciências Humanas, o conceito de **gênero** envolve a análise das relações sociais entre homens e mulheres e como essas relações se estabelecem e interferem em diferentes sociedades, culturas e tempos históricos.

De acordo com o verbete do Dicionário de Direitos Humanos da Escola Superior do Ministério Público da União, órgão ligado à Procuradoria Geral da República, gênero

> [...] é uma categoria relacional do feminino e do masculino. Considera as diferenças biológicas entre os sexos, reconhece a desigualdade, mas não admite como justificativa para a violência, para a exclusão e para a desigualdade de oportunidades no trabalho, na educação e na política. É um modo de pensar que viabiliza a mudança nas relações sociais e, por consequência, nas relações de poder. É um instrumento para entender as relações sociais e, particularmente, as relações sociais entre mulheres e homens. [...] O conceito de gênero segue em construção. A identidade sexual, antes dicotômica (masculino-feminino), ampliou-se para abranger homossexuais, lésbicas, transexuais, travestis etc., que não se identificam como homens ou mulheres. Hoje se sabe que o suposto sexo biológico e a identidade subjetiva nem sempre coincidem.

GÊNERO. *In*: DICIONÁRIO de Direitos Humanos da ESMPU. Brasília, DF: PFDC, [2008?]. Disponível em: http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/pfdc/informacao-e-comunicacao/eventos/mulher/dia-da-mulher/verbet. Acesso em: 5 maio 2020.

Segundo artigo publicado pelo *site* Alma Preta:

> [...] O quadro de desigualdade é dramático até mesmo quando a graduação no Ensino Superior é considerada. De acordo com a pesquisa "O Desafio da Inclusão", do Instituto Locomotiva e divulgada em 2017, o salário de uma mulher negra com o Ensino Superior concluído é, em média, R$ 2,9 mil. Para efeito de comparação dentro desse cenário, o de mulher branca é R$ 3,8 mil; o de um homem negro, R$ 4,8 mil; e o de um homem branco, R$ 6,7 mil.
>
> Desse modo, o questionamento sobre o porquê de tamanha desigualdade e o abismo entre mulheres negras e demais grupos sociorraciais vem à tona. Qual é a razão para a disparidade nesse nível, mesmo com o aumento no nível de escolaridade, uma vez que, segundo o IBGE, 10,4% de mulheres pretas e pardas concluíram o Ensino Superior?
>
> [...]

EUGÊNIO Jr., Amauri. Por que mulheres negras são pouco valorizadas no mercado de trabalho? *Alma Preta*, [São Paulo], 31 jul. 2018. Disponível em: https://almapreta.com/editorias/realidade/por-que-mulheres-negras-sao-pouco-valorizadas-no-mercado-de-trabalho. Acesso em: 1 mar. 2020.

1. Pesquise a diferença de salário entre as jogadoras da seleção feminina de futebol e o salário pago para os jogadores da seleção masculina.
2. Escreva um texto dissertativo levantando hipóteses sobre o que você descobrir e elabore uma crítica sobre o assunto.



Monkey Business Images/Shutterstock.com

Ainda é escassa a quantidade de mulheres negras que exercem carreiras na área da medicina.

A situação de desigualdade entre gêneros e raças-etnias não é nova, e contra ela muitos estudiosos e ativistas já se levantaram, como a professora Lélia Gonzales, autora *de Lugar de negro*, em parceria com Carlos Hasenbalg.

Vamos discutir aspectos relacionados à trajetória de diferentes segmentos sociais femininos no mundo do trabalho ao longo da história do Brasil?

Vozes

A antropóloga, professora, escritora e ativista Lélia Gonzalez (1935-1994) nasceu em Belo Horizonte, em 1935, em uma família humilde. Esteve à frente de movimentos fundamentais para a defesa dos direitos da população negra, como o Movimento Negro Unificado, o grupo Olodum, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga. Suas publicações são muito importantes para o pensamento social brasileiro, pois enfatizam o protagonismo negro, com destaque para as mulheres, na formação sociocultural do país.



Acervo de Lélia Gonzalez

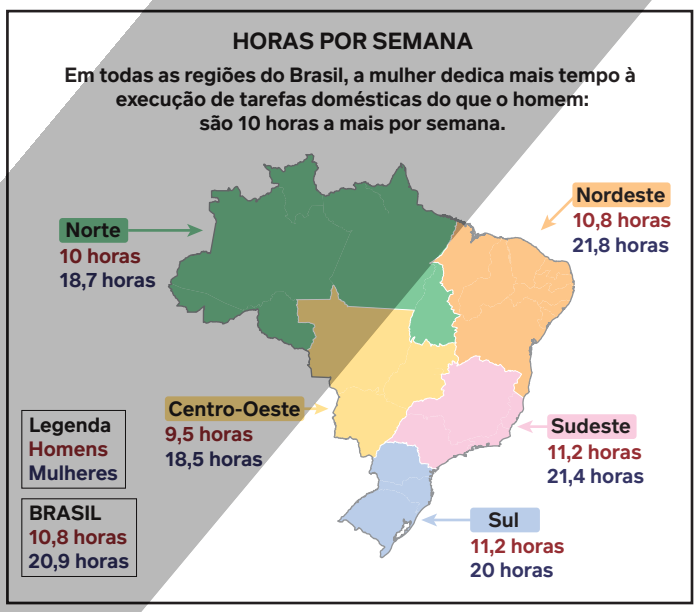
Lélia Gonzalez, c. 1980.

Em abril de 1979, Lélia Gonzales participou da Segunda Conferência Anual do African Heritage Studies Association, realizada em Pittsburg, nos Estados Unidos. Lá, abordou a questão do desemprego entre a população negra brasileira, apontando que, na realidade socioeconômica do país, esse segmento populacional ocupava os menores níveis de participação na força de trabalho. Na mesma ocasião, afirmou haver no Brasil uma divisão racial do trabalho, razão pela qual grande parte dos afro-brasileiros enfrenta desemprego, trabalho ocasional, trabalho intermitente ou por temporada. Gonzalez ressaltou que tal situação implica condições de vida desfavoráveis para essa população.

Dupla jornada, uma realidade ainda feminina

Inúmeras mulheres enfrentam todos os dias dupla jornada de trabalho, conciliando (ou tentando conciliar) as funções que exercem no mercado de trabalho com as atividades de organização do espaço doméstico (cozinhar, arrumar, lavar) e dos cuidados com a família. Em relatório de 2018, intitulado *Trabalho e emprego na economia de cuidado para o futuro do trabalho decente*, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), órgão vinculado à ONU, apontou, por meio de dados de escala global, que as mulheres são responsáveis por 76,2% do total de horas de trabalho de cuidado não remunerado, o que corresponde a mais que o triplo dos homens. De acordo com o relatório, o trabalho de cuidado não remunerado é o principal obstáculo para a entrada, permanência e promoção das mulheres na força de trabalho. Assim, é mais um fator de desigualdade entre homens e mulheres que impacta negativamente o pleno acesso da mulher ao direito ao trabalho.

Pense nos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens na divisão das tarefas domésticas: Como está organizada essa divisão em sua casa?



Tarcisio Garbellini

Fonte: OLIVEIRA, Guilherme. Divisão de tarefas domésticas ainda é desigual no Brasil. *Senado Notícias*, Brasília, DF, 8 maio 2018. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil. Acesso em: 5 maio 2020.

No Brasil, dados do IBGE de 2017 demonstram que, semanalmente, as mulheres ocupam mais tempo com a realização das tarefas domésticas que os homens, apontando que há desigualdade de gênero na divisão dessas tarefas.

1. Com base nos dados do infográfico acima, responda:

a) Qual é a ordem crescente das regiões em relação à disparidade de horas dedicadas ao trabalho doméstico por homens e mulheres?

b) Considerando a ordem organizada no item anterior, a região do estado em que você vive ocupa qual lugar?

c) Em quais regiões a diferença entre o número de horas dedicadas ao trabalho doméstico por mulheres e homens é maior que a média nacional? Justifique.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2. Vamos refletir melhor sobre nosso espaço doméstico. Forme duplas ou grupos com os colegas.

- Juntos, enumerem as tarefas domésticas que geralmente são feitas na casa de vocês.
- Conversem sobre os serviços domésticos na casa de cada um: quem assume as tarefas, se há divisão, se as pessoas envolvidas consideram seu trabalho como responsabilidade ou ajuda, se há alguma pessoa remunerada para fazer determinada(s) tarefa(s).
- Com base na observação e na participação de vocês na respectiva rotina doméstica, calculem o tempo que acreditam necessário para cada tarefa enumerada, pensando em uma família média de 4 pessoas.
- Elaborem uma tabela das mesmas tarefas, considerando o tempo tomado por cada uma e o sexo da pessoa que a desempenha.
- Concluindo, respondam se as atividades domésticas são organizadas, desempenhadas e distribuídas de forma democrática entre as mulheres e os homens da família.



FG Trade/iStockphotos.com

Em muitas famílias, a responsabilidade pela rotina da casa depende da mulher. Fotografia de 2019.

Você já ouviu falar do termo "carga mental"? Ele se refere ao trabalho, muitas vezes imperceptível, de atenção, gerenciamento e planejamento das tarefas domésticas e recai majoritariamente sobre as mulheres. Do ponto de vista emocional, é considerado um trabalho desgastante por concentrar sob a responsabilidade de uma só pessoa quase todas as providências relativas ao funcionamento da rotina familiar, como organizar uma lista de compras de supermercado, verificar se a carteira de vacinação das crianças está atualizada e ajudar filhos nas tarefas escolares. Pesquisas indicam que a carga mental eleva os níveis de estresse, cansaço e irritabilidade.

1. Em sua família, a carga mental referente à rotina doméstica recai sobre a mulher? Que razões podem explicar essa situação?

Análise

Economia dos cuidados

Você sabe o que é "economia dos cuidados"? Leia, a seguir, o trecho de um texto sobre o assunto.

A desigualdade de gênero no campo das tarefas domésticas não é um tema que possa ser corrigido por interferência legislativa direta, mas há alternativas possíveis ao alcance das políticas públicas. Natália Fontoura, do Ipea, é uma das autoras de um estudo que busca estabelecer um marco conceitual para esse setor de atividades – chamado de "economia dos cuidados". A delimitação do termo já é alvo de discussões em nível acadêmico e há inclusive correntes divergentes que defendem definições mais ou menos abrangentes: uma delas se refere a cuidados diretos de pessoas dependentes e vulneráveis, enquanto a outra se refere a toda atividade necessária para manter a integridade de um ambiente (como lavar louça, fazer faxina e cozinhar). O que ambas as definições têm em comum, porém, é o objetivo de dar reconhecimento econômico a tarefas que são consideradas corriqueiras, mas que, se não forem realizadas, inviabilizam o funcionamento da economia formal.

– O cuidado doméstico não brota naturalmente se ninguém fizer, e só se alguém fizer é que as pessoas podem fazer todas as outras atividades, como trabalhar fora e ir para a escola. Tudo depende disso. A noção de trabalho tinha muito a ver com o mundo produtivo, gerando um bem ou produto mercantilizado, mas é importante entender que os cuidados são um trabalho – argumenta Natália.

OLIVEIRA, Guilherme. Divisão de tarefas domésticas ainda é desigual no Brasil. *Senado Notícias*, Brasília, DF, 8 maio 2018. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil. Acesso em: 5 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em grupo, discuta as questões a seguir. Depois, apresentem as respostas aos outros grupos, ouçam as deles e troquem ideias sobre o tema.

1. Como a economia dos cuidados interfere em seu cotidiano?
2. Em que medida o conceito de "economia dos cuidados" proposto representa uma quebra de paradigma em nossa sociedade e que benefícios ele pode trazer?
3. Qual é a proposta do grupo para difundir e valorizar o conceito de economia dos cuidados?
4. Que política pública o grupo considera adequada para implementar a economia dos cuidados?

Trabalho feminino no Brasil em outros tempos



Acervo Iconographia

Operárias da Tecelagem Mariângela, das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, em São Paulo (SP), na década de 1920. Ao longo do século XIX, o universo do trabalho feminino alterou-se lentamente e a mulher passou a desempenhar um papel fundamental na manutenção da economia doméstica.

Durante o longo período em que a escravidão vigorou no Brasil, entre os séculos XVI e XIX, o trabalho escravo foi predominante na produção econômica brasileira, sobretudo nas atividades ligadas à exportação para o mercado europeu. Nos engenhos do Nordeste, por exemplo, além dos escravizados que se ocupavam do trabalho na grande lavoura e na [illegible] escravizados que faziam os trabalhos domésticos na casa-grande, as escravizadas domésticas conviviam com o senhor e sua família e atuavam como cozinheiras, pajens, **amas de leite** (nesse aspecto, ressalta-se que, na condição de escravizadas, foi comum às mulheres negras cativas não poderem dedicar aos próprios filhos os mesmos cuidados dispensados aos filhos das famílias de seus senhores).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A partir do século XVIII, a atividade mineradora de ouro e diamantes dinamizou as regiões do centro-sul da colônia, especialmente Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde cresceu um comércio interno variado de alimentos, bebidas, tecidos e ferramentas. Também houve incremento de um comércio volante, controlado por brasileiros que percorriam grandes distâncias levando mercadorias de um local a outro. O processo de urbanização se acentuou e instalaram-se nas vilas estabelecimentos comerciais como armazéns, vendas e lojas, cujo funcionamento dependia de pequenos comerciantes que os abasteciam de produtos trazidos de portos distantes.

Nas vias de comércio itinerante, destacaram-se mulheres pobres brancas ou negras, que trabalhavam na venda de bebidas e, por vezes, na prostituição. Outras atuavam no pequeno comércio urbano de rua, em que colocavam seus **escravos de ganho** para comercializar alimentos e panos. Embora essa categoria de escravizados exercesse ofícios sem a supervisão direta das donas e dos donos, as regras sociais da época impunham aos escravizados que circulassem descalços para indicar a condição social a que estavam submetidos.

GLOSSÁRIO

Ama de leite: mulher que amamenta criança alheia.

Escravos de ganho: modalidade de trabalho dos escravizados urbanos, formada de cativos ou cativas que trabalhavam fora da casa de seu dono prestando serviços como carregadores, barbeiros, cocheiros, ou vendendo quitutes para ganhar quantia preestabelecida pelo senhor, a qual lhe era entregue no fim do dia ou da semana. Caso não obtivesse o montante, o escravizado estaria sujeito a castigos. Uma parte dos ganhos ficava com os escravizados, que deveriam arcar com o custo do próprio sustento.

As “negras de tabuleiro”, também chamadas *quitandeiras*, vendiam frutas, legumes, peixes, pães e quitutes locais nas ruas das principais cidades brasileiras, compondo a paisagem urbana do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo durante o século XIX. Elas formavam um segmento de mulheres independentes, capazes de economizar parte de seus ganhos para comprar a própria alforria e a de outros escravizados locais – caso seus senhores desejassem vendê-los –, formando novos laços sociais. Eram praticamente a única presença feminina nos espaços públicos urbanos, nos quais circulavam predominantemente homens (banqueiros, comerciantes, funcionários públicos etc.), uma vez que, pelos costumes e tradições que imperavam na sociedade abastada e branca da época, não cabia às mulheres das famílias das elites locais exercerem ofícios fora de casa; os espaços domésticos eram os únicos considerados dignos de sua condição social. Dessa forma, as ruas eram espaços de trabalho e de **sociabilidade** legados apenas às mulheres negras, inicialmente como escravas de ganho, ou como negras forras e, após a abolição, na condição de mulheres pobres.

GLOSSÁRIO

Sociabilidade: convívio social por meio do qual ocorrem relações, interpessoais ou de grupos, de troca, afetos e confronto.

Museu de Arte de São Paulo, SP



Henry Chamberlain. *Quitandeiras da Lapa*, 1818. Aquarela, 20,6 cm × 28 cm. A comercialização de gêneros e alimentos a varejo pelas negras do tabuleiro tornou-se parte do abastecimento da população urbana. Com as vestimentas, os ornamentos, como turbantes e colares, e a forma de carregar os cestos [illegible] praticavam, nas cidades brasileiras, parte das tradições culturais da África, onde eram comuns mercados a céu aberto.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

À medida que a urbanização das principais cidades brasileiras se concretizava, as desigualdades sociais ficavam mais evidentes e provocavam tensões na convivência entre a elite e os trabalhadores urbanos. No contexto da economia cafeeira e enriquecimento dos fazendeiros de café, na cidade de São Paulo no final do século XIX:

> [...] alargavam-se ruas, levantavam-se novas construções; depois da década de 1870, o aburguesamento redimensionou os bairros do centro, cobrindo-os de gradis de ferro. Para fins do século, a prosperidade da burguesia do café e a movimentação da cidade, intensificada pela imigração estrangeira, [...] foi aumentando, concomitantemente, a prevenção burguesa contra o comércio ambulante de mestiças e negras [...].”
>
> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 184.

Após o fim da escravidão, com a falta de políticas públicas voltadas a garantir acesso à educação e meios adequados de sobrevivência aos libertos, as mulheres negras foram empregadas nos setores que exigiam pouca qualificação e ficaram sujeitas à remuneração muito baixa. As que não se dedicavam ao pequeno comércio de rua atuavam principalmente como cozinheiras e lavadeiras e, muitas delas, como trabalhadoras domésticas nas casas de famílias ricas (em muitos casos, exercendo esse trabalho em troca de moradia, sem remuneração).

Dois anos após a abolição, o Censo de 1890 indicava que 48% dos trabalhadores negros trabalhavam em serviços domésticos. Mais de 100 anos depois, a situação pouco mudou: ainda hoje, dadas as necessidades de ajudar no orçamento familiar, muitas jovens afro-brasileiras entram no mercado de trabalho de prestação de serviços domésticos. Segundo a pesquisadora Bebel Nepomuceno, em publicação lançada em 2018, 75% do trabalho doméstico no ano 2000 era exercido por jovens negras de 15 anos ou mais.

Vozes



Casa Laudelina de Campos Mello

Laudelina de Campos Mello, [19--?].

Neta de escravizados, Laudelina de Campos Mello nasceu em 1904 em Poços de Caldas (MG). Quando adolescente, ingressou no mercado de trabalho como doméstica, embora desde os 7 anos de idade já se ocupasse das tarefas da própria casa enquanto a mãe trabalhava como lavadeira em um hotel. Por 70 anos dedicou-se a lutar pelos direitos das mulheres negras que exercem o ofício de trabalhadoras domésticas. Ela reivindicava a legalização da profissão e defendia a alfabetização das empregadas domésticas para capacitá-las a compreender melhor a legislação trabalhista e, assim, fortalecer a luta das trabalhadoras por seus direitos.

Em 1936, Laudelina de Campos Mello fundou, na cidade paulista de Santos, a Associação de Empregadas Domésticas, primeira entidade em defesa da formação de sindicato das trabalhadoras domésticas do país. A entidade, no entanto, foi fechada durante a ditadura varguista do Estado Novo (1937-1945) e reaberta em 1946. Em 1961, em Campinas (SP), onde então morava, fundou a Associação Profissional das Empregadas Domésticas, cuja atuação visava ao reconhecimento das domésticas como categoria profissional. No ano seguinte, D. Nina, como era conhecida, entregou as reivindicações pelos direitos das trabalhadoras domésticas ao então presidente da República, João Goulart. Em 1966, após o fechamento da associação campineira pela ditadura civil-militar iniciada em 1964, foi porta-voz das demandas da categoria ao Ministério do Trabalho. Apenas na Constituição Federal de 1988 as trabalhadoras domésticas foram reconhecidas como profissionais e puderam fundar sindicatos, como resultado das mobilizações de Laudelina (com 84 anos de idade à época) e dos movimentos negros. Vale ressaltar outro marco da luta social das empregadas domésticas por direitos: a aprovação, em 2013, da Proposta de Emenda Constitucional 66/2012, a PEC das Domésticas, por meio da qual a categoria passou a ter uma série de direitos garantidos, incluindo carteira assinada, FGTS, seguro-desemprego, férias remuneradas e adicional noturno.

1. Esta fotografia de 1875 representa uma cena da cidade do Rio de Janeiro.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Sales

Mulheres no mercado. Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de Marc Ferrez, c. 1875.

Pelas informações que você pode levantar com base na imagem, quem seriam essas mulheres? Há alguma relação entre a imagem e o que estamos discutindo no percurso?

Mulheres nas primeiras fábricas do Brasil

Com o fim da Monarquia e início da República (1889), o processo de modernização do país se intensificou, estimulado pelas mudanças promovidas pela adoção do trabalho assalariado, pela urbanização e chegada de imigrantes, pelas migrações internas e pela industrialização. A expansão das fábricas nas cidades, nas primeiras décadas do século XX, abriu muitos postos de trabalho, o que levou à formação de uma crescente classe operária. Em alguns segmentos, como o da indústria têxtil, a mão de obra de mulheres e meninas alcançava 70% do total de trabalhadores, contudo, o salário das mulheres adultas correspondia a 65% do pago aos homens adultos.

Eram frequentes greves operárias em reação às condições de trabalho insatisfatórias: jornadas de trabalho extensas (pesquisas indicam que variavam de 10 a 14 horas), ambientes insalubres, ausência de restrição à idade mínima dos trabalhadores. As mulheres operárias atuavam nas lutas sociais por melhores condições de trabalho e denunciavam os assédios praticados pelos patrões ou por mestres que controlavam a produção fabril. Nos bairros de São Paulo, elas fundaram e atuaram em ligas e associações operárias e articularam redes de apoio para os cuidados dos filhos com a vizinhança. Participaram ativamente das mobilizações da classe operária nos sindicatos, em piquetes e nas próprias greves, mas nem sempre tinham espaço nas lideranças masculinas dos sindicatos, o que tornou as pautas femininas – como salário igual para trabalho igual e licença após o parto – difusas e menos visíveis em meio ao conjunto de reivindicações do movimento operário. Você notou a importância de haver representação feminina entre as lideranças sindicais e de associações profissionais para dar voz a questões vividas pelas mulheres no mundo do trabalho?



Coleção particular

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Operários em frente ao edifício onde funcionava a fábrica têxtil Cotonifício Crespi, na cidade de São Paulo (SP). Observe na imagem o predomínio de mulheres e crianças. As mulheres tecelãs estiveram na linha de frente da paralisação de 1917, que se iniciou no Cotonifício Crespi e se converteu na primeira greve geral do Brasil; ela se estendeu por trinta dias e reuniu cerca de 70 mil operárias e operários em várias cidades do país. Fotografia c. 1906.

Entre 1917 e 1919, em resposta à pressão da classe operária, foram adotadas as primeiras medidas regulamentadoras do trabalho feminino: proibição da jornada noturna e licença no último mês de gravidez e no primeiro mês pós-parto. Todavia, essas leis de proteção se tornaram um obstáculo à inserção das mulheres no mercado de trabalho, pois as trabalhadoras passaram a ser vistas pelos empregadores como mais onerosas que os trabalhadores homens.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, emergiu na sociedade a ideia de que a maternidade e as tarefas do lar deveriam ser as únicas ocupações das mulheres, situação que aumentou a resistência de diversos segmentos sociais e instituições, como a Igreja, em aceitar o trabalho feminino remunerado. Discursos moralizantes **depreciavam** muitas das profissões exercidas, sobretudo, por mulheres das classes populares (operária, lavadeira, florista, cantora, atriz), relacionando-as a comportamentos morais considerados impróprios a mulheres "de respeito". A própria imprensa operária passou a conceber o trabalho feminino como transitório, apoiando sua interrupção quando a mulher se casasse ou se tornasse mãe. Mesmo nas famílias de baixa renda, em que o trabalho feminino era importante para o orçamento doméstico, aflorou a oposição ao ingresso de mulheres no mercado de trabalho. Nos anos seguintes, a presença de mulheres diminuiu nas fábricas e cresceu no setor do trabalho doméstico remunerado e, para jovens solteiras, no setor de serviços (lojas, bancos, escritórios, companhias de seguro), mas em ambos os casos os salários se mantiveram baixos.

Durante as décadas de 1920 e 1930, ao lado das reivindicações das operárias, intensificou-se a mobilização de mulheres da elite e das classes médias por direitos políticos nos centros urbanos mais dinâmicos do país. Os pesquisadores identificam esse fenômeno social como a primeira onda do **feminismo** no Brasil. Um dos nomes de maior relevância nesse contexto foi o da bióloga Bertha Lutz, que **arregimentou** outras mulheres que defendiam a emancipação feminina e, em 1922, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, cuja luta central foi pelo direito de voto às mulheres, formalizado no Código Eleitoral de 1932. Também defendia a educação feminina como meio de qualificar as mulheres para o exercício profissional e para a igualdade salarial com os homens. O movimento incorporou as demandas das mulheres trabalhadoras, e Bertha Lutz atuou em favor da criação de leis de previdência e de assistência ao trabalho feminino na indústria. O ativismo político foi uma questão central na trajetória de Bertha Lutz, mas ela também se ocupou de estudos científicos. Filha do cientista Adolpho Lutz e graduada em Ciências Naturais na Universidade de Paris, deu continuidade, no final da década de 1930, às pesquisas do pai.

O **feminismo** pode ser entendido como a luta pela superação do sistema de opressão, das desigualdades e assimetrias nas relações de gênero. Como fenômeno de massa no mundo ocidental, suas origens remontam às décadas de 1960 e 1970 associadas aos movimentos sociais que denunciavam variadas formas de opressão e reivindicavam a igualdade de direitos. Todavia, como processo inacabado de transformação da relação entre os gêneros, suas raízes são mais remotas; na Antiguidade e na Idade Média, figuras como Hipátia e Cristina de Pizán, respectivamente, já apontavam a dominação masculina e anunciavam a igualdade intelectual e moral das mulheres. Em fins do século XIX e início do século XX, o movimento sufragista (que pleiteava às mulheres o direito ao voto) fez parte das lutas feministas. Atualmente, há grande pluralidade de temas nas agendas feminista, razão pela qual algumas correntes teóricas falam em *feminismos*.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

Congresso da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, Rio de Janeiro (RJ), 1922.

GLOSSÁRIO

Arregimentar: associar; arrebanhar.

Depreciar: desprezar; desdenhar.

Análise

Legislação: proteção por um lado, exclusão por outro

No Brasil, a legislação que regulamenta o trabalho feminino foi implantada de forma assistemática, iniciando-se nos finais da década de 1910, pelo estado de São Paulo. Nos anos 1930, cresceu a interferência federal na órbita da regulamentação do trabalho e, no que se refere às mulheres, culminou no item "Da proteção ao trabalho da mulher" da CLT (1943). Por meio dele ficou estabelecida a equiparação salarial entre homens e mulheres. Além disso, coibiu-se a participação de mulheres em tarefas inadequadas a sua capacidade física e/ou que colocassem em risco a saúde feminina. Com exceção dos empregos em telefonia, radiotelefonia, enfermagem, casas de espetáculos e diversão, hotéis e bares, o trabalho noturno também foi vetado às mulheres. Regulamentou-se ainda a licença-maternidade e a exigência de creches em empresas com mais de 30 trabalhadoras. Entretanto, apesar dessas medidas, discriminações, ilegalidades e abusos continuaram a persistir por décadas.

Sob outro aspecto, as mulheres só adquiriram o direito de trabalhar sem a autorização do marido em 1943 e apenas com o Estatuto da Mulher Casada (1962) é que se retirou do Código Civil o direito do marido de impedir sua esposa de trabalhar fora do domicílio.

A partir da década de 1960, novas leis foram criadas [...]. A licença-maternidade foi ampliada para 120 dias, sem prejuízo do salário, e deu garantias de estabilidade à gestante (1988), sendo os benefícios estendidos também às mães adotivas (2002).

Na história do Brasil, a interferência do Estado na órbita do trabalho feminino foi marcada por ambiguidades. [...] Considerando o trabalho das mulheres fora do domicílio uma atividade provisória e/ou complementar ao trabalho exercido pelo chefe de família, tais ações, em geral, privilegiaram os homens em detrimento das mulheres no mercado de trabalho. [...] Mesmo as medidas de proteção das mulheres (como a licença-maternidade) tiveram como efeito colateral o fato de gerar ações discriminatórias e provocar refluxo na empregabilidade das mulheres em vários postos e funções, como os que ocorreram, por exemplo, nas décadas de 1920, 1960, 1980.

PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 141-142.



Mauricio Simonetti/Pulsar Imagens

Mulheres em manifestação no Dia Internacional da Mulher. Mesmo na atualidade, a luta por direitos femininos continua. São Paulo (SP), 2020.

Forme um grupo e, com base nas informações do texto e na troca de ideias, resolvam as questões a seguir.

1. Identifiquem no texto ao menos duas medidas que exemplificam a regulamentação do trabalho feminino pelo Estado.
2. O texto aponta para uma hierarquia de poder que submetia as mulheres casadas aos maridos. Como se dava tal hierarquia?
3. Em 1943, a CLT estabeleceu a exigência de creches em empresas com mais de 30 trabalhadoras. Na opinião de vocês, em que medida a oferta de creche permanece válida como política pública? Argumentem.
4. A legislação que regula especificamente o trabalho feminino tanto pode proteger a mulher quanto excluí-la do mercado de trabalho. Vocês concordam com essa afirmativa? Argumentem.
5. Qual é a proposta do grupo para evitar que leis de proteção ao trabalho feminino se convertam em obstáculo à carreira profissional das mulheres?

Trabalho feminino no campo

Nas áreas rurais brasileiras, o trabalho feminino esteve presente desde os tempos coloniais, com as escravizadas. Após a abolição, as mulheres negras continuaram exercendo ofícios mais desqualificados (cozinheiras, lavadeiras, vendedoras de rua, trabalhadoras domésticas, prostitutas) em troca de baixíssima remuneração e enfrentando a discriminação e o preconceito racial. Ex-cativos mesclaram-se à população pobre. Isolados ou em grupos, passaram a vagar de um lugar para outro fazendo pequenas roças e a viver em arraiais humildes. Houve quem se tornasse vaqueiro e domador de cavalos nos campos do sul ou na pecuária nordestina.

Nas fazendas de café do centro-sul, ampliou-se o sistema de colonato que já vinha sendo adotado. Nele, famílias de trabalhadores – em sua maioria, imigrantes – eram contratadas para cuidar de determinada quantia de pés de café, conforme o número de membros aptos ao trabalho (meninos e meninas a partir de 12 anos de idade) das etapas de produção. Eram remuneradas com base na quantia de sacas de café colhidas. As colonas também cuidavam da lavoura de subsistência e de uma pequena criação de animais para abastecer a família com ovos, leite, carnes para a fabricação de alimentos embutidos etc. Elas preparavam queijos, manteiga, carne defumada, farinha para consumo familiar e vendiam o excedente ao fazendeiro ou a vilas e fazendas próximas, adquirindo uma pequena renda extra. Contudo, nesse regime de trabalho, não eram consideradas trabalhadoras individuais, pois suas atividades faziam parte do trabalho familiar, controlado pelo homem (pai-marido). Não havia abertura para a contratação de trabalhadoras avulsas, desvinculadas da família.

Os trabalhos realizados pelas colonas casadas nas lavouras cafeeiras dependiam de algumas condições:

> [...] estarem ou não liberadas das tarefas domésticas, se tinham ou não filhos pequenos precisando de seus cuidados; se podiam ou não contar com a ajuda de filhas crescidas nos trabalhos da casa; se seus filhos já estavam crescidos o suficiente para trabalharem na terra, permitindo que a mãe pudesse voltar-se para os trabalhos domésticos. O trabalho da mulher dependia então do ciclo vital da família. O nascimento dos filhos impedia a mulher de executar tarefas no cafezal; com o crescimento destes, ela ficava liberada para o trabalho na roça; e à medida que os filhos iam assumindo o trabalho produtivo na lavoura, a mãe retornava aos trabalhos domésticos.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a boia-fria. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 557.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Na década de 1980, a mecanização da agricultura, a concentração fundiária e o êxodo rural alteraram as relações de trabalho no campo. Surgiu a figura do boia-fria, um novo tipo de trabalhador rural contratado para realizar tarefas sazonais, como a colheita. O modelo se expandiu rapidamente e precarizou as condições de trabalho de homens e mulheres do campo. Rompeu-se a prática do trabalho familiar, e o trabalho das mulheres passou a ser individualizado. Contudo, durante o trabalho, elas estão sujeitas ao assédio moral e sexual e, geralmente, seus ganhos são inferiores aos dos homens, devido à menor produtividade.



Sergio Ranalli/Pulsar Imagens

Trabalhadora rural em lavoura de café. Santa Mariana (PR), 2018. Nas décadas de 1980 e 1990, ocorreram mobilizações de trabalhadores rurais reivindicando melhores condições de trabalho, e as mulheres boias-frias lançaram no movimento demandas específicas, como a licença-maternidade.

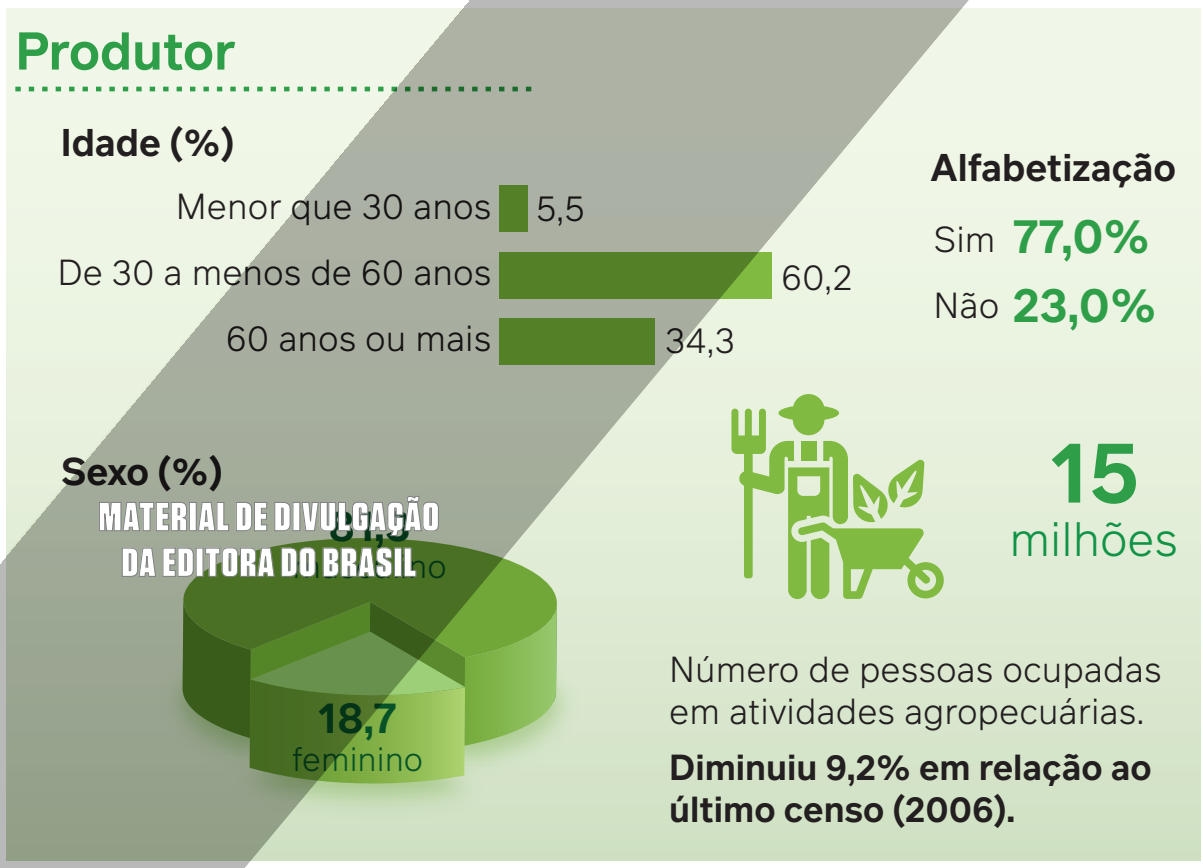
De acordo com a Justiça do Trabalho, a informalidade:

> [...] é um dos desafios enfrentados pelo trabalhador rural. Segundo estudo publicado em 2014 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), dos quatro milhões de assalariados, 2,4 milhões (59,4%) não tinham carteira de trabalho assinada e, portanto, não contavam com a proteção garantida pelo vínculo formal. O índice era maior nas Regiões Norte e Nordeste, onde a informalidade é de 77,1%. No Acre e em Sergipe, ela ultrapassava os 90%. Ainda conforme o estudo, a taxa geral de ilegalidade ou informalidade no país é de cerca de 50%. Embora venha diminuindo gradualmente, na proporção de 1,56% ao ano entre 2004 e 2013, a informalidade no campo ainda está entre as mais altas do mercado de trabalho como um todo.

TRABALHO rural: entre conquistas e desafios. *In*: JUSTIÇA DO TRABALHO. Brasília: TST, [201-?]. Disponível em: http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/trabalho-rural-entre-conquistas-e-desafios. Acesso em: 5 maio 2020.

GLOSSÁRIO
Majoritariamente: predominantemente.

Atualmente, muitas mulheres trabalham em pequenas propriedades rurais formadas no território brasileiro, cada qual com características e dinâmicas próprias, como agricultura familiar e cooperativas. O acesso à terra é **majoritariamente** masculino, conforme indica o último Censo Agro (2017), realizado pelo IBGE. Observe a seguir.



Tarcisio Garbellini

Fonte: IBGE. Censo Agro 2017. Disponível em: https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/divulgacao-censo-agro-2017/midia-online.html?view=mediaibge&catid=2932&id=2204. Acesso em: 13 maio 2020.

Após ler os dados do infográfico, responda às questões.

1. Do total de produtores rurais, qual é a faixa etária mais numerosa?
2. Qual é a diferença percentual entre homens e mulheres em relação ao total de produtores rurais?

Análise

A colona sentada, de Portinari

Cândido Portinari (1903-1962) foi um proeminente artista brasileiro com destacada atuação na vida cultural e política do país. Filho de imigrantes italianos, teve uma infância pobre, em uma fazenda de café no interior do estado de São Paulo. Produziu várias obras de temática social relacionadas às camadas populares. Retratou a pobreza e as condições do mundo do trabalho, especialmente no meio rural, procurando valorizar homens e mulheres que se dedicam às atividades agrárias de sol a sol. A tela *A colona sentada*, de 1935, aborda a temática da trabalhadora rural no país daquela época; nela, vê-se a presença de volume e força na representação da mulher, além dos pés exageradamente grandes, característica encontrada em várias outras obras de Portinari, nas quais o artista ressaltava o valor do trabalho. Observe-a atentamente.



Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Coleção Mário de Andrade/Reprodução autorizada por João Cândido Portinari

Cândido Portinari. *A colona sentada*, 1935. Têmpera sobre tela, 97 cm × 130 cm.

1. Identifique e comente os elementos da obra que caracterizam a mulher como trabalhadora rural.
2. Quais elementos da imagem nos levam a depreender que o ofício da colona é exaustivo?
3. O que podemos entender, com essa pintura, sobre as condições de trabalho das colonas?
4. A figura da mulher se destaca no centro da tela e capta a atenção do observador, em detrimento da paisagem que compõe a cena, sem qualquer realce. Qual teria sido a intenção do artista ao fazer esse contraste entre a colona e a paisagem?
5. Que sentimento a obra provoca no observador? Comente.
6. Você conhece a Marcha das Margaridas, evento que ocorre em nosso país a cada quatro anos? Sabe quem foi a paraibana Margarida Maria Alves, que deu nome à marcha, e qual o papel dela nas lutas sociais pela conquista de direitos para os trabalhadores e trabalhadoras rurais?
   Pesquise o assunto e sintetize-o em uma narrativa no formato escolhido por você.

Mulheres ocupam outros espaços

GLOSSÁRIO

Inato: que faz parte do indivíduo desde seu nascimento; inerente.

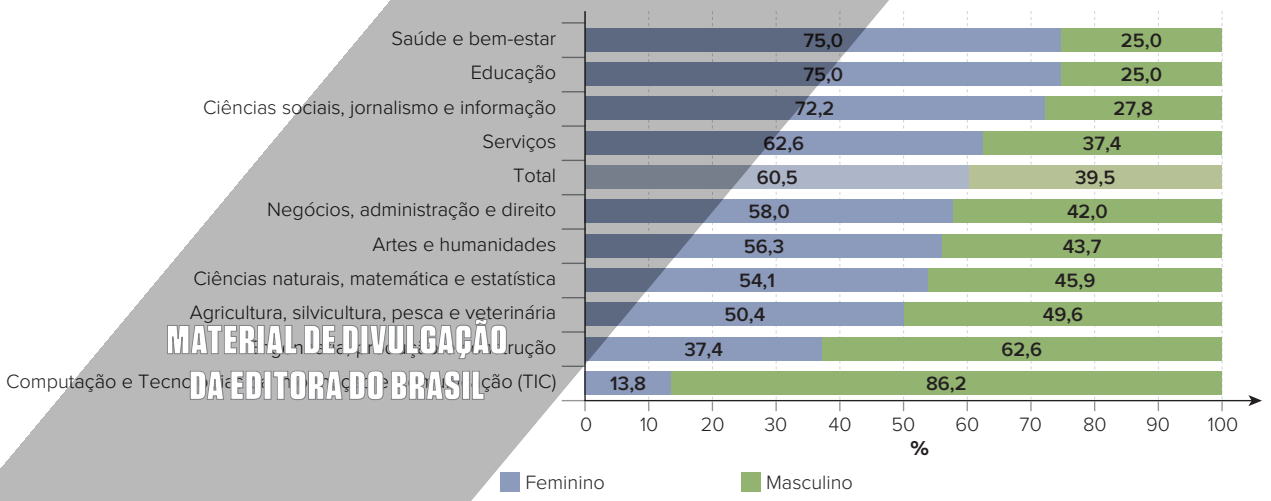
Provedor: aquele que provê, isto é, que fornece o necessário.

Até o final do século XIX havia pouco mais de vinte estabelecimentos de ensino superior no Brasil para a formação acadêmica em Medicina, Direito, Engenharia. Apenas em 1879 a legislação brasileira permitiu o ingresso de mulheres nas faculdades, que continuaram sendo de domínio masculino até meados do século XX. Aos poucos, mulheres da elite e das camadas médias urbanas adotaram o magistério como carreira, área de atuação profissional socialmente vinculada à imagem idealizada da mulher-mãe, cujas virtudes de doçura, cuidados e disciplina, teoricamente **inatas** em mulheres, seriam aplicadas ao ofício de educar crianças e jovens.

Em um processo conhecido como "feminização do magistério", o trabalho na docência proporcionava às mulheres ganhos financeiros e prestígio social decorrentes dos estudos, além da possibilidade de trabalhar meio período para dedicar-se aos afazeres domésticos no tempo restante. Por outro lado, ao longo dos anos, a predominância de mulheres em funções educativas nas escolas reduziu a remuneração da carreira porque grande parte da sociedade atribuía ao salário das mulheres da classe média o papel de complementar o orçamento familiar e considerava que cabia ao homem ser o **provedor** da esposa e da família.

Em relação à formação em nível superior, observe os dados do Censo da Educação Superior 2018 acerca dos percentuais de mulheres e de homens que concluíram a graduação nas grandes áreas dos cursos citados.

Brasil: distribuição percentual dos concluintes de graduação, por sexo, segundo as grandes áreas dos cursos - 2018



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da Educação Superior 2018*. Brasília, DF: MEC/Inep, set. 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior2018.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

Responda às perguntas com base nos dados do gráfico acima, do Censo da Educação Superior 2018.

1. Quais são as duas grandes áreas com maior percentual de mulheres que concluíram a graduação? E com menor percentual?
2. Podemos inferir que a feminização do Magistério foi superada? Justifique.
3. Levante uma hipótese para explicar a grande diferença percentual entre mulheres e homens concluintes nas áreas de Engenharia, Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação.

Nos dias atuais, na sua escola, há equilíbrio entre o número de professoras e professores? Segundo a pesquisadora Claudia Pereira Vianna,

> "Podemos dizer que, atualmente, a profissão ainda é composta por maioria feminina, mas com o registro de algumas mudanças nessa composição. Se em 1990, 90% dos estudantes concluintes na área da Educação eram mulheres, uma década depois, em 2009, assistimos a uma queda desse percentual feminino para 73,8% concluintes [...]."

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). *Trabalhadoras*: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 166.

Uma mudança no mundo do trabalho contemporâneo é a crescente presença de mulheres em quase todas as profissões, incluindo aquelas que, pela tradição cultural, eram consideradas "terreno de homens", como os ramos das engenharias e da informática, carreiras do serviço militar, áreas de desenvolvimento científico e setores da construção civil.

Em 8 de março de 2020, no Dia Internacional da Mulher, o Ministério Público do Trabalho (MPT) lançou a campanha Lugar de Mulher É Onde Ela Quiser, com o objetivo de conscientizar a sociedade sobre a igualdade de gênero no mercado de trabalho e combater a discriminação e violência contra mulheres.

Moisés Saba/Fotoarena



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dona Maria da Na[illegible] de borracheira. Teresina (PI), 2016.

Sergio Pedreira/Pulsar Imagens



Enfermeira na Unidade de Saúde da Família. Itaparica (BA), 2019.

Alexandre Tokitaka/Pulsar Imagens



Motorista de ônibus urbano. São Paulo (SP), 2016.

Vozes

Celina Turchi nasceu em 3 de julho de 1952 em Goiânia e graduou-se em Medicina, em 1981, pela Universidade Federal de Goiás. Posteriormente obteve o título de Mestre em Epidemiologia pela London School of Hygiene & Tropical Medicine (Reino Unido) e o de Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP). É membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Em 2015, teve atuação destacada nas pesquisas que levaram à descoberta da associação entre a infecção pelo vírus da zika e a epidemia de nascimentos de crianças com microcefalia nas regiões Nordeste e Centro-Oeste do país. Por esse trabalho, foi nomeada pela revista *Nature* uma das dez cientistas mais importantes em 2016, e no ano seguinte a revista *Time* apontou-a como uma das 100 pessoas mais influentes. Atualmente, vive em Pernambuco, onde trabalha como pesquisadora para a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Em entrevista, Celina Turchi comentou seu interesse pela Ciência.



Taylor Hill/FilmMagic/Getty Images

Celina Maria Turchi Martelli. Nova York, Estados Unidos, 2017.

"Na minha década, e a gente acaba sendo fruto de uma geração, as mulheres estavam começando a entrar nas faculdades de Medicina e esse parecia um desafio importante. Então, acho que foi assim que eu comecei a me interessar pela área das Ciências Biológicas e depois eu percebi que muito mais que o atendimento do dia a dia na área médica, eu me interessava pelas perguntas, pelas questões e pelos projetos de pesquisa." A pesquisadora também ressaltou a importância das mulheres na ciência, apesar do cenário de poucas oportunidades: "As mulheres têm menos oportunidades talvez devido à função familiar que ocupam. É muito comum a gente ver que na linha de vida das mulheres cientistas, elas muitas vezes tiveram que parar porque tiveram filhos, não tinham creches adequadas, então existem esses **hiatos**.".

TURCHI, Celina. A ciência se traduz em muito trabalho e também gratificações. [Entrevista cedida a] Mônica Costa; Edna Ferreira. *Nossa Ciência*, [Rio Grande do Norte], 18 maio 2018. Disponível em: https://nossaciencia.com.br/entrevistas/celina-turchi-a-ciencia-se-traduz-em-muito-trabalho-e-tambem-gratificacoes/. Acesso em: 5 maio 2020.

GLOSSÁRIO

Hiato: lacuna; intervalo.

Atualmente, as mulheres são maioria nos trabalhos informais e minoria em cargos de liderança, cuja remuneração é mais alta. Em meados de 2019, o Ipea divulgou um estudo que indica aumento da presença feminina no mercado de trabalho até 2030, enquanto a presença masculina tende a diminuir. As razões para isso são a conquista de direitos, maior escolarização das mulheres em relação aos homens – que se reverte em aumento da competitividade das mulheres para ocupar os postos de trabalho – e mudanças culturais na sociedade em decorrência da luta das mulheres contra as discriminações e desigualdades de gênero.

#Ficaadica

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil, de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo (Seguinte). O livro reúne a biografia de mulheres brasileiras ou que escolheram o Brasil como lar e lutaram por seus ideais para transformar o país.

Laudelina: lutas e conquistas, de Edis Cruz (37 min). Documentário sobre a vida da ativista negra Laudelina de Campos Melo, lançado em 2015, em parceria entre o Museu da Cidade e o Museu da Imagem e do Som (MIS), ambos de Campinas. O filme inclui trechos de uma entrevista de 1989.

Que horas ela volta?, de Anna Muylaert (112 min). O filme tece uma crítica às desigualdades sociais ao narrar as relações entre uma família de classe média alta paulistana e a empregada doméstica migrante, que há muitos anos trabalha na casa da família, e as tensões provocadas pela chegada de sua filha, uma jovem que aspira ascender socialmente pelo ingresso na universidade.

Ser mulher e fazer ciência. Reportagem multimídia que aborda a inserção de mulheres na produção científica nacional e discute os obstáculos à carreira científica causados por estereótipos e preconceitos que ainda perduram. Disponível em: https://jornal.ufg.br/n/113300-ser-mulher-e-fazer-ciencia. Acesso em: 20 abr. 2020.

Série Pioneiras da Ciência. Projeto do CNPq que reúne publicações *on-line* de biografias de mulheres cientistas pioneiras no Brasil. As publicações abordam as histórias das mulheres pesquisadoras e cientistas que contribuíram, de forma relevante, para o avanço do conhecimento científico, a formação e ampliação do sistema científico e tecnológico no país, principalmente no setor de recursos humanos. Disponível em: http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia1/. Acesso em: 20 abr. 2020.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Em pleno século XXI, quando se pensa em ciência e pesquisa, logo vem à mente a figura masculina, embora, hoje em dia, as mulheres sejam mais da metade dos estudantes em salas de aulas de cursos de nível superior. Diante disto, fica clara a necessidade de transpor as barreiras ideológicas e os estereótipos que perpetuam a visão de predomínio masculino na pesquisa. O "Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência", comemorado no dia 11 de fevereiro, contribui para colocar em pauta esta temática e dar visibilidade ao protagonismo das mulheres no campo científico para que as meninas que escolhem a pesquisa como profissão [...] tenham em quem se inspirar. [...] A presença da mulher na Ciência não é uma postura combativa ao homem, mas a ocupação de espaços predominantemente ocupados há décadas por eles.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Federal do Pará. *Ciência é lugar de mulheres e meninas*. Belém: IFPA, 12 fev. 2019. Disponível em: https://ifpa.edu.br/component/content/article?id=991. Acesso em: 14 maio 2020.

Com base no que estudamos ao longo deste percurso, resolva as questões referentes ao texto.

a) Que razões podem justificar a seguinte passagem do texto "Em pleno século XXI, quando se pensa em ciência e pesquisa, logo vem à mente a figura masculina"?

b) Em sua opinião, que situações exemplificam as "barreiras ideológicas e os estereótipos que perpetuam a visão de predomínio masculino na pesquisa"? Explique sua resposta.

c) O Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência é celebrado em 11 de fevereiro. Você considera válido que sua escola divulgue essa data e promova atividades de discussão sobre o tema? Por quê?

d) Crie um cartaz para estimular e valorizar a participação das mulheres na Ciência e combine com o professor e a turma uma exposição dos cartazes à comunidade escolar.

2. Em 2020, a escola de samba carioca Unidos do Viradouro homenageou, com seu samba-enredo, um grupo de mulheres descendentes de escravizadas de Salvador, Bahia. Leia um fragmento de matéria jornalística sobre o assunto.

O enredo "Viradouro de alma lavada" falou sobre o grupo das Ganhadeiras de Itapuã, quinta geração de mulheres que lavavam roupa na Lagoa do Abaeté e faziam outros serviços em Salvador em busca da compra de sua alforria. O grupo surgiu em março de 2004, a partir de encontros musicais realizados entre moradores, empenhados na busca pelo resgate de tradições do passado e pela preservação da memória cultural do bairro de Itapuã. Cerca de 30 mulheres integram o grupo. O desfile mostrou as atividades que as Ganhadeiras exerciam: lavar roupa, carregar e vender água, cozinhar e vender alimentos, costurar, vender bugigangas etc. Essas mulheres [illegible] desfile como as "primeiras feministas do Brasil", pela força que tiveram para ir atrás [illegible] importância para a cultura da Bahia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

GANHADEIRAS de Itapuã comemoram vitória da Viradouro em Salvador; Margareth e Lore também celebram. *G1*, Rio de Janeiro, 26 fev. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/carnaval/2020/noticia/2020/02/26/ganhadeiras-de-itapua-fazem-festa-apos-titulo-da-viradouro-no-carnaval-do-rio-de-janeiro.ghtml. Acesso em: 16 maio 2020.

Com base no texto, responda:

a) Que ofícios eram realizados pelas escravizadas em Salvador?

b) Identifique o direito reivindicado por elas em suas práticas sociais e comente a forma como atuaram para conquistá-lo.

c) Em sua opinião, qual foi a intenção da escola de samba Viradouro em apresentar, no desfile carnavalesco, esse enredo sobre a história das Ganhadeiras de Itapuã?

3. Leia o texto e responda às questões a seguir.

A mulher já há tempos buscava um lugar melhor na sociedade. Por sua vez, as necessidades econômicas e sociais abriram as portas para que as mulheres pudessem finalmente libertar-se de algumas amarras, rodeadas de preconceitos, a fim de buscar seu lugar ao sol.

Aos poucos, as mulheres, de toda as camadas sociais, começaram a buscar uma melhor colocação na sociedade e no núcleo familiar. Mesmo em classes menos abastadas, cada vez mais, a mulher estuda, se especializa.

PRADO, Danda. *O que é família*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2013. p. 87.

a) Qual é a ideia central do texto?

b) De acordo com esse texto, por qual área do desenvolvimento humano as mulheres têm buscado melhor colocação no meio social?

c) "*Por sua vez, as necessidades econômicas e sociais abriram as portas para que as mulheres pudessem finalmente libertar-se de algumas amarras, rodeadas de preconceitos, a fim de buscar seu lugar ao sol.*" Com base no que estudamos até aqui, que sentido você atribui a este fragmento do texto?

d) Discuta com um colega a relação entre o protagonismo feminino apontado no texto e as lutas sociais pela garantia dos direitos estabelecidos no artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, transcrito na página 62.

4. No I Congresso Afro-Brasileiro, em 1934, um participante relatou a situação da mulher negra.

"A mulher é a ama, doméstica, costureira. Atualmente onde a mulher pode exercer sua atividade é no funcionalismo, no professorado. Muitas etíopes, que se diplomam educadoras, lutam para conseguir lecionar e tem que o fazer particularmente na impossibilidade de trabalhar para o Estado. A maioria desiste vendo os exemplos dolorosos e vão para a costura, condição máxima que pode desejar a mulher que possui os "considerados" característicos da descendência Africana" [...].

DOMINGUES, Petrônio. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta antirracista no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 356, jan.-jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/15.pdf. Acesso em: 19 mar. 2020.

Com base na interpretação do relato, responda:

a) A quem o autor dirige seu relato?

b) Quais profissões o autor do discurso aponta como próprias das mulheres negras da época?

c) Que realidade social é criticada no relato?

d) Analise a crítica social contida no texto.

5. No dia 7 de setembro de 1873, numa cidade do sul de Minas Gerais, surgiu um periódico que causou espanto em alguns e entusiasmo em outros [...]. Estamos nos referindo ao jornal *O Sexo Feminino*, cujo subtítulo nos dá indícios que permitem vislumbrarmos a que veio: "semanário dedicado aos interesses da mulher". [...] Naquela segunda metade do século XIX, o Brasil ainda vivia sob o regime monárquico, no qual os direitos políticos eram limitados a um seleto grupo da elite [...]. No ano em que o jornal *O Sexo Feminino* começou a circular, apenas os rapazes tinham o direito de cursar o ensino superior; o máximo que uma mulher podia sonhar era estudar para ensinar primeiras letras. Desde os primeiros anos escolares as disciplinas oferecidas eram diferenciadas segundo o sexo: enquanto os meninos discutiam história e desenvolviam o raciocínio lógico, às meninas eram oferecidas disciplinas como economia doméstica, puericultura, pintura e música. Observa-se que nessa sociedade desejava-se formar renomados políticos, médicos, advogados... e excelentes [illegible].

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; OLIVEIRA, Taís Valente dos (org.). *Memória feminina*: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. p. 99-100. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Memória-feminina-mulheres-na-história-história-de-mulheres.pdf. Acesso em: 21 mar. 2020.

a) Qual é o público-alvo do jornal *O Sexo Feminino*? De acordo com o texto, como foi possível deduzir isso?

b) De acordo com o texto, que diferença de direitos para homens e mulheres havia no Brasil da época? No texto, como é possível deduzir isso?

c) O jornal *O Sexo Feminino* causou espanto em alguns e entusiasmo em outros. Que razões podem justificar isso?

d) Explique as situações de desigualdade entre homens e mulheres contempladas no texto e avalie suas implicações.

e) Discuta o sentido da afirmativa grifada no texto.

6. Em 2013, houve a aprovação da PEC das Domésticas, que equiparou direitos trabalhistas dos empregados domésticos aos de outros trabalhadores. Considerando o que estudamos ao longo do percurso sobre o exercício do trabalho doméstico remunerado por mulheres trabalhadoras, argumente de que forma essa lei é um mecanismo de justiça social.

7. As desigualdades de gênero ainda são uma realidade no mercado de trabalho do Brasil. Elabore uma proposta de intervenção social para superar tais desigualdades e justifique-a com base nas informações e nos dados apresentados neste percurso.

8. Com base nos temas do percurso e levando em conta princípios éticos, que mudanças você destaca em relação ao atual papel social das mulheres? Explique seu ponto de vista.

PERCURSO 4

O espaço do trabalho

Transformações

Ao longo do percurso anterior, ao estudar os desafios relacionados ao trabalho que são impostos às mulheres, você deve ter percebido que o trabalho se transformou com o passar do tempo. Das quituteiras do século XIX às cientistas do século XXI, vemos que as novas relações sociais e as novas tecnologias transformaram a realidade do trabalho no Brasil.

Mas por que o mundo do trabalho se transformou tanto nas últimas décadas? Uma forma de analisar essas transformações é compreendê-las como resultado de mudanças sociais e espaciais profundas.

A relação de trabalho e a divisão social do trabalho são indissociáveis das mudanças espaciais, uma sofre interferência da outra. Inovações tecnológicas são fruto do trabalho humano que modificam as dinâmicas espaciais e criam novas possibilidades de trabalho.



Delfim Martins/Pulsar Imagens

Vista de drone da aldeia Aiha da etnia kalapalo. Querência (MT), 2018. Essa aldeia indígena organizou seu espaço em ocas dispostas lado a lado, formando uma circunferência.

Como vemos nas imagens, diferentes culturas produzem diferentes paisagens e, consequentemente, dinâmicas espaciais próprias. As formas de construir moradias e de morar, por exemplo, são algumas das diferenças entre as imagens. A presença ou não de desigualdade social é outra diferença entre elas. Isso ocorre porque os espaços são produzidos pelos grupos que os habitam e, por isso, revelam algumas de suas características. Podemos afirmar que o espaço geográfico é reflexo da sociedade que o produz. As diferentes paisagens indicam marcas culturais e sociais de grupos humanos distintos. Por outro lado, o espaço geográfico também influencia a sociedade que o habita. Somos, desse modo, reflexo do espaço em que vivemos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Johnny Miller/Media Drum World/Alamy/Fotoarena

Imagem de vista aérea mostra a desigualdade social. Mumbai, Índia, 2017. A vista aérea de uma cidade revela diferentes tipos de moradia.

As técnicas e o mundo do trabalho

Muitas vezes, vemos com estranhamento um local bem diferente do que estamos acostumados, não só por ser distante de onde moramos mas pela forma de organização social e espacial própria. Você já percebeu que o ritmo acelerado do trabalho em algumas cidades faz com que os cidadãos também sejam apressados, atentos ao relógio e, geralmente, estressados?

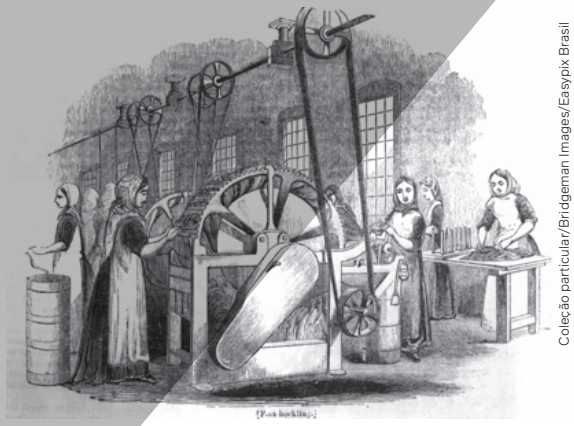
Novas máquinas, novas formas de comunicação e de divulgar e acessar informação, novos meios de transporte e formas de produção de energia vão alterando, significativamente, o espaço geográfico e também as divisões e relações de trabalho.

Observando essa lógica, estudiosos identificaram períodos históricos, nos quais alguns países experimentaram grandes transformações tecnológicas e mudanças radicais nas relações entre capital e trabalho, que denominaram de Revolução Industrial.



Coleção particular/Bridgeman Images/Easypix Brasil

A ilustração de 1880 retrata uma locomotiva, essencial no transporte de mercadorias.



Coleção particular/Bridgeman Images/Easypix Brasil

Fábrica de tecidos de linho. Século XVII.

As imagens mostram exemplos de transformações que caracterizaram a primeira Revolução Industrial. As locomotivas a vapor e as vias férreas revolucionaram o transporte de mercadorias na Europa a partir do início do século XIX. A primeira delas foi construída pelo inglês George Stephenson, entre 1823 e 1825, ligando a pequena cidade de Stockton ao vale mineiro de Darlington, no norte da Inglaterra, para facilitar o escoamento da produção. A modernização de máquinas, primeiro com os teares mecânicos, depois com as máquinas a vapor, também aumentou [illegible] das pessoas um novo ritmo de trabalho.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

[illegible] a nova dinâmica do processo produtivo, basta considerar que, num primeiro momento – e no mesmo tempo – a produção de um tear mecânico equivalia à produção de 200 teares manuais, o que aumentou de maneira significativa a produtividade do trabalho humano e, por consequência, reduziu os custos de produção, fator essencial à ampliação dos mercados.

As novas tecnologias transformaram a forma de trabalhar em diferentes contextos históricos; portanto, para estudar o trabalho contemporâneo precisamos analisar as características do conjunto de técnicas e do espaço geográfico atual.

1. Você consegue imaginar um mundo sem a tecnologia atual? Suponha que você se mudasse para um lugar onde não houvesse internet. Como se sentiria? Quais seriam os pontos positivos e os negativos de sua nova rotina?

As perguntas da questão acima apontam para a dimensão da tecnologia na contemporaneidade. A "internet das coisas" é uma realidade que permeia nossa vida cotidiana. Estruturamos grande parte de nossa rotina mediados pelas conexões *wi-fi*, 3 ou 4G e *bluetooth*. O desenvolvimento dessas tecnologias também impactou fortemente o mundo do trabalho, como veremos neste percurso.

As transformações do meio

O espaço geográfico é transformado ao longo do tempo, seja por processos naturais, seja, sobretudo, por processos históricos produzidos pelos seres humanos. As modificações do espaço geográfico podem ser estudadas, entre outras formas, por meio das transformações das técnicas. O geógrafo brasileiro Milton Santos fez uma análise das transformações das técnicas e dos novos espaços construídos com elas (veja boxe da página seguinte).

As modificações técnicas e as transformações espaciais não ocorrem simultaneamente em todos os locais do mundo, nem constituem um mesmo caminho seguido por todas as nações. Todavia, por terem se desenvolvido em países hegemônicos no sistema econômico atual, elas impactam a configuração espacial em outras regiões do mundo e o alcance das transformações se estende, cada vez mais, em escala global.



Dima Zel/Shutterstock.com



Alexei Danichev/Sputnik/AFP

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Satélite (acima) e robótica: tecnologias que alteram significativamente o mundo do trabalho. Ao lado, fábrica de automóveis totalmente robotizada. São Petersburgo, Rússia, 2019.

Vozes

Milton Santos (1926-2001) foi um importante geógrafo brasileiro. Ele nasceu na cidade de Brotas de Macaúbas, na Bahia, formou-se bacharel em Direito em 1948 e doutor em Geografia em 1958. Em 1964, saiu do Brasil em razão da Ditadura Civil-Militar e trilhou uma trajetória acadêmica na França. Na década de 1970, passou a ministrar cursos em faculdades dos Estados Unidos até retornar ao Brasil, em 1977. Recebeu o título de Professor Emérito da Universidade de São Paulo em 1997 e, ao longo da carreira, foi laureado com diversos títulos de reconhecimento internacional. Um dos seus livros mais importantes é *Por uma outra globalização*, lançado em 2000.



Marcos Fernandes/CB/D.A Press

Milton Santos, 2000.

Análise

A natureza do espaço

Mudanças tecnológicas/Avanços estratégicos			
Período	**Informação**	**Energia**	**Meios**
Pré-agrícola	linguagem	fogo animais	instrumentos primitivos
Agrícola	escrita imprensa	pólvora	charrua ferro
Industrial	telégrafo telefone fonógrafo rádio cinema	máquina a vapor eletricidade	aço máquinas avançadas estradas de ferro
Atual	televisão satélites computadores sistema de controle	fissão atômica baterias elétricas *lasers*	transporte supersônico e interplanetário novos materiais sintéticos próteses
Iminente (antes dos anos 2000)	multimídia **burótica e dumótica**	**fusão atômica**	controle de tempo **biotecnologia**

Fonte: SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 114.

As épocas se distinguem pelas formas de fazer, isto é, pelas técnicas. Os sistemas técnicos envolvem formas de produzir energia, bens e serviços, formas de relacionar os homens entre eles, formas de informação e formas de discurso e interlocução. [...]

Podemos admitir que a história do meio geográfico pode ser grosseiramente dividida em três etapas: o meio natural, o meio técnico, o meio técnico-científico-informacional. [...]

Como em todas as épocas, o novo não é difundido de maneira generalizada e total. Mas os objetos técnico-informacionais conhecem uma difusão mais generalizada e mais rápida do que as precedentes famílias de objetos. Por outro lado, sua presença, ainda que pontual, marca a totalidade do espaço. É por isso que estamos considerando o meio geográfico do mundo atual como um meio técnico-científico-informacional.

Quanto mais "tecnicamente" contemporâneos são os objetos, mais eles se subordinam às lógicas globais. Agora, torna-se mais nítida a associação entre objetos modernos e atores hegemônicos. Na realidade, ambos são os responsáveis principais no atual processo de globalização.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 115, 156 e 160-161.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A tabela acima foi elaborada em 1971 e projeta algumas mudanças em relação ao "futuro". Com base nas informações dela, responda às questões.

1. Você considera que as transformações projetadas no "período iminente" foram concretizadas?
2. Elabore mais uma linha para a tabela projetando transformações técnicas e seus impactos espaciais e sociais para o ano 2050. Em seguida, escreva uma pequena justificativa para explicar seu prognóstico com base em elementos concretos do desenvolvimento tecnológico atual que apontam para esse futuro imaginado por você.

GLOSSÁRIO

Biotecnologia: conjunto de conhecimentos científicos e tecnológicos na área das Ciências Biológicas. O desenvolvimento desse campo da ciência possibilitou o mapeamento do DNA humano, o que levou a grandes avanços na Medicina.

Burótica e dumótica: referem-se ao desenvolvimento de tecnologia da informação voltada à automação na produção de bens e serviços (burótica) e na organização dos serviços domésticos (dumótica). Atualmente, ambos os processos são caracterizados como robotização.

Fusão atômica: técnica de fusão nuclear para geração de energia elétrica que ainda está em desenvolvimento. Diferentemente da fissão nuclear, a energia que pode ser gerada em reatores de fusão nuclear não gera lixo radioativo, um dos principais problemas das usinas nucleares da tecnologia de fissão.

O mundo do trabalho e o meio técnico-científico-informacional

Como vimos – e de acordo com a análise do geógrafo Milton Santos –, o período atual pode ser caracterizado como o meio técnico-científico-informacional. Em linhas gerais, conheça três características desse meio.

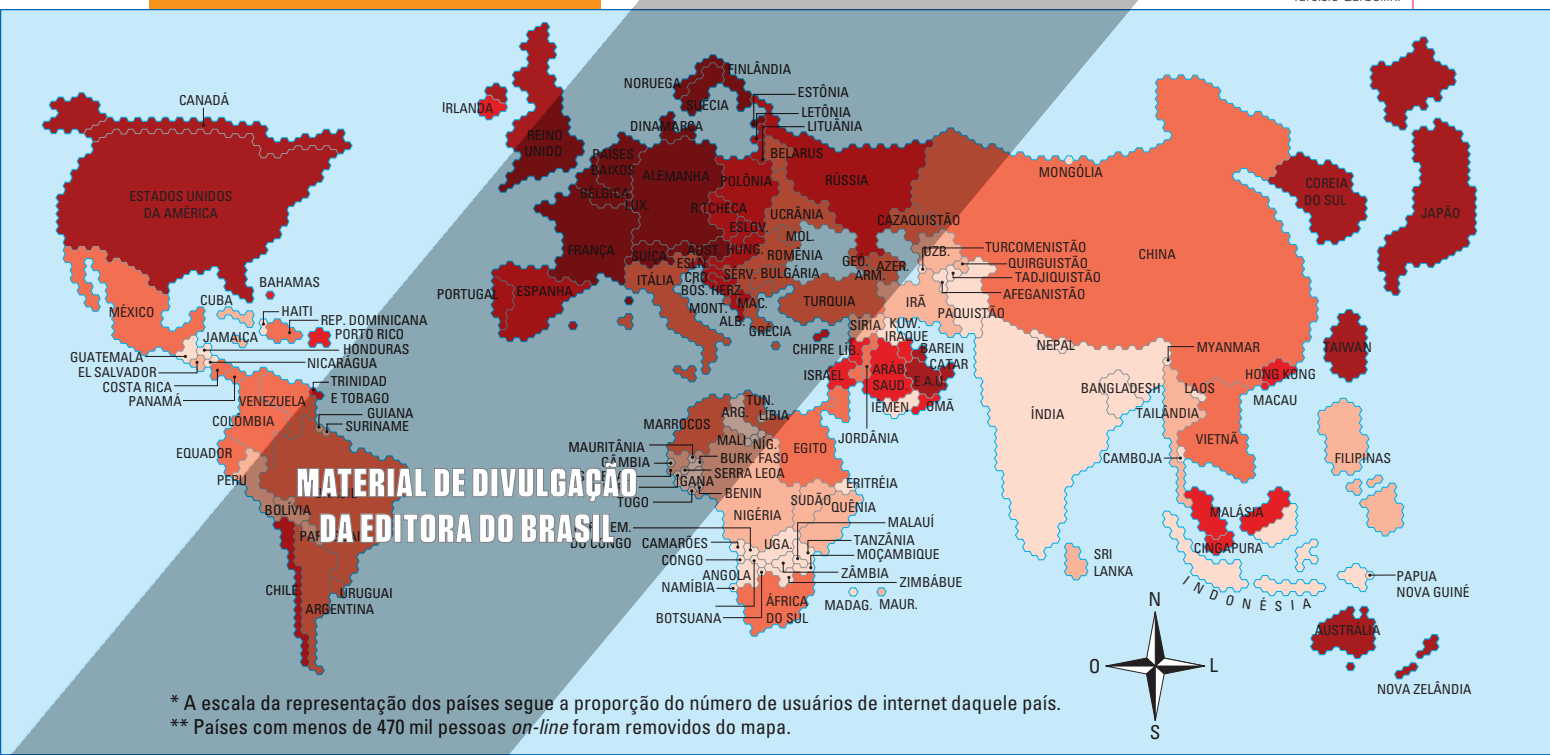
1. O desenvolvimento e a presença em larga escala das tecnologias de informação e comunicação (TIC) aplicadas aos sistemas produtivos.
2. A articulação econômica, cultural e política no nível global.
3. Difusão dos conhecimentos e do desenvolvimento tecnológico e científico em velocidade acelerada.

Análise

Mundo conectado

Mundo: acesso à internet – 2013

Tarcísio Garbellini



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

* A escala da representação dos países segue a proporção do número de usuários de internet daquele país.
** Países com menos de 470 mil pessoas *on-line* foram removidos do mapa.

Porcentagem de pessoas *on-line*
- 80 - 100%
- 60 - 80%
- 40 - 60%
- 20 - 40%
- 0 - 20%

Número de pessoas *on-line*
Um ○ representa aproximadamente 470 000 pessoas *on-line*.

Fonte: OXFORD INTERNET INSTITUTE. The world online. *In*: GEONET. [*S. l.*], 8 jul. 2015. Disponível em: http://geonet.oii.ox.ac.uk/blog/the-world-online/. Acesso em: 15 maio 2020.

Observe no mapa que quase todos os países do mundo estão conectados à internet. Ainda assim, é possível observar que há desigualdade no acesso a essa tecnologia.

1. Qual é a quantidade relativa de pessoas conectadas na Índia?
2. Cite cinco países com alta porcentagem de pessoas *on-line*.
3. Onde se localizam os países com a menor porcentagem de pessoas conectadas?
4. A Índia é um dos países mais populosos do mundo, mas apresenta baixa porcentagem de pessoas *on-line*. Em sua opinião, a que se deve essa contradição?

Vamos analisar, daqui em diante, de que modo as transformações mencionadas têm mudado as relações de trabalho no Brasil e no mundo. Veremos também que, embora tenham ocorrido muitos avanços tecnológicos e melhorias na qualidade de vida e de trabalho de parte dos cidadãos, ainda há pessoas que trabalham em condições precárias, em situações que beiram a superexploração da mão de obra, inclusive de crianças e adolescentes.

A descentralização da produção

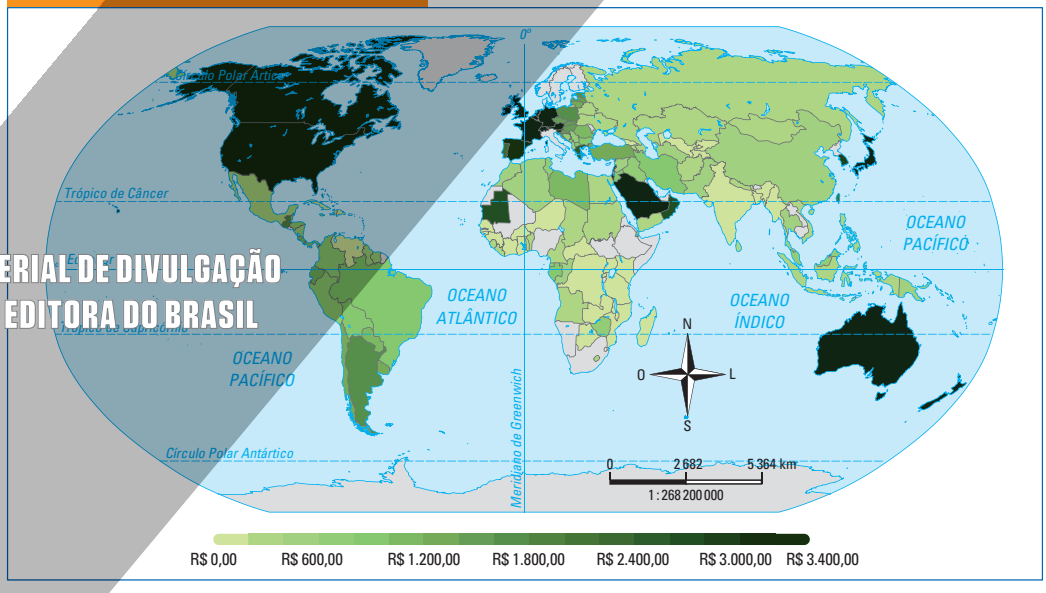
Uma das marcas atuais na organização das relações de trabalho é o fato de muitas empresas descentralizarem funções, seja transferindo parte das tarefas para outro país, seja transferindo parte da responsabilidade dos serviços para outras empresas. Isso ocorre em várias escalas, faz parte do processo de expansão da globalização em curso, mais acentuada nas últimas três décadas.

Mais-valia significa, em síntese, o trabalho realizado mas não remunerado pelos patrões. No século XXI, a mais-valia ultrapassou os muros da fábrica e até mesmo as fronteiras dos países, passando a ocorrer em escala global.

Em escala global, observa-se o fenômeno do surgimento de grandes conglomerados transnacionais, que distribuem serviços e produção por diferentes países do mundo. É comum, na busca de **mais-valia** global, que empresas procurem condições favoráveis, como baixo custo da produção, mão de obra barata, legislações trabalhistas e ambientais brandas, isenções fiscais e proximidade com a matéria-prima, em países da periferia do sistema capitalista ainda que os escritórios da sede não sejam nesses países.

A nova divisão internacional do trabalho (DIT) decorrente desse modelo reforça as desigualdades globais, porque mantém o trabalho qualificado e o desenvolvimento de novas tecnologias nos países desenvolvidos, enquanto os trabalhadores pouco qualificados, de baixo rendimento, ficam concentrados nos países periféricos.

Mundo: salário mínimo – 2016



Tarcisio Garbellini

O mapa mostra a variação do salário mínimo ao redor do mundo. As condições econômicas do país, a falta de regulamentação de leis trabalhistas e as políticas públicas ineficientes para a proteção do trabalhador são algumas razões do baixo salário pago a trabalhadores de diversos países.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fontes: ATLAS geográfico escolar. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 32; GERMANO, Felipe. Como é o salário mínimo no resto do mundo? *SuperInteressante*, São Paulo, 13 set. 2018. Disponível em: https://super.abril.com.br/sociedade/como-e-o-salario-minimo-no-restante-do-mundo/. Acesso em: 15 maio 2020.

Observa-se um fenômeno ainda mais intenso na descentralização produtiva: a **terceirização**, em que serviços que antes eram desenvolvidos na própria empresa passam a ser oferecidos por outras empresas.

Em muitos casos, trabalhadores de empresas terceirizadas, que prestam serviço para grandes marcas de alcance multinacional, são encontrados em locais insalubres de trabalho, submetidos a condições abusivas. As grandes empresas não se responsabilizam por esses trabalhadores, já que não mantêm vínculo direto com eles.

Análise

Maquiladoras mexicanas

As empresas maquiladoras são aquelas que realizam a manufatura parcial, encaixe ou empacotamento de um bem sem que sejam as fabricantes originais. [...]

A instalação da Indústria Maquiladora de Exportação (IME) na fronteira norte do México foi resultado de um programa pactuado no início entre os governos do México e dos Estados Unidos. [...]

O governo mexicano tinha o propósito de reter a força de trabalho que emigrava para o país vizinho em busca de emprego.

No plano mundial, o assentamento das empresas de montagem em uma série de países periféricos respondia à estratégia das transnacionais de relocalizar partes ou segmentos de seus processos produtivos com o propósito de diminuir seus custos de produção. Tratava-se de recorrer ao uso intensivo da mão de obra em lugares onde a força de trabalho era muito mais barata do que a dos países industrializados.

Ivan Pierre Aguirre/The Washington Post/Getty Images



Maquiladora confecciona produtos para colchões e artigos de decoração. Ciudad Juarez, México, 2019.

No México, os investimentos estrangeiros no setor montador viram-se amplamente beneficiados por cargas tarifárias quase nulas; baixos custos de transporte devido à sua localização na fronteira dos Estados Unidos; normas ambientais débeis; custo trabalhista mínimo devido à utilização de segmentos da força de trabalho nacionalmente mais explorados, como o feminino – que nos primeiros quinze anos chegou a constituir em média 80% dos assalariados.

ARRIETA, Irma Balderas. Maquiladoras mexicanas. *In*: ENCICLOPÉDIA LATINO-AMERICANA. São Paulo: Enciclopédia Latino-Americana, [200-]. Disponível em: http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/m/maquiladoras-mexicanas. Acesso em: 16 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Por que a condição de países fronteiriços (México e Estados Unidos) favoreceu a criação das maquiladoras em território mexicano?
2. Qual foi o argumento do governo mexicano na época para aprovar a criação das maquiladoras em seu território?
3. Leia a manchete abaixo.

"Medo Trump" paralisa indústrias na fronteira entre México e EUA

Trump anunciou que criará um imposto de 35% na fronteira com o México, uma tarifa até agora inexistente [...]

EFE. "Medo Trump" paralisa indústrias na fronteira entre México e EUA. *Exame*, São Paulo, 20 jan. 2017. Disponível em: https://exame.abril.com.br/economia/medo-trump-paralisa-industrias-na-fronteira-entre-mexico-e-eua/. Acesso em: 16 maio 2020.

Em sua opinião, quais seriam os objetivos econômicos e sociais para o governo estadunidense criar tributo na fronteira dos Estados Unidos com o México?

Reformas nas legislações trabalhistas: modernização ou precarização?

Muitos estudiosos afirmam que a legislação trabalhista de diversos países não reflete as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que transformaram o trabalho nas últimas décadas. Por isso, não raramente ocorrem longas discussões sobre reformas nessa legislação em todo o mundo. No Brasil, a Reforma Trabalhista aprovada em 2017 mobilizou diversos setores da sociedade em longos debates sobre os benefícios e os prejuízos das propostas apresentadas pelo governo Temer e que foram debatidas no Congresso Nacional, fomentando o diálogo com visões bastante diferentes sobre o assunto.

Como já vimos, as transformações no mundo do trabalho criaram outros empregos e, sobretudo, novas relações trabalhistas. Muitos especialistas têm defendido que a legislação brasileira precisava se modernizar para se adequar ao mundo atual. Partindo deste ponto de vista, a reforma aprovada no Brasil era necessária para modernizar as relações de trabalho no país e gerar mais empregos, além de garantir ao trabalhador maior liberdade na negociação de direitos diretamente com o patrão – o horário de almoço, por exemplo.

Por outro lado, diversos pesquisadores defendem a ideia de que a reforma prejudicou os trabalhadores, que tiveram de abrir mão de direitos de proteção historicamente conquistados. O enfraquecimento dos sindicatos e dos acordos coletivos em prol dos acordos individuais é apontado por muitos como um prejuízo aos trabalhadores; eles preveem que as negociações entre forças desiguais favorecem a parte com mais poder (os patrões).

A reforma também regulamentou a terceirização do trabalho pelas empresas brasileiras, um dos pontos mais controversos, porque até então era proibida à **atividade-fim**. Depois da reforma, todos os serviços podem ser terceirizados, ainda que sejam a atividade principal da empresa.

A terceirização aprovada pela reforma não **exime** as empresas contratantes de fiscalizar e se responsabilizar pelo pagamento dos funcionários, caso as empresas contratadas não o façam. A terceirização é ainda considerada por muitos uma forma de facilitar a contratação de novos empregados – já que desburocratiza o processo – e, assim, ajudar a criar novos postos de trabalho no país.

Observe, no gráfico a seguir, a relação entre o tempo de duração entre funcionários contratados e terceirizados e reflita sobre a ausência de estabilidade financeira que a terceirização pode provocar na vida do trabalhador.

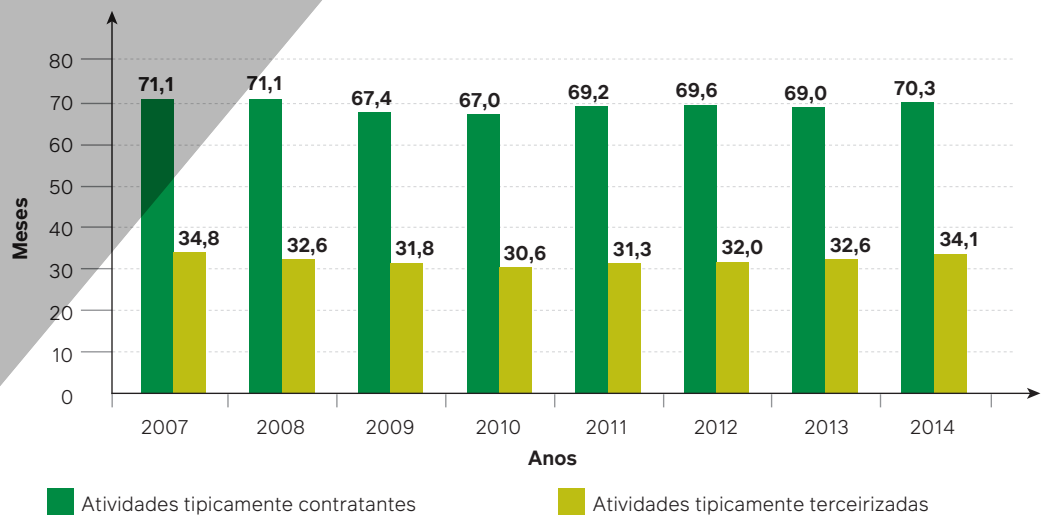
GLOSSÁRIO

Atividade-fim: atividade essencial de uma empresa, relacionada ao objetivo principal dos serviços que oferece.

Eximir: desobrigar; tornar isento; dispensar.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Brasil: tempo de duração dos vínculos empregatícios de trabalho – 2007-2014



Anderson de Assis

Fonte: CAMPOS, André Gambier (org.). *Terceirização do trabalho no Brasil*: novas e distintas perspectivas para o debate. Brasília: Ipea, 2018. p. 15.

1. Em linhas gerais, qual é a diferença entre o vínculo empregatício de trabalhadores que exercem atividades terceirizadas e os que exercem atividades contratantes?
2. De acordo com o que você estudou neste percurso, o que pode explicar a diferença de duração dos vínculos entre trabalhadores terceirizados e contratados?
3. Ainda de acordo com o que viu, você considera que as leis trabalhistas devem ser atualizadas após determinado intervalo de tempo? Por quê?

A tênue fronteira entre a terceirização e a escravidão contemporânea

Inúmeros acordos internacionais buscam melhorar o sistema de controle e a **coibição** ao trabalho escravo contemporâneo. Ainda em 1930, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) lançou a Convenção nº 29, definindo o trabalho forçado como

GLOSSÁRIO
Coibir: impedir; reprimir.

> todo trabalho ou serviço exigido de uma pessoa sob a ameaça de sanção e para o qual ela não se tenha oferecido espontaneamente.
>
> NORMAS internacionais sobre trabalho forçado. *In*: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Brasília, DF, [19--?]. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-escravo/WCMS_393063/lang--pt/index.htm. Acesso em: 21 maio 2020.

No Brasil é crime o ato de submeter alguém a condições análogas à de escravo (artigo 149 do Código Penal), o país é signatário dessa convenção e busca reforçar a cada década seus mecanismos internos de combate ao trabalho escravo contemporâneo.

Todavia, não raramente vemos na mídia notícias de trabalhadores libertados de condições de trabalho análogas à escravidão. No setor têxtil, sobretudo relacionado ao mercado da moda, há ainda locais de trabalho insalubres e condições extremamente precárias às quais são submetidos os trabalhadores. Apesar de prestarem serviço indiretamente para grandes redes multinacionais, esses trabalhadores não estão vinculados formalmente a elas, e o processo de responsabilização pelas condições de trabalho fica difícil de ser comprovado.

Observe na imagem a seguir um local que abrigava trabalhadores em condições análogas à escravidão descoberto pela Polícia Federal em Campinas (SP).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Apu Gomes/Folhapress

Oficina de tecelagem com trabalhadores imigrantes em situação análoga à escravidão. Campinas (SP), 2013.

Análise

Escravos da moda

Quando publicou *Tempos difíceis*, em 1854, o escritor britânico Charles Dickens utilizou a história de personagens como Blackpool para descrever as mudanças econômicas e sociais vividas pela Inglaterra do século 19, quando a criação da máquina a vapor aumentou a produção de mercadorias de modo exponencial.

Com a tecnologia veio uma nova relação econômica, fundamentada em uma troca: os operários cediam seu tempo e a força de trabalho enquanto os donos das fábricas ofereciam um salário pago mensalmente. Negociação que não era das mais justas, se contar o expediente de 14 horas por dia, o ambiente infestado pela fumaça do carvão que alimentava os teares mecânicos, o risco de morrer com a má operação da máquina e, claro, a baixa remuneração oferecida: uma ínfima parte dos ganhos do patrão.

O problema é que, mesmo após mais de 160 anos da publicação da obra, a história de Stephen Blackpool ainda não se tornou assunto restrito às discussões acadêmicas de literatura. Shima Akhter tinha 12 anos quando saiu de seu vilarejo para morar com uma tia em Daca, capital de Bangladesh, país localizado no Sudeste Asiático com população superior a 150 milhões de habitantes.

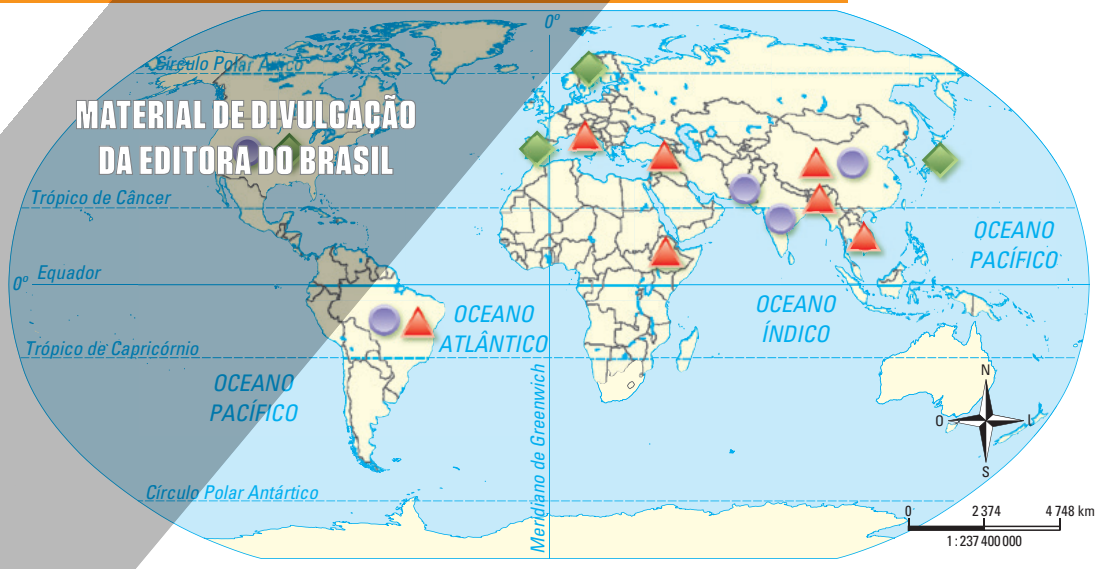
Ela era uma entre os 4 milhões de habitantes do país que trabalham na confecção de roupas para o mercado externo — de acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC), Bangladesh é o segundo maior exportador de vestuário do mundo, com um volume de US$ 28 bilhões em transações, e 85% da mão de obra é formada por mulheres. Com um salário inferior a US$ 3 por dia, Shima e outros colegas uniram-se para pedir melhores condições de trabalho e entregaram uma lista de propostas aos supervisores da fábrica.

A negociação entre trabalhadores e patrões não demorou muito a ser resolvida: os gerentes fecharam as portas da confecção, reuniram quase 40 pessoas e atacaram Shima e seus colegas utilizando cadeiras, pedaços de pau e tesouras. A história da trabalhadora de 23 anos foi relatada no documentário *True Cost*, dirigido pelo norte-americano Andrew Morgan.

TANJI, Thiago. Escravos da moda: os bastidores nada bonitos da indústria *fashion*. *Galileu*, São Paulo, 23 jun. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/escravos-da-moda-os-bastidores-nada-bonitos-da-industria-fashion.html. Acesso em: 16 maio 2020.

Os principais países que participam da cadeia produtiva da moda

Tarcísio Garbellini



Matéria-prima: Maiores produtores de algodão: Índia e China (Brasil em 5º lugar). Há casos de exploração de trabalho nas plantações.

Empresas de *fast fashion* e consumidores: Empresas responsáveis pela concepção das peças, sediadas nos países europeus, nos Estados Unidos e no Japão.

Terceirização e quarteirização: Confecções responsáveis pela produção das peças elaboradas pelas *fast fashion*. Para atender à demanda, repassam o trabalho para oficinas menores. Há casos de trabalho análogo à escravidão.

Fontes: ATLAS geográfico escolar. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 32; TANJI, Thiago. Escravos da moda: os bastidores nada bonitos da indústria *fashion*. *Galileu*, São Paulo, 23 jun. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/escravos-da-moda-os-bastidores-nada-bonitos-da-industria-fashion.html. Acesso em: 16 maio 2020.

1. Em sua opinião, por que mesmo após mais de um século da publicação do livro *Tempos difíceis*, de Charles Dickens, ainda são encontradas condições precárias de trabalho em alguns países do mundo? Componha seu argumento com elementos do texto, selecione as informações que considerar mais relevantes, associe-as com a temática proposta e levante suas hipóteses.
2. Observe os elementos do mapa e responda:
   a) Como se distribuem geograficamente pelo mundo as etapas de produção de uma roupa na cadeia produtiva das grandes empresas de *fast fashion*?
   b) Onde estão localizadas as empresas terceirizadas que prestam serviço às empresas de *fast fashion*? De acordo com o que você já estudou neste percurso, o que justifica essa localização?
   c) Converse com os colegas e mapeiem onde são fabricadas as peças de vestuário que vocês estão vestindo. Com a mediação do professor, a turma fará uma única lista na lousa dos países, na ordem dos que aparecem com maior frequência para os de menor frequência. Quais são os países mais frequentes? Há algum padrão na distribuição geográfica dos países dessa lista?

Trabalho infantil no Brasil e no mundo

Foi no século XVII que começou a se desenvolver na Europa a visão de que a vida infantil e a vida adulta são duas etapas diferenciadas. Nesse contexto, surgiu a ideia de que a criança precisa de cuidados e preparação para a vida adulta, o que aumentou a importância social da escola. No entanto, foi no final do século XIX e, sobretudo nas primeiras décadas do XX, que se intensificou a percepção de que a infância é uma etapa da vida com especificidades próprias e se diferencia do mundo dos adultos, o que levou, com o tempo, a uma nova postura das famílias e das instituições estatais a respeito do universo infantil.

Durante o século XX, diversos países do mundo começaram a pensar em políticas públicas e normas jurídicas voltadas a crianças e adolescentes. Em 1924, por exemplo, foi elaborada, em Genebra, a Declaração dos Direitos da Criança. No decorrer das décadas subsequentes, diversos outros acordos, convenções e declarações foram desenvolvidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em 1989, a Assembleia Geral da ONU aprovou a Convenção sobre os Direitos da Criança, e o Brasil ratificou esse acordo em 24 de setembro de 1990.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL


Lewis W. Hine Date/Corbis/Getty Images

Fábrica onde trabalhava um grupo de crianças com menos de dezesseis anos. Mississípi, Estados Unidos, 9 de maio de 1911.

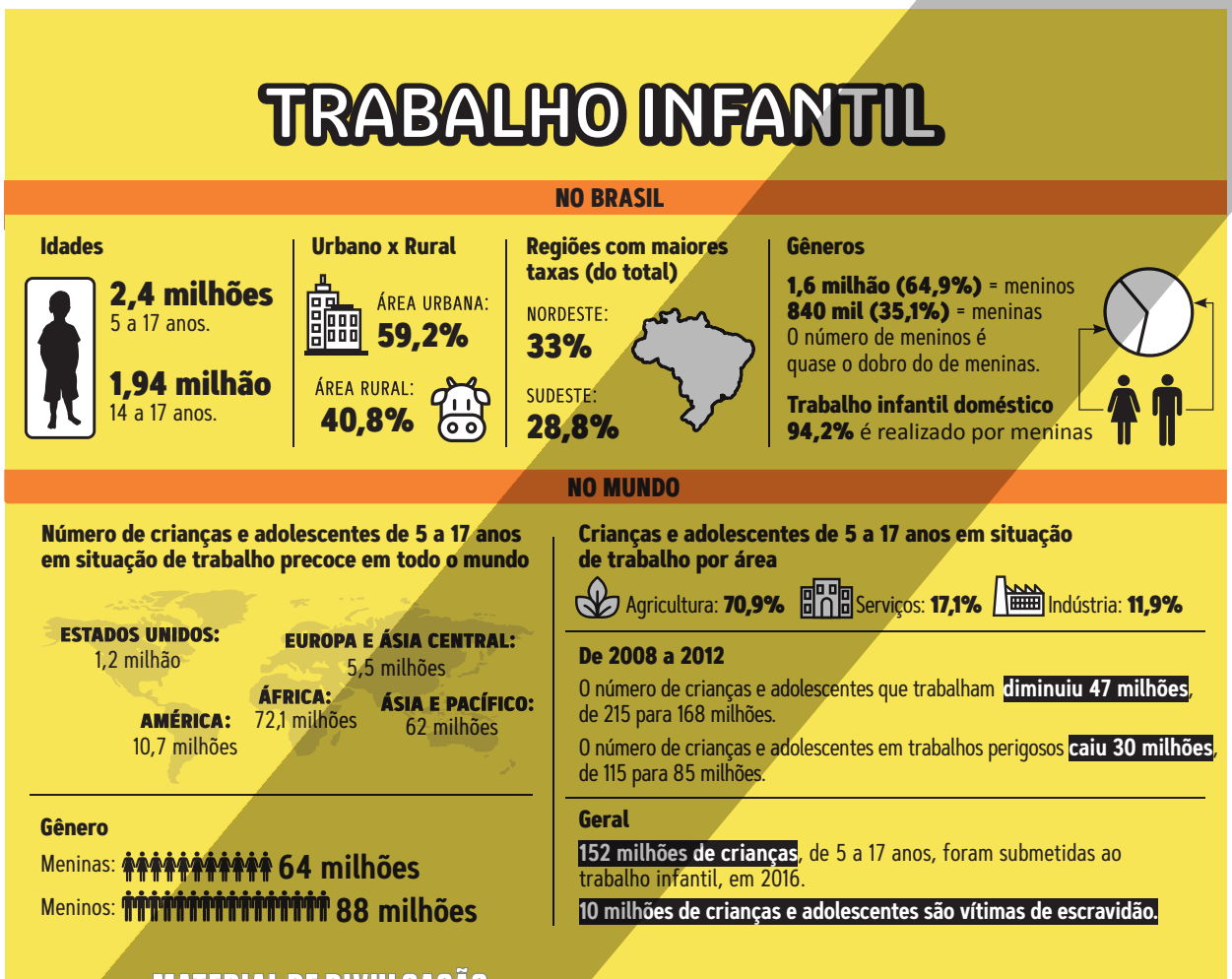
Em nosso país, os esforços de pensar no âmbito jurídico sobre o lugar social da criança e do adolescente resultaram na criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, em 1990. Tendo em vista a proteção integral da criança (de 0 a 12 anos) e do adolescente (de 12 a 18 anos), esse conjunto de leis visa garantir direitos básicos a essa parcela da população brasileira.

Em relação ao trabalho, o ECA e a atual Constituição brasileira proíbem qualquer forma de trabalho para menores de 14 anos. Entre 14 e 16 anos, o adolescente só pode ser contratado na condição de aprendiz; e, a partir dos 16, pode ser contratado normalmente, desde que sejam respeitadas condições de horário, segurança e salubridade do trabalho.

A **Unicef**, criada em 1946, é um órgão permanente da ONU que tem o objetivo de pensar em ações, em escala global, que atendam às necessidades básicas de crianças e adolescentes.

Análise

Trabalho infantil



Cristiane Viana

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: ESTATÍSTICAS: trabalho infantil no Brasil e no mundo. *In*: REDE PETECA: CHEGA DE TRABALHO INFANTIL. [*S. l.*], 0[illegible]. Disponível em: www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/trabalho-infantil/estatisticas/. Acesso em: 15 maio 2020.

1. No Brasil, qual é a diferença de número e tipo de trabalho infantil entre meninos e meninas? Em sua opinião, a que se devem essas diferenças?
2. Você já teve de trabalhar em algum momento da vida? Conhece alguma criança que trabalha atualmente? Relate suas experiências pessoais sobre o assunto.
3. Elabore uma pesquisa sobre o trabalho infantil no Brasil e no mundo e, com base nos dados do infográfico e levantados pela pesquisa, redija um texto dissertativo sobre as necessidades e os desafios de enfrentar o trabalho infantil. Considere o roteiro a seguir, que será útil para a organização de sua escrita.
   - Antes de iniciar a pesquisa, elabore questões para guiá-la, como: Quais são os esforços internacionais no combate ao trabalho infantil? O que são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e o que afirmam sobre o combate ao trabalho infantil?
   - Levante hipóteses que expliquem o uso de mão de obra infantil no Brasil e no mundo.
   - Liste os principais problemas sociais e econômicos decorrentes do trabalho infantil.
   - Analise os dados do trabalho infantil no mundo. O que os números mostram sobre a situação do trabalho infantil nos diferentes territórios destacados e quais podem ser as estratégias dos governos locais para enfrentar o problema?

Vozes

Nascido em 1983 no Paquistão, Iqbal Masih foi entregue a uma família de agiotas, quando tinha apenas 4 anos de idade, para trabalhar em uma tecelagem e quitar a dívida que seu pai havia contraído. Ele exerceu trabalho em condições degradantes, análogas à escravidão, por alguns anos, até conseguir fugir. Apoiado por adultos que militavam contra o trabalho infantil e escravo, passou a atuar como ativista da causa, compartilhou sua história e ajudou milhares de crianças pelo mundo. Masih recebeu prêmios de reconhecimento internacional por sua luta, mas com 12 anos foi assassinado em seu país natal enquanto andava de bicicleta. As razões do assassinato ainda não foram totalmente elucidadas.

Atualmente, Iqbal Masih é um símbolo na luta contra o trabalho infantil. O ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 2014, Kaliash Satyarhi, homenageou Iqbal em seu discurso oficial e dedicou a ele e a outros mártires o prêmio recebido.



BLLF/John van Hasselt/Sygma/Getty Images

Iqbal Masih, 1995.

Trabalho na era dos aplicativos: superexploração ou empreendedorismo?

Sabemos que uma das características do estágio atual do desenvolvimento tecnológico são as tecnologias da informação no dia a dia. A cobertura do sinal de satélite, a rede de conexão *wi-fi* e a telefonia móvel (3G, 4G, 4G+ e 5G), aliadas ao avanço da produção e comercialização de aparelhos, criam condições favoráveis para a disseminação maciça de *smartphones* e o surgimento de inúmeros aplicativos com diversas finalidades.

Os sistemas de localização por satélite são a base para o funcionamento de muitos aplicativos. Mesmo quando não estão funcionando em primeiro plano, o aparelho que usamos envia nossa localização, e os próprios aplicativos organizam as informações e os serviços oferecidos na região.



Maxx-Studio/Shutterstock.com

Muitos aplicativos utilizam geolocalização em suas funções.

Esses aplicativos alteraram significativamente a forma como nos relacionamos. Hábitos antigos estão sendo readequados à nova realidade. Novas formas de mobilidade urbana, investimento no mercado financeiro, aluguel de imóveis, compra de diversas mercadorias e outras tantas mudanças estão ocorrendo. O mundo do trabalho também sofre os impactos dessa disseminação, como veremos a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os trabalhadores de aplicativos, principalmente os relacionados ao transporte urbano e à entrega de mercadorias, são encontrados cada vez em maior número nas grandes cidades brasileiras. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019 quase 4 milhões de pessoas declararam que sua principal fonte de renda vem do trabalho com serviço de aplicativos.

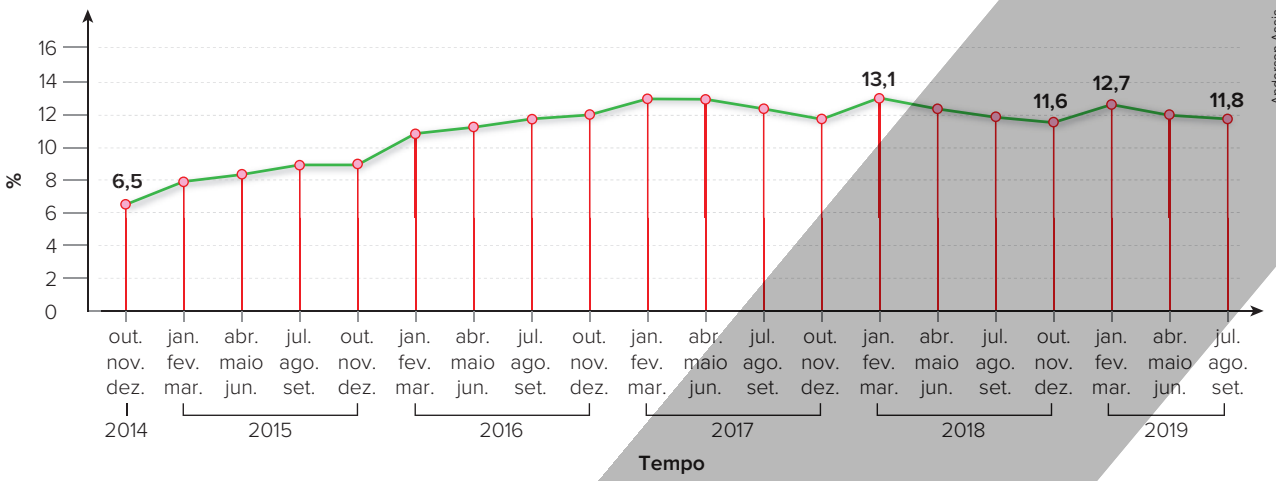
O aumento no número de pessoas que utilizam os aplicativos como fonte principal ou secundária de renda é um reflexo do aumento do desemprego no país e do número de pessoas que passaram a recorrer a trabalhos informais para compor a renda.

Observe no gráfico da próxima página a elevação na taxa de desemprego no Brasil desde 2014. O índice mais que dobrou no intervalo curto de três anos. O aumento do desemprego é resultado direto da crise econômica e do recuo do PIB – Produto Interno Bruto – desde 2014, o que gerou recessão econômica e consequente redução de atividades que geram emprego. As causas dessa crise econômica são muito discutidas entre os especialistas e incluem fatores internos (crise política e condução da política econômica) e externos (crise econômica mundial, queda no processo de ***commodities*** e guerras comerciais). As consequências do desemprego afetam diretamente milhões de trabalhadores que, sem renda e sem garantia de emprego em curto tempo, passam a procurar alternativas no trabalho informal para sobreviver.

GLOSSÁRIO

***Commodities*:** são matérias-primas básicas como milho, dólar, boi, café, petróleo, ouro e outras. A principal característica da matéria-prima é ser pouco processada e utilizada na produção de produtos de maior valor agregado.

Brasil: taxa de desocupação – 2014-2019



Anderson Assis

Curva de desemprego no Brasil. É possível notar o aumento na porcentagem de pessoas desempregadas desde 2014.

Fonte: PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 11,2% e taxa de subutilização é 23,3% no trimestre encerrado em novembro de 2019. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 27 dez. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26470-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-11-2-e-taxa-de-subutilizacao-e-23-3-no-trimestre-encerrado-em-novembro-de-2019. Acesso em: 15 maio 2020.

Os trabalhadores de aplicativos, na sua maioria, não têm vínculo direto com a empresa, eles se tornam prestadores de serviço da plataforma e são considerados autônomos. Gozando de relativa liberdade – podem aceitar ou recusar serviços, organizar o próprio tempo de trabalho e rotina e aumentar a renda com outras atividades –, muitos trabalhadores optam pela prestação de serviço por aplicativo.

Há um discurso na atualidade que valoriza o empreendedorismo individual como forma de alcançar objetivos na vida. A lógica do "empresário de si mesmo" é encampada por muitos que têm o desejo de trabalhar sem chefe, e as pessoas são incentivadas a tentar a vida nessas plataformas digitais.

A legislação trabalhista brasileira, entretanto, não diferencia o trabalho com aplicativos dos demais serviços autônomos; portanto, ainda não há normatização e regulamentação para esses serviços. Lembre-se de que eles foram organizados com base em uma realidade específica que é imposta aos trabalhadores.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Drew Angerer/Getty Images

Trabalhadores de empresas de transporte por aplicativo organizaram, em 2019, uma greve mundial em busca de melhores condições de remuneração e de trabalho. Nova York, EUA, 2019.

De modo geral, o trabalhador de aplicativo enfrenta longas jornadas de trabalho diária, não tem direitos trabalhistas e arca com os riscos da profissão. A organização política desses trabalhadores também fica esvaziada, uma vez que a categoria não é representada por sindicatos e, praticamente, não há um patrão a quem possam reivindicar direitos.

Análise

Trabalho por conta

TRABALHO POR CONTA

Levantamento aponta o perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo

Fábio Luiz

SEM TRABALHO

Jovens entre 18 e 27 anos desempregados no Brasil

2012 — **13,8%**

2019 (junho) — **22,5%**

10,5
pontos porcentuais
maior do que a população economicamente ativa no Brasil entre todas as idades

R$ 936
é o salário médio mensal dos entregadores de bicicleta



PERFIL DOS ENTREGADORES

75%
têm até 27 anos e trabalham de 12 horas [illegible]

59%
começaram a fazer entregas porque [illegible] desempregados

57%
trabalham os sete dias da semana

86%
dizem que a entrega com bicicleta é a sua única fonte de renda

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: JAKITAS, Renato. 12h por dia, 7 dias por semana, R$ 936: como é pedalar fazendo entregas por aplicativo. *Estadão*, São Paulo, 15 set. 2019. Disponível em: https://www.estadao.com.br/infograficos/economia,12h-por-dia-7-dias-por-semana-r-936-como-e-pedalar-fazendo-entregas-por-aplicativo,1034668. Acesso em: 15 maio 2020.

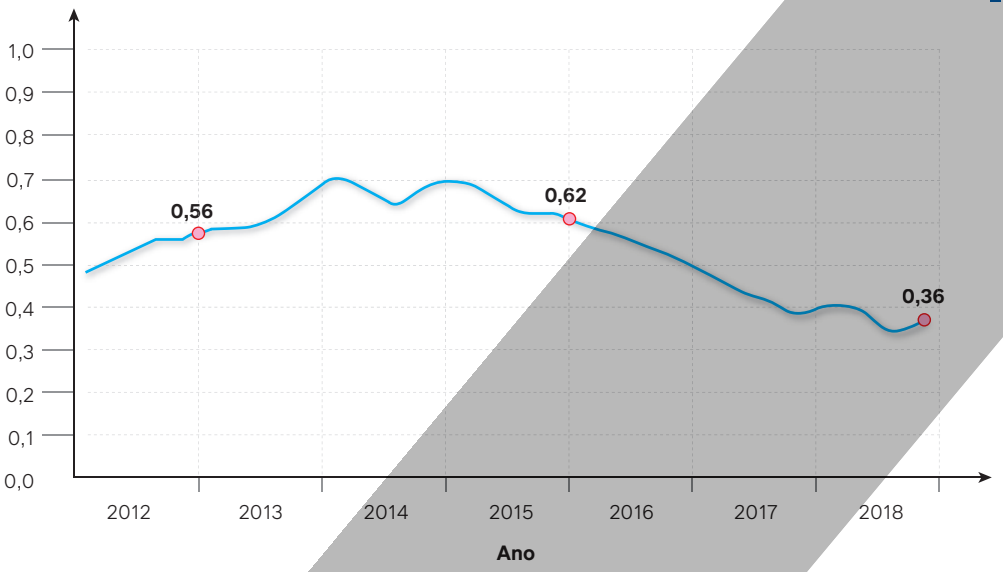
Com base nos dados do infográfico e nas discussões apresentadas neste percurso, responda às questões.

1. Em sua opinião, por que os jovens de até 27 anos são maioria no montante dos entregadores em domicílio por aplicativos?
2. Podemos dizer que o vínculo da maior parte dos entregadores é esporádico ou permanente? Justifique.
3. Em sua opinião, quais são os pontos positivos e negativos na rotina de trabalho dos entregadores de aplicativo?

Embora o trabalho com aplicativos seja importante para tirar do desemprego milhões de pessoas no Brasil e no mundo, tem chamado a atenção para inúmeros aspectos relacionados à condição do trabalhador.

O Índice da Condição do Trabalho (ICT), formulado com base nos dados da Pnad domiciliar, examina dimensões do mercado de trabalho sistematizadas em um índice que varia de 0 a 1. Quanto mais perto de zero, piores são as condições de trabalho. Observe um gráfico do ITC entre 2012 e 2018.

Brasil: Índice da Condição do Trabalho – 2012-2018



Anderson Assis

Fonte: ÍNDICE da Condição do Trabalho. *In*: DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. São Paulo, [2019?]. Disponível em: https://www.dieese.org.br/analiseict/2019/apresentacaoPowerPoint.html. Acesso em: 15 maio 2020.

1. Com base nos dados do gráfico, o que podemos dizer sobre a tendência da precarização do trabalho no Brasil durante a última década? Justifique sua afirmação.
2. Você percebeu, do que estudou até aqui, que há uma relação direta entre desemprego e precarização do trabalho.
   a) O gráfico acima confirma ou refuta essa relação? Explique.
   b) Elabore uma hipótese para explicá-la.

Análise

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio

[...] São trabalhadores que seguem o que na Inglaterra se chama "o contrato de zero hora" ("*zero-hour contract*" em inglês; ou os "recibos verdes" em Portugal; ou o que existiu na Itália até 2017: o trabalho pago por *voucher*). São modalidades de trabalho intermitente, em que os trabalhadores são chamados a trabalhar, e só recebem por aquelas horas que trabalham. O tempo que eles ficam esperando, eles não trabalham.

Os direitos desaparecem, porque se desvanece a figura do trabalhador ou da trabalhadora, e se faz aflorar a falsa ideia de um empreendedor, de um **PJ**, de um trabalhador que é dono do seu instrumental de trabalho, e isso faz com que a degradação da vida no trabalho no capitalismo do nosso tempo chegue a um patamar que se assemelha, em plena era informacional-digital, à era da Revolução Industrial.

É por isso que eu digo no meu livro que nós estamos vivendo uma era de escravidão digital. O mundo maquínico informacional-digital, ao invés de trazer a redução do tempo de trabalho, as melhores condições de trabalho, mais tempo de vida fora do trabalho, menos penúria no trabalho, tem sido o oposto.

Por quê? Isso é muito importante: porque se trata de uma tecnologia que não tem valores humanos ou societais. O mundo informacional do nosso tempo, do qual a indústria 4.0 é o seu pretenso ápice, não tem um sentido humano ou societal, e sim um sentido de valorizar, ampliar a riqueza das grandes corporações.

GLOSSÁRIO

PJ: abreviação de pessoa jurídica. O termo se refere ao registro de pessoas ou empresas com finalidade de prestação de serviços ou venda de produtos. Uma pessoa jurídica é, portanto, uma entidade reconhecida no estado em que está registrada e tem direitos e deveres garantidos pela legislação brasileira.

O resultado disso é que nós temos uma heterogeneidade muito grande do trabalho, mas com um traço em comum: a homogeneização que caracteriza esse mosaico de trabalhos distintos, que é a tendência à precarização. Esse vai ser, digamos assim, o ponto mais importante nas lutas do nosso tempo.

ANTUNES, Ricardo. "Uberização" do trabalho: caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio. [Entrevista cedida a] *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 3 ago. 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591102-uberizacao-nos-leva-para-a-servidao-diz-pesquisador. Acesso em: 16 maio 2020.

Após a leitura do texto, observe as duas imagens. A fotografia e a charge expressam visões sobre o trabalho contemporâneo.



Tiago Queiroz/Estadão Conteúdo



Toni

Ciclistas que trabalham com entregas por aplicativo improvisam um descanso. São Paulo (SP), 2019.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Quais são os argumentos apresentados no texto para afirmar que vivenciamos um processo de precarização do trabalho nos dias atuais?
2. Que profissão as duas imagens retratam? O que levou você a afirmar isso?
3. Qual é a crítica feita na charge?
4. Observe a composição dos elementos na fotografia. Que contradição é possível perceber entre a disposição da escultura e a dos trabalhadores?
5. De acordo com os elementos das imagens, quais as vantagens e desvantagens de se trabalhar com aplicativos?

"Lar, doce firma"

Outra marca importante do trabalho no meio técnico-científico-informacional é a flexibilização. Muitas empresas têm permitido que parte do trabalho antes exercido em suas instalações seja feita na casa dos próprios funcionários, sistema de flexibilização denominado *home office*.

Esse método de trabalho abre espaço para uma relação contraditória entre emprego e residência, entre liberdade e controle. A ideia de que é possível exercer funções de casa, sem precisar se deslocar até o local de trabalho, parece gratificante para muitas pessoas. Por outro lado, a mistura do ambiente doméstico com o laboral e o controle do trabalho a distância dão margem para uma discussão sobre prós e contras dessa modalidade de trabalho.

Prós e contras do *home office*	
Prós	**Contras**
• proximidade da família • mais independência • redução do estresse decorrente do trânsito • alimentação mais saudável • incorporação da família à atividade	• perda da privacidade • possibilidade de excesso de carga de trabalho • indefinição de horários de trabalho e lazer, se não houver planejamento e disciplina • tendência ao isolamento social • interferência dos assuntos domésticos nos assuntos profissionais

Fonte: CONFIRA as vantagens e desvantagens do *home office*. *In*: SEBRAE. Brasília, [201-?]. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/vantagens-e-desvantagens-do-home-office,78f89e665b182410VgnVCM100000b272010aRCRD. Acesso em: 16 maio 2020.

Como visto, os argumentos são variados e há questões específicas em cada caso. O que a tabela chama de "contras" não é, necessariamente, considerado assim por todos. Além disso, o tipo de atividade praticada interfere na percepção de vantagens e desvantagens do *home office*.

Quais argumentos lhe parecem mais pertinentes? Se pudesse escolher, você optaria pelo trabalho presencial ou pelo *home office*?

Já vimos nesta unidade que a responsabilidade do trabalho doméstico recai mais sobre as mulheres, aumentando a carga mental e física sobre essa parcela da sociedade. Volte à charge de abertura desta unidade: parte das demandas que chegam à trabalhadora se refere a atividades domésticas (o cuidado com os filhos, com a limpeza e zelo da casa, com o preparo da comida da família, entre outras). Desse modo, o *home office* pode ser ainda mais desafiador para as mulheres, porque pouca distinção é feita entre local de trabalho e residência, contribuindo para uma sensação de sobrecarga e estresse.

Análise

Home office como alternativa

Home office deve crescer 30% no país após coronavírus, diz professor da FGV

A pandemia do novo coronavírus deve fazer com que o trabalho remoto, o chamado *home office*, cresça 30% após o período de estabilização dos casos e retomada das atividades, segundo estudo do professor da FGV (Fundação Getulio Vargas), Hélio Miceli.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Segundo ele, a adoção total do *home office* por diversas empresas como medida para reduzir o contágio do coronavírus deve provocar uma mudança nas culturas organizacionais. Para ele, a modalidade é um caminho sem volta.

"O *home office* já se mostrou efetivo. Aliado a isso, você tira carros da rua, desafoga o transporte público, mobiliza a economia de outra forma. E você faz com que as pessoas tenham mais tempo para cuidar da saúde delas e que elas possam usufruir de coisas que lhe dão prazer sem que você tenha uma redução das entregas e do faturamento", afirmou. [...]

"A adoção de medidas ágeis também permite uma resposta mais rápida aos novos desafios do dia a dia. O processo de análise, reorganização e tomada de decisão precisa acompanhar o ritmo das mudanças".

HOME OFFICE deve crescer 30% no país após coronavírus, diz professor da FGV. *In*: GRUPO UOL. *Uol Economia*, São Paulo, 6 abr. 2020. Disponível em: https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2020/04/06/home-office-coronavirus.htm. Acesso em: 14 maio 2020.

1. Segundo o texto, por que houve aumento do *home office* em abril de 2020?
2. O texto apresenta argumentos favoráveis ou contrários à eficácia do *home office*? Liste os argumentos dados.
3. Você se lembra do período em que as pessoas ficaram em isolamento social por causa da pandemia do coronavírus? O trabalho a distância ocorreu ou aumentou em sua família? Faça um relato das mudanças em relação ao trabalho naquele período.

O trabalho rural e o meio técnico-científico-informacional

As alterações técnicas que transformam o espaço geográfico, a relação entre as pessoas e, por consequência, o mundo do trabalho nas cidades também causam impacto significativo no campo e nas relações de trabalho nesse espaço.

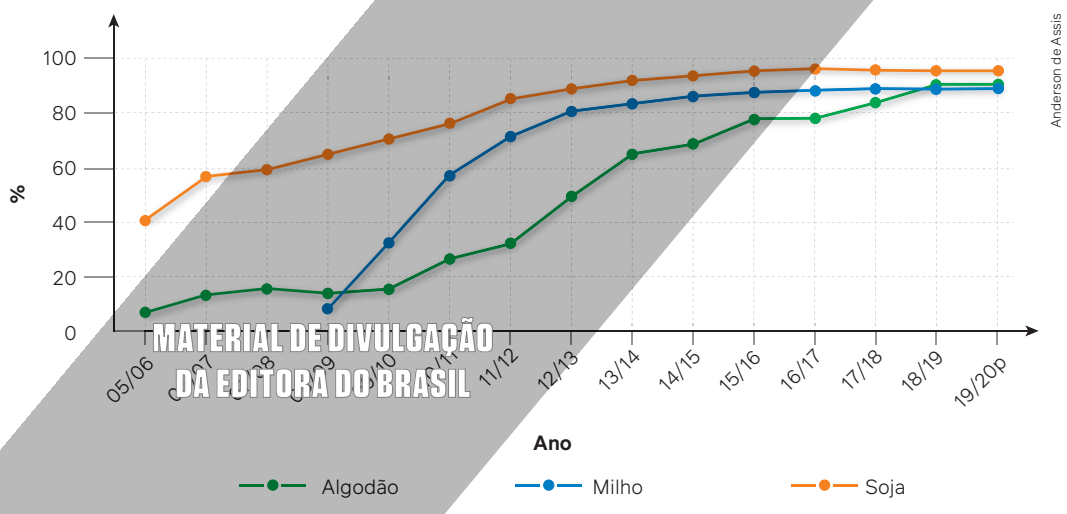
O desenvolvimento científico e tecnológico traz para o espaço rural uma quantidade cada vez maior de insumos e maquinários que modernizam a forma de produção e comercialização, tornando o campo cada vez mais conectado ao mercado global e extremamente produtivo em diversos países do mundo.

Biotecnologia e agricultura

A biotecnologia tem atuado no aprimoramento de características de animais e vegetais, resultando no aumento da produtividade. Práticas milenares de seleção de sementes, enxertos e criação de insumos tornam-se cada vez mais especializadas e modernas.

Por outro lado, o avanço da biotecnologia tem esbarrado em questões éticas e legais no Brasil e no mundo. A produção de organismos geneticamente modificados, popularmente conhecidos como transgênicos, ainda é motivo de bastante discussão na sociedade e no meio científico, em razão dos riscos desses alimentos à saúde humana e ao meio ambiente.

Brasil: adoção de biotecnologia por cultura



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

p = projeção

Fonte: INFORMATIVO de Biotecnologia Céleres. *In*: CÉLERES. Uberlândia, nov. 2019. Disponível em: http://www.celeres.com.br/wp-content/uploads/2019/11/BoletimBiotecnologiaCéleres_Novembro2019-2.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

O gráfico mostra que o investimento em biotecnologia é cada vez maior nas principais culturas de exportação brasileiras. A partir de 2003 houve um salto na adoção de biotecnologia. Foi justamente nesse ano que o governo brasileiro iniciou uma série de esforços para aprovação de medidas provisórias e projetos de lei que liberassem a comercialização de produtos geneticamente modificados. Em 2020, foi aprovada uma Medida Provisória (MP) autorizando o plantio transgênico da soja. A medida provocou polêmica no próprio governo e desgaste com as instituições ambientalistas. Na última década, o avanço científico e tecnológico no campo aprimorou técnicas de modificação genética, forçando o governo a rever e atualizar o conjunto de leis que regularizam lavouras desse tipo. Atualmente, mais de 90% de nossa produção de soja é transgênica.

Prática de pesquisa

Alimentos transgênicos: investigando em casa

Você sabia que a tecnologia pode modificar como nos relacionamos com a comida e com os processos de alimentação?

Pense na alimentação desde que os primeiros seres humanos iniciaram a agricultura e a domesticação dos animais. Mais tarde, com o uso da energia mecânica, foi possível conservar alimentos na geladeira. Podemos pensar em sociedades que reinventam sua prática alimentar, criando modos de viver?

Atualmente, é comum comer frutas, legumes e verduras fora de estação ou de outras regiões.

Nessa perspectiva, torna-se difícil conhecer a cadeia produtiva pela qual os alimentos passam. Até mesmo grãos, frutas e verduras, que parecem vir direto da natureza para a mesa, podem ser resultado de uma complexa teia de relações envolvendo tecnologia genética, gestão produtiva e valorização de interesses econômicos, que, por meio de alteração e miscigenação de DNAs, são transformados em espécies completamente novas, resultando muitas vezes no empobrecimento de seus nutrientes, além de impactos na saúde de quem os consome.

Neste projeto, você investigará o processo de alimentação de sua casa usando uma receita de família. Procure compreender quais alimentos para o preparo dela são transgênicos ou estão relacionados com a tecnologia transgênica e descubra quais informações sua família tem sobre esses alimentos.

Junte-se!

Junte-se a três colegas e cada integrante deverá selecionar uma receita para investigar. Pensem em alimentos que fazem parte da vida familiar de vocês e tentem discriminar numa lista todos os ingredientes, montando uma tabela.

Essas receitas serão o texto-base para o desenvolvimento do questionário. Vocês podem fazer uma pesquisa breve sobre os aspectos culturais de cada receita e se aprofundar nos alimentos que a compõem.

Desenvolva, investigue!

Em seguida, preparem uma entrevista para aplicar à pessoa que costuma preparar a receita selecionada. Abordem as seguintes questões:

- qual é a percepção dela sobre a origem dos alimentos consumidos pela família;
- quais alimentos resultam da tecnologia transgênica ou envolvem essa tecnologia (suínos, bovinos e aves, por exemplo, são alimentados com grãos transgênicos, e o consumo da carne desses animais está relacionado às grandes plantações de soja e milho);
- o que ela sabe sobre os alimentos transgênicos e as consequências de seu consumo para a saúde e a economia;
- qual é a opinião dela sobre a informação constar nos rótulos de alimentos transgênicos para o consumidor saber o que está comprando.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao fazer a entrevista, observem outros aspectos da relação entre o entrevistado e a receita:

- De onde vem a receita?
- É uma tradição familiar ou de alguma região específica?

Aproveite para ampliar sua compreensão sobre a relação entre a pessoa e o alimento.

Analise, compartilhe!

Como cada família avalia essa importante questão dos transgênicos? Comparem os resultados das entrevistas de acordo com os seguintes parâmetros: uso de alimentos transgênicos (alto, médio ou baixo), conhecimento sobre tecnologia transgênica (alta, média ou baixa), opinião favorável ou desfavorável à rotulação de alimentos transgênicos.

Preparem uma apresentação para a turma com as conclusões do grupo. Mostrem como foi o processo desde a elaboração das perguntas, passando pelas respostas dos entrevistados e chegando às conclusões possíveis com base nelas, ou seja, como a entrevista possibilitou a vocês um entendimento melhor sobre a presença de transgênico na alimentação.

Transformações no trabalho rural

Com tanto investimento em pesquisa e tecnologia no campo, as relações de trabalho também se alteram significativamente. A qualificação da mão de obra tem sido uma das marcas do meio rural neste século. Contratação de serviços de consultoria, pesquisa e assessoria expandem a área de atuação do trabalhador rural. Por outro lado, a mecanização da produção e a otimização dos custos com mão de obra e logística têm empregado cada vez menos gente no setor primário brasileiro.

As unidades de produção agrícola também vêm se modernizando. A nova configuração da propriedade produtiva rural, os serviços prestados e as relações de trabalho que se desenvolvem nela caracterizam o agronegócio ou agroindústria. Entretanto, a realidade no campo brasileiro é complexa e diversa. A agricultura familiar, em pequenas propriedades e com predomínio de relações de trabalho domésticas, é também muito comum, e supre o mercado de produção de alimentos para consumo interno, o que não é feito pelos grandes conglomerados agroindustriais.

Segundo o Censo agropecuário de 2017 do IBGE, 77% dos estabelecimentos rurais brasileiros são considerados de agricultura familiar. Mesmo nessas propriedades observam-se a incorporação de novas tecnologias, a modernização da produção e sua inserção no mercado agroindustrial, dividindo com grandes propriedades uma parcela importante do mercado.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

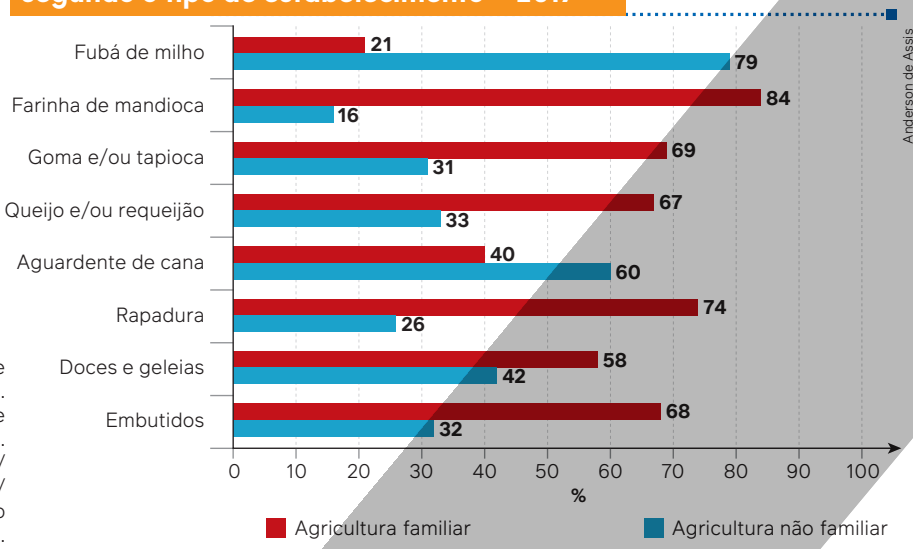
Colheita de soja. Primavera do Leste (MT), 2020.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens



Plantação de hortaliças em agricultura familiar. Venda Nova do Imigrante (ES), 2017. A forma de organização do espaço rural brasileiro é bastante diversa. Agricultura familiar e grandes propriedades agroindustriais produzem alimentos para consumo interno e para exportação. A modernização da produção no campo brasileiro é uma tendência observada em ambas.

Brasil: produção total de agroindústria rural segundo o tipo de estabelecimento – 2017



Fonte: IBGE. Banco de tabelas estatísticas. *In*: IBGE. *Sidra*, Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil. Acesso em: 15 maio 2020.



Thomaz Vita Neto/Pulsar Imagens

O setor agropecuário movimenta bilhões de reais e é responsável por mais de 20% do PIB brasileiro. Em 2019, por exemplo, o Brasil exportou mais de 115 milhões de toneladas de soja, gerando uma renda de R$ 140 bilhões.

O desenvolvimento de aplicativos para *smartphones* voltados ao trabalho no campo também tem avançado nas últimas décadas. Há aplicativos que informam aos produtores as condições meteorológicas, compartilham dados sobre pragas e doenças comuns nas lavouras, auxiliam na gestão do negócio e até mesmo fazem simulações para o produtor adequar sua propriedade ao Novo Código Florestal.

Por meio de um recurso *on-line*, o produtor agrícola acessa boletins climáticos, tipos de tratamento fitossanitários, condições de manejo de solo, entre tantos outros serviços de apoio. Buritama (SP), 2019.

Análise

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Tecnologia no campo

Assentados oferecem alimentos orgânicos por meio de aplicativo de celular

Consumir produtos orgânicos está cada vez mais fácil para a população da região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Isto porque, com preço justo para quem produz e acessível para quem consome, famílias assentadas na Reforma Agrária que fazem feiras ecológicas agora oferecem alimentos produzidos sem o uso de agrotóxicos por meio do JuntaPedido, um aplicativo criado pela empresa gaúcha Sapiens I Tecnologia. O objetivo principal é facilitar o acesso dos consumidores urbanos aos alimentos saudáveis, por meio da ampliação dos espaços de comercialização. JuntaPedido permite que os feirantes configurem as suas contas para que clientes próximos dos locais das feiras possam visualizar e encomendar os produtos. As entregas são feitas nos endereços cadastrados pelos clientes, que podem ser o local de trabalho ou da própria casa. O raio de abrangência de entregas é definido por cada feirante, variando de 250 metros até 2 000 metros do ponto da feira. Até o momento, cerca de 35 famílias assentadas entregam alimentos em diferentes áreas de Porto Alegre, Viamão, Nova Santa Rita, Eldorado do Sul e Canoas.

MEDEIROS, Catiana de. JuntaPedido: assentados oferecem alimentos orgânicos por meio de aplicativo de celular. *In*: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. [*S. l.*], 7 jun. 2017. Disponível em: https://mst.org.br/2017/06/07/juntapedido-assentados-oferecem-alimentos-organicos-por-meio-de-aplicativo-de-celular/. Acesso em: 16 maio 2020.

1. Quem são os produtores rurais mencionados nessa reportagem?
2. De que modo as tecnologias de comunicação e informação ajudam no trabalho dos agricultores?
3. Forme um grupo com alguns colegas e pesquisem, juntos, o que é **agroecologia**. Escrevam uma definição dessa atividade e listem suas características principais, sobretudo as que a diferenciam da agricultura convencional.

Trabalhar para viver?

Nesta unidade, você entrou em contato com várias particularidades que marcam o mundo do trabalho e suas relações tanto no passado quanto na atual realidade urbana e rural. As transformações relacionadas ao trabalho fazem parte das mudanças socioeconômicas e culturais e estão associadas às dinâmicas da própria sociedade. Vimos que esse aspecto é evidente na trajetória de lutas e conquistas das mulheres para serem inseridas nesse universo e dele participarem, e que disparidades permanecem, como o tempo maior dedicado pelas mulheres às tarefas domésticas e à economia dos cuidados, se comparado ao tempo empregado pelos homens para tais atividades, e a questão salarial: os homens ainda recebem mais do que as mulheres no exercício das mesmas funções.

Em nosso estudo, também pudemos perceber que, embora nas últimas décadas tenham emergido novos cenários nas relações de trabalho – decorrentes, em grande medida, do constante e crescente processo de inovação tecnológica aplicado às atividades produtivas –, ainda permanecem situações que contrariam o artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Afinal, há trabalhadoras e trabalhadores que não se beneficiam de condições justas e favoráveis de trabalho e, em nossa sociedade, o recorte de gênero e etnia agrava tais desigualdades.

Nesse sentido, observamos que leis e regulamentações para estabelecer direitos trabalhistas e definir parâmetros para as relações de trabalho, incorporando reivindicações por melhores condições de trabalho feitas pela *classe-que-vive-do-trabalho*, são necessárias. No entanto, apenas elas não são suficientes, uma vez que no Brasil há leis que proíbem o trabalho análogo à escravidão, mas em determinados contextos ele ocorre. De maneira semelhante, o país ainda não erradicou o trabalho infantil, mesmo havendo legislação protetiva ao emprego de menores de 14 anos como mão de obra.

A sociedade brasileira atual é marcada pelo capitalismo e, como tal, sabemos que trabalhar para viver não é uma escolha pessoal: para a maioria da população, o trabalho é o único meio de sobrevivência. Em suma, o panorama ora apresentado indica-nos muitos desafios ligados ao mundo do trabalho e, provavelmente, inúmeras questões levantadas nos percursos desta unidade se conectam, direta ou indiretamente, com sua vida. Você pensou sobre isso? Que transformações você quer ajudar a construir no mundo do trabalho?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

#Ficaadica

A uberização do trabalho, de vários diretores (60 min). Filme sobre o trabalho mediado por aplicativos e plataformas digitais e os problemas decorrentes em diversos países do mundo.

Crianças invisíveis, de vários diretores (124 min). Em episódios diferentes, crianças de várias partes do mundo e em diversas situações sociais são retratadas em tramas que envolvem conflito, drama e esperança.

Estou me guardando para quando o Carnaval chegar, de Marcelo Gomes (75 min). Documentário que mostra a dinâmica dos trabalhadores da indústria têxtil em uma cidade do agreste pernambucano, onde as relações de trabalho não estão baseadas na CLT e grande parte da população local defende o modelo.

Eu, Daniel Blake, de Ken Loach (100 min). Conta a saga de um homem de 59 anos para ser reinserido no mercado de trabalho após afastamento médico e a dificuldade para lidar com a burocracia estatal inglesa.

Quanto vale ou é por quilo?, de Sérgio Bianchi (110 min). O filme faz um paralelo entre a condição da escravidão no tempo colonial e a atual exploração da miséria por ONGs no Brasil.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Observe a imagem com atenção.

A gravura representa uma manifestação de trabalhadores que acabou em tiroteio com a polícia local, deixando centenas de feridos e um manifestante morto, ocorrida no dia 4 de maio de 1886, na Praça Haymarket, em Chicago, nos Estados Unidos. Essa manifestação ficou conhecida como Revolta de Haymarket.

A pauta principal das manifestações, iniciadas em 1º de maio, era a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias. O *slogan* entoado pelas centenas de milhares de trabalhadores em diversas cidades estadunidenses era *eight-hour day with no cut in pay* ("diária de oito horas sem redução no pagamento"). Os trabalhadores organizaram piquetes e paralisações. A reação da classe patronal foi rápida e agressiva.



North Wind Picture Archives/Alamy/Fotoarena

Ilustração publicada no periódico *Harper's Weekly* que descreve o motim anarquista (Haymarket) em 4 de maio de 1886, em Chicago, nos Estados Unidos. Gravura em madeira colorida.

Com prisões e mortes de manifestantes e os sindicatos ocupados pela polícia, o movimento foi controlado e os líderes foram presos. Mais de um ano depois do início das manifestações, quatro trabalhadores foram condenados à morte.

Mesmo com a posterior violentamente sufocada, essa revolta é considerada um marco na luta dos trabalhadores de diversos lugares do mundo, por isso no dia 1º de maio (dia de início dos protestos) é comemorado o Dia Internacional do Trabalhador.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Com base nos elementos desse texto e do que estudou na unidade, responda às questões.

a) Você considera justa a principal reivindicação dos manifestantes no contexto do final do século XIX? Explique seu ponto de vista.

b) E hoje em dia? A luta por redução da jornada de trabalho e a manutenção dos salários lhe parece justa? Explique retomando a questão problematizadora desta unidade: "**O trabalho modifica o tempo e o espaço?**".

c) Imagine uma greve geral global de trabalhadores no ano 2050. Pensando nas transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, elabore um *slogan* que sintetize a pauta dos trabalhadores do futuro.

2. Formem grupos de 3 a 4 pessoas e realizem uma pesquisa sobre grandes empresas globais (artigos esportivos, calçados, roupas, cosméticos, acessórios, computadores, telefones celulares, entre outras).

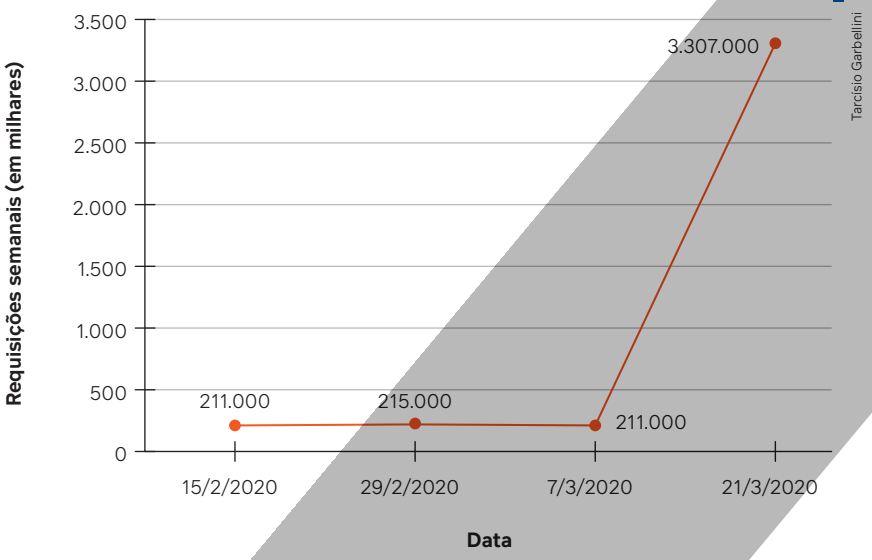
Procurem saber se há, nessas grandes empresas, greves ou movimentos em que os funcionários exijam melhores condições de trabalho, como salários maiores, benefícios previdenciários, direito de escolher os membros de seu sindicato, entre outras.

Em sala de aula, compartilhe com seu professor e colegas que empresas são essas, onde estão sediadas, que marcas e produtos estão associadas a ela.

3. De acordo com o que você estudou até aqui, quais mudanças nas relações de trabalho no campo acompanharam as transformações advindas do meio técnico-científico-informacional?

4. Analise o gráfico e o texto abaixo. Em seguida, responda às questões.

Estados Unidos: novos pedidos de seguro desemprego – 2020



Fonte: PEDIDOS de seguro desemprego nos EUA chegam a 33 milhões em 7 semanas. *G1 Economia*, Rio de Janeiro, 7 maio 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/07/pedidos-de-seguro-desemprego-nos-eua-chegam-a-33-milhoes-em-7-semanas.ghtml. Acesso em: 22 maio 2020.

Pedidos semanais de auxílio-desemprego nos EUA disparam com pandemia

[...] As medidas severas para conter a pandemia de coronavírus paralisaram repentinamente o país, desencadeando uma onda de dispensas que, provavelmente, pôs fim ao mais longo *boom* de emprego na história dos Estados Unidos.

Economistas dizem que a economia já está em recessão. Os pedidos de auxílio-desemprego são o indicador mais forte do mercado de trabalho.

O relatório semanal de pedidos de auxílio-desemprego do Departamento do Trabalho nesta quinta-feira ofereceu a evidência mais clara sobre o devastador impacto do coronavírus na economia, que forçou o Federal Reserve (Banco Central norte-americano) a adotar medidas extraordinárias e levou o Congresso a correr para aprovar um pacote de estímulo de US$ 2 trilhões.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MUTIKANI, Lucia. Pedidos semanais de auxílio-desemprego nos EUA disparam com pandemia. *AgênciaBrasil*, Brasília, DF, 26 mar. 2020. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/pedidos-semanais-de-auxilio-desemprego-nos-eua-disparam-com-pandemia. Acesso em: 22 maio 2020.

a) Segundo o gráfico, o que mudou no número de pedidos de auxílio-desemprego durante o mês de março de 2020 nos Estados Unidos?

b) De acordo com o texto, a que se deve esse aumento expressivo no número de pedidos de auxílio-desemprego?

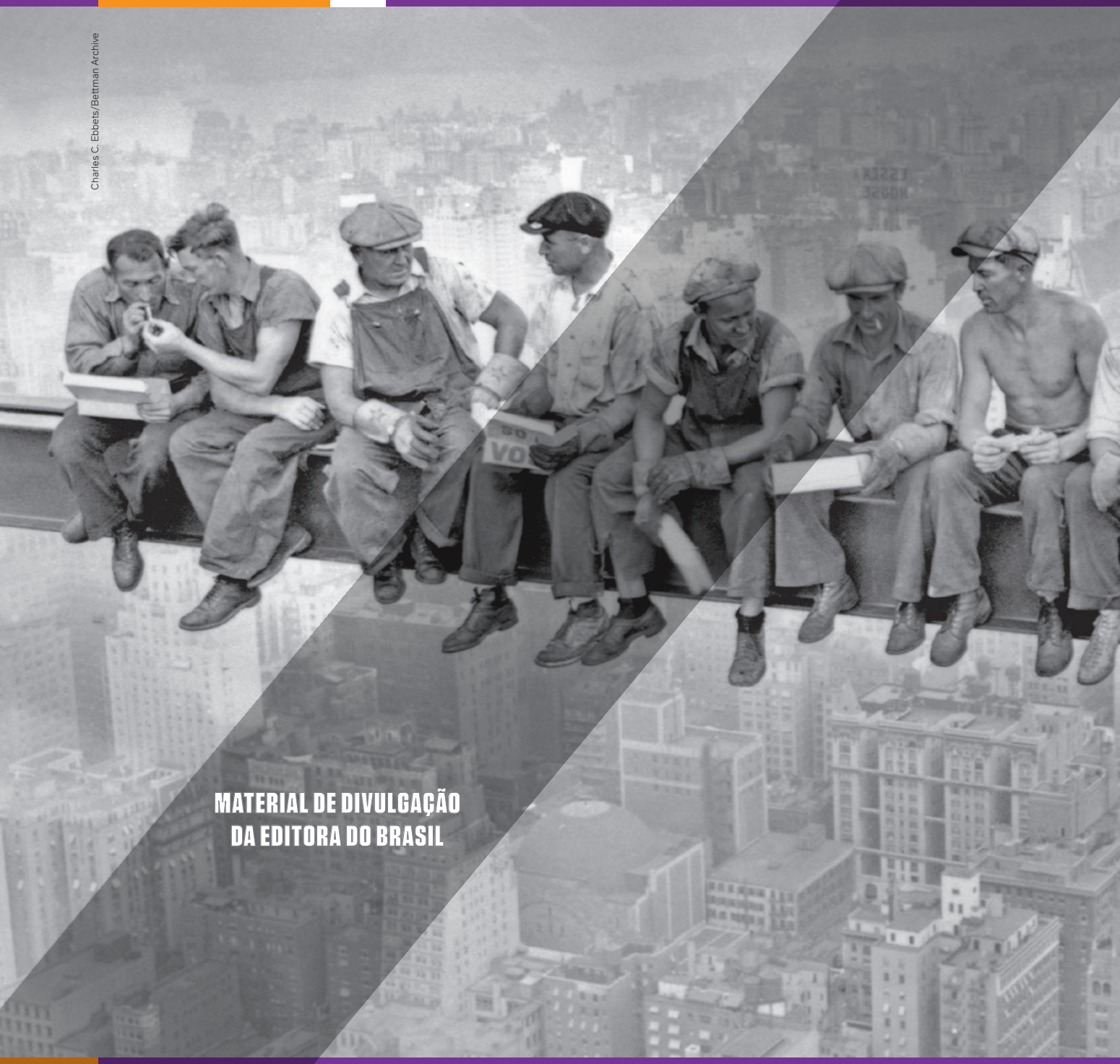
c) De acordo com as informações do texto, de onde veio o dinheiro para atender a todos esses pedidos? Qual é o impacto dessa situação na economia estadunidense?

d) O auxílio-desemprego é um direito assegurado a trabalhadores formais em diversos países do mundo. Faça uma pesquisa para descobrir como funciona esse benefício no Brasil; mais especificamente qual é o valor pago e por quanto tempo o trabalhador pode recebê-lo.

e) Você é a favor de o Estado conceder auxílio financeiro emergencial aos desempregados por certo tempo ou cada cidadão deve se organizar e ter uma reserva de recursos para se sustentar durante o período em que estiver sem emprego?

f) De acordo com o que você estudou nesta unidade, quais são os desafios enfrentados pelos trabalhadores informais para acessar benefícios como o auxílio-desemprego?

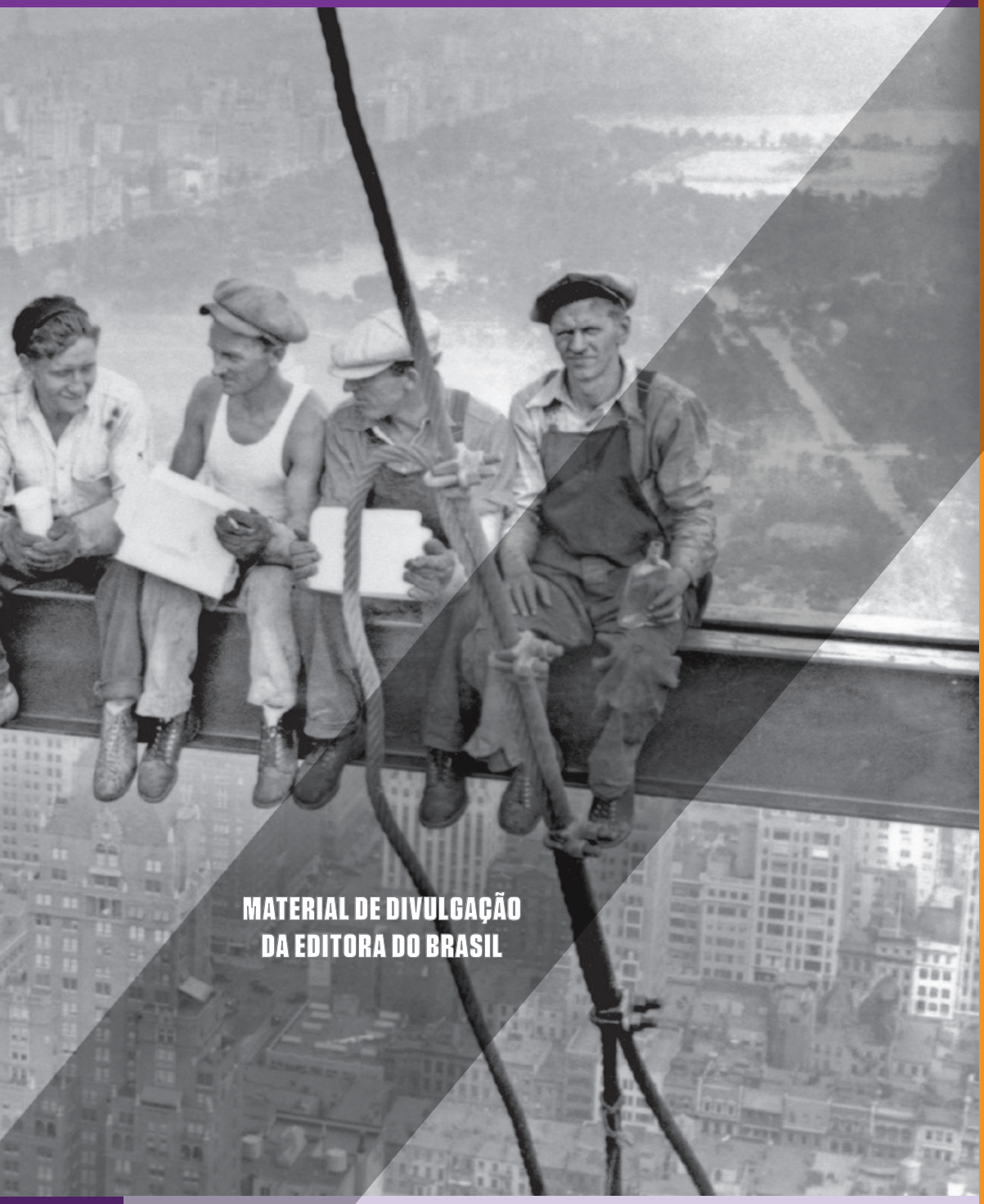
UNIDADE 3



Charles C. Ebbets/Bettman Archive

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

POR QUE TRABALHAMOS?



Trabalhadores almoçam sobre uma viga suspensa na altura do 69º andar do Rockefeller Center. Nova York, Estados Unidos, 1932.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Há alguma relação entre o lugar em que essas pessoas estão sentadas e o trabalho que realizam? Qual?
2. As condições de trabalho de uma pessoa influenciam em sua qualidade de vida?
3. Você acredita que, atualmente, ainda há muitas pessoas que trabalham em condições semelhantes às dos trabalhadores da fotografia?

Na BNCC

Nesta unidade você vai trabalhar as competências gerais 1, 2 e 6, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 4 e 6 e as habilidades EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS404 e EM13CHS606.

Trabalho, produção e organização da vida

O que é trabalho? Por que as pessoas trabalham? Em sua opinião, como seus familiares que trabalham responderiam a essas perguntas? A resposta será sempre a mesma?

Uma forma de refletir sobre o papel do trabalho na sociedade atual é observar ditados populares como "Deus ajuda quem cedo madruga", "O trabalho dignifica o homem" ou "Com trabalho e perseverança, tudo se alcança". Quais valores cada um desses ditados carrega? Você se identifica com eles? Será que são válidos para todas as pessoas e circunstâncias?

Em uma sociedade capitalista, o sentido do trabalho costuma ser bastante evidente. Afinal, é por meio dele que o recebimento do dinheiro é garantido, viabilizando a subsistência das pessoas ao possibilitar que sejam adquiridos itens como comida, moradia, transporte e vestimenta. Essa associação entre trabalho, dinheiro e sobrevivência está tão presente no dia a dia que, muitas vezes, chegamos a esquecer que ela não é algo natural, ou mesmo universal. Ela tem uma história específica – a história do capitalismo – e se refere a tempos e espaços particulares.

No mundo capitalista, que hoje abarca quase todo o planeta, há muitas maneiras de lidar com o trabalho. Diferentes gêneros, gerações, religiões e classes sociais podem dar sentidos distintos para aquilo que é conhecido como trabalho, de acordo com suas possibilidades, crenças e objetivos. Além disso, uma mesma sociedade pode abrigar diversas formas de trabalho. Ele pode ser, por exemplo, de natureza manual ou intelectual; com ou sem carteira assinada; presencial ou a distância; fixo ou eventual. Vale lembrar ainda que, mesmo em sociedades capitalistas, o trabalho nem sempre resulta em remuneração financeira. É o caso do trabalho doméstico – geralmente, realizado por donas de casa – e das pessoas submetidas ao trabalho análogo à escravidão. Isso nos mostra que o mundo do trabalho é tão diverso quanto a história humana, não cabendo, portanto, em apenas uma única definição.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

© Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO). TODA MAFALDA/Fotoarena

1. Qual é a relação entre vida e trabalho sugerida pelo personagem?
2. O que o Miguelito quis dizer com a expressão "desperdiçar a vida"? Você concorda com ele? Explique.
3. Em sua opinião, a reflexão feita pelo personagem é válida para todas as sociedades ou somente para aquelas com organização capitalista? Justifique.

Para melhor compreender a situação atual do trabalho no mundo, se faz necessária a interpretação dos dados recentemente divulgados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em 2019, a OIT divulgou um estudo revelando que o maior problema do mercado de trabalho no mundo atual é a precarização, ou seja, milhões de pessoas se veem obrigadas a aceitar condições não adequadas de trabalho para garantir acesso a alguma renda. Isso

foi constatado pelo fato de que, no momento da pesquisa, 61% dos trabalhadores de todo o mundo estavam atuando de maneira informal. Isso equivale a 2 bilhões de pessoas trabalhando na informalidade, sem nenhuma garantia de proteção social e de direitos trabalhistas.

O mesmo levantamento revelou que, entre todos os trabalhadores do planeta, 52% são assalariados e 34% atuam por conta própria (autônomos). Outros 11% ajudam em trabalhos familiares e apenas 3% são empregadores. Entre os assalariados, 40% estão no mercado informal. No caso dos autônomos, o número sobe bastante, chegando a 85% do total.

Esses índices mostram que ter trabalho nem sempre garante condições de vida decentes, percepção que é reforçada pelo dado, segundo a OIT, de que cerca de 700 milhões de pessoas vivem hoje em situação de pobreza extrema ou moderada, mesmo estando empregadas.

Vinicius Bacarin/Shutterstock.com



A maior parte dos trabalhadores brasileiros, tanto informais quanto formais, está no setor de serviços. São Paulo (SP), 2019.

Esses dados nos conduzem a uma reflexão sobre uma das principais questões que permeiam as sociedades capitalistas: Afinal, o trabalho é ou não um meio de ascensão social? A resposta a essa pergunta é bastante complexa. Por um lado, sabemos que o trabalho é um dos principais meios de mobilidade socioeconômica; por outro, a crescente precarização dos trabalhadores em todo o mundo revela que a atividade produtiva nem sempre garante uma melhoria de vida. O que pode explicar essa contradição? Será que ela se aplica igualmente a todos os países capitalistas?

Para responder a essas perguntas é preciso entender que caminhos nos trouxeram até aqui e pensar nas muitas formas e sentidos que o trabalho pode assumir. Para isso, esta unidade irá apresentar diferentes concepções de trabalho no tempo e no espaço, mostrando a enorme diversidade de sentidos atribuídos à atividade produtiva ao longo da história humana. Além disso, apresentará os principais desafios do trabalho nas sociedades capitalistas da atualidade, com destaque para o caso brasileiro, em um convite à reflexão sobre as transformações em curso e seus efeitos sobre as futuras gerações.

PERCURSO 5

Mundos do trabalho

Leia a seguir o que afirmou o jornalista e cartunista Henfil (1944-1988), citado pelo psicoterapeuta Jurandir Santos.

> O homem é o único ser da natureza que tem condições de fazer algo mais, além de caçar, dormir e uivar como os outros animais. Se quiser, o homem pode voar com os pássaros, pode nadar com as baleias e principalmente, pode ser eterno. Tudo isso o homem consegue quando começa a trabalhar. O trabalho é a mágica que faz os homens se transformarem em seres inteligentes capazes de criar de um ovo, uma omelete, de um tecido, uma fantasia, de um barulho uma música.
>
> HENFIL. *In*: SANTOS, Jurandir. *Educação profissional e prática de avaliação*. São Paulo: Senac, 2011. p. 9.

Reflita sobre o trecho que você acabou de ler. Qual concepção de trabalho Henfil defende? Pense em coisas que você faz ao longo do dia que podem ser consideradas trabalho dentro dessa concepção.

Esse trecho nos alerta para algo importante: a forma pela qual conhecemos o trabalho hoje é apenas uma das tantas possibilidades históricas que as sociedades humanas construíram para transformar o mundo natural e garantir sua reprodução material. Apesar de nos parecer natural, foi somente a partir do final do século XVIII, com a rápida expansão do capitalismo, que o modelo de trabalho capitalista começou a se tornar uma experiência global.

No mundo do capitalismo, a principal característica do trabalho é ser uma mercadoria. Isso significa que o tempo dedicado ao fazer cotidiano nas empresas, fábricas ou instituições tem um valor que pode ser medido e quantificado, ou seja, tem um preço. Quer dizer que o trabalho pode ser comprado e vendido, tendo seu valor definido por condições de mercado.

Mas e as sociedades historicamente anteriores ao capitalismo? Nelas não existia um mercado de trabalho em que homens, mulheres e crianças eram vistos como trabalhadores "livres", aptos a venderem sua força de trabalho. Isso significa que não havia trabalho nessas sociedades? Ou que elas não eram dotadas de capacidade de transformação do mundo?

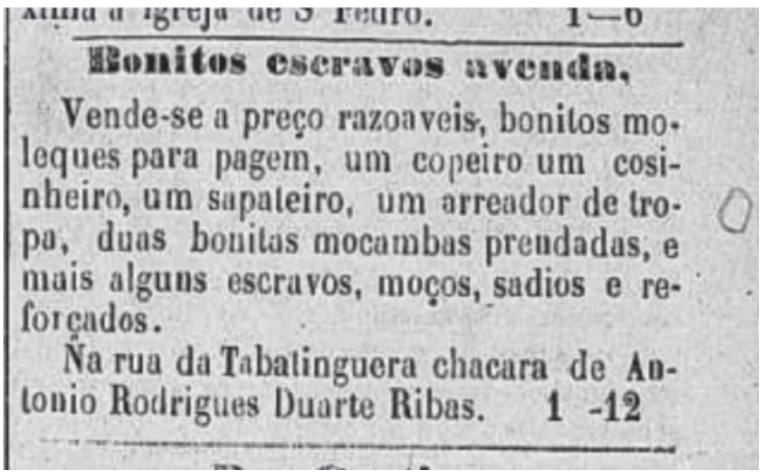
Essas são questões muito importantes, pois a associação do trabalho fabril da indústria capitalista com o desenvolvimento material e o progresso nos leva, muitas vezes, a achar erroneamente que o ponto alto da experiência material da humanidade está na revolução trazida pelas fábricas. Isso acontece, por exemplo, quando ouvimos insinuações de que os indígenas [illegible] que os trabalhadores do campo são atrasados. Em que modelo de so- [illegible] esses tipos de acusações? Qual concepção de trabalho elas evidenciam?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise

O mercado de escravizados

1. O que está sendo anunciado?
2. Quais adjetivos o anunciante usa para valorizar seu produto?
3. Qual é a relação entre trabalho e mercadoria presente no anúncio?
4. No que ela difere da relação que ocorre hoje em dia?



Bonitos escravos a venda.

Vende-se a preço razoaveis, bonitos moleques para pagem, um copeiro um cosinheiro, um sapateiro, um arreador de tropa, duas bonitas mocambas prendadas, e mais alguns escravos, moços, sadios e reforçados.

Na rua da Tabatinguera chacara de Antonio Rodrigues Duarte Ribas. 1 -12

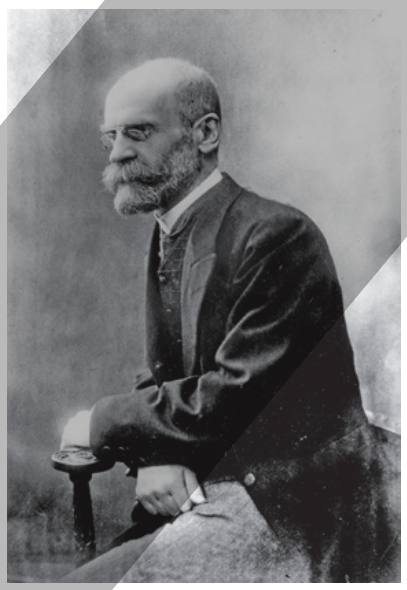
Correio Paulistano, 5 jun. 1862.

Anúncio de venda de pessoas escravizadas publicado no jornal *Correio Paulistano* de 5 de junho de 1862.

A divisão social do trabalho

Não resta dúvida de que o desenvolvimento do capitalismo trouxe muitas transformações na definição do que é trabalho, mas o que essas transformações significaram para as diferentes sociedades que fazem parte dessa história? Como elas podem nos ajudar a compreender as mudanças mais amplas da vida social?

O sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), considerado um dos pais da Sociologia, dedicou boa parte de sua obra para refletir sobre essas questões. Não por acaso, em 1893, em meio às grandes transformações trazidas pela Revolução Industrial, ele publicou um livro de nome bem sugestivo: *A divisão social do trabalho*. Nele, Durkheim descreve a sociedade como um corpo vivo, um organismo cujas partes – cada instituição e cada indivíduo – cumprem papéis determinados e existem em função do todo. A "liga" que une esses diferentes componentes, tornando a sociedade possível, é o que ele chama de solidariedade.



Coleção particular

Émile Durkheim (1858-1917).

Mas como acontece, na prática, essa solidariedade? Como ela se concretiza no dia a dia? Durkheim responderia sem titubear: no trabalho, é claro!

Segundo o autor, nas sociedades mais simples e mais homogêneas as partes se diferem pouco, apresentando uma integração equilibrada entre elas. Assim, as atividades exercidas pelos indivíduos estão intrinsecamente associadas ao bem-estar da coletividade, não necessariamente às individualidades de cada um. Nesse contexto, segundo Durkheim, o tipo de solidariedade que prevalece é a **mecânica** – ou seja, um tipo de solidariedade que independe da reflexão ou da escolha. O nível de coesão social é muito alto, e ninguém se sente sem lugar no mundo. Afinal, em sociedades assim, o sentido do "nós" é mais forte que o sentido do "eu".

E nas sociedades modernas, organizadas em torno do sistema de produção capitalista e marcadas pela troca intensa de mercadorias e ideias? Como se dá a divisão social do trabalho? Para Durkheim, diferentemente do que acontecia nas sociedades mais simples, na vida moderna as pessoas passaram a se ver como indivíduos com características e personalidades que os tornavam únicos. Já não fazia sentido, portanto, falar de uma "liga" mecânica unindo partes parecidas entre si. É por essa razão que o autor diz que nas sociedades modernas predomina outro tipo de elo: a solidariedade orgânica, baseada justamente das diferenças, que ficam claras graças à nova divisão do trabalho.

E nas sociedades modernas, organizadas em torno do sistema de produção capitalista e marcadas pela troca intensa de mercadorias e ideias? Como se dá a divisão social do trabalho?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Essa nova divisão do trabalho não diz respeito apenas à especialização das funções econômicas mas também à segmentação da sociedade em diferentes esferas e ao surgimento de novas instituições, como o Estado, a escola ou a prisão. Por causa dessa nova divisão, os indivíduos executam tarefas que, por serem especializadas, contribuem para o funcionamento do organismo social. Sua sobrevivência depende dos serviços que os outros podem oferecer. Cada indivíduo se vê, assim, ligado aos demais.

Faça um breve exercício de imaginação. Pense nas pessoas que foram necessárias para que você chegasse hoje à escola. Considere todas as pessoas que trabalharam para que você pudesse comer, vestir-se, transportar-se, entrar na escola etc. A quantas pessoas, em média, você acredita estar ligado nas atividades dessa pequena parcela do dia?

As reflexões de Durkheim foram muito importantes para a compreensão das transformações trazidas pela modernidade capitalista. Mesmo escritas no final do século XIX, elas nos ajudam a perceber que o trabalho não se limita à ideia de uma atividade remunerada e que diferentes mundos do trabalho existiram com composições e sentidos diversos ao longo do tempo.

A seguir, veremos diferentes formas de organização do trabalho em contextos não capitalistas em variados tempos e espaços. Será um passeio por uma pequena parte dos tantos mundos do trabalho que já existiram (e que seguem existindo) mundo afora.

Sociedade feudal

É muito comum que estudemos o período do feudalismo como a etapa imediatamente anterior ao desenvolvimento do capitalismo. Mas como será que ocorria o trabalho nas sociedades feudais? Será que ele se estruturava de modo muito distinto daquele observado após o advento do sistema capitalista? De que forma o trabalho nos ajuda a compreender a organização social desse período da história ocidental?

É preciso lembrar, em um primeiro momento, que a formação da sociedade feudal decorreu da enorme crise que pôs fim ao Império Romano do Ocidente no século V d.C. Ao longo dos séculos seguintes, na Alta Idade Média, a cultura romana se mesclou às práticas dos muitos povos que vieram a ocupar o continente europeu. Até o século X, a Europa ocidental passou por uma significativa transformação do poder político, cada vez mais fragmentado, e por uma intensa ruralização do espaço econômico devido à crise das cidades e do comércio.

Nesse mesmo período, a atuação do clero da Igreja Católica foi decisiva para construir uma unidade intelectual e espiritual em meio ao mundo em transformação. A força ideológica do cristianismo teve notáveis repercussões no mundo material, transformando padres, bispos e abades em lideranças políticas e em grandes detentores de terras.

As funções eram hierarquizadas, do topo à base, e todos tinham de contribuir para a harmonia social. Numa estrutura de pouca mobilidade, cabia ao clero rezar pela salvação dos cristãos; aos guerreiros defender a comunidade dos crentes, e aos trabalhadores garantir a produção dos bens materiais necessários à vida de todos.

Cabe lembrar, porém, que essa estrutura descreve principalmente o modelo do feudalismo que vigorou em determinadas regiões da Europa (como a que hoje corresponde à França). Por esse motivo, não podemos tomá-la como modelo universal, e sim como uma das muitas configurações que se estruturaram em distintos tempos e lugares durante o Sistema Feudal.

Diversas fontes literárias e administrativas indicam que no século X a sociedade feudal era compreendida com base em uma estrutura tripartite. Adalbéron de Laon (ca. 947-1030), bispo e poeta francês, descreveu a sociedade do seu tempo dividida em três ordens: *oratores*, *bellatores*, *laboratores*. A sociedade de ordens era, então, composta por clero (*oratores*), nobres e cavalaria (*bellatores*) e trabalhadores (*laboratores*).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Biblioteca Britânica, Londres

Clérigo, cavaleiro e trabalhador representados em iluminura francesa da obra *Li Livres dou Santé*, século XIII.

Havia ainda outro sistema de legitimação que atravessava os três estratos: o sistema de reciprocidade. Vamos considerar, primeiro, a relação de vassalagem e suserania entre os nobres. Nela, o vassalo recebia terras ou objetos materiais, e em troca devia oferecer fidelidade e apoio político e militar a seu suserano. Assim, era formada uma rede de lealdade entre nobres em caso de disputas ou conflitos.

Ao mesmo tempo, esse modelo de submissões e lealdades se estendia para a base da pirâmide, afetando as condições de trabalho. A relação dos servos com seus senhores, embora de dependência, era recíproca. O senhor concedia aos servos terra para viverem e cultivarem, assegurando-lhes proteção. Em troca, os servos deviam ao senhor impostos sobre sua produção e eram obrigados a trabalhar na terra senhorial. Na condição de servos, não podiam abandonar a terra senhorial (daí não serem considerados livres), mas, em contrapartida, o senhor também não podia expulsá-los de suas terras.

Análise

No Sistema Feudal



British Library/akg-images/Album/Fotoarena

Trabalhadores em iluminura inglesa (c. 1300-1325).

A imagem ilustra um funcionário do senhor feudal coordenando o trabalho de colheita de trigo feito pelos servos. Responda às questões.

1. Quais instrumentos de trabalho você consegue identificar na imagem? Qual é a relação de cada um deles com o trabalho exercido?
2. O que a imagem nos revela sobre a divisão do trabalho durante o Sistema Feudal?
3. Como você imagina que eram as condições de trabalho dos servos? Você acha que elas se assemelham às condições de algum tipo de trabalhador dos dias de hoje? Explique.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Considerando essas características, pense nas principais diferenças entre o trabalho servil da Idade Média e a escravidão. E com relação ao trabalho assalariado dos dias de hoje, quais são as principais diferenças? Há semelhanças? Quais?

O período conhecido como Baixa Idade Média, compreendido entre os séculos XI e XV, foi o apogeu da sociedade feudal – e, ao mesmo tempo, foi marcado por muitas transformações. A condição sagrada e indiscutível da ordem feudal seria abalada pela retomada de rotas comerciais mais longas, pelo crescimento urbano e por um lento processo de centralização política. A visão de mundo religiosa, guerreira e rural foi, aos poucos, sendo desgastada pelo desenvolvimento urbano e atuação de comerciantes e artesãos. Com eles, vieram novas formas de trabalho e de organização da vida social.

A filosofia medieval

O pensamento filosófico da Idade Média caracterizou-se pela incorporação à visão cristã, então hegemônica, de algumas correntes filosóficas herdadas do mundo grego. Nesse sentido, uma das suas principais marcas foi a busca pela conciliação entre a consciência cristã e a razão filosófica e científica – algo que pode parecer paradoxal nos dias de hoje, mas que era perfeitamente compreensível na época.

A filosofia medieval teve duas correntes principais: a patrística e a escolástica. Vejamos então as características de cada uma delas.

- **Filosofia patrística** – Essa corrente filosófica se desenvolveu durante o século IV e recebeu esse nome porque os textos desenvolvidos no período foram escritos pelos chamados "pais da Igreja" (*pater*, "pai", em latim). Seu principal objetivo era adaptar os ensinamentos da filosofia grega aos princípios cristãos, buscando conjugar as ideias de Platão com a Palavra de Deus. A maioria dos filósofos patrísticos eram também teólogos, e seu tema principal era a relação entre a razão e a fé. Desse modo, tentavam explicar conceitos como a imortalidade da alma, a existência de um só Deus e os dogmas da Santíssima Trindade com base na filosofia grega. O filósofo mais destacado do período foi Santo Agostinho, também conhecido como Agostinho de Hipona, que dedicou sua obra a temas como a natureza humana, a moral e o conhecimento.
- **Filosofia escolástica** – Baseada no pensamento de Aristóteles, ela se desenvolveu durante os séculos IX e XVI. Criada com o intuito de refletir sobre a existência de Deus, da alma humana e da imortalidade, essa corrente filosófica procurava justificar a fé por meio do uso da razão. Por esse motivo, os escolásticos defendiam que era possível conhecer a Deus por meio do empirismo, da lógica e da razão. Uma das principais inovações da escolástica foi a invenção de um método para discussão de ideias filosóficas, no qual uma pessoa apresentava uma tese a ser defendida ou refutada com base em argumentos encontrados na Bíblia, na obra de Platão, Aristóteles e dos pais da Igreja. Esses debates aconteciam sobretudo nas universidades, que começavam a surgir em diferentes lugares da Europa. Seu principal representante foi São Tomás de Aquino, que dedicou sua obra ao combate às heresias (o pecado e a contrariedade aos dogmas da Igreja Católica) por meio do conhecimento intelectual e científico.


MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Museu de Gravuras e Desenhos, Berlim

Laurentius de Voltolina. *Course by Henricus d'Allemania*, c. 1380. Pergaminho, 18 cm × 22 cm.

De modo geral, podemos dizer que entre os principais assuntos tratados pela filosofia medieval estavam a hierarquia entre os seres, a separação entre corpo e espírito, Deus e ser humano – mas, acima de tudo, os muitos mistérios que permeiam a relação entre a fé e a razão.

1. Que situação você consegue identificar na imagem acima?
2. Liste as semelhanças e diferenças em relação à sua sala de aula.
3. Você acha que as salas de aula mudaram muito da Idade Média até os dias de hoje? Explique.

Idade das Trevas?

É possível que você já tenha ouvido falar que a Idade Média foi a Idade das Trevas. Isso acontece porque é bastante comum que esse período seja visto como época de baixa atividade intelectual e científica, durante a qual todo o conhecimento clássico teria sigo ignorado – ou até mesmo negado. Mas será que essa visão é correta?

Atualmente se sabe que uma das principais contribuições da sociedade feudal para a história do conhecimento foi precisamente a conservação, tradução e transmissão da Filosofia Clássica. Mas esse trabalho não foi realizado de forma passiva. Os eruditos medievais questionaram as fontes greco-romanas, criticaram-nas e as modificaram, defenderam suas proposições e elaboraram uma nova síntese filosófica. Com isso, desenvolveu-se todo um novo universo cultural e científico, com impactos profundos em toda a história europeia. Mesmo que seus propósitos tenham sido teóricos e espirituais, esse esforço intelectual deu resultados práticos: ocorreram avanços nos estudos das áreas de Ótica, Astronomia, Botânica, Química, Medicina e Anatomia, ainda que muitas vezes limitados por restrições impostas pela Igreja Católica. Um exemplo de limitação foi no campo dos estudos anatômicos, uma vez que a doutrina cristã da época condenava a "profanação" do corpo (percebido como "morada da alma") e, consequentemente, proibia-se a dissecação de cadáveres.

É importante lembrar, porém, que a sociedade feudal não deve ser compreendida sob parâmetros de outros momentos históricos. Seu percurso nos obriga a pensar nas especificidades de seu próprio tempo. A organização política da sociedade, as crenças partilhadas e os modos de produzir foram historicamente únicos, e a percepção da sociedade feudal como um mundo estático e de pouca mudança é, portanto, pouco complexa – ela é fruto daquilo que chamamos de **anacronismo**.

O anacronismo ocorre quando tentamos entender o passado por meio do presente – ou seja, quando usamos conceitos e valores do presente para julgar fatos e processos do passado. Ele acontece, por exemplo, quando criticamos a sociedade medieval pela excessiva influência da Igreja em detrimento da Ciência, sem considerar as peculiaridades daquele tempo, ou então quando usamos conceitos atuais de democracia e igualdade para criticar a rígida hierarquia que organizava a sociedade feudal.

O anacronismo pode aparecer também em situações do dia a dia. É comum, por exemplo, que achemos estranhos alguns hábitos dos tempos de nossos antepassados. Como é possível que mulheres não tivessem o direito de votar? Ou que fossem proibidas de usar calça? Ainda que nos pareçam absurdos, esses costumes não podem ser atribuídos à simples ignorância de quem os punha em prática. Para entender seu sentido histórico é preciso conhecer o contexto em que eram praticados, caso contrário [illegible] anacrônicos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Refletir sob [illegible] uma boa maneira de fugir do anacronismo ao pensar sobre a sociedade feudal. Afinal, por meio dele podemos ver as muitas dinâmicas, inovações e complexidades da ordem feudal, deixando claro que entender o feudalismo como um tempo de atraso material e de incapacidade produtiva é um erro que leva ao apagamento da importância e da riqueza desse período para a história humana.



Photo Josse/Leemage/AFP

Iluminura retratando uma aula da Universidade Sorbonne, em Paris, século XVI.

Como evitar os perigos do anacronismo? A saída é estarmos sempre atentos à necessidade de contextualizar uma época com base nos valores nela vigentes e em seus modos de percepção do mundo. Pensando nisso, o geógrafo estadunidense David Lowenthal escreveu um livro de título bastante provocativo: *O passado é um país estrangeiro*.

1. O que será que ele quis dizer com isso?
2. De que forma essa frase se relaciona com a questão do anacronismo?
3. Você acha que é possível evitar por completo o anacronismo ao analisar o passado? Explique.

O trabalho nas sociedades ameríndias

Se a história do feudalismo nos ajuda a compreender as origens do modo de trabalho e de produção capitalista, precisamos lembrar que ele se refere a uma história situada em tempo e espaço específicos. Portanto, não podemos esquecer que havia outras formas de organização social no mesmo período. Por essa razão veremos, agora, as principais características de outra sociedade que se desenvolveu concomitantemente à Idade Média europeia, mostrando sua forma de organização social e os diferentes sentidos do trabalho que sua história nos possibilita conhecer: o Império Inca.

Existem estimativas de que no início do século XVI, logo após a chegada dos europeus, a população do continente americano tinha entre 60 milhões (segundo Stuart B. Schwartz e James Lockhart, autores do livro *A América Latina na época colonial*) e 80 milhões de pessoas (segundo cálculos da Universidade de Berkeley, na Califórnia, Estados Unidos), que viviam em cordilheiras, planaltos e planícies, falando centenas de línguas diferentes. Apesar dessa enorme diversidade, ao estudarmos a história desses povos eles são comumente identificados como integrantes de um único grupo genérico "o americano". Você já pensou sobre isso? O que poderia explicar por que isso acontece?

A construção de grandes cidades, redes de estradas, sistemas de irrigação e complexos modelos de contagem do tempo foram algumas das muitas criações dessas populações. Diferentes vestígios arqueológicos nos possibilitam conhecer um pouco desses feitos e entrar em contato com as técnicas e os modos de organização do trabalho que deram forma a civilizações astecas, maias e incas, entre muitas outras.

É importante lembrar que o trabalho dos povos nativos do continente deve ser compreendido em sua singularidade, sem que a comparação reduza o significado e o sentido de suas ações com base em parâmetros externos. Afinal, o trabalho dessas pessoas esteve voltado para dimensões distintas das que ordenam o mundo produtivo nos dias de hoje, como os deveres com a religião ou as tarefas devidas ao governante na forma de tributos.

Análise

Tenochtitlán

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Esta grande cidade de Tenochtitlán está fundada em uma lagoa salgada [...]. Ela tem quatro entradas, todas de calçada e feitas à mão [...]. As ruas estão metade na água e metade na terra pela qual os índios andam em canoas. Tem esta cidade muitas praças onde há um contínuo mercado de negócios, compra e venda, [...] onde cotidianamente existem cerca de sessenta mil pessoas e onde há todos os gêneros de mercadorias [...].
>
> CARTAS y relaciones de Hernan Cortés al emperador Carlos V. Paris: Imprenta Central de los Ferro Carriles, 1866. p. 103. (Tradução nossa).



akg-images/Album/Fotoarena

Mapa da cidade de Tenochtitlán. Xilogravura, 1524. Das cartas de Hernán Cortez ao imperador Carlos V.

O trecho acima é parte de uma carta em que o conquistador espanhol Hernán Cortez descreve suas impressões ao chegar em Tenochtitlán, capital do Império Asteca, em 1519.

1. Qual parece ter sido a impressão do conquistador diante da cidade encontrada?
2. Procure identificar, no trecho, indicações de diferentes formas de trabalho existentes em Tenochtitlán.

O Império Inca foi a mais importante entidade política soberana que emergiu das civilizações andinas, na América do Sul. Sua formação se deu a partir do século XIII, quando os incas foram unificando politicamente diversas populações que ocupavam territórios que atualmente vão do sul da Colômbia até o norte do Chile, estabelecendo o centro do Império na cidade de Cuzco, na cordilheira andina.

Os incas se impuseram sobre uma população muito diversificada de culturas e povos. O império abrangia, em seu apogeu, mais de 15 milhões de pessoas que se comunicavam por meio de dezenas de idiomas diferentes, sendo o mais falado o quéchua.

O poder era centralizado na figura do Sapa Inca (filho do Sol), figura considerada divina, que exercia uma ampla autoridade. O império foi dividido administrativamente em quatro regiões – norte, sul, leste e oeste –, sendo cortado por uma extensa rede de estradas que facilitava o transporte de mercadorias, informações e tropas.

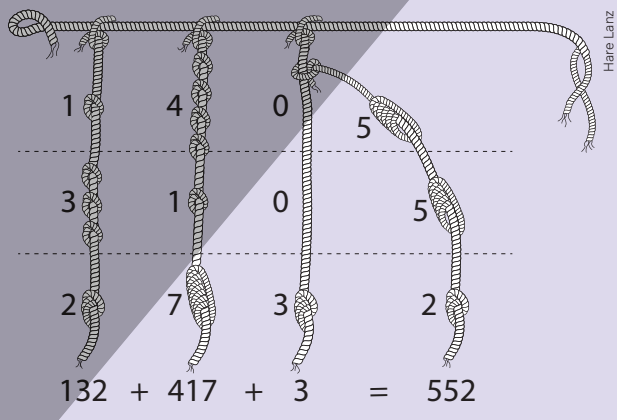
Essa complexa estrutura se mantinha com base na articulação de diferentes formas de trabalho. O controle dos diferentes povos que formavam o império era, em grande parte, tarefa de um exército fortemente disciplinado e organizado. Apesar de compostas de homens, as tropas marchavam acompanhadas de grande número de mulheres encarregadas de alimentar os soldados, cuidar dos feridos e enterrar os mortos. Os sacerdotes também acompanhavam as expedições militares, orando e fazendo sacrifícios para que as tropas conseguissem a vitória. Essas informações nos ajudam vislumbrar alguns aspectos da divisão do trabalho entre homens e mulheres na sociedade inca. Você acha que ela se assemelha à divisão atual da nossa sociedade? Como?

A administração do império, por sua vez, era feita por uma burocracia recrutada entre as elites locais. Sua tarefa principal estava diretamente ligada à manutenção do poder central por meio da cobrança dos tributos aos trabalhadores dos muitos povos do império.


MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Simon Mayer/Shutterstock.com

Quipu colorido.



Hare Lanz

Forma de contagem utilizando o *quipu*.

Método de contagem

Como coordenar o funcionamento de um vasto império, com rigorosa cobrança de tributos, sem conhecer a escrita gráfica ou o sistema numérico? A resposta está nas imagens ao lado.

Os incas desenvolveram uma maneira de registrar quantidades e representar números utilizando um sistema de numeração decimal posicional: um conjunto de cordas com nós, denominado *quipu*. Esse artefato era usado pelos incas, e outras culturas andinas, como método de contagem.

O *quipu* era composto de uma corda grossa, com aproximadamente um centímetro de diâmetro, chamada de corda primária. Nas cordas secundárias ficavam os nós que continham as informações. De acordo com sua posição, os nós significavam unidades, dezenas, centenas e milhares. Para representar o zero em qualquer posição, não se colocava nenhum nó.

Muitos pesquisadores afirmam que os *quipus* tinham também outras funções, servindo de calendário, de registros estatísticos e até mesmo de portador de mensagens. Acreditam, por esse motivo, que ele pode ser considerado também uma forma de escrita tridimensional.

Com base no modelo da segunda imagem, use um barbante para criar um *quipu*. Com ele, calcule a soma da idade de todas as pessoas que moram com você. O que você achou desse método?

Museu Nacional de Antropologia e Arqueologia, Lima/Giancarlo Costa/Bridgeman Images/Fotoarena



Manuscrito de Don Felipe Puma de Ayala, ilustrando a vida dos incas. Desenho a tinta, c. 1587.

Mas quem eram, afinal, os trabalhadores na sociedade inca? Para responder a essa pergunta, é preciso saber que a base da economia inca era a agricultura. Os principais cultivos eram o milho e a batata, mas havia também grande produção de algodão e tabaco. Para isso, foram desenvolvidas sofisticadas técnicas agrícolas que garantiam a fertilidade do solo e, consequentemente, o volume da produção.

A produção agrícola era realizada nos *ayllus* – unidades sociais em que um grupo de pessoas cultivava determinado pedaço de terra. Trabalhando de forma coletiva, a comunidade de cada *ayllu* produzia para seu próprio sustento e tinha, além disso, a obrigação de trabalhar a terra do estado para que também pudesse alimentar os governantes, os nobres, o exército, os artistas (entre eles, os artesãos que trabalhavam as pedras e as mulheres que teciam para o império), os anciãos e os enfermos. Além disso, cabia ao chefe do *ayllu*, o *kuraka*, fazer uma divisão igualitária dos alimentos produzidos e auxiliar os membros de sua comunidade que enfrentassem dificuldades.

Havia ainda a *mita*, que era a forma de trabalho compulsório. Nesse sistema, todos que estavam sob domínio do imperador inca deveriam trabalhar em serviços comunitários por determinado período no ano, atuando na construção de estradas, edifícios públicos e sistemas de irrigação, conforme a convocação do imperador.

Podemos notar que o Império Inca se mantinha com base em um complexo sistema de organização social do trabalho. Isso garantiu a integridade de uma civilização culturalmente diversa e territorialmente dispersa. No século XVI, o Império Inca foi derrotado pelos espanhóis liderados por Francisco Pizarro. Atahualpa, o último imperador inca, foi capturado e executado pelos invasores, que iniciaram um processo de saque e ocupação de cidades e terras incas. Com isso, as técnicas e formas de organização de trabalho dos incas foram se perdendo aos poucos. Por meio de pesquisas históricas e vestígios arqueológicos podemos, porém, conhecer um pouco das diferentes formas de trabalho que deram sustentação a essa importante civilização.

Este é apenas um dos muitos exemplos de sociedades que articularam distintas formas de organização social ao mesmo tempo em que, na Europa, consolidavam-se as bases para o [illegible] capitalismo. Assim como tantas outras sociedades ao redor do planeta, os [illegible] o modo de produção capitalista é apenas uma entre as muitas possibilidades históricas de organização social do trabalho.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Museu de Arte de Lima, Peru

Luis Montero. *O funeral de Atahualpa*, 1867. Óleo sobre tela, 537 cm × 350 cm.

O conhecimento inca sobre o meio físico: terraços, *colcas* e vãos

Os Andes são um dobramento moderno da Era Cenozoica, Período Terciário. Trata-se de uma cordilheira relativamente jovem, de elevada altitude, com montanhas íngremes e alguns vales férteis. Os incas aprenderam que a sobrevivência dependia da observação minuciosa dos ciclos naturais. As experiências e os conhecimentos acumulados sobre o relevo, o solo e a sazonalidade climática foram fundamentais para o desenvolvimento da agricultura.

O terraceamento foi uma das técnicas mais utilizadas. As encostas eram "recortadas" em terraços, o que favorecia a infiltração de água no solo, reduzia a velocidade do escoamento superficial da água na encosta e diminuía a perda de solo pelos processos erosivos. Nesses terraços, os incas faziam, inclusive, experimentos agrícolas, selecionando as sementes mais adequadas e as variedades com maior produtividade.



legacy1995/Shutterstock.com

Terraços em Pisac, vale sagrado andino. Peru, 2019.

Na cidade de Ollantaytambo, no Vale Sagrado andino, os incas construíram os *colcas* (silos) para armazenagem de alimentos na montanha Pinkuylluna. Os *colcas* foram construídos numa altitude e posição geográfica que aproveitava as correntes de ventos frios, propiciando a conservação dos grãos que abasteciam a cidade por mais tempo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A arquit[illegible]avam os conhecimentos sobre a intensidade e regularidade dos terremotos nos An[illegible]ocha eram moldados de modo a haver um encaixe adequado, e os vãos entre os blocos tinham uma distância que previa oscilação no caso de um abalo sísmico. As construções não usavam argila nem qualquer outro material para unir um bloco ao outro. É interessante notar que muitas construções feitas pelos espanhóis desabaram com terremotos, enquanto as construções incas ficaram intactas.



Steve Allen/Shutterstock.com

Construção inca feita com empilhamento de grandes blocos de pedra. Sacsayhuaman, Peru, 2017.

E no século XXI?

Nos itens anteriores percorremos dois exemplos de sociedades que se estruturaram antes do advento e da consolidação do sistema capitalista, mostrando como cada uma delas se organizou por meio de diferentes formas de divisão do trabalho. Mas será que o trabalho não capitalista se refere somente a sociedades do passado? No século XXI toda a humanidade está ordenada de acordo com o sistema de produção capitalista?

Existem, no mundo de hoje, diferentes sociedades em que o trabalho não responde aos princípios do modo capitalista de produção.

Não precisamos ir muito longe para descobrirmos que a resposta a essas perguntas é "não". Ainda que sejam minoria, existem, no mundo de hoje, diferentes sociedades em que o trabalho não responde aos princípios do modo capitalista de produção.

Um exemplo são os grupos indígenas que ocupam diferentes regiões do Brasil. Do ponto de vista europeu, a relação dos indígenas brasileiros com o trabalho sempre foi muito controversa. Basta lembrarmos que, nos primeiros tempos após a chegada, os portugueses criticavam os tupis que ocupavam a costa brasileira, acusando-os de não gostarem de trabalhar. Criou-se então o mito de que os indígenas são preguiçosos, difundindo-se uma ideia que até hoje persiste em muitas explicações acerca da escravidão no Brasil. Durante muito tempo foi propagado que era preciso trazer da África a mão de obra escravizada, porque os indígenas não serviam para o trabalho. Mas essa interpretação não é correta, pois, além de ignorar os muitos interesses financeiros envolvidos no tráfico negreiro, não considera o fato de que os tupis, como qualquer sociedade humana, tinham sua própria noção de trabalho, que divergia da concepção imposta pelos colonizadores.



Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Albert Eckhout. *Índia tapuia*, 1641. Óleo sobre tela, 272 cm × 165 cm.

De fato, para os tupis o trabalho era uma atividade que envolvia um esforço medido e determinado. Para eles, o trabalho não era o centro da vida social, ao contrário do que ocorre nas sociedades capitalistas. Em sua organização social, as tarefas produtivas tinham seu espaço e seu lugar específicos, mas não determinavam o conjunto da vida. Além disso, boa parte das atividades produtivas eram designadas às mulheres, a quem cabia todo o domínio das técnicas de agricultura, de cerâmica e de quase todas as atividades culturais – numa divisão muito diferente daquela que os portugueses tentaram implementar nos primeiros anos do domínio colonial.

Análise

Trabalho e preconceito

O medo do preconceito tem obrigado índios que moram em São Paulo a camuflar suas origens para conseguir emprego. Na hora de procurar trabalho, os índios se apresentam como negros, nordestinos ou índios argentinos. E mesmo assim, disfarçados, os indígenas em geral só conseguem disputar vagas mal remuneradas [...]. "Trabalhei um ano e dois meses em uma casa de família. Quando contaram para a minha patroa que eu era índia, ela começou a dar indiretas dizendo que não gostava de índios e depois me demitiu", diz Maria de Fátima Cardoso, índia da tribo dos pankararus que passou a trabalhar como merendeira depois de ter sido demitida.

CHRISTOFOLETTI, Lilia. Índio esconde origem para obter emprego. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 8 nov. 1998. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff08119815.htm. Acesso em: 11 maio 2020.

1. Segundo a reportagem, as condições e oportunidades de trabalho para os indígenas e não indígenas é a mesma? Qual é a origem dessa desigualdade?
2. A reportagem é de 1998. Você acha que hoje a situação é diferente? Justifique sua resposta após fazer uma pesquisa sobre o tema.

Um dos principais pensadores que buscou combater o preconceito que permeia o olhar ocidental sobre a atividade produtiva dos indígenas foi o antropólogo francês Pierre Clastres. Segundo ele, assim como os colonizadores europeus, os indígenas eram muito bem-sucedidos na tarefa de garantir o domínio do meio natural adaptado e relativo às suas necessidades – não cabendo, portanto, classificar as técnicas indígenas como inferiores, já que sua capacidade de satisfazer suas demandas era equivalente à da sociedade industrial.

Por meio desse argumento, Clastres denuncia o preconceito contra as sociedades indígenas com base na concepção capitalista de trabalho, que define sua atividade produtiva como uma "economia de subsistência". Para ele, o conceito de "economia de subsistência" contém a afirmação implícita de que, se as sociedades indígenas não produzem excedentes, é porque são incapazes de fazê-lo, estando inteiramente ocupadas em produzir o mínimo necessário à sua sobrevivência. Como decorrência, infere-se que os indígenas seriam preguiçosos e avessos ao trabalho, fazendo apenas o mínimo necessário para subsistirem.

Clastres nos desafia, então, a pensar sobre o conceito de trabalho para além da lógica mercantil que [illegible]. O primeiro ponto é o fato de os indígenas terem dedicado pouco tempo às [illegible] nos como trabalho e, ainda assim, não terem morrido de fome. Pelo contrário, todos os relatos do período da chegada dos portugueses descrevem os indígenas como homens, mulheres e crianças fortes, com uma dieta baseada em grande variedade de alimentos. Outro ponto é a própria noção de produção de excedente, tão central ao desenvolvimento do capitalismo. O autor nos lembra que o fato de os indígenas não terem um sistema de comércio não significava que não houvesse produção de excedente. Ela existia, mas era consumida com finalidades políticas, por ocasião de festas e rituais, não servindo àquilo que os ocidentais reconhecem como o sistema produtivo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Marcos Amend/Pulsar Imagens

Indígenas da etnia enawenê-nawê durante ritual. Juína (MT), 2020.

Outro ponto interessante é a ideia de escassez, que consiste em uma noção econômica fundamental ao sistema capitalista. Pensando a esse respeito, o antropólogo estadunidense Marshall Sahlins lembra que há duas formas possíveis de abundância: produzir muito ou desejar pouco. Em outras palavras, em uma sociedade que não se paute por um crescimento ininterrupto das "necessidades" humanas (uma sociedade não capitalista, portanto), o conceito de escassez não se impõe, havendo lugar para outras concepções de riqueza. Esse seria o caso das sociedades indígenas, cujas demandas não se baseiam numa perspectiva linear de progresso.

Mas, afinal, no que consiste o trabalho indígena? É claro que não existe um formato único, já que cada grupo organiza sua atividade produtiva de acordo com suas crenças e costumes. No entanto, de modo genérico, podemos identificar uma estrutura baseada na divisão do trabalho entre homens e mulheres, com funções bastante definidas. Cabe aos homens, em geral, providenciar a caça e a pesca, bem como fabricar os utensílios necessários para essas atividades (como arcos, flechas e armadilhas). As mulheres costumam se responsabilizar pelas atividades de plantio e colheita, preparo dos alimentos e cuidado com os filhos. Além disso, é comum encontrar grupos que praticam uma divisão etária do trabalho, cabendo aos mais jovens o cuidado dos irmãos menores (no caso das meninas) e a tarefa de apanhar lenha (no caso dos meninos). Os mais velhos, por sua vez, ficam incumbidos de preservar as memórias e narrativas relevantes para o grupo e narrá-las em situações específicas. Há também todo o trabalho ligado às crenças e práticas rituais, que incluem as atividades cerimoniais, a produção de artefatos (como máscaras e instrumentos musicais) e alimentos específicos (como remédios e bebidas), além da atuação dos **xamãs**.

Também conhecido como pajé, o **xamã** é um líder espiritual e curandeiro presente em muitos grupos indígenas. Geralmente, por ser mais velho que os demais integrantes da tribo, detém o conhecimento histórico dos antepassados e das plantas e ervas para os tratamentos de cura, sendo de grande importância em cerimônias e rituais.

Luciola Zvarick/Pulsar Imagens



Mulher indígena da etnia waujá prepara beiju com polvilho de mandioca brava, um dos principais alimentos dos povos do Alto Xingu. Aldeia Piuylaga, Gaúcha do Norte (MT), 2019.

Renato Soares/Pulsar Imagens



Indígenas durante pesca coletiva para preparação do *kuarup*. Gaúcha do Norte (MT), 2019.

Vejamos como isso se concretiza na prática de um grupo específico: os arawetés, que vivem no Pará e falam uma língua da família tupi-guarani. Entre eles, os homens se dedicam, desde a adolescência, a fabricar e consertar seus arcos e flechas, utilizados para caçar animais. São também eles que, na época do mel, saem à procura de colmeias nas árvores. As mulheres também participam dessas excursões e têm a função de coletar castanhas-do-pará e pegar folhas de açaí para fazer o *yiyipe*, recipiente usado para beber o mel. No dia a dia, as mulheres arawetés passam muitas horas ocupadas com a produção de fios de algodão para o fabrico de redes e roupas. Elas também fazem a tinta de urucum, que usam para tingir de

vermelho panos e pintar o rosto. Ainda cabe a elas e às crianças colher o milho, fazer a farinha e praticar a pesca com linha.

1. Compare a divisão de trabalho dos arawetés com a de sua família. Há semelhanças? Se sim, quais?
2. Você acha que a divisão do trabalho entre homens e mulheres nos grupos indígenas é parecida com a da maioria das famílias brasileiras? Explique.

Tudo isso nos mostra que, salvo raras exceções, não existem sociedades baseadas em um único tipo de produção. Independentemente do tempo e lugar em que vivem, homens, mulheres, crianças e idosos desempenham funções variadas, muitas delas nem sempre classificadas como trabalho. É o caso, por exemplo, das tantas mulheres atualmente no Brasil que trabalham fora e, ao final do dia, cuidam dos afazeres domésticos e da criação dos filhos – exercendo, portanto, atividades que demandam tempo e esforço, mas que não são consideradas produtivas na lógica capitalista, ou seja, não são remuneradas.

Mas quais seriam, então, as diferenças entre a concepção de trabalho dos grupos indígenas e da sociedade capitalista? Uma delas está na finalidade das atividades produtivas e na apropriação de seus resultados. Nas sociedades indígenas, qualquer trabalho é visto como uma ação de todo o grupo, e seus resultados são sempre destinados à coletividade. Existe, assim, uma regra social que coloca a sociedade acima do sujeito individual, fazendo com que a apropriação do fruto do trabalho seja sempre coletiva. O capitalismo, por outro lado, baseia-se na apropriação individual do trabalho social, uma dinâmica em que os resultados da produção (por exemplo, o recebimento do salário) destinam-se à pessoa diretamente responsável por ela. Há, também, diferenças importantes no que diz respeito à organização do trabalho e ao modo pelo qual ele é justificado. Afinal, o trabalho capitalista é resultado de um processo de racionalidade econômica, que explica a existência do trabalho pela necessidade de ganhar dinheiro para sobreviver. Já em muitos grupos indígenas, as justificativas para a existência do trabalho se dão em razão da coletividade, passando, por exemplo, por razões espirituais. Para entender essa diferença, observe as duas imagens a seguir e reflita: Quais são as semelhanças e diferenças nos trabalhos realizados pelas pessoas envolvidas?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Indígenas da etnia waurá construindo uma moradia. Gaúcha do Norte (MT), 2019.

Luciola Zvarick/Pulsar Imagens



Pedreiro construindo uma moradia. Cassilândia (MS), 2014.

Thomaz Vita Neto/Pulsar Imagens

Vozes

Na maioria dos grupos indígenas brasileiros conhecidos até hoje, a função do pajé (ou xamã) é exercida por homens. Contudo, isso parece estar mudando. É o que indica um movimento recente, iniciado no povo yawanawá, que vive no extremo oeste do Brasil, no estado do Acre. Ali, em 2005, Hushahu Yawanawá se tornou a primeira mulher pajé de que se tem notícia. Para isso, passou por todos os rituais previstos para a formação do pajé, que envolve uma rígida preparação espiritual: viver isolada na floresta durante cerca de um ano. Apesar de ter enfrentado grande resistência de homens e mulheres yawanawás, Hushahu foi em frente e não desistiu mesmo diante de uma anemia severa, que a acometeu após nove meses de retiro.

Depois da experiência de Hushahu e de sua nomeação como pajé, outras mulheres de seu povo já passaram pelo ritual de preparação, habilitando-se para exercer a função de líder espiritual.

Apesar de muitos aspectos da divisão do trabalho entre homens e mulheres ainda se manterem intactos nas aldeias yawanawás, o **precedente** aberto por Hushahu teve forte impacto sobre a percepção do papel feminino no grupo. Não demorou para que o caso ficasse conhecido por outros povos indígenas, que também se dispuseram a repensar alguns elementos da divisão de gênero em sua organização social.

Embora se trate de um fenômeno recente, ele nos mostra que as sociedades indígenas não são fixas nem estáticas. Assim como a sociedade capitalista, estão em permanente transformação por meio do encontro e do diálogo com diferentes tradições e culturas.

GLOSSÁRIO

Precedente: ocorrido previamente; que precede.



Simon Plestenjak/Pulsar Imagens

Pajé Hushahu, a primeira mulher do povo yawanawá a se tornar pajé. Aldeia Mutum, Reserva Indígena Rio Gregório, Tarauacá (AC), 2018.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os tantos mundos do trabalho

Pudemos acompanhar, no decorrer do estudo deste percurso, como sociedades que não viveram a experiência do capitalismo organizaram suas estruturas de trabalho e produção. Controlar os modos de transformar o mundo esteve, em todos os casos, no centro do viver em sociedade.

É importante notar que o trabalho compulsório e o trabalho livre, o agricultor e o artesão, o comerciante e o pastor conviveram em muitas sociedades ao longo do tempo. Em diversos espaços homens e mulheres trabalharam para que os deuses não os punissem ou para que quem detinha o poder lhes protegesse dos inimigos. As motivações formam um conjunto tão grande quanto variado.

Se a experiência histórica do capitalismo está intrinsecamente associada a seu tempo e espaço, não podemos compreender essas outras sociedades com base em valores preconcebidos. Afinal, muitos povos construíram cidades e monumentos, estabeleceram rotas de comércio, inventaram tecnologias, produziram armas e objetos, sem fábricas ou lógica mercantil. Isso nos mostra que a complexidade dos sistemas econômicos criados pelo ser humano está para além do mundo do mercado, e a ausência do sentido do lucro não permite que classifiquemos tais sociedades como atrasadas ou improdutivas.

Os exemplos apresentados ao longo deste percurso mostram também que não é fácil chegar a uma definição universal para a ideia de trabalho que não corra o risco de se fixar em especificidades culturais ou históricas. Ainda assim, muitos filósofos definem o trabalho como esforço (físico, intelectual ou espiritual) para se atingir um fim, independentemente de valores e motivações envolvidos.

Essa definição se opõe à ideia, hegemônica na sociedade capitalista contemporânea, de que o trabalho é uma categoria única, um tipo determinado de conduta. Nessa perspectiva, o trabalho seria somente aquilo que visa produzir valores úteis à sociedade de mercado, fazendo com que todos entendam suas atividades particulares com base nesse propósito mais geral. Não por acaso, muitas pessoas que exercem atividades não remuneradas em sociedades capitalistas (como cuidar de um parente enfermo) não classificam o que fazem como trabalho.

Além disso, nas sociedades ocidentais contemporâneas vigora uma diferenciação entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual, sendo este último considerado, em diferentes momentos da história, superior.

Pense em alguns exemplos de trabalhos braçais e intelectuais. Entre esses exemplos, quais são os mais valorizados em nossa sociedade? Quais são as possíveis explicações para essa diferença? Você acha que isso acontece também em sociedades não capitalistas (povos indígenas, por exemplo)? Por quê?

A filósofa Suzana Albornoz afirma que esta é uma divisão preconceituosa, pois o trabalhador que executa tarefas manuais também usa a criatividade, o cálculo e muitas outras habilidades consideradas próprias da atividade intelectual. Isso nos alerta para a necessidade de conhecer a variedade das formas de trabalho no tempo e no espaço, procurando principalmente entender como ele é vivido e sentido pelos que o executam.

No próximo percurso você verá algumas características do trabalho em um contexto mais familiar: o mundo capitalista. Com base no que foi trabalhado até agora nesta unidade, você poderá pensar sobre dados e informações que serão apresentados com um novo olhar, sabendo que essa é apenas uma entre as muitas formas possíveis de organizar a atividade humana.



Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Artesã utilizando tear para tecer produtos de lã crua. Antonina (PR), 2017.

#Ficaadica

Canoa de um pau roxo, de Alberto Greciano e Gabriela Piccolo (10 min). Curta-metragem nacional, produzido em 2008. Em uma aldeia às margens do Rio Munim, no Maranhão, as mãos habilidosas de um artesão transformam o tronco de uma árvore em uma canoa rústica que trará o transporte e sustento para sua família.

Canoa veloz, de Joe Pimentel e Tibico Brasil (14 min). Curta-metragem nacional, produzido em 2005. No município de Icapuí, litoral leste do estado do Ceará, os pescadores artesanais de lagosta preservam uma rústica e interessante forma de sobrevivência há mais de 40 anos, enfrentando o mar e desafiando o tempo.

Henrique V, de Kenneth Branagh (138 min). Filmagem de 1989 da peça de William Shakespeare sobre a vitória do rei inglês contra os franceses na Batalha de Agincourt, durante a Guerra dos Cem Anos.

Invenções da Idade Média: óculos, livros, bancos, botões e outras invenções geniais, de Chiara Frugoni (Zahar). Esse livro apresenta muitas das criações da Idade Média, revelando que, diferentemente do que se costuma acreditar, esse foi um período de grandes inovações.

O nome da rosa, de Jean Jacques Annaud (131 min). Longa produzido por Itália, Alemanha e França, em 1986, cujo enredo gira em torno das investigações de uma série de crimes misteriosos, cometidos dentro de uma abadia medieval.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Identifique duas formas de trabalho que foram apresentadas ao longo deste percurso.
2. Relacione o mundo do trabalho com as diferentes formas de organizar o poder político. Não se esqueça de considerar a estratificação social e seus vínculos com as relações de trabalho.
3. Existe uma relação entre trabalho e religião? Justifique sua resposta.
4. Analise a imagem ao lado e indique um dos possíveis tipos de trabalho representados na cena. A que contexto histórico ela pode se referir?
5. Observe a imagem a seguir.
   a) Qual tipo de trabalhador aparece na fotografia?
   b) Imagine como é um dia de trabalho do homem na fotografia.
   c) Você acha que esse trabalhador pode ser considerado um empreendedor? Justifique.



Museu Condé, Chantilly

Camponeses no trabalho em uma propriedade feudal, do livro de horas *As riquíssimas horas do duque de Berry*, século XV.



Sergio Ranalli/Pulsar Imagens

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Vendedor ambulante. Balneário Camboriú (SC), 2018.

6. A imagem ao lado ilustra a passagem do tempo durante um ano. Esse calendário representa cada mês com uma forma de trabalho. Responda:
   a) Que atividades laborais podem ser identificadas?
   b) Como podemos caracterizar as técnicas de produção?
   c) Onde e como, na ilustração, podemos identificar a figura de um nobre?



Sergio Ranalli/Pulsar Imagens

Os meses do ano representados pelos trabalhos do campo, século XV.

7. (Enem 2010)

> Quem construiu a Tebas de sete portas?
> Nos livros estão nomes de reis.
> Arrastaram eles os blocos de pedra?
> E a Babilônia várias vezes destruída. Quem a reconstruiu tantas vezes?
> Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
> Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?
> A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
> Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os césares?

BRECHT, B. Perguntas de um trabalhador que lê.
Disponível em: http://recantodasletras.uol.com.br. Acesso em: 28 abr. 2010.

Partindo das reflexões de um trabalhador que lê um livro de História, o autor censura a memória construída sobre determinados monumentos e acontecimentos históricos. A crítica refere-se ao fato de que

a) os agentes históricos de uma determinada sociedade deveriam ser aqueles que realizaram feitos heroicos ou grandiosos e, por isso, ficaram na memória.

b) a História deveria se preocupar em memorizar o nome de reis ou dos governantes das civilizações que se desenvolveram ao longo do tempo.

c) os grandes monumentos históricos foram construídos por trabalhadores, mas sua memória está vinculada aos governantes das sociedades que os construíram.

d) os trabalhadores consideram que a História é uma ciência de difícil compreensão, pois trata de sociedades antigas e distantes no tempo.

e) as civilizações citadas no texto, embora muito importantes, permanecem sem terem sido alvos de pesquisas históricas.



Biblioteca Nacional, Paris/Foto: Photo12/UIG/Getty Images

Iluminura medieval de c. 1420, originalmente publicada em *O livro de governo dos príncipes*, de Gilles de Rome, representando agricultores.

8. Na iluminura ao lado, do século XV, é possível observar os vários tipos de trabalho que compunham a paisagem da sociedade medieval no Ocidente. Descreva os diversos espaços de trabalho mostrados na imagem.

9. (Fuvest 20[illegible])

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Estimativa da população indígena da América na época do contato europeu

Região	População estimada	Percentual em relação à população total da América
América do Norte	4400000	7,7
México	21400000	37,3
América Central	5650000	9,9
Caribe	5850000	10,2
Andes	11500000	20,1
Planícies da América do Sul	8500000	14,8
Total	57300000	100,0

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Com base nos dados fornecidos pela tabela:

a) explique as razões da distribuição geográfica desigual da população indígena no hemisfério americano no momento do contato europeu;

b) compare as unidades políticas indígenas do México com as dos Andes, citando ao menos um padrão comum e uma divergência entre elas.

PERCURSO 6

Desafios do trabalho no mundo capitalista

No percurso anterior, vimos como algumas sociedades fora do sistema capitalista compreendiam (e ainda compreendem) o trabalho. São muitas as formas possíveis de trabalho, assim como são muitos os seus sentidos para as diferentes sociedades. Neste percurso, veremos como as sociedades capitalistas da atualidade se organizam diante dos tantos desafios impostos por um mercado de trabalho em permanente transformação.

Nas sociedades capitalistas atuais, a inserção de uma pessoa no mercado de trabalho está intimamente relacionada à sua idade e à estrutura econômica de seu país. Afinal, no contexto capitalista, as desigualdades entre os segmentos sociais não possibilitam as mesmas oportunidades a todos.

A desigualdade social é um dos principais entraves para o acesso à educação e ao trabalho de qualidade. O trabalho e a desigualdade se entrelaçam a formas de discriminação, atingindo grupos sociais mais vulneráveis, como as mulheres e grupos étnicos minoritários. Além disso, apesar de todo o avanço tecnológico, formas arcaicas de exploração do trabalho, como o análogo à escravidão, ainda existem em vários países. Esses são alguns dos muitos desafios que englobam o mundo do trabalho nos dias atuais. A seguir, veremos com mais profundidade alguns deles e como se manifestam no contexto brasileiro.

As gerações

Pirâmide etária: gráfico com dados que representam a distribuição da população (em termos percentuais ou absolutos) em faixas etárias de cinco em cinco anos. Cada faixa etária também é dividida entre homens e mulheres.

Um primeiro ponto importante para compreendermos o mundo do trabalho no contexto capitalista é observarmos a dinâmica das populações em sua distribuição etária. Ela nos possibilita entender alguns aspectos fundamentais do mundo do trabalho, tais como: Que percentual da população está em idade economicamente ativa? Qual é a relação entre o número de aposentados e trabalhadores na ativa? Que previsões o montante de crianças e jovens possibilita fazer com relação ao mercado de trabalho nas próximas décadas?

Nos estudos demográficos, a estrutura etária refere-se à distribuição dos habitantes em faixas de idade. De acordo com a Divisão de População da ONU, crianças e jovens são aqueles que estão na faixa etária entre 0 e 14 anos, adultos entre 15 e 59 anos e idosos a partir de 60 anos. A representação da estrutura etária é feita por meio de **pirâmides etárias**.

A seguir, veremos a distribuição etária da população em países que têm diferentes níveis de desenvolvimento social e econômico: a Noruega, um país desenvolvido; a Malásia, país subdesenvolvido emergente; e o Níger, país subdesenvolvido exportador de *commodities*.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Mulheres tuaregues trabalham na agricultura familiar. Agadèz, Níger, 2019.

Boureima Hama/AFP

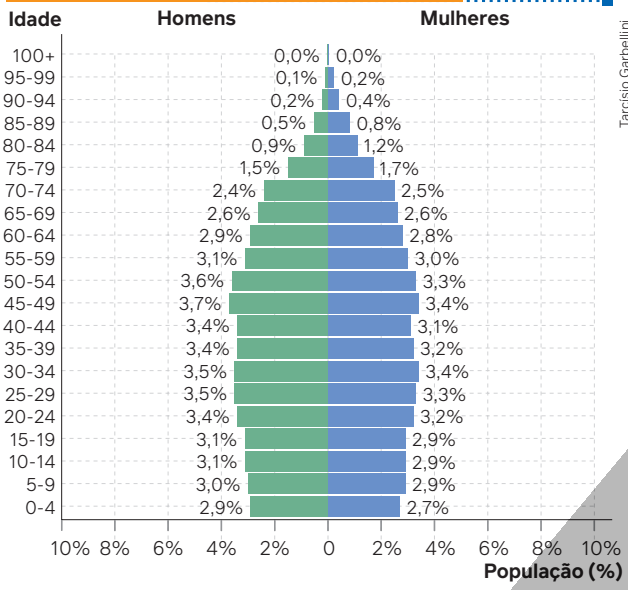
Para compreendermos os estudos demográficos, precisamos conhecer os conceitos a seguir.

Taxa de natalidade: número de nascimentos a cada 1 000 habitantes.

Crescimento vegetativo: diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade.

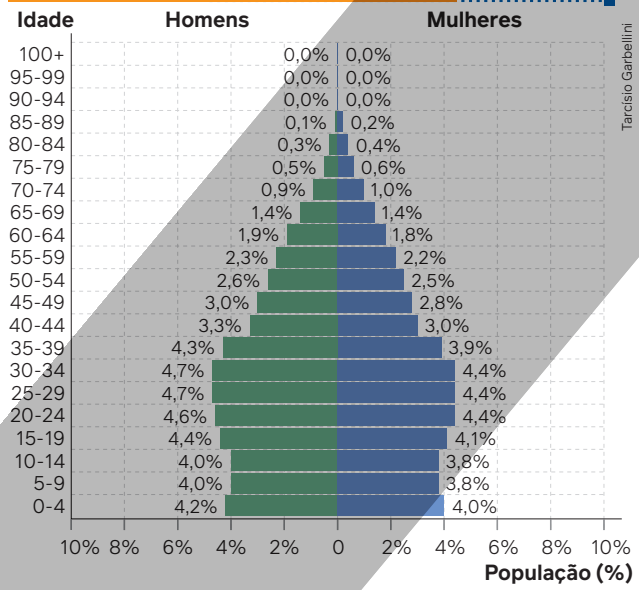
Taxa de fecundidade: número médio de filhos nascidos vivos que teria uma mulher ao fim do período reprodutivo estando sujeita a determinado padrão de fecundidade. O período reprodutivo está compreendido entre os 15 e os 49 anos de idade. No Brasil, a taxa de fecundidade é de 1,7 filho por mulher na idade fértil.

Noruega: pirâmide etária – 2019



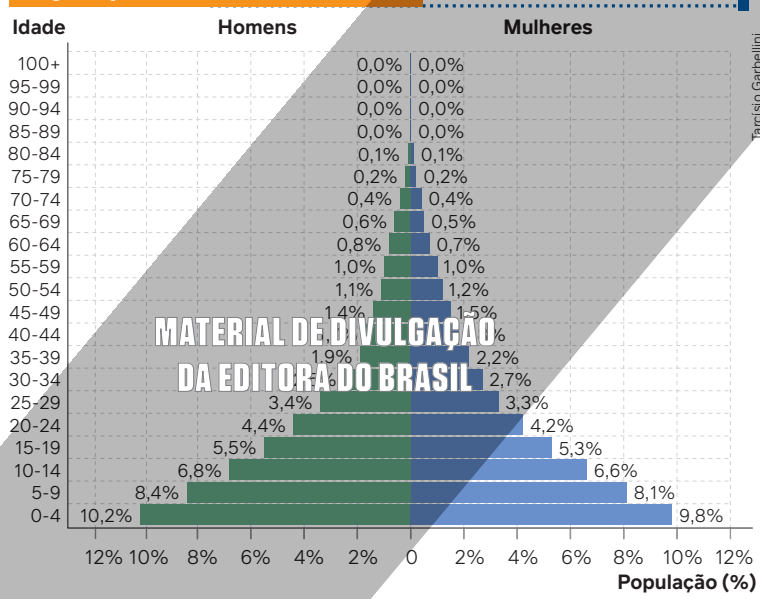
Fonte: NORWAY 2019 – Population pyramids of the world from 1950 to 2010. *In*: POPULATIONPYRAMID.NET. [*S. l.*: *s. n.*], 2019. Disponível em: www.populationpyramid.net/norway/2019/. Acesso em: 10 maio 2020.

Malásia: pirâmide etária – 2019



Fonte: MALAYSIA 2019 – Population pyramids of the world from 1950 to 2010. *In*: POPULATIONPYRAMID.NET. [*S. l.*: *s. n.*], 2019. Disponível em: www.populationpyramid.net/malaysia/2019/. Acesso em: 10 maio 2020.

Níger: pirâmide etária – 2019



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: NIGER 2019 – Population pyramids of the world from 1950 to 2010. *In*: POPULATIONPYRAMID.NET. [*S. l.*: *s. n.*], 2019. Disponível em: www.populationpyramid.net/niger/2019/. Acesso em: 10 maio 2020.

Com base nas três pirâmides acima, faça o que se pede.

1. Descreva a composição etária da sociedade de cada pirâmide apresentada.
2. Qual pirâmide tem a base mais estreita? Quais são as possíveis consequências dessa configuração para o país?
3. Qual pirâmide tem o topo mais largo? O que pode explicar essa configuração?
4. Compare a pirâmide da Noruega com a da Malásia. Há mais semelhanças ou diferenças entre elas? Explique.
5. Compare a pirâmide da Noruega com a do Níger. Há mais semelhanças ou diferenças entre elas? Explique.

Os países desenvolvidos costumam ter melhores indicadores de saúde e educação, como é o caso da Noruega. Isso se expressa numa maior longevidade da população, com expectativa de vida superior a 80 anos. Houve uma diminuição acentuada da taxa de fecundidade, 1,7 filho por mulher no período fértil (entre 15 e 49 anos).

Na África, Ásia e América Latina predominam países subdesenvolvidos periféricos e em desenvolvimento. Nos primeiros, há um padrão diferente de pirâmide etária. As dificuldades de acesso à educação e saúde, além de características culturais, proporcionam altas taxas de natalidade. Além disso, a quantidade de membros nas famílias também influencia sua renda, pois muitas delas vivem de agricultura familiar. O Níger, país situado na faixa semiárida do Sahel, na África Subsaariana, tem atualmente a maior taxa de fecundidade do mundo: mais de 6 filhos por mulher na idade fértil.

Os **países subdesenvolvidos emergentes**, por sua vez, têm maior grau de urbanização e industrialização com relação às demais nações subdesenvolvidas. Nas últimas décadas, esses países sofreram uma queda substancial nas taxas de natalidade. A expectativa de vida também é cada vez maior. Além disso, a melhora nos indicadores de saúde e de educação contribuiu para reduzir a taxa de natalidade. Assim, nas nações emergentes há um padrão piramidal intermediário entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos periféricos. Um dos exemplos é a Malásia, um dos **Novos Tigres Asiáticos**.

Novos Tigres Asiáticos: países asiáticos subdesenvolvidos emergentes que tiveram crescimento econômico acelerado focado em exportações de produtos industrializados principalmente a partir da década de 1990. Também são chamados de "Tigres de 2ª Geração", entre os quais podem ser citados Tailândia, Indonésia, Malásia e Filipinas.

Países subdesenvolvidos emergentes: grupo de países localizados, sobretudo, na África, Ásia e América Latina. Diferenciam-se dos países subdesenvolvidos periféricos porque suas economias são emergentes, têm um relativo desenvolvimento econômico e social, nível médio (ou até um pouco elevado) de desenvolvimento humano e taxas significativas de industrialização.

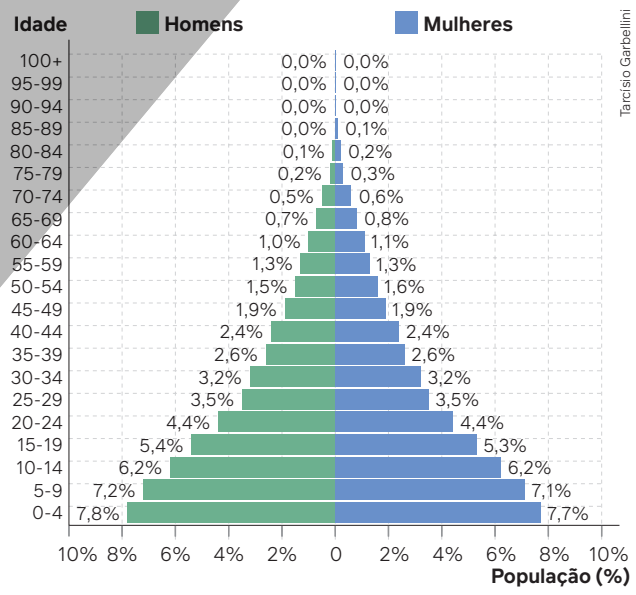
E o Brasil?

Em 1970, como podemos observar na pirâmide etária a seguir, o Brasil apresentava uma estrutura típica dos países subdesenvolvidos, com base larga devido à alta taxa de natalidade. O percentual de idosos era pequeno, uma vez que a expectativa de vida era de 59 anos.

O que favoreceu a mudança na pirâmide etária brasileira a partir da década de 1970 foi a urbanização, com a população urbana ultrapassando a população rural. Nas cidades, o maior custo de criação de filhos e o maior acesso aos serviços de saúde e educação provocaram queda da taxa de natalidade e aumento da longevidade. A difusão de contraceptivos e o maior ingresso de mulheres no mercado de trabalho também contribuíram para diminuir a natalidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

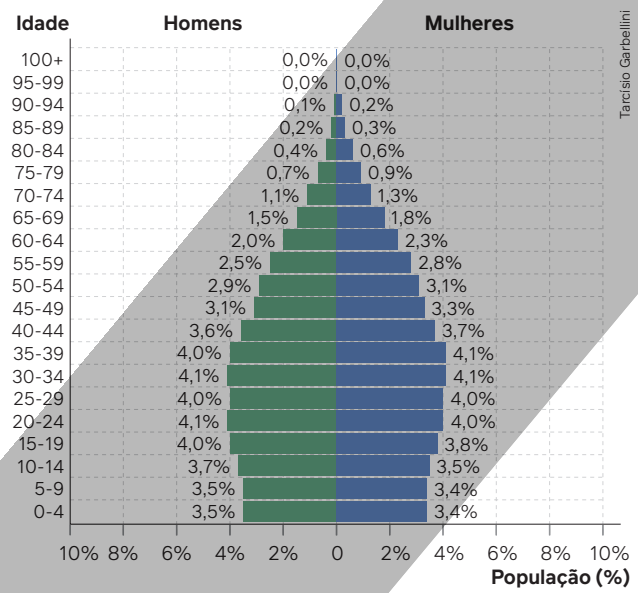
Brasil: pirâmide etária – 1970



Fonte: BRAZIL 1970 – Population pyramids of the world from 1950 to 2010. *In*: POPULATIONPYRAMID.NET. [*S. l.*: *s. n.*], 2019. Disponível em: www.populationpyramid.net/brazil/1970/. Acesso em: 10 maio 2020.

Na década de 1990, a pirâmide etária do Brasil já tinha assumido o padrão dos países subdesenvolvidos emergentes. Devido ao declínio nas taxas de natalidade e fecundidade, a proporção de jovens (na faixa entre 0 e 19 anos) foi reduzida para cerca de 30% em relação à população absoluta total. O Brasil se transformou, então, em um "país de adultos" (faixa entre 20 e 60 anos), na proporção de 57%. Foi assim que o "país de jovens" ficou no passado. A proporção de população idosa (a partir de 60 anos) aumentou para 13% em decorrência da elevação na expectativa de vida, hoje superior a 76,2 anos. As mulheres apresentam maior longevidade, 79,8 anos, já que a dos homens é de 72,2 anos.

Brasil: pirâmide etária - 2019



Fonte: BRAZIL 2019 – Population pyramids of the world from 1950 to 2010. *In*: POPULATIONPYRAMID.NET. [*S. l.*: *s. n.*], 2019. Disponível em: www.populationpyramid.net/brazil/2019/. Acesso em: 10 maio 2020.

1. Pesquise diferentes gerações de sua família (bisavós, avós e pais) de modo a descobrir o número de filhos por mulher em cada uma.
2. Identifique mudanças em relação ao número de filhos.
3. Por meio de entrevistas, investigue os motivos das mudanças.
4. Os resultados condizem com a mudança na pirâmide etária do país no decorrer dos últimos 50 anos?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Uma das consequências do aumento da longevidade é o aumento dos custos com previdência social e saúde pública. No contexto capitalista, os Estados Nacionais cujas dívidas públicas se elevaram nas últimas décadas são pressionados a **angariar** recursos para pagar, ao sistema financeiro, os juros do endividamento. Assim, a elevação do **aporte** em assistência e previdência social é vista como um risco para as finanças dos países.

Em vários países desenvolvidos e emergentes, quando a expectativa de vida sobe, os governos costumam propor reformas previdenciárias. Na maioria das vezes, as reformas consistem em aumentar a idade de aposentadoria e elevar o tempo de contribuição, mediante a alegação de problemas orçamentários e déficit no sistema previdenciário. Mas quais são as consequências dessas medidas para o trabalhador? Elas têm também impacto no mercado de trabalho?

GLOSSÁRIO

Angariar: atrair para si; conquistar; alcançar.

Aporte: contribuição para determinada finalidade.

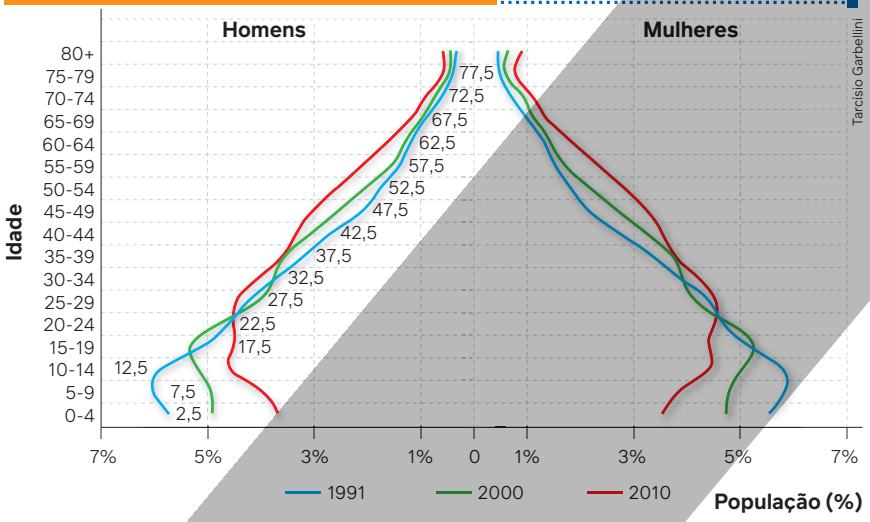
1. Faça uma pesquisa sobre o sistema de previdência social de outro país.
2. Compare os resultados dessa pesquisa com o sistema vigente no Brasil.
3. Cite as vantagens e desvantagens de cada um, do ponto de vista do trabalhador.

Análise

Pirâmide etária brasileira

Veja a seguir a sobreposição das pirâmides etárias brasileiras de 1991, 2000 e 2010.

Brasil: evolução da pirâmide etária – Censos 1991, 2000 e 2010



Fonte: IBGE. *Atlas do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 46.

1. Identifique duas mudanças quanto ao formato das pirâmides e relacione-as com a evolução temporal das taxas de natalidade e fecundidade.
2. Descreva o que aconteceu com os percentuais de jovens, adultos e pessoas da terceira idade.
3. Pesquise políticas públicas que seriam prioritárias para jovens, adultos e idosos caso houvesse permanência da tendência verificada entre 1991 e 2010 no futuro.

O que é bônus ou janela demográfica?

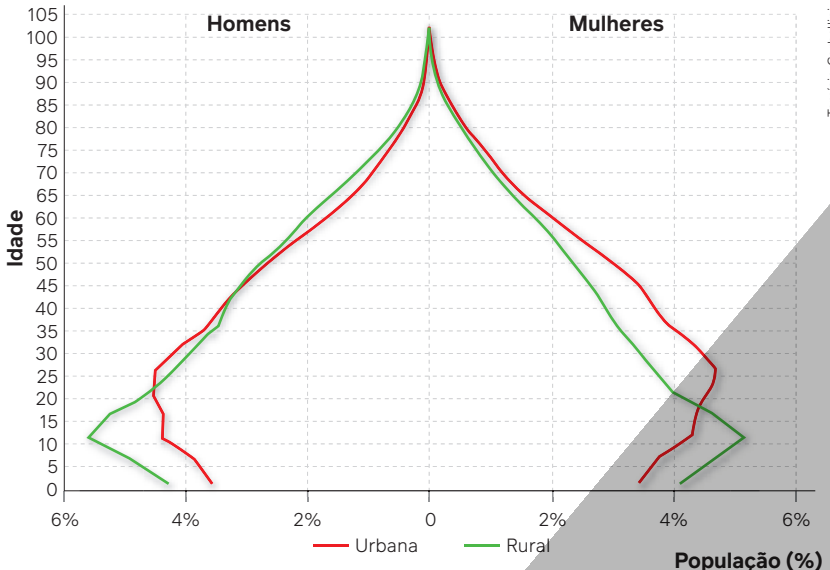
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O bônus, ou janela demográfica, é o período em que a proporção da População Economicamente Ativa (PEA) é maior do que a taxa de dependentes. Os dependentes são os jovens de até 15 anos e idosos a partir de 65 anos. Nesse período, é recomendável que os países estimulem o crescimento da economia, a geração de empregos formais e a arrecadação para a previdência social.

O Brasil apresenta um quadro de bônus demográfico que deverá terminar em breve, devido ao aumento da proporção de idosos. Um período continuado de baixo crescimento econômico, desemprego alto e muita informalidade nas relações de trabalho pode levar a um futuro socioeconômico não desejável no decorrer do século XXI – ou seja, com desenvolvimento aquém do desejável e alta proporção de idosos em situação de pobreza.

Como podemos observar na sobreposição de pirâmides etárias da página a seguir, no Brasil há diferenças significativas entre as pirâmides etárias da zona rural e da zona urbana. No campo, tradicionalmente, a taxa de natalidade é alta, resultando numa pirâmide com base mais larga. Já a pirâmide etária urbana apresenta proporções maiores de população adulta e de terceira idade, pois a urbanização está relacionada à queda da taxa de natalidade. Isso acontece porque, nas cidades brasileiras, mais famílias tiveram acesso aos serviços sociais e assim conseguiram planejar o número de filhos.

Brasil: pirâmides urbana e rural – 2010



Fonte: IBGE. *Atlas do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 36.

GLOSSÁRIO

Aglomerado subnormal: espaço urbano em que se localizam, no mínimo, 51 habitações precárias com ocupação irregular (terrenos públicos ou privados). O termo engloba favelas, comunidades, invasões, grotas, mocambos, palafitas e baixadas.

Análise

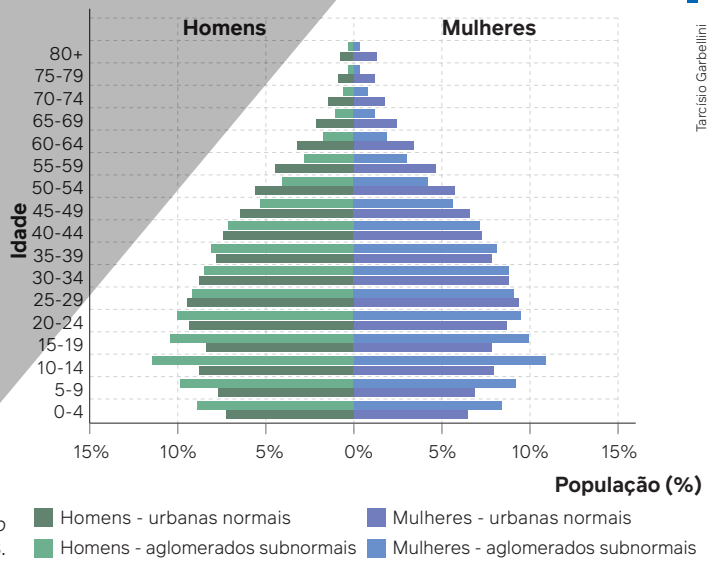
Pirâmide etária e desigualdade

Além da pirâmide etária do conjunto da sociedade brasileira, outras pirâmides podem revelar diferentes condições de vida. A pirâmide apresentada ao lado, por exemplo, é subdividida em áreas urbanas normais e **aglomerados subnormais** (favelas). Reflita sobre ela para responder às questões.

1. Quais são as principais diferenças entre a pirâmide dos habitantes de áreas urbanas normais e subnormais?
2. O que essas diferenças revelam sobre as diferenças socioeconômicas entre as áreas urbanas normais e subnormais?
3. Quais são os impactos dessas diferenças na inserção da população no mercado de trabalho?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Brasil: pirâmide etária da Região metropolitana de São Paulo – 2010



Fonte: IBGE. *Atlas do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 48.

Populações indígenas

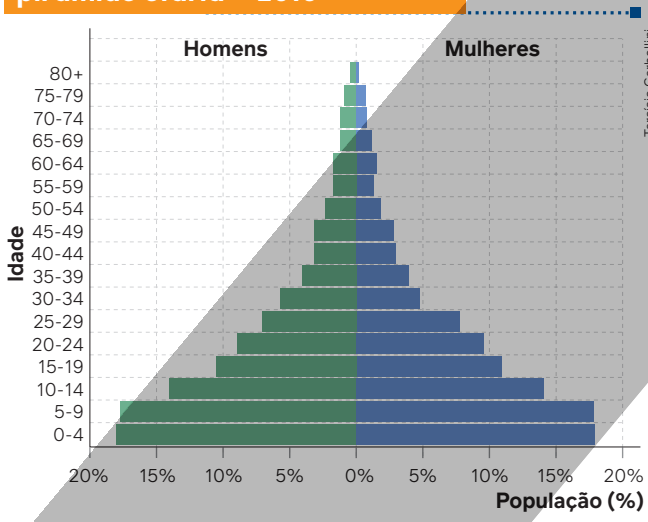
Desde o Censo de 1991, a população indígena do Brasil teve um aumento de proporção em relação à população total do país – uma boa notícia após séculos de diminuição demográfica. O percentual aumentou de 0,2% em 1991 para 0,4% em 2010. Isso ocorreu por vários fatores. Um deles foi a demarcação de Terras Indígenas, que melhorou as condições de vida de várias etnias, dificultando invasões por garimpeiros, **grileiros** e madeireiros em regiões como o Centro-Oeste e o Norte.

Grileiros: pessoas que se apropriam de terras rurais utilizando documentos falsos. O nome vem de uma prática utilizada antigamente para que os documentos falsos parecessem antigos, dando a impressão de serem verdadeiros.

Região metropolitana: região criada por legislação estadual com acentuada urbanização. Consiste na integração de um conjunto de municípios a um município polarizador do ponto de vista socioeconômico. Os municípios são interdependentes quanto a infraestrutura, mercado de trabalho e serviços públicos e privados.

A demarcação das Terras Indígenas favoreceu a conservação dos biomas dos quais esses povos dependem para sobreviver por meio de atividades como a caça e a pesca. Apesar dos problemas, a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o Sistema Único de Saúde (SUS) melhoram os serviços de saúde para os indígenas. Com a alta taxa de fecundidade e a redução da mortalidade infantil, a população indígena iniciou um processo de recuperação. Na pirâmide etária a seguir, do Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso, observa-se uma base larga, refletindo a elevada taxa de natalidade.

Parque Indígena do Xingu (MT): pirâmide etária – 2010



Fonte: IBGE. *Atlas do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 48.

Assegurado o direito à terra, muitas etnias indígenas tiveram condições de conservar e recuperar suas tradições culturais, sendo pouco cooptadas pela sociedade capitalista quanto às relações de trabalho. Em muitas Terras Indígenas, as conexões com a sociedade capitalista ocorrem marginalmente e de forma pontual por meio de atividades como ecoturismo e produção de artesanato. As conexões se tornam muito importantes para alguns povos indígenas pela necessidade de resistência e defesa. Já grande parte das populações indígenas que habitam as cidades foram inseridas em relações de trabalho capitalistas em setores como comércio e serviços, motivo pelo qual apresentam dinâmica demográfica e social similar à verificada no conjunto das populações das periferias urbanas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Professor da etnia pareci durante aula na Escola Municipal Indígena Bacaval, na Aldeia Bacaval. Campo Novo do Parecis (MT), 2018.

Populações idosas

A mudança na estrutura etária brasileira trouxe consequências para a sociedade e o governo. Numa sociedade que valorizou excessivamente a juventude durante muitas décadas, agora é preciso aumentar seu cuidado com os idosos. Na atualidade, os principais problemas que atingem a terceira idade no Brasil são o preconceito social, o abandono familiar, os maus-tratos, o baixo valor das aposentadorias e as dificuldades de acesso ao sistema de saúde.

Considerando os arranjos familiares atuais, a maioria dos idosos brasileiros mora com os filhos. Mas isso não é explicado somente pela dependência dos idosos em relação aos familiares mais jovens. No Brasil, a renda da aposentadoria dos idosos é importante para o sustento das famílias, principalmente nos municípios mais pobres. Trata-se de uma renda que movimenta a economia de pequenos municípios, beneficiando o comércio e os serviços.



Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Pescador vende peixes à margem da Baía do Guajará. Belém (PA), 2019.

As sociedades capitalistas devem muito ao trabalho e à capacidade empreendedora das gerações passadas; todavia, muitas não valorizam seus idosos. No Brasil, vários idosos das classes mais vulneráveis continuam a trabalhar após a aposentadoria por necessidade, para complementar a renda. Contudo, diversas empresas voltaram a considerar a experiência profissional da terceira idade, algumas produzindo maior interação geracional.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

De acordo com o IBGE, os que continuam no mercado de trabalho brasileiro são em sua maioria autônomos (46%), têm Ensino Fundamental incompleto (67%), são chefes de família (63,2%) e trabalham no comércio, agropecuária e indústria de transformação.

No ano de 2004, com o objetivo de combater o preconceito, assegurar direitos e melhorar a qualidade de vida da população de terceira idade, foi criado o Estatuto do Idoso. Entre os principais pontos do estatuto, destacam-se:

- os medicamentos de uso continuado devem ser fornecidos gratuitamente pelo governo;
- abatimento de 50% no valor dos ingressos para eventos artísticos, culturais e esportivos;
- restrições para os planos de saúde reajustarem as mensalidades a partir dos 60 anos;
- os idosos mais pobres com mais de 65 anos que não tenham renda terão direito a um benefício mensal de um salário mínimo;
- no sistema judiciário, pessoas com mais de 60 anos passam a ter prioridade na tramitação de processos;
- transportes coletivos públicos são gratuitos para maiores de 65 anos, bastando apresentar documento pessoal;
- o idoso terá prioridade na aquisição de casa própria em programas de habitação públicos e as mensalidades devem ser compatíveis com os rendimentos das pensões e das aposentadorias.

Análise

A terceira idade no mercado de trabalho

Pouco tempo atrás, só jovens estudantes em busca da primeira experiência profissional concorriam às vagas de estágio oferecidas pelas empresas. Embora eles continuem sendo os candidatos que mais aparecem nesse tipo de seleção, um novo público vem surgindo no mercado: o da terceira idade.

Um levantamento feito pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) em seu banco de dados mostrou que, no ano passado, havia 96 estagiários acima dos 60 anos atuando no país, o que representava 1,5% do total.

[...]

Embora os números sejam tímidos, eles indicam mais disposição das empresas em abrir espaço para profissionais maduros. O percentual de idosos na força de trabalho saltou de 5,9%, em 2012, para 7,2%, em 2018.

[...]

"O envelhecimento populacional é um fenômeno observado mundialmente. O fator que mais colabora para esse cenário é a redução das taxas de fecundidade, e não o aumento da expectativa de vida. Isso quer dizer que será preciso utilizar a mão de obra da terceira idade porque faltarão jovens no mercado de trabalho", diz Reinaldo Gregori, sócio-diretor da Cognatis, consultoria especializada em *geomarketing*, *analytics* e Big Data.

Outro ponto que as empresas devem considerar: o perfil dos idosos está em plena transformação. Hoje, mesmo depois da aposentadoria, uma boa parcela de homens e mulheres quer continuar na ativa – seja por necessidade financeira, seja pelo prazer de sentir-se útil [...].

LIMA, Paula. 5 benefícios de contratar estagiários sessentões. *Você S/A*, São Paulo, 31 maio 2019. Disponível em: https://vocesa.abril.com.br/voce-rh/5-beneficios-em-contratar-estagiarios-sessentoes/. Acesso em: 26 jun. 2020.

1. De acordo com o texto, quais fatores explicam o aumento de pessoas da terceira idade no mercado de trabalho no decorrer dos últimos anos?
2. Você conhece idosos que trabalham? Que atividades eles desempenham?
3. Você acha que a contratação de funcionários idosos pode ser vantajosa para as empresas? Explique sua resposta, listando as possíveis vantagens dessa medida.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

População jovens

Crianças e adolescentes também constituem grupos etários vulneráveis, devido aos altos índices de mortalidade juvenil por violência, à permanência de casos de trabalho infantil e à elevada violência doméstica.



Diego Herculano/Folhapress

Apesar de proibido por lei, o trabalho infantil ainda está presente em diversas cidades brasileiras. Recife (PE), 2016.

Segundo a Constituição brasileira, é dever da sociedade e do Estado garantir à criança e ao adolescente o direito à alimentação, saúde, cultura, dignidade, liberdade e convivência familiar. Portanto, crianças e adolescentes devem ser protegidos da negligência, discriminação e violência. Apesar do avanço na legislação, o Brasil ainda está longe de garantir esses direitos, principalmente para as camadas mais pobres da população.

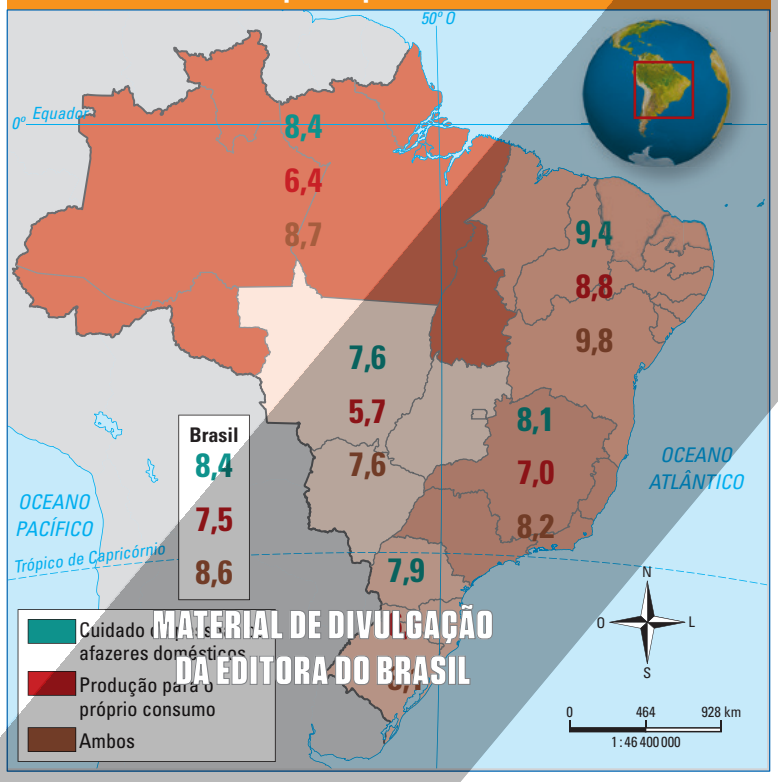
Um dos maiores problemas da infância no Brasil é o trabalho infantil. Muitas crianças e adolescentes são obrigados a trabalhar para sustentar ou **suplementar** a renda de suas famílias. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (Pnad) do IBGE, em 2016, 1,8 milhão de crianças e adolescentes trabalhavam. A exploração do trabalho infantil permite ampliar a margem de lucro de muitos empresários e proprietários de terra.

Quais são as piores formas de trabalho infantil? A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define que as atividades que mais oferecem riscos à saúde física e psicológica das crianças são o trabalho nas ruas, o trabalho doméstico, nas carvoarias, nos lixões e na agricultura (nesse caso, com o agravante de exposição aos agrotóxicos). Como a faixa etária coincide com o Ensino Fundamental e Ensino Médio, muitos jovens têm dificuldade para conciliar o trabalho com a escola, o que resulta, por vezes, em repetência e evasão escolar.

GLOSSÁRIO

Suplementar: suprir o que falta.

Brasil: média de horas semanais dedicadas a outras formas de trabalho pelas pessoas de 5 a 17 anos – 2016



Tarcísio Garbellini

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua:* trabalho infantil 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 7. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101388. Acesso em: 12 maio 2020.

1. Identifique o problema social destacado no mapa.
2. Há diferenças entre as regiões?
3. Dê sugestões para solucionar o problema.

Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, a População Economicamente Ativa (PEA) elevada decorre não apenas da predominância de adultos mas também dos índices elevados de trabalho juvenil. O país tem muitas crianças e aposentados no mercado de trabalho, uma vez que precisam complementar a renda da família principalmente em períodos de crise econômica e desemprego elevado.

Esses dados nos mostram que não são poucos os problemas do Brasil com relação à pirâmide etária e sua relação com o mundo do trabalho. A seguir, veremos como a estrutura econômica do país lida com alguns desses desafios.

Análise

Infância roubada

Analise os textos e as imagens a seguir.

Texto 1

Organização em prol dos direitos da criança

Entre sociedades mutualistas, combativas, políticas e de identidade étnicas, organizou-se o Comitê Popular de Agitação, contra a exploração das crianças, fundado em março de 1917. Por meio de enquetes, reuniões e palestras, procurava revelar as torpes relações de trabalho a que os menores estavam sujeitos: jornadas extenuantes e graves acidentes. O grupo não se reuniu sem motivo. Até mesmo nas notícias de jornais era comum encontrar casos como o de José, de 12 anos, que teve o braço esmagado por uma máquina amassadeira da fábrica de biscoitos A Fidelidade, e Henrique Guido, de oito anos, que teve os dedos decepados numa oficina da Barra Funda.



Museu da Imigração do Estado de São Paulo, São Paulo

Interior de fábrica de louças. Santa Catarina, 1922. Em 1927, a atividade dos menores de 12 anos foi proibida.

FRACCARO, Glaucia. *Os direitos das mulheres*: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. *E-book*.

Texto 2



Valdir de Oliveira/Fotoarena

Crianças trabalham de ambulantes vendendo alimentos na praia. Muraú (BA), 2018.

Situação das crianças e dos adolescentes no Brasil

De 1990 a 2015, o percentual de crianças com idade escolar obrigatória fora da escola caiu de 19,6% para 6,5% (Pnad). No entanto, mesmo com tantos avanços, em 2015, 2,8 milhões de meninos e meninas ainda estavam fora da escola (Pnad, 2015). E essa exclusão escolar tem rosto e endereço: quem está fora da escola são os pobres, negros, indígenas e quilombolas. Uma parcela tem algum tipo de deficiência. E grande parte vive nas periferias dos grandes centros urbanos, no semiárido, na Amazônia e na zona rural. Muitos deixam a escola para trabalhar e contribuir com a renda familiar. [...]

O Brasil tem uma das legislações mais avançadas do mundo no que diz respeito à proteção da infância e da adolescência. No entanto, é necessário adotar políticas públicas capazes de combater e superar as desigualdades geográficas, sociais e étnicas do país e celebrar a riqueza de sua diversidade.

UNICEF BRASIL. Situação das crianças e dos adolescentes no Brasil. *In*: UNICEF BRASIL. Brasília, DF, [20--]. Disponível em: www.unicef.org/brazil/situacao-das-criancas-e-dos-adolescentes-no-brasil. Acesso em: 18 maio 2020.

1. Identifique as semelhanças do trabalho infantil do início dos séculos XX e XXI no Brasil.
2. Elabore hipóteses que expliquem por que, após 100 anos, ainda há crianças cuja infância foi "roubada".
3. Escreva um texto argumentativo sobre as consequências do trabalho infantil na vida das crianças e adolescentes e na sociedade como um todo.

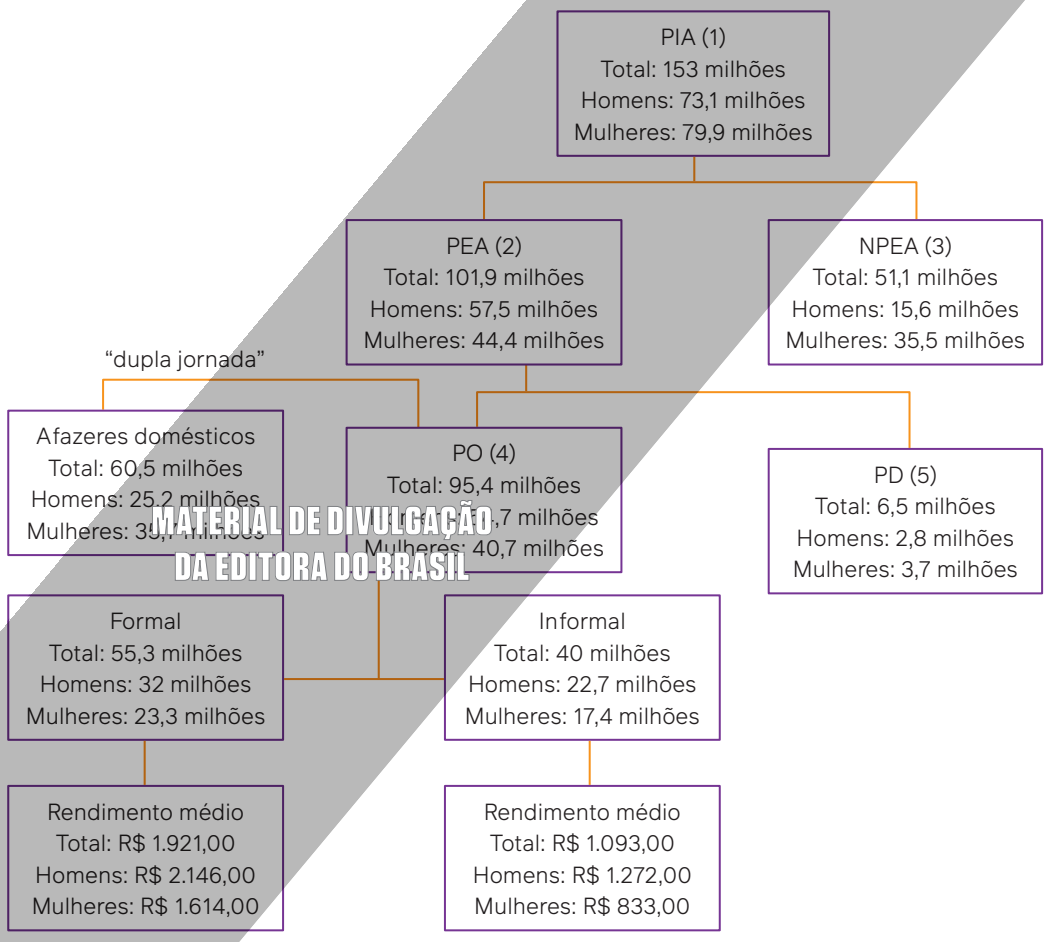
Estrutura econômica

Uma das formas de analisar e classificar uma população é por meio da perspectiva econômica. Chamamos de População em Idade Ativa (PIA) o conjunto de pessoas a partir de 14 anos que se encontra apta a trabalhar, o que é equivalente à força de trabalho. A PIA, por sua vez, é subdividida entre PEA e População Não Economicamente Ativa (NPEA). A PEA é composta de trabalhadores formais, trabalhadores informais e os desempregados (**população desocupada** – PD), ou seja, todas as pessoas que trabalham ou que estão buscando trabalho. O termo PEA Ocupada (PO) refere-se aos trabalhadores formais e informais em atividade. De modo geral, nos países desenvolvidos, o percentual da PEA é mais elevado devido ao predomínio de adultos na estrutura etária.

População desocupada: pessoas de 14 anos ou mais que não estejam trabalhando, mas que tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência (data da pesquisa, geralmente realizada pelo IBGE).

O diagrama a seguir é uma maneira de compreender o mercado de trabalho; utilizamos como exemplo o ano de 2013. Leia os dados de cada boxe, comparando as informações.

Indicadores estruturais do mercado de trabalho – 2013



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: IBGE. *Síntese de indicadores sociais.* Rio de Janeiro: IBGE, 2019. p. 15-31.

1. Há diferença de rendimento entre trabalhadores formais e informais?
2. Quais são as diferenças entre homens e mulheres?
3. Explique a expressão "dupla jornada".



Ricardo Oliveira/Tyba

Os setores da economia

Os trabalhadores que integram a PEA são distribuídos pelos setores da economia descritos a seguir.

- Primário: agricultura, pecuária, silvicultura (reflorestamento comercial) e extrativismo (animal, vegetal e mineral). Abrange desde trabalhadores do agronegócio até comunidades tradicionais como ribeirinhos, povos indígenas e quilombolas.

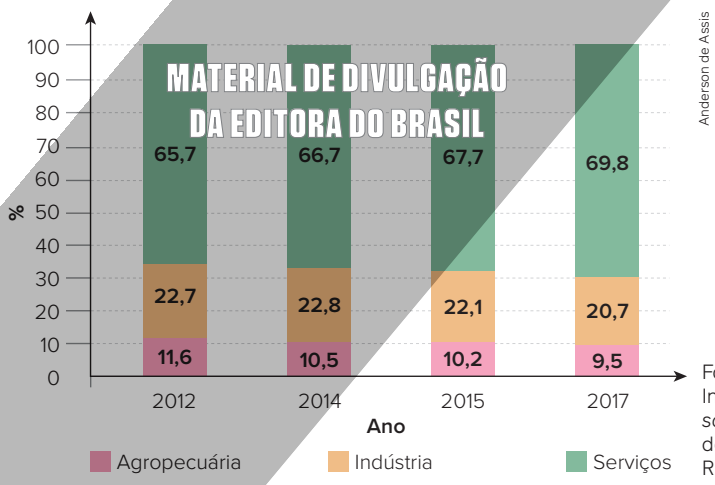
Jovem ribeirinho colhendo açaí na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Anamã. O açaí ganhou mercados consumidores em outras regiões do Brasil e no exterior. Barcelos (AM), 2019.

1. Faça um levantamento de informações sobre o trabalho e condições sociais das comunidades que se dedicam à extração do açaí.
2. A atividade é sustentável considerando a conciliação entre conservação florestal, inclusão social por meio do trabalho e desenvolvimento econômico?
3. Pesquise a articulação entre o extrativismo de açaí e a globalização econômica.

- Secundário: trabalhadores na indústria extrativa, indústria de transformação, construção e eletricidade, gás, água, esgoto e gestão de resíduos. Engloba desde segmentos de trabalhadores com maiores salários em grandes empresas, inclusive transnacionais, até operários em empresas em situação de informalidade.
- Terciário: trabalhadores que atuam no comércio, atividades imobiliárias, administração, defesa, saúde, educação, transportes, armazenagem, correio, informação e comunicação.

Ao longo da história, a distribuição da PEA por setores sofreu modificações importantes no Brasil. Desde a década de 1950, com a concentração fundiária, o êxodo rural e a mecanização do campo, houve forte redução do percentual de trabalhadores no setor primário. Em paralelo, com a industrialização e a urbanização, houve aumento dos setores secundário e terciário. O gráfico ao lado apresenta a distribuição da PEA pelos setores econômicos entre 2012 e 2017.

Brasil: proporção de pessoas de 14 anos ou mais ocupadas na semana – 2012-2017



Anderson de Assis

Fonte: IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Síntese de indicadores sociais:* uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 22.

Com base nos dados apresentados no gráfico, responda às questões a seguir.

1. Qual é o setor predominante no período analisado?
2. Como se deu sua evolução no decorrer do período?
3. O que isso revela sobre o mercado de trabalho no país?

Nos países desenvolvidos, o setor terciário é o responsável pelo maior número de empregos. Isso acontece em decorrência da modernização da agropecuária e da atividade industrial, que diminuiu a mão de obra nos setores primário e secundário.

Todavia, o terciário nos países desenvolvidos apresenta uma proporção maior de trabalhadores em serviços mais sofisticados, que empregam tecnologias de ponta. O Vale do **Silício**, na costa oeste dos Estados Unidos, na região da Baía de São Francisco, com a maior concentração de empresas de elevada tecnologia, é um exemplo da importância do setor terciário para o país. Essa proporção é muito menor nos países em desenvolvimento. No Brasil, por exemplo, a cidade de Campinas (SP) é considerada o Vale do Silício brasileiro, por abrigar grande parte das indústrias de elevada tecnologia no país.

GLOSSÁRIO

Silício: a palavra é associada à expressão "Vale do Silício" porque muitas das empresas de tecnologia de ponta e de pesquisa que atuam na região utilizam esse elemento químico (que, em temperatura ambiente, encontra-se no estado sólido) como um dos principais componentes eletrônicos e base para todos os processadores dos computadores atuais.

Edson Grandisoli/Pulsar Imagens



Em 2018, o governo brasileiro inaugurou a primeira etapa do Projeto Sirius, um acelerador de elétrons de quarta geração, junto ao *campus* do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), órgão de pesquisa ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. O acelerador será utilizado por universidades e empresas. A iniciativa, que está no contexto dos esforços brasileiros para ingressar na Quarta Revolução Industrial, poderá ter aplicações variadas, como nas áreas de Física Nuclear, Medicina, Biologia e indústria química. Campinas (SP), 2018.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O crescimento do setor terciário ocorreu também em alguns países subdesenvolvidos e em países emergentes. Na atualidade, são poucos os países cujos empregos dominantes estão no setor primário, geralmente as nações menos desenvolvidas.

No Brasil, 69,8% (IBGE, 2017) dos trabalhadores concentravam-se no setor terciário. Na composição do Produto Interno Bruto (PIB), como podemos observar na tabela ao lado, o terciário é amplamente dominante, o que evidencia uma terciarização da economia.

Brasil: Produto Interno Bruto – 1º trimestre de 2019

Primário	6,2%
Secundário	20,3%
Terciário	73,5%

Fonte: DATASEBRAE. *Qual é a participação dos setores da economia no PIB?* DATASEBRAE. [*S. l.*], [c2016-2020]. Disponível em: https://datasebrae.com.br/pib/#setores. Acesso em: 22 maio 2020.

Este é um quadro complexo, pois o setor terciário abarca desde empregos com maior remuneração (como executivos, profissionais de finanças, médicos, arquitetos e altos funcionários públicos) até um imenso contingente de trabalhadores informais com baixos rendimentos (como camelôs e empregadas domésticas). No passado, este fenômeno era denominado de hipertrofia do terciário, isto é, o setor estaria "inchado" e com trabalhadores de baixa qualificação.

ONGs: as organizações não governamentais são entidades da sociedade civil que atuam em diversos setores, principalmente ambientais e sociais. Configuram o terceiro setor, uma vez que o primeiro setor é o público e o segundo, as empresas privadas.

Mas não confunda "setor terciário" com termos semelhantes como "terceiro setor", que se refere às **organizações não governamentais (ONGs)**, e "terceirização", quando as empresas utilizam trabalhadores de outras empresas para fazer determinadas funções.

O mercado de trabalho no Brasil

Você sabe o que é mercado de trabalho? Esse conceito engloba os empregadores que disponibilizam vagas de trabalho e os trabalhadores que procuram oportunidade. Trata-se de um universo que reúne empresas públicas e particulares. Por vezes, devido a fatores como crises econômicas, o número de vagas fica estagnado ou é reduzido, o que torna mais difícil para os desempregados encontrarem trabalho.

O mercado de trabalho brasileiro é complexo e diversificado. Entre 2000 e 2013, o país apresentou crescimento econômico moderado e superior às décadas anteriores. Nesse período também foi aplicada uma política de valorização do salário mínimo, que passou a ser reajustado de acordo com o crescimento do PIB e a taxa de inflação, o que proporcionava a manutenção do poder aquisitivo dos trabalhadores. Houve queda do desemprego e crescimento do trabalho formal.

A partir de 2014, o Brasil passou por uma grave crise política e econômica, apresentando recessão, o que causou elevação rápida da taxa de desemprego (desocupação), aumento da informalidade e precarização ainda maior do mercado de trabalho. Outro problema é a subutilização da força de trabalho – segundo o IBGE, em 2017, 7,1% da população ocupada trabalhava menos de 40 horas semanais, embora desejasse e estivesse disponível para trabalhar mais horas. Assim, essa parcela foi subocupada por insuficiência de horas.



Danilo Verpa/Folhapress

Fila de desempregados em busca de trabalho. São Paulo (SP), 2019.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

1. Pesquise o conceito de desemprego estrutural.
2. Com base no resultado da pesquisa, é possível resolver o problema evidenciado na fotografia? Justifique.
3. Proponha ações do governo e do setor privado para diminuir ou erradicar o problema.

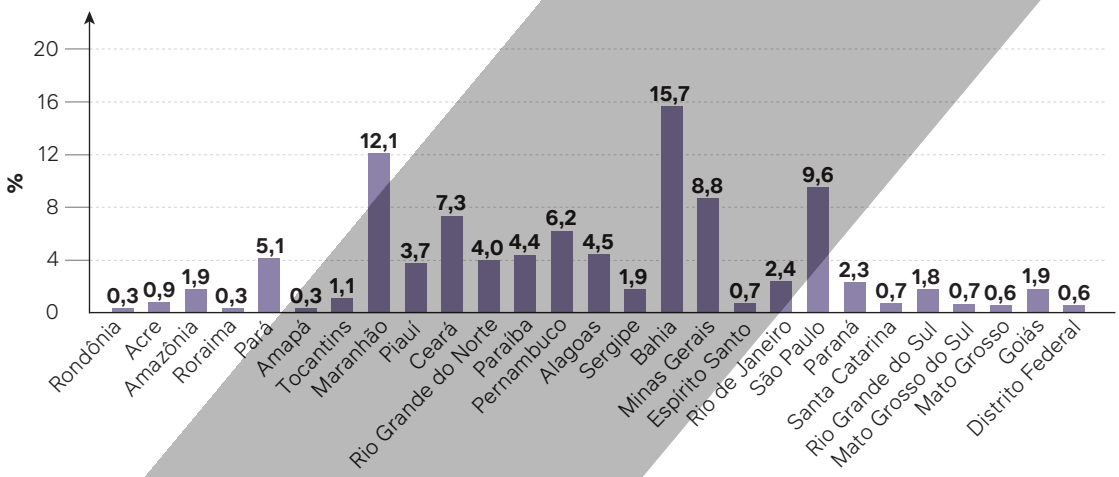
Entre os principais problemas que afligem os trabalhadores brasileiros estão a predominância de baixos salários, a alta proporção de ocupações informais, a persistência do trabalho análogo à escravidão, o grande número de casos de trabalhos degradantes (com longas jornadas de trabalho e ambiente insalubre) e altos índices de desemprego (especialmente entre jovens, negros e mulheres).

Conforme vimos no percurso anterior, as formas de trabalho não são estáticas. Muito pelo contrário, elas mudam de acordo com o tempo e o espaço, constituindo uma dimensão dinâmica da vida social. No decorrer da história brasileira foram muitas as mudanças observadas no diverso mundo do trabalho. Desde a implementação e posterior abolição da escravidão até as mudanças recentes na legislação, passando pela entrada das mulheres no mercado de trabalho, foram vários os arranjos e configurações.

A partir de 2016, o governo brasileiro empreende reformas na legislação trabalhista com o objetivo de facilitar a contratação de trabalhadores e reduzir os custos para as empresas. Entre as principais mudanças implementadas estão a aprovação da terceirização irrestrita (atividade-fim ou principal das empresas), a prevalência do negociado entre o trabalhador e o empresário sobre o julgado na Justiça do Trabalho, o trabalho intermitente e o fim da obrigatoriedade de contribuição sindical.

A reforma trabalhista não impediu, porém, que o mercado de trabalho no Brasil tenha muitos trabalhadores desalentados, isto é, que desistiram de procurar emprego porque não têm esperanças de que irão encontrá-lo. Em 2019, 4,9 milhões de pessoas se enquadravam nessa categoria. É importante lembrar que a taxa de desemprego convencional mede apenas a população que no momento da pesquisa estava procurando emprego e não conseguia encontrar; portanto, os desalentados não entram na estatística de brasileiros desempregados. A faixa etária com índice mais alto entre os desalentados é a de jovens entre 14 e 23 anos. Além disso, as mulheres sofrem mais com o desalento do que os homens. De acordo com o gráfico a seguir, o maior número de desalentados está em estados como Bahia, Maranhão, São Paulo, Minas Gerais e Ceará.

Brasil: distribuição do desalento por estado – 2019



Anderson de Assis

Fonte: PERUCHETTI, Paulo; RATCHER, Laísa. Quem são os desalentados no Brasil. *In*: IBRE/FGV. *Blog do Ibre*. Rio de Janeiro, 24 set. 2019. Disponível em: https://blogdoibre.fgv.br/posts/quem-sao-os-desalentados-no-brasil. Acesso em: 12 nov. 2019.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O trabalho análogo à escravidão

Sabemos que muitas sociedades utilizaram a mão de obra escravizada. No contexto histórico do desenvolvimento do capitalismo, a escravidão ocorreu sobretudo nas colônias europeias da América, em países como Brasil, Estados Unidos e Cuba, onde os escravizados africanos foram, durante muito tempo, a base da produção econômica.

Desde o final do século XIX, porém, o trabalho escravo foi formalmente abolido. No decorrer do século XX, a escravidão passou a ser considerada uma das mais graves violações dos direitos humanos. Apesar disso, no mundo contemporâneo ainda há inúmeros registros de casos de trabalho análogo à escravidão, especialmente em nações subdesenvolvidas e emergentes.

Apesar disso, no mundo contemporâneo ainda há inúmeros registros de casos de trabalho análogo à escravidão, especialmente em nações subdesenvolvidas e emergentes.

De acordo com um relatório da OIT e da ONG Walk Free Foundation, em 2016 ao menos 45,8 milhões de pessoas viviam uma situação de escravidão em todo o mundo. Desse montante, 58% estavam concentrados em cinco países: Índia, China, Paquistão, Bangladesh e Uzbequistão. Apesar de os números serem assustadores, o relatório ressalta que eles são, provavelmente, bem inferiores do que a realidade, já que é muito difícil verificar esse tipo de informação.

A mesma pesquisa estimou a presença de cerca de 161 mil pessoas em condições análogas às de escravizados. Proporcionalmente à população, o Brasil tem uma incidência baixa (0,078%), melhor que a de seus vizinhos latino-americanos. Levando em conta o indicador, o país figura apenas na 151ª posição entre 167 nações ao redor do globo. Nas Américas, fica na frente apenas de EUA e Canadá.

A legislação brasileira classifica como trabalho análogo à escravidão as situações a seguir.

- Trabalho forçado: submissão à exploração, sem possibilidade de deixar o local por causa de dívidas ou de ameaças.
- Jornada exaustiva: expediente desgastante que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador.
- Servidão por dívida: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho para "prender" o trabalhador ao local de trabalho.
- Condições degradantes: elementos irregulares, que caracterizam a precarização da situação do trabalhador, como alojamento e alimentação precários, maus-tratos, ausência de saneamento básico e água potável.

GLOSSÁRIO

Aliciar: atrair; cativar; exercer atração sobre algo ou alguém.
Autuar: colocar em processo; lavrar uma infração cometida contra alguém.

Dados recentes do Ministério do Trabalho mostram que, desde 1995, mais de 50 mil trabalhadores já foram libertados no Brasil. A maioria deles (95%) eram homens com idade entre 18 e 44 anos. Isso não significa, porém, que esse problema esteja perto do fim. Entre 2016 e 2019, 187 empresas brasileiras foram **autuadas** por utilizar trabalho análogo à escravidão. O estado com o maior número de notificações, bem como de trabalhadores resgatados, é Minas Gerais. Apenas em 2019 foram 12 empresas notificadas e 164 pessoas resgatadas.



Juarez Rodrigues/EM/D.A Press

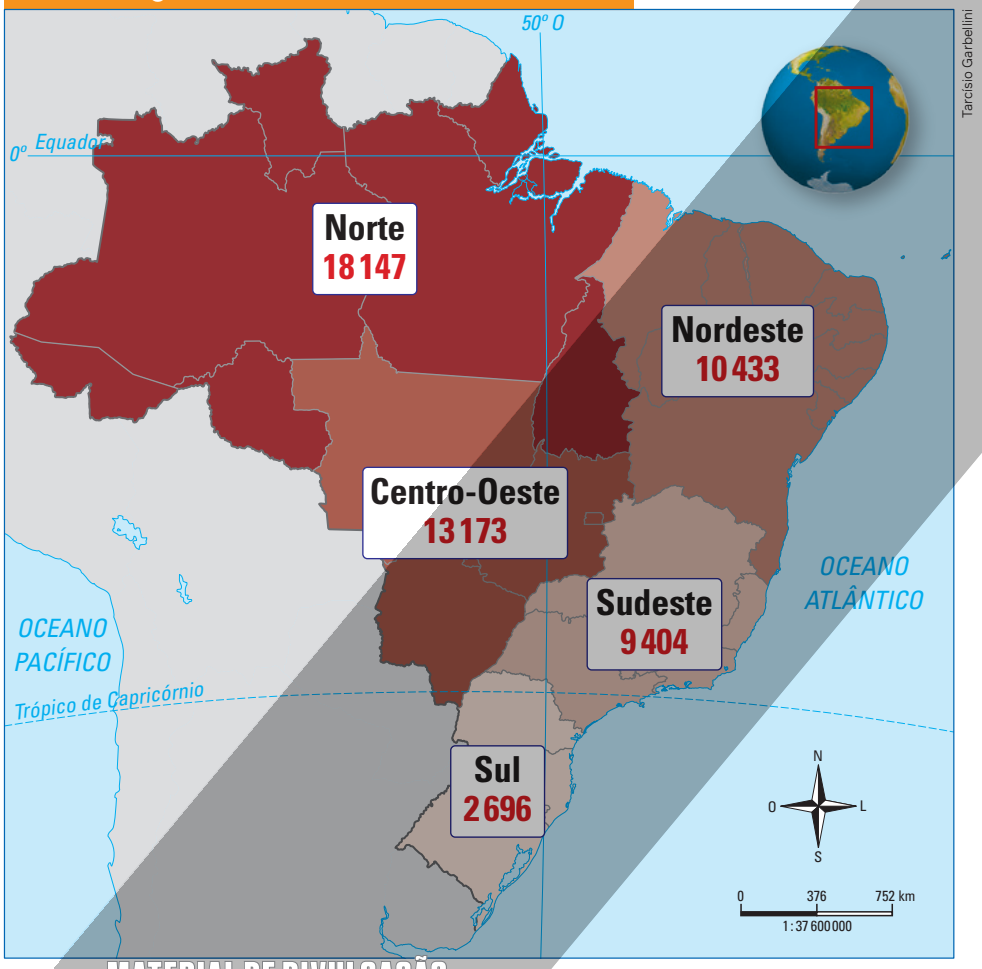
Fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego encontra trabalhadores em condições irregulares em carvoaria. Sacramento (MG), 2013.

Casos de trabalho análogo à escravidão continuam sendo encontrados em todas as regiões do país, especialmente no Norte, Centro-Oeste e Nordeste.

Casos de trabalho análogo à escravidão continuam sendo encontrados em todas as regiões do país, especialmente no Norte, Centro-Oeste e Nordeste. A modalidade dominante é a escravidão por dívida: trabalhadores são **aliciados** e levados até essas regiões com a promessa de trabalho; entretanto, ao chegarem, são obrigados a comprar alimentos, vestuário e até instrumentos laborais, contraindo dívidas impagáveis com os empresários. Com isso, deixam de receber salários, trabalhando em troca dos itens que tiveram de adquirir.

Vale notar, ainda, que o maior número de casos ocorre em áreas rurais, tendo como principais atividades a produção de carvão vegetal, a pecuária bovina e o desmatamento. Também ocorrem casos pontuais na agricultura, a exemplo da monocultura de cana-de-açúcar.

Brasil: resgates de escravizados – 1995-2019



Fonte: NUZ[illegible] de explicam trabalho escravo, diz frei. *Rede Brasil Atual*, São Paulo, 28 jan. 2019. Disponível em: www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/01/marco-regulatorio-d[illegible]-retrocesso/. Acesso em: 15 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Desde 2010, porém, vem sendo observado um aumento no número de trabalhadores nessa situação no meio urbano. Esse crescimento está relacionado a alguns casos de mão de obra escravizada no setor da confecção têxtil e envolve sobretudo trabalhadores migrantes oriundos de países da América Latina, como Bolívia e Peru. No geral, são pessoas atraídas por falsas promessas de trabalho ou migram forçadamente por causa da precariedade socioeconômica em seus países de origem.

Muitos estudos mostram que a pobreza e a falta de oportunidade desempenham um papel importante no aumento da vulnerabilidade à escravidão moderna. Eles também indicam desigualdades sociais e estruturais mais profundas que possibilitam que a exploração persista, como a xenofobia, o racismo e as discriminações de gênero.

1. Pesquise na internet dois casos reais de trabalho análogo à escravidão no Brasil, indicando sua localização. Lembre-se de que os casos pesquisados devem considerar as características dessa atividade, tais como trabalho forçado, jornada exaustiva, servidão por dívida e condições degradantes. Com base na análise dos casos, proponha soluções para o problema.

Análise

Os soldados da borracha

Um dos episódios mais marcantes da história do trabalho no Brasil é também um dos menos lembrados. Em 1942, em meio à Segunda Guerra Mundial, o Japão, como resultado de sua política imperialista conhecida como "Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental", controlava 97% da produção de borracha do mundo e havia cortado o fornecimento para países inimigos, entre eles, os Estados Unidos e a Inglaterra. Matéria-prima fundamental à indústria bélica, a borracha diminuía rapidamente nos estoques, deixando muitas das nações em guerra (em especial os Estados Unidos) em situação alarmante. Diante disso, uma comissão foi convocada pelo presidente estadunidense Franklin Roosevelt, a qual chegou à conclusão de que a Amazônia era capaz de produzir mais que o dobro das necessidades dos EUA (cerca de 800 mil toneladas anuais). No entanto, para chegar à produção desejada, seriam necessários cerca de 100 mil trabalhadores, e a região contava apenas com 35 mil.

Nesse contexto, o presidente Getúlio Vargas firmou acordos que estabeleciam o investimento maciço dos EUA na produção de borracha na Amazônia. Porém o governo brasileiro deveria organizar o encaminhamento de grandes contingentes de trabalhadores para os seringais. Assim, Vargas fez campanhas com muitas promessas àqueles que quisessem colaborar. Como incentivo aos trabalhadores, o governo previa um pequeno salário durante a viagem até a Amazônia e, após a chegada, uma remuneração de 60% de todo o capital obtido com a extração. Comparados pelo governo e pela imprensa a soldados, sendo chamados de "soldados da borracha", os trabalhadores foram envolvidos num verdadeiro esforço de guerra.

Aos poucos, porém, ficou claro que o alistamento voluntário não seria suficiente para a produção esperada. Teve início então o recrutamento forçado de jovens, focado principalmente na população do sertão nordestino. Eram oferecidas duas opções às famílias: [illegible] para os seringais ou s[illegible] Europa, a fim de lutar contra os italianos e os alemães na guerra. Não é difícil imaginar que muitos daqueles jovens preferiram a Amazônia.



Fundação Getúlio Vargas - CPDOC

Transporte de trabalhadores para a Amazônia, entre 1942 e 1945.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No entanto, não foram veiculados em campanhas os inúmeros problemas existentes: dificuldades para chegarem à Amazônia (a viagem demorava mais de três meses, em péssimas condições de transporte e alimentação), ausência de assistência médica e vários conflitos entre trabalhadores e proprietários de terras. O resultado fala por si: dos 60 mil trabalhadores enviados para os seringais entre 1942 e 1945, metade acabou morrendo durante a viagem ou na Amazônia. Para ter uma ideia, basta lembrar que, no mesmo período, dos 25 334 combatentes brasileiros que participaram de campanhas militares na Itália, na Segunda Guerra Mundial, morreram 450 soldados, 13 oficiais e oito pilotos, e foram aproximadamente 12 mil os feridos nos combates.

Em 1988, passados mais de 40 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, a nova Constituição brasileira determinou que os soldados da borracha ainda vivos passassem a receber uma pensão, como reconhecimento pelos trabalhos prestados ao país.

Com base no texto, responda às questões.

1. Quais fatores geopolíticos interferiram na organização do trabalho de extração de borracha na Amazônia brasileira?
2. Quais foram os impactos sobre movimentos migratórios no Brasil?
3. Quais foram os principais impactos sociais, econômicos e ambientais decorrentes desse processo?

E você, onde entra nessa história?

Você, estudante do Ensino Médio, está prestes a entrar no mercado de trabalho – ou, talvez, já tenha entrado. Vejamos, então, de que modo tudo que foi discutido nesta unidade tem a ver com você e com seu futuro.

Pesquisas recentes mostram que os jovens brasileiros são o grupo mais afetado pelo atual quadro de deterioração do mercado de trabalho. Em 2019, 41,8% dos brasileiros entre 18 e 24 anos se encontravam desempregados, haviam desistido de procurar emprego ou tinham disponibilidade para trabalhar mais horas semanais. Isso correspondia a mais de 7 milhões de jovens subutilizados, dos quais mais de 4 milhões estavam em busca de uma colocação no mercado de trabalho. Historicamente, a subutilização dessa faixa etária é sempre maior no mercado de trabalho, mas em momentos de crise essa tendência se agrava, pois os jovens costumam ter menos experiências e baixa qualificação – situações que aumentam a vulnerabilidade em momentos de crise.

Outro fator que tem dificultado a entrada dos jovens no mercado de trabalho é o prolongamento da idade produtiva dos mais velhos. As sucessivas reformas da previdência vêm aumentando o tempo mínimo de contribuição ao INSS, levando as pessoas a se aposentarem cada vez mais tarde. Com isso, ocorre uma diminuição na rotatividade do mercado, o que resulta em cada vez menos vagas disponíveis. Não por acaso, muitos jovens têm buscado atividades informais e autônomas como meio de conseguir garantir alguma renda para sustento próprio ou para complementar a renda familiar.

Outro dado importante é que, embora o desemprego afete os jovens de todos os níveis de formação, aqueles com menos anos de estudo sofrem mais com seus efeitos. Isso significa que, apesar de não ser garantia de emprego, o Ensino Superior ainda possibilita maior acesso ao mercado de trabalho.

O cenário não é animador. Por outro lado, conforme vimos no decorrer desta unidade, os mundos do trabalho não são fixos ou imutáveis. Muito pelo contrário, são plurais e estão em permanente transformação, variando muito de acordo com a época, o local e as circunstâncias. Novas tecnologias, mudanças no contexto econômico, surgimento de demandas e desaparecimento de outras são alguns dos fatores que estão, constantemente, provocando mudanças não apenas no mercado de trabalho mas também na própria definição de trabalho. Quem poderia, poucos anos atrás, imaginar que *youtuber* seria considerado uma ocupação socialmente reconhecida? Ou, então, que profissões antigas, como a de amolador de facas, entregador de leite e de jornais estariam em vias de extinção?

Esses exemplos nos alertam para o fato de que é muito importante compreender os diversos sentidos que o trabalho pode assumir entre sociedades distintas ou dentro de uma mesma sociedade. Dessa forma, é possível pensar no trabalho de maneira mais dinâmica, vendo nele um meio de sobrevivência, mas, também, uma forma de organização social mais ampla, que nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

#Ficaadica

Agência de Notícias IBGE. Página que apresenta de forma didática e com linguagem jornalística as principais pesquisas feitas pelo instituto sobre o mundo do trabalho, economia, educação, saúde e questões ambientais. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/pt/agencia-home.html. Acesso em: 14 maio 2020.

Eles não usam black-tie, de Leon Hirszman (134 min). Filme que marcou o cinema brasileiro no início da década de 1980, quando a ditadura civil-militar estava em processo de abertura. Destacam-se as atuações de Fernanda Montenegro e Gianfrancesco Guarnieri. O longa-metragem retrata as condições de vida, as questões de classe e a luta dos trabalhadores durante o período.

O trabalho voluntário: uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado, de Maria Cristina Dal Rio (Editora Senac). Esse livro é baseado numa pesquisa da PUC-SP sobre o papel do trabalho voluntário no engajamento social de aposentados.

Prática de pesquisa

Arte e trabalho

Nesta prática de pesquisa, você estudará uma obra que tematiza o trabalho e se aprofundará no contexto em que ela foi criada, em suas mensagens e em como foi recebida pelo público.

O fazer artístico também envolve o trabalho de transformação simbólica da materialidade dos objetos, estando subordinado às forças sociais e políticas que o organizam. Assim, muitas vezes os artistas que criam também o fazem em determinadas condições socioeconômicas e culturais, que podem, em alguns casos e contextos, estar marcadas por uma relação empregatícia ou de mecenato.

As relações entre produção artística e trabalho são antigas e, durante um tempo, o artista era alguém empregado apenas por sua técnica. Hoje vivemos um momento em que o artista, como qualquer outro trabalhador, é um pensador em diálogo com os recursos e materialidades a sua disposição.

- Organização: turma dividida em quatro grandes grupos.
- Duração sugerida: 3 aulas.
- Material: computador com acesso à internet, *headset* com microfone (para *podcast*), celular, caderno e caneta.

Juntem-se e aprofundem!

Organizados em grupos, assistam ao vídeo *Quem é responsável?* , do artista alemão Harun Farocki (disponível em: https://ims.com.br/exposicao/harun-farocki-quem-e-responsavel-ims-paulista/; acesso em: 29 jun. 2020).



Christian Marquardt/ Getty Images

Harun Farocki é um artista que iniciou sua carreira nos anos 1960 como cineasta, explorando o gênero documentário. Seu trabalho é marcado por questões políticas tanto no cinema quanto a partir de sua migração para as salas de exposição e videoinstalação. Essa exposição, realizada no Instituto Moreira Salles, em São Paulo (SP), propõe uma reflexão crítica das imagens e respectiva autoria, buscando paralelos entre a forma de ver do cineasta, do segurança e do superintendente.

O artista Harun Farocki durante coletiva de imprensa. Berlim, Alemanha, 2014.

Com base no vídeo a que vocês assistiram e em suas próprias reflexões, discutam os seguintes pontos e tomem nota deles:

- Como o artista abordou a temática em seu trabalho?
- Como a exposição foi construída?
- Quem foi seu curador? Quais eram as intencionalidades do curador?
- Qual é o perfil do público?
- De que formas essa exposição pode oferecer contribuições para problematizar a questão do trabalho?
- Quais são as abordagens oferecidas por ela?

Escolham e pesquisem!

Agora, vocês irão selecionar uma obra da exposição para compreender como o tema "Trabalho" perpassa a produção, as escolhas estéticas e, principalmente, a recepção na arte de Harun Farocki. Visitem novamente o *link* https://ims.com.br/exposicao/harun-farocki-quem-e-responsavel-ims-paulista/ (acesso em: 16 jun. 2020), escolham uma das obras e discutam:

- Qual o nome da obra?
- Quando e onde foi criada?
- A obra gera ou gerou para o artista algum tipo de compensação econômica?
- De quais aspectos do trabalho trata a obra?
- Na opinião de vocês, o artista vivencia o trabalho da forma que expressou em sua obra?
- De que forma as reflexões poéticas e simbólicas ajudaram o grupo a se aprofundar no tema "Trabalho"?
- Qual é a mensagem geral da obra?

Criem!

> As produções artísticas a que temos acesso atualmente foram construídas em variadas práticas sociais, uma vez que são frutos das relações sócio-histórico-culturais da humanidade, expressando diversas visões de mundo a respeito dos acontecimentos históricos. [...]
>
> A arte também está relacionada com a busca do entendimento de quem somos, onde estamos e o que fazemos no mundo. Por isso, sua relação com a sociedade não pode ser desvinculada [...].

TROMBINI, Sheila Fortunata; CAVALCANTI, Jardel Dias. A representação do trabalho na arte do século XX, no Brasil: a importante relação arte e sociedade. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE:* Artigos 2016. Curitiba: SEED/PR, 2016. p. 2, 6. v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portais/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_uel_sheilafortunatatrombini.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

Pensando no que leram acima, usem as respostas das discussões para escrever um texto dissertativo sobre a obra escolhida. O texto deve conter:

- levantamento de informações relevantes sobre o contexto em que a obra foi criada;
- interpretação da obra pelos integrantes do grupo;
- opinião sobre a relevância da arte para o tema do trabalho.

Compartilhem!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para que todas as pessoas possam ter acesso ao que foi produzido, pensem numa forma interessante de apresentação. Vejam algumas sugestões:

- pequeno vídeo;
- *podcast*;
- cartaz;
- canção como um *rap* ou de outro tipo.

Importante!

Lembrem-se de valorizar o suporte da obra escolhida.

Na data escolhida pelo professor, apresentem aos colegas da turma a produção de vocês!



SDI Productions/iStockphoto.com

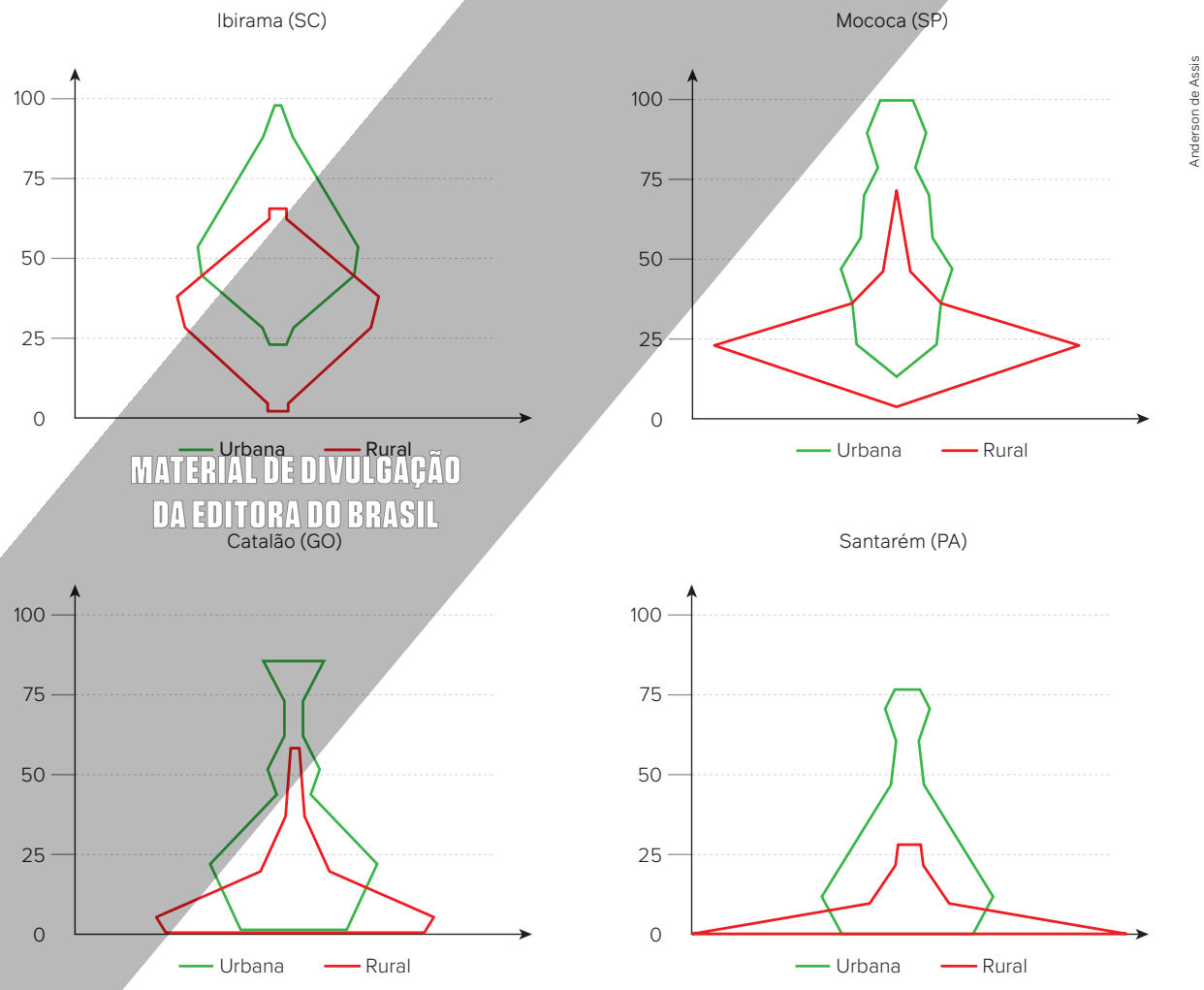
Vocês podem optar por fazer uma gravação em vídeo usando uma câmera ou celular.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Quais são as diferenças entre pirâmides etárias de países desenvolvidos, emergentes e subdesenvolvidos periféricos, com destaque para as proporções de população jovem? Quais são as implicações disso para as futuras políticas públicas de trabalho e de previdência social?
2. Como evoluiu a pirâmide etária brasileira entre 1970 e 2019? Haveria alguma relação dessa evolução com a qualidade de vida da população?
3. Quais são as características da pirâmide etária de povos indígenas que habitam as Terras Indígenas?
4. Explique a distribuição da PEA brasileira nos três setores da economia na atualidade.
5. Pesquise qual é o papel desempenhado pela Organização Internacional do Trabalho.
6. Os perfis a seguir correspondem ao índice de conforto doméstico rural e urbano (entre 0/pior e 100/melhor) de diferentes municípios brasileiros. Compare o rural e o urbano. Faça uma pesquisa para associar os índices à história brasileira desde a chegada dos portugueses, às atividades econômicas e ao trabalho.

Perfis do índice de conforto doméstico rural e urbano

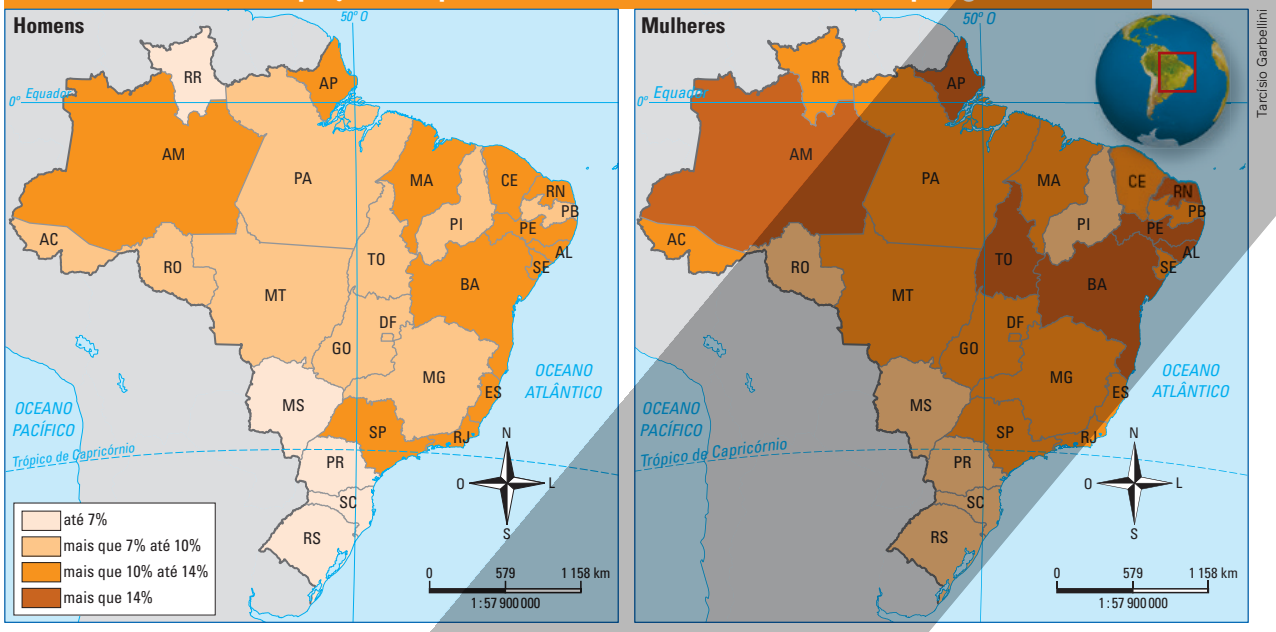


MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 214.

7. Compare os mapas a seguir e depois faça o que se pede.

Brasil: taxa de desocupação das pessoas de 16 anos ou mais de idade por gênero – 2016



Fonte: IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Síntese de indicadores sociais*: uma análise das condições de vida da população brasileira, 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101459. Acesso em: 12 maio 2020.

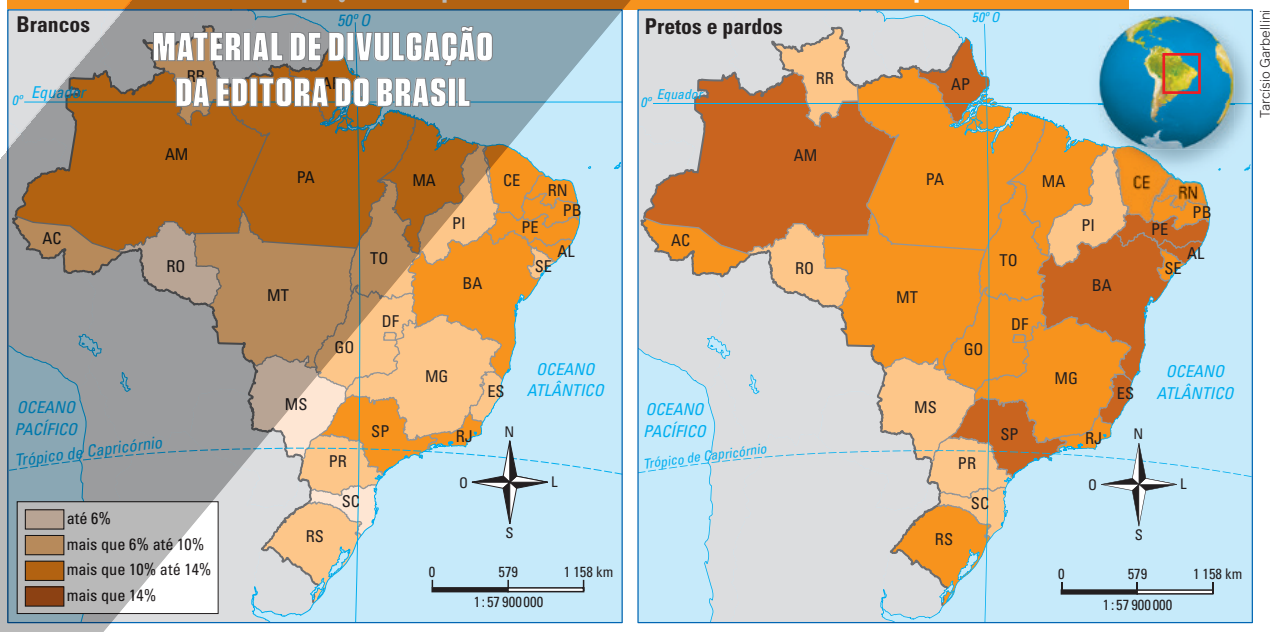
a) Compare as taxas de desocupação (desemprego) de homens e mulheres.

b) Quais são as causas das diferenças observadas?

c) Quais medidas poderiam ser tomadas para que essas diferenças acabassem?

8. Com base na análise dos mapas a seguir é possível observar desigualdades étnicas no Brasil quanto à taxa de desocupação (desemprego)? Explique.

Brasil: taxa de desocupação das pessoas de 16 anos ou mais de idade por etnia – 2016



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Síntese de indicadores sociais*: uma análise das condições de vida da população brasileira, *2017*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101459. Acesso em: 12 maio 2020.

Questões de Enem e vestibulares

Unidade 1

1. (IFPR 2017) O conceito de alienação pressupõe diferentes entendimentos conforme seu emprego, como na esfera jurídica em que indica a perda da posse de um bem; no campo da psiquiatria, refere-se à perda da dimensão de si na relação com os outros; no âmbito religioso, aponta para à idolatria e a perda da autonomia. Para Jean-Jacques Rousseau, tal fenômeno acontece quando se perde a compreensão do mundo, tornando-se alheio à própria realidade. Na concepção marxista, a alienação, fruto da divisão de trabalho produzido pela mecanização fabril e que atingiu seu auge, no século XX, com as linhas de montagem, é caracterizada quando:

a) o salário pago pelo empregador fica abaixo dos índices de mercado.

b) o trabalhador perde seu emprego e para sobreviver aceita um subemprego.

c) o trabalho é feito apenas por técnicos especialistas.

d) o produto do trabalho deixa de pertencer a quem o produziu.

2. (IFMT 2018) O ciclo de inovações da revolução tecnocientífica e informacional afetou apenas superficialmente os países periféricos.

Nesses países, o panorama industrial é dominado pela(o), EXCETO:

a) Produção de mercadorias dependentes de matérias-primas pesadas.

b) Produção de mercadorias com alto valor agregado.

c) Consumo intensivo de energia.

d) Utilização de força de trabalho semiqualificada.

e) Dificuldade [illegible] pesquisas científicas e tecnológicas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

3. (Urca-CE 2020) Ana Fani (1994, p. 19) ao citar "Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios" ou ainda "Tudo bem, eu vou indo correndo pegar meu lugar no futuro".

Essas metáforas expressam de forma clara que:

a) O Mundo dos Homens é cada vez mais o mundo da mercadoria e do que é possível comprar.

b) A relação entre as pessoas na metrópole permanece igual à das pequenas cidades.

c) O andar vagaroso, sem pressa revela a realidade das grandes metrópoles na atualidade.

d) Não importa o tempo para os habitantes de uma metrópole, a exemplo de São Paulo.

e) Os papéis que são impostos aos moradores de uma metrópole não são mediados pelo dinheiro ou mercadoria.

4. (Unemat-MT 2019) Maria Clara, ao se posicionar como trabalhadora pertencente a uma categoria profissional, por meio de um Sindicato, defende as conquistas históricas de classe à qual pertence e mantém solidariedade com os demais trabalhadores na defesa dos interesses coletivos.

Na defesa de seus direitos, Maria Clara se manterá em posição diametralmente oposta à de seus empregadores, reivindicando melhores condições de trabalho, pretendendo inclusive disputar e hegemonizar o poder para derivar outra formação social desvinculada do capital ao qual não lhe propicia condições dignas de trabalho.

De acordo com o texto, assinale a alternativa correta.

a) No texto, a alienação faz com que os trabalhadores se mantenham inertes ante as classes possuidoras de capital.

b) Na sociedade capitalista, a luta de classes ocorre a partir da tomada de consciência dos trabalhadores para a satisfação de suas necessidades fundamentais de existência.

c) Por meio da luta de classes procura-se alcançar o poder para ampliar a riqueza dos proprietários de bens e capitais.

d) O fato social comum, apresentado no texto, sugere uma normalização passiva e aceitação dos indivíduos trabalhadores à consciência coletiva, mantendo assim uma solidariedade orgânica entre as pessoas.

e) O texto reflete a apatia social dos trabalhadores na manutenção dos empregos ante uma reforma trabalhista disposta por outra classe que lhes suprime conquistas históricas.

5. (Fuvest-SP 2019)

> Sob qualquer aspecto, este [a Revolução Industrial] foi provavelmente o mais importante acontecimento na história do mundo, pelo menos desde a invenção da agricultura e das cidades. E foi iniciado pela Grã-Bretanha. É evidente que isto não foi acidental.

Eric Hobsbawm, *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 19ª edição, p. 52.

A Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra nos decênios finais do século XVIII,

a) deveu-se ao pioneirismo científico e tecnológico dos britânicos, aliado a uma grande oferta de mão de obra especializada e a uma política estatal pacifista e voltada para o comércio.

b) originou-se das profundas transformações agrárias expressas pela concentração fundiária, perda da posse da terra pelo campesinato e formação de uma mão de obra assalariada.

c) vinculou-se à derrocada da aristocracia e à ascensão da burguesia, orientada pela política mercantilista e sintetizada na filosofia de Adam Smith.

d) resultou da supressão de leis protecionistas de inspiração mercantilista e do combate ao tráfico negreiro, com vistas à conquista de mercados externos consumidores.

e) decorreu da ampla difusão de um ideário Ilustrado, o qual teria promovido aquilo que o sociólogo alemão Max Weber descreve como o "espírito do capitalismo".

Unidade 2

1. (Uerj 2019) A origem operária do 8 de março

Para muitos, o 8 de março é apenas um dia para dar flores e fazer homenagens às mulheres. Mas, diferentemente de outras datas comemorativas, esta não foi criada pelo comércio. Oficializado pela Organização das Nações Unidas em 1975, o chamado Dia Internacional da Mulher era celebrado muito tempo antes, desde o início do século XX. E se hoje a data é lembrada como um pedido de igualdade de gênero e com protestos ao redor do mundo, no passado nasceu principalmente de uma raiz trabalhista. Foram as mulheres das fábricas nos Estados Unidos e em alguns países da Europa que começaram uma campanha dentro do movimento socialista para reivindicar seus direitos – as condições de trabalho delas eram ainda piores do que as dos homens à época.

de bbc.com.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Com base no texto, o Dia Internacional da Mulher tem origem nas manifestações sociais em defesa de:

a) ampliação da cidadania.

b) expansão da liberdade.

c) promoção da diversidade.

d) valorização da pluralidade.

2. (IFPR 2017) Se todos os homens vivem em sociedade, a liberdade é um desafio que atinge todas as esferas dessa convivência, como, por exemplo, a liberdade jurídica, conquistada pelas modernas sociedades democráticas, defensoras da igualdade perante as leis, ou ainda, a liberdade política, que garante a independência de opinião, de associação, de voto, que representa, o livre exercício da cidadania. Assim, a construção da liberdade não é um trabalho solitário, realizado isoladamente, por isso, diferentes grupos da sociedade civil são formadores de consciência e instigam ações coletivas que visam às expressões dos diferentes tipos de liberdade. No entanto, há várias formas de cerceamento da liberdade. Assinale a alternativa que somente apresenta situações de descaminhos da liberdade.

a) Escravidão, prisão injusta e governo ditatorial.

b) Monarquia absolutista, prisão arbitrária e trabalho assalariado.

c) Governo democrático, trabalho servil, diáspora.

d) Prisão mediante comprovação de culpa, diáspora, escravidão.

3. (Unesp 2020)

"Eu tinha muito medo, estava sozinha, não tinha como não trabalhar. Ela não me deixava amamentar meu filho pela manhã, dizia que eu perderia tempo." (Dora E. A. Calle)

"Quando eu precisava sair da casa, sempre tinha que pedir a chave. E nessa hora a chave sempre sumia." (Raul G. P. Mendoza)

"A casa onde eu trabalhava tinha outros 14 bolivianos, que, assim como eu, queriam guardar dinheiro e voltar para nosso país. Mas não é bem assim que acontece." (Alicia V. Balboa)

Bárbara Forte. *Tecendo sonhos*. https://noticias.bol.uol.com.br, 09.05.2019. Adaptado.

Esses depoimentos retratam a realidade vivida por imigrantes bolivianos que trabalharam no setor têxtil da capital paulista.

Os depoimentos evidenciam:

a) a competitividade da Divisão Internacional do Trabalho.

b) a relação de trabalho análoga à escravidão.

c) o processo de segregação estimulado pela xenofobia.

d) a flexibilização das leis trabalhistas.

e) o descompasso do trabalho formal com as mudanças da globalização.

4. (Enem 2017)

A configuração do espaço urbano da região do Entorno do Distrito Federal assemelha-se às demais aglomerações urbanas e regiões metropolitanas do país, onde é facilmente identificável a constituição de um centro dinâmico e desenvolvido, onde se concentram as oportunidades de trabalho e os principais serviços, e a constituição de uma região periférica concentradora de população de baixa renda, com acesso restrito às principais atividades com capacidade de acumulação e produtividade, e aos serviços sociais e infraestrutura básica.

CAIADO, M. C. A migração intrametropolitana e o processo de estruturação do espaço urbano da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno. In: HOGAN, D. J. et al. (Org.). Migração e ambiente nas aglomerações urbanas. Campinas: Nepo/Unicamp, 2002.

A organização interna do aglomerado urbano descrito é resultado da ocorrência do processo de:

a) expansão vertical.
b) polarização nacional.
c) emancipação municipal.
d) segregação socioespacial.
e) desregulamentação comercial.

Unidade 3

1. (Enem 2019)

A comunidade de Mumbuca, em Minas Gerais, tem uma organização coletiva de tal forma expressiva que coopera para o abastecimento de mantimentos da cidade do Jequitinhonha, o que pode ser atestado pela feira aos sábados. Em Campinho da Independência, no Rio de Janeiro, o artesanato local encanta os frequentadores do litoral sul do estado, além do restaurante quilombola que atende aos turistas.

ALMEIDA, A. W.B. (Org). *Cadernos de debates nova cartografia social*: Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2010 (adaptado).

No texto, as estratégias territoriais dos grupos de remanescentes de quilombo visam garantir:

a) Perdão de dívidas fiscais.
b) Reserva de mercado local.
c) Inserção econômica regional.
d) Protecionismo comercial tarifário.
e) Benefícios assistenciais públicos.

2. (UFPR 2020)

Aqui no Brasil tratou-se desde o início de aproveitar o índio, não apenas para obtenção dele, pelo tráfico mercantil, de produtos nativos, ou simplesmente como auxiliar ocasional e elemento participante da colonização. Os colonos viam nele um trabalhador aproveitável; a metrópole, um povoador para a área imensa que tinha de ocupar, muito além de sua capacidade demográfica. Um terceiro fator entrará em jogo e vem complicar os dados do problema: as missões religiosas.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1963, p. 91.

Baseando-se no trecho acima sobre o trabalho indígena no Brasil Colônia, assinale a alternativa correta.

a) Os indígenas serviram como um elemento ativo e fundamental na colonização da região Nordeste, enquanto na região Centro-Sul sua mão de obra foi utilizada de maneira escassa.
b) Os jesuítas segregavam os indígenas em aldeias, para evitar a escravização da mão de obra nativa durante a colonização portuguesa.
c) Os colonizadores espanhóis, ao contrário dos portugueses, não utilizaram a mão de obra indígena, constituindo uma sociedade baseada na colonização de povoamento.
d) O tipo de trabalho executado pelos indígenas era bastante rudimentar, e a dependência da metrópole em relação a essa mão de obra provocou atraso econômico e cultural para a colônia brasileira.
e) Com o início do tráfico de escravos africanos, a mão de obra indígena deixou de ser utilizada no processo de colonização.

3. (Enem 2019)

Embora os centros de decisão permaneçam fortemente centralizados nas cidades mundiais, as atividades produtivas podem ser desconcentradas, desde que haja conexões fáceis entre as unidades produtivas e os centros de gestão e exista a disponibilidade de trabalho qualificado e uma base técnica adequada às operações industriais.

EGLER, C. A. G. Questão regional e a gestão do território no Brasil. In: CASTRO, I. E.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. C. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

A mudança nas atividades produtivas a que o texto faz referência é motivada pelo seguinte fator:

a) Definição volátil das taxas aduaneiras e cambiais.
b) Prestação regulada de serviços bancários e financeiros.
c) Controle estrito do planejamento familiar e fluxo populacional.
d) Renovação constante das normas jurídicas e marcos contratuais.
e) Oferta suficiente de infraestruturas logísticas e serviços especializados.

4. (Fuvest-SP 2019) O capitalismo neoliberal, após os anos 1980, caracteriza-se:

a) pela prevalência da agricultura e pecuária no PIB dos países desenvolvidos.
b) pelo crescimento da concentração da riqueza e das finanças em detrimento dos setores produtivos e pela tendência à diminuição dos direitos sociais.
c) pela adoção de políticas que restringem a fluidez dos capitais e distribuem mais equitativamente a riqueza.
d) pelo fortalecimento do papel do Estado nos direitos sociais e pela diminuição do papel das finanças em relação ao PIB mundial.
e) pela formação de blocos econômicos entre países periféricos, que impediram a livre circulação de capitais e contiveram o aumento das desigualdades.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Índice remissivo

A

África 24, 68, 120, 130
africano/a 33, 42, 50, 80, 143
América Latina 27, 130, 145
anarquista 23, 36, 46, 49, 56, 104
Ásia 24, 130

B

biotecnologia 26, 84, 99

C

capitalismo 16, 17, 21, 24, 26, 31, 42, 43, 45, 62, 96, 103, 108, 110, 111, 112, 118, 121, 123, 124, 143
Clastres, Pierre antropólogo 121
comunista 36, 48
Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) 32, 51, 52, 57
constituição 12, 35, 37, 38, 40, 41, 45, 46, 47, 52, 69, 91, 136, 146
Corporações de ofício 15
covid-19 39
  coronavírus 10, 98, 105
  pandemia 10, 11, 39, 98, 105
cultural 13, 31, 37, 57, 75, 77, 79, 85, 105

D

Direitos Humanos 34, 35, 63, 143
  Declaração [illegible] Direitos Humanos 36, 49, 62, 80, 103
Durkheim, Émile sociólogo 111

E

economia 12, 24, 45, 54, 66, 68, 98, 100, 105, 118, 130, 132, 135, 140, 141, 150
  de subsistência 121
  do cuidado 65, 66, 103
  doméstica 67, 80
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) 38, 91
Estatuto do Idoso 135
Ética 27, 99
Europa

F

Fundação Nacional do índio (Funai) 134
fontes de energia 17, 18, 28
  carvão 17, 19, 24, 90
  eletricidade 17, 24, 84, 140
  ferro 19, 24
  petróleo 17, 24, 93
  vapor 14, 17, 24, 25, 31, 82, 84, 90
força de trabalho 20, 21, 31, 56, 64, 87, 90, 110, 136, 139, 142
fronteiriço 87

H

Hobsbawn, Eric historiador 13, 44
Huberman, Leo jornalista 21, 27

I

Idade Média 15, 19, 35, 37, 41, 71, 112, 113, 114, 116, 125
Idade Moderna 15, 41
imperialismo 24, 27
indivíduo 12, 27, 31, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 55, 111

L

Laon, Adalbéron de bispo 112
Locke, John filósofo 12, 36, 49

M

manufatura 15, 16, 17, 19, 22, 23, 87
marxista 23, 49

N

Nações Unidas (ONU) 36, 62, 91
natureza 12, 14, 35, 36, 100, 108, 110, 114
  do espaço 84

O

Organização Internacional do Trabalho (OIT) 47, 65, 89, 108, 137, 150

P

paisagem 11, 14, 17, 23, 68, 75, 127
política 12, 23, 27, 35, 40, 41, 43, 46, 49, 52, 63, 75, 85, 93, 94, 112, 113, 115, 117, 121, 127, 142, 146, 148
  política pública 66, 72, 86, 91, 132, 150
População Economicamente Ativa (PEA) 95, 132, 137
População em Idade Ativa (PIA) 139
produção 10, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 36, 37, 41, 42, 44, 48, 62, 67, 70, 73, 82, 84, 86, 87, 90, 91, 93, 99, 101, 102, 108, 111, 112, 113, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 134, 143, 145, 146, 148, 149
proletariado 19, 20, 21, 27, 28, 43, 45, 48, 49

R

Revolução Gloriosa 19
Revolução Industrial 10, 11, 12, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 44, 48, 53, 82, 96, 111, 141
Revolução Francesa 13, 34, 42, 46, 48
Revolução Inglesa 13

S

Sahlins, Marshall antropólogo 122
sindicato/s 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 62, 69, 70, 88, 94, 104
Singer, Paul economista 16, 17, 31
Sistema Único de Saúde (SUS) 38, 134
socialista 22, 23, 36, 46, 48, 49
sociedade feudal 112, 113, 115

T

Tempo e espaço 116, 124
Território 57, 74, 87, 92, 117
Trabalho feminino 21, 22, 62, 67, 70, 71, 72, 73
Trabalho infantil 21, 22, 23, 47, 91, 92, 93, 103, 136, 137, 138

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências e habilidades da BNCC trabalhadas neste volume

Competências Gerais da Educação Básica
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

Ciências Humanas e Sociais aplicadas no Ensino Médio: competências específicas e habilidades	
1.	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
(EM13CHS101)	Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
(EM13CHS103)	Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
(EM13CHS105)	Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/ virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
2.	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
(EM13CHS202)	Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ciências Humanas e Sociais aplicadas no Ensino Médio: competências específicas e habilidades	
3.	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
(EM13CHS306)	Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
4.	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
(EM13CHS401)	Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
(EM13CHS402)	Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.
(EM13CHS403)	Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
(EM13CHS404)	Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
5.	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
(EM13CHS502)	Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
(EM13CHS503)	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
(EM13CHS504)	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
6.	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e [illegible]
(EM13CHS606)	Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Referências

Unidade 1

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
A autora expõe o desenvolvimento da opressão masculina e o protagonismo feminino por meio de uma refinada análise da História. Ao apresentar fatos e mitos sobre as mulheres, ela destaca que nenhum deles é suficiente para definir a mulher como "o outro" diante do masculino.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*: o espetáculo da pobreza. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
Ao mesmo tempo que apresenta os quadros assustadores das condições de vida do proletariado em Londres e Paris, a autora expõe as visões dos contemporâneos sobre o "espetáculo da pobreza", produzido pela própria sociedade do trabalho.

DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
O autor propõe uma reinterpretação do que se denomina comumente "sistema de fábrica", desfazendo a imagem clássica que o reduziu a um acontecimento tecnológico.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. *In*: HISTÓRIA DO MUNDO. [*S. l.*: *s. n.*], c2020. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.htm. Acesso em: 16 maio 2020.
Elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais e de todas as regiões do mundo, a Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, 10 de dezembro de 1948, e delineia os direitos humanos básicos.

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
O autor discute o conceito de "dupla revolução" ou "revoluções duplas", em que estabelece relações entre a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, assim como seus reflexos na vida da humanidade desde o século XVIII até o tempo presente.

HOBSBAWM, Eric. *Os trabalhadores*: estudos sobre a história do operariado. Tradução: Marina Leão Teixeira de Medeiros. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
A obra apresenta um estudo da história do movimento operário desde o fim do século XVIII até a Primeira Guerra Mundial, abordando as ações das *trade unions* e a revolta ludita contra as máquinas.

KOSMINSKY, E. A. *História da Idade Média*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, [1960].
Num texto conciso e conceitualmente unificado, o autor destaca os principais aspectos econômicos, sociais e políticos da Idade Média.

LOCKE, John. *Segundo tratado do governo civil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
John Locke, considerado o "pai do liberalismo", apresenta sua teoria do Estado liberal. Também expõe ideias relativas à propriedade privada e sugere que a principal função do Estado é a proteção do direito à propriedade.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
É umas das obras mais influentes dos séculos XIX e XX. Apresenta a teoria de Max e Engels de forma direta e objetiva. Com base nesse texto, é possível analisar os conflitos verificados ao longo do século XIX entre classes sociais.

SHELLEY, Percy B. Complete poetical works. *In*: HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 18. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
Nessa obra, o autor, com uma escrita simples e objetiva, analisa o desenvolvimento da sociedade humana desde a Idade Média até o nascimento do fascismo na Europa, nas primeiras décadas do século XX.

SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. 5. ed. São Paulo: Atual, 1994.
O autor discute o conceito de classe operária e analisa o processo de formação dessa classe e da burguesia. Ele destaca que a reprodução normal da classe operária nunca está assegurada por muito tempo, tendo que ser reconquistada sempre por lutas incessantes.

THOMPSON, Edward P. Capítulos na vida de um garoto de fábrica de Dundee. *In*: THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
O autor analisa hábitos dos setores populares britânicos e, tomando como protagonistas artesãos e camponeses, contrapõe os hábitos tradicionais da sociedade ao avanço da produção tipicamente capitalista.

Unidade 2

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão*: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
Compõe um panorama global sobre a formação do que se chama de proletariado de serviços, que corresponde à nova classe trabalhadora da Era Digital nas sociedades globalizadas.

ARRIETA, Irma Balderas. Maquiladoras mexicanas. *In*: ENCICLOPÉDIA LATINO-AMERICANA. São Paulo: Portal Latinoamericana, [200-]. Disponível em: http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/m/maquiladoras-mexicanas. Acesso em: 16 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Essa enciclopédia reúne verbetes e ensaios produzidos por acadêmicos de diversas áreas do saber. O verbete "maquiladoras mexicanas" aborda o contexto do surgimento dessas fábricas e os desdobramentos sociais e econômicos decorrentes delas.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
Conta a trajetória das mulheres de diferentes grupos sociais, em variados espaços, desde o Brasil colonial até o início dos anos 2000, mostrando como nasciam, viviam e morriam as brasileiras no passado.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
Obra de referência sobre as relações femininas da sociedade paulista do século XIX e o processo de sobrevivência e do trabalho das mulheres, traz uma detalhada análise de fontes documentais.

MATOS, I.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.
Aborda os mundos do trabalho feminino no Brasil, as mudanças e as permanências relativas a ele, a legislação que o regulamenta e as lutas das mulheres brasileiras em sua inserção no mercado de trabalho.

NORMAS Internacionais sobre Trabalho Forçado. *In*: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Brasília, DF, [19--?]. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-escravo/WCMS_393063/lang--pt/index.htm. Acesso em: 21 maio 2020.
A Organização Internacional do Trabalho (OIT) é uma agência da ONU. Sua missão, segundo a própria instituição, é "promover oportunidades para que homens e mulheres [...] e produtivo". A instituição também produz normas para regulamentar as relações de trabalho no mundo, como o documento Normas Internacionais sobre Trabalho Forçado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

OLIVEIRA, Guilherme. Divisão de tarefas domésticas ainda é desigual no Brasil. *Senado Notícias*, Brasília, DF, 8 maio 2018. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-e-desigual-no-brasil. Acesso em: 5 maio 2020.
Trata da dupla jornada a que muitas trabalhadoras brasileiras estão submetidas, a desigualdade de gênero na economia dos cuidados e iniciativas parlamentares para equalizar as obrigações domésticas.

PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (org.). *Nova história das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2018.
Apresenta rico panorama sobre a história das mulheres no Brasil nos séculos XX e XXI, recorrendo em alguns capítulos ao contexto do século XIX para favorecer a abordagem sob a perspectiva histórica.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
A obra faz uma análise do processo de globalização e seus impactos no Brasil e no mundo. Aborda também a construção de um futuro que possa explorar as possibilidades dos avanços tecnológicos na estruturação de uma sociedade mais justa.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a boia-fria. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil.* 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
Analisa trajetórias de trabalhadoras rurais sob a ótica da atividade em diversas lavouras, incluindo o trabalho doméstico e o cuidado com os irmãos ou os filhos menores de idade, na roça.

TRABALHO rural: entre conquistas e desafios. *In*: JUSTIÇA DO TRABALHO. Brasília, DF: TST, [201-?]. Disponível em: http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/trabalho-rural-entreconquistas-e-desafios. Acesso em: 5 maio 2020.
Apresenta um panorama da evolução das leis que regem o trabalho rural no Brasil, as principais conquistas dos trabalhadores rurais e os desafios que ainda enfrentam.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). *Trabalhadoras*: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013.
Aborda a feminização da carreira docente na Educação Básica em obra dedicada a discutir a feminização das profissões e ocupações, inserindo-se no campo dos estudos sobre as mulheres.

Unidade 3

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. São Paulo: Edipro, 2016.
A obra analisa o desenvolvimento da sociedade feudal europeia entre os séculos IX e XIII. Ao apresentar os laços de vassalidade e o funcionamento dos feudos, Bloch estabeleceu os marcos da moderna abordagem sobre o período.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
Coletânea de textos sobre as populações indígenas da América do Sul. Ainda que o foco dos trabalhos seja o conceito de política, a noção de trabalho aparece em diferentes momentos, mostrando como nas sociedades indígenas o sentido do trabalho é muito diferente da lógica capitalista.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios*

no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
Coletânea que reúne diferentes estudos sobre a história dos indígenas brasileiros, com destaque para a população indígena da Amazônia, em que são feitas análises que revelam diferentes formas de organização de trabalho.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão social do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
O autor analisa as funções sociais do trabalho, desenvolvendo sua conhecida tese de que ele é a principal fonte de coesão social. É ainda nessa obra que Durkheim desenvolve sua teoria sobre as solidariedades mecânica e orgânica.

ECO, Umberto (coord.). *La Edad Media II*: catedrales, caballeros y ciudades. México: FCE, 2018.
A obra relata uma surpreendente viagem pela Idade Média, explorando sociedade, arte, história, literatura, música, filosofia e ciência de um dos períodos mais complexos e fascinantes da civilização europeia.

FAVRE, Henri. A civilização inca. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
O livro narra o surgimento, a evolução e a decadência do Império Inca, destacando o sistema de produção e a organização social dessa civilização.

GIAMBIAGI, Fábio; SCHWARTSMAN, Alexandre. *Complacência*: entenda por que o Brasil cresce menos do que pode. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
O livro apresenta uma análise de economistas liberais sobre os problemas que levam ao crescimento da economia brasileira abaixo do desejável e suas consequências socioeconômicas.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Síntese de indicadores sociais 2019*: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
Publicação com informações estatísticas e análises sobre o quadro social no Brasil, com destaque para as condições de trabalho.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval.* Bauru: Edusc, 2005.
O historiador francês faz uma abordagem interdisciplinar das economias, mentalidades e sociedades da Europa medieval. Esse trabalho está centrado na expansão da cristandade, no renascimento das cidades e no desenvolvimento das universidades.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.
A obra busca abrir o leque de abordagens em torno da temática proposta: as mulheres sob diversos olhares e sua inserção em tempos e espaços diferentes. Essa multiplicidade de olhares possibilitou uma composição multidisciplinar, o que enriquece os estudos sobre mulheres, contribuindo com escolhas e abordagens teórico-metodológicas.

PASTORE, José; PASTORE, José Eduardo G. *Terceirização*: necessidade para a economia, desafio para o Direito. São Paulo: LTr, 2015.
Obra que apresenta uma análise do mercado de trabalho brasileiro, sobretudo da terceirização, vista como necessária no contexto da economia brasileira.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
O livro é uma síntese do povo brasileiro nas suas matrizes étnicas, processo sociocultural, desenvolvimento histórico e desigualdade social, apontando perspectivas para a civilização brasileira.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
Obra que apresenta uma leitura do território brasileiro às vésperas do século XXI e a análise do meio técnico-científico-informacional no país, além de questões socioeconômicas, incluindo emprego, direitos trabalhistas, trabalho doméstico e desemprego.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ISBN 978-85-10-08371-3